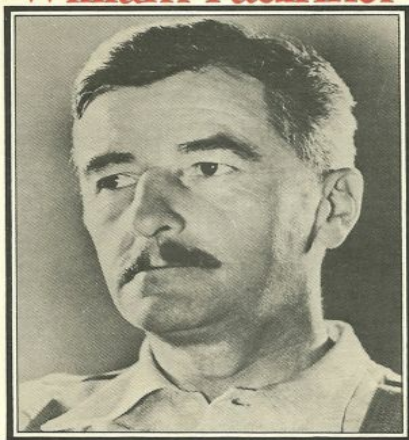


COLEÇÃO GRANDES ROMANCES

LUZ EM AGOSTO



William Faulkner



Tradução de Berenice Xavier



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



WILLIAM FAULKNER

1867-1962

Luz em Agosto

Título original americano

LIGHT IN AUGUST

1932

Tradução

BERENICE XAVIER



Título original

LIGHT IN AUGUST

© 1932 and renewed 1959 by William Faulkner

This translation published by arrangement
with Randon House Inc.

Direitos adquiridos para a língua portuguesa, no Brasil, pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S. A.

Rua Maria Angélica, 168 — Lagoa — CEP: 22.461 — Tel.: 286-7822
Endereço Telegráfico: NEOFRONT

Rio de Janeiro — RJ

Esta tradução foi adquirida da Editora Globo S.A.

Revisão

Lúcia Mousinho Uranga

Regina Célia de Araújo Ferreira

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Faulkner, William.

F267 Luz em agosto / William Faulkner; tradução de Berenice
Xavier. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

(Coleção Grandes Romances)

Tradução de: Light in August.

I. Romance estadunidense I. Título II. Série

83-0152

CDD-813

CDU-820(73)-31

Sinopse

William Faulkner, um dos mais originais e intrigantes ficcionistas deste século, nasceu em New Albany, Mississippi, em 1897. Morreu em 1962. Seu primeiro romance, *Soldier's pay*, foi publicado com a ajuda de Sherwood Anderson, grande nome da literatura da época. Seguiram-se *Mosquitoes* (1927), *Sartoris* e *The sound and the fury*, também de 1929, livro pelo qual Faulkner sentia "a maior ternura".

O mundo particular de Faulkner é o Mississippi do Norte, especialmente a cidade de Oxford ("Jefferson") e o município de Lafayette ("Yoknapatawpha"). *Luz em agosto* (*Light in August*, 1932) é um romance sobre o espírito da retidão puritana. É este espírito, segundo Gail Hightower, pastor do livro, que está por trás do linchamento de Joe Christmas — momento central do romance. O protestantismo discutido aqui é austero, exigente, "rígido e implacável". O passado na obra de Faulkner é permanente. Jean Pouillon, a esse respeito, anotou: "Não se trata de uma evocação no sentido habitual da palavra, mas de uma espécie de peso constante do que existiu sobre o que existe".

Luz em agosto não foi escrito como "um monólogo interior. Mas pode ser interpretado tanto do ponto de vista psicológico quanto religioso. Nesse romance a questão do conflito racial é levantada através do personagem Christmas. Tudo se baseia na circunstância de Christmas acreditar ter sangue negro.

A propósito de *Luz em agosto* Sartre escreveu: "O homem de Faulkner é um ser esquivo. Grande animal divino e sem Deus, perdido desde o nascimento e procurando obstinadamente perder-se, cruel, moral mesmo no homicídio, salvo — não pela morte, não na morte — nos últimos momentos que precedem a morte, grande mesmo nos suplícios, nas humilhações mais abjetas de sua carne."

Notável psicólogo, escritor profundamente lírico, Faulkner criou uma atmosfera particular. No prefácio à edição francesa de *Santuário*, André Malraux declarou: "Estamos diante de um universo onde o homem só existe esmagado." O homem indestrutível devido ao simples desejo de liberdade é uma das idéias centrais de Faulkner, aquela que perpassa todos os seus livros.

Prêmio Nobel de 1949, Faulkner é, ao lado de Proust, Joyce, Virginia Woolf, Thomas Mann, Robert Musil e Hermann Broch, um dos maiores nomes da ficção.

Luz em agosto é um romance denso, em que o destino está previamente fixado. Romance bíblico, atormentado, um dos mais bem realizados da sua arte.

A melancólica decadência do Sul dos Estados Unidos, os conflitos de seres rústicos que se entregam ao racismo indefensável e à inveterada rigidez puritana fazem de Luz em agosto um dos títulos mais expressivos da carreira desse escritor que Albert Camus considerava “um dos raros criadores ocidentais”.

Num cenário em que a todo instante passado e presente se interpenetram, ganhando dimensões trágicas, o homem de Faulkner é um “grande animal divino e sem Deus, perdido desde o nascimento e procurando obstinadamente perder-se, grande mesmo nos supícios, nas humilhações mais abjetas de sua carne” (Jean-Paul Sartre).

De William Faulkner

leia também:

Absalão, Absalão!

EDITORA

NOVA

FRONTEIRA

SEMPRE UM BOM LIVRO

Sentada junto ao caminho, contemplando o carro que sobe a colina em sua direção, Lena pensa: “Venho de Alabama. Boa caminhada. Toda a estrada a pé, desde Alabama. Boa caminhada.” *Ainda não faz um mês que ando e já estou em Mississipi, mais longe de casa do que nunca. Estou agora mais longe da serraria de Doane do que já estive alguma vez desde os meus doze anos.*

Não fora à serraria de Doane senão depois que seu pai e sua mãe morreram, embora seis ou oito vezes por ano costumasse ir de carro à cidade, num domingo, com seu vestido novo encomendado pelo correio, os pés descalços pousando no fundo do carro, e ao lado, no assento, embrulhados num pedaço de papel, os sapatos. Calçava-os quando chegavam perto da cidade. Quando ficou mocinha, costumava pedir ao pai que parasse nos arredores, descia e seguia a pé. Não dizia ao pai por que motivo preferia entrar na cidade a pé a entrar de carro. Ele pensava que seria por causa das ruas planas e das calçadas. Mas a razão era que Lena acreditava que a gente que a via e com a qual cruzava, vendo-a a pé, pensaria que ela também residia na cidade.

Lena tinha doze anos no verão em que seu pai e sua mãe morreram, numa casa de madeira de três quartos e sala, sem venezianas. Morreram num quarto iluminado por uma lâmpada de querosene em torno da qual voavam insetos e cujo soalho nu estava tão gasto pelos pés descalços que parecia haver adquirido um lustro de prata velha. Lena era a mais nova dos filhos vivos. Foi a mãe quem morreu primeiro. Dissera-lhe ela: “Cuide do pai.” Lena assim fez. E um dia o pai lhe disse: “Vá para a serraria de Doane com McKinley. Prepare-se para seguir. Deve estar pronta quando ele vier.” Depois morreu. McKinley, o irmão, chegou numa carroça. Uma tarde enterraram o pai num pequeno bosque atrás da igreja campestre e no local puseram um tronco de pinheiro, à guisa de lousa. Na manhã seguinte Lena partiu para sempre (conquanto seja possível que no momento ela não o soubesse), na carroça com McKinley, para a serraria de Doane. O cano era emprestado e o irmão prometera devolvê-lo ao anoitecer.

O irmão trabalhava na serraria. Todos os homens do povoado trabalhavam na serraria ou para ela. Cortavam pinheiros. A serraria tinha já sete anos e dentro de mais sete anos destruiria toda a madeira ao seu alcance. Então parte da maquinaria e a maioria dos homens que a faziam funcionar e que existiam por causa dela e para ela seriam amontoados em carros de carga e transportados para outro lugar. Como, porém, se poderiam sempre comprar peças novas a prazo, uma parte permaneceria, sombria, evocativa: rodas disformes, imóveis, que surgiam de montes de ruínas de ladrilhos, entre ásperas ervas daninhas, cuja qualidade produzia profundo assombro; e caldeiras rachadas que, perplexas e absortas, elevavam com obstinação as suas chaminés

enferrujadas e sem fumaça sobre a profunda e tranquila desolação de um cenário cheio de tocos. A terra abandonada sem lavra nem cultivo se esboroava e fendia lentamente em barrancos vermelhos, sob a ação das longas e silenciosas chuvas de outono e da fúria galopante dos equinócios vernais. E a aldeia, que nem nos seus melhores dias jamais figurara nos anais do Departamento dos Correios, não seria recordada sequer pelos herdeiros ambulantes que com as suas ferramentas corroidas pela ferrugem demoliam as casas e as queimavam em fornos de cozinha e fogões de inverno.

Quando Lena chegou, havia ali talvez cinco famílias. Havia uma via férrea e uma estação pela qual passava uma vez por dia, com, grande ruído, um trem misto. O comboio podia ser detido com uma bandeira vermelha, mas ordinariamente surgia das devastadas colinas com o imprevisto de uma aparição e, gemendo como uma *banshee*,^[1] atravessava o pequeno povoado que não chegava a ser uma aldeia, conta esquecida de um fio partido. O irmão tinha vinte anos mais que Lena, e quando ela foi morar em sua casa, mal se lembrava dele. McKinley vivia com a esposa, esgotada pelo trabalho e pelos partos, numa casa sem pintura de quatro quartos. A cunhada estava quase sempre com filho novo; Lena fazia então todos os trabalhos da casa e cuidava das outras crianças. Mais tarde dizia a si mesma: “Deve ser por isso que também tive um tão depressa.”

Dormia num quarto de alpendre, nos fundos da casa. O quarto tinha uma janela que Lena aprendeu a abrir e fechar no escuro, sem fazer barulho, e ali também dormia o sobrinho mais velho, depois os dois maiores, e por fim os três. Já morava há oito anos nesse quarto quando abriu a janela pela primeira vez, e mal a abrira umas doze vezes quando descobriu que nunca deveria tê-la aberto; Ela disse consigo: “É a minha sorte.”

A cunhada contou ao irmão. Este observou na forma do corpo de Lena uma mudança que já poderia ter notado algum tempo antes. McKinley era um homem rude. Doçura, delicadeza, idade florescente (tinha quarenta anos) e quase tudo mais — exceto uma espécie de inteireza tenaz e desesperada e uma triste herança de orgulho de família — ele perdera na dureza do trabalho. Chamou-a de puta. Acusou o verdadeiro responsável (o número de rapazes solteiros e o de Casanovas da serraria era ainda menor que o de famílias), mas, conquanto o homem se tivesse ido embora havia seis meses, Lena negou. Inquebrantável, obstinada, depois de se haver armado das reservas, de fidelidade paciente e firme em que confiam os Lucas Burch, embora não tencionem estar presentes quando se oferece a necessidade de empregá-las, limitou-se a repetir tenazmente: “Ele vai mandar-me buscar. Ele disse que me mandaria chamar.” Duas semanas mais tarde ela pulou de novo a janela. Desta vez foi um pouco difícil. “Se me tivesse custado tanto da primeira vez, creio que não o estaria fazendo agora”, pensou. Podia ter saído de

dia, pela porta. Ninguém a teria detido. Talvez soubesse disso, mas preferiu sair de noite e pela janela. Levava um leque de folha de palmeira e uma trouxinha feita com um lenço de várias cores. Continha entre outras coisas trinta e cinco centavos em moedas de dez e de cinco. Calçava uns sapatos do irmão que este lhe dera. Como no verão não usavam sapatos, estavam quase novos. Quando sentiu debaixo dos pés a poeira da estrada, descalçou-os e levou-os na mão.

Agora caminhava havia quatro semanas. Atrás dela, as quatro semanas, a evocação do *longe* são como um corredor pavimentado de confiança tranquila e inquebrantável e povoado de vozes e rostos bondosos e anônimos. *Lucas Burch? Não sei. Não conheço por aqui ninguém com este nome. Este caminho? Vai para Pocahontas. É possível que ele esteja lá. É possível. Este carro vai fazer um pedaço do caminho. Pode levá-la até lá.* E desenrolava-se agora atrás dela uma longa e monótona sucessão de mudanças suaves e inflexíveis do dia para a escuridão e da escuridão para o dia, e através dessa mudança ela prosseguia em carros idênticos e anônimos, como por uma sucessão de avatares de rodas que rangiam e de orelhas flácidas, como uma coisa que se move perpetuamente e sem avançar, em torno de uma urna.

O carro sobe a colina dirigindo-se para ela. Lena passara por ele no caminho, uma milha atrás. O veículo estava parado à beira da estrada. As mulas adormecidas nos tirantes tinham a cabeça voltada na direção em que ela caminhava. Lena vira o carro e os dois homens sentados junto a um celeiro, do outro lado da cerca. Dirigira ao carro e aos homens um único olhar, um olhar rápido, inocente e profundo que abrangeu tudo. A caminhante não parou. Provavelmente os homens, do outro lado da cerca, nem notaram que Lena havia olhado para o carro e para eles. Ela também não voltou a cabeça. Caminhando lentamente, com os sapatos desatados nos artelhos, desaparecera de vista até chegar ao topo da colina, Uma milha adiante. Sentou-se junto ao rego, com os pés na água rasa, e tirou os sapatos. No fim de algum tempo começou a ouvir o rodar do carro. Ouviu durante algum tempo e logo o carro apareceu subindo a encosta.

A madeira e as ferragens, velhas e por azeitar, produzem a espaços estalos e rangidos terríveis, golpes secos e lentos que se ouvem a meia milha, através do silêncio ardente e tranquilo da tarde de agosto. Conquanto as mulas caminhem depressa, numa hipnose determinada e firme, o veículo parece que não progride. Parece estar eternamente pairando numa distância média, tão milimétrico é o seu avanço, representado por uma mofina conta a custo ensartada no intérmino fio vermelho da estrada. Tanto é assim que, ao observá-lo, o olho o perde de vista, como a visão e os sentidos sonolentemente se fundem e amalgamam, como a própria estrada com todos os serenos e monótonos cambiantes entre luz e trevas, como linha já medida que toma a ser enrolada no carretei. De modo que por fim, como se fosse uma coisa

vinda de alguma região banal qualquer, existente além de uma distância plana, o som do veículo parece vir moroso, terrífico, desconexo, como se fosse um espectro a viajar meia milha na frente da sua própria figura. “Ouço-o a distância antes de vê-lo”, pensa Lena. Imagina já estar em movimento, de novo viajando no carro, e reflete: *Então será como se eu estivesse jornadeando de carro meia milha antes de entrar nele, antes mesmo de chegar o carro a este meu posto de espera, e, quando o carro estiver novamente sem a minha pessoa, prosseguirá viagem por uma meia milha comigo ainda dentro dele.* Espera, sem sequer olhar para o carro, enquanto o pensamento se desenvolve, rápido e suave, cheio de vozes e rostos bondosos e vagos: Lucas Burch? Diz que procurou em Pocahontas? Essa estrada? Vai para Springvale. Espere aqui. Em breve passará um carro que a levará até onde for. E Lena pensa: “Se o carro for até Jefferson, estarei ao alcance do ouvido de Lucas Burch, antes que ele me veja. Ouvirá o carro e de nada saberá. De modo que estarei ao alcance do seu ouvido antes que ele me veja. E então me verá e ficará emocionado. Assim seremos dois ao alcance da sua vista, antecipando-nos à sua recordação.”

Armstid e Winterbottom, agachados de encontro à parede escura do estábulo de Winterbottom, tinham-na visto passar na estrada. Notaram imediatamente que era jovem, desconhecida, e que estava grávida.

— Onde lhe teriam arranjado essa barriga? — disse Winterbottom.

— Até onde ela a teria carregado assim a pé? — indagou Armstid.

— Talvez tenha ido visitar alguém aí adiante na estrada — tornou Winterbottom.

— Não creio. Eu teria ouvido falar nisso. Também não se trata de alguém dos meus lados, pois eu teria sabido.

— Parece-me que ela sabe para onde vai. Caminha como se soubesse — disse Winterbottom.

— Antes de ir muito adiante, terá companhia — falou Armstid.

A mulher prosseguirá lentamente, com o seu fardo volumoso e inconfundível. Os dois não notaram que ela lhes lançara sequer um olhar, ao passar com o seu vestido informe, de um azul desbotado, levando na mão um leque de folha de palmeira e uma pequena trouxa.

— Não vem de perto — notou Armstid. — Chega como se já viesse caminhando há muito tempo e como se tivesse ainda um bom estirão a vencer.

— Deve estar de visita a alguém que vive por aqui — repetiu Winterbottom.

— Não creio. Eu teria sabido — replicou Armstid.

A mulher continuou o seu caminho. Nem voltara a cabeça. Desapareceu de vista estrada acima: volumosa, lenta, resoluta, sem pressa e incansável, como que prolongando a própria tarde. Desapareceu também da conversa dos dois homens e provavelmente até dos seus

pensamentos. Porque no fim de algum tempo Armstid disse o que viera dizer. Para isso já havia feito antes duas viagens — cinco milhas no seu carro —, já se havia sentado e havia cuspidido à sombra da parede do celeiro de Winterbottom durante três horas, com o vagar e os rodeios da gente da sua espécie, a fim de dizer o que tinha para dizer. Tratava-se de uma oferta a Winterbottom por um cultivador que este queria vender. Finalmente olhou para o sol e ofereceu a soma que decidira oferecer havia três noites, deitado na cama.

— Sei de um que posso comprar em Jefferson por este preço — disse.

— Neste caso é melhor comprar — respondeu Winterbottom. — Parece uma pechincha.

— Decerto — concordou Armstid. Cuspiu, olhou novamente para o sol e levantou-se. — Vão sendo horas de ir para casa.

Subiu para o carro e acordou as mulas, ou antes, as pôs em movimento, visto que somente um negro pode dizer quando é que uma mula está dormindo ou acordada. Winterbottom acompanhou-o até a cerca sobre a qual apoiou os braços.

— Sim senhor — disse. — Por este preço eu também compraria o tal cultivador. Se você não ficar com ele, eu seria um idiota se não decidisse comprá-lo. Por este preço! O dono não terá também uma parelha de mulas para vender por cinco dólares?

— Com certeza — respondeu Armstid, empreendendo a marcha com o carro que recomeçou o seu estrépito vagaroso, devorador de milhas. Ele também não volta a cabeça. Parece que também não olha para a frente, pois só viu a mulher sentada junto ao rego à beira da estrada quando o carro já estava no alto da colina. No instante em que reconhece o vestido azul não pode dizer se ela teria mesmo visto o carro. E ninguém poderia dizer se ele havia olhado para ela quando, sem aparência de movimento de qualquer dos dois, se aproximaram vagarosamente um do outro, pelo avanço do carro que se arrasta terrível em direção a ela, envolto numa aura palpável de sonolência e de poeira vermelha, na qual os firmes cascos das mulas — que não estão dormindo nem acordadas quando Armstid as detém — se movem como em sonho, pontuando o espaço com o tilintar dos arreios e o ágil sacudir das enormes orelhas.

De sob a coifa azul desbotada, gasta agora por outra coisa que não é a água e o sabão comum, Lena, jovem, de rosto agradável, cândida e alerta, olha tranquila e afável para ele. Mas ainda não se mexe. Sob o vestido desbotado do mesmo azul descolorido, o seu corpo continua informe e imóvel. Tem no regaço o leque e a trouxa. Sem meias. Os pés encostados um no outro descansam no rego pouco profundo. Os pesados sapatos de homem, cobertos de pó, ao seu lado, não são mais inertes do que ela. Curvo, no assento do carro parado, Armstid vê que a borda do leque tem um debrum do mesmo azul desbotado que o vestido e a coifa.

— Até onde vai? — pergunta ele.

— Estava procurando adiantar-me um pouco antes de anoitecer — disse ela levantando-se e apanhando os sapatos. Sobe lenta e resoluta para a estrada e aproxima-se do carro. Armstid não desce para ajudá-la. Limita-se a conter a parelha enquanto ela sobe com dificuldade pela roda e coloca os sapatos debaixo do banco. E o carro recomeça a marcha.

— Obrigada — diz ela —, estava cansada de tanto andar.

Segundo parecia, Armstid não havia olhado bem para ela nem uma vez. Notara, contudo, que não tinha anel de casamento no dedo. Não olha mais. E o carro retoma o seu lento estrépito.

— De onde vem? — pergunta ele.

Lena respira. Não é tanto um suspiro como uma respiração tranquila, que parece um espanto pacífico.

— Agora me parece uma boa caminhada. Venho de Alabama.

— De Alabama? No seu estado? E onde está sua família?

Ela também não olha para ele.

— Espero encontrá-lo por aqui. Talvez o conheça. Chama-se Lucas Burch. Disseram-me no caminho que está em Jefferson, trabalhando para a serraria.

— Lucas Burch. — O tom de Armstid é quase idêntico ao dela. Sentados um ao lado do outro, no banco cheio de altos e baixos e de molas quebradas, Armstid pode ver-lhe as mãos no regaço e o perfil sob a coifa; vê com o canto do olho. Ela parece contemplar a estrada que se desdobra entre as flexíveis orelhas das mulas.

— E veio a pé durante todo o caminho, sozinha, à procura dele?

Lena permanece calada um momento. Depois diz:

— Toda a gente tem sido amável, verdadeiramente amável.

— As mulheres também? — Com o canto do olho observa-lhe o perfil e pensa: *Não sei o que Marta irá dizer.* “Creio que já sei o que Marta vai dizer. É provável que as mulheres sejam boas, sem serem muito amáveis. Os homens sim, é possível que sejam amáveis. Mas só uma mulher má pode ser amável com outra mulher que precisa de amabilidade.” *Sim, já sei exatamente o que Marta vai dizer.*

Lena está um pouco inclinada para a frente, silenciosa, perfil e faces inteiramente imóveis.

— Coisa estranha — diz ela.

— Que irá pensar a gente, ao ver uma mulher jovem, desconhecida, caminhando pela estrada, no seu estado, sabendo que seu marido a abandonou?

Ela não se mexe. O carro tem agora um ritmo: o seu madeiramento, estragado e ressecado, move-se em uníssono com a tarde lenta, a estrada, o calor.

— Espera encontrá-lo por aqui?

Ela não se mexe; parece contemplar a estrada lenta, voando entre as orelhas das mulas, a distância talvez marcada e definida na estrada.

— Creio que o encontrarei. Não será difícil. Ele deve estar onde se encontra mais gente reunida, Onde há brincadeiras e riso. Sempre gostou dessas coisas.

Armstid solta um grunhido, um som selvagem, brusco.

— Avante, mulas! — diz ele. E como quem pensa é fala em voz alta ao mesmo tempo, diz a si mesmo: “Creio que ela o encontrará. Parece-me que o sujeito verificará que se enganou redondamente, quando veio para estas bandas de Arkansas, ou mesmo do Texas.”

Agora o sol se deita uma hora antes de atingir o horizonte, adiantando-se à rápida chegada da noite de verão. Um atalho sai da estrada, mais silencioso ainda do que esta.

— Chegamos — diz Armstid.

Ela se mexe imediatamente. Curva-se e procura os sapatos. Parece que não vai deter o carro sequer o tempo necessário para calçá-los.

— Agradeço-lhe muito — diz —, foi um grande auxílio.

O carro pára de novo. A mulher se dispõe a descer.

— Mesmo que chegue ao armazém do Vamer antes do pôr do sol, faltarão ainda doze milhas para chegar a Jefferson — diz Armstid.

Desajeitadamente, ela pega os sapatos, a trouxa e o leque com uma das mãos, ficando com a outra livre para descer.

— É melhor que eu siga o meu caminho;

Armstid não a toca.

— Venha comigo e passe a noite em minha casa — diz —, onde há mulheres, onde uma mulher pode... se... Venha. Amanhã bem cedo a levarei ao armazém do Vamer e ali poderá encontrar condução para a cidade. Como é sábado, decerto irá alguém. Ele não irá embora da noite para o dia. Se está em Jefferson, ainda estará amanhã.

Lena continua sentada em silêncio, tendo os objetos juntos na mão, para descer. Está olhando para a frente, para onde a estrada, cortada de sombras obliquas, faz um curva.

— Calculo que faltam ainda alguns dias.

— Sim. Tem tempo de sobra. Somente se arrisca a ter a qualquer momento uma companhia que não poderá andar. Venha para casa comigo.

E toca as mulas, sem esperar resposta. O carro entra no atalho escuro. A mulher, sentada, tem ainda na mão o leque, a trouxa e os sapatos.

— Não desejaria que se ocupassem comigo — diz, — Não quero incomodar.

— Não se preocupe — diz Armstid. — Venha comigo.

Pela primeira vez as mulas caminham rapidamente, por iniciativa própria.

— Estão sentindo o cheiro do milho — diz Armstid, pensando: “É o que se dá com mulheres. Esta mesmo seria uma das primeiras a evitar outra mulher, mas é capaz de percorrer toda a região a pé sem se envergonhar, porque sabe que há gente — homens — que se ocupará com ela. Pouco se importa com as mulheres. No entanto, não foi nenhuma mulher quem lhe arranjou esta situação que ela nem mesmo chama um problema. Sim, senhor. Que se casem ou se vejam em dificuldade sem casar-se e já não querem seguir a carreira das mulheres. E passam o resto da vida procurando tomar parte na dos homens. É por isso que tomam rapé, fumam e querem, votar.”

Quando o veículo passa pela casa e segue na direção do telheiro, a mulher de Armstid está olhando da porta da frente. Armstid não olha nessa direção. Não precisa olhar para saber que sua mulher estará ali, que está ali. “Sim”, pensa com uma tristeza zombeteira, enquanto introduz as mulas no portão aberto, “sei exatamente o que vai dizer. Creio que sei exatamente.” Pára o carro. Não precisa olhar para saber que sua mulher está agora na cozinha, não olhando, mas somente à espera. Faz parar o carro. “Entre”, diz a Lena. Ele já desceu, e a mulher vai descendo lentamente, enquanto delibera, ouvindo a voz interior. “A primeira pessoa que encontrar há de ser Marta. Eu virei logo depois que der de comer aos animais.” Não observa Lena atravessar o terreiro e dirigir-se para a cozinha. Nem precisa observar. Seguindo-lhe os passos, ele entra pela cozinha e dá com a mulher que agora observa a porta da cozinha exatamente como pela porta da frente ela observara a passagem do carro. “Creio que sei exatamente o que vai dizer”, pensa Armstid.

Solta a parelha de mulas, dá-lhes de beber, recolhe-as ao estábulo e dá-lhes de comer, e faz entrar as vacas que vêm do pasto. Depois dirige-se à cozinha. Lá está ela, a mulher grisalha, de cara áspera, fria e irascível, que teve cinco filhos em seis anos e os vêm preparando para a vida. Não está ociosa. Armstid não olha para ela. Vai à pia, toma uma caçarola, que mergulha no balde, e arregaça as mangas.

— O nome dela é Burch — vai dizendo Armstid. — Pelo menos, é o nome do homem que ela diz estar procurando. Lucas Burch. Alguém lhe disse lá para trás que ele agora está em Jefferson. — De costas para a mulher, começa a lavar-se.

— Diz ela que está vindo de Alabama, sozinha e a pé.

Mrs. Armstid não afasta os olhos daquilo que está fazendo. Acha-se bastante atarefada à mesa.

— Não vai ficar sozinha muito tempo antes de tomar a ver Alabama — observou ela.

— Ou antes de ver o tal Burch — completou Armstid. Também ele

está ocupado junto à pia, às voltas com a água e o sabão. Mesmo de costas como está, percebe que ela o olha.

— Diz ela que alguém lá para os lados do Samson a informou de que há um Burch ou coisa assim na serraria de Jefferson.

— E ela espera encontrá-lo lá. Casa pronta com mobília e tudo.

Pelo tom de voz da mulher, Armstid não pode deduzir se ela o está olhando agora. Enxuga-se com um pedaço de saco de farinha.

— Talvez ela o encontre. Se o que o homem procura é fugir dela, parece-me que vai descobrir que se enganou redondamente, quando se deteve antes de colocai: de permeio entre eles o rio Mississippi.

Agora ele sabe que o está olhando aquela mulher de cabelos grisalhos, nem gorda nem magra, rude como um homem rude, endurecida pelo trabalho, com um vestido sem cor, gasto pela própria dureza da vida, com as mãos nos quadris, e na cara a expressão dos generais que sofreram uma derrota.

— Vocês, homens! — diz ela.

— Que quer você que se faça? Mandá-la embora? Deixá-la dormir no celeiro?

— Vocês, homens! Que patifes!

Entram na cozinha juntas, embora Mrs. Armstid viesse da frente. Esta vai direto ao fogão. Lena fica parada na porta. Tem agora a cabeça descoberta e o cabelo penteado, liso. Até o vestido azul parece mais novo e descansado. Segue com os olhos Mrs. Armstid que tampa com estrondo as caçarolas de metal e maneja as achas de lenha com uma violência rude de homem.

— Desejaria ajudá-la — diz Lena.

Mrs. Armstid não se vira. Fecha o forno com fúria.

— Fique onde está. Quanto menos estiver de pé agora, menos tempo passará deitada depois.

— A senhora faria um grande favor se me deixasse ajudar um pouco.

— Fique onde está. Venho fazendo isso três vezes por dia há trinta anos. Já passou a época em que precisava de auxílio.

Está ocupada com o forno. Não olha para trás.

— Armstid me disse que o seu nome é Burch.

— Sim — disse a outra, com voz tranquila e muito suave. Está sentada imóvel e tem as mãos imóveis no regaço. E Mrs. Armstid continua dando-lhe as costas. Continua ocupada no fogão que, segundo parece, exige dela uma atenção totalmente desproporcionada à selvagem finalidade para a qual ela acendeu o fogo. Parece exigir dela tanta atenção como se fosse um relógio caro.

— O seu nome já é mesmo Burch?

A moça não responde imediatamente. Mrs. Armstid já não estrondeia com o fogão, mas ainda está de costas para a outra. Volta-se. Olham-se então, como que despindo-se, observando-se: a mais moça sentada na cadeira, com o cabelo bem penteado e as mãos inertes no regaço; a mais velha ao lado do fogão, com uma madeixa desgrehada de cabelo grisalho na nuca e um rosto que parece esculpido em granito. A moça fala:

— Menti-lhes. Ainda não me chamo Burch. Meu nome é Lena Grove.

Olham uma para a outra. A voz de Mrs. Armstid não é nem fria nem quente. Não é coisa alguma.

— De modo que deseja alcançá-lo a tempo para tomar o nome de Burch, não é?

Lena baixa os olhos; parece estar contemplando as mãos no regaço. O tom de sua voz é grave e obstinado, porém sereno.

— Não me parece que precise de alguma promessa de Lucas. Foi uma infelicidade que ele tivesse de partir. Os seus planos não se realizaram de modo que ele pudesse vir buscar-me como tencionava. Entre nós não havia necessidade de promessas. Quando uma noite ele soube que tinha de ir embora...

— Que noite? A noite em que lhe falou na criança?

A outra ficou silenciosa um momento. Seu rosto tem uma calma de pedra, mas não é duro. Sua obstinação tem uma espécie de suavidade iluminada pela luz interior de um desprendimento absurdo, tranquilo e calmo. A mulher de Armstid observa-a. Lena fala sem olhar para ela.

— Muito tempo antes ele fora avisado de que talvez o despedissem. Mas não me disse nada, porque não queria que eu me preocupasse. A princípio pensou que seria melhor ir embora, que estaria melhor num lugar onde o capataz não o perseguisse. Mas foi adiando. E, quando aconteceu isso, não pudemos adiar mais. O capataz estava sempre implicando com Lucas; antipatizava com ele, porque Lucas é jovem e cheio de vida e porque queria o emprego para dá-lo a um primo seu. E Lucas não queria dizer-me para que eu não me preocupasse. Porém, quando sucedeu isso, não pudemos esperar mais. Eu mesma lhe disse que fosse. Lucas ainda não queria ir e disse que, se eu quisesse, ele ficaria, quer o capataz o tratasse bem, quer não. Mas eu lhe disse que fosse e que me mandasse dizer quando estivesse tudo preparado para que eu fosse reunir-me a ele, O que aconteceu foi que os seus planos não se realizaram de modo que ele pudesse chamar-me a tempo, como era sua intenção. Um rapaz que vai viver assim entre estranhos custa a se arranjar. Quando foi embora, não pensou que demoraria tanto em se estabelecer. Especialmente um rapaz cheio de vida como Lucas, que gosta de companhia, de divertir-se, e com quem todos simpatizam. Ele com certeza não sabia que ia levar tanto tempo a instalar-se e que essa demora

podia provir da circunstância de ser jovem e benquisto de todos pelo seu gênio folgazão, sempre pronto, mesmo com prejuízo do serviço, a fazer a vontade de outrem, incapaz como é de magoar quem quer que seja. E eu queria também que ele se divertisse estes últimos dias; para um rapaz cheio de vida o casamento não é a mesma coisa que para uma mulher. Para um jovem dura muito mais... Não lhe parece?

Mrs. Armstid não responde. Olha para a outra, sentada na cadeira, com o cabelo bem penteado, as mãos imóveis no regaço, o rosto brando e pensativo.

— Estou certa de que me mandou algum recado que se perdeu no caminho. Daqui a Alabama é muito longe e ainda não cheguei a Jefferson. Como Lucas não tem muito jeito para escrever, eu disse-lhe que não esperava carta. “Quando tudo estiver pronto, manda-me recado por alguém”, disse-lhe. “Ficarei esperando.” Depois que ele se foi, fiquei a princípio um pouco inquieta porque o meu nome ainda não era Burch e meu irmão e sua família não conheciam Lucas tão bem como eu conheço. Como poderiam conhecê-lo?

E o seu rosto assume pouco a pouco uma expressão de surpresa alegre e suave, como se tivesse acabado de pensar em alguma coisa que ela sequer percebera que desconhecia.

— Como poderiam conhecê-lo? A senhora compreende, Lucas teria primeiro de estabelecer-se. Era ele quem iria passar por todas as dificuldades de viver no meio de estranhos, ao passo que eu não teria outra coisa que fazer senão esperar, enquanto ele se aborrecia e tinha todo o trabalho. Mas no fim de algum tempo a criança começou a preocupar-me muito, para que eu me fosse importar com o nome que tenho ou com o que os outros pensam. Entre nós não há necessidade de promessas. Ou aconteceu algo de inesperado, ou ele me mandou recado e eu não o recebi. Assim, um dia decidi não esperar mais.

— E, ao empreender a viagem, sabia em que direção seguir?

Lena contempla as mãos que, com um pasmo absorto, se movem dobrando uma prega da saia. Não é receio nem timidez. Parece não ser mais que um reflexo contemplativo da mão.

— Eu ia perguntando. Como Lucas é muito jovial e faz amigos com facilidade, eu sabia que por onde passasse, a gente se lembraria. Ia perguntando. Toda a gente foi muito amável. Há dois dias finalmente disseram-me no caminho que ele está em Jefferson trabalhando na serrana.

Mrs. Armstid fita o rosto inclinado para o chão. De mãos nos quadris, observa a moça, com uma expressão de desdém frio e impessoal.

— E acredita que ele estará lá quando chegar (supondo-se que tenha estado lá algum dia) e que, sabendo da sua chegada, ainda estará na mesma cidade ao pôr-do-sol?

O rosto inclinado de Lena tem um ar grave, tranquilo. As mãos

estão agora imóveis no regaço, como se tivessem morrido ali. A voz é repousada, tranqüila, pertinaz.

— Uma família deve estar reunida quando vem um filho. Principalmente o primeiro. E o Senhor proverá a isso.

— E creio que Ele terá mesmo de prover a isso — diz Mrs. Armstid rudemente, num tom selvagem. Armstid, deitado, com a cabeça soerguida, observa-a do outro lado da cama, ainda vestida, inclinando-se para a luz da lâmpada sobre a cômoda, procurando afanosamente numa gaveta. Encontra uma caixa de metal, abre-a com uma chave que traz pendurada no pescoço, tira de dentro Um saquinho de pano, que abre também, e tira afinal de dentro dele um pequeno galo de porcelana com uma fenda no dorso. Dentro do galinho tilintam as moedas à medida que ela o agita, o vira ou o sacode com força sobre a tampa da cômoda, conseguindo, à força de sacudidelas, apurar pela fenda uma escassa colheita. Da cama, Armstid acompanha-a com os olhos.

— Que pretende fazer a essa hora da noite com o seu dinheiro dos ovos? —, pergunta.

— Penso que é meu e que posso fazer dele o que quiser — responde, inclinando-se para a lâmpada. O rosto traz uma expressão severa e amarga. — Sabe Deus o que suei para criar as galinhas. Você nunca me ajudou em nada!

— É certo — diz ele. — Ninguém por aqui contesta isso nem lhe disputa as galinhas, a não ser as raposas e as cobras. Esse galo tampouco — acrescenta, porque, curvando-se subitamente, a mulher arranca o sapato e com ele desfero no mealheiro de porcelana um golpe único, mas destruidor. Da cama, Armstid a vê apanhar o resto das moedas dentre os fragmentos de porcelana e vertê-las com as outras no saco, que ata e torna a atar, três ou quatro vezes, com decisão feroz.

— Dê isso a ela — diz a mulher. — E logo que o sol sair, atrole as mulas e leve-a daqui. Leveza até Jefferson, se quiser.

— Creio que no armazém do Varner ela poderá encontrar quem a leve.

A mulher de Armstid levantou-se antes do amanhecer e preparou o café. Já estava servido quando Armstid voltou, depois de ordenhar as vacas.

— Diga-lhe que venha comer. — Porém, quando Lena e ele voltaram à cozinha, Mrs. Armstid não estava lá. Lena olhou em tomo, estacando na porta uns segundos, tendo já o rosto fixo numa expressão imanente, composta de sorrisos, de palavras, palavras que — sabia-o Armstid — já vinham preparadas. Lena, porém, não disse nada.

— Vamos comer e sair — disse ele. — Ainda tem muito que andar.

Observou-a, enquanto ela comia com o mesmo decoro tranqüilo e cordial da noite anterior, por ocasião da ceia, apenas prejudicado agora por uns laivos de restrição polida e quase afetada. Depois entregou-lhe o

saquinho amarrado. Lena recebeu-o de rosto contente e com expressão afetuosa, mas sem grande surpresa.

— Oh! Sua senhora é muito amável. Mas não é preciso. Estou agora muito perto.

— É melhor que o aceite. Julgo que não notou que Marta não gosta de ser contrariada quando resolve fazer uma coisa.

É muita bondade — disse Lena, amarrando o dinheiro no lenço de cor e pondo a coifa. O carro já estava à espera. Quando iam pelo atalho fronteiro à casa, ela voltou a cabeça para olhar.

— Foram muito bondosos — disse.

— Foi ela — disse Armstid. — Eu não tive parte nisso.

— De qualquer maneira foi também muito bom. Apresente-lhe as minhas despedidas. Esperava poder vê-la, mas...

Está bem. Direi a ela — respondeu Armstid. — Creio que estava ocupada.

Quando chegaram ao armazém, o sol brilhava intensamente. Os homens que, sentados de cócoras, já cuspiam para o outro lado do pórtico roído pelos tacões, observavam Lena que descia lenta, cuidadosa, com a trouxa e o leque na mão. Ainda aqui Armstid sem se mover para ajudá-la, disse de dentro do carro;

— É a senhora Burch. Quer ir a Jefferson. Se alguém vai lá hoje, será um favor levá-la. Ela agradecerá muito.

Lena desceu com os pesados sapatos cobertos de pó. Ergueu a cabeça para olhá-lo, serena, tranquila.

— Foi muito amável — disse.

— Está bem — fez Armstid. — Creio que agora não lhe será difícil alcançar a cidade.

Baixou os olhos para vê-la. E pareceu-lhe interminável o momento durante o qual esperou que a língua encontrasse palavras, enquanto o pensamento passava voando, sereno, veloz. *Um homem. Todos os homens. Um homem deixará passar cem ocasiões de fazer algo de bom em troca de uma oportunidade para meter-se onde não deve. Deixará passar ocasiões, oportunidades para enriquecer, para tomar-se famoso e viver bem, e às vezes até para fazer o mal, mas nunca perderá uma oportunidade para intrometer-se.* Nisso sua língua encontrou as palavras e ele ouviu, talvez com o mesmo assombro que Lena: “Somente eu não confiaria demasiado... não confiaria tanto—” E ao mesmo tempo pensava: *Ela não me ouve. Se pudesse ouvir palavras como estas, não estaria agora descendo deste carro, com essa barriga, esse leque e essa pequena trouxa, sozinha, dirigindo-se para um lugar onde nunca esteve, atrás de um homem que não tomará a ver e que antes já vira até demais “... quando passar de volta por aqui amanhã, ou talvez ainda esta noite...”*

— Creio que a essa hora tudo já se terá arranjado — replicou Lena.

— Disseram-me que ele está lá.

Armstid deu volta ao carro rumo à casa, curvado, no seu banco de molas quebradas, matutando: “Seria inútil. Ela não teria acreditado se lhe dissessem, se ouvisse, como não acreditou no que se tem pensado a seu respeito, faz agora quatro semanas, segundo ela. Não acreditará agora, como não acreditou antes. Sentar-se ali, no último degrau, com as mãos no regaço, e todos aqueles sujeitos agachados no chão, cuspiendo por cima dela, na estrada! Nem sequer esperar que lhe perguntem para começar a contar. Ser a primeira alfaia desse patife, como se não tivesse nada de particular para contar ou para ocultar, nem ainda quando Jody Vamer ou qualquer outro lhe dissesse que o tal sujeito que trabalha na serraria de Jefferson não se chama Burch, mas Bunch, o que também parece não preocupá-la. Creio que sabia ainda mais do que Marta quando lhe disse a noite passada que o Senhor haveria de prover para que se desse o que fosse de justiça.”

Não foi preciso mais de que uma ou duas perguntas para que Lena, sentada no último degrau, com o leque e a trouxa no regaço, contasse outra vez a sua história, com a paciente e transparente recapitulação de uma criança mentindo, enquanto os homens acorados, trajando os seus macacões, a escutavam em silêncio.

— O nome desse sujeito é Bunch — diz Vamer. — Trabalha na serraria há sete anos. Como sabe que Burch também está lá?

O olhar de Lena perde-se na distância, na estrada, na direção de Jefferson. Tem no rosto uma expressão serena de expectativa um pouco remota, mas sem chegar a ser absorta.

— Julgo que estará lá, naquela serraria. Lucas sempre gostou de agitação. Não gosta de vida sossegada. É por isso que nunca se adaptou na serraria de Doane. Foi por isso que resolveu... que resolvemos mudarmos: por causa do dinheiro e por amor à sensação.

— Por dinheiro e sensação — repete Vamer. — Lucas não é o primeiro peralta que por dinheiro e sensação se afasta da vida para a qual foi criado e dos que nele confiam.

Mas, ao que parece, ela não está prestando atenção. Sentada tranquilamente no último degrau, contempla a estrada deserta, subindo na direção de Jefferson. Os homens agachados ao longo da parede olham para o seu rosto imóvel e plácido e pensam como pensou Armstid e como pensa Vamer: a jovem está pensando num patife que a abandonou num momento difícil e que, conforme eles julgam, ela não tomará a ver a não ser pelas costas e talvez correndo a bom correr. “Ou então”, raciocina Vamer, “quererá ela referir-se à serraria de Sloane ou a de Bone. Acho que nem mesmo uma rapariga desmiolada teria necessidade de vir até Mississippi para descobrir que o lugar de onde fugiu não será muito diferente nem pior do que o lugar onde se encontra, mesmo tendo um irmão que não aprova as aventuras noturnas da irmã”. *Eu teria feito o*

mesmo que o irmão. O pai também teria feito o mesmo. Ela não tem mãe, porque o sangue paterno odeia com amor e orgulho, mas o sangue materno com ódio ama e coabita.

Ela não está pensando em nada disso. Pensa nas moedas amarradas na trouxa que tem na mão. Lembra-se do almoço, pensa que pode entrar agora mesmo no armazém e comprar queijo, biscoitos e até mesmo sardinhas, se quiser. Em casa de Armstid tomara apenas uma xícara de café e comera um pedaço de pão de milho, nada mais, conquanto Armstid insistisse. “Fui delicada comendo o que comi”, pensa ela com as mãos debaixo da trouxa, sabendo das moedas ocultas, recordando a única xícara de café e o discreto pedaço de pão estranho. Pensa com uma espécie de sereno orgulho: “Comi como uma senhora, como uma senhora que viaja. Mas agora, se quiser, posso comprar também sardinhas.”

Assim, enquanto parece meditar acerca da estrada que sobe, olham-na de soslaio aqueles homens que cospem e estão ali sentados de cócoras, julgam que Lena está pensando no homem e na crise iminente, quando na realidade ela está travando uma débil luta com aquela providencial cautela da terra, da qual, com a qual e pela qual vive. Desta vez Lena triunfa. Levanta-se e, caminhando um pouco desajeitadamente, com certo cuidado, atravessa a bateria enfileirada de homens e entra no armazém, seguida pelo empregado. Enquanto pede o queijo e os biscoitos, vai pensando: “Vou fazer o que desejo.” E continua em voz alta: “Quero uma lata de sardinhas.” Pronuncia *sordinhas*. “Uma lata de cinco centavos.”

— Não temos latas de sardinhas de cinco centavos — diz o caixeiro.
— As sardinhas custam quinze.

Ele também fala *sordinhas*.

Ela reflete:

— Que tem aí em latas de cinco centavos?

— Nada, a não ser graxa para sapatos. Não creio que a senhora a queira. Não serve para comer.

— Então dê-me uma das de quinze centavos.

Desata a trouxa e tira o saquinho. Leva algum tempo para desatar os nós, mas desata-os com paciência, um a um, paga, amarra de novo o saco e a trouxa e recebe a compra. Quando sai para o pátio, há um carro parado ao pé da escada e dentro dele um homem.

— Este carro vai para a cidade e pode levá-la — dizem-lhe.

O rosto de Lena desperta, sereno, afetuoso.

— São todos muito amáveis — responde.

O carro se move lentamente, firmemente, como se dentro da solidão ensolarada da enorme paisagem estivesse fora desta, fora do tempo, da pressa. Do armazém de Varner a Jefferson são doze milhas.

— Chegaremos lá a tempo para o jantar? — pergunta ela.

O carreiro cospe e responde:

— Talvez.

Ao que parece, não olhou para Lena nem uma vez, nem ainda quando ela subiu para o carro. Parece que Lena também não olhou para ele. Nem o olha agora.

— Creio que deve ir a Jefferson muitas vezes.

— Regularmente — diz. O carro vai rangendo. As terras lavradas e as matas parecem pairar a uma certa distância média, fluidas e estáticas ao mesmo tempo, como miragens. Contudo, o carro passa por elas.

— Não conhecerá em Jefferson um homem chamado Lucas Burch?

— Burch?

— Espero encontrá-lo em Jefferson... Trabalha na serraria.

— Não — diz o carreiro. — Acho que não o conheço. Mas provavelmente há em Jefferson muita gente que não conheço. É possível que esteja lá.

— Assim espero. A viagem começa a fatigar-me,

O homem não olha para ela. Pergunta:

— E vêm de muito longe à procura dele?

— De Alabama. É bastante longe.

O homem não olha para ela. Sua voz é quase indiferente.

— Como foi que sua gente a deixou viajar neste estado?

Meus pais morreram. Moro com meu irmão. Mas resolvi partir.

— Compreendo. Mandou-lhe dizer que viesse para Jefferson.

Lena não responde. Ele pode ver por baixo da coifa o seu perfil calmo. O carro avança vagaroso, esquecido das horas que passam. As milhas vermelhas e lentas se desdobram sob as patas firmes das mulas, sob as rodas que estalam e rangem. O sol agora vai alto; a sombra da coifa de Lena cai-lhe agora no regaço. Ela olha para o sol e diz: — Creio que é tempo de comer. — Com o canto do olho, o homem a observa. Ela tira o queijo, os biscoitos e as sardinhas e oferece.

— Obrigado — diz ele.

— Faça o favor de aceitar.

— Não, não tenho vontade. Coma a senhora.

Ela começa a comer. Come sem pressa, mas com firmeza, sugando nos dedos o óleo suculento das sardinhas,, saboreando devagar. Então pára, não de repente, mas pára de toda. A boca se imobiliza em plena mastigação; ainda tem na mão um biscoito já mordido. Baixa um pouco o rosto e os olhos, como para escutar alguma coisa muito longínqua ou tão próxima que está dentro dela mesma. Toda a cor lhe foge do rosto, todo o sangue pletórico e sadio se esvai. Permanece muito, quieta, ouvindo e sentindo, sem medo nem susto, a terra implacável e imemorial. “São pelo menos gêmeos”, diz a si mesma, sem mover os lábios, sem emitir um som.

O espasmo passa e ela põe-se de novo a comer. O carro não parou: o tempo não parou. Alcançam agora a crista da derradeira colina e avistam fumaça.

— Jefferson — diz o carreiro.

— Puxa! — diz ela. — Quase chegamos, não é?

Agora é o homem que não ouve. Seu olhar está longe, atravessou o vale e fita a cidade, situada na colina oposta. Seguindo com os olhos a direção para onde ele aponta com o chicote, Lena vê duas colunas de fumaça: uma sobre uma alta chaminé, espessa com a densidade do fumo de carvão que arde; a outra alta e amarela, erguendo-se no meio de um grupo de árvores, a certa distância atrás da cidade.

— É uma casa que arde — diz o carreiro. — Está vendo?

Agora, porém, é ela que por sua vez parece não escutar.

— Puxa! — diz ela. — Faz apenas quatro semanas que caminho e já estou em Jefferson. Como a gente anda!

Byron Bunch lembra-se disso: foi há três anos, numa sexta-feira de manhã. Os homens que trabalhavam no galpão da serraria levantaram os olhos e viram o estranho de pé, olhando para eles. Não sabiam há quanto tempo estava ali. Parecia um vagabundo e ao mesmo tempo não parecia. Tinha os sapatos sujos e as calças também estavam manchadas. Mas eram de sarja decente e bem passadas. À camisa estava suja, mas era uma camisa branca. O homem trazia gravata e chapéu de palha, de aba dura e muito novo, que usava de banda, com jeito arrogante sobre o rosto impassível. Não tinha ares de vagabundo profissional, com os seus andrajos profissionais, mas parecia um ser sem raízes, como se não fosse de nenhuma cidade nem aldeia, sem casa, sem abrigo, sem uma rua que lhe fosse familiar. E levava sempre consigo o que sabia, como se fosse uma bandeira, com um certo quê de implacável, de solitário, de quase orgulho. “Como se estivesse passando um mau pedaço e não tivesse intenção de acovardar-se e não lhe importasse saber de que maneira iria reerguer-se”, disseram os homens mais tarde. Era jovem. E Byron viu-o ali de pé, com um cigarro no canto da boca, cabeça um pouco torcida por causa da fumaça; olhando com uma expressão de inflexibilidade sombria e desdenhosa os homens vestidos de macacões manchados de suor. Ao cabo de algum tempo cuspiu o cigarro sem tocar-lhe com a mão e, voltando-se, dirigiu-se ao escritório da serraria, enquanto os homens de macacões desbotados e engordurados pelo trabalho o seguiam com o olhar, com uma espécie de indignação perplexa.

— Devíamos passá-lo pela plaina mecânica — disse o mestre. — Talvez ele perdesse esse jeito.

Não sabiam quem era. Nenhum o tinha visto antes.

— É um pouco arriscado trazer esse ar assim em público disse um.
— Pode encontrar alguém que não goste dele.

Não trataram mais do estranho, pelo menos em conversa. Voltaram ao trabalho entre o estrondo e o rangido de eixos e correias. Não haviam passado, porém, dez minutos quando entrou o superintendente da serraria, seguido do desconhecido.

— Dê trabalho a este homem — disse o superintendente ao capataz. — Diz que sabe manejar a pá. Ponha-o no montão de serragem.

Os outros não interromperam o trabalho, Mas/ não havia no galpão um só que não estivesse novamente observando o desconhecido, o homem com o seu enodado traje de passeio, o rosto insuportável e a expressão de desdém frio e impassível. O capataz olhou um momento para ele, com um olhar tão frio como o seu.

— O homem vai trabalhar com essa roupa?

— Isso é lá com ele — respondeu o superintendente. — Não vou contratar os trajes dele.

— Está certo. Por mim, se convém a ele e ao senhor, pode. trabalhar com à roupa que quiser — replicou o capataz.

— Bem, meu senhor. Vá ali embaixo, pegue uma pá e ajude esses sujeitos a remover a serragem.

O recém-chegado virou-se sem dizer palavra. Os outros viram-no afastar-se até o montão de serragem, desaparecer e aparecer novamente com uma pá e começar a trabalhar. O mestre e o superintendente trocaram algumas palavras na porta. Separaram-se e o mestre voltou.

— Chama-se Christmas (Natal) — disse.

— Como? — perguntou um.

— Christmas.

— É estrangeiro?

— Já ouviram falar que algum branco se chamasse Christmas? — retrucou o capataz.

— Nunca ouvi dizer que alguém se chamasse assim — respondeu o outro.

E foi a primeira vez que Byron se lembrou de haver pensado que o nome de um homem, que se supõe não ser mais do que um jeito de chamá-lo, pode ser de certo modo um augúrio do que fará, se os demais chegam a compreender a tempo o significado. Pareceu-lhe que nenhum havia olhado para o desconhecido de modo especial, até ouvir-lhe o nome. Mas, quando o ouviram, foi como se o som daquele nome tivesse algo que tentasse dizer-lhes o que podiam esperar; que, como uma flor tem o seu perfume e uma cascavel o seu chocalho, Christmas levava consigo a sua própria e inevitável advertência. Apenas nenhum deles tinha bastante senso comum para reconhecê-lo. A única coisa em que pensaram foi que ele era estrangeiro e vendo-o trabalhar pelo resto da tarde de sexta-feira, de chapéu de palha, calças vincadas e gravata, disseram que com certeza na sua terra se costumava trabalhar assim. Outros, porém, disseram:

— Mudará de roupa esta noite. Quando vier para o trabalho amanhã, de certo não virá mais com essa roupa domingueira.

Na manhã de sábado, quando chegaram os retardatários, um minuto antes do apito, vinham já perguntando por ele: “Veio....? Onde... Os outros apontavam com o dedo. O recém-chegado estava ali sozinho, de pé, junto ao montão de serragem, com a pá ao lado. Fumava um cigarro, vestia a roupa da véspera e no rosto trazia o mesmo ar arrogante.

— Quando entramos, já estava ali — disseram os primeiros que haviam chegado. — Estava de pé, assim mesmo. Era como se nem tivesse dormido.

Christmas não dirigiu a palavra a nenhum. E ninguém procurou falar com ele. Todos, porém, tinham consciência da sua presença, das suas sólidas espáduas (trabalhava bastante, com uma espécie de firmeza

contida e tristonha) e dos seus braços. Chegou meio-dia. Por ser sábado, ninguém, com exceção de Byron, trouxera almoço, e todos começaram a juntar as suas coisas, preparando-se para abandonar a serraria até segunda-feira. Byron pegou na sua marmita e dirigiu-se sozinho ao galpão da bomba onde geralmente almoçavam, e ali se sentou. Nisso, qualquer coisa o fez levantar a cabeça e a pouca distância viu o desconhecido apoiado a um poste, fumando. Byron viu logo que o homem estava ali quando ele entrara e que sequer se dera ao trabalho de ir embora. Ou, pior ainda, talvez tivesse vindo deliberadamente, fazendo tanto caso de Byron como de um outro poste.

— Então não vai sair? — perguntou Byron.

O outro tirou uma fumaça. Depois olhou para Byron. O rosto macilento tinha uma cor morta de pergaminho. Não era só a pele, assim era a própria carne, como se o crânio tivesse sido moldado com uma regularidade fria e depois posto a cozinhar em forno ardente.

— Quanto pagam pelas horas extraordinárias? — perguntou. Então Byron compreendeu tudo. Compreendeu por que motivo o outro trabalhava com a roupa de domingo, por que não havia trazido almoço nem na véspera nem naquele dia, e por que não saíra com os demais. E como se o outro lhe tivesse dito, soube que não tinha nem um níquel no bolso e que, segundo todas as probabilidades, fazia já três ou quatro dias que vivia de cigarros. E quase ao mesmo tempo em que o pensou, ofereceu-lhe o seu próprio almoço, com um movimento tão reflexo como o próprio pensamento. Antes de Byron completar o gesto, o homem voltou o rosto e, sem modificar sua atitude indolente, dirigiu, através da fumaça do cigarro, um olhar à marmita oferecida.

— Não tenho fome. Guarde o seu grude.

Chegou a manhã de segunda-feira e Byron viu que tinha acertado. O homem viera para o trabalho vestido de macacão novo e trouxera a comida num saco de papel. Mas não se sentou com os outros no galpão da bomba para comer ao meio-dia, e no rosto conservou a mesma expressão.

— Deixem-no lá — disse o capataz. — Simms não lhe contratou a carranca nem a roupa.

Simms também não contratara a língua do desconhecido, pensou Byron. Pelo menos, Christmas parecia pensar assim e proceder de acordo com isso. Ainda ao cabo de seis meses, não tinha nada que dizer a quem quer que fosse. Ninguém sabia o que ele fazia depois das horas de trabalho. Alguns dos companheiros passavam por ele de vez em quando na praça depois do jantar, e era sempre como se Christmas não os conhecesse nem de vista. Nessas ocasiões estava invariavelmente com o chapéu novo, as calças bem frisadas, um cigarro no canto da boca e a fumaça brincando em seu rosto. Ninguém sabia onde morava ou onde dormia. De vez em quando alguém o via caminhando por um atalho que

ia ter num bosque situado nos arredores da cidade, como se vivesse em algum ponto por ali.

Isso não é o que Byron sabe agora. É mais ou menos o que ele sabia então, o que ouviu e observou à medida que se foi inteirando. Nenhum deles sabia então onde Christmas morava, nem a sua verdadeira atividade disfarçada pelo véu, pela cortina do seu trabalho de mouro na serraria. É possível que ninguém jamais tivesse sabido, se não fosse o outro desconhecido, Brown. Mas logo que Brown o disse, vários homens confessaram que compravam uísque a Christmas havia mais de dois anos, e para isso encontravam-se com ele de noite, a sós, no bosque situado a duas milhas da cidade, atrás de uma velha mansão colonial na qual vivia sozinha uma solteirona de certa idade, chamada Burden. Mas nem mesmo os que compravam uísque sabiam que Christmas vivia numa desmantelada cabana de negros, na propriedade de Miss Burden, e que morava ali havia mais de dois anos.

Um dia, há uns seis meses, apareceu na serraria outro desconhecido que, como Christmas, viera procurar trabalho. Também este era jovem; era alto e vestia um macacão que parecia não tirar do corpo há algum tempo e tinha, ainda como Christmas, o ar de quem viaja, com pouca bagagem. Era de cara bonita e vivaz e tinha a um canto da boca uma pequena cicatriz branca que dava a impressão de ter sido mirada no espelho muitas vezes. Byron notou que o desconhecido torcia rapidamente a cabeça e olhava por cima do ombro, como uma mula que, num caminho, vai sendo acossada por um automóvel. Mas aquele súbito e reiterado mirar para trás não era alarme. Para Byron aquilo era uma prova de afoiteza e segurança, era como se o homem estivesse repetindo insistentemente que não receava nada que lhe pudesse vir pelas costas.

— Bem se vê que Simms é capaz de contratar quem quer que seja. Quando contratou esse sujeito, não se pode dizer que tenha contratado sequer um par de calças — opinou o capataz.

Mooney, que, ao ver o novo operário, tivera o mesmo pensamento que Byron.

— Isso mesmo — disse Byron. — Faz-me lembrar um desses automóveis que passam pela rua com um rádio funcionando. Ninguém compreende o que diz o rádio, e o automóvel não vai a nenhum lugar determinado, e quando a gente olha de perto, não há nada dentro.

— Sim — tornou Mooney. — A mim ele faz lembrar um cavalo. Não um cavalo ruim, mas um que não serve para nada. Desses que têm um bom aspecto no pasto, mas sempre afrouxam as molas quando alguém se aproxima da porteira com as rédeas. Correm muito, mas têm sempre um casco ferido, quando chega o momento de atrelar o carro.

— É possível que as éguas gostem dele — disse Byron.

— Ora — replicou Mooney —, não creio que seja capaz de fazer um mal duradouro a nenhuma égua.

O novo operário foi trabalhar com Christmas no montão de serragem. Fazia muitos gestos e dizia a todo mundo quem era e o que fora, com um tom e um modo que eram a própria essência do homem e levavam dentro de si a sua própria confusão e falsidade. Até que ninguém acreditou no que ele dizia ter feito, como não se acreditou no nome que ele dera como seu, pensou Byron. Não havia razão para pensar que o seu nome não fora sempre Brown. Mas, olhando-o, podia-se adivinhar que em algum momento da sua vida atravessara com a sua estupidez uma crise que o obrigara a mudar de nome, ocorrendo-lhe então o de Brown, com uma espécie de alegria exultante, como se o novo nome não tivesse sido inventado. O caso é que não havia nenhuma razão para que tivesse tido ou precisado de algum nome. A ninguém importava o seu nome, do mesmo modo que Byron estava seguro de que a ninguém (pelo menos a ninguém que usasse calças) importaria saber de onde vinha, para onde ia ou quanto tempo ficaria. Porque, viesse de onde viesse e onde quer que tivesse estado, compreendia-se logo que vivia do campo, como um gafanhoto. Era como se o fizesse há tanto tempo que se convertera numa coisa esparsa e difusa, e como se nada mais lhe tivesse ficado senão a casca transparente e leve, empurrada no olvido e sem rumo por qualquer vento que quisesse soprar.

Contudo trabalhava bastante lá à sua maneira. Byron achava que ele sequer tinha astúcia bastante para esquivar-se ao trabalho. Não a tinha bastante nem para querer esquivar-se, porquanto não é qualquer homem que sabe, por exemplo, dar parte de doente, esquivando-se assim à obrigação. Para tanto é preciso arte e manha, como aliás para tudo mais, até para roubar e matar. É preciso ter em mira um objetivo expresso e definido, e isso Byron não acreditava que o tal sujeito tivesse. Soube-se que na primeira noite de sábado ele perdera num jogo de dados todo o salário da primeira semana. Byron disse a Mooney:

— Estou admirado. Pensei que jogar dados fosse a sua única habilidade.

— Ele? — replicou Mooney. — Que é que faz você pensar que ele seja capaz de qualquer diabrura, quando não serve nem para juntar serragem com a pá? Que seja capaz de enganar alguém numa coisa tão difícil como é o jogo de dados, quando não tem jeito para uma coisa tão mecânica como o seu serviço?

E acrescentou:

— Suponho que não há ninguém tão idiota que não possa ganhar alguém em alguma coisa. Porque pelo menos numa coisa ele bate Christmas: em não fazer nada.

— Parece-me que para um preguiçoso a coisa mais fácil do mundo é ser bom — opinou Byron.

— E eu acho que este andar mal bem depressa — tomou Mooney.
— O caso é ter alguém que o ensine.

— Tarde ou cedo achará um mestre — disse Byron.

Ambos se voltaram e dirigiram o olhar para o monte de serragem onde Brown e Christmas trabalhavam, um com uma constância sombria e selvagem, o outro com os braços no alto, num movimento irregular que não podia enganar nem a ele próprio.

— Também me parece — disse Mooney. — Mas se eu tivesse intenção de ser mau, não gostaria dê tomá-lo como sócio.

Como Christmas, Brown vinha trabalhar com a mesma roupa que usava na rua. Mas, à diferença do outro, durante algum tempo não mudou de indumentária.

— Qualquer sábado destes ele ganhará na partida de dados o suficiente para comprar uma roupa nova e ficará ainda com uns cinquenta centavos para fazer tilintar no bolso — disse Mooney. — E na segunda-feira seguinte não tornaremos a vê-lo.

Enquanto isso, ele continuava a comparecer à serraria com a mesma roupa e a mesma camisa com que chegara a Jefferson, e continuava perdendo nas partidas de dados das noites de sábado todo o salário da semana. As vezes ganhava um pouco e, tanto ganhando como perdendo, eram sempre as mesmas as suas explosões de riso alvar e os seus berros de desatinado, sempre a mesma troça e chocarrice com os próprios homens que, com toda a probabilidade, o estavam roubando. Um dia souberam que ele havia ganho sessenta dólares.

— Agora não tornaremos a vê-lo — disse um.

— Não sei — tornou Mooney. — Sessenta dólares é má quantia. Se tivessem sido dez ou quinhentos, de acordo. Mas sessenta, não. Ele agora vai sentir-se bem instalado aqui, arranjando afinal, de um lado ou de outro, o que ganha por semana.

E na segunda-feira Brown realmente voltou ao trabalho vestido de macacão. Viram-no e a Christmas junto ao montão de serragem. Tinham-nos observado sempre ali, desde o dia que Brown viera trabalhar pela primeira vez: Christmas introduzindo a pá na pilha de serragem, vagarosa mas decididamente, como se estivesse retalhando uma víbora (“ou um homem”, dizia Mooney), e Brown arrimado ao seu instrumento, enquanto, segundo parecia, ia contando a Christmas uma história, uma anedota, porque de repente começava a rir e soltava uma gargalhada, atirando a cabeça para trás, ao passo que o outro trabalhava com uma ferocidade silenciosa e infatigável. Em seguida Brown punha-se a trabalhar por algum tempo, com a mesma velocidade que Christmas, porém recolhendo cada vez menos serragem na pá, até que afinal a ferramenta não chegava a tocar na serragem nem com a ponta. Depois apoiava-se de novo na pá e, segundo parecia, acabava de contar o que estivera contando a Christmas, o homem que sequer parecia ouvir-lhe a voz, como se o outro estivesse a uma milha de distância ou falasse uma língua diferente, pensava Byron. Também eram vistos algumas vezes

juntos, sábado à noite, no centro da cidade: Christmas com o seu asseado e austero temo de sarja, a camisa branca e o chapéu de palha; Brown com a sua roupa nova (marrom com discretas riscas vermelhas, camisa de cor e chapéu como o de Christmas, mas com fita de cor), falando e rindo com uma voz que se ouvia claramente do outro lado da praça e que o eco tornava a trazer — uma coisa assim como um som vago dentro de uma igreja parecendo vir de várias partes ao mesmo tempo. Como se tivesse intenção de fazer ver a toda a gente como ele e Christmas eram camaradas, pensava Byron. E Christmas voltava-se e com o seu rosto plácido, de ar sombrio, afastava-se, escapulia do primeiro grupinho que o mero som da voz oca de Brown tivesse reunido em torno deles. Brown o seguia, sempre rindo e falando. E os outros operários diziam sempre: — Segunda-feira não voltará ao trabalho. — Porém Brown voltava todas as segundas-feiras, e foi Christmas quem saiu primeiro.

Christmas deixou a serraria num sábado à noite, sem prevenir, ao fim de quase três anos. Foi Brown quem os informou de que Christmas havia largado o emprego. Alguns operários eram homens com família, outros eram solteiros, todos de idades diferentes e levando vidas diversas, mas nas segundas-feiras de manhã voltavam todos ao trabalho *com uma espécie de gravidade, de quase decoro. Uns eram jovens e bebiam e jogavam no sábado à noite, e até iam de vez em quando a Memphis. Contudo, segunda-feira de manhã, vinham serenamente para o trabalho, com os seus macacões limpos e camisas asseadas; esperavam em silêncio que o apito soasse e punham-se a trabalhar calmamente, como se no ar preguiçoso perdurasse algo de sabático, estabelecendo o princípio de que, fizesse o que fizesse um homem no sábado, o razoável, o digno era vir trabalhar tranquilo e limpo na segunda-feira de manhã.

Não era o que se notava em Brown. Na segunda-feira de manhã o mais certo era ele aparecer com a mesma roupa suja da semana anterior e uma barba negra e espetada que não tivera contato com a navalha. Fazia mais barulho que nunca, gritando e armando travessuras de um menino de dez anos. Aos outros trabalhadores, sempre sossegados, aquilo não parecia direito. Para eles era como se Brown chegasse nu ou bêbado. E foi Brown quem, naquela manhã de segunda-feira, lhes deu a notícia da saída de Christmas. Chegou tarde, mas não era isso. Não fizera a barba, mas isso era comum. Estava calado: isso sim! Durante algum tempo nem deram pela sua presença, quando habitualmente, àquela hora, a metade dos homens o arrenegava, e alguns a sério. Encaminhou-se para o montão de serragem e pôs-se a trabalhar sem dizer palavra a ninguém, mesmo quando lhe falavam. Então viram que ele estava só, que Christmas, o seu companheiro, não estava ali. Quando o mestre chegou, um dos homens disse:

— Vejo que o senhor perdeu um dos seus aprendizes de bombeiro.

Mooney olhou para o lugar onde Brown metia a pá no monte de serragem, como se estivesse lidando com ovos. Cuspiu.

— Sim. Enriqueceu muito depressa. Esse empreguinho não iria segurá-lo.

— Enriqueceu? — admirou-se um dos operários.

— Um deles, sim — disse Mooney, sem deixar de olhar para Brown.
— Viu-os ontem passeando num automóvel novo. E era esse — cabeceou na direção de Brown —, era esse quem guiava. O que me surpreende é que um deles tenha vindo trabalhar.

— Pelos tempos que correm, creio que Simms não terá dificuldade para dar-lhe substituto — disse o outro.

— Não teria dificuldade em tempo algum — acudiu Mooney.

— Parecia-me que ele ia indo tão bem!

— Ah! — exclamou Mooney. — Refere-se a Christmas?

— De quem então falava o senhor? Brown também disse que vai embora?

— Crê então que ele vai ficar aqui trabalhando enquanto o outro passeia pela cidade num automóvel novo?

— Onde teriam conseguido o carro? — disse outro, olhando também para Brown.

— Não sei — respondeu Mooney. — O que desejava saber é se Brown deixará o serviço ao meio-dia ou se trabalhará até as seis.

— Ora — disse Byron —, se eu enriquecesse aqui o bastante para comprar um automóvel novo, também sairia.

Um ou dois dos homens olharam para Byron, esboçando um sorriso.

— Não é aqui que enriquecem — disse um. Byron olhou para ele.

— Byron isola-se demais e não tem contato com os outros — disse o mesmo. Todos olharam para Byron.

— Mas Brown é o que se pode chamar um servidor público. Christmas costumava fazer os outros ir de noite à mata, atrás da casa de Miss Burden. Agora Brown leva a mercadoria à cidade. Ouvi dizer que, quando se sabe a senha, pode-se comprar, numa noite de sábado e em qualquer beco, meio litro de uísque que ele tira de dentro do peito da camisa.

— Qual é a senha? — perguntou um. — Seis moedas?

Byron olhou para todos eles, um após outro.

— É verdade? Estão mesmo fazendo isso?

— É o que Brown faz. Quanto a Christmas, não sei. Não vou jurar. Mas Brown não deve estar muito longe do lugar onde está Christmas. Cré com cré, lé com lé, como dizem os velhos.

— É verdade — disse outro. — Não creio que se venha a saber se Christmas também anda metido nisso. Ele não é dos que se mostram em público como Brown.

— Nem precisará — falou um terceiro, olhando para Brown.

E Mooney tinha razão. Viram-no sozinho ali, junto ao montão de serragem, até o meio-dia. Quando se ouviu o apito, todos pegaram as marmitas com o almoço e agachados no galpão da bomba começaram a comer. Brown entrou de mau humor, com um ar ao mesmo tempo sombrio e de amuo, como o de criança com quem se ralhou. Pôs-se de cócoras como os outros, com as mãos balançando entre os joelhos. Não trazia almoço.

— Hoje você não almoça? — perguntou um.

— Almoçar uma lavagem fria, numa lata suja e engordurada? — respondeu Brown. — Começar ao amanhecer, mourejar o dia inteiro como um negro miserável, tendo apenas uma hora para comer ao meio-dia essa bazófia fria numa lata!

É possível que no lugar de onde alguns vêm existam brancos que trabalham como negros — replicou Mooney. — Mas nenhum negro se aguentaria até o apito do meio-dia, se trabalhasse como trabalham certos brancos.

De cócoras, com o rosto sombrio e as mãos pendentes, Brown parecia não ouvir, não escutar mais do que a si mesmo, as suas próprias palavras.

— Um idiota! O homem que faz isso é um idiota!

— Você não está acorrentado a essa pá — disse Mooney.

— É claro que não — retrucou Brown.

A sereia soou e voltaram ao trabalho. Observaram Brown junto ao montão de serragem. Trabalhou um pouco, depois começou a trabalhar cada vez mais devagar, até que finalmente segurava a pá como se estivesse pegando num chicote. E os outros notaram que falava sozinho.

— É porque não tem ali ninguém com quem falar — disse um.

— Não é isso — replicou Mooney. — É que ainda não se convenceu de todo, não se persuadiu ainda.

— De quê?

— De que é mais idiota ainda do que eu pensava — disse Mooney.

Na manhã seguinte Brown não apareceu.

— De agora em diante o endereço dele é a barbearia — disse um dos homens.

— Ou então aquele beco que fica atrás — falou outro.

— Creio que ainda o veremos uma vez — disse Mooney.

— Ele voltará para cobrar o pagamento de ontem.

E assim foi. Mais ou menos às onze horas Brown apareceu. Vinha de terno novo e chapéu de palha. Deteve-se no galpão e ficou ali olhando para os trabalhadores, tal como Christmas fizera um dia, havia três anos, como se as próprias atitudes da vida passada do mestre servissem de modelo, sem que ele o notasse, aos músculos obedientes do discípulo que aprendera tão bem e tão depressa. Brown, porém, limitava-

se a afetar indiferença e a pavonear-se frivolamente ali no mesmo lugar onde o mestre se mostrara de mau humor e quieto e fatal como uma serpente.

— Aí! Peguem no duro, escravos! Trabalhar, seus bastardos! — disse com voz alegre e sonora e com os dentes cerrados.

Mooney olhou para ele. E Brown já não mostrava os dentes.

— É a mim que está dizendo isso? — perguntou Mooney.

A cara mutável de Brown executou uma das suas conhecidas transformações. Era como se tivesse o rosto tão difuso e vago que não lhe custava nada metamorfosear-se instantaneamente, pensou Byron.

— Não estava falando com você — respondeu Brown.

— Ah! Sim. — replicou Mooney em tom ameno e leve.

— Então falava com os outros?

— É comigo então? — perguntou outro homem.

— Estava apenas falando comigo mesmo — disse Brown.

— Vamos, homem, finalmente você disse uma verdade pela primeira vez na sua vida — replicou Mooney. — Isto é, meia verdade. Quer que eu vá até aí para segredar a outra metade?

E foi aquela a última vez que o viram na serraria. Porém Byron se recorda do carro novo, que depressa ficou com os pára-lamas amassados e rodava constantemente pela cidade, ocioso, sem destino, guiado languidamente por Brown, que nem mesmo sabia tirar partido da sua vida dissoluta, ociosa e invejável. Uma vez ou outra era visto em companhia de Christmas. E as atividades de ambos já não constituem nenhum segredo. Entre a gente jovem, e até entre meninos, sabe-se que é possível comprar uísque a Brown quase a qualquer momento e que a cidade está esperando que o prendam, que ele tire qualquer dia o uísque de sob a capa impermeável e o ofereça a um agente da polícia secreta. Ainda não sabem com certeza se Christmas tem alguma coisa que ver com isso. Somente, ninguém acredita que Brown tenha inteligência suficiente para ganhar dinheiro nem mesmo com contrabando. Há quem diga que Christmas e Brown moram numa cabana situada nas terras de Miss Burden. Mas nem estes sabem se Miss Burden sabe também de alguma coisa, e se o soubessem, não lhe diriam nada. Miss Burden, mulher de meia-idade, vive sozinha naquela mansão. Vive ali desde que nasceu e contudo continua a ser uma desconhecida, uma estrangeira, cuja família veio do Norte durante a Reconstrução. Era uma *yankee*^[2] e tinha simpatia pelos negros, e na cidade e fora fala-se ainda de estranhas relações suas com os pretos, conquanto, há sessenta anos, seu avô e seu irmão tivessem sido mortos na praça pública por um ex-proprietário de escravos durante uma discussão acerca de votos de negros numas eleições estaduais. Mas, embora seja apenas uma mulher e a descendente daqueles a quem os antepassados tinham (ou pelo menos julgavam ter)

motivo para odiar e temer, paira ainda em tomo dela e da sua propriedade algo de sinistro, estranho e ameaçador. Assim era: os descendentes de ambos os grupos não eram, em suas relações mútuas, mais que fantasmas entre os quais se erguia o espectro do antigo sangue derramado, do antigo horror, da velha ira, do velho medo.

Se tivesse havido amor uma vez, qualquer homem ou mulher diria que Byron Bunch esquecera o amor ou (o que é mais provável) que o amor o esquecera a ele, homenzinho já passado dos trinta anos e que havia sete anos passava seis dias da semana ria serraria, alimentando a máquina com tábuas. Passa também ali as tardes de sábado, enquanto os outros trabalhadores vão para a cidade, com as suas roupas domingueiras, de gravata, nessa terrível ociosidade, impaciente e sem objetivo, dos homens que trabalham.

Nas tardes de sábado, como não pode sozinho pôr a máquina a trabalhar, Byron aproveita para carregar os carros com as tábuas terminadas, medindo o tempo até o segundo final de um apito imaginário. Os seus companheiros de trabalho, a própria cidade ou a parte da cidade que se lembra dele julgam que Byron faz isso pela paga extraordinária que percebe. Talvez seja essa a razão. O homem sabe muito pouco sobre os seus semelhantes. A seus olhos, todos os homens e mulheres procedem de acordo com o que, segundo o seu modo de ver particular, o moveria a ele se ele fosse tão louco que fizesse o que os outros fazem. O fato é que na cidade só há um homem que poderia falar com toda a certeza sobre Bunch, mas a cidade não sabe que esse homem tem relações com ele, pois somente à noite é que se encontram e conversam. O homem chama-se Hightower. Há vinte e cinco anos era ministro de uma das principais igrejas, talvez a principal. Somente esse homem sabe aonde Bunch vai todos os sábados à noite, quando soa o apito imaginário (ou quando o grande relógio de prata de Bunch lhe diz que já soou). Mrs. Beard, em cuja pensão mora Bunch, sabe apenas que todos os sábados, um pouco depois das seis horas, Byron chega, toma um banho, põe um terno de sarja barata, janta e sela a mula, que conserva atrás da casa, num telheiro que ele próprio consertou e cobriu com um teto, e parte. Mrs. Beard não sabe para onde ele vai. Apenas, o ministro Hightower sabe que Bunch cavalga trinta milhas e passa o domingo dirigindo o coro numa igreja rural: o serviço religioso dura o dia inteiro. Depois, por volta da meia-noite, toma a selar a mula e volta para Jefferson, cavalgando toda a noite, sempre a trote. E na segunda-feira de manhã, de camisa limpa e macacão limpo, está pronto para entrar na serraria assim que soa o apito. Mrs. Beard sabe apenas que, desde o jantar de sábado até o café da manhã de segunda-feira, o quarto de Byron e o estábulo da mula permanecem vazios. Hightower é o único que sabe aonde ele vai e o que vai fazer, porque duas ou três vezes por semana, à noite, Bunch visita-o na pequena casa onde o ex-pastor vive só — diz o povo que em ignomínia —, na pequena casa por pintar, humilde,

pobremente iluminada, com cheiro de ranço, cheiro de homem. E os dois ficam ali sentados no gabinete do ministro protestante, conversando em voz baixa: o homem insignificante, estranho indescritível, que nem ao menos compreende que é para os seus companheiros de trabalho um perfeito mistério, e o pária cinquentão, renegado por sua igreja.

Então Byron se apaixonou. Apaixonou-se de maneira destoante de todas as tradições de sua terra, da austera e zelosa educação provinciana que exige a inviolabilidade física do objeto amado. Aconteceu numa tarde de sábado em que ele se encontrava só na serraria. A duas milhas a casa continuava a arder, enquanto a fumaça amarela se erguia no horizonte, reta como um monumento.

Avistaram-na antes do meio-dia, quando já se elevava acima das árvores, antes de soar o apito e de saírem os outros.

— Hoje, com um incêndio grátis para apreciar, julgo que Brown também deixará o trabalho. Decerto vai olhar o incêndio — falou alguém.

— É um grande incêndio — disse um. — Onde será? Nessa direção a única casa bastante grande para fazer toda essa fumaça é a de Burden.

— Talvez seja lá mesmo — disse outro. — Papai ainda se lembra de que há cinquenta anos havia quem julgava que ela devia arder, e devia começar com um pouco de gordura humana para queimar bem.

— Talvez seu pai tenha ido sorrateiramente até lá e ateado ele próprio o incêndio — disse um terceiro. Todos riram e voltaram ao trabalho, esperando que tocasse o apito, parando de vez em quando para contemplar a fumaça. No fim de algum tempo chegou um caminhão carregado de madeira. Perguntaram ao chofer que passara pela cidade.

— Sim. Realmente foi Burden o nome que disseram — respondeu o homem. — Também ouvi dizer na cidade que o xerife já havia ido pára lá.

— Ora, Watt Kennedy gosta de apreciar um incêndio, ainda que tenha de levar consigo o distintivo — disse um dos homens.

— Pelo aspecto que tem a praça — tomou o chofer — parece que não haverá dificuldade em encontrar ali todos os que desejar prender.

Souo o apito do meio-dia. Os outros saíram e Byron foi almoçar, tendo ao lado o relógio de prata aberto. Quando o relógio marcou uma hora, voltou ao trabalho. Estava só no galpão, fazendo as suas constantes e intermináveis jornadas dali para o carro, com um saco de estopa dobrado no ombro, à guisa de almofada, carregando Uma pilha de tábuas que ninguém teria pensado que ele fosse capaz de carregar, quando Lena Grove transpôs o umbral atrás dele, tendo já esboçado no rosto um sorriso sereno, os lábios já modelados para pronunciar um nome. Byron pressente-a e volta-se. Vê o sorriso que se desvanece, tal como morre a agitação produzida por um seixo que caiu dentro d'água.

— Ah! Não é o senhor — diz ela, por trás do sorriso que fenece, com o espanto sério de uma criança.

— Não, senhora — disse Byron, voltando-se a meio, com as tábuas equilibradas no ombro. — Não creio que seja eu. Mas quem é que não sou?

— Lucas Burch. Disseram-me...

— Lucas Burch?

— Disseram-me que o encontraria aqui.

Lena fala com uma espécie de serena desconfiança, observando-o sem pestanejar, como se acreditasse que Byron está querendo iludi-la.

— Quando me aproximei da cidade, começaram a dizer Bunch em vez de Burch, mas pensei simplesmente que estivessem pronunciando mal, ou talvez eu não tivesse ouvido bem.

— Sim, senhora — diz Byron. — É isso mesmo, Bunch, Byron Bunch.

Com as tábuas sempre equilibradas sobre o ombro, Byron a observa: vê o corpo volumoso, pesado, as pernas pesadas e a poeira vermelha sobre os grosseiros sapatos de homem que ela calça.

— É então a senhora Burch?

Ela não responde logo. Permanece de pé junto da porta e observa Byron deliberadamente, mas sem se assustar, sempre com o mesmo olhar sereno, vagamente perplexo, vagamente desconfiado. Os olhos são francamente azuis, mas nota-se neles uma sombra de crença de que Byron está tentando enganá-la.

— Disseram-me na estrada, muito para trás, que Lucas está trabalhando na serraria aqui em Jefferson. Muitos me disseram isso. Cheguei à cidade e indicaram-me onde ficava a serraria. Perguntei por Lucas Burch: “Talvez queira dizer Bunch”, disseram-me. E eu pensei que tivessem ouvido mal o nome e que isso não tinha importância alguma. Nem mesmo me disseram que o homem a quem se referiam não era moreno. O senhor também vai dizer que não conhece Lucas Burch por aqui?

Byron deposita a carga de tábuas num montão regular, pronto para ser apanhado de novo.

— Não, senhora. Por aqui não há nenhum Lucas Burch. E conheço todos os homens que trabalham aqui. Talvez trabalhe na cidade. Ou noutra fábrica.

— Há outra serraria?

— Não, senhora. Mas fábricas há várias outras.

Lena olha para ele.

— No caminho me disseram que trabalha na serraria — diz.

— Não conheço aqui ninguém com esse nome — diz Byron. — Não me lembro de ninguém com o nome de Burch. O meu nome é Bunch.

Lena o observa ainda com a mesma expressão: não é tanto preocupação pelo futuro como receio pelo presente. Então respira. Não é

um suspiro, é apenas uma respiração profunda, repousada.

— Bem — diz ela. Volta-se a meio e olha em tomo, para as tábuas serradas e empilhadas. — Acho que vou descansar um pouco. Caminhar por essas ruas mal calçadas até aqui cansa muito. Parece que cansei mais de lá até aqui do que em todo o caminho desde Alabama. — Dirige-se a uma pilha baixa de tábuas.

— Espere — diz Byron. Quase dá um salto para a frente, e o saco de estopa cai-lhe do ombro. Ela se detém no momento de sentar-se. Byron estende o saco sobre as tábuas. — Assim fica mais cômodo.

— O senhor é muito amável.

— Ficarà mais à vontade — diz Byron, tirando do bolso o relógio de prata e olhando-o; depois se senta também no outro extremo da pilha de madeira e diz: — Uns cinco minutos.

— Cinco minutos para descansar? — pergunta Lena.

— Faz cinco minutos que a senhora chegou. Parece-me que já o meu repouso havia começado. Aos sábados meço eu próprio o tempo.

— E conta cada minuto em que pára? Como é quê vão saber que parou? Alguns minutos não fazem diferença - não acha?

— Não me pagam para ficar sentado — diz Byron. — Então a senhora vera de Alabama?

Pesada de corpo, com o rosto sereno e tranquilo, sentada na almofada de estopa, ela lhe fala por seu turno e Byron a observa com a mesma placidez. Lena conta mais do que pensa estar contando, como vinha fazendo com todas as caras desconhecidas durante as quatro semanas da sua viagem, com a lentidão serena com que mudam as estações. E Byron por sua vez começa a enxergar nela uma mulher jovem, traída e abandonada, que não compreende que está abandonada e que ainda não tem o nome de Burch.

— Não acho que não o conheça — diz ele afinal. — Mas, de qualquer maneira, esta tarde não há ninguém aqui, a não ser eu. Os outros se foram, provavelmente para olhar aquele incêndio. — E mostre-lhe a coluna de fumaça amarela que, imóvel por falta de vento, se ergue acima das árvores.

— Avistamos do carro, antes de chegar à cidade. É um grande incêndio — diz Lena.

— É uma casa grande, muito antiga. Só mora ali uma senhora. Estou certo de que ainda há gente na cidade que diz que isso é um castigo. Essa senhora é uma *yankee*. Sua família veio para cá na época da Reconstrução, para sublevar os negros. Dois dos seus parentes foram mortos por causa disso. Dizem que ainda hoje ela se interessa pelos negros. Visita-os quando estão doentes, como se fossem brancos. Não quer cozinheira, porque teria de ser uma negra. Contam por aí que, segundo ela diz, os negros são iguais aos brancos. Por isso ninguém vai lá, exceto uma pessoa.

Lena o observa, enquanto escuta. Byron não olha para ela; desvia um pouco o olhar.

— Ou talvez duas pessoas, ao que dizem. Espero que tenham chegado a tempo para ajudá-la a tirar a mobília. Talvez até estivessem lá.

— Quem são eles?

— Dois indivíduos que vivem por ali. Ambos se chamam Joe: Joe Christmas e Joe Brown.

— Joe Christmas? Que nome estranho!

— E é um tipo muito estranho. — E de novo Byron desvia um pouco o olhar do rosto interessado de Lena. — O sócio dele, Brown, também é um tipo esquisito. Trabalhou aqui: Mas deixaram ambos o emprego. E acho que ninguém perdeu nada com isso.

Sentada na almofadinha de estopa, ela se mostra interessada, tranquila. Era como se estivessem ambos com as suas roupas de domingo, diante de uma cabana no campo, por uma tarde de sábado, sentados em cadeiras de madeira trançada, sobre a terra lisa como pátina.

— E o sócio dele também se chama Joe?

— Sim, senhora. Joe Brown. Talvez seja esse o seu verdadeiro nome. Porque, quando se pensa em alguém chamado Joe Brown, a idéia que logo se faz é de um sujeito com uma bocarra, sempre rindo e falando em voz alta. E ainda que Joe Brown seja um nome demasiado curto e fácil para ser um nome verdadeiro, creio que é mesmo o seu nome. Estou certo de que é. Se lhe contassem o tempo pelo tamanho da boca, julgo que a esta hora já seria dono da serraria. Seja como for, parece que alguns gostam dele. E de qualquer maneira dão-se bem, ele e Christmas.

Lena observa Byron com um rosto que continua sereno, mas agora está bastante sério, e um olhar grave e muito atento.

— Que fazem ele e o outro?

— Nada que não deversem fazer, creio. Pelo menos não os apanharam ainda. Brown trabalhou aqui um pouco, isto é, o tempo que lhe restava, quando não estava rindo e fazendo brincadeiras com os outros. Christmas deixou o emprego. Vivem juntos ali nas proximidades daquela casa que está ardendo. Já ouvi dizer o que fazem para ganhar a vida. Mas, em primeiro lugar, não tenho nada com isso. E depois, o que se conta da vida alheia quase nunca é verdade. E suponho que não sou melhor do que os outros.

Lena observa Byron sem pestanejar.

— E, diz que se chama Brown. — Podia ter sido uma pergunta, porém não espera uma resposta. — Que ouviu dizer o senhor acerca do que fazem?

— Não gosto de ofender ninguém — diz Byron. — Eu não devia ter falado tanto. O que acontece é que, quando um sujeito deixa de trabalhar, expõe-se sempre a fazer alguma coisa que não presta.

— Quais são as histórias que contam? — pergunta Lena. Não fez um movimento. Fala com voz tranquila. E Byron já está apaixonado, conquanto ainda não o saiba. Percebe que o olhar sério e atento de Lena está cravado na sua cara, na sua boca e não olha para ela.

— Há quem diga que se ocupam em vender uísque e que o ocultam perto da casa que arde agora. E dizem também que uma noite de sábado em que andava bêbado pelo centro da cidade, Brown chegou quase a contar o que não devia. Qualquer coisa que se referia a ele próprio e a Christmas, perto de Memphis ou em Memphis, numa rua escura, à noite, e falou até em pistolas. Mas Christmas chegou sem demora, fê-lo calar e o levou dali. Trata-se naturalmente de alguma coisa que Christmas não queria que se soubesse e que o próprio Brown não teria contado se não estivesse embriagado. Foi o que ouvi dizer. Eu não estava presente.

Quando levanta a cabeça, torna a baixar os olhos depressa, antes de encontrar os de Lena. Parece ter já o pressentimento de alguma coisa irrevogável, uma coisa que não pode voltar atrás. Ele que acreditava quê na serraria, na solidão da tarde de sábado, não podia encontrar a oportunidade de praticar o mal ou de que lhe fizessem mal...

— Como é o tipo dele? — pergunta Lena.

— Christmas?

— Não. O outro.

— Ah! Brown? Ele é alto, jovem, moreno. Segundo dizem, as mulheres o acham bonito. Gosta muito de rir, de troçar, de fazer brincadeiras com os outros. Mas eu...

Interrompe-se. Sente no rosto o olhar fixo e tranquilo de Lena.

— Joe Brown — pergunta ela — tem uma pequena cicatriz branca, aqui junto da boca?

Byron não pode olhar para Lena. Sentado sobre a pilha de madeira, percebe que já é tarde demais. Mas preferia ter mordido a língua, partindo-a ao meio, a haver contado o que contara.

Da janela do gabinete ele avista a rua. Não fica muito distante, pois o jardim não é grande. É um pequeno relvado, com meia dúzia de áceres pouco, desenvolvidos. A casa, bangalô pardo, modesto e sem pintura, é também pequena e inteiramente oculta por uma espessa cortina de mirto, lilás e alteia exceto numa pequena abertura através da qual, pela; janela do gabinete, o pastor protestante olha para a rua. 'Tão oculta é a casa que a luz do lampião da esquina mal a atinge.

Da janela avista também o letreiro que chama de seu monumento. Está colocado a pequena altura, no ângulo do cercado, de frente para a rua. É um retângulo de um metro de comprimento e quarenta centímetros de altura, de frente para os transeuntes e de costas para ele. Porém Hightower não tem necessidade de lê-lo, pois foi ele próprio quem o fez com martelo e serra, cuidadosamente, pintando depois a legenda, também meticulosamente e com esforço, quando compreendeu que teria de ganhar dinheiro para comer, vestir-se e aquecer-se. Ao deixar o seminário, possuía uma pequena renda herdada de seu pai, mas logo que conseguiu uma paróquia, assim que recebia os cheques trimestrais da renda, enviava-os a uma instituição para raparigas delinquentes de Memphis. E quando perdeu a sua igreja, perdeu a Igreja, e a maior amargura que julgou ter tido de enfrentar na vida — amargura maior do que o desgosto e a vergonha — foi a carta que escreveu à instituição, dizendo que dali por diante não podia enviar mais do que a metade da soma que costumava mandar antes.

E continuou a enviar a metade da renda que, inteira, mal bastaria para a sua subsistência. “Felizmente posso fazer algumas coisas”, disse então consigo. Daí se originou o letreiro que ele próprio fez com todo o esmero, introduzindo com habilidade na pintura pedacinhos de cristal moído, de modo que à noite, quando o lampião da esquina iluminava as letras, elas resplandeciam com um efeito de ornamentação de noite de Natal:

Rev. GAIL HIGHTOWER, D. D.

Lições de arte.

*Cartões de Natal e de aniversário
pintados a mão.*

Revelam-Se fotografias.

Mas isso acontecera vários anos antes. Não apareceram discípulos para as lições de arte e eram poucos os cartões de Natal e de aniversário e as fotografias para revelar. E a pintura e o cristal triturado se tinham esvaído nas letras desbotadas que, contudo, eram legíveis, embora, da mesma maneira que Hightower, poucos dos habitantes da cidade ainda necessitassem de lê-las. Mas de vez em quando alguma negra, ama de crianças, passeando por ali com os pequenos brancos confiados à sua

guarda, soletrava-as para eles em voz alta, com a vaga estupidez dos ociosos e ignorantes da sua casta. Ou um forasteiro, passando, por acaso ao longo da pequena rua pouco frequentada, longínqua e sem calçamento, detinha-se para ler o cartaz, erguia os olhos para a casinha escura, quase oculta, e seguia o seu caminho. De vez em quando o forasteiro mencionava o fato a algum conhecido da cidade.

— Ah, Hightower? Mora ali sozinho. Veio para cá como ministro da Igreja Presbiteriana, mas sua mulher comportou-se mal. Ela ia de vez em quando a Memphis divertir-se. Isso foi há vinte e cinco anos, logo que chegaram aqui. Alguns diziam que Hightower sabia de tudo, que não podia ou não queria satisfazê-la, e que sabia das suas escapadas. Certa noite de sábado mataram-na numa casa, ou coisa que o valha, em Memphis. Os jornais publicaram o caso com detalhes e Hightower teve de renunciar ao seu cargo na Igreja. Mas por uma razão qualquer não quis sair de Jefferson. Procuraram persuadi-lo a fazê-lo, no seu próprio interesse, bem como no da cidade e da Igreja. Aquilo ficava mal para a religião, você compreende... pois vinham forasteiros que se inteiravam do que havia acontecido... e ele sempre recusando-se a deixar a cidade. Desde então vive sozinho naquela rua, então a rua principal da cidade. Hoje não o é mais, o que já representa alguma coisa. Também ninguém mais se importa com ele e acho que a maioria já o esqueceu. Ele próprio cuida da sua casa. Acho que durante esses vinte e cinco anos ninguém entrou lá. Não se compreende por que motivo permanece ali. Mas todas as vezes que se passa por lá, ao crepúsculo, ao cair da noite, ele está sentado junto à janela. Sentado ali. O resto do tempo quase ninguém o vê, exceto trabalhando no seu jardim de vez em quando.

Assim, a tabuleta que Hightower fizera e na qual pintara as letras tem ainda menos importância para ele do que para a cidade; o ex-pastor já nem tem consciência de que aquilo seja um letreiro, uma mensagem. Não se lembra dela senão quando se senta à janela do gabinete, um pouco antes do anoitecer, e aquilo é então uma simples forma familiar, retangular, baixa, sem nenhuma significação, colocada a um canto do relvado, perto da rua. Poderia ter brotado também, sem o seu auxílio ou oposição, da terra trágica e inexorável, juntamente com os áceres acachapados e os arbustos. Agora já nem a olha, como não olha as árvores através das quais avista a rua, esperando o cair da noite. Atrás dele a casa e o escritório estão às escuras, e ele espera pelo instante em que toda a luz desapareça do céu e em que já será noite, havendo apenas a débil claridade que a grama e a folhagem armazenaram relutantes num suspiro, pondo ainda um pouco de luz sobre a terra, conquanto a noite já tenha chegado. *Agora, em breve, pensa; em breve, agora.* Nem mesmo diz a si próprio: “Ainda resta um pouco de honra e de orgulho na vida.”

Quando, sete anos antes, Byron Bunch chegara a Jefferson e vira o letreiro *Gail Hightower D. D. Lições de arte. Cartões de Natal e de aniversário pintados a mão. Revelam-se fotografias*, pensou: “D. D.? Que quererá dizer

D. D.?" Disseram-lhe que aquilo significava "Done Damned" ^[3] Fosse como fosse, pelo menos em Jefferson, Gail Hightower não fora feliz. E contaram-lhe que Hightower viera diretamente do seminário para Jefferson, recusando ir para qualquer outro lugar, que lançara mão de todas as influências de que pudera dispor a fim de ser enviado para Jefferson. E sobre como chegara com sua jovem esposa, e descera do trem muito contente, conversando, dizendo aos velhos e velhas, que eram os pilares da igreja, que já havia escolhido Jefferson desde o princípio, desde que decidira fazer-se: ministro, falando com uma espécie de entusiasmo das cartas que havia escrito, do trabalho que tivera e da influência de que usara a fim de ser designado para ali. Ao povo da cidade aquela alegria fazia lembrar o contentamento de um vendedor de cavalos ante um negócio vantajoso. Talvez os velhos tivessem tido essa idéia, porque o ouviam com uma expressão de frieza, um ar de espanto e de dúvida, pois ele falava como se desejasse antes de tudo viver na cidade, e não servir à igreja e ao povo que a compunha. Como se não lhe importasse o povo, a gente que vivia ali, como se não lhe importasse saber se o povo o queria ou não. Além disso era jovem, e os velhos e as velhas trataram de moderar-lhe o entusiasmo, falando-lhe de assuntos sérios da igreja e das responsabilidades dele próprio. Contaram também a Byron que, ainda depois de seis meses, o jovem ministro continuava muito agitado, sempre falando sobre a guerra civil e seu avô, que fazia parte da cavalaria e fora morto, sobre o incêndio dos depósitos que o general Grant tinha na cidade, e falava tanto que o que dizia já nem tinha sentido. Disseram a Byron que ele falava também no púlpito da mesma maneira, com desvario, usando a religião como um sonho, não um pesadelo, mas algo que galopava mais do que as palavras da Bíblia. Era uma espécie de ciclone que sequer tinha necessidade de tocar a terra firme. E isso também não agradava aos velhos e às velhas.

Era como se nem mesmo no púlpito pudesse desemaranhar uma coisa da outra, a religião, a cavalaria a galope, e o avô morto, derrubado do cavalo com um tiro. E talvez não pudesse sequer desenredá-los em casa, na sua vida privada. Talvez nem ao menos tentasse fazê-lo, pensava Byron, refletindo que os homens fazem coisas assim com as mulheres que lhes pertencem, pensando que é por essa razão que as mulheres precisam ser fortes, e que não se deveria censurá-las pelo que fazem com os homens, para eles ou por causa deles, pois sabe Deus que ser mulher de alguém já é uma coisa bastante complicada. Contaram-lhe que a mulher de Hightower era uma moça de ar sossegado e de pequena estatura e que a princípio parecia não ser capaz de dizer uma palavra. Mas a cidade dizia que, se Hightower tivesse sido um homem de confiança, como deve ser um ministro, em vez de ter nascido uns trinta anos depois do único dia que parecia ter vivido — o dia em que seu avô, com um tiro, foi derrubado do cavalo a galope —, a mulher também teria sido como devia. Ele, porém, não o era, e os vizinhos ouviam-na chorar

no presbitério, à tarde ou altas horas da noite, e sabiam que o marido não saberia o que fazer, porque não atinava com o motivo daquele desconcerto. E como às vezes ela não ia à igreja onde seu marido pregava, ainda que fosse num domingo, todos o olhavam pensando se ele teria notado que sua mulher não estava ali, ou se não teria até mesmo esquecido de que tinha uma mulher, enquanto, ali no púlpito, com largos gestos de mãos, o dogma que se supunha estaria pregando se enredava num emaranhado de coisas — cavalaria a galope, derrotas e vitórias —, como nas ocasiões em que tentava falar-lhes nas ruas sobre cavalos em desfilada, até que afinal tudo se mesclava com absolvição e coros de serafins marciais, e naturalmente os velhos e as velhas acabavam por acreditar que o que ele pregava na casa de Deus, no dia de Deus, estava bem próximo do sacrilégio.

Contaram a Byron que, pouco depois de fazer um ano que se encontravam em Jefferson, toda a gente começou a notar na mulher uma expressão gélida e, quando as senhoras da paróquia iam visitá-los, Hightower as recebia sozinho, em mangas de camisa, sem colarinho, muito nervoso, e por algum tempo parecia nem mesmo saber o que tinham vindo fazer ali ou o que ele próprio devia fazer. Depois convidava-as a entrar, desculpava-se e desaparecia. E as senhoras sentadas ali, com seus vestidos de domingo, não ouviam nenhum rumor na casa e olhavam umas para as outras e em redor da sala. E ele voltava afinal de casaco, e colarinho e conversava com elas sobre a igreja e sobre os enfermos, e elas respondiam animadamente, em voz baixa, sem deixar de olhar para a porta, pensando se Hightower já saberia o que elas julgavam saber.

As senhoras deixaram de ir à sua casa. E em breve não se via a mulher do pároco nem mesmo na rua. E Hightower continuava a viver como se não houvesse novidade alguma. Dentro em pouco a mulher começou a ausentar-se por um ou dois dias; viam-na tomar o trem da manhã, seu rosto começava a emagrecer e afinar-se, como se ela não comesse bastante, e tinha sempre aquela expressão de indiferença, como se não enxergasse as coisas para as quais olhava. E Hightower dizia que ela fora visitar a família em qualquer parte do Estado, até que um dia, numa das suas ausências, uma mulher de Jefferson que fora a Memphis fazer compras, viu-a entrar apressadamente num hotel. Era sábado e a mulher contou tudo ao voltar a Jefferson. No dia seguinte, porém, Hightower estava novamente no púlpito misturando sempre a religião com a cavalaria a galope. A mulher voltou na segunda-feira; no domingo foi à igreja pela primeira vez, em seis ou sete meses, e sentou-se sozinha num dos últimos bancos. Daí por diante, durante algum tempo vinha à igreja todos os domingos. Depois ausentou-se novamente, no meio da semana dessa vez (era em julho e estava quente) e Hightower disse ainda que ela fora visitar a família no campo, para fugir ao calor. Os velhos e velhas que o observavam não sabiam se deviam ou não acreditar

no que ele dizia, e os jovens falavam mal dele pelas costas.

Mas não se poderia dizer se o próprio Hightower acreditava no que dizia ou se se importava que os outros acreditassem ou não. A religião e o avô derrubado do cavalo com um tiro se confundiam, como se a semente que o avô transmitira ao neto tivesse estado também no cavalo naquela noite e tivesse morrido, e o tempo tivesse parado ali mesmo para a semente, e nada tivesse acontecido desde então, nem mesmo ele próprio.

A mulher voltou antes de domingo. Fazia calor; os velhos diziam que jamais houvera na cidade uma tão forte onda de calor. Ela foi ao templo e sentou-se num banco atrás, sozinha. No meio do sermão saltou subitamente do banco e pôs-se a gritar. Gritava qualquer coisa, em direção ao púlpito, sacudindo as mãos para o púlpito onde o marido cessara de falar, curvando-se para a frente, com as mãos levantadas, ainda em atitude oratória. Algumas pessoas que se encontravam perto tentaram detê-la, mas ela resistia. E contaram a Byron que ela permanecera ali, na nave da igreja, gritando e torcendo as mãos em direção ao púlpito onde o marido se inclinava, ainda de mãos erguidas, o rosto desvairado, petrificado na forma da frase trovejante e alegórica que não conseguira terminar. Não sabiam se a mulher sacudia as mãos para ele ou para Deus. Finalmente o ministro desceu e aproximou-se dela, que já não se debatia, e conduziu-a para fora, enquanto as cabeças se voltavam à sua passagem, até que o sacristão fez sinal ao organista para que tocasse. Naquela tarde os catequistas e outras pessoas de responsabilidade efetuaram uma reunião a portas fechadas. O povo não soube o que lá se passou; soube-se apenas que Hightower voltara, entrara na sacristia e fechara também a porta.

Mas o povo não sabia o que acontecera. Sabia-se apenas que os fiéis haviam feito uma subscrição a fim de enviar a mulher do ministro para um sanatório e que Hightower a levava para lá, voltara e pregara no domingo seguinte, como de costume. As mulheres, as vizinhas que havia vários meses não entravam no presbitério, mostraram-se muito bondosas, levando-lhe de vez em quando bons bocados e fazendo entre si e com seus maridos. comentários sobre a desordem em que andava a casa e dizendo que o homem parecia comer como um glutão, bastando ter fome para comer o que quer que encontrasse. De quinze em quinze dias ia visitar a mulher no sanatório, mas sempre voltava um ou dois dias depois; e no domingo encontrava-se novamente no púlpito, e era como se nada tivesse acontecido. O povo perguntava por ela curiosamente e com amabilidade; informavam-se da sua saúde e ele agradecia. Mas no domingo lá estava novamente, com as mãos a gesticular braviamente e a sua voz desvairada estrondando sobre Deus, a salvação, os cavalos a galopar e o avô morto, enquanto cá embaixo os zeladores sentados e a congregação ficavam surpreendidos e escandalizados. A mulher de Hightower regressou no outono. Tinha aspecto melhor. Engordara um pouco. Não se lhe notava outra mudança. Parecia bem. Pelo menos,

parecia estar acordada. Em todo caso, agora era como as senhoras sempre haviam desejado que fosse a mulher do seu ministro. Frequentava com regularidade a igreja e os ofícios, recebia visitas, visitava as senhoras e até mesmo em sua própria casa permanecia sentada, humildemente e em silêncio, enquanto as senhoras lhe explicavam a maneira de dirigir a casa, de vestir-se e de alimentar o marido.

Dir-se-ia até que a haviam perdoado. Não se falara mais em nenhum crime ou transgressão e não haviam sugerido nenhum castigo. Porém a cidade não acreditava que as senhoras tivessem esquecido aquelas misteriosas excursões a Memphis — e com um objetivo acerca do qual todas eram unânimes em concordar, ainda que nenhuma o expressasse em voz alta —, porque o povo tinha certeza de que as mulheres boas não esquecem facilmente as coisas, nem as boas nem as más, com receio de que o gosto e o sabor do perdão desapareça do paladar da consciência. A cidade acreditava que as senhoras sabiam a verdade, porque achava que o mal pode enganar as mulheres más, as quais têm que empregar parte do tempo em não inspirar suspeitas, mas não pode enganar as boas, porque, justamente pelo fato de o serem, não necessitam de preocupar-se com a sua bondade, nem com a dos outros, razão pela qual não lhes resta muito tempo para farejar o pecado. E é esse o motivo pelo qual a cidade acreditava que o bem quase sempre pode enganar a mulher virtuosa, fazendo-a crer que é o mal, porém o próprio mal não a pode enganar jamais. E por isso quando, quatro ou cinco meses depois, a mulher de Hightower se ausentou para fazer uma de suas antigas visitas e o marido disse outra vez que ela fora ver a família, o povo se convenceu de que nem ele próprio se deixava enganar. Seja como for, a mulher voltou e Hightower continuou pregando todos os domingos, como se nada tivesse acontecido, visitando a gente, os enfermos, falando de assuntos da igreja, mas a mulher não frequentou mais os ofícios, e as senhoras de repente deixaram de visitá-la e de pôr os pés no presbitério. Nem os vizinhos da frente a viram mais em casa. E pouco depois era como se ela não morasse ali, como se todos tivessem convindo nisso e como se o ministro não tivesse esposa. E ele continuava a pregar todos os domingos e já nem sequer dizia que sua mulher tinha ido visitar a família. E a gente da cidade pensava que talvez ele se alegrasse com isso, por não precisar mentir mais.

E assim ninguém a viu quando tomou o trem naquela sexta-feira, ou talvez fosse no próprio sábado. Viram porém os jornais de domingo, os quais diziam que ela havia caído ou saltado da janela de um hotel, no sábado à noite, em Memphis, é morrerá. Havia um homem no quarto com ela. Prenderam-no. Estava bêbedo. Os dois estavam inscritos no registro do hotel como marido e mulher com um nome falso. A polícia descobriu o verdadeiro nome da mulher de Hightower; ela própria o escrevera num pedaço de papel que depois rasgara e jogara na cesta. Os jornais estamparam-no com todas as letras, ao narrar o caso: esposa do

reverendo Gail Hightower, de Jefferson, Mississippi. Segundo contavam, um jornal havia telefonado ao marido às duas horas da madrugada, e o marido respondera que não tinha nada a dizer. E quando o povo chegou à igreja naquele domingo de manhã, o recinto estava cheio de repórteres de Memphis, que tiravam fotografias do presbitério e do templo. Quando Hightower chegou, os repórteres tentaram detê-lo, mas o ministro passou por eles, entrou na igreja e subiu ao púlpito. As Velhas e alguns dos velhos já se encontravam na igreja, todos horrorizados e escandalizados, não tanto pelo caso de Memphis como pela presença dos jornalistas. Quando, porém, Hightower apareceu e subiu ao púlpito, esqueceram até mesmo os repórteres. As senhoras foram as primeiras a sair. Então os homens saíram também e a igreja ficou deserta. Permaneceu apenas o ministro, um pouco inclinado para a frente, no púlpito, sem sequer baixar a cabeça, com a Bíblia aberta e apoiada nas mãos, e os repórteres de Memphis (que o haviam seguido e entrado na igreja) sentados e enfileirados no último banco. Contaram que ele não vira a congregação deixar o templo; não estava olhando para coisa alguma.

Contaram tudo a Byron. Contaram como finalmente o pastor fechara cuidadosamente a Bíblia e descera do púlpito para o templo deserto, atravessara a nave sem olhar para os repórteres e saíra para a rua. Havia alguns fotógrafos esperando por ele diante da igreja, com as câmaras preparadas e a cabeça sob o pano negro. Evidentemente o pastor esperava por isso, pois saíra da igreja cobrindo o rosto com um livro de hinos aberto. É claro, porém, que os fotógrafos também estavam de sobreaviso, porque o burlaram. Provavelmente ele não estava acostumado àquilo e deixou-se enganar com facilidade, contaram a Byron. Um dos fotógrafos pusera a máquina de um lado e o ministro não a viu ou, se viu, já era tarde demais, e ocultara o rosto apenas para a máquina da frente. E no dia seguinte os jornais publicaram a fotografia que fora tirada de lado, na qual o ministro aparecia cobrindo a cara com o livro de hinos. Por trás do livro viam-se os lábios separados, como num sorriso; tinha porém os dentes cerrados e a cara parecia a de Satanás, tal como aparece nas gravuras antigas. No dia seguinte Hightower trouxe para casa o cadáver da esposa e enterrou-o. O povo assistiu à cerimônia. Não foi um funeral. Ele não levou o corpo à igreja; levou-o diretamente ao cemitério e dispunha-se a ler a Bíblia, quando chegou outro ministro e lhe tirou o livro das mãos. Inúmeras pessoas, jovens principalmente, ficaram ali olhando para o túmulo, depois que Hightower e os outros foram embora.

Então os membros das demais igrejas souberam que os próprios membros da igreja de Hightower lhe haviam pedido que renunciasse ao cargo - e que ele recusara. No domingo seguinte várias pessoas pertencentes a outras igrejas vieram à dele para ver o que aconteceria. O pastor veio e entrou no templo. Toda a congregação se ergueu, sem exceção, e saiu, deixando o ministro e os membros das outras igrejas que

tinham ido ali como se fossem a um espetáculo. Hightower pregou para eles como sempre pregara, com o arroubo furioso que os seus sempre haviam considerado como sacrílego e que aos membros das outras igrejas pareceu uma demência completa.

É Hightower não se demitia. Os catequistas e as zeladoras pediam às autoridades do seu culto que o removessem dali. Mas depois do que acontecera, das fotografias nos jornais e o resto, nenhuma outra cidade o queria como pastor. Insistiam todos em que nada tinham contra ele, pessoalmente, apenas Hightower fora infeliz. E as outras pessoas que tinham ido ao templo por mera curiosidade durante algum tempo deixaram também de comparecer. Hightower já não era nem mesmo um espetáculo: era um ultraje. Chegava sempre à igreja no domingo de manhã, na hora habitual, e subia ao púlpito. A congregação se erguia e ia embora. Então os desocupados começaram a reunir-se na rua para ouvi-lo pregar e orar na igreja vazia. Depois disso, certo domingo encontrou a porta fechada e os desocupados viram-no tentar abrir a porta, desistir depois e ficar ali, sempre sem baixar o rosto. Na rua uma fila de gente que nunca ia à igreja e alguns meninos que não sabiam exatamente de que se tratava, mas compreendiam que se passava alguma coisa, paravam e ficavam ali, arregalando grandes olhos espantados, vendo o homem de pé, imóvel, diante da porta fechada. E o povo soube no dia seguinte que Hightower se apresentara aos catequistas e pedira a sua demissão para o bem da igreja.

Então a cidade, como acontece quando alguém se arrepende de ter obrigado outrem a fazer o que não queria, lamentou ter-se alegrado. Pensaram que o mais natural seria que ele fosse embora, e a igreja fez uma subscrição para que ele se estabelecesse em qualquer parte. Hightower negou-se a abandonar a cidade. Contaram a Byron como se sentiram ultrajados ao saberem que Hightower havia comprado a pequena Casa retirada na qual vive agora e onde tem vivido desde então. Os catequistas reuniram-se novamente em conferência, porque — diziam eles — tinham-lhe dado o dinheiro para que fosse embora e, gastando-o em outra coisa, Hightower o aceitara de má fé. Foram vê-lo e disseram-lhe isso. O ministro pediu-lhes desculpas, saiu da sala, voltou com a quantia que lhe haviam dado, intacta, até o último centavo, nas mesmas notas que recebera, e pediu-lhes que aceitassem a devolução. Os catequistas recusaram e, como Hightower não dissesse de onde tirara o dinheiro para comprar a casa, no dia seguinte, conforme contaram a Byron, houve quem dissesse que Hightower fizera um seguro de vida para a mulher e em seguida pagara a alguém para que a assassinasse. Mas todos, inclusive os que o diziam e repetiam, sabiam que isso era falso.

E Hightower continuava na cidade. Então um dia viram o pequeno letreiro, feito e pintado por ele e colocado no jardim em frente à casa, e todos se convenceram de que o ex-pastor tinha intenção de ficar. Conservava finda a cozinheira negra que sempre o servira. Contaram a

Byron, porém, que, logo que a mulher morreu, toda a gente pareceu lembrar-se de que a negra era uma mulher e que ficava com ele o dia inteiro em casa. E que, nem bem esfriara de todo o cadáver da esposa na sepultura ignominiosa, já começavam a correr os boatos. E que Hightower fora o culpado da loucura de sua mulher e do suicídio desta, porque não era um marido normal, homem normal, e que a razão disso era a negra. Isso era o que se murmurava, o que faltava na história. Byron escutava 'em silêncio, pensando que a gente é a mesma em toda parte, mas via-se que numa cidade pequena, onde é mais difícil praticar o mal por serem menores as possibilidades de segredo, se podem inventar mais maldades para atribuir aos outros, porque não é preciso mais do que um pensamento, uma simples palavra ociosa, soprada de um espírito para outro. Um dia a cozinheira saiu. Soube-se que um grupo de homens mascarados se apresentara em casa do ministro para ordenar-lhe que a despedisse. No dia seguinte soube-se na cidade que a mulher contara que fora embora porque o patrão lhe havia pedido que fizesse algo que ela dizia ser contra Deus e a natureza. Contaram que alguns mascarados lhe haviam feito medo, a fim de que deixasse a casa, pois a cozinheira era um tanto petulante, e sabia-se que na cidade havia dois ou três homens que se opunham a que ela fizesse o que quer que considerasse contra Deus e a natureza, porque, conforme diziam alguns jovens, uma ação que uma negra considera ser contra Deus e a natureza deve de fato ser algo que não presta. Seja como for, o ministro não pôde ou não quis arranjar outra cozinheira. É possível que os homens tivessem assustado todas as outras negras da cidade na mesma noite. E Hightower começou então a fazer ele próprio a sua comida, e finalmente se soube que havia tomado um cozinheiro negro. Isso o liquidou definitivamente, porque na mesma noite alguns homens, mesmo sem máscaras, tiraram o negro da casa e o açoitaram. E quando Hightower se levantou na manhã seguinte, encontrou quebrada a janela do gabinete e viu no chão um tijolo ao qual estava preso um bilhete assinado K. K. K. (Ku-Klux-Klan) e em que se lhe ordenava, saísse da cidade antes do pôr-do-sol. Hightower não saiu e na manhã seguinte um homem o encontrou atado a uma árvore na mata que ficava a cerca de uma milha da cidade. Fora açoitado até perder os sentidos.

O ex-pastor negou-se a dizer quem o havia açoitado. A cidade sabia que aquilo não era justo e alguns homens foram vê-lo e tentaram novamente persuadi-lo a deixar Jefferson para o seu próprio bem; disseram-lhe que da próxima vez poderia ser morto. Ele, porém, se recusou a partir. Não queria falar sobre a surra que levava, nem mesmo quando lhe propuseram processar os homens que o haviam açoitado. Hightower negou-se tanto a falar como a ir embora. Então, subitamente, tudo se desvaneceu, como um vento mau. Foi como se a cidade compreendesse afinal que ele faria parte da sua vida até morrer, e que nada se perdia em fazer as pazes. Era como se tudo aquilo— pensou

Byron — não tivesse sido mais que um grupo de pessoas representando uma peça de teatro, na qual fora designado a cada um o seu papel e que, uma vez terminada a representação, todos pudessem viver tranquilamente juntos dali por diante. Deixaram Hightower em paz. Viam-no trabalhando no quintal ou no jardim, e na rua e nas lojas, com uma cestinha no braço, e lhe dirigiam a palavra. Sabiam que ele próprio cozinhava e fazia todo o trabalho de sua casa, e no fim de algum tempo os vizinhos começaram novamente a mandar-lhe pratos de presente, conquanto fosse apenas uma comida que poderiam mandar a qualquer família pobre das serrarias. Mas era comida e a intenção é que valia. Em vinte anos a gente esquece muitas coisas, pensou Byron. “Estou certo”, pensava ele, “de que em Jefferson não há ninguém, exceto eu próprio, que saiba que Hightower permanece sentado à janela todos os dias, desde o pôr-do-sol até que escurece de todo. Não há ninguém que saiba como é o interior da casa. E sequer sabem que eu sei, senão era provável que nos pegassem e nos dessem outra surra, pois parece que o povo assim como esquece depressa, lembra depressa.” Porque havia outra coisa de que Byron tivera conhecimento e que observava desde que viera morar em Jefferson.

Hightower lia muito, isto é, Byron examinara, com uma espécie de consternação respeitosa e absorta, os livros enfileirados nas paredes do gabinete: livros de religião, de história, de ciência, que ele não sabia que existiam. Haverá uns quatro anos, um negro chegou um dia à casa do ministro. Correrá desde a cabana em que vivia, nos arredores da cidade, e disse-lhe que sua mulher estava com as dores do parto. Hightower não tinha telefone. Disse ao negro que fosse à casa vizinha e chamasse um médico, e viu-o chegar à porta. Mas, em vez de entrar, o negro ficou ali por algum tempo e depois subiu a rua, encaminhando-se para a cidade, Hightower sabia que o negro iria até a cidade e que depois teria de gastar mais uma meia hora até poder entrar em contato com o médico. Faria tudo isso atordoadamente, sem noção do tempo, à maneira dos negros, de preferência a pedir a uma mulher branca que telefonasse. Hightower dirigiu-se então à porta da cozinha, de onde ouviu os gemidos da negra na cabana que não ficava muito distante. Não esperou mais. Correu até lá e viu que a mulher havia saltado da cama — por que motivo Hightower nunca o soube — e se arrastava pelo chão, gemendo e gritando, tentando novamente chegar até a cama. Hightower ajudou-a a deitar-se, disse-lhe que ficasse quieta, assustou-a para que lhe obedecesse, correu à casa, pegou um dos livros da estante, a sua navalha, um pouco de fio, voltou e assistiu a negra no parto. Mas a criança nasceu morta. O médico que chegou depois, disse que sem dúvida a mãe a havia prejudicado ao saltar da cama para o chão, onde Hightower a encontrara. Aprovou o trabalho do ministro e o pai também ficou satisfeito.

“Mas isso sucedeu muito pouco tempo depois do outro caso”,

pensou Byron, “pois, apesar de terem transcorrido quinze anos entre os dois acontecimentos, dois dias depois havia gente que dizia que Hightower era o pai da criança e que a havia deixado morrer de propósito.” Contudo Byron estava certo de que nem mesmo os que diziam isso o acreditavam. Ele pensava que a gente da cidade se acostumara a dizer acerca do decaído ministro coisas nas quais muitos não acreditavam nem o tempo suficiente para julgá-las verdadeiras. “O que se transforma em hábito”, pensava Byron, “encontra sempre jeito de ficar muito longe da verdade, da realidade.” E lembrava-se de uma ocasião em que conversava com Hightower e este lhe dissera: “É boa gente, que precisa crer no que deve crer, principalmente porque fui eu durante algum tempo o diretor e o servidor das suas crenças. Portanto, não devo ofender essas crenças nem também é para Byron Bunch dizer que eles não têm razão. Porque, afinal de contas, o mais que um homem pode esperar é que o deixem viver em paz entre os outros.” Foi isso logo depois que contaram a história a Byron, pouco depois que começaram as suas visitas noturnas ao gabinete do ministro e ele ainda estranhava que Hightower permanecesse em Jefferson, quase ao alcance e à vista da igreja que o havia renegado e que o expulsara. E uma noite Byron lhe fez a pergunta.

— Por que motivo passa as tardes de sábado trabalhando na serralha, enquanto os outros homens se divertem na cidade? — tornou-lhe Hightower.

— Não sei — respondeu Byron. — Talvez seja porque é essa a minha vida.

— E a minha também é essa — disse o outro.

“Agora já sei qual a razão”, pensava Byron. “É porque a gente receia mais as dificuldades que poderá encontrar do que as que já encontrou. Antes de arriscar-se a mudar, apegam-se à dificuldade anterior, à conhecida. Sim. Fala-se em escapar dos vivos, mas são os mortos que nos prejudicam., É dos mortos que não podemos escapar, dos mortos que estão quietos no seu lugar e que não tentam agarrar-nos.”

Os cavalos passaram rapidamente e com estrondo, e resvalaram para o silêncio e para a escuridão. Já é noite fechada. Hightower continua sentado à janela do gabinete e atrás dele o aposento permanece ainda às escuras. O lampião da esquina pestaneja e reverbera, e a sombra recortada dos áceres imóveis parece balançar frouxamente na obscuridade de agosto. A distância, vagamente mas com suficiente clareza, Hightower ouve a harmonia sonora das vozes que cantam em coro na igreja; é Um som ao mesmo tempo austero e cheio, humilde e arrogante, que aumenta e diminui como uma onda de harmonia na escuridão silenciosa da noite de verão.

Então avista um homem que vem seguindo a rua. Em qualquer outra noite da semana teria reconhecido a figura, a forma, o ar e o porte, mas domingo à noite, com o eco dos fantasmagóricos cascos de cavalos

que se perde surdamente no aposento escuro, ele observa silenciosamente a pequena silhueta que se aproxima a pé, com a precária e falsa habilidade dos animais que se equilibram sobre as patas traseiras, essa habilidade de que o animal homem tanto se orgulha e que o atraiçoa constantemente por meio das leis naturais, como a gravidade e o gelo, e também por meio dos próprios objetos estranhos que ele mesmo inventou, como os automóveis, os móveis no escuro e os restos da sua própria comida largados no chão. Vendo que o homem passa do letreiro, transpõe a porta do jardim e se aproxima da casa, Hightower pensa que os antigos tinham razão quando faziam do cavalo um atributo e um símbolo de guerreiros e reis. Inclina-se para a frente, para ver o homem que se adianta pelo atalho escuro até a porta escura: ouve-o tropeçar no primeiro degrau, no escuro: "Byron Bunch", diz ele. "Byron Bunch na cidade domingo de noite! Byron Bunch na cidade num domingo!"

Estão sentados um em frente ao outro, com a escrivanhinha de permeio. Sobre a mesa brilha agora uma lâmpada de leitura, de abajur verde, que ilumina o gabinete. Hightower está sentado numa velha cadeira giratória, e Byron em frente, numa outra cadeira. Os reflexos da lâmpada não batem diretamente no rosto de nenhum dos dois. Pela janela aberta vem o som dos hinos cantados na igreja distante. Byron fala com voz apagada e monótona.

— Era uma coisa muito estranha. Eu julgava que, se havia um lugar onde não se encontraria possibilidade de fazer mal, esse lugar seria justamente a serraria numa tarde de sábado. E com a casa a arder na minha própria cara, por assim dizer. Enquanto comia, levantava os olhos de vez em quando, via a fumaça e pensava: “Ao menos esta noite não verei viva alma por aqui. Pelo menos esta noite ninguém me virá interromper.” Levantei a cabeça e ela estava ali com o rosto sorridente e a boca quase a pronunciar o nome dele, quando viu que eu não era ele. E não me ocorreu nada mais senão tagarelar e contar tudo.

Byron faz uma leve careta que não é um sorriso. O lábio superior apenas se ergue momentaneamente, o movimento se desvanecendo quase no ato, nem chegando a enrugando a pele do rosto.

— Nem sequer suspeitei então que o que eu ignorava não era o pior.

— Uma coisa capaz de conservar Byron Bunch em Jefferson no domingo tinha de ser uma coisa verdadeiramente estranha — comentou Hightower. — Ela andava procurando o homem e você a ajudou a encontrá-lo. Não era isso o que ela queria? Não foi para isso que ela veio de Alabama?

— Não há dúvida alguma de que a informei direito. Quanto a isso, não há dúvida alguma. Sentada ali, muito barriguda, olhava-me com uns olhos aos quais ninguém poderia mentir, ainda que quisesse. E eu a tagarelar. A fumaça parecia estender-se à minha vista como para me advertir, para me dizer que tivesse cuidado com as minhas palavras, e eu não compreendi.

— Ah! — disse Hightower. — A casa que ardeu ontem? Mas não vejo relação entre... De quem era a casa? Também vi a fumaça e perguntei a um negro que passava, mas ele não soube dizer.

— A velha casa dos Burdens — respondeu Byron olhando para o outro. Olham um para o outro. Hightower é um homem alto, que outrora foi delgado, mas já não o é. Sua pele tem a cor de um saco de farinha; a parte superior do seu corpo é também como um saco de farinha não bem cheio, que cai por seu próprio peso, dos ombros ossudos até o ventre. E Byron diz: “Então ainda não sabe.” O outro o observa. Byron continua meditativamente:

— Até isso eu teria de fazer. Dizer em dois dias, a duas pessoas, uma

coisa que não queriam ouvir e que nunca deviam ter ouvido.

— Que é que pensa que não quero ouvir? Que foi que não ouvi ainda?

— Não me refiro ao incêndio — diz Byron. — Escaparam do incêndio a tempo.

— Escaparam? Julguei que Miss Burden vivesse sozinha.

Byron olha novamente para o outro por um momento, mas o rosto de Hightower não mostra mais do que interesse e gravidade. — Brown e Christmas — diz Byron. O rosto de Hightower não muda de expressão. — Nem isso tinha ouvido dizer? — pergunta Byron. — Brown é Christmas viviam ali.

— Viviam ali? Hospedados na casa?

— Não. Viviam numa velha cabana de negros, por trás da casa. Christmas a consertou há três anos e tem vivido ali desde então, e ninguém sabia onde ele dormia. Mais tarde, quando se associou com Brown, levou-o para morar com ele. Ah! — replicou Hightower. — Não compreendo... Se achavam bom o pouso e se Miss Burden não...

— Creio que se entendiam bem. Vendiam uísque e empregavam a cabana velha como quartel-general, como esconderijo. Não sei se Miss Burden sabia... Pelo menos não se sabe ainda se ela estava ou não a par da história. Dizem que Christmas começou o negócio há três anos, vendendo a alguns fregueses certos, que nem mesmo se conheciam uns aos outros. Mas, quando levou Brown para ali, este quis ampliar o negócio e começou a vender bebida a qualquer um, aos litros, tirando-a do peito da camisa em qualquer beco. Isto é, vendendo o que não bebia. E parece-me que a maneira de obter o uísque que vendiam não era das mais limpas, pois, uma ou duas semanas depois que Brown deixou a serraria e quando sua ocupação consistia em rodar pela cidade num automóvel novo, embriagou-se num sábado à noite e na barbearia começou a gabar-se de algo que lhe havia acontecido e a Christmas uma noite em Memphis, ou numa estrada perto de Memphis. Falava em alguma façanha deles em que figuravam o tal automóvel novo escondido no mato, Christmas com uma pistola e mais um caminhão com cem litros de alguma coisa. Nisso, chega Christmas às carreiras, dirige-se a ele e arranca-o de repelão da cadeira. E diz-lhe Christmas com aquela voz que não tem nada desagradável mas que também não é violenta: “Você não devia beber tanto desse tônico para o cabelo que há em Jefferson, porque lhe sobe à cabeça. Pode ficar com a cabeça inchada antes de dar por isso.” Segurava Brown com uma das mãos e com a outra dava-lhe bofetadas. Os golpes não pareciam fortes, mas os presentes podiam ver as manchas vermelhas por baixo das suíças de Brown quando a mão de Christmas se afastava entre um soco e outro. “Venha para fora tomar um pouco de ar”, disse Christmas. “Você não deixa os outros trabalhar.”

Byron reflete. E logo continua:

— E ela estava ali, sentada sobre as tábuas, olhando para mim. Eu ia-lhe dizendo tudo e ela sem tirar os olhos de mim. De rebente pergunta: “Ele tem uma pequena cicatriz branca num canto da boca?”

— E o homem é Brown — diz Hightower. Sentado, imóvel, olha para Byron com uma espécie de assombro tranquilo, no qual, contudo, não se nota nada de agressivo, nada de moralidade Ofendida. É como se estivesse ouvindo falar acerca das ações de pessoas de uma raça diferente. — E o marido dela é um contrabandista de álcool. Bem, bem.

Byron lê no rosto do outro alguma coisa que estava escondida e que está prestes a despertar, como se essa coisa dentro dele (algo de que o próprio Hightower não tem consciência) o estivesse advertindo e preparando para isso. Byron, porém, crê que aquilo não é mais que o reflexo do que ele já sabe e está para contar.

— E assim, antes de o notar, eu já havia dito tudo 'à mulher. Por que não mordi a língua, partindo-a em duas, antes de contar o que contei?

Byron já não olha para Hightower. Através da janela chegam na noite tranquila, da igreja distante, vagamente mas com suficiente clareza, as Vozes fundidas ao som do órgão. *Ouvirá ele também?*, pensa Byron. *É possível que o tenha escutado tantas vezes e tanto tempo que nem sequer o ouça já, nem sequer tenha mais necessidade de prestar atenção.*

— E ela ficou lá sentada durante toda a tarde, enquanto a fumaça se dissipava afinal e eu trabalhava e tentava pensar no que havia de dizer e fazer. Ela queria ir imediatamente para lá. Queria que eu lhe ensinasse o caminho. Quando eu lhe disse que ficava a duas milhas de distância, limitou-se a sorrir, como se eu fosse uma criança ou coisa parecida. “Venho de Alabama”, disse ela. “Não vou assustar-me por causa de duas milhas mais.” Então eu lhe disse...

Byron calou-se um momento. Parecia contemplar o chão. Pouco depois levantou a cabeça.

— Disse-lhe uma mentira. Apenas, de certo modo não era uma mentira. É que eu sabia que, quando ela chegasse lá, à procura dele, haveria muita gente a olhar O incêndio. Não sabia eu do mais, do resto, do pior de tudo. Disse-lhe que Brown estava ocupado e que a melhor hora para encontrá-lo seria depois das seis na cidade. E isso era verdade, pois a isso chama ele trabalho — levar, as garrafinhas frias sobre o peito. E que se não o encontrasse na praça, era porque se havia atrasado um pouco ou parara em alguma esquina um momento. Convenci-a, pois, de que devia esperar e ela continuou sentada, enquanto eu continuava trabalhando e tratando de decidir o que devia fazer. Quando penso, agora que sei do resto, a preocupação que me dava o pouco que sabia, parece-me que não tinha nenhuma razão de me preocupar. Durante todo o dia fiquei pensando como me teria sido. fácil se ..pudesse voltar ao dia de ontem, não ter mais preocupações do que as que tinha então.

— Não compreendo ainda o motivo da sua preocupação — replica Hightower. — Você não tem culpa de que o homem seja o que é, nem também de que ela seja o que é. Fez o que pôde. O que se pode esperar de um desconhecido. A não ser que...

A voz de Hightower se apaga também. Morre naquela inflexão, como se o pensamento vago se tivesse transformado em meditação e logo depois em alguma coisa semelhante a ansiedade. Diante dele está Byron, sentado, imóvel, com a cabeça baixa e a expressão grave. E diante de Byron, Hightower não pensa ainda em *amor*. Lembra-se apenas de que Byron ainda é jovem e tem levado uma vida de celibatário e de trabalho árduo, e que, segundo a sua narrativa, aquela mulher, que ele nunca vira, tem pelo menos uma qualidade perturbadora, ainda que Byron continue a pensar que ela não inspira mais que piedade. Agora observa Byron mais de perto, sem frieza mas também sem entusiasmo, enquanto o outro continua a contar-lhe, com a mesma voz apagada, que mais ou menos às seis horas da tarde ainda não havia decidido nada e que, "quando Lena e ele chegaram à praça, ainda estava indeciso. E agora começa a aparecer no rosto perplexo de Hightower uma expressão de temor e de presságio, à medida que Byron continua a contar em voz baixa que, quando chegaram à praça, resolveu levar Lena para a casa de Mrs. Beard. Byron falava com voz tranquila, pensando, lembrando. Era como se, no ar, na noite, houvesse alguma coisa que fazia os rostos conhecidos parecerem estranhos, e como se ele, sem o saber ainda, sem ter necessidade de saber que acontecera qualquer coisa que convertia o antigo dilema da sua inocência numa questão infantil, soubesse, antes de saber o que tinha sucedido, que

Lena não devia ouvir uma palavra sobre aquilo. Byron sequer tinha necessidade de que lhe dissessem com palavras que com toda a certeza dera com o Lucas Burch perdido; pareceu-lhe que apenas em virtude da mais crassa estupidez deixara de compreender o que lhe cumpria. Pareceu-lhe que o destino e as circunstâncias o haviam prevenido o dia inteiro, pondo nos céus aquela coluna de fumaça amarela que ele fora tão bronco que não soubera decifrar. E não deixou também que o dissessem as pessoas pelas quais passavam e nem sequer o ar que lhes batia no rosto, para que Lena não o ouvisse. Byron sabia talvez naquele momento que ela não tardaria a ser informada, a ouvir, mais cedo ou mais tarde; que de certo modo tinha o direito de saber. Mas parecia-lhe que, se conseguisse que Lena atravessasse a praça e entrasse numa casa, encontrar-se-ia livre da responsabilidade. Não responsabilidade pelo mal a que não estava ligado por nenhuma outra razão, exceto a de ter passado a tarde com ela, enquanto o mal acontecia, uma vez que as circunstâncias o haviam escolhido para representar Jefferson diante da mulher que tivera de caminhar sem dinheiro, durante trinta dias, para chegar à cidade. Byron não esperava nem tentava evitar essa responsabilidade. Não a contrairia senão para dar a si próprio e, também a ela o tempo para a impressão e a

surpresa. E vai desfiando calmamente a sua história, indeciso, com a cabeça inclinada, num tom apagado e monocórdio, enquanto Hightower o observa do outro lado da mesa com uma expressão de retraimento e recusa.

Finalmente chegaram a pensão e entraram. E era como se Lena o tivesse pressentido, pois foi à primeira a falar, olhando-o, quando se encontravam de pé no vestibulo.

— Que é que essa gente queria contar-lhe? Que há nessa história da casa incendiada?

— Nada — replicou Byron com uma voz que a ele próprio pareceu seca e sem convicção. — Parece que Miss Burden ficou ferida.

— Como? Que espécie de ferimento?

— Acho que não foi muito grave. Talvez esteja sã e salva. Provavelmente é só falatório. Essa gente gosta muito de falar.

Byron não podia olhar para 'Lena, não podia resistir ao seu olhar, mas percebeu que Lena olhava para ele e pareceu-lhe ouvir inúmeros sons: vozes, as vozes abafadas que iam pela cidade, pela praça que atravessara pressuroso com Lena, e onde os homens se reuniam entre as luzes familiares e comentavam tudo. A casa também parecia cheia de sons familiares, mas cheia sobretudo de inércia, de uma terrível demora, enquanto Byron olhava para o vasto e escuro vestibulo, pensando: *Por que não virá? Por que não virá?* E Mrs. Beard, mulher de aspecto agradável, de braços vermelhos e cabelos grisalhos e despenteados, chegou por fim. “Esta é Mrs. Burch, diz Byron. Sua expressão era quase um resplendor: impertinente, pressurosa. “Acaba de chegar de Alabama. Von reunir-se a seu marido, que ainda não chegou. Eu trouxe-a para cá, para que possa descansar antes de envolver-se na agitação da cidade. Ainda não estive na cidade, nem falou com ninguém, e pensei que a senhora poderia arranjar aqui um lugar onde possa descansar, antes que comecem a contar-lhe coisas e...” A voz pressurosa, impertinente, de Byron deixou de ser ouvida, morreu. Byron pensou que Mrs. Beard havia compreendido o que ele queria dizer. Mais tarde soube que não fora em atenção ao seu pedido que Mrs. Beard se absteria de dizer o que Byron sabia haver chegado também ao conhecimento da dona da pensão, mas sim porque está já tinha reparado na gravidez de Lena e de qualquer forma guardaria reserva sobre o assunto. Mrs. Beard só olhou para Lena uma vez, mas de uma maneira completa, como o tinham feito em relação a ela tantas mulheres que não a conheciam.

— Quanto tempo ela tenciona demorar? — perguntou.

— Uma ou duas noites — respondeu Byron. — Talvez esta noite apenas. Veio reunir-se ao marido e ainda não teve tempo de perguntar, de indagar.

A voz de Byron continua recapitulando, cheia de sentido. Mrs. Beard olhou para ele. Byron pensou que ela estaria tratando de

compreender o sentido do que ele dissera. Porém o que a dona da pensão fazia era olhá-lo, perscrutando-o, acreditando (ou muito inclinada a acreditar) que à indecisão de Byron tinha um sentido, uma razão diferente. Em seguida olhou de novo para Lena. Seu olhar não era exatamente frio, mas também, não era cálido.

— Não creio que ela tenha necessidade de ir a algum lugar, no momento — disse Mrs. Beard.

— Foi isso o que pensei também — respondeu Byron depressa e com ansiedade. — Com as coisas que podem chegar aos ouvidos dela e com a agitação que vai por aí... Se a senhora tem todos os quartos ocupados esta noite, podia dar-lhe o meu.

— Sim — concordou imediatamente Mrs. Beard. Provavelmente o senhor vai sair dentro de poucos minutos. Quer que ela fique no seu quarto até segunda-feira, quando voltar?

— Não posso sair esta noite — respondeu Byron sem desviar os olhos. — Esta noite não posso.

Byron olhou-a fixamente nos olhos frios é descrentes, observando-a — a ela que por sua vez tratava de ler-lhe o pensamento —, acreditando que Mrs. Beard lia o que lá estava, em vez do que ela cria que lá estava. Dizem que quem sabe enganar é o mentiroso experimentado; mas muitas vezes o embusteiro experimentado e crônico não engana senão a si mesmo; o homem que toda a vida esteve convencido da sua própria veracidade é justamente aquele cujas mentiras são mais depressa acreditadas.

— Ah! — exclamou Mrs. Beard olhando de novo para Lena. — Ela não tem nenhum conhecido em Jefferson?

— Não conhece ninguém aqui deste lado de Alabama. Provavelmente Mr. Burch aparecerá amanhã.

— E onde irá o senhor dormir esta noite? — Não esperou resposta. — Creio que poderei preparar uma cama para ela no meu quarto, por esta noite, se a ela convém.

— Está muito bem; está muito bem — respondeu Byron.

Quando a campainha soou anunciando o jantar, Byron já estava preparado. Encontrara uma ocasião para falar com Mrs. Beard. Para inventar aquela mentira necessitava de mais tempo do que para inventar todas as outras. Logo viu que não era preciso, que o que tratava de ocultar se ocultava por si mesmo.

— Os homens não de falar na mesa — disse Mrs. Beard.

— Creio que uma mulher nesse estado (e ainda mais procurando encontrar um marido chamado Burch, pensou com seca ironia) não precisa estar ouvindo remoques dos homens. Traga-a mais tarde, depois que todos tiverem jantado.

Assim fez Byron. Lena comeu de novo com bom apetite e com o

mesmo decoro grave e sincero e quase caiu adormecida sobre o prato, antes mesmo de terminar.

— Viajar cansa muito — explicou.

— Sente-se no salão e espere que eu lhe arrume a cama — disse-lhe Mrs. Beard.

— Gostaria de ajudar — disse Lena. Mas o próprio Byron viu que ela não o poderia fazer, que estava morrendo de sono.

— Vá para o salão e sente-se — repetiu Mrs. Beards — Julgo que Mr. Bunch não verá nenhum inconveniente em fazer-lhe companhia por alguns minutos.

— Não me atrevi a deixá-la só — disse Byron. Na outra extremidade da mesa Hightower continuava imóvel. — E está- vamos sentados no salão, no momento preciso em que todo mundo se dirigia à delegacia de polícia, no mesmo momento em que Brown estava contando tudo a respeito de Christmas, dele próprio, do uísque, de tudo. Desde que Christmas tomara Brown como sócio, o caso do uísque já não era mais segredo para ninguém. E creio que a única coisa que causou admiração ao povo foi Christmas ter arranjado um tal sócio. Talvez seja porque não somente cada qual fica com o seu igual; é que cada qual nem ao menos escapa de ser encontrado pelo seu igual. Isso acontece mesmo quando duas pessoas não se parecem senão numa coisa. Aqueles dois se pareciam um com o outro, e eram diferentes. Christmas desafiava a lei para ganhar dinheiro e Brown a desafiava porque lhe faltava até o senso para compreender que estava desafiando a lei. Como naquela noite da bebedeira em que se pôs a falar pelos cotovelos na barbearia e Christmas entrou quase correndo e o arrastou para fora. Quando Mr. Maxey perguntou: “Que julga o senhor que ele esteve quase a contar a respeito de si e do outro?”, o capitão McLendon respondeu: “Eu nada julgo a tal respeito.” “Acha” — continuou Mr. Maxey — “que eles realmente estavam assaltando o caminhão carregado de bebidas de outrem?” O capitão respondeu: “O senhor ficaria surpreso se lhe- viessem dizer que esse Christmas fizera coisa pior do que isso na vida?”

“Isso era o que Brown declarava ontem à noite. E toda a gente já sabia. Durante algum tempo o povo dizia que alguém devia contar aquilo a Miss Burden, mas parece-me que não havia ninguém que quisesse fazê-lo, porque ninguém sabia o que ia acontecer depois. Estou certo de que há gente nascida aqui que não conhece Miss Burden nem de vista. Creio que eu também não teria gostado de ir àquela casa velha na qual nunca ninguém a via, a não ser alguém que passasse de carro e que a via de vez em quando de pé no jardim, com um vestido e uma coifa que certas negras que eu conheço jamais consentiriam em usar, por causa da forma e do ar que lhe davam. É possível que ela já soubesse de tudo. E sendo ela *yankee*, é possível que não se importasse. E ninguém sabia o que poderia acontecer depois.”

“Não me atrevi a deixar Lena sozinha, até ela ir deitar-se. Tinha intenção de vir vê-lo ontem mesmo, porém não me atrevi a deixá-la. Os outros hóspedes não cessavam de passar de um lado para outro do vestibulo, e eu não sabia quando qualquer deles poderia ter a idéia de aproximar-se e começar a tagarelar e contar-lhe tudo. Eu já ouvia alguns falarem sobre isso na varanda, enquanto Lena continuava a olhar para mim com o jeito de quem se preparava para fazer-me outra pergunta acerca do incêndio. Por isso não me atrevi a deixá-la. Sentada no salão, ela mal podia conservar os olhos abertos. Eu lhe dizia que a ajudaria a encontrá-lo, mas primeiro precisava falar com um pregador meu conhecido, que a ajudaria a pôr-se em contato com ele. Estava sentada ali com os olhos fechados, sem saber que eu sabia que aquele indivíduo não era casado com ela. Convencida de ter enganado a todos nós, perguntou-me que espécie de homem era aquele com quem eu tencionava falar a respeito dela. Respondi à sua pergunta e, para terminar, disse-lhe: A senhora não ouviu nem uma palavra do que falei. Lena fez um movimento como para despertar e disse sem abrir Os olhos: ‘Ele ainda pode casar as pessoas?’ ‘Pode o quê?’, perguntei. E Lena: ‘E ainda ministro e pode casar as pessoas?’”

Hightower não se moveu. Continua muito ereto, com os antebraços paralelos aos braços da cadeira. Está sem colarinho, sem paletó. Tem o rosto descarnado e balofo ao mesmo tempo; era como se tivesse dois rostos superpostos que olham por sob o crânio pálido e calvo, coroado por uma franja de cabelos grisalhos, por trás dos dois revérberos imóveis dos óculos. A parte do seu busto que aparece sobre a mesa é informe, quase monstruosa, de uma obesidade branda de sedentário. Sentado ali, rigidamente, no seu rosto fixou-se já a expressão de evasão e recusa.

— Byron — diz —, Byron, que é que me está dizendo?

Byron se cala e olha tranquilamente para o outro, com uma expressão de comiseração e piedade.

— Eu sabia que o senhor ainda não fora informado. Já sabia que era eu que teria de vir contar-lhe.

Entreolharam-se.

— Que é que não ouvi contar ainda?

— É a respeito de Christmas. Do que se passou ontem e de Christmas. Christmas é meio negro. É a respeito dele, de Brown e do que se passou ontem.

— Meio negro — repete Hightower. Sua voz soa de leve, trivial, como o som de uma flor de cardo que cai no silêncio, sem ruído, sem peso. Não se move. Passa-se um momento sem que ele se mova. E de repente parece surgir sobre o seu corpo, como se todas as suas partes fossem tão móveis como as feições do rosto, aquele encolher, aquela recusa, e Byron vê a cara enorme, imóvel e balofa brilhando com o suor. Mas sua fala é leve e calma.

— Que aconteceu a Christmas e a Brown? Que houve no dia de ontem? — pergunta.

O som da música na igreja distante cessou já há muito tempo. Agora não se ouve na sala senão o som estrídulo dos insetos, e o som monótono da voz de Byron. Hightower continua ereto na sua cadeira, atrás da mesa. Com as palmas das mãos paralelas e voltadas para baixo, oculta pela mesa a parte inferior do corpo, tem a postura de um ídolo oriental.

— Aconteceu ontem de manhã. Um camponês vinha da cidade num carro com sua família. Foi ele que descobriu o incêndio. Não; foi o segundo a chegar. Diz que quando rebentou a porta já havia outro ali. Contou como divisara a casa e dissera a sua mulher que era muito bonita a coluna de fumaça que saía da cozinha. O carro continuou rodando e a mulher lhe disse: “Essa casa está ardendo.” Nesse momento devem ter parado o carro e continuaram sentados, a olhar para a fumaça, e ao cabo de algum tempo o homem disse: “Parece que sim.” A mulher o fez descer do carro e ir verificar o que havia. “Não notaram que está ardendo”, disse ela. “Vá até lá e previna-os.” O homem saltou do carro, foi até a entrada e pôs-se a berrar: “Olá! Olá!” Segundo conta, ouvia o crepitar do fogo dentro da casa e então, metendo o ombro na porta, arrombou-a, e ao entrar encontrou o outro que já havia dado primeiro pelo incêndio. Era Brown. Mas o camponês não sabia e disse que no vestibulo havia um bêbedo que parecia haver caído naquele momento da escada abaixo. E disse-lhe: “Ouça, senhor. A sua casa está queimando.” Não havia notado até que ponto o outro estava embriagado. O ébrio dizia que não havia ninguém em cima e que, como lá estava tudo em chamas, não valia a pena tentar salvar coisa alguma do andar superior.

“O camponês sabia que não podia haver muito fogo em cima, porque a casa ardia mais na parte dos fundos. Além disso o homem estava tão bêbedo que não dizia coisa com coisa. O camponês disse então ter desconfiado de que havia ali algo de anormal, à vista da insistência do ébrio em impedir que ele subisse. Por isso tentou fazê-lo e o outro quis segurá-lo. Ele, porém, o empurrou e continuou a subir. E o homem procurou segui-lo, repetindo sempre que em cima não havia nada. Quando voltou para baixo e se lembrou do ébrio, este havia desaparecido. Mas creio que passou algum tempo antes que ele pensasse novamente em Brown, porque subiu de novo a escada, sempre aos berros, abrindo portas, até que acertou com a que devia abrir e encontrou-a.”

Byron calou-se. Na sala não se ouvia mais que o ruído dos insetos. Para lá da janela aberta, miríades de insetos às tontas zumbiam incessantemente.

— Encontrou-a — repetiu Hightower. — Encontrou Miss Burden.

O ministro não se move. Byron não olha para ele; estava contemplando as mãos que tinha sobre os joelhos, enquanto falava.

— Estava estendida no chão. Tinha a cabeça quase separada do

tronco. Era uma senhora cujos cabelos começavam a encanecer. O homem disse que ficou ali imóvel a ouvir o estalido do fogo. Já havia fumaça no quarto, como se esta o tivesse seguido. Teve medo de erguê-la porque a cabeça podia desprender-se. E desceu correndo a escada, saiu pela porta principal sem se lembrar mais do ébrio que sumira, meteu-se na estrada e disse a sua mulher que açoitasse as mulas e fosse até o telefone mais próximo e chamasse o xerife. Voltou correndo para a casa, dirigiu-se à cisterna e já puxava um balde d'água quando compreendeu a tolice que fazia, pois a casa já ardia toda. Imediatamente tomou a entrar, subiu de novo a escada, entrou no quarto, tirou uma colcha da cama, envolveu o cadáver, prendeu as duas extremidades da colcha e carregou o fardo no ombro, como se fosse um saco de farinha* levou-o para fora da casa e o depôs debaixo de uma árvore. Disse que estava com medo do que acontecera, porque a colcha se abria e o corpo jazia de lado, olhando para um lado com a cabeça voltada como se estivesse olhando para trás. E o camponês disse que, se ela pudera fazer aquilo estando viva, não poderia fazê-lo agora que estava morta.

Byron calou-se e dirigiu um olhar ao homem do outro lado da mesa. Hightower não se movera. O seu rosto suava sempre e dos óculos se desprendiam revérberos.

— Chegou o xerife, chegaram os bombeiros que nada puderam fazer porque não havia água para a mangueira. O incêndio continuou até a última hora da tarde. Da serraria avistava-se a fumaça e eu mostrei-a a Lena, quando ela chegou; naquele momento eu de nada sabia. Trouxeram Miss Burden para a cidade. No banco havia um papel no qual ela dizia o que deviam fazer com o seu corpo quando ela morresse. Por esse papel ficou-se sabendo que Miss Burden tinha um sobrinho no Norte, de onde era a sua família. Telegrafaram ao sobrinho e duas horas depois recebiam uma resposta, na qual o sobrinho prometia uma recompensa de mil dólares a quem descobrisse o autor do crime.

Christmas e Brown tinham desaparecido. O xerife averiguou que na cabana vivia alguém e imediatamente todo mundo se pôs a falar de Christmas e de Brown, de como tinham há muito combinado em segredo o plano de assassinar aquela senhora. Mas até ontem à noite não se pôde encontrar nenhum dos dois. O camponês não sabia que o ébrio que encontrara na casa era Brown. Pensavam que os dois haviam fugido. Finalmente, à noite apareceu Brown. Já havia curtido a bebedeira e às oito horas estava ele na praça, muito agitado, gritando que fora Christmas quem assassinara Miss Burden e reclamando os mil dólares. Chamaram alguns policiais que o conduziram ao gabinete do xerife. Disseram-lhe que, quando agarrasse Christmas e provasse que era ele o assassino, receberia a recompensa. E Brown contou. Contou que Christmas e Miss Burden tinham vivido maritalmente durante três anos, até que ele se associara com Christmas. Brown contou que, quando se mudara para lá, Christmas lhe dissera que sempre dormira ali na cabana.

Uma noite em que não conseguira dormir, percebeu Christmas levantar-se, aproximar-se da sua cama e ficar ali imóvel por alguns momentos, como se estivesse a escutar, depois avançou para a porta na ponta dos pés, abriu-a sem fazer ruído e saiu. Brown levantou-se, seguiu-o e viu que Christmas se dirigia para a casa grande e entrava pela porta dos fundos, como se a tivessem deixado aberta ou como se ele tivesse a chave. Então Brown voltou à cabana e deitou-se de novo. Mas disse que não pôde dormir, pela vontade que tinha de rir de Christmas, que se julgava tão esperto. Christmas voltou uma hora depois. Brown não pôde mais conter o riso e disse: “Que filho da mãe!” Christmas endireitou-se no escuro e Brown, rindo, acrescentou que afinal de contas ele não era tão esperto como pensava e troçou da mulher de cabelos grisalhos e disse que, se Christmas quisesse, ele, Brown, podia revezar com ele por semana, para pagar o aluguel da casa.

Brown disse que naquela noite se convencera de que mais cedo ou mais tarde Christmas mataria Miss Burden ou outra pessoa. Disse que estava rindo na cama, pensando que Christmas não tardaria a deitar-se também e que de repente este acendeu um fósforo. Brown parou de rir; ficou imóvel, vendo Christmas acender a lâmpada, que colocou sobre a mala, ao lado da cama de Brown. Brown disse que passou a vontade de rir e que ficou muito quieto, enquanto Christmas, de pé, junto ao leito, o observava. “Então você tem um caso engraçado para contar”, disse Christmas. “Pode fazer rir a gente, contando-o amanhã à noite na barbearia.” Brown disse que não sabia que Christmas estava louco e que lhe respondera sem nenhuma intenção de irritá-lo, e que Christmas disse com o seu tom sossegado de sempre: “Você não dorme bastante. Passa muito tempo acordado. Talvez precise dormir mais.” “Quanto tempo mais?”, perguntou Brown. E Christmas respondeu; “Talvez para sempre.” Brown disse que foi então que compreendeu que ele estava louco e, como não convinha irritá-lo, disse: “Não somos amigos íntimos? Por que iria eu contar o que não me diz respeito? Não tem confiança em mim?” Christmas respondeu: “Não sei. Também pouco me importa. Mas você pode ter confiança em mim.” E olhou para Brown: “Não tem confiança em mim?” Brown respondeu: “Tenho.”

Disse que tinha medo de que Christmas matasse uma noite Miss Burden e o xerife lhe perguntou por que não viera dizer isso à autoridade. Brown respondeu que pensava talvez poder evitá-lo, ficando ali sem dizer nada e sem ser preciso incomodar a polida. O xerife soltou uma espécie de grunhido e disse que aquilo era uma grande prova de consideração da parte de Brown, que Miss Burden teria apreciado se tivesse sabido. Julgo que Brown compreendeu então que o caso ia cheirando a chamasco. E começou a contar que fora Miss Burden quem comprara o automóvel para Christmas e que ele, Brown, tratara de convencê-lo a abandonar o negócio do uísque antes de se verem em algum aperto. Os policiais olhavam para Brown e Brown falava cada vez

mais depressa.

Contou que, estando acordado, ao amanhecer de sábado, viu que Christmas se levantava e saía. Brown sabia aonde ele ia. Mais ou menos às sete horas, Christmas voltou à cabana e ficou de pé, olhando para Brown. “Já está feito”, disse. “Feito o quê?”, perguntou Brown. “Vá até a casa e lhe”, respondeu Christmas. Brown disse que então teve medo, mas não chegou a desconfiar da verdade. Disse que a única coisa que esperava era que Christmas houvesse espancado um pouco Miss Burden, que Christmas tomou a sair e que ele se levantara, se vestira e, quando estava acendendo o fogo para preparar o café, olhou por acaso para a porta e viu que a cozinha da casa grande estava a arder.

— Que horas eram? — perguntou o xerife.

— Oito horas mais ou menos — respondeu Brown. — A hora em que naturalmente se levanta um homem que não é rico. E Deus sabe que não o sou.

— E só quase às onze horas é que nos informaram que havia um incêndio — disse o xerife. — E às três da tarde à casa continuava queimando. Quererá dizer-me que uma velha casa de madeira, por grande que seja, precisa de seis horas para arder de cima a baixo?

Brown olhava de um lado para outro, sentindo-se observado, acossado pelos que o rodeavam em apertado círculo. “Não estou falando mais que a verdade”, disse. “Respondi ao que me perguntaram.” E olhava para um lado e para outro, meneando violentamente a cabeça. Em seguida acrescentou quase gritando:

— Como posso saber a hora? O senhor julga que um homem que trabalha como um escravo numa serraria é bastante rico para ter um relógio?

— Há seis semanas que você não trabalha em nenhuma serraria, nem em parte alguma — respondeu o subxerife — e uma pessoa que se dá ao luxo de passear o dia inteiro num automóvel novo pode sem dificuldade passar frequentemente diante da delegacia de polícia para olhar o relógio e ter noção do tempo.

— Eu já lhe disse que o automóvel não era meu — replicou Brown.

— Era dele. Ela comprou-o e deu-lhe de presente. Foi a mulher que ele assassinou que lhe fez esse presente.

— Isso não vem ao caso — disse o xerife. — Conte o resto.

E Brown continuou falando em voz cada vez mais alta e cada vez mais depressa, como se tratasse de ocultar Joe Brown atrás daquilo que dizia a respeito de Christmas, até que Brown conseguisse a oportunidade de deitar a garra aos mil dólares. Admira ver como há gente que pensa que ganhar dinheiro é uma espécie de jogo no qual não há regras. Brown disse que hem mesmo ao ver o incêndio lhe passara pela imaginação que Miss Burden pudesse estar na casa, e muito menos morta. Disse que nem sequer lhe ocorrera olhar dentro da casa: que não fez mais do que pensar

num meio de apagar o fogo.

— Isso então foi mais ou menos às oito da manhã — disse o xerife. — Pelo menos foi a hora que você mencionou. E a mulher de Hamp Waller não comunicou o fato senão às onze. Você demorou muito em compreender que não podia apagar o fogo com as mãos vazias.

Brown continuava sentado no meio do círculo (tinham fechado a porta a chave, mas via-se uma linha de rostos pegados ao vidro da janela), olhando de um lado para outro, com o beijo levantado, mostrando os dentes. “Hamp diz que, quando rebentou a porta, havia já um homem dentro da casa”, prosseguiu o xerife, “e que o tal homem procurou impedi-lo de subir a escada.” Brown continuava sendo a atração do grupo e seus olhos não cessavam de girar.

Creio que então já começava a desesperar. Acho que não somente via que os mil dólares lhe fugiam cada vez mais, mas também que começava a ver que outro os recebia. Creio que era como se se visse já com os mil dólares nas mãos para que outro os gastasse. Os que o ouviam dizem que parecia que o que ele disse a seguir fora justamente guardado para um momento como aquele. Era como se soubesse que, num caso de aperto, aquilo o salvaria, como se para um branco fosse quase pior reconhecer o que teria de reconhecer do que ser acusado do próprio assassinato. “É isso”, disse Brown. “Acusem-me. Acusem o branco que procura ajudá-los com o que sabe. Acusem o branco e deixem o negro escapar. Acusem o branco e deixem o negro correr.”

— Negro? — perguntou o xerife. — Negro?

Então foi como se Brown soubesse que agora o terreno era seu. Era como se nada que pudessem crer que ele tivesse praticado seria tão mau como aquilo que ele pudesse dizer que outrem praticara. “Como os senhores são espertos!”, disse ele. “Muito esperta a gente dessa cidade! Durante três anos acreditaram que Christmas fosse estrangeiro. Pois a mim me bastou vê-lo três dias para saber que era tão estrangeiro como eu.

Soube-o antes que ele próprio o dissesse a mim.” Os homens escutavam atentamente e olhavam uns para os outros.

— Se a pessoa de quem fala é um branco, cuidado com o que diz — advertiu o xerife. — Não me importa que seja ou não assassino.

— Estou falando de Christmas — disse Brown —, do homem que matou uma mulher branca depois de ter vivido com ela diante da cidade inteira e a quem os senhores estão deixando escapar cada vez para mais longe, enquanto acusam o único homem que pode encontrá-lo e o único que sabe o que ele fez. Christmas tem sangue negro. Descobri isso da primeira vez que o vi. E os senhores, xerifes e companhia, não deram por isso. Uma vez chegou a confessar. Disse-me que era meio negro. É possível que estivesse embriagado quando o fez. Não sei. Seja como for, na manhã seguinte ao dia em que dissera aquilo, aproximou-se de mim e disse (Brown falava depressa e de seus olhos e até de seus dentes

pareciam sair chispas): “A noite passada equivoquei-me. Não vá agora cometer o mesmo equívoco.” E eu perguntei: “Equívoco? Que quer dizer?” E ele: “Pense um minuto.” E pensei em cena coisa que ele fizera uma noite que estávamos juntos em Memphis e, como eu sabia que minha vida estaria por um fio se eu o contrariasse, disse-lhe: “Penso que sei o que você quer dizer. Mas não vou meter-me com o que não me diz respeito. Que me lembre, nunca fiz semelhante coisa.” E creio que os senhores teriam dito o mesmo se estivessem sós com ele naquela cabana sem ninguém que pudesse ouvir os seus gritos. Os senhores também teriam tido medo, até que surgissem aquelas mesmas pessoas que os senhores estavam procurando ajudar e acusassem os senhores de um crime que jamais cometeram.

E Brown continuou ali movendo sempre os olhos, e os que se encontravam na sala o observavam, e os outros, do lado de fora, continuavam com a cara pegada à vidraça.

— Negro! — disse o subxerife. — Sempre me pareceu que aquele sujeito tinha qualquer coisa de estranho.

E o xerife dirigiu-se novamente a Brown.

— E é por isso que só esta noite você conta o que acontecia naquela casa?

Brown, ali no meio deles, de beijo desdenhosamente arrebitado e com a sua cicatriz alva como uma pipoca no canto da boca, disse-lhes ainda, como indagando: “Queriam que me mostrassem agora o homem que teria procedido de modo diferente. É só o que peço: que me mostrem um homem que tivesse vivido com ele, como eu vivi, o bastante para o conhecer, e que procedesse de modo diferente.”

— Está bem — disse o xerife. — Parece-me que finalmente você diz a verdade. Agora vá com Buck e durma bem. Eu me encarregarei de Christmas.

— Manda-me para a prisão? — perguntou Brown. — Mete-me na cadeia e embolsa a recompensa?

— Cale-se — disse o xerife sem irritar-se. — Se a recompensa lhe cabe, providenciarei para que você a receba. Leve-o, Buck.

O subxerife aproximou-se e tocou no ombro de Brown. Este levantou-se. Quando abriram a porta, a gente que estivera observando pela janela se aglomerou:

— Pegaram-no, Buck? E esse o criminoso?

— Não — diz Buck. — 1 Agora vão para casa. Vão dormir.

Byron calou-se. A sua voz monótona, provinciana, sem inflexões, resvalara para o silêncio. Olha agora para Hightower com aquela sua expressão compassiva e tranquila, observando do outro lado da mesa o homem sentado, com os olhos fechados e o suor a escorrer-lhe pelas faces como lágrimas.

— É certo? Ficou provado que ele tem sangue negro? Byron, pense; que será quando a gente... se o agarram... Pobre homem. Pobre humanidade — diz Hightower.

— É o que Brown diz — respondeu Byron, em tom tranquilo, obstinado, convicto. — E até a um mentiroso se pode meter tanto medo que ele diga a verdade, assim como se pode torturar um homem honesto até ele dizer uma mentira.

— Sim — diz Hightower, sentado, ereto, de olhos fechados. — Mas ainda não o pegaram. Ainda não o pegaram, Byron.

Byron também não olha para ele.

— Ainda não. Pelo menos eu nada soube. Ainda hoje levaram lá uns sabujos. Mas, pelas últimas informações que tive, ainda não o haviam agarrado.

— E Brown?

— Brown? — diz Byron. — Levaram-no. À polícia o levou. Talvez tenha ajudado Christmas a cometer o crime. Mas não creio. Creio que quando muito teria sido capaz de incendiar a casa. E por que motivo o teria feito — se é que o fez — julgo que nem ele sabe. A menos que tivesse pensado que, pondo fogo na casa e ardendo tudo, seria como se nada tivesse acontecido, e ele e Christmas pudessem continuar passeando no automóvel novo. Creio que imaginaria que a ação de Christmas não era tanto um pecado como um equívoco.

E Byron fica absorto olhando para o chão. De novo há uma ligeira contração no seu rosto, denotando um misto de cansaço e ironia.

— Brown está agora em segurança. Agora ela pode encontrá-lo quando bem quiser, sempre que ele e o xerife não tenham saído com os cães. Agora com os mil dólares a negacear-lhe sobre a cabeça, ele não tentará escapar. É claro que ele se sente mais ansioso por agarrar Christmas do que todos os outros. Sai com eles. Tiram-no da prisão e ele os acompanha; depois voltam para a cidade e tornam a trancafiar Brown. É uma coisa estranha. É como se um criminoso procurasse agarrar a si mesmo para receber a sua própria recompensa. E parece que ele não se importa e até resmunga porque não estão na caça, lamentando o tempo que perde sentado no cárcere. Sim. Vou dizer amanhã a Lena. Direi que ele está como refém por enquanto, ele e os dois cães. Talvez a leve amanhã à cidade, a um lugar onde ela possa vê-los, a ele, e aos cães, todos três conduzidos à trela pelos outros homens, ladrando, forcejando por soltar-se.

— Ainda não lhe disse?

Ainda não. Nem a ele, porque, com recompensa ou não, poderia escapar de novo. E é possível que, se agarrar Christmas e receber a recompensa, acabe casando com ela. Porém ela não o sabe ainda, não sabe mais do que sabia quando desceu ontem do carro na praça, com aquele ventre enorme, quando desceu daquele carro esquisito e se viu entre

aqueles rostos estranhos, dizendo consigo, numa espécie de assombro tranquilo, ainda que eu não creia que fosse assombroso, pois viera devagar, fazendo vários trechos a pé, e nunca se cansou de dizer a toda gente: “Puxa! Venho de Alabama e não há dúvida de que já estou em Jefferson.”

Passava de meia-noite. Christmas, que se encontrava na cama havia já duas horas e não conseguia dormir, ouviu Brown, antes de o ter visto. Ouviu Brown aproximar-se da porta e entrar a passos vacilantes, a silhueta apoiando-se na porta, para manter-se ereta. Brown respirava com força. De pé, com os braços estendidos, agarrando-se à porta, começou a cantar num tom abemolado e fanhoso de tenor. Até a maneira arrastada da voz parecia cheirar a uísque. “Cale-se”, disse Christmas, sem mover-se e sem levantar a voz. Brown calou-se imediatamente e permaneceu ainda um momento na porta, endireitando-se. Desprendeuse então e Christmas o viu cambaleando por dentro do quarto; um momento depois tropeçou em qualquer coisa. Fez-se uma pausa, cheia de respiração difícil e ofegante. Então Brown caiu no chão com medonho estrondo, batendo na cama de Christmas, e encheu o quarto com um riso ruidoso e alvar.

Christmas saltou da cama. Brown conservava-se invisível no chão rindo sem fazer nenhum esforço para se erguer. “Cale-se”, disse o outro. Brown continuou a rir. Christmas passou por cima dele e estendeu a mão para o caixote que servia de mesa de cabeceira, sobre a qual conservava a lâmpada e os fósforos. Não os encontrou, porém, e lembrando-se do som que fizera a lâmpada ao romper-se, quando Brown caiu, escarranchou-se sobre ele, agarrou-o pelo colarinho da camisa, puxou-o de sob a cama e começou a dar-lhe com a mão aberta umas pancadas rudes e breves, até que Brown deixou de rir;

Brown estava frouxo. Christmas sustentou-lhe a cabeça, erguendo-a, e dirigiu-lhe pragas em voz baixa, como num murmúrio. Arrastou Brown para a outra cama, onde ele caiu de cara para cima e começou a rir de novo. Christmas pôs-lhe a mão aberta sobre a boca e o nariz, e em seguida agarrou-lhe o queixo com a mão esquerda, e com a direita deu-lhe umas pancadas rudes, lentas e medidas como se as estivesse contando. Brown deixara de rir e resistia. Na luta lançou por baixo da mão de Christmas uns sons afogados e gorgolejantes! Christmas segurou-o até que ele cessou de lutar e ficou quieto. Então o outro afrouxou um pouco a mão: “Vai ficar quieto?”, perguntou. “Sim ou não?”

Brown lutou de novo, “Tire essa mão preta da minha cara, maldito negro...” A mão fechou-se outra vez. De novo Christmas bateu-lhe na cara com a outra mão. Brown calou-se e ficou quieto. Christmas relaxou a mão. Ao cabo de algum tempo Brown falou, em voz baixa, mas em tom cortante: “Ouça. Você é negro. Você mesmo me disse. Eu, porém, sou branco. Sou br... A mão fechou-se de novo. E Brown tomou a lutar, emitindo, sob a mão de Christmas, um som sufocado e plangente, babando-lhe entre os dedos. Quando deixou de lutar, a mão afrouxou-se e ele ficou imóvel, ofegante.

— Vai ficar quieto agora? — perguntou Christmas.

— Sim respondeu Brown, respirando ruidosamente. — Deixe-me respirar. Ficarei quieto. Deixe-me respirar.

Christmas afrouxou a mão, mas não a afastou. Debaixo dela Brown respirava mais facilmente, o ar começou a entrar nele e a sair com menos dificuldade e menos ruído. Christmas, porém, não tirou a mão. De pé, no escuro, sobre o corpo estendido, sentindo entre os dedos o hálito de Brown, ora quente, ora frio, pensou: *Alguma coisa me vai acontecer. Vou fazer alguma coisa.* Sem afastar a mão esquerda da cara do outro, podia alcançar a cama com a direita, e tirar a sua navalha de barbear, cuja folha media uns dez centímetros de comprimento e que ele guardava debaixo do travesseiro. Mas não chegou a fazê-lo. Talvez porque o seu pensamento se havia afastado e obscurecido bastante para dizer-lhe: *Não é esta a pessoa visada..* Em todo caso não chegou a pegar na navalha. No fim de algum tempo retirou a mão da cara de Brown, mas não se afastou. Permaneceu inclinado sobre a cama, respirando tranquilamente, tão de leve que nem ele mesmo poderia ouvir a sua própria respiração... Também Brown, invisível, respirava agora com mais sossego. Christmas voltou-se, procurou um cigarro e os fósforos no bolso da calça dependurada na parede. Ao clarão do fósforo Brown se tornou visível. Antes de acender o cigarro, Christmas ergueu a chama e olhou para ele. Brown estava deitado de costas, esparramado, com um braço pendente. Tinha a boca aberta. Enquanto Christmas o olhava, pôs-se a roncar.

Christmas acendeu o cigarro e atirou o fósforo para o lado da porta aberta, contemplando a chama que se apagava a meio caminho. Em seguida ficou à espera do som vulgar que o fósforo apagado faria quando batesse no chão, e pareceu-lhe que o ouvia. Sentado na cama, com o quarto às escuras, logo lhe pareceu que ouvia uma quantidade inumerável de sons que não tinham maior volume — vozes, murmúrios, sussurros: de árvores, da escuridão, da terra, de gente, da sua própria voz; outras vozes evocadoras de nomes, de épocas e de lugares —, sons de que tivera consciência durante toda a sua vida sem o saber, sons que constituíam a sua vida, e pensava: *Talvez Deus também e eu, sem o saber.* Podia ver a frase impressa, completamente viva e já morta, *também Deus me ama*, como as descoloridas e gastas letras do cartaz de anúncios do ano anterior: *Também Deus me ama.*

Fumou o cigarro até o fim, sem lhe ter tocado nem uma vez com a mão, e atirou-o também em direção à porta. Ao contrário do que acontecera com o fósforo, o cigarro não se apagou a meio caminho. Christmas viu-o passar além da porta, brilhando. Deitado na cama, de costas, com as mãos atrás da cabeça, na posição de alguém que não esperasse dormir, pensava: *Estou na cama desde as dez horas e ainda não dormi. Não sei que horas são, mas já passa de meia-noite e ainda não dormi.* “É porque ela começou a rezar por mim”, disse alto, com voz que ressoou no quarto escuro, bruscamente, acima do ronco do embriagado Brown. “É isso. É porque ela começou a rezar por mim.”

Levantou-se de pés descalços, sem fazer barulho. Permaneceu de pé no escuro, apenas com a roupa de baixo. Na outra cama Brown roncava. Christmas inclinou um momento a cabeça na direção do ruído e avançou até a porta. Fora estava um pouco mais claro. No céu rodavam as lentas constelações, as estrelas que Christmas conhecia havia trinta anos, nenhuma das quais tinha para ele um nome nem significava coisa alguma pela forma, brilho ou posição. Em frente, surgindo de uma densa massa de árvores, via-se a chaminé e uma das empenas da casa. A casa em si era invisível na escuridão. Quando Christmas se aproximou e parou sob o quarto onde dormia Miss Burden, pensou: *Não sei se ela também, dorme.* Não se via nenhuma luz, não se ouvia nenhum rumor. As portas nunca se fechavam e acontecia que a qualquer hora que Christmas se sentisse tomado de desejo, entre o anoitecer e o amanhecer, entrava em casa, chegava ao quarto de Miss Burden, caminhando na escuridão, com passo firme, até a sua cama. Às vezes Miss Burden estava acordada e pronunciava o seu nome. Outras vezes Christmas a despertava com mão dura e brutal e, com a mesma dureza e brutalidade, agarrava-a antes que ela estivesse completamente desperta.

Aquilo acontecia havia dois anos. Os dois anos ficavam atrás e Christmas pensava: *Talvez a ofensa esteja nisso. Talvez eu tenha chegado a pensar que fui enganado, que ela mentiu quanto à sua idade, quanto ao que acontece às mulheres de certa idade.* E no escuro, na solidão, disse em voz alta, por baixo da janela escura: “Ela não devia ter começado a rezar por mim. Não tem culpa de ter envelhecido e de não servir mais para nada. Mas devia ter tido mais senso comum e não ter começado a rezar por mim”. Pôs-se a injuriá-la. De pé, sob a janela escura, maldisse-a com uma obscenidade lenta e calculada. Não olhava para a janela. Na treva quase completa parecia-lhe que observava o corpo de Miss Burden, parecia-lhe vê-lo mexer-se com lentidão é lascívia, num sussurro de imundície de sarjeta, como se fosse um corpo afogado num imóvel poço negro, contendo alguma coisa mais espessa que a água. Tocou em si mesmo, ao longo do abdômen e do peito, apertando com força a mão por baixo da ceroula, presa em cima apenas por um botão. Houve uma época em que sua roupa tinha todos os botões intactos. Era uma mulher quem os pregava. Aquilo acontecera somente durante algum tempo. Mais tarde Christmas retirava a sua roupa do montão destinado à lavadeira, antes que a mulher a pegasse e costurasse os botões que faltavam. E, se ela se antecipava, punha-se a pensar nos botões que estavam faltando e que tinham sido costurados, e, com o canivete e a deliberação impassível e fria de um cirurgião, cortava os que acabavam de ser pregados.

A mão direita de Christmas resvalou rápida e macia, como a lâmina do canivete ao cortar os botões, pela abertura da roupa. De raspão, descarregou ligeiro um golpe no único botão existente. A peça de roupa deslizou pelas pernas abaixo. O ar sombrio soprou sobre ele suavemente, a boca fria da escuridão lambeu-o com sua língua fria e suave. Quando se

mexeu novamente, o ar escuro produziu-lhe a impressão de água: sob os pés sentiu o orvalho como nunca havia sentido. Passou pela porteira quebrada e parou à margem do caminho. As ervas de agosto chegavam-lhe à altura da coxa. Nas folhas e troncos se depositava o pó levantado pelos veículos que por ali haviam passado durante um mês inteiro. A estrada se estendia à sua frente, um pouco mais branca do que a escuridão das árvores e da terra. De um lado ficava a cidade. Do outro a estrada subia até uma colina. No fim de algum tempo a luz aumentou de intensidade atrás da colina, definindo-lhe bem os contornos. Christmas ouviu o barulho de um carro. Ficou imóvel. Permaneceu ali com as mãos nos quadris, nu, no meio do mato empoeirado, que lhe dava pela coxa, enquanto o carro atingia a colina e se aproximava. À luz dos faróis batendo em cheio sobre ele, Christmas viu seu corpo aparecer branco na escuridão, como uma cópia fotográfica emergindo do líquido. Olhou para os faróis do carro que passou velozmente. De dentro partiu um grito penetrante de mulher. “Brancos patifes! Não é a primeira das suas cadelas que vê...” Mas o carro passara. Não havia ninguém que ouvisse, que prestasse atenção. O automóvel se fora, aspirando a sua própria luz, o pó que levantava e o grito da mulher branca que se perdia nas quebradas. Christmas acalmou-se como se tivesse ido ali para presenciar alguma coisa que havia realmente presenciado e como se finalmente se visse livre de novo. Voltou para casa. Debaixo da janela escura, procurou a ceroula, encontrou-a e vestiu-a. Como não lhe restava mais nenhum botão, ao voltar à cabana, teve de ir segurando-a. Antes de chegar, já ouvia o ronco de Brown. Imóvel e silencioso, deteve-se um momento na porta, para escutar as longas, difíceis e desiguais respirações que terminavam num gargarejo abafado. “Parece que o soco que lhe dei no nariz machucou-o mais do que julguei”, pensou. “Patife! Filho da mãe!” Entrou, aproximou-se da cama disposto a atirar-se nela. Já ia reclinar-se, mas deteve-se. Talvez a idéia de se ver estendido até o amanhecer, acompanhado do ronco do ébrio na escuridão e com os intervalos cheios de inumeráveis sons, essa idéia talvez fosse superior às suas forças. Endireitou-se, procurou lentamente, tateando por baixo da cama, encontrou os sapatos e calçou-os, agarrou o cobertor de meio algodão, que era a sua única roupa de cama, e saiu da cabana. A menos de trezentos metros de distância ficava o estábulo em ruínas, no qual há trinta anos não havia nenhum cavalo. Christmas dirigiu-se ao estábulo com passo firme e pensou em voz alta: “Por que diabo desejo eu cheirar cavalos?” Respondeu a si mesmo: “É porque eles não são mulheres. Até mesmo uma égua é uma espécie de homem.”

Dormiu menos de duas horas. Quando despertou, a manhã começava a romper. Envolto no cobertor único, sobre as tábuas desconjuntadas da sombria caverna saturada do cheiro acre do feno transformado em poeira, misturado vagamente ao leve odor de amoníaco dos velhos estábulos silenciosos e abandonados, através da janela sem

persiana* que ficava do lado do levante, viu o céu cor-de-rosa e, pálida e distante, a estrela da manhã de um dia de pleno verão.

Sentia-se descansado como se tivesse dormido oito horas de um sono inesperado, visto que não esperara dormir nada. Com os sapatos ainda desatados e o cobertor dobrado debaixo do braço, desceu a escada perpendicular, apalpando com os pés os degraus apodrecidos e invisíveis, deixando-se cair aos pequenos saltos, de degrau em degrau, agarrando-se só de um lado do corrimão, até que emergiu na limpa frescura cinza e amarela do amanhecer e aspirou-a profundamente.

A cabana e o maciço de árvores atrás dos quais se ocultava a casa, da qual não se via mais do que uma chaminé, recortavam-se ágora com precisão, contra o esplendor do nascente, que ia aumentando de intensidade. O mato alto estava coberto de orvalho. Imediatamente os sapatos de Christmas ficaram empapados. Sentiu nos pés o couro frio; as folhas úmidas batendo-lhe nas pernas nuas eram como sincelos flexíveis. Brown parara de roncar e respirava sossegadamente. “Já está bom”, pensou Christmas. “Está bom e não sabe disso. Pobre-diabo!” Olhou para ele. “Pobre-diabo! Vai ficar furioso quando despertar e vir que já não está bêbedo. Levará provavelmente uma hora inteira para embriagar-se de novo.” Pondo de lado o cobertor, vestiu as calças de sarja e a camisa branca já um pouco suja, e pôs a gravata de laço. Começou a fumar. Na parede havia um caco de espelho. Christmas contemplava nele o rosto terroso, enquanto prendia a gravata. O chapéu duro estava pendurado num prego. Em vez de agarrar o chapéu, tomou o gorro que pendia de outro prego, tirou de sob a cama uma dessas revistas em cuja capa se veem gravuras representando mulheres em trajes menores ou homens no ato de disparar uns nos outros tiros de pistola. De sob o travesseiro do catre tirou a navalha de barbear, um pincel, um pedaço de sabão, e meteu-os no bolso.

Quando saiu da cabana, já era dia. A passarada gorjeava em coro. Dessa vez Christmas dirigiu-se ao lado oposto à casa, passou pelo estábulo e entrou no pasto situado atrás. Logo as calças e os sapatos ficaram inundados de orvalho cinzento. Christmas enrolou cuidadosamente as calças sob os joelhos e prosseguiu. Passado o pasto, começava a mata. Como o orvalho já não fosse tão denso, baixou novamente as calças. No fim de algum tempo chegou a um vazezinho perto do qual corria uma fonte. Deixou a revista no chão, fez uma pilha de gravetos e de mato seco, ateou-lhes fogo e sentou-se, apoiando-se numa árvore e encostando os pés à fogueira. Imediatamente os sapatos despediram vapor. Christmas sentiu que o calor lhe subia pelas pernas e de repente abriu os olhos; viu o sol alto e também viu que o fogo se apagara completamente. Compreendeu que havia adormecido. “Com os diabos se não dormi”, pensou, “com os diabos se não tornei a dormir.”

Dessa vez dormira mais de duas horas, pois o sol brilhava na própria fonte, mirando-se na água perene. Christmas levantou-se, estirou os

membros emperrados, dormentes, para despertar os músculos doloridos, tirou do bolso a navalha, o pincel e o sabão, ajoelhou-se junto à fonte e, depois de ter afiado no sapato a longa e reluzente folha de navalha, barbeou-se, servindo-lhe de espelho a superfície da água.

Em seguida escondeu os objetos de barbear e a revista num matagal e pôs novamente a gravata. A fonte ficava já muito longe da casa. Quando chegou à estrada, Christmas encontrava-se já a meia milha de distância da casa. Perto havia uma pequena venda com um posto de gasolina. Entrou na venda e uma mulher vendeu-lhe biscoitos e uma lata de carne em conserva. Voltou à fonte e ao fogo apagado.

Comeu apoiado à árvore, lendo ao mesmo tempo a revista. Antes havia lido apenas um dos contos e começou então pelo segundo, lendo por ordem, como se fosse uma novela. De vez em quando erguia a vista da página e olhava para a folhagem perfurada de sol que formava um abóbada sobre o fosso. “Talvez já o tenha feito”, pensou. “Talvez não tenha mais de esperar para fazê-lo.” Parecia-lhe que o dia amarelo se abria pacificamente diante dele, como um corredor, um tapete num suave claro-escuro, onde não precisava apressar-se. Pareceu-lhe que, enquanto estava sentado, o dia amarelo o contemplava languidamente, como um gato amarelo, encurvado e sonolento. Depois pôs-se a ler de novo. Passava as páginas em progressão constante, mas de vez em quando parava numa delas, numa linha, talvez numa palavra. Então não levantava os olhos, não se movia. Parado, imobilizado, segundo parecia, por uma única palavra que ainda não havia assimilado, todo o seu ser em suspenso por uma combinação trivial de letras no espaço tranquilo e luminoso, de tal maneira que na sua imobilidade, sem peso físico, pendendo, parecia contemplar o lento transcurso do tempo debaixo dele e pensava: *A única coisa que eu queria era paz;* e pensava ainda: *Ela não devia ter começado a rezar por mim.*

Quando chegou à última história, suspendeu a leitura e contou as páginas que faltavam. Em seguida olhou para o sol e pôs-se de novo a ler. Leu até a última página final, a última palavra final, como um homem que andasse pela rua contando as fendas do calçamento. Depois levantou-se, ateou fogo à revista com um fósforo, e segurou-a pacientemente até que se consumiu de todo. Tendo no bolso a navalha, o sabão e o pincel de barbear, dirigiu-se ao fosso.

A pouca distância o fosso se alargava, formando um fundo de areia clara entre duas paredes cortadas quase a pique e cobertas de sarça e mato. As árvores faziam um arco por cima. Num dos lados havia uma cova coberta de mato seco. Christmas tirou o mato de cima e na abertura apareceu uma pá de cabo curto. Cavou com ela a areia oculta pelo mato e tirou, uma a uma, seis vasilhas de metal com tampas parafusadas. Não tirou as tampas. Deitou as vasilhas de lado e perfurou-as com o gume afiado da pá. A areia foi ficando escura, à medida que o uísque saía aos borbotões. A clara solidão, o ar se impregnaram com o cheiro de álcool.

Christmas esvaziou completamente as vasilhas, sem pressa, com uma expressão fria quase como de uma máscara. Em seguida atirou-as na cova, enterrou-as superficialmente e escondeu de novo a pá. O mato ocultou a mancha, mas não pôde acabar com o cheiro, o aroma. Christmas olhou outra vez para o sol. Já passava do meio-dia.

Às sete da noite já se encontrava na cidade, num restaurante situado num beco, jantando sentado num tamborete em frente ao balcão de madeira lustrosa pela fricção.

Às nove horas estava à porta da barbearia, olhando através da janela para o homem que havia tomado por sodo. Trazia as mãos nos bolsos das calças, enquanto a fumaça do cigarro lhe passava pelo rosto impassível e pelo gorro que, da mesma maneira que o chapéu duro, ele usava de banda, com um ar fanfarrão e lastimável. Tinha uma expressão tão fria e de mau agouro que lá dentro Brown, entre as luzes é o ar saturado do cheiro de loções e de sabão quente, com as calças manchadas de barro vermelho e a sua camisa de cor, gesticulando e falando com a voz pastosa, ergueu a cabeça e viu, com seus olhos de bêbedo, os olhos do homem que o olhava do outro lado da vidraça. Christmas estava tão quieto, e com uma expressão tão sinistra que um negrinho que seguia pela rua, arrastando os pés e assobiando, interrompeu imediatamente o assobio, afastou-se e, passando pôr trás dele, voltou-se várias vezes para olhá-lo por cima do ombro. Mas Christmas já começara a andar e afastava-se da praça sem pressa. Era como se tivesse parado apenas para que Brown o visse.

A rua, sempre sossegada, àquela hora estava deserta. Ia dar na estação, passando pelo bairro negro de Freedman Town. Às sete horas Christmas passara por gente — brancos e negros a caminho da praça ou do cinema — que às nove e meia faria o mesmo caminho de volta para casa. Mas a sessão de cinema ainda não terminara e ele tinha a rua inteira à sua disposição. Prosseguiu, passando silenciosamente entre as casas de brancos, de lampião em lampião. As densas sombras das folhas dos carvalhos e dos áceres resvalavam pela sua camisa branca como pedaços de veludo negro. Nada há que tenha um ar tão solitário como um homem corpulento que segue sozinho por uma rua deserta. E conquanto Christmas não fosse nem corpulento nem alto, fosse como fosse, conseguia produzir maior impressão de solidão do que um poste de telégrafo solitário no meio do deserto. Na rua larga, erma, cheia de sombras, parecia um fantasma, um espírito perdido, extraviado do seu mundo próprio.

Então encontrou a si mesmo. Sem que ele desse por isso, a rua começara a descer e, antes de o saber, Christmas encontrou-se em Freedman Town, envolto pelo cheiro estivo e as vozes de verão de negros invisíveis, que pareciam rodeá-lo como vozes sem corpo, murmurando, falando, rindo numa linguagem que não era a dele. Como que do fundo de um poço negro e espesso, viu-se cercado de formas

vagas de cabanas, iluminadas a querosene, e parecia-lhe que os lampiões das ruas estavam mais espaçados, como se a vida negra, a respiração negra integrassem a substância do ar, e não somente as vozes mas também os corpos se movessem e a própria luz se tornasse fluida e se acrescentasse, partícula junto a partícula, às partículas da noite já inseparável e única.

Christmas estava agora imóvel, respirando com dificuldade, olhando ora para um lado ora para outro. Em torno dele, as formas negras das cabanas se destacavam na escuridão à luz das frouxas e sufocantes lâmpadas de querosene. De todos os lados, e até dentro dele, murmuravam as vozes sem corpo, suaves e fecundas, das negras. Era como se ele e toda a vida em forma humana que o rodeava tivessem voltado à fêmea ancestral, ardente, escura e úmida. Começou a correr em direção ao lampião mais próximo, com os olhos e os dentes brilhando, o hálito frio sobre os dentes e os lábios. Ao pé da lâmpada corria um beco estreito e cheio de sulcos, subindo paralelo a uma rua, dando voltas, saindo da cavidade negra. Christmas meteu-se pelo beco, correndo pela subida íngreme, com o coração a martelar, e entrou na rua superior. Parou ofegante, com o olhar feroz, o coração aos saltos, como se não pudesse acreditar ou não acreditasse ainda que o ar era agora o frio e rude ar dos brancos.

Então acalmou-se. O cheiro de negro, as vozes negras ficavam agora para trás e abaixo dele. À esquerda estava a praça, as luzes, aglomeradas, pássaros brilhantes e baixos, com as asas imóveis em trêmula suspensão. À direita as lâmpadas da rua seguiam, espaçadas, interrompidas por galhos quebrados e imóveis. Continuou o seu caminho, novamente devagar, de costas para a praça, passando novamente entre as casas dos brancos. Havia gente nos pórticos e cadeiras nos gramados. Mas aqui podia caminhar com tranquilidade. De vez em quando via silhuetas de cabeças e a forma branca de um vestido. Numa varanda iluminada havia quatro pessoas sentadas em torno de uma mesa de jogo. Os rostos brancos e concentrados se recortavam com precisão contra a luz baixa. Os braços nus das mulheres reluziam brancos e suaves sobre as cartas triviais. “Isso é tudo o que eu queria”, pensou. “Acho que não é pedir muito.”

A rua pela qual seguia começava a subir, mas suavemente. A camisa branca e as pernas escuras de Christmas se apagavam entre as longas sombras que formavam uns vultos quadrados e enormes contra as estrelas de agosto: um depósito de algodão, um tanque cilíndrico e horizontal que parecia o dorso de um mastodonte decapitado, uma fila de caminhões. Christmas atravessou a via férrea, os trilhos que a luz de uma lanterna transformava momentaneamente em dois brilhos verdes e gêmeos que se afastavam reluzindo. Para lá dos carris começava o bosque. Christmas encontrou sem vacilar o atalho que trepava por entre as árvores e começou a avistar de novo as luzes da cidade em cima do vale pelo qual corria a estrada de ferro. Mas não olhou para trás enquanto hão

chegou ao alto da colina. Do alto via a cidade, o resplendor, uma por uma as luzes da praça de onde irradiavam as ruas. Via a rua pela qual viera e a outra rua, aquela que o havia quase traído; e mais adiante, em ângulo reto, a massa longínqua e brilhante dá própria cidade. No vértice do ângulo ficava o poço negro do qual fugira com os beijos reluzentes e o coração batendo. Dali não vinha nenhuma luz, nenhuma respiração, nenhum cheiro. Lá estava ele, negro e impenetrável, com a sua grinalda de luzes trêmulas de agosto. Podia ser a pedreira primitiva, o próprio abismo.

Não poderia enganar-se no caminho, a despeito das árvores e da escuridão. Não se perdeu nem uma vez no caminho que nem ao menos via. A mata se estendia pelo espaço de uma milha. Foi dar numa estrada e sentiu a poeira sob os pés. Agora podia ver o mundo que se estendia vagamente, o horizonte. Aqui e ali bruxuleavam luzes nas janelas, mas a maior parte das cabanas estava às escuras. Contudo o seu sangue começou novamente a falar, a falar. Caminhava depressa, seguindo-lhe o compasso. Antes de ter visto, antes de ter ouvido, antes que seus vultos se destacassem indecisamente na poeira da estrada, compreendeu que era um grupo de negros. Eram cinco ou seis e pareciam vagamente emparelhados. Chegou-lhe de novo aos ouvidos, acima do ruído do seu próprio sangue, o rico sussurro de vozes femininas. Encaminhava-se diretamente para eles, andando depressa. Os outros, que o tinham visto, deram-lhe um lado da estrada e as vozes morreram. Ele também mudou de rumo, foi direto a eles, como se os quisesse atropelar. Num só movimento, como a uma voz de comando, as mulheres retrocederam, dando-lhe amplo lugar. Um dos homens acompanhou-as como se as tivesse conduzido diante dele, olhando por cima do ombro ao passar perto de Christmas. Os outros dois estacaram na estrada em frente dele, que parara também. Nenhum parecia mover-se e contudo se aproximavam de modo espectral, como sombras deslizando: Christmas sentia o cheiro de negro, o cheiro de roupa barata e de suor. A cabeça do negro, mais alta que a dele, parecia curvar-se contra o céu, desde o céu. “É um branco”, disse em voz baixa, sem voltar a cabeça. “Que deseja, branco?” “Procura alguém?” A voz não era ameaçadora nem servil.

— Venha, Jupe — gritou o que havia seguido as mulheres.

— Quem é que o senhor procura, patrão? — perguntou o negro.

— Jupe — disse uma das mulheres em voz um tanto alta. — Venha.

Por um momento mais, as duas cabeças, a clara e a escura, pareceram pender na escuridão, respirando uma sobre a outra. Depois a cabeça do negro pareceu sumir no ar. De alguma parte soprou um vento frio. Voltando-se lentamente e observando como se dissolviam, como se dissipavam na estrada branca, reparou que tinha na mão a navalha de barbear. “Cadelas!”, disse ele em voz bastante alta. “Filhos da mãe!”

Soprou um vento frio; Christmas sentia a poeira fria até mesmo através dos sapatos. “Que diabo estará acontecendo comigo?”, pensou.

Tornou a guardar a navalha no bolso, parou e acendeu um cigarro. Teve de umedecer os beijos várias vezes para segurar o cigarro. À luz do fósforo viu que suas mãos tremiam “Toda essa maçada!”, pensou. “Essa absurda maçada”, disse em voz alta, pondo-se de novo a caminho. Olhou as estrelas, o céu. “Deve ser perto de dez horas”, e, mal lhe acudira esse pensamento, ouviu o relógio da delegacia a duas milhas de distância. Dez pancadas lentas, medidas, claras. Contou-as, parou de novo na estrada deserta. “Dez horas”, pensou. “Também à noite passada ouvi bater dez horas, onze e também doze. Mas não ouvi bater uma hora. Talvez o vento tivesse mudado.”

Quando ouviu bater as onze naquela noite, estava sentado com a cabeça encostada a uma árvore do lado de dentro da porteira quebrada. Atrás, oculta pelo arvoredor espesso, ficava a casa. Naquela noite não pensou: *Talvez ela também não esteja dormindo*. Não pensava em nada. Não começara a pensar. As vozes também não haviam começado. Ficou sentado, imóvel, e no fim de algum tempo ouviu o relógio bater doze pancadas a duas milhas de distância. Levantou-se e encaminhou-se para a casa. Não andava depressa. Sequer pensou então: *Vai acontecer alguma coisa. Vai-me acontecer alguma coisa*.

A memória acredita antes que o conhecimento recorde. Acredita mais tempo do que recorda, mais do que o conhecimento pode imaginar. Conhece, recorda, acredita num corredor metido num grande edifício truncado, frio e cheio de ecos, construído de tijolo vermelho escuro, tísndado por mais chaminés do que as suas próprias, situado entre fábricas fumarentas, num recinto sem ervas e coberto de cinza, rodeado, como se fosse uma penitenciária ou um jardim zoológico, por uma cerca de ferro e arame de três metros de altura, onde, em ondas intermitentes, trajando uniformes azuis do mesmo pano, num pipilar de pardais os órfãos entram e saem; entram na recordação e saem, mas no conhecimento permanecem tão constantes como as paredes lúgubres, as lúgubres janelas onde, sobre a fuligem das chaminés, cujo número aumenta todos os anos, a chuva traça riscos que parecem lágrimas negras.

No corredor deserto e tranquilo, no sossego das primeiras horas da tarde, ele parecia uma sombra, pequeno até mesmo para os seus cinco anos, sóbrio e tranquilo como uma sombra. Nenhum outro que estivesse no corredor poderia dizer quando e por onde ele teria desaparecido, por que porta, por que quarto. Mas não havia ninguém no corredor àquela hora. Ele sabia disso. Fazia aquilo havia quase um ano, desde o dia em que descobriu por acaso a pasta de dente que a dietista usava.

Uma vez no quarto, dirigiu-se ao lavatório, de pés descalços, sem fazer barulho, e encontrou o tubo. E no momento em que contemplava o verme cor-de-rosa que se enroscava, lento, frio e macio no seu dedo cor de pergaminho, ouviu passos no corredor e logo vozes bem atrás da porta. Julgou reconhecer a voz da dietista. Em todo caso não esperou para ver se iam ou não passar além da porta. Com o tubo na mão, quieto e silencioso como uma sombra, de pés descalços, atravessou o quarto e deslizou sob a cortina que ocultava um dos cantos do quarto. Acocorou-se ali, entre delicados sapatos e macias peças de roupa feminina penduradas. Encolhido, ouviu que a dietista e o homem que a acompanhava entravam no quarto.

A dietista nada era para ele ainda, exceto um anexo mecânico às refeições, ao alimento e à sala de jantar, à cerimônia de comer em frente das escudelas. Entrava e saía de vez em quando sem deixar na sua visão mais traços do que associações agradáveis, pois não era desagradável ver uma jovem um pouco cheia de corpo, de pequena estatura, branca e rosada, que o fazia pensar na sala de jantar, e trazia à sua boca a idéia de alguma coisa doce e pegajosa que se come, alguma coisa que devia também ser cor-de-rosa. No dia em que descobriu a pasta de dente no quarto dela, ele, que nunca ouvira falar em pasta de dente, fora diretamente ao lavatório, como se já soubesse que ela devia possuir uma coisa dessa natureza e que ele haveria de encontrá-la. Conheceu igualmente a voz do seu companheiro, jovem interno do hospital do

distrito, também assistente do médico da paróquia, este também figura familiar na casa e que ainda não se convertera em inimigo.

Sentia-se seguro atrás da cortina. Quando eles saíssem, tornaria a colocar a pasta no lugar e sairia também. Assim, agachou-se atrás da cortina, ouvindo sem prestar atenção à voz tensa da mulher que murmurava: “Não. Não. Aqui não. Agora não. Podem apanhar-nos. Alguém vai... Não, Charley, por favor!” Não pôde compreender as palavras do homem, que também falava em voz baixa. A voz tinha o som implacável que todas as vozes de homens ainda tinham para ele, então muito criança para escapar ao mundo das mulheres, em busca do breve momento de trégua que teria, antes de voltar a ele para nele permanecer até a hora de sua morte. Ouviu outros sons que conhecia: um arrastar de pés, o girar da chave na fechadura. “Não, Charley! Não! Por favor, por favor, Charley!”, diria num sussurro a voz da mulher. Ouviu outros sons, murmúrios, cochichos, não vozes. Não estava escutando; limitava-se a esperar, pensando, sem particular interesse nem atenção, que aquela era uma estranha hora de ir para a cama. E através da tênue cortina ouviu o débil murmúrio da mulher: “Tenho medo. Depressa, depressa!”

Estava de cócoras entre as suaves peças de roupa com cheiro feminino, entre os sapatos. Via apenas pelo tato o tubo antes cilíndrico, agora transformado numa ruína. Pelo gosto e sem ver contemplava o frio verme invisível que se lhe enroscava no dedo e docemente, como um autômato, lhe penetrava na boca, besuntando-a. De ordinário comia apenas um bocado, tornava a colocar o tubo no lugar e saía do quarto. Apesar dos seus cinco anos, sabia que não devia comer uma quantidade maior. Talvez o instinto animal o advertisse de que, comendo mais, adoeceria, e o instinto humano o prevenia talvez de que, se tirasse uma quantidade maior, a moça daria pela falta. Era a primeira vez que tirava um pouco mais. Agora, oculto ali, à espera, tirará muito mais do que devia. Pelo tato podia ver que o tubo* diminuía. Começou a suar. Logo percebeu que suava havia já algum tempo, que durante algum tempo não fazia mais que suar. Naquele momento já não ouvia coisa alguma. Muito provavelmente não teria ouvido nem um tiro disparado do outro lado da cortina. Parecia voltado para si mesmo, contemplando-se a suar, a besuntar a boca com mate uma minhoca cor-de-rosa que o estômago já não queria aceitar. E não havia dúvida de que a minhoca se recusava a descer. Imóvel, inteiramente absorto, parecia curvado sobre si mesmo como um químico no seu laboratório, esperando. Não teve de esperar muito tempo. De repente a pasta, que ele já havia engolido, como que se pôs de pé no seu estômago, tentando sair de novo para o ar livre. Ela já não era doce. Na obscuridade circundante, cheirando a mulher rósea, onde se achava de cócoras, com uma espuma vermelha na boca, prestando atenção ao que lhe ia pelas entranhas, esperava com um fatalismo atônito o que estava para acontecer e que não demorou muito. Com uma rendição total e passiva disse a si mesmo: “Ora, aqui estou.”

Quando a cortina se abriu, ele não levantou os olhos. Quando mãos, arrastando-o, o afastaram violentamente do seu vômito, ele não resistiu. Pendurado das mãos, inerte, com a boca aberta, tinha um olhar vidrado de idiota, fixo no rosto que já não era branco e róseo, mas estava rodeado agora pelo cabelo em desalinho, aquele cabelo cujas fitas macias outrora o haviam feito pensar em doces. “Patife!”, silvava a voz baixa e furiosa; “Patife! Anda-me espionando? Negrinho bastardo!”

A dietista contava vinte e sete anos. Tinha idade bastante para correr alguns 'riscos amorosos, mas era ainda suficientemente jovem para dar muita importância não tanto ao amor como ao fato de ser apanhada na prática do amor. Era também bastante estúpida para acreditar que uma criança de cinco anos seria capaz não somente de deduzir a verdade do que ouvia atrás da cortina, mas também de contar o fato como o faria um adulto. Desta maneira, quando, nos dois dias que se seguiram, parecia não olhar para parte alguma, não estar em parte alguma sem ver a criança olhando para ela, com o olhar profundo, intenso e interrogativo de um animal, atribuía-lhe outros tantos predicados de pessoa adulta: estava convencida de que não só ele tinha intenção de contar tudo, mas que adia deliberadamente fazê-lo, a fim de atormentá-la ainda mais. Nunca lhe ocorreu a idéia de que era o menino que julgava ter sido apanhado na prática de uma ação má e, torturado com a demora do castigo, interpunha-se no seu caminho apenas porque queria decidir logo o assunto, apanhar a sova e liquidar o débito.

Por volta do segundo dia ela estava quase em estado de desespero. Não podia dormir. Passava a maior parte das noites acordada, com os nervos tensos, os dentes cerrados e as mãos crispadas, arfando de fúria e terror e, o que é ainda pior, de arrependimento; era uma fúria cega, louca por fazer retroceder o tempo, ainda que por uma hora, um segundo. Isso supunha até a exclusão do amor durante aquele tempo. O jovem médico era agora para ela menos do que o menino, não era mais que o instrumento do seu desastre, não era sequer o instrumento da sua salvação. Não poderia dizer a qual dos dois odiava mais. Nem mesmo podia dizer quando dormia ou quando estava acordada, porque diante da sua pálpebra ou sobre a sua retina gravava-se o rosto imóvel, sério, inevitável e cor de pergaminho que a observava.

No terceiro dia saiu daquele estado de coma, de sono desperto no qual, durante as horas de luz e entre os rostos que a cercavam, carregava o seu próprio rosto como uma máscara dolorida numa careta fixa de dissimulação que não ousava vacilar. No terceiro dia resolveu agir. Não teve dificuldade para encontrá-lo no corredor, deserto durante a hora tranquila que se segue ao jantar. Ele estava ali sem fazer nada. Talvez a tivesse seguido. Ninguém poderia dizer se estaria ou não esperando por ela. Porém, ela o encontrou ali sem surpresa: os dois rostos, um que já não era branco, nem rosado nem macio, e o outro, sério, sóbrio, em cujo olhar

não havia outra expressão que não fosse a de expectativa. “Agora vou acabar com isso”, pensou o menino.

— Escute — disse ela. E parou, olhando para ele, como se não soubesse como prosseguir. O menino esperava, silencioso, imóvel. Lentamente, gradualmente, os músculos das suas costas iam-se tornando planos, rígidos e esticados como tábuas.

— Vai contar? — perguntou.

O menino não respondeu. Estava convencido de que todo mundo teria pensado que a última coisa que ele ia fazer era contar a alguém a história da pasta de dente e do vômito. Não olhava para o rosto da dietista. Olhava para as mãos dela, esperando. A dietista tinha uma das mãos fechada, metida no bolso da saia. Através do pano ele podia ver que a mão da moça estava cerrada. Jamais levara um soco. Também nunca havia esperado três dias para ser punido. Quando viu a mão emergir do bolso, pensou que era chegada a hora. Ela, porém, não lhe bateu. Apenas abriu a mão diante dos seus olhos: continha um dólar de prata. No corredor deserto a voz dela soou fina, insistente, sussurrante: “Com isso você pode comprar muitas coisas. É um dólar!” O menino nunca tinha visto um dólar, mas sabia o que era. Olhou para a moeda. Desejou-a como teria desejado a tampinha dourada de uma garrafa de cerveja. Não acreditava, porém, que ela o desse, porque, se o dólar lhe pertencesse, ele não o daria a ela. Não sabia o que a dietista queria que ele fizesse. Estava esperando ser açoitado e depois ser posto em liberdade. Ela continuou em tom insistente e com rapidez. “Um dólar. Vê? Quantas coisas você pode comprar com ele! Coisas para comer todos os dias, durante uma semana. E no próximo mês talvez eu lhe dê outro.”

O menino não bulia nem falava. Parecia uma escultura, um brinquedo grande: imóvel, cabeça redonda, olhos redondos, vestido de macacão. Estava imobilizado pelo assombro, pela estranheza, pelo ultraje. Olhando para o dólar, parecia-lhe ver uma feira interminável de tubos de pasta que lembravam uma corda de madeira trançada. Todo o seu ser se revolveu num protesto apaixonado: “Não quero mais”, disse ele. “Nunca mais hei de querer”, pensou.

Não se atrevia a olhar para a cara da dietista. Sentia a sua presença, ouvia-lhe a respiração longa e entrecortada. Agora vem, pensou instantaneamente. Porém ela sequeu o sacudiu. Não fez mais do que segurá-lo bem, sem sacudi-lo, como se a sua mão não soubesse o que ia fazer depois. Tinha aproximado tanto o rosto do menino que este lhe sentia o hálito sobre si. Não precisava levantar os olhos para ver que expressão teria o rosto dela. “Diga então”, exclamou a moça. “Diga, negro bastardo! Negro bastardo!”

Isso foi no terceiro dia. No quarto dia tornara-se completamente louca, mansamente louca. Deixou de fazer planos. As suas ações seguintes obedeciam a uma espécie de adivinhação; era como se as noites de insônia e os dias nos quais ela alimentara o seu medo e a sua fúria por

trás de uma máscara de impassibilidade tivessem modificado a sua psique, juntamente com a natural infalibilidade com que a mulher possui a espontânea compreensão do mal.

Agora ela se sentia inteiramente tranquila. Pelo momento escapara até mesmo ao mais urgente. Parecia-lhe que agora tinha tempo para observar e planejar. Relanceando os olhos em redor, seu olhar, seu espírito, seu pensamento detiveram-se direta e instantaneamente no porteiro sentado à porta do quarto da fornalha. Não houve nisso nenhum raciocínio nem cálculo. Foi como se olhasse um momento para fora de si mesma, como o passageiro de um automóvel, e sem nenhuma surpresa viu aquele homenzinho sujo que, sentado numa cadeira de palhinha junto à soleira, tismado de fuligem, lia, através dos óculos de aros de aço, um livro que tinha sobre os joelhos. Era uma figura, quase um móvel da casa, que conhecia ali havia cinco anos, sem nem uma vez sequer ter-lhe verdadeiramente prestado atenção. Não o teria reconhecido na rua. Conquanto fosse um homem, ela teria passado ao seu lado sem conhecê-lo. A vida lhe parecia agora reta e simples como um corredor em cuja ponta estava sentado aquele homem. Antes de ter consciência de que começara a andar sobre o soalho sujo, já se dirigia para ele.

O homem estava sentado na sua cadeira de palha, no umbral da porta, com o livro aberto sobre os joelhos. Ao aproximar-se, a dietista viu que o livro era a Bíblia. Reparou naquilo como teria reparado numa mosca que estivesse passeando na perna do porteiro. “O senhor também o odeia”, disse-lhe ela. “O senhor também o tem observado. Tenho visto. Não diga que não.” O homem encarou-a, tendo agora os óculos por cima das sobrancelhas. Não era velho. A ocupação que exercia era uma incongruência. Era um homem- forte, na força da idade, um homem que deveria levar uma vida dura e ativa e a quem o tempo, as circunstâncias, qualquer coisa havia traído, arremessando o corpo robusto e a mentalidade de um homem de quarenta e cinco anos a um remanso que conviria a um homem de sessenta ou sessenta e cinco. “O senhor sabe”, disse ela. “Sabia antes que os outros meninos comesçassem a chamá-lo de negro. O senhor veio para cá quase na mesma ocasião. Não fazia ainda um mês que trabalhava aqui quando, naquela noite de Natal, Charley o encontrou na porta. Responda.” O porteiro tinha uma cara redonda, um pouco balofa, bastante suja, com uma barba crescida, também suja. Seus olhos eram muito claros, cinzentos e frios. Eram também olhos de louco, mas a mulher não o notou, ou talvez não lhe parecessem de louco. Olharam um para o outro, defrontaram-se no umbral manchado de carvão. E uns olhos de louco olharam outros olhos de louca, e uma voz de louca falou com outra voz de louco, com a calma, a compostura e a clareza de dois conspiradores. “Observei-o durante cinco anos”, disse ela, acreditando estar falando a verdade, “vendo-o sentado nessa mesma cadeira. O senhor só se senta aí quando os meninos estão lá fora. Quando eles saem, tira a cadeira, leva-a para a porta e fica a observá-los. A

observá-lo, a ouvir como os outros o chamam de negro. É isso que o senhor faz. Eu sei. O senhor está aqui só para isso, para vê-lo e odiá-lo. O senhor estava prevenido quando ele chegou. Talvez tenha sido o senhor mesmo quem o trouxe e o deixou na escada. Em todo caso o senhor sabe. E eu preciso saber. Quando ele contar, me mandam embora. E Charley pode... Responda. Responda agora”.

— Ah! — disse o porteiro. — Eu sabia que o menino estava ali para apanhá-la quando Deus designasse a hora. Sabia. E sei quem o deixou ali, como um sinal e um ferrete de prostituição.

— Sim. Ele estava atrás da cortina. Tão perto de mim como está o senhor agora. Conte-me. Tenho reparado nos seus olhos, quando o senhor olha para ele. Tenho observado o senhor. Durante cinco anos.

— Sei — replicou o porteiro. — Conheço o mal. Não fui eu que fiz o mal erguer-se e andar por este mundo de Deus? À própria face de Deus, transformei-o numa imundície ambulante. Da boca das criancinhas Ele nunca o escondeu. A senhora já os ouviu. Eu nunca lhes disse que o chamassem por sua verdadeira natureza, pelo nome da sua condenação. Eu nunca lhes disse. Eles o souberam, mas não por mim. Apenas esperei que Deus julgasse chegado o momento de fazer Ele próprio essa revelação ao seu mundo de vivos. E o momento chegou. É este o sinal, inscrito de novo no pecado de mulher, no pecado da carne.

— Sim. Mas que devo fazer?

— Esperar. Apenas esperar. Eu esperei durante cinco anos que o Senhor se movesse e manifestasse os seus desígnios. E Ele os manifestou. Agora espere. Quando chegar o momento oportuno, Ele manifestará a sua vontade àqueles que devem dispor das coisas.

— Sim. Os que devem dispor.

Olharam um para o outro, imóveis, respirando tranquilamente.

— A diretora. Quando chegar o momento próprio, Ele lhe revelará o seu desígnio.

— Quer dizer que, quando a diretora souber, o mandará embora? Pode ser. Mas eu não posso esperar.

— Também não pode querer que o Senhor se apresse. Eu também não tive de esperar cinco anos?

A dietista bateu de leve com uma mão na outra.

— Não compreende? Pode ser este o processo de Deus. É o senhor quem diz isso, porque o sabe. Talvez Ele o tenha designado para dizer-me, e a mim para o dizer à diretora.

Os olhos de louca estavam perfeitamente calmos. A voz de louca exprimia calma e paciência. Apenas as leves mãos estavam irrequietas.

— Espere como eu esperei — disse ele. — A senhora vem sentindo há três dias o peso do remorso, o peso da mão de Deus. Eu vivi durante cinco anos sob o seu peso, esperando que Deus julgasse chegado o

momento oportuno, porque o meu pecado é maior do que o seu.

Conquanto a encarasse bem, não parecia que seus olhos a vissem. Eram como olhos de cego, muito abertos, frios, gélidos, fanáticos.

— O que fiz, e o que sofri para expiá-lo, o que a senhora tem feito, os sofrimentos das mulheres, não são mais do que um punhado de lama apodrecida. Eu suportei durante Cinco anos. Quem é a senhora para querer apressar Deus com as suas pequenas imundícies de mulher?

Ela se voltou imediatamente. “Está bem”, disse. “O senhor não precisa dizer-me, porque eu já sei. Vi logo que o pequeno é meio negro.” Voltou para a casa, a passos lentos, bocejando de modo terrível. “A única coisa que posso fazer é descobrir um meio de levar a diretoria a acreditar. Aposto que ele não vai contar. Não me apoiará” Tomou a bocejar de modo tremendo, com o rosto sem expressão, vazio, cheio apenas de bocejo e, logo após, vazio até mesmo do bocejo. Ocorrera-lhe uma idéia. Não se lembrara daquilo antes, mas pareceu-lhe tão natural que julgou ter sempre pensado: não somente expulsariam o menino, mas também o castigariam por ter causado a ela preocupações e medo. “Sem dúvida será enviado para o orfanato de negros. Terão de mandá-lo para lá”, pensou.

Não foi imediatamente falar à diretora. Tivera essa intenção, mas, em vez de encaminhar-se para a porta do escritório, deu consigo passando por ela, em direção às escadas e subindo. Era como se estivesse seguindo a si própria, para ver aonde ia. No corredor, agora sossegado e deserto, tornou a bocejar num afrouxamento total. Entrou no seu quarto, fechou a porta. Tirou a roupa e meteu-se na cama. As cortinas estavam descidas. Naquela meia escuridão ficou quieta deitada de costas. Tinha os olhos fechados e o rosto inexpressivo e liso. No fim de algum tempo pôs-se a abrir e fechar as pernas lentamente, sentindo deslizar sobre elas os lençóis, frescos e lisos a princípio, depois lisos e tépidos. O pensamento parecia dependurado entre o sono que não tinha havia três noites e o sono que estava a ponto de ter agora, com o corpo aberto ao sono, como se o sono fosse um homem. “O único meio é fazer a diretora acreditar.” Pensou em seguida: *O menino vai parecer uma ervilha numa caçarola cheia de grãos de café.*

Isso fora à tarde. Às nove da noite estava outra vez tirando a roupa quando ouviu que o porteiro caminhava pelo corredor, em direção à porta do seu quarto. Não sabia, não podia saber quem era. Então, sem saber como, ao ouvir os passos firmes e uma pancada na porta que se abriu antes que pudesse saltar para ela, percebeu quem era. Não falou. Saltou para a porta, empurrando-a, sustentando-a com todo o seu peso. “Estou mudando de roupa”, disse com a voz débil, agoniada, sabendo quem era. Com todo o corpo de encontro à porta, que começava a abrir-se, com a abertura alargando-se, o porteiro não respondeu. “Não pode entrar agora”, gritou ela com voz que era pouco mais que um murmúrio. “Não sabe que eles ..” A voz era ofegante, fraca, desesperada. O homem

não respondeu. Ela tentou deter o lento abrir da porta. “Espere que me vista e sairei. Sim?” A voz era um sussurro débil, um tom leve, inconsequente, de quem fala a uma criança ou a um louco, acalmando, persuadindo. “Espere. Está ouvindo? Espere.” O abrir lento e irresistível da porta não cessava. Encostada à porta, vestindo apenas a roupa de baixo, a moça parecia uma boneca em alguma cena burlesca de violência e desespero. Inclinação, olhando para baixo, imóvel, parecia concentrada em profundos pensamentos, como se no meio da cena a boneca se houvesse extraviado dentro de si mesma. Em seguida voltou-se, largou a porta, de um salto meteu-se na cama, apanhando uma peça de roupa qualquer e voltou-se rápida, olhando para a porta e apertando a roupa contra o peito, feita uma trouxa. O porteiro já havia entrado: segundo parecia, tinha estado a olhar para ela, à espera durante todo aquele cego intervalo de alvoroço e pressa interminável.

Vestia o mesmo macacão de sempre e tinha posto o chapéu. Não o tirou e, como antes, seus olhos, cinzentos, desvairados, pareciam não vê-la nem olhar para ela. “Se o próprio Senhor entrasse no quarto de uma de vocês, vocês pensariam que Ele vinha com más intenções”, disse ele. “Contou à diretora?”

Sentada na cama, apertando a peça de roupa contra o peito, olhando para o homem com o rosto lívido, ela parecia afundar-se lentamente.

— Se contei?

— Que vão fazer com o menino?

— Que vão fazer?

Com a boca aberta e pendente como a de um idiota, ela observava aqueles olhos brilhantes e tranquilos, que pareciam não tanto olhar para ela como envolvê-la.

— Para onde vão mandá-lo? — perguntou. A moça não respondeu. — Não minta, não minta a Deus, ao Senhor. Vão mandá-lo para o orfanato de negros.

A boca da dietista fechou-se; ela parecia ter afinal descoberto que o porteiro estava falando.

— Imaginei tudo. Vão mandá-lo para o orfanato de negros.

Ela não respondeu. Observava-o agora em segredo, com uns olhos calculadores onde havia também um pouquinho de temor. O porteiro olhava agora para ela e seus olhos pareciam concentrar-se inteiramente sobre a sua forma, sobre a sua pessoa. “Responda, Jezabel”, gritou ele.

— Psiu! — fez ela. — Sim. Terão de mandá-lo para lá quando descobrirem.

— Ah! — exclamou o porteiro. Seu olhar se esvaiu. Seus olhos a libertaram e a envolveram novamente. Olhando para aqueles olhos, a moça parecia ver-se neles mais insignificante do que nada, trivial como um broto a flutuar num tanque. Em seguida os olhos adquiriram uma

expressão quase humanai O porteiro começou a olhar em torno do aposento, como se nunca tivesse visto um quarto de mulher: quarto fechado, morno, desarrumado, cheirando a mulher e a flor. “Imundícies femininas!”, disse ele. “Perante a face de Deus!” Voltou as costas e saiu. No fim de algum tempo a mulher levantou-se e permaneceu um momento de pé, apertando nas mãos a peça de roupa, lançando em direção à porta um olhar fixo de idiota, como se não soubesse o que fazer. Em seguida correu para a porta, empurrou-a com todo o corpo com estrondo, fechou-a e permaneceu apoiada sobre ela, a arfar, agarrando com ambas as mãos a chave a que dera volta.

No dia seguinte, na hora do café, faltavam o homem e o menino. Não se descobriu nenhum vestígio deles. A polícia foi avisada. Encontraram aberta uma porta lateral, de que o porteiro possuía uma chave.

— É que o porteiro sabe — disse a dietista à diretora.

— Sabe o quê?

— Que o menino, aquele achado pelo Natal, é negro.

— Como? — disse a diretora. Recostou-se na cadeira e olhou fixamente para a moça. — N... Não acredito! — exclamou. — Não acredito!

A diretora passava dos cinquenta anos. Tinha um rosto balofo e uns olhos francos e bondosos. “Não acredito!”, dissera ela. No fim de três dias, porém, mandou chamar a dietista. Tinha o ar de quem não dormia havia três noites. A dietista, pelo contrário, estava completamente repousada, completamente serena. Não se abalou nem mesmo quando a diretora lhe disse que o homem e o menino tinham sido encontrados. “Em Little Rock”, disse a diretora. “O porteiro queria pôr o menino num orfanato de lá. Tomaram-no por louco e detiveram-no até que a polícia chegou.” Olhou para a moça. “Você me disse... outro dia que... Como soube?”

A dietista não desviou o olhar.

— Eu não sabia. Não tinha a menor idéia. Quando ouvia as outras crianças chamarem-no de negro, pensava sempre que isso não significava nada.

— As outras crianças? Chamavam-no de negro? — perguntou a diretora.

— Chamavam-no assim há vários anos. Às vezes penso que as crianças têm uma maneira de saber as coisas que a gente adulta, da minha idade e da sua, não pode ver. As crianças e os velhos como ele, como aquele velho. É por isso que ele estava sempre sentado ali na porta, enquanto as crianças brincavam no pátio: queria observar o menino. Talvez tivesse sabido por ouvir os outros chamarem-no de negro. Mas talvez já soubesse antes. A senhora deve estar lembrada de que os dois chegaram aqui quase na mesma ocasião. Não fazia ainda um mês que ele trabalhava aqui quando naquela noite de Natal... Lembra-se? Char...

alguém encontrou o menino ao pé da escada.

A dietista falava suavemente, fixando os olhos espantados e franzidos da outra, que olhava para ela fixamente, como se dela não pudesse afastar a vista. O olhar da dietista, porém, era brando e inocente.

— Outro dia — continuou ela — estávamos conversando e ele queria dizer-me alguma coisa sobre o menino. Era uma coisa que me queria contar, contar a alguém, e finalmente não teve coragem e não disse nada. Deixei-o lá. Não pensei mais nisso. Esquecera-o completamente quando...

Interrompeu-se e olhou para a diretora, ao mesmo tempo em que lhe surgia no rosto uma expressão consciente, de compreensão súbita. Ninguém poderia dizer se era simulada ou não,

— É isso... Agora compreendo o que aconteceu justamente na véspera do desaparecimento do homem e do menino. No mesmo dia em que falei por acaso com o porteiro, o qual se negou a dizer-me o que havia começado, ia eu pelo corredor, em direção ao meu quarto, quando ele apareceu subitamente e me deteve. Estranhei um pouco, porque nunca o tinha visto dentro da casa. E disse-me... Falava como louco, parecia louco. Assustei-me, não me atrevia a fazer um movimento. Ele obstruía o corredor. Perguntou-me: “A senhora já disse a da?” “Disse a quem?” repliquei. “A quem e o quê?” Compreendi então que se referia à senhora. Perguntava se eu já havia procurado dizer à senhora alguma coisa acerca do pequeno. Porém eu não sabia o que o porteiro queria que eu lhe dissesse. Assustei-me e tive vontade de gritar. Então ele me perguntou: “Que fará a diretora quando descobrir? E eu não soube o que dizer, nem como livrar-me dele. “Não precisa dizer-me”, acrescentou. “Já sei. Será enviado para o orfanato de negros.”

— De negros?

— Não sei como demoramos tanto tempo para descobrir. Basta olhar-lhe o rosto, os olhos, o cabelo. É horrível, está claro. Mas ele só poderia ir para lá, suponho.

Por trás dos óculos os olhos fracos da diretora tinham uma expressão gelatinosa, como se ela quisesse forçá-los a ver alguma coisa que ultrapassasse o alcance deles.

— Mas que motivo teria o porteiro para querer levar o menino?

— A senhora quer saber o que penso? Parece-me que ele está louco. Se a senhora o tivesse visto como eu o vi no corredor, naquela noi... naquele dia, como eu vi... Naturalmente não convém muito ao pequeno ir para o asilo de negros, depois de ter vivido aqui tanto tempo com os brancos. Ele não tem culpa de ser o que é. Mas nós tampouco somos culpados disso...

Calou-se, observando a diretora. Atrás dos óculos os olhos da outra continuavam fracos, impotentes. A boca tremia-lhe ao formar as palavras. Suas palavras eram também impotentes, mas bastante

decisivas, bastante determinadas.

— Temos de confiá-lo a alguém. Temos de fazer isso imediatamente. Quer fazer o favor de me dar a lista...

Quando o menino despertou, sentiu que estava sendo carregado.

Estava escuro como breu e fazia frio. Ia carregado nos braços de alguém que descia as escadas em silêncio, com infinito cuidado. Apertado entre ele e os braços que o carregavam sentia um embrulho. Viu logo que era a sua roupa. Não gritou, não deixou escapar nenhum som. Pelo cheiro, pelo ar, sabia que estava na escada de serviço que conduzia à porta lateral do quarto onde ficava a sua cama, entre as outras quarenta, havia tanto tempo, desde que se podia recordar. Pelo cheiro sabia também que a pessoa que o carregava era um homem. Mas não fazia ouvir nenhum som. Conservava-se tão imóvel, tão bambo como se estivesse dormindo, carregado por braços invisíveis, movendo-se, descendo vagarosamente para a porta lateral que dava para o recreio:

Não sabia quem o carregava. Isso não lhe importava, porque julgava saber para onde ia e por que motivo o levavam. Mas isso também não lhe importava. Aquilo o fazia remontar a dois anos atrás, quando tinha três anos de idade. Um dia faltou entre as crianças uma menina de doze anos, chamada Alice. Ele gostava da menina o bastante para deixá-la fazer de sua mãe ou talvez por causa disso. Para ele Alice era tão madura, quase tão grande como as mulheres que preparavam sua comida, sua roupa, e lhe determinavam a hora de dormir, com a diferença de que nunca seria para ele uma inimiga. Uma noite ela o acordou. Queria dizer-lhe adeus, mas ele não sabia. Estava com sono e um pouco aborrecido, estremunhado, tolerando-a apenas porque ela sempre procurava ser boa para ele. Não sabia que a menina estava chorando, pois não sabia ainda que as pessoas grandes choram, e, quando veio a saber disso, já a sua memória se esquecera de Alice. Tornou a adormecer, bastante aborrecido, e na manhã seguinte ela se fora. Desaparecera sem deixar vestígios, nem sequer uma peça de roupa. E até mesmo a sua cama já estava ocupada por um menino recém-chegado. Nunca soube para onde ela fora. No dia seguinte prestou atenção, enquanto as meninas mais crescidas, que tinham ajudado Alice a preparar-se para a partida — com o mesmo tom abafado e secreto com que meia dúzia de mocinhas ajudam a sétima a preparar-se para o casamento —, falavam ainda em voz baixa sobre o vestido novo, os sapatos novos e o carro que a levaria. Então o menino compreendeu que ela se fora de vez, atravessara o portão de ferro e a cerca de arame. Parecia-lhe que a via então, fazendo-se heróica no momento de desaparecer para lá do portão que se fechava com estrondo, desaparecendo sem diminuir de tamanho, numa coisa anônima e esplêndida como um pôr-de-sol. Somente mais de um ano depois veio a saber que ela não era a primeira nem seria a última. Outros, além de Alice, haviam desaparecido atrás do portão ruidoso, com um vestido novo, ou um macacão novo, ou levando às vezes uma trouxinha menor

que uma caixa de sapatos. Pensava que era isso o que lhe acontecia agora. Julgava saber afinal como era que todos eles podiam desaparecer sem deixar vestígios. Pensava que os haviam carregado, como ele era carregado agora, nas horas mortas da noite.

Adivinhou a porta, que ficava muito próxima. Sabia o número exato de passos que o homem com a sua silenciosa carga ainda tinha de baixar. Sentia-lhe no rosto a respiração tranquila, rápida e cálida. Percebia os braços tensos e rígidos e o embrulho que sabia ser a sua roupa. O homem deteve-se. Quando se curvou, os pés do menino tocaram o chão, e os dedos se lhe encolheram: ao contato das tábuas frias como ferro. O homem falou pela primeira vez. “Fique em pé”, disse ele. Então o menino soube quem era.

Reconheceu o homem imediatamente, sem surpresa. A diretora é que teria ficado surpreendida se tivesse sabido que o menino conhecia tão bem aquele homem. Não sabia o nome dele e naqueles três anos, desde que começara a ter consciência das coisas, não haviam trocado sequer cem palavras. Mas na vida do menino aquele homem era uma pessoa mais definida do que qualquer outra, sem excetuar Alice. Aos três anos de idade sabia já que entre ele e o homem havia qualquer coisa de que não se precisava falar. Sabia que não passava um momento no pátio do recreio sem que o homem o observasse da sua cadeira, na porta do quarto do forno, e que o observava com uma atenção profunda e incessante. Se o menino fosse mais crescido, podia ter pensado: *Este homem me odeia e me teme. Odeia-me tanto que não me pode perder de vista.* Com um vocabulário mais amplo e na mesma idade, talvez tivesse pensado: *É que sou diferente de todos os outros; por isso ele me observa constantemente.* E aceitava, o fato. E assim não experimentou nenhuma surpresa ao descobrir quem era a pessoa que o havia tirado da cama, dormindo, e o conduzia pela escada abaixo, pois, ao ver-se de pé junto à porta na noite fria e escura como breu, teria podido pensar, enquanto o homem o ajudava a vestir-se: *Odeia-me bastante para querer evitar que me aconteça alguma coisa que iria acontecer.*

Vestiu-se obediente, o mais depressa que pôde, tiritando, pondo de qualquer maneira as peças de roupa que os dois procuravam, tateando. “Os sapatos”, disse o homem num murmúrio agoniado. “Aqui estão.” O homem não o tocava, mas o menino ouvia, sentia que também ele estava de cócoras, ocupado. “Ele também está calçando os sapatos”, pensou. O homem, que tateava no escuro, encontrou-o de novo e ajudou-o a pôr-se de pé. O menino não atara os cordões dos sapatos. Ainda não sabia fazê-lo. Não disse ao homem que não os havia amarrado, Não fez nenhum barulho. Quando se pôs de pé, o homem o envolveu numa peça de roupa maior (pelo cheiro compreendeu que era dele) e sentiu-se de novo carregado. À porta se abriu para dentro, num largo bocejo. Entrou uma corrente de ar frio e a luz das lâmpadas da rua. O menino viu as luzes e as paredes nuas da fábrica e as chaminés altas e sem fumaça, de

encontro às estrelas. À luz da rua, a cerca de arame era como uma fileira de soldados mortos de fome. Ao atravessarem o pátio do recreio deserto, os pés do menino, pendentes, balançavam ritmicamente com o passo do homem, e os sapatos desatados bailavam nos seus tornozelos. Chegaram ao portão de ferro e transpuseram-no.

Não tiveram de esperar muito tempo pelo bonde. Se fosse mais crescido, o menino podia ter notado como o homem havia calculado bem o tempo. Mas não pensou nisso. Com os sapatos desatados, embrulhado até os pés no paletó do homem, bem desperto, com a carinha impassível, esperou de pé ao lado do seu guia. Chegou o bonde, e a fileira de janelinhas rangeu quando o veículo parou e enquanto eles subiam. Como passasse de duas horas, o bonde vinha quase vazio. O homem reparou nos sapatos desatados, atou-os enquanto o menino olhava, muito, quietinho, sentado no banco, com as pernas estiradas. A estação ficava muito distante. O menino já havia andado antes em bonde e adormeceu. Quando acordou, já era dia e fazia algum tempo que se encontravam no trem. O menino nunca havia viajado de trem, mas ninguém diria isso. Quietinho, como no bonde, completamente envolto no paletó do homem, só ficando de fora as pernas estiradas e a cabeça, contemplou o campo — colinas, árvores, vacas e coisas semelhantes — que nunca tinha visto desfilar assim, velozmente. Quando o homem viu que ele estava acordado, abriu um embrulho de jornal, onde trazia comida: era pão com presunto no meio. “Tome”, disse-lhe. O menino pegou no pão com presunto e comeu, olhando sempre pela janela.

Não disse nenhuma palavra, não manifestou surpresa alguma nem mesmo quando o polícia se aproximou deles no fim de três dias e os deteve. O lugar onde se encontravam não era diferente do que haviam abandonado de noite — eram os mesmos meninos, com nomes diferentes, a mesma gente, com cheiros diversos: para ele havia tanta razão para estar ali como para ter saído de onde saíra. Mas não se surpreendeu quando alguém se aproximou dele e lhe disse outra vez que se levantasse e se vestisse, sem lhe dizer por que nem para onde iam. Talvez pensasse que regressavam ao lugar de onde tinham vindo; talvez tivesse compreendido sempre, com a clarividência da infância, qualquer coisa que o homem não compreendera: que aquilo não duraria, não poderia durar. Do trem tornou a ver as mesmas colinas, as mesmas árvores e as mesmas vacas, mas do outro lado, em outra direção. O polícia deu-lhe de comer. Embora não o tivesse tirado de um pedaço de jornal, era outra vez pão com presunto no meio. O menino notou-o, mas não disse nada, talvez nem pensasse em nada.

Já estava outra vez em casa. Talvez esperasse ser castigado ao voltar, não sabia exatamente por que culpa, pois já havia aprendido que, conquanto as crianças considerem as pessoas adultas como adultos, estes só consideram as crianças como adultos também. Já esquecera o caso da pasta de dentes. Pôs-se a evitar a dietista, da mesma maneira que um

mês antes estivera sempre a interpor-se no seu caminho. E evitava-a com uma tal ansiedade que há muito esquecera as razões que tinha para isso. Depressa esqueceu também a excursão: jamais chegara a compreender que houvesse uma relação entre os dois acontecimentos. De vez em quando pensava naquilo de modo vago e nebuloso. Mas só quando olhava para a porta do quarto do forno se lembrava do homem que costumava sentar-se ali observando-o, e que, como todos quantos se iam dali, havia desaparecido completamente, sem deixar rastro, nem sequer a cadeira de palhinha na soleira da porta. O menino também não estranhou nem tratou de saber para onde ele fora.

Um dia de tarde vieram buscá-lo na sala de estudo. Faltavam duas semanas para o Natal. Duas das moças (nenhuma delas era a dietista) conduziram-no ao banheiro, lavaram-no, pentearam-lhe o cabelo molhado, vestiram-no com um macacão limpo e o levaram ao gabinete da diretora. No gabinete estava sentado um homem, um desconhecido. O menino olhou para ele e, antes de a diretora falar, compreendeu. Talvez a memória começasse a saber, talvez o conhecimento começasse a recordar, talvez sentisse desejo, visto que cinco anos é muito pouca idade para ter sentido desespero como para ter aprendido a esperar. Talvez se recordasse subitamente da viagem de trem e da comida, pois a sua memória não alcançava ainda muito mais longe. “Joseph”, disse a diretora, “gostaria de ir para o campo, viver com gente muito boa?”

Com as orelhas e a cara vermelhas e ardendo por causa do sabão grosseiro e da toalha áspera, com o macacão novo e duro, ouviu o desconhecido falar. Olhara para ele uma vez: era um homem corpulento, de barba castanha, cabelo curto, mas não cortado recentemente. A barba e o cabelo, ainda sem câs, eram duros e fortes, como se a sua pigmentação fosse impermeável aos quarenta e tantos anos que o rosto indicava. Os olhos eram claros, frios. Estava decentemente vestido de preto. Tinha sobre os joelhos um chapéu também preto, em cujo feltro macio uma de suas mãos rudes e limpas se fechava com força. Atravessada nó colete, havia uma pesada cadeira de relógio de prata. Encostados um no outro, viam-se os seus reluzentes sapatos pretos. Vendo-o, até mesmo um menino de cinco anos podia compreender que ele não fazia uso do fumo nem o tolerava nos demais. Mas o menino não olhava para o homem, com medo dos seus olhos.

Percebeu, contudo, que o homem olhava para ele com um olhar fixo, atento e frio, conquanto não deliberadamente rude. Era o mesmo olhar com que teria examinado um cavalo ou um arado de segunda mão, convencido de antemão que iria encontrar defeitos, e convencido, também de antemão, que ia comprar. Falava com voz deliberada, intermitente, calculadora: era a voz de um homem que pedia que o ouvissem não tanto com atenção como em silêncio. “Então a senhora não quer ou não pode dizer-me mais alguma coisa sobre, a família dele.”

A diretora não olhou para o homem. Atrás dos óculos, os olhos dela

haviam-se transformado em gelatina, pelo menos no momento. Disse logo, talvez um pouco precipitadamente:

— Não fizemos nenhum esforço para averiguar quem são seus pais. Conforme lhe disse, deixaram-no na escada em uma noite de Natal, vai fazer cinco anos dentro de duas semanas. Se dá tanta importância à origem do menino talvez seja melhor não adotar nenhum.

— Não era exatamente isso que eu queria dizer — retrucou o desconhecido num tom um tanto conciliador, conseguindo dar uma explicação e desculpar-se sem nada abdicar das suas convicções. — Pensei que poderia falar com Miss Atkins (era o nome da dietista), pois foi com ela que tratei por carta.

A diretora respondeu outra vez precipitadamente, num tom frio, quase antes de o homem acabar de falar:

— Talvez eu possa informá-lo tão bem como Miss Atkins acerca desse menino ou de qualquer outro. Oficialmente, aqui Miss Atkins se encarrega apenas do refeitório e da cozinha. O que aconteceu nesse caso foi que ela teve a bondade de servir de secretária na nossa correspondência com o senhor.

— Não tem importância — disse o desconhecido —, não tem importância. Pensei apenas que...

Que foi que o senhor pensou? Não costumamos obrigar ninguém a levar as nossas crianças, nem também as forçamos a ir contra a sua vontade, quando nos apresentam razões sólidas. É um assunto que só pode ser decidido entre as duas partes interessadas. Não fazemos mais que aconselhar.

— Sim — exclamou o desconhecido. — Como lhe disse, não tem importância. Estou certo de que o garoto me convém. Em minha casa, comigo e com minha mulher, encontrará um bom lar. Já não somos jovens e levamos uma vida sossegada. Não encontrará ali iguarias nem ociosidade, nem tampouco trabalho superior às suas forças. Não tenho dúvida de que conosco crescerá no temor de Deus e detestará a ociosidade e a vaidade, apesar da sua origem.

E assim a nota promissória que assinara com um tubo de pasta de dentes naquela tarde, havia dois meses, lhe era agora apresentada e o signatário dela, informe, imóvel, esquecido, via-se envolto numa manta de cavalo, bem limpa, no assento de um pequeno carro de duas rodas que seguia por um caminho estreito, gelado e cheio de sulcos, no crepúsculo de um dia de dezembro. Ao meio-dia o homem lhe dera de comer. Tirara de sob o banco uma caixa de papelão na qual havia comida feita três dias antes no campo. Somente então o homem lhe falou. Só pronunciou duas palavras, indicando com a mão metida numa mitene, e que agarrava o chicote, uma luz solitária brilhando no lusco-fusco. “A casa”, disse ele. O menino também não falou. O homem olhou para ele. O homem também estava encolhido por causa do frio, semelhando uma rocha informe,

grande, denotando mais implacabilidade do que doçura. “Olhe. Ali está a sua casa.” Ainda dessa vez o menino não respondeu. Como nunca tinha visto uma casa particular, não podia dizer nada. Também não era ainda bastante crescido para falar e ao mesmo tempo não dizer nada. “Encontrará comida, um teto e o cuidado de gente cristã”, disse o homem. “E um trabalho de acordo com as suas forças e que o afastará do mal. Quero que aprenda sem demora que as duas maiores abominações são a preguiça e o pensamento ocioso, e as duas grandes virtudes são o trabalho e o temor de Deus.” O menino continuava calado.

Nunca trabalhara nem temera a Deus. Sabia menos de Deus que de trabalho. Vira o trabalho na pessoa dos homens que trabalhavam de ancinho e pá durante seis dias da semana no pátio do recreio, mas, quanto a Deus, ocorria apenas no domingo. E então, se não fosse a maçada concomitante de assear-se, era a música que agradava ao ouvido e as palavras que não o perturbavam de modo algum, e até mesmo agradavam, apesar de serem um pouco enfadonhas. O menino não replicou. O pequeno carro prosseguia aos solavancos, puxado pela parelha de cavalos bem tratados, ansiosos pela casa e pelo estábulo.

Houve outra coisa de que não se lembraria senão mais tarde, quando a memória não aceitava mais o rosto do homem, não aceitava a superfície da recordação. Estavam no escritório da diretora; ele de pé, imóvel, sem olhar para os olhos do desconhecido, cujo olhar percebia, esperando que ele dissesse o que os seus olhos pensavam. De repente ouviu: “Christmas? É um nome gentio. Um sacrilégio. Hei de mudá-lo.”

— Tem todo o direito de fazê-lo — disse a diretora. — Quanto a nós, não estamos interessados nos nomes que lhes põem, mas sim na maneira de tratá-los.

Mas o desconhecido também não ouvia ninguém, como não estava falando com ninguém.

— De agora em diante vai se chamar McEachern.

— Fica muito bem dar-lhe seu nome — comentou a diretora.

— Comerá o meu pão e praticará a minha religião — disse o desconhecido. — Por que não tomaria também o meu nome?

O menino não prestou atenção. Tudo aquilo lhe importava muito pouco. Não tinha para ele maior importância do que se o homem dissesse que estava fazendo calor quando não estava. Nem sequer se lembrou de dizer consigo: *Meu nome não é McEachern, é Christmas*. Não tinha ainda necessidade de se preocupar, Teria ainda muito tempo para isso.

— Está claro. Por que não? — disse a diretora.

E a memória sabe disso; vinte anos depois a memória acredita ainda: *Naquele dia tornei-me um homem.*

A sala limpa e espartana trescalava a domingo. Nas janelas, as cortinas limpas, cerzidas, agitavam-se de leve à brisa que cheirava a terra revolvida e a maçãs silvestres. Sobre o harmônio amarelo, imitação de carvalho, com os pedais envoltos em pedaços de tapete desfiado e gasto, havia um vaso de cristal cheio de esporas. O menino estava sentado junto à mesa sobre a qual sê via uma lâmpada niquelada e uma Bíblia enorme, com fechos e charneiras de bronze. Vestia camisa limpa sem colarinho e umas calças escuras, grosseiras e novas. Os sapatos recentemente engraxados, e engraxados por um menino de oito anos, mostravam aqui e ali trechos sem lustro, especialmente nos saltos, onde a graxa não havia chegado. Sobre a mesa, aberto na sua frente, estava um catecismo presbiteriano.

McEachern estava de pé junto à mesa. Vestia camisa limpa, reluzente, e as mesmas calças pretas que usava quando o menino o viu pela primeira vez. O cabelo molhado, ainda sem cãs, penteado, liso, estendia-se sobre o crânio redondo. A barba também estava penteada e molhada.

— Você não se tem esforçado por aprender — disse ele.

O menino não levantou a cabeça. Não buliu. Mas o rosto do homem já não tinha a inflexibilidade de uma rocha.

— Sim, esforcei-me — disse o menino.

— Então experimente outra vez. Tem mais uma hora.

McEachern tirou do bolso um pesado relógio de prata, colocou-o sobre a mesa diante de si, puxou outra cadeira para perto da mesa e sentou-se, tendo sobre os joelhos as mãos limpas e bem esfregadas, e lado a lado os pesados sapatos lustrosos. Neles não havia zonas onde a graxa não tivesse chegado. Aquilo fora na véspera à hora da ceia. Mais tarde o menino, já em camisola de dormir, à hora de ir para a cama, levava umas chibatadas e tivera de lustrá-los de novo. O menino continuava sentado junto à mesa, com o rosto inclinado, imóvel, inexpressivo. Na sala limpa e desabrigada sopravam tênues lufadas de aragem primaveril.

Eram nove horas da manhã e encontravam-se ali desde as oito. Havia outras igrejas por perto, mas a presbiteriana ficava a cinco milhas de distância, a uma hora de viagem de carro. Às nove e meia Mrs. McEachern entrou timidamente, vestida de preto, com uma coifa na cabeça. Era uma mulher baixinha, um pouco corcunda, de rosto enrugado. Parecia quinze anos mais velha que o seu robusto marido. Não entrou de todo na sala. Deteve-se à porta, com a sua coifa, o seu vestido preto um pouco ruço, frequentemente escovado, uma sombrinha e um leque de folha de palmeira. Os seus olhos tinham uma expressão

estranha, como se ela visse ou ouvisse através de uma figura ou de uma voz humana mais imediata, como se ela fosse o meio e o seu vigoroso e implacável marido fosse o controle. É possível que o marido a tivesse ouvido, mas não levantou a cabeça nem saiu. Ela virou-se e saiu.

À hora certa McEachern ergueu a cabeça. “Sabe agora?”, perguntou.

— Não — respondeu o menino sem fazer um movimento.

McEachern ergueu-se deliberadamente, sem pressa. Pegou no relógio, fechou-o, tornou a guardá-lo no bolso e prendeu a corrente no suspensório. “Venha”, disse ele. Não olhou para trás. O menino acompanhou-o, através do vestibulo, em direção aos fundos da casa. Também caminhava ereto, de cabeça erguida, em silêncio. Nas espáduas dos dois, como se fosse por uma semelhança transmitida, estampava-se um ar de tenacidade. Mrs. McEachern estava na cozinha. Ela ainda trazia o chapéu, a sombrinha e o leque. Estava na porta olhando, quando passaram o marido e o menino. “Papai”, disse ela. Nenhum dos dois lhe dirigiu sequer um olhar. Era como se não tivessem ouvido, como se ela não tivesse falado. Mais parecidos, na sua rígida renúncia a todo e qualquer compromisso do que o poderiam ter sido se os unissem laços de sangue, prosseguiram, um atrás do outro. Atravessaram o quintal, em direção ao estábulo, e entraram. McEachern abriu a porteira da manjedoura e ficou de lado. O menino entrou. O homem tirou da parede uma correia de arreios. Como seus sapatos, a correia não era nova nem velha. Era limpa, como os sapatos, e estava impregnada do mesmo cheiro do homem: um cheiro de correia limpa, dura, viril, viva. McEachern olhou para o menino, que se encontrava diante dele, imóvel, com o rosto tranqüilo, um pouco pálido sob a pele lisa de pergaminho.

— Onde está o livro? — perguntou. — Não o trouxe? Vá buscá-lo.

A voz não era rude, mas também não era uma voz humana, pessoal. Era fria e implacável, como palavras escritas ou impressas. O menino voltou-se e saiu.

Quando entrou em casa, encontrou Mrs. McEachern no vestibulo. “Joe”, disse ela. O menino não respondeu. Sequer lhe dirigiu um olhar, não olhou o seu rosto e o rígido movimento da mão meio erguida numa rígida caricatura do movimento mais suave que pode fazer a mão humana. Passou ereto diante dela, com o rosto rígido, rígido talvez de orgulho e desespero. Ou talvez fosse vaidade, a estúpida vaidade do homem. Apanhou o catecismo sobre a mesa e voltou ao estábulo.

McEachern esperava-o de correia na mão. “Deixe-o aí.” O menino deixou o catecismo no chão. “Não, aí não”, exclamou McEachern sem se alterar. “Julga que o chão do estábulo onde pisam os animais é o lugar mais próprio para colocar a palavra de Deus? Já vou ensinar-lhe isso também.” E pegando no livro colocou-o sobre uma tábua. “Desça as calças. Não devemos sujá-las.”

O menino esperou com as calças descidas sobre os pés, as pernas descobertas sob a camisa curta, franzino, teso. Quando a correia desceu, ele não fez um movimento, sequer lhe passou pelo rosto um estremecimento. Tinha os olhos fixos ao longe, numa expressão calma de arroubo, como um monge numa gravura. McEachern começou a bater metodicamente, com força lenta e deliberada, sem ardor nem cólera. Seria difícil dizer qual dos dois rostos tinha uma expressão mais absorta, mais calma, mais convicta.

Bateu dez vezes e depois parou. “Tome o livro”, disse. “Levante as calças.” Entregou o catecismo ao menino, que o recebeu e ficou na mesma posição, empertigado, o rosto e o livro erguidos, numa atitude de exaltação. Se estivesse de sobrepeliz, seria um coroinha católico, servindo de nave a manjedoura sombria e o tabique para além do qual, na obscuridade recendendo a amoníaco, os animais se agitavam de vez em quando, bufando e pateando. McEachern inclinou-se rigidamente sobre o topo de uma manjedoura, com as pernas abertas, tendo uma mão no joelho e na outra o relógio de prata. Seu rosto limpo e barbado tinha a impassibilidade de uma pedra lavrada, os olhos eram frios, inflexíveis, mas não desumanos.

Permaneceram assim uma hora mais. Antes de passada a hora, Mrs. McEachern chegou à porta dos fundos. Mas não falou. Ficou olhando para o estábulo, ainda de chapéu, com a sombrinha e o leque. Depois entrou de novo em casa.

Outra vez, quando o relógio marcou a hora exata, McEachern tornou a guardá-lo no bolso. “Sabe agora?”, perguntou. O menino não respondeu. Permanecera hirtó, direito como um fuso, segurando o catecismo aberto diante da cara. McEachern tirou-lhe o livro das mãos. O menino, porém, não buliu. “Repita a lição do catecismo”, disse McEachern. O menino continuava a olhar fixamente para o tabique em frente. Seu semblante estava agora inteiramente branco, a despeito da extrema lividez da epiderme. Cuidadosa e deliberadamente, McEachern colocou o livro sobre a tábua e pegou outra vez na correia. Bateu dez vezes. Quando terminou, o menino permaneceu imóvel um momento mais. Ainda não tomara café. Nenhum dos dois tomara café. O menino cambaleou e teria caído se o homem não lhe tivesse pegado no braço, sustentando-o. “Vamos”, disse McEachern, procurando conduzi-lo até a manjedoura. “Sente-se aqui.”

— Não — disse o menino, forcejando por libertar o braço que McEachern segurava. Este soltou-o.

— Sente-se mal? Está doente?

— Não — respondeu o menino com voz débil e muito pálido.

— Pegue o livro — disse McEachern pondo-lhe o catecismo na mão. Pela janela da estrebaria avistavam Mrs. McEachern que saía de casa. Vestia agora um roupão desbotado, trazia a coifa e carregava

também um balde de cedro. Passou pela janela sem olhar para a estrebria e desapareceu. No fim de algum tempo chegou-lhes aos ouvidos, pacífico e surpreendente no ar de domingo, o rangido da roldana de um poço. Logo depois a mulher apareceu novamente à janela, com o corpo inclinado ao peso do balde que trazia na mão, e tomou a entrar em casa, sem olhar para o estábulo.

À hora marcada McEachern ergueu outra vez os olhos do relógio. “Já sabe?” O menino não respondeu, nem se mexeu. Quando McEachern se aproximou, viu que ele não olhava para a página e que o seu olhar estava parado e inexpressivo. Quando tocou no livro com a mão, viu que o menino se agarrava a ele como se fosse uma corda ou um poste. McEachern tirou-lhe o livro das mãos à força, o menino caiu ao comprido no chão, e ficou novamente imóvel.

Quando voltou a si, a tarde já ia adiantada. Encontrava-se na cama, no seu quarto de teto baixo, no sótão. O quarto estava silencioso e o crepúsculo começava a invadi-lo. Sentindo-se perfeitamente bem, o menino permaneceu por algum tempo a olhar para o teto oblíquo, quando percebeu que alguém estava sentado ao lado da cama. Era McEachern. Vestia agora a roupa de uso diário, não o macacão com que ia trabalhar no campo, mas uma camisa limpa, desbotada, sem colarinho, e calças cáqui, também desbotadas e limpas. “Está acordado”, disse puxando as cobertas da cama. “Então venha.”

— Vai açoitá-me outra vez? — perguntou o menino sem se mover.

— Venha — tornou McEachern. — Levante-se.

O menino ergueu-se, e ali ficou de pé aquela figurinha delgada, com a sua roupa de baixo, de algodão grosseiro. McEachern também se mexia pesadamente, com movimentos toscos, como se despendesse um tremendo esforço. E o menino, olhando com o interesse desassombrado de uma criança, viu o homem ajoelhar-se lentamente, pesadamente, ao lado da cama. “Ajoelhe-se”, disse McEachern. O menino ajoelhou-se e os dois ficaram assim ajoelhados, no quarto fechado, já escuro àquela hora: uma figurinha vestida com a roupa de baixo, de algodão grosseiro e um homem implacável, que jamais havia conhecido a piedade ou a vacilação. McEachern começou a rezar. Rezou durante muito tempo, com voz que parecia um zumbido, soporífica, monótona. Pediu perdão por haver desrespeitado o santo dia de domingo, levantando a mão contra uma criança, um órfão amado de Deus. Pediu que o obstinado coração da criança se abrandasse e que lhe fosse também perdoado o pecado de desobediência, pela mediação do homem de quem ele escarnecera e a quem desobedecera; pediu ao Deus Todo-Poderoso que fosse magnânimo como ele próprio, em virtude da graça consciente.

Acabada a oração, o homem levantou-se, mas o menino permaneceu ajoelhado. Não fez um movimento, mas os seus olhos estavam abertos, e nem por um momento baixara ou ocultara o rosto, cuja expressão era absolutamente calma, tranquila e absolutamente

impenetrável. Notou que o homem mexia na mesa sobre a qual estava a lâmpada. Ouviu o riscar do fósforo, e a chama erguer-se na mecha, dentro do globo, sobre o qual a mão do homem aparecia agora como se estivesse mergulhada em sangue. As sombras giraram e firmaram-se. McEachern apanhou uma coisa que se encontrava sobre a mesa, ao lado da lâmpada: era o catecismo. Olhou para o menino. Tinha as faces salientes semelhantes a granito, barbas até os óculos nas órbitas cavas. “Tome o livro”, disse.

Começara naquela manhã de domingo, antes do café. Não comera. Provavelmente nem o menino nem o homem haviam pensado em comer. Conquanto se tivesse aproximado da mesa e exorado a bênção sobre a comida e a necessidade de alimentar-se, o homem também não havia comido. Ao meio-dia, à hora do almoço, adormecera de exaustão nervosa e à hora do jantar nenhum dos dois pensara em comer. O menino nem mesmo sabia por que razão se sentia mal, por que estava fraco e quieto.

Era assim que se sentia na cama. A lâmpada continuava a arder; fora estava completamente escuro. Transcorrera já algum tempo, mas parecia-lhe que, se voltasse a cabeça, veria os dois, a ele próprio e ao homem, ajoelhados junto à cama, ou que em todo caso veria no tapete a marca dos dois pares de joelhos, sem substância tangível. O próprio ar parecia exalar aquela voz monótona como a de alguém que fala em sonhos, que, fala, esconjura, discute com uma Presença que sequer poderia deixar uma marca fantasmagórica num tapete real.

Deitado de costas, com as mãos cruzadas sobre o peito, como a efígie de um túmulo, ouviu novamente um rumor de passos na escada que rangia. Não eram os pés do homem. O menino ouvira McEachern sair de charrete, para vencer as três milhas de distância dali a um templo não-presbiteriano, com o intuito de cumprir a expiação que havia fixado para a manhã.

Sem voltar a cabeça, ouviu que a mulher de McEachern subia com dificuldade a escada e se aproximava do seu quarto. Embora, no fim de algum tempo, visse que a sombra aparecia na parede e notasse que a mulher trazia alguma coisa na mão, não voltou à cabeça. A mulher trazia comida numa bandeja que colocou sobre a cama. O menino não lhe dirigiu nem mesmo um olhar, não se mexeu. “Joe”, disse a mulher. O menino não se movia. “Joe”, repetiu a mulher sem tocar nele, porque vira os seus olhos abertos.

— Não tenho fome — replicou o menino.

A mulher não se mexeu. Ficou de pé, as mãos juntas sobre o avental. Também ela parecia não olhar para ele. Parecia estar falando com a parede atrás da cama. “Já sei o que você pensa, mas não é isso. Ele não me disse que trouxesse. A lembrança foi minha. Ele não sabe. Não é comida mandada por ele.” O menino não se moveu. Olhando para o oblíquo teto de madeira, o seu rosto tinha a gravidade de uma imagem esculpida. “Não comeu nada hoje. Sente-se e coma. Não foi ele que me

disse que trouxesse. Não sabe de nada. Esperei que ele se fosse e preparei eu mesma a comida.”

Então o menino sentou-se. E, sob o olhar da mulher, levantou-se da cama, agarrou a bandeja, levou-a para um canto, virou-a, atirando no chão a comida, os pratos e tudo. Depois voltou para a cama, levando a bandeja, como se fosse um cálice e ele o sacerdote, como se a camisa, comprada para um adulto e recortada, fosse a sobrepeliz. A mulher, que não se movera, não olhou para ele. Continuava com as mãos juntas sobre o avental. O menino meteu-se na cama, tomou a deitar-se de costas, com os olhos abertos fixos no teto. Via a Sombra imóvel, informe e um pouco curvada da mulher. Em seguida a sombra se afastou. Não olhou, mas notou que a mulher se ajoelhava no canto para repor na bandeja os pratos quebrados. Depois ela saiu e o quarto ficou em silêncio. A sólida mecha da lâmpada continuava a arder obstinadamente; as sombras das mariposas que revoavam loucamente eram do tamanho de pássaros. O menino aspirava, sentia entrar pela janela um cheiro de primavera e de terra.

Acabava de completar oito anos. Deviam transcorrer vários anos antes que a sua memória soubesse aquilo de que ele se recordava — anos depois daquela noite em que, uma hora depois, se levantou da cama, foi ao canto do quarto, ajoelhou-se como estivera ajoelhado no tapete e, inclinando-se sobre a comida desprezada, agarrando-a com as mãos, devorou-a como um glúton, como um cão.

Estava já bastante escuro; ele deveria encontrar-se a várias milhas de casa. Apesar de ter livres as tardes de sábado, nunca se vira tão longe de casa àquela hora. Quando voltasse, levaria uma sova, não pelo que pudesse ter feito ou não durante a sua ausência. Ainda que não tivesse cometido nenhum pecado, ao chegar em casa, apanharia a mesma surra que McEachern lhe daria se o tivesse visto cometer algum.

Mas talvez ele mesmo ainda não soubesse que não ia cometer um pecado. Os cinco amigos se reuniram calados nas imediações da porta desconjuntada de um ermo galpão da serraria, esperando a uns cem metros de distância, porque tinham visto a negrinha entrar, olhar para trás e desaparecer. A coisa fora arranjada por um dos meninos mais velhos, que foi o primeiro a entrar. Os outros, rapazes vestidos de macacões idênticos, que viviam num raio de três milhas e que, como aquele a quem conheciam por Joe McEachern, eram capazes de arar, ordenhar e cortar lenha como homens, tiraram a sorte por meio de palhinhas de diferentes tamanhos. Talvez Joe não tivesse pensado que aquilo fosse um pecado, enquanto não se lembrou do homem que estaria esperando em casa, pois que para um menino de catorze anos o pecado supremo consistiria em ser publicamente acusado de virgindade.

Quando chegou a sua vez, entrou no galpão. Estava escuro. Imediatamente, sentiu-se invadido pela vontade de apressar-se. Sentiu algo que lhe dava um impulso de fugir, como quando pensava em pasta

de dentes. Mas não buliu; ficou ali quieto, sentindo o cheiro de mulher, sentindo imediatamente o cheiro de negro, envolto em feminilidade negra, e impelido pela pressa, forçado a esperar que a negra falasse, que pronunciasse um som que o orientasse e que não consistia em nenhuma palavra determinada, e que o tomou completamente de surpresa. Em seguida pareceu-lhe que a via, pareceu-lhe ver qualquer coisa inclinada e abjeta: os olhos dela talvez. Curvando-se, pareceu-lhe que olhava para um poço negro, em cujo fundo via duas cintilações semelhantes a reflexos de estrelas mortas. Joe, que se movera, tocou-a com os pés. Em seguida tocou-a de novo; deu-lhe um pontapé, bateu-lhe com força e ouviu um gemido sufocado de surpresa e medo. Ela começou a gritar e Joe sacudiu-a, agarrando-a por um braço e batendo-lhe com pancadas selvagens, sentindo em todo caso a carne da negra, sentindo-se encerrado entre a feminilidade negra e a pressa.

A negra escapou-lhe dos punhos e Joe deu também uns passos para trás, quando os outros lhe caíram em cima como um enxame de abelhas e o agarraram, enquanto ele retribuía as pancadas, silvando de raiva e desespero. Então sentiu — e os outros sentiram — o cheiro de macho, enquanto a fêmea também escapulia, gritando. Os rapazes se atropelavam, se esquivavam, dirigindo golpes contra todas as mãos e todos os corpos em que tocavam, até que caíram, confundidos numa massa. Joe ficou debaixo, mas continuou lutando, batalhando, soluçando. A fêmea desaparecera. Não restava mais que a luta, como se entre eles houvesse soprado um vento áspero e forte. Os outros o sujeitaram finalmente: “Renda-se! Está vencido. Renda-se, promete?”

— Não — replicou Joe, arquejando e retorcendo-se. Nenhum deles podia ver ou distinguir um ao outro. Tinham esquecido completamente a rapariga e o motivo da luta, se é que sabiam qual era. Da parte dos outros fora puramente uma luta automática e reflexa: o impulso espontâneo que leva o macho a lutar com a companheira ou por causa da companheira com a qual copulou ou está a ponto de copular. Mas nenhum deles sabia por que motivo havia lutado, e Joe não lhes poderia dizer. Retiveram-no sobre o chão, falando placidamente uns com os outros em tom que denotava esforço.

— Saiam vocês que estão mais para trás, Depois todos nós o soltaremos ao mesmo tempo.

— Quem é que o agarrou? A quem estou segurando?

— Vamos, soltem, rapazes. Aqui está ele. Eu e...

E lutaram outra vez em massa. Sujeitaram-no de novo. “Já o agarramos. Soltem-no vocês. Abram espaço.”

Dois deles se levantaram e foram recuando até a porta. Os outros dois pareciam brotar da terra no galpão escuro, e deitaram a correr. Joe atacou-os logo que se viu livre, mas os outros já se haviam afastado. Estendido de costas, viu os quatro que corriam na escuridão e paravam

para tomar a olhar. Levantou-se, saiu do galpão e ficou na porta, limpando a roupa de modo puramente automático, e enquanto os outros rapazes se agrupavam a curta distância e olhavam para ele. E lá se foi no escuro, com a sua roupa escura. Era tarde. A estrela vespertina tinha a densidade e a riqueza de um botão de jasmim. Joe não olhou para trás nenhuma vez. Continuou andando, desaparecendo como um fantasma, enquanto os outros quatro rapazes que o observavam se agrupavam em silêncio, recortando-se no escuro aquelas caras pálidas e pequenas. Do grupo ergueu-se subitamente uma voz forte: “Olááá!” Joe não olhou para trás. Ouvia-se uma segunda voz que chegou mais suave e dizia claramente: “Veremos você amanhã na igreja, Joe.” Sem responder Joe continuava o seu caminho. De vez em quando limpava mecanicamente a roupa com as mãos.

Quando começou a divisar a casa, a luz já havia desaparecido no ocidente. No pasto, atrás do estábulo, havia uma fonte e um grupo de salgueiros cujo aroma se sentia na escuridão, sem se verem as árvores. Quando Joe se aproximou, as flautas das rãzinhas cessaram como outras tantas cordas cortadas simultaneamente com uma tesoura. Joe ajoelhou-se: era tal a escuridão que não se discernia nem ao menos o contorno da sua cabeça. Banhou o rosto e o olho inchado e atravessou o pasto em direção à luz da cozinha, que parecia vigiá-lo como um olho que o esperasse, ameaçador.

Quando chegou à cerca, deteve-se um pouco, apoiando-se a ela, olhando para a luz da janela da cozinha: com o ruído dos grilos o pasto tornara-se sonoro. Os pirilampos revoavam e desapareciam ao acaso. Numa árvore atrás da casa cantava um tordo. No bosque que ficava atrás de Joe, para além da fonte, ramalhavam dois salgueiros. Para além deles, como se fosse para além de um último horizonte estivai, uivava um cão. Então passou a cerca e viu alguém sentado, inteiramente imóvel, à porta do estábulo onde estavam as duas vacas que Joe ainda não ordenhara.

Pareceu-lhe que reconhecia McEachern sem surpresa, como se a situação fosse perfeitamente lógica, razoável e inevitável. Naquele momento pensava talvez que ele e o homem podiam sempre contar um com o outro, depender um do outro; que a atitude da mulher é que nunca era previsível. Talvez não visse nenhuma incongruência no fato de que, depois de se ter absteído do pecado que McEachern consideraria mortal e que podia ter cometido, ia ser castigado tal como se realmente fosse culpado. McEachern não se levantou. Continuou sentado, impassível como um rochedo. A camisa era uma vaga mancha branca no fundo negro do portão. “Já as ordenei e lhes dei de comer”, falou, levantando-se deliberadamente. É provável que o menino já soubesse que o homem tinha a correia na mão. A correia se ergueu e caiu com regularidade, como, a contar os golpes, produzindo um barulho monótono e regular. O corpo do menino parecia de madeira ou de pedra: uma torre ou um poste sobre os quais o que havia nele de sensível

meditava como um eremita, contemplativo e remoto no êxtase e na crucifixão de si mesmo.

Caminharam ao lado um do outro em direção à cozinha. Quando a luz da janela bateu sobre eles, o homem parou e curvou-se examinando Joe: “Andou brigando, hem?”, exclamou. “Qual foi o motivo?”

O menino não respondeu. Tinha o rosto impassível e sereno. No fim de algum tempo disse com voz calma: “Nenhum.”

Continuavam imóveis. “Não pode ou não quer dizê-lo?” O menino não respondeu. Não olhava para baixo, não olhava para lugar nenhum. “Se não sabe, é um idiota. E se não quer dizer, é porque fez alguma. Esteve com alguma mulher?”

— Não — respondeu o menino.

O homem olhou para ele. Quando falou, foi em tom meditativo.

— Você nunca me mentiu, sei bem — olhou para o menino, para o seu perfil imóvel. — Com quem você brigou?

— Lutei com mais de um.

— Espero que tenha deixado marcas neles — disse o homem.

— Não sei. Acho que sim.

— Ah! — disse o homem. — Vá lavar o rosto e as mãos. A ceia está pronta.

Naquela noite, quando foi para a cama, estava resolvido a ir embora. Sentia-se como uma águia; duro, presunçoso, poderoso, sem remorso, forte. Mas isso passou, embora então não soubesse que, como a águia, a sua própria carne bem como todo o espaço era ainda uma gaiola.

Durante dois dias McEachern não deu realmente pela falta da novilha. Em seguida encontrou o terno novo escondido no estábulo e, ao examiná-lo, observou que ainda não fora usado. Dera com a roupa pela manhã, mas não disse nada. À noite entrou no estábulo. Joe estava tirando o leite, sentado na cadeira baixa, com a cabeça inclinada para os ilhais da vaca. Tinha já pelo menos a estatura de um homem, mas McEachern não via isso. Se via alguma coisa, era o menino, o órfão de cinco anos, sentado no carro uma noite de dezembro, havia doze anos, sentado com a passividade tranquila, alerta e despreocupada de um animal. “Não vejo a sua novilha”, disse McEachern. Inclinado sobre o balde, ouvindo o esguichar constante do leite, Joe não respondeu; McEachern estava atrás dele, olhando por cima. “Estou dizendo que sua novilha não apareceu.”

— Já sei — respondeu Joe. — Acho que deve estar perto do arroio. Visto que é minha, já irei tratar dela.

— Ah! — replicou McEachern sem levantar a voz. — O arroio não é lugar onde se deixe à noite uma vaca que vale cinquenta dólares.

— Nesse caso quem perde sou eu. A vaca era minha — respondeu Joe.

— O quê? — exclamou McEachern. — Você disse *era* minha?

Joe não levantou os olhos. O leite produzia entre seus dedos um silvo constante antes de cair no balde. Percebeu que McEachern se mexia atrás dele, mas não olhou em redor, enquanto o leite esguichou. Então voltou-se. McEachern estava sentado à porta, num toro de madeira.

— É preferível que leve primeiro o leite para casa — disse. Joe, de pé, com o balde balançando nas mãos, falou em voz calma:

— Encontrá-la-ei amanhã cedo.

— Leve o leite para casa — disse McEachern. — Espero-o aqui.

Joe permaneceu imóvel por algum tempo. Em seguida encaminhou-se para a cozinha. A mulher de McEachern entrou no momento em que ele colocava o balde sobre a mesa. “A ceia está pronta”, disse ela. “Mr. McEachern já chegou?”

Joe já se voltara, encaminhando-se para a porta. “Vem já”, respondeu. Notou que a mulher o observava. “Só tem o tempo para lavar o rosto e as mãos”, disse ela num tom ansioso, como experimentando-o.

— Voltaremos já — tomou ele, encaminhando-se para o estábulo.

A mulher de McEachern aproximou-se da porta e seguiu-o com a vista. Ainda não estava de todo escuro. Enxergou o marido de pé, à porta do estábulo. Não disse uma palavra. Ficou ali, observando o encontro dos dois homens. Não podia ouvir o que diziam.

— Você disse que ela deve estar no arroio? — perguntou McEachern.

— Disse que talvez esteja. Lá o pasto é bastante grande.

Os dois falavam em voz muito baixa.

— Acha então que ela está lá? — disse McEachern.

— Não sei. Não sou vaca. Não sei onde pode estar.

McEachern deu um passo. “Vamos ver”, disse. Entraram no pasto um atrás do outro. O arroio ficava a um quarto de milha de distância. Os pirilampos brilhavam de encontro à faixa escura das árvores. Foram até lá. Os troncos das árvores estavam afogados em matagal espesso, que era difícil atravessar até mesmo de dia. “Chame-a”, disse McEachern. Joe não respondeu. Não se moveu. Olharam um para o outro.

— A vaca era minha. O senhor a deu para mim e eu a criei desde bezerra, porque o senhor a deu para mim.

— Sim — respondeu McEachern. — Dei-lhe a vaca para lhe ensinar a responsabilidade da posse, da propriedade, a responsabilidade do possuidor em relação àquilo que possui, com o consentimento de Deus. Para ensiná-lo a prever e a prosperar. Chame-a.

Durante algum tempo ficaram em frente um do outro. Talvez estivessem olhando um para o outro. Logo depois Joe voltou-se e foi seguindo pelo matagal. McEachern acompanhou-o. “Por que não a chama?”, perguntou ele. Joe não respondeu. Não parecia olhar para o

mato nem para o arroio. Olhava de vez em quando para a única luz que marcava a casa, voltando-se para trás como se estivesse medindo a distância que o separava dela. Caminhando devagar, chegaram à cerca que marcava o limite do pasto. Já estava completamente escuro. Quando chegaram à cerca Joe voltou-se e parou. Olhava agora para o outro. Encontravam-se outra vez frente a frente. “Que fez com a vaca?”, perguntou McEachern.

— Vendi-a — disse Joe.

— Ah! Vendeu-a? Pode-se saber por quanto?

Não podiam distinguir o rosto um do outro, Eram apenas formas quase da mesma altura. McEachern mais espadaúdo.

Acima da mancha branca da camisa a sua cabeça parecia uma das marmóreas bolas de canhão nos monumentos da Guerra Civil.

— A vaca era minha disse Joe. — Se não era minha, por que foi que o senhor disse que era? Por que me deu a vaca?

— Tem razão. Era sua. Não o repreendi ainda por tê-la vendido, contanto que a tenha vendido por bom preço. Ainda que tenha saído perdendo no negócio —: o que é mais do que provável, tratando-se de um rapaz de dezoito anos — não o repreenderá por isso, apesar de que talvez você tivesse feito melhor pedindo conselho a alguém com mais experiência da vida> Mas terá de aprender sozinho, como eu aprendi. O que eu queria saber é o seguinte: onde você guardou o dinheiro? Está em segurança?

Joe não respondeu. Estavam em frente um do outro.

— Deu-o a sua mãe adotiva para que o guardasse?

— Sim — respondeu Joe. Sua boca pronunciara a mentira. Não tivera intenção de responder e ouviu com assombro que sua boca pronunciava a afirmativa. Mas já era tarde demais

— Sim — acrescentou —, dei-lhe o dinheiro para guardar.

— Ah! — exclamou McEachern soltando um suspiro que soou quase como uma expressão de prazer, de satisfação e de vitória. — Com certeza vai dizer também que foi sua mãe adotiva que comprou o temo novo que encontrei escondido no estábulo. Você já mostrou todos os pecados de que é capaz: ociosidade, ingratidão, irreverência e blasfêmia. Agora apanho-o em dois outros: mentira e luxúria. Para que havia de querer um temo novo, senão para andar atrás de marafonas?

Naquele momento compreendeu que o menino que havia adotado doze anos antes era agora um homem. Frente a frente, tocando quase com os dedos dos pés um nó outro, McEachern bateu em Joe com o punho fechado..

Joe recebeu os dois primeiros golpes. Talvez hábito, talvez surpresa, o fato é que os aguentou, sentiu duas vezes na cara o punho rude do homem. Depois deu um salto para trás, acorrou-se, lambendo o sangue,

ofegante. Olharam-se cara a cara. “Não tome a bater em mim”, disse Joe.

Mais tarde, deitado, frio e hirto na sua cama no sótão, ouviu as duas vozes que subiam do quarto de baixo, através da escada estreita.

— Comprei-o para ele — dizia a mulher de McEachern.

— Comprei-o com o meu dinheiro da manteiga. Você me disse que eu podia gastá-lo. Simon! Simon!

— Mente ainda pior do que ele — disse o homem. A voz medida, áspera, sem calor, subia pela escada estreita e chegava até o quarto onde Joe se encontrava na cama. Joe não prestava atenção. — Ajoelhe-se, ajoelhe-se. AJOELHE-SE, MULHER. Peça graça e perdão a Deus e não a mim!

Desde aquela noite de dezembro, havia doze anos, a mulher sempre procurara ser boa para Joe, desde aquela noite em que, criatura gasta, paciente, sem outra demarcação de sexo a não ser a torcida de cabelo, grisalho e bem alisado, e a saía, esperara no pátio a chegada do pequeno carro. Era como se, em vez de ter sido sutilmente assassinada e corrompida pelo marido implacável e fanático, até converter-se em alguma coisa além do que ele tencionara e do que ela sabia, ele lhe tivesse batido tenazmente com um martelo, adelgaçando-a como um metal passivo e maleável, até que se atenuaram as vagas esperanças e se frustraram os desejos agora débeis e pálidos como cinzas mortas.

Quando o carro parou, ela se aproximou, como se já tivesse planejado e ensaiado a maneira de tomar o menino nos braços e levá-lo para dentro de casa. Mas, desde que o menino crescera bastante para caminhar, nunca mulher alguma o carregara nos braços. E pequeno, informe na manta que o envolvia, entrou em casa com os seus próprios pés, enquanto a mulher o seguia irresoluta. Ela o fez sentar e dir-se-ia que se movia em torno dele numa espécie de atenção presa, com um ar perplexo e atento, como se estivesse esperando que aquilo tornasse a acontecer e que ela e o menino procedessem da maneira que ela planejava. Ajoelhou-se diante dele e procurou tirar-lhe os sapatos. O menino compreendeu o que ela queria fazer. Afastou as mãos da mulher e tirou ele próprio Os sapatos, mas não os pôs no chão. Conservou-os nas mãos. A mulher tirou-lhe as meias e foi buscar uma bacia de água tépida. O seu gesto foi tão imediato que qualquer pessoa que não fosse uma criança saberia que ela devia ter a água preparada, esperando por ele durante todo o dia, provavelmente. O menino falou então pela primeira vez: “Lavei-os ontem”, disse.

Ela não respondeu. Ajoelhou-se diante dele. O menino observava-lhe o alto da cabeça enquanto a via mover desajeitadamente as mãos em volta de seus pés. Mas não procurou ajudá-la. Não compreendeu o que ela queria fazer, nem mesmo quando viu os seus pés frios metidos na água tépida. Não compreendeu que era só aquilo, porque aquilo era tão bom. Esperava agora pelo resto, pela parte que não seria agradável, fosse

lá o que fosse. Nunca lhe sucedera aquilo.

Em seguida a mulher o pôs na cama. Durante dois anos Joe se vestira e despira sozinho, sem que ninguém lhe prestasse atenção ou o auxiliasse, exceto alguma Alice ocasional. O menino estava tão fatigado que não podia adormecer imediatamente e ficou perplexo e nervoso, esperando que ela fosse embora e ele pudesse dormir. Ela, porém, não saiu. Em vez disso puxou uma cadeira para junto da cama e sentou-se. Não havia fogo no quarto. Fazia frio. A mulher envolveu-se num xale e o seu hálito se vaporizava como se ela estivesse fumando. O menino perdeu completamente o sono. Esperava pela parte, que não iria agradar-lhe, fosse lá o que fosse, o que quer que ele tivesse feito. Não sabia que era só aquilo. Tampouco nunca lhe havia acontecido tal coisa.

Começou naquela noite. O menino julgava que aquilo ia durar todo o resto da sua vida. Aos dezessete anos, olhando para trás, via agora a longa série de esforços vulgares e vãos, nascidos de tentativas canhestras e de instinto cego: os pratos que ela preparava em segredo insistindo para que ele os aceitasse e os comesse em segredo quando ele não os queria e sabia que McEachern não daria nenhuma importância àquilo; as vezes em que, como naquela noite, tentava interpor-se entre ele e o castigo, o qual, merecido ou não, justo ou injusto, era impessoal; tanto o homem como o menino o aceitavam como um fato natural e inevitável, até que a mulher, intrometendo-se, lhe dava uma espécie de perfume e de atenuação.

Às vezes ele pensava que devia dizer-lhe em particular, fazer com que a mulher, que no seu desamparo não poderia alterar nem esquecer o fato, viesse a saber e a ocultá-lo ao homem cuja reação imediata e possível de prever, ao ter dele conhecimento, haveria de obliterar a tal ponto a questão nas suas relações mútuas que ela nunca mais tomaria a aparecer. Devia dizer-lhe em segredo, como uma paga secreta pelos pratos secretos que ele não queria: "Ouça. Diz ele que criou um blasfemo e um ingrato. Mas eu tenho coragem de dizer-lhe o que foi que ele criou: alimentou um negro, sob o seu próprio teto, com a sua comida, à sua própria mesa."

Porque ela sempre fora boa para ele. O homem, rude, justo e implacável, esperava apenas que o menino agisse de certa maneira e recebesse a recompensa ou o castigo certo, da mesma maneira que ele próprio esperava a recompensa ou que o homem reagisse de certa maneira contra alguns dos seus erros e atos. Era a mulher que, com a afinidade e o instinto feminino do segredo, projetava uma sombra de mal sobre as ações mais corriqueiras e inocentes. Atrás de uma tábua despregada na parede do quarto do sótão ela escondia numa pequena lata o dinheiro que economizara. A quantia era insignificante; não constituía aparentemente um segredo senão para o marido; o menino estava convencido de que o marido não se importaria com isso. Mas para ele não era um segredo. Era ainda uma criança e já ela o levava ao sótão,

com a intensa e misteriosa preocupação de uma Criança que está brincando, e acrescentava ao tesouro oculto uns escassos níqueis e moedinhas (fruto de que mesquinhas chicanices e enganos ninguém debaixo do sol sabia nem poderia saber), guardando-os na lata, diante dos olhos graves e redondos do menino, que sequer conhecia o seu valor. Era ela que confiava nele* que insistia em confiar nele, como insistia para que ele comesse: conspirando em segredo, convertendo em segredo o próprio fato que, segundo se supunha, o ato de confiar exemplificava.

O que ele detestava não era o trabalho duro, nem a injustiça, nem o castigo. Estava acostumado a isso, antes de o ter visto. Não esperava menos e não podia sentir-se ofendido nem surpreso. Era a mulher, a branda doçura de que se julgava vítima para sempre e que odiava mais que a dura e inflexível justiça dos homens.

Frio e rígido na cama, com as mãos debaixo da cabeça e a luz da lua dando-lhe obliquamente sobre o corpo, ao ouvir o firme murmúrio da voz do homem no seu primeiro degrau de ascensão ao céu, pensou: “Ela quer fazer-me chorar. Queria fazer-me chorar. Depois crê que hão de conservar-me aqui.”

Deu uns passos em silêncio e tirou a corda do esconderijo. Uma das pontas já estava preparada para ser atada por dentro da janela. Ela não demorava mais nada a chegar ao solo e voltar: depois de mais de um ano de prática, conseguia trepar pela corda, num simples trocar de mãos, sem tocar nem uma vez na parede da casa, com a agilidade da sombra de um gato. Apoiado na janela, fez deslizar a ponta livre da corda, que à luz da lua parecia ter a fragilidade de uma teia de aranha. Em seguida atou os sapatos um com o outro, prendeu-os no cinto por trás do corpo e escorregou pela corda, passando veloz como uma sombra pela janela do quarto em que os velhos dormiam. A corda ficara pendurada justamente diante da janela. Puxou-a, pendurou-a de um lado, pegado à casa, e atou-a. Em seguida, caminhando à luz da lua, subiu para o estábulo e tirou a roupa nova do esconderijo. Estava cuidadosamente embrulhada em papel. Antes de abrir o embrulho, apalpou as dobras do papel. “Descobriu-o”, pensou. “Sabe de tudo.” E disse em voz alta: “Bastardo! Filho da mãe!”

Vestiu-se rapidamente no escuro. Já era tarde, porque precisara dar aos velhos o tempo de dormir, depois da celeuma por causa da novilha, do escândalo que ocasionara a intervenção da mulher, depois que tudo já estava arranjado, por aquela noite pelo menos. O embrulho continha uma camisa branca e uma gravata. Joe meteu a gravata no bolso, mas vestiu o paletó para que a camisa branca não aparecesse muito visível ao luar. Desceu do estábulo e saiu. Sem o macacão, tomado leve de tantas vezes que fora lavado, a roupa nova pareceu-lhe de luxo e áspera. A casa escura, profunda, com um ar traiçoeiro, se agachava ao luar. À luz do astro noturno, ela parecia haver adquirido personalidade: era minaz e enganadora. Joe passou por ela e entrou no prado. Tirou do bolso o relógio de dólar que comprara três dias antes com uma parte do dinheiro. Como nunca tivera um relógio, esquecera-se de dar-lhe corda. Mas não precisava de relógio para saber que era tarde.

O atalho corria sob a lua, reto e bordado de ambos os lados por árvores cuja ramaria espessa na sombra se recortava contra uma leve poeira com a precisão de uma mancha de pintura negra. Joe caminhou depressa, deixando para trás a casa de onde não mais o enxergariam. A pouca distância ficava a encruzilhada da estrada com o atalho. Como lhe havia dito que, se não a esperasse na saída do caminho, iria reunir-se a ela na escola onde se realizava o baile, a cada momento esperava que o automóvel passasse. Mas não passou nenhum automóvel, e quando Joe chegou à estrada, não ouviu nenhum rumor. A estrada e a noite estavam desertas. “Talvez já tenha passado”, pensou. Tirou do bolso o relógio parado e lançou-lhe um olhar. Os culpados do atraso de Joe eram aqueles que não lhe haviam deixado uma oportunidade para dar corda ao relógio, a fim de poder saber se se atrasara ou não. Para além do caminho escuro,

na casa agora invisível, estaria dormindo a mulher que fizera o possível para que ele se atrasasse. Olhou para lá, caminho acima, e deteve-se no ato de olhar e de pensar, como se alma e corpo funcionassem com o mesmo comutador. Julgou ter percebido movimento nas sombras do atalho. Em seguida pensou que não, que talvez tivesse sido alguma coisa do seu espírito que se projetara como uma sombra na parede. “Mas queria que fosse ele”, pensou. “Queria que me tivesse seguido e me visse entrar no automóvel, que tencionasse seguir- nos! Queria que tentasse deter-me!” Mas nada viu no caminho deserto, cortado a intervalos por sombras traidoras. Em seguida ouviu na estrada ao longe, no rumo da cidade, o ruído de um automóvel. E, ao olhar, viu logo o clarão dos faróis.

Ela era empregada de um restaurante pequeno e sujo, situado num beco, na cidade. Um olhar indiferente de adulto bastaria para ver que já era trintona. Mas, em virtude da sua pequena estatura, provavelmente parecia a Joe que não teria mais de dezessete. Não só não era alta; era leve, quase infantil. No entanto um olhar experiente veria que a pequena estatura não era devida a uma minguada compleição natural, mas sim a uma corrupção interna do espírito: uma compleição acanhada, que nunca fora jovem; em nenhuma de suas curvas morara algum dia, ou ali permanecera, qualquer coisa que se pudesse dizer jovem. Seus cabelos eram escuros. O rosto que sempre pendia como se a cabeça estivesse colocada assim no pescoço, um pouco fora da linha, tinha os ossos muito salientes. Os olhos pareciam olhos de vidro de um animal de brinquedo, qualidade que, sem ser dura, vai além da dureza.

A sua estatura exígua foi o que levou Joe a persegui-la, como se essa pequenez devesse ou pudesse protegê-la dos olhos rondantes e vorazes dos outros homens, tornando maiores as suas possibilidades. Se se tratasse de uma mulher alta, não se atreveria. Teria pensado: “Não vale a pena. Já deve ter o seu.”

Começou no outono quando Joe contava dezessete anos. Era no meio da semana. Iam à cidade geralmente no sábado e levavam a comida (a comida era fria e ia numa cesta comprada especialmente para esse fim) com intenção de passar o dia. Naquele dia McEachern ia ver um advogado e tencionava resolver o assunto sem demora, a fim de voltar para casa a tempo para o almoço. Mas era quase meio-dia quando chegou à rua. Joe esperava-o embaixo; viu-o aparecer olhando para o relógio. Em seguida olhou para o relógio municipal na torre da delegacia e depois para o sol. Tinha uma expressão exasperada, como se se sentisse ofendido. E com o relógio aberto na mão, olhos frios irritados, olhou para Joe com a mesma expressão. Parecia estar examinando e pesando pela primeira vez o rapaz que criara desde pequenino. “Vamos”, disse ele voltando- se, “não há remédio.”

A cidade ficava num entroncamento ferroviário. Mesmo no meio da semana viam-se muitos homens na rua. A atmosfera era totalmente masculina, passageira: uma população de maridos que nunca se

encontravam em casa senão com intervalos e em férias, uma população de homens que levavam uma vida recôndita e inexplicável.

Joe nunca vira antes o lugar onde McEachern o levou. Era um restaurante situado numa rua afastada, uma porta estreita de cor indefinível entre duas janelas sujas. A princípio não viu que era um restaurante. Não havia nenhuma tabuleta, nem se sentia o cheiro nem o barulho de cozinha. O que ele viu foi um longo balcão de madeira e uns tamboretos e uma enorme mulher loura atrás de uma vitrina de cigarros junto à porta, e na extremidade do balcão um grupo de homens que não estavam comendo e que, quando McEachern e Joe entraram, se voltaram todos para olhá-los através da fumaça dos cigarros. Ninguém falou. Limitaram-se a olhar McEachern e Joe, como se, ao mesmo tempo que cessaram de falar, tivessem cessado de respirar, como se até a fumaça do cigarro tivesse parado e flutuasse agora sem rumo, por seu próprio peso. Os homens não vestiam macacões: estavam de chapéu e tinham caras semelhantes; não eram nem jovens nem velhos, nem camponeses nem gente da cidade. Tinham o ar de gente que acabava de descer do trem e que no dia seguinte iria embora, e que não se dirigia a nenhuma parte.

McEachern e Joe comeram sentados em dois tamboretos junto ao balcão, Joe comeu depressa porque McEachern comia depressa. Ao lado de Joe, no próprio ato de mastigar, McEachern, muito teso, parecia ressentir-se de alguma ofensa. A comida que pediu foi simples, preparada depressa e depressa engolida. Joe, porém, sabia que não se tratava de sovínice. É possível que um motivo econômico os tivesse levado ali, de preferência a qualquer outro lugar, mas Joe sabia que a comida fora escolhida de acordo com a necessidade de aviar-se depressa. Logo que deixou a faca e o garfo, McEachern levantou-se e disse: “Vamos embora”, e pagou a despesa na vitrina dos cigarros à mulher loura. Havia naquela mulher algo de impermeável ao tempo: uma respeitabilidade belicosa e superficialmente diamantina. Não lhes dirigira nem um olhar, nem mesmo quando McEachern pagou a conta. E também sem olhar para eles devolveu rapidamente o troco certo, fazendo resvalar as moedas no vidro do mostrador, ainda bem McEachern não entregara a conta. Por trás do brilho falso do cabelo cuidadosamente penteado, por trás do rosto tratado, como uma leoa esculpida que guarda um portal, exibindo respeitabilidade como um biombo atrás do qual os homens equívocos e ociosos podiam pôr inclinados os chapéus e torcer os cigarros — a mulher tinha algo como uma marca característica. O velho conferiu o troco e os dois saíram. McEachern olhou para Joe e disse:

— Repara bem nesse lugar. Há no mundo lugares onde um homem pode ir, mas um menino, um jovem da sua idade, não. Esse é um deles. Talvez não devesse ter vindo aqui, mas convém que você veja lugares assim, para que saiba o que deve evitar, ao que deve fugir. Talvez tenha sido bom que o tivesse visto em minha companhia, porque posso explicar-lhe, preveni-lo. E a comida é barata.

— Que tem esse lugar? — perguntou Joe.

— Isso é lá com a cidade e não com você. Quanto a você, ouça bem as minhas palavras: não quero que vá ali, exceto quando eu for com você, o que não tomará a acontecer. Agora, cedo ou não, traremos nossa comida.

E foi isso o que viu naquele dia, enquanto comia depressa ao lado do homem teso, silencioso e mal-encarado, isolados completamente os dois no centro do comprido balcão, numa de cujas extremidades estava a mulher de cabelos de cobre e na outra o grupo de homens, e a empregada de ar modesto e cabisbaixa e de mãos enormes a arrumar pratos e xícaras, sem que a sua cabeça aparecesse acima do balcão mais do que apareceria a de um menino crescido. Depois McEachern e ele se foram. Joe não esperava voltar ali. Não porque McEachern tivesse proibido, mas porque não acreditava que a vida lhe apresentasse outra oportunidade para isso. Como se tivesse dito a si mesmo: “Essa gente não é a minha gente. Vejo-os aqui, mas não sei o que fazem nem por que o fazem. Ouço-os, mas não sei o que dizem, nem a quem, nem por que o dizem. Vejo que além da comida há mais alguma coisa, mas não sei o que é. E jamais virei a saber.”

E assim o restaurante desapareceu da superfície do seu pensamento. Durante os seis meses seguintes voltou de vez em quando ao povoado, mas não tomou a ver o restaurante, nem a passar por ele. Poderia tê-lo feito. Porém não lhe ocorreu. Talvez não tivesse necessidade de o fazer. Talvez, com mais frequência do que ele próprio sabia, delineava-se-lhe subitamente no espírito um quadro de formas marcantes; o balcão longo e despido, numa das pontas e como que a guardá-lo, a mulher sossegada, de expressão fria e cabelo louro; na outra uns homens fumando constantemente, acendendo e jogando fora os cigarros, e a empregada, mulher pouco mais alta do que uma menina, que fazia viagens de ida e volta à cozinha, carregando pilhas de pratos, tendo de passar de cada vez pertinho dos homens que se inclinavam com os chapéus de banda e lhe falavam no meio de uma nuvem de fumaça, sussurrando coisas alegres e gaiatas, enquanto ela passava com um ar absorto, modesto, de quase abatimento, como se não os ouvisse. “Nem ao menos sei o que lhe dizem”, pensava Joe. *Não sei nem mesmo se o que lhe dizem é algo que os homens não diriam a um menino que passa. Não sei ainda se no momento do sono a pálpebra, caindo, enclausura dentro do olho aquele rosto modesto, pensativo, trágico, triste e jovem, colorido com a magia vaga e imprecisa do desejo jovem.*

Não esperou tomar a vê-la, pois nos jovens o amor, para se alimentar, requer tão pouca esperança como desejo. Provavelmente o que fizera, o que revelava o seu ato e o que dele se inferia o surpreendeu tanto como teria surpreendido McEachern. Dessa vez foi num sábado e na primavera. Joe completara dezoito anos. McEachern tinha de falar novamente com o advogado, mas agora estava preparado. “Demorearei uma hora”, disse ele a Joe. “Pode dar uma volta pela cidade.” Dirigiu-lhe

outro olhar duro e calculador, um pouco irritado ainda dessa vez, como um homem justo, forçado a contemporizar entre a justiça e a sentença. Abriu a bolsa e tirou de dentro uma moeda de dez centavos. “Pegue”, disse ele “e olhe lá, não vá entregá-la ao primeiro que a quiser tomar”. “É estranho”, disse nervosamente, olhando para Joe, “mas parece impossível que um homem só aprenda a conhecer o valor do dinheiro depois que aprende a gastá-lo. Espere-me aqui dentro de uma hora.”

Joe pegou a moeda e dirigiu-se para o restaurante. Nem sequer pôs a moeda no bolso. Encaminhou-se sem plano nem desígnio, quase sem volição, como se os pés e não a cabeça tivessem ordenado o seu ato. Apertou a moedinha, esquentando-a na palma da mão como teria feito uma criança. Entrou desajeitadamente, tropeçando um pouco. A mulher loura observou-o por trás da vitrina dos cigarros. Era como se não tivesse arredado pé dali durante aqueles seis meses, como se não tivesse modificado um fio do seu cabelo de cobre, nem do seu vestido. Do outro extremo do balcão os homens de chapéus postos de banda, fumando cigarros e cheirando a barbearia, o observavam. O proprietário estava entre eles. Joe via-o pela primeira vez. Como os demais, usava chapéu e também estava fumando. Não era alto. Era pouco maior que Joe. Tinha o cigarro aceso no canto da boca, como para evitar tomar parte na conversa. Daquela cara impassível, olhando de esguelha por trás das espirais da fumaça do cigarro, que, sem ter sido tocado nem uma vez com a mão, ardia até o fim e era depois cuspidito no chão e esmagado com o salto, iria Joe adquirir um de seus hábitos. Mas não seria já. Seria depois, quando a vida comesse a correr tão depressa que a aceitação tomaria o lugar do conhecimento e da crença. Agora Joe se limitava a olhar para o homem inclinado sobre o balcão, do lado de dentro, com o avental sujo que usava como a barba postiça que um bandido põe no rosto por um momento. A aceitação viria depois, com a soma completa de ultraje à credulidade, aqueles dois que se apresentavam como marido e mulher, o estabelecimento, disfarçado em restaurante, com as empregadas constantemente importadas, canhestras, com os pratos baratos de comida simples que justificavam o negócio, e ele próprio, aceitando, tomando, durante às suas breves e violentas férias, como um garanhão em estado de assombro extático e descrente num pasto oculto, cheio de éguas cansadas e profissionais, vítima ele próprio, por sua vez, de homens incontáveis.

Mas isso não acontecia ainda. Joe encaminhou-se para o balcão, apertando na mão a moeda. Acreditou que todos os homens tivessem parado de conversar para observá-lo, pois agora não ouvia mais nada, exceto o ruído vago de frituras, vindo da cozinha. E pensou: *Ela está lá. É por isso que não a vejo.* Sentou-se num tamborete. Julgou que todos o estivessem observando. Julgou que a mulher loura, atrás da vitrina dos cigarros, estava olhando para ele e que o proprietário, com o rosto coberto pela fumaça imóvel e preguiçosa do cigarro que se consumia, estivesse a

observá-lo também. Então o dono do restaurante pronunciou uma única palavra: “Bobbie.” E Joe sabia que o seu cigarro se conservara imóvel.

Um nome de homem. E não foi pensamento. Era demasiado rápido, demasiado completo: *Ela foi embora. Puseram um homem no seu lugar. Desperdicei o dinheiro.* Estava convencido de que agora não poderia sair. Se saísse, a mulher loura haveria de detê-lo. Parecia-lhe que os homens, por trás dele, haviam compreendido isso e estavam rindo. Por isso sentou-se no tamborete, muito quieto, olhando para o chão, segurando sempre a moeda. Não viu a empregada até que duas mãos de tamanho extraordinário apareceram sobre o balcão defronte dele. Podia ver o estampado do seu vestido, a parte superior de um avental e as duas mãos nodosas pousadas na borda do balcão completamente imóveis, como se fossem qualquer coisa que ela tivesse trazido da cozinha.

— Café e torta — pediu Joe.

A voz da empregada tinha um som cavo:

— Limão, coco, chocolate.

A julgar por aquela voz, as mãos não podiam ser dela.

— Sim — respondeu Joe.

As mãos não se moveram, nem a voz. “Limão, coco, chocolate. Qual prefere?” Aqueles dois deviam parecer muito estranhos aos outros. Em frente um do outro, tendo de permeio o balcão escuro, engordurado e lustroso pela fricção, davam quase a impressão de estar rezando: o adolescente, com rosto de camponês, roupa simples mas asseada, com tal desazo nos movimentos que lhe dava uns ares de inocência e de desconhecimento do mundo; e a mulher, diante dele, abatida, imóvel, à espera, partilhando, em virtude da sua pequena estatura, aquela qualidade de Joe, isto é, sua posição superior ou alheia à carne. O rosto dela era magro, de ossos salientes. A pele se esticava nos pômulos e havia círculos escuros em tomo dos seus olhos. Por baixo das pálpebras descidas, os olhos pareciam não ter profundidade, como se fossem incapazes de reflexo. A maxila inferior era tão estreita que parecia insuficiente para conter as duas fileiras de dentes.

— Coco — disse Joe. Foi a boca que disse, porque imediatamente depois ele quis desdizer-se. Tinha apenas a moeda de dez centavos. Estivera apertando-a com tanta força que não compreendia que eram apenas dez centavos. À moeda estava úmida dentro da sua mão suada. Estava certo de que os homens olhavam para ele e tomavam a rir. Não podia ouvi-los nem olhava para eles. Mas estava convencido, de que riam. As mãos desapareceram, depois voltaram e puseram diante dele um prato e uma xícara. Então Joe olhou para ela, encarou-a.

— Quanto custa a torta? — perguntou.

— Dez centavos.

A empregada estava de pé, em frente dele, por trás do balcão, com as mãos enormes novamente sobre a madeira escura, com aquele ar gasto,

à espera. Não olhou para Joe nem uma vez. Este disse com voz débil, desesperada:

— Acho que não quero café.

Ela permaneceu imóvel um momento. Depois uma das grandes mãos moveu-se e agarrou a xícara. Mão e xícara desapareceram. Joe continuava sentado, abatido, esperando. E foi então que aconteceu o resto. Não foi o proprietário. Foi a mulher da vitrina dos cigarros que perguntou:

— Que aconteceu?

— Ele não quer o café — respondeu a empregada. Enquanto falava, sua voz se movia como se não tivesse feito uma pausa com a pergunta. Era uma voz monótona, apagada. A outra falou também em voz baixa:

— Não tinha pedido café também?

— Não — disse a empregada com a mesma voz monótona que continuava em movimento afastando-se. — Eu é que ouvi mal.

Quando saiu, com o espírito humilhado e aflito, ansioso por esconder-se, ao passar diante do rosto indiferente da mulher que ficava atrás da vitrina dos cigarros, pensava que nunca mais tomaria a ver a empregada, nunca mais a poderia ver. Não acreditava que pudesse suportar vê-la de novo, nem mesmo olhar de longe, da rua, para a entrada suja do restaurante, e ainda não pensava: *É terrível ser jovem. É terrível. Terrível.* Quando chegavam os sábados, inventava razões para não acompanhar McEachern à cidade. E este o observava, sem chegar a suspeitar ainda. Joe passava o dia trabalhando com afinco. McEachern via-o trabalhar e ficava desconfiado. Mas nada podia saber ou deduzir. Com o tempo, o desespero, o desgosto e a vergonha foram diminuindo. Mas não deixava de lembrar-se daquilo, de reagir. A recordação se gastara como um disco de gramofone que, se não deixou de ser familiar, é por causa das riscas gastas que marearam as vozes. Ao cabo de algum tempo McEachern aceitou o fato e disse-lhe:

— Venho observando você ultimamente. E agora não me resta mais do que duvidar dos meus próprios olhos ou então crer que você começa finalmente a aceitar aquilo que o Senhor houve por bem dar-lhe em sorte. Mas não quero que você se envaideça porque elogio o seu comportamento. Terá tempo e oportunidade (e inclinação também, não duvido) para fazer-me arrepender de ter falado, para cair novamente na preguiça e na ociosidade. Contudo, assim como o castigo, também a recompensa foi criada para o homem. Vê aquela novilha? Desde hoje pertence a você. Procure fazer com que eu não venha a lamentar isso mais tarde.

Joe agradeceu. Depois olhou para a novilha e pôde dizer em voz alta: “Isso me pertence.” Olhou-a. E de novo foi demasiado veloz e completo para ser pensamento: *Não é um presente. Não é nem mesmo uma promessa: é uma ameaça.* “Não a pedi. Foi ele quem a deu. Deus sabe que eu

a ganhei."

Um mês mais tarde, num sábado de manhã, McEachern lhe disse:

— Pensei que você não gostava mais da cidade.

— Acho que uma viagem mais não me fará mal — disse Joe. Tinha no bolso meio dólar que Mrs. McEachern lhe dera. O rapaz pedira um níquel e ela insistira com ele para que levasse meio dólar. Joe recebeu-o com frieza e desdém.

— Acho que não — disse McEachern. — Também tem trabalhado muito. Mas a cidade não é grande coisa para um homem que ainda tem de vencer na vida.

Não precisava fugir, conquanto devesse fazê-lo, ainda que por violência talvez. McEachern facilitou a coisa. Joe encaminhou-se depressa para o restaurante e entrou sem tropeçar. A empregada não estava. Talvez Joe tenha visto, notado que ela não estava. Deteve-se na vitrina dos cigarros, atrás da qual a mulher se encontrava sentada, e colocou a moeda sobre o balcão. "Devo-lhe cinco centavos por uma xícara de café. Pedi torta e café, antes de saber que a torta custava dez centavos. Devo-lhe cinco centavos." Não olhou para trás. Estavam ali os homens com seus chapéus de banda, fumando seus cigarros. O proprietário também estava ali, com seu avental sujo. Enquanto esperava, Joe ouviu-o dizer, sem tirar o cigarro da boca:

— Que é? Que deseja ele?

— Diz que deve cinco centavos a Bobbie — respondeu a mulher. — Quer dar cinco centavos a Bobbie. — Sua voz era tranquila. A voz do proprietário também era calma.

— Pelo amor de Deus! — disse ele. A Joe, a casa parecia cheia de gente a escutar. Ouvia sem ouvir. Via sem olhar. Dirigia-se agora para a porta. O meio dólar estava em cima do balcão. Mesmo do fundo da sala o proprietário podia ver a moeda porque Joe o ouviu dizer:

— Para que é isso?

— Diz que deve uma xícara de café — respondeu a mulher.

Joe havia quase chegado à porta. "Olá, Jack", disse o homem. Joe não parou.

— Devolva-lhe o dinheiro — acrescentou o homem em voz baixa, sem se mover. A fumaça, do cigarro descrevia círculos em redor do seu rosto imóvel.

— Não sei o que pretende com esse jogo, mas aqui ele não dará resultado. Devolva-lhe o dinheiro, É melhor voltar para a fazenda rapaz. Pode ser que conquiste lá alguma rapariga com um níquel.

Viu-se então na rua e suave. Ao sair pela porta, como que atravessara as risadas que estalavam de todos os lados. O riso, por assim dizer, carregou-o consigo pela porta afora até a rua, na calçada, casquinando-lhe ao lado até fenecer e cessar. De repente, viu-se diante

da empregada do restaurante, que caminhava depressa, com a vista baixa, de vestido escuro e chapéu, e não o vira logo. E quando Joe a deteve, não lhe dirigiu sequer um olhar, porque já havia olhado para ele, vendo-o todo, como quando pusera o café e a torta sobre o balcão. “Veio trazer-me os dez centavos”, disse ela. “Diante de todos. E fizeram troça de você.”

— Pensei que tivesse de pagar os dez centavos. Pensei...

— Bem, explique. Você pode explicar isso agora. Não pode?

Estavam em frente um do outro e não se olhavam. A um terceiro dariam a impressão de dois monges que se encontrassem à hora da meditação, num atalho de jardim.

Pensei que...

— Onde mora? — perguntou ela. — No campo? Como se chama?

— Meu nome não é McEachern. É Christmas...

— Christmas? Chama-se Christmas? Está bem.

Nos sábados, durante a adolescência e mesmo depois, Joe e os outros quatro ou cinco rapazes iam caçar e pescar. Via as meninas apenas no domingo, na igreja, de modo que estavam ligadas ao domingo e à igreja. Assim não dava por elas. Prestar-lhes atenção teria sido, mesmo para ele, retratar-se do seu ódio religioso. Mas ele e os outros falavam de pequenas. Talvez algum deles (o que havia arranjado o caso da negra naquela tarde) estivesse informado. “Todas querem”, disse ele aos outros, “mas às vezes não podem.” Os outros não sabiam disso. Não sabiam que todas as pequenas queriam; muito menos sabiam que havia ocasiões em que elas não podiam. Pensavam de modo diferente. Mas admitir que não sabiam do último fato seria -confessar que não haviam descoberto o primeiro. Por isso prestavam atenção ao que o outro lhes contava. “É uma coisa que lhes acontece uma vez por mês.” E descreveu a idéia que fazia da cerimônia física. Talvez estivesse informado. Em todo caso era bastante gráfico, bastante convincente. Se tivesse tentado descrevê-la como um estado mental, alguma coisa em que apenas ele acreditasse, os outros não o teriam escutado. Mas pintou um quadro físico, real, suscetível de ser percebido pelo sentido do olfato e até mesmo pela vista. Isso lhes fez impressão: a irremediabilidade temporária e abjeta daquilo que tantalizava e frustrava o desejo; a forma superior e branda na qual a volição se via estrangida, a intervalos fixos e inelutáveis, a ser vítima de uma imundície periódica. Era assim que o rapaz falava, enquanto os companheiros escutavam em silêncio, entreolhando-se com ar interrogativo e secreto. No sábado seguinte Joe não foi caçar com eles. McEachern pensou que ele tivesse ido, porque deu pela falta da espingarda. Mas Joe estava escondido no estábulo, onde permaneceu o dia inteiro. No sábado seguinte foi, mas sozinho e cedo, antes que os outros o fossem procurar. Mas não caçou. No fim da tarde, a umas três milhas de distância da casa, disparou um tiro contra uma ovelha.

Encontrara o rebanho num vale oculto, aproximou-se de manso e matou uma. Ajoelhou-se e, tremendo, com a boca seca e olhando para trás, ensopou as mãos no sangue ainda quente do animal agonizante. Venceu a repugnância, dominou-se. Não esquecera o que o outro lhe havia contado. Não fazia mais que aceitar o fato. Concluiu que podia viver com aquilo, junto daquilo. Era como se dissesse, ilógica e desesperadamente calmo: *Bem. Então é assim. Mas não para mim. Não na minha vida ou no meu amor.* Aquilo acontecera havia três ou quatro anos e ele o esquecera, no sentido em que um fato é esquecido quando sucumbe à insistência do espírito, que sugere que esse fato não é nem verdadeiro nem falso.

Encontrou-se com a empregada no restaurante na noite da segunda-feira que se seguiu ao sábado no qual tentara pagar a xícara de café. Não tinha então a corda. Pulou a janela, a três metros de altura, e fez a pé as cinco milhas até a cidade. Não se preocupou absolutamente com a maneira como entraria de novo no seu quarto.

Chegando à cidade, dirigiu-se à esquina onde ela lhe dissera que esperasse. Era uma esquina sossegada e Joe chegou muito cedo, pensando: *Tenho de lembrar-me de fazer com que ela me ensine o que se faz, como e quando se faz. Não devo deixá-la descobrir que não sei e que tenho de aprender com ela.*

Chegara tão cedo que, quando Bobbie apareceu, já ele se encontrava ali havia mais de uma hora. Ela chegou a pé e, saindo do escuro, pôs-se diante dele, na sua pequena estatura, com o seu ar firme, esperando, de olhos baixos.

— Já está aí? — perguntou.

— Tive de esperar que dormissem. Vim o mais depressa que pude. Receava chegar atrasado.

— Está aqui há muito tempo? Há quanto tempo?

— Não sei. Corri todo o tempo. Receava chegar atrasado.

— Correu três milhas?

— Não são três, são cinco.

— Está bem.

Não falaram mais durante algum tempo. Ficaram de pé, olhando um para o outro, imóveis como duas sombras. Passado um ano, ao recordar aquela noite, disse, pensando subitamente: *Foi como se ela estivesse ali à espera de que eu lhe batesse.*

— Bom — disse a mulher. Joe começara a tremer ligeiramente. Sentia o cheiro dela, sentia o cheiro da espera, tranquilo, sisudo, um pouco fatigado, pensando: *Ela está à espera de que eu comece e não sei de que maneira começar.*

Até a sua própria voz lhe pareceu idiota:

— Parece que já é tarde.

— Tarde?

— Pensei que talvez a esperem, esperem até que...

— Esperem... esperem... — Sua voz se apagou. Morreu. E acrescentou sem mover-se; pareciam duas sombras:

— Vivo com Mame e Max. Você já sabe. O restaurante. Lembra-se? Onde você procurou pagar os cinco centavos...

Começou a rir. No seu riso não havia alegria. Não havia nada.

— Quando penso nisso, quando penso que você veio com aquela moeda...

Deixou de rir. Nos ouvidos de Joe soou de novo aquela voz pacata, abjeta, submissa.

— Essa noite enganei-me. Tinha esquecido uma coisa.

Talvez esperasse que ele lhe perguntasse o que era. Joe, porém, não perguntou. Limitou-se a continuar imóvel, enquanto a voz baixa e sossegada se apagava em torno dos seus ouvidos. Esquecera completamente a ovelha morta. Vivera já demasiado tempo com o fato que lhe havia revelado o menino maior do que ele. Fazia já demasiado tempo que comprara a imunidade com a ovelha morta, e assim a realidade não continuava viva. Por isso a princípio não pôde compreender o que ela lhe queria dizer. Estavam numa esquina, à beira da cidade, no ponto em que a rua se transformava em estrada, margeando casinhas dispersas — as humildes casinhas que compõem os arredores de cidades semelhantes — e campos nus. “Escute”, disse ela. “Hoje estou doente.” Joe não compreendeu. Não disse nada. Talvez não precisasse compreender. Talvez tivesse esperado algum acidente infeliz, pensando: “Era bom demais para ser verdade.” *Dentro de um minuto ela terá desaparecido. Não estará mais aqui. E eu me encontrarei em casa, rui minha cama, como se dela não tivesse saído.*

Ela continuou:

— Quando marquei encontro com você para segunda- feira à noite, tinha esquecido o dia do mês. Acho que foi a surpresa que você me causou sábado na rua. Em todo caso esqueci o dia. Não me lembrei: senão depois que você foi embora.

Joe falou com voz tranquila como a dela.

— Doente? Então não tem em casa nenhum remédio que possa tomar?

Se não tenho... — A voz morreu. De repente disse:

— Já é tarde. É você tem de andar ainda quatro milhas.

Já as andei e aqui estou. — Joe falava em voz baixa, desesperançada, tranquila. — Sim, está ficando tarde.

E de repente houve uma mudança. Sem olhar para Joe, ela notou qualquer coisa, antes mesmo que ele perguntasse com mau modo:

— Que doença você tem?

Ela ficou um momento sem responder. Depois disse tranquila e em

voz baixa:

— Nunca teve uma namorada? Apostaria que não.

Joe não respondeu.

— Teve?

Joe não respondeu. Ela deu um passo e tocou nele pela primeira vez. Aproximando-se dele, agarrou-o de leve por um braço com as duas mãos. Baixando os olhos, Joe viu a sombra escura da cabeça inclinada, que parecia ter sido encaixada fora da linha do pescoço, quando Bobbie nascera. Ela explicou-lhe com palavras entrecortadas, contrafeita, empregando talvez as únicas que conhecia. Joe, porém, já ouvira aquilo antes. Evocava o passado; perdendo de vista a ovelha trucidada, preço pago pela imunidade, ia com o pensamento até aquela tarde em que, sentado à beira de um regato, se sentira não tanto assombrado como ofendido. O braço que ela agarrava libertou-se com uma forte sacudida. Bobbie não acreditou que Joe tivesse pensado em bater-lhe; na realidade, pensou noutra coisa. Porém o resultado foi o mesmo. Quando Joe, como um vulto, uma sombra imprecisa, sumiu na estrada, a ela pareceu que ele ia correndo. Algum tempo depois de o ter perdido de vista, continuava ouvindo o rumor de seus passos. Não se mexeu imediatamente. Permaneceu na posição em que; ele; a havia deixado, imóvel, olhando para o chão, como à espera do golpe que já havia recebido.

Joe não corria; caminhava depressa e numa direção que ia distanciá-lo ainda mais da casa, da casa situada a cinco milhas, que ele deixara saltando pela janela e sem ter pensado ainda na maneira de tornar a entrar. Seguiu depressa pela estrada abaixo, desviou-se, saltou por cima de uma cerca e penetrou num campo lavrado. Nos sulcos crescia alguma coisa. Mais longe havia um bosque, árvores. Alcançou o bosque e embrenhou-se por entre os duros troncos, na calma da ramaria invisível, mas áspera e de cheiro ativo. Na invisibilidade, no desconhecido, parecia-lhe ver, como numa caverna, uma fila decrescente de umas suavemente modeladas, pálidas à luz da lua. E nenhuma delas era perfeita. Todas estavam rachadas e de cada fenda escorria um líquido escuro, pestilento, Tocou numa árvore e apoiou aí os braços, vendo as urnas alinhadas e iluminadas pela lua. Vomitou.

Na segunda-feira seguinte, à noite, dispunha já de corda. Esperou a empregada na mesma esquina; chegou cedo outra vez. Viu-a imediatamente. Ela se aproximou.

— Pensei que você não estivesse.

— Pensou? — Agarrou-a por um braço e levou-a pela estrada.

— Aonde vamos? — perguntou ela. Joe continuava a puxá-la sem responder. Ela precisava correr para poder segui-lo. Corria desajeitadamente, como um animal estorvado por aquilo que a distinguia dos animais: os saltos, as roupas, a pequenez. Joe afastou-a da estrada e levou-a até a cerca que havia atravessado uma semana antes. “Espere”,

disse ela, e tremia ao falar. “A cerca... não posso... Inclinando-se para passar por entre dois arames, num dos quais Joe pisava, enredou-se-lhe o vestido. Joe abaixou-se e desprendeu-o com um puxão.

— Comprarei outro para você — disse. Ela não respondeu e deixou-se levar, meio carregada, meio de rastros, por entre as plantas e os sulcos, até o bosque, até as árvores.

Guardou a corda bem enrolada, na mesma tábua solta do quarto do sótão onde Mrs. McEachern guardava o seu tesouro de moedas de cinco e dez centavos, com a diferença que a corda ficava bem no fundo da abertura, para que a mulher não pudesse alcançá-la. Fora ela quem lhe dera a idéia. Às vezes, quando o casal de velhos roncava no quarto de baixo e ele tirava de mansinho a corda, pensava no paradoxo. Outras vezes pensava em contar à velha, ensinando-lhe onde ocultava o instrumento do seu pecado, pois fora ela quem lhe dera a idéia; com ela aprendera o lugar onde guardá-la. Sabia, porém, que ela não faria mais do que ajudá-lo a ocultar a corda, que queria que ele pecasse para poder ajudá-lo a ocultar o pecado, que armaria depois uma tal confusão com palavrinhas em voz baixa e sinais que McEachern acabaria por desconfiar de alguma coisa, embora sem querer.

E foi assim que começou a roubar, a tirar dinheiro do tesouro. É muito possível que a mulher nunca o tivesse sugerido, que nunca tivesse falado no dinheiro. É possível que ele sequer compreendesse que estava pagando o prazer com dinheiro. O que acontecia é que durante vários anos vira a mulher ocultar o dinheiro num determinado lugar e, tendo ele também algo que precisava agora esconder, guardou-o no lugar mais seguro que conhecia. Cada vez que escondia ou retirava a corda, via a lata com as moedas.

Da primeira vez tirou cinquenta centavos. Vacilou algum tempo entre cinquenta e vinte e cinco. Depois tirou cinquenta, porque era a quantia exata de que precisava e comprou uma caixa de bombons, velha e suja de excrementos de mosca, que um homem ganhara por dez centavos numa máquina de dar socos num botequim. Ofereceu-a à empregada do restaurante. Era o primeiro presente que lhe dava.

Deu-o, como se ninguém jamais tivesse pensado em dar-lhe alguma coisa de presente. Quando ela recebeu nas mãos enormes a caixa ordinária e espalhafatosa, seu rosto tinha uma expressão estranha. Encontrava-se então sentada na sua cama, num quarto da pequena casa onde morava com o homem e a mulher a quem chamava Max e Mame. Uma noite, uma semana antes mais ou menos, o homem entrara no quarto, Bobbie, sentada na cama, despiu-se. Estava tirando as meias. O homem entrou fumando e apoiou-se na escrivaninha.

— Um fazendeiro rico — disse ele. — John Jacob Astor, do estábulo.

Bobbie cobrira-se. Continuava sentada na cama, quieta, com os olhos baixos.

— Ele me paga.

— Com o quê? Não se esgotaram ainda os cinco centavos? Isso é que se chama um capitalista. Foi para isso que eu a trouxe de Memphis? Será melhor que eu também comece a pagar em comida.

— Não o faço nas horas de trabalho.

— Decerto. Não posso impedir você. Mas fico irritado. Um garoto que em toda a sua vida nunca viu um dólar! E nessa cidade cheia de sujeitos que ganham tanto dinheiro e que tratariam você direito!

— Talvez eu goste dele. Decerto você ainda não pensou nisso:

Continuava sentada na cama, com as mãos no regaço e a cabeça baixa. O homem sempre a olhar para ela. Continuava apoiado à escrivaninha, fumando. “Mame”, gritou ele. Passado algum tempo, chamou de novo: “Mame! Venha cá!” As paredes eram finas. No fim de algum tempo a mulher loura atravessava o corredor, sem grande pressa. Ambos podiam ouvir seus passos. Entrou. “Ouça esta- Diz que talvez goste dele. Romeu e Julieta! Por Deus!”

A mulher loura também pôs-se a contemplar a outra, sempre de cabeça baixa.

— E então? Que há? perguntou.

— Nada. Está tudo muito bem. Max Confrey apresenta Miss Bobbie Allen, a companheira do jovem.

— Saia daqui! — disse-lhe a mulher.

— Sim. Vou embora já. Vim apenas trazer-lhe o troco de cinco centavos.

O homem saiu. Bobbie não se movera. A mulher loura aproximou-se da escrivaninha, apoiou-se nela e continuou a contemplar a outra.

— Pagou-lhe alguma vez?

— Sim, ele me paga — respondeu Bobbie imóvel.

Encostada na escrivaninha, como fizera Max, a loura olhou para ela.

— Vir de Memphis, trazê-la de Memphis até aqui para dar logo de presente.

A empregada continuava como uma estátua.

— Não estou prejudicando Max.

Voltando-se, a loura encaminhou-se para a porta e disse:

— Não tome a fazer isso. Essas cidades pequenas não se aguentam muito tempo. Eu vim de uma delas. Sei bem.

Sentada na cama, tendo nas mãos a caixa de bombons cheia de enfeites baratos, continuava na mesma posição em que a deixara a mulher loura. Mas agora era Joe que se apoiava na escrivaninha, olhando para ela. Começou a rir, com a vistosa caixa nas mãos nodosas. Joe olhava para ela. Viu-a erguer-se, passar por ele, cabisbaixa, chegar à porta e

chamar Max pelo nome, Joe nunca tinha visto Max senão no restaurante, de chapéu e com o seu avental sujo. Ao entrar, Max não estava fumando e estendeu-lhe a mão.

— Como vai, Romeu?

Joe apertou-lhe a mão antes mesmo de reconhecê-lo. “Meu nome é Joe McEachern”, disse. A loura entrara também. Era também a primeira vez que ele a via fora do restaurante. Quando ela entrou, observou que Bobbie abria a caixa e a mostrava.

— Joe deu-me de presente — disse ela.

A mulher loura olhou ligeiramente para a caixa. Não fez nenhum movimento com a mão. “Obrigada”, disse. O homem Olhou também para a caixa, mas igualmente não fez menção de tocá-la.

— Está bem, está bem. Às vezes o Natal dura algum tempo, hein, Romeu?

Joe se afastara um pouco da escrivanhinha. Nunca havia estado naquela casa. Olhava para o homem com uma expressão um tanto conciliatória e perplexa, mas não de susto, observando aquele rosto impenetrável, semelhante ao de um monge. Mas não disse nada. Foi Bobbie quem falou.

— Se não querem, não precisam comer.

Joe observava o rosto de Max enquanto ouvia a voz da empregada que resmoneava: “Não prejudico vocês nem ninguém, Joe não olhava para ela nem pára a loura. Olhava para Max com ar perplexo mas sem medo. Agora falava a loura; era como se estivessem falando dele em sua presença, numa língua desconhecida de Joe.

— Vamos — disse a loura.

— Por Deus! — replicou Max. — Ia convidar Romeu para beber um trago aqui.

— Queria ele beber um trago? — perguntou a mulher loura. E, até quando falava diretamente a Joe, era como se estivesse falando com Max. — Quer um trago?

— Não o conserve indeciso por causa do que houve. Diga-lhe que é por conta da casa.

— Não sei — disse Joe. — Nunca provei.

— Nunca provou por conta da casa? — perguntou Max.

Não tomara a olhar para Joe, desde que entrara no quarto. Foi outra vez como se os dois falassem de Joe num idioma que ele não entendia.

— Vamos — disse a loura. — Vamos já.

Saíram. A mulher loura não lhe dirigira nem um olhar. E o homem, apesar de não olhar para ele, não cessara de vê-lo. Tinham saído. Joe estava de pé junto à escrivanhinha. A empregada também de pé no meio do quarto, com os olhos baixos, segurava ainda a caixa de bombons. O quarto fechado tinha cheiro de mofo. Joe nunca estivera ali. Nunca

pensara entrar ali algum dia. As cortinas estavam descidas. Uma lâmpada única ardia na extremidade do fio; servia-lhe de quebra-luz uma página de revista presa por alfinetes e já escurecida pelo ardor.

— Está bem, está bem — exclamou Joe. Ela não se mexeu nem respondeu. Joe pensou na escuridão lá de fora, na noite em que tinham estado juntos.

— Vamos — disse ele.

— Vamos? — exclamou a empregada. Joe olhou-a. — Para onde e para quê? — acrescentou Bobbie. E Joe viu que ela se aproximava da escrivaninha, sobre a qual pôs a caixa de bombons. Enquanto a observava, ela começou a despir-se, arrancando a roupa e atirando-a longe.

— Aqui? — perguntou Joe.

Apesar de ser seu amante havia um mês, era a primeira vez que via uma mulher nua.

Naquela noite conversaram, deitados na cama, no escuro. Isto é, quem falou foi ele. Joe também estava nu, ao seu lado, tocando-a com a mão e falando a respeito dela, não de onde ela vinha e do que fizera, mas do seu corpo, como se ninguém tivesse feito aquilo antes, com ela ou com qualquer outra. Era como se, com aquela conversa, se estivesse inteirando acerca do corpo feminino com uma curiosidade infantil. Ela lhe explicou o incômodo da primeira noite, o que já agora não o impressionava mais. Tanto aquilo, como a forma física, como a nudez, era algo que nunca havia acontecido nem existido antes. Ele, por sua vez, falou-lhe de coisas que sabia. Contou-lhe o caso da negra no galpão da serraria, naquela tarde, havia três anos. Contou-lhe tudo tranquilamente, estendido ao seu lado, tocando-a. Talvez nem pudesse dizer se ela o ouvia ou não.

— Reparou na minha pele e no meu cabelo? — perguntou que certa vez, passando-lhe a mão pelo corpo de leve e esperando a resposta.

Ela respondeu num sussurro:

— Sim. Pensei que você talvez fosse estrangeiro, que não fosse daqui.

— É coisa diferente. Mais do que ser estrangeiro. Não adivinha?

— O quê? Não é isso?

— Adivinhe.

As vozes soavam tranquilas. A tranquilidade era absoluta. A noite já era conhecida. Não precisavam mais desejá-la, ansiar por ela.

— Não adivinho. Que é?

A mão de Joe movia-se suavemente no quadril invisível da mulher. O rapaz não respondeu imediatamente. Não era como se quisesse tantalizá-la, era antes como se não tivesse pensado em continuar Mando daquilo. Ela perguntou outra vez o que era. Ele afinal decidiu responder.

— Nas minhas veias corre um pouco de sangue negro.

Ela ficou absolutamente imóvel, mas era uma imobilidade diferente.

Deitado tranquilamente, passando e repassando a mão na ilharga da mulher, Joe não parecia compreender a diferença.

— O quê? — perguntou ela.

— Creio que tenho sangue negro — respondeu Joe com os olhos fechados e sem deter o lento movimento da mão. — Não sei. Creio que tenho.

Bobbie replicou imediatamente, sem se mover:

— Está mentindo.

— Está bem> está bem — disse Joe.

— Não acredito — disse a voz dela na escuridão.

— Está bem — repetiu Joe, não descontinuando o movimento.

No sábado seguinte tirou outro meio dólar do esconderijo de Mrs. McEachern e deu-o à empregada. Um ou dois dias depois teve indícios de que a mulher notara a falta do dinheiro e desconfiava que ele o havia tirado. Ela esperou até ver que McEachern não os interromperia. “Joe”, disse ela então.. Joe deteve-se e olhou para Mrs. McEachern, sabendo que ela não estaria olhando para ele. É a mulher, sem olhar para ele, disse com voz apagada e monótona: “Bem compreendo que Um rapaz que está crescendo precisa de mais dinheiro do que o que Mr. McEachern dá.” Joe olhou para ela até que a sua voz se apagou de todo. Segundo parecia, ele estava esperando que a voz cessasse. Depois respondeu:

— Dinheiro? Para que quero dinheiro?

No sábado seguinte ganhou dois dólares cortando lenha para um vizinho e mentiu para McEachern acerca do lugar aonde fora e do que fizera. E deu o dinheiro à empregada do restaurante. McEachern soube do trabalho que Joe fizera é talvez pensasse que ele escondera o dinheiro. É possível também que sua mulher lhe tivesse dito isso.

Joe ia ao quarto de Bobbie talvez duas noites por semana. A princípio não sabia que algum outro tivesse feito o mesmo. Provavelmente julgou que se estivesse fazendo uma concessão especial em seu favor. É provável que acreditasse até o fim que teria de apaziguar Max e Mame', não pelo que fazia na realidade, mas pela sua presença ali. Também não tinha certeza de que soubessem que ele se encontrava ali ou que ali voltara depois da noite dos bombons.

Geralmente encontravam-se na rua, iam a qualquer lugar ou encaminhavam-se vagarosamente até a casa onde ela morava. B possível que Joe acreditasse até o fim ter sido ele quem sugerira isso. E uma noite a empregada faltou ao encontro, Joe esperou até que o relógio da delegacia batesse as doze pancadas e dirigiu-se à casa dela. Nunca fizera isso antes, embora nem mesmo então pudesse dizer que ela o tivesse proibido de ir lá, a não ser em sua companhia. Mas naquela noite foi até lá, esperando encontrar a casa adormecida e às escuras. A casa estava às escuras, mas não adormecida. Joe sabia que atrás das escuras cortinas do seu quarto a empregada não estava só. Não poderia dizer como sabia. Tampouco havia

de reconhecer que sabia. “Deve ser Max”, pensou ele. “É Max.” Mas sabia que não era. Sabia que havia um homem no quarto com ela. E não tomou a vê-la durante duas semanas, conquanto soubesse que ela o esperava. Uma noite estava na esquina quando Bobbie apareceu. Bateu-lhe, sem nenhuma advertência, sentindo-lhe a carne. Naquele momento ele soube daquilo em que não acreditara até então. “Oh!” gritou a criada. Joe bateu-lhe de novo. “Aqui não”, murmurou. E Joe viu que ela estava chorando. Quanto a ele, não se lembrava mais de quando havia chorado. E agora chorava também, insultando-a, batendo-lhe. Ela agarrou-o e desapareceu até mesmo o motivo que Joe tivera para lhe bater. “Está bem, está bem”, disse ela, “está bem.”

Naquela noite não se afastaram da esquina. Não saíram da estrada, não andaram nem vagaram. Sentaram-se num declive coberto de grama e ficaram conversando. Dessa vez era ela quem falava. Joe pouco falou. Via agora o que descobrira, o que soubera sempre: os ociosos do restaurante, chupando os seus cigarros e dirigindo graçolas à empregada que ia e vinha, sempre de olhos baixos, servil... Ouvindo a sua voz, Joe parecia sentir o ranço de fumo e imundície que rodeava todos aqueles anônimos. Ela falava com a cabeça baixa, as mãos imensas pousadas sobre o regaço.

— Pensei que você soubesse — disse ela.

— Não, não sabia.

— Pensei que você soubesse — repetiu.

— Não, não sabia.

Duas semanas depois Joe começou a fumar, piscando os olhos sob a ação da fumaça. Começou também a beber. Bebia à noite com Max e Mame e às vezes com outros três ou quatro homens. Geralmente havia também uma ou duas mulheres da cidade. Mais frequentemente eram desconhecidas que vinham de Memphis por uma semana ou um mês, para servirem no balcão do restaurante, onde se reuniam durante o dia inteiro os desocupados. Joe nem sempre lhes sabia os nomes, mas podia tombar o chapéu, como faziam os outros. À noite, por trás das cortinas corridas da sala de jantar de Max, tombava o chapéu e falava aos outros sobre a empregada, mesmo na presença dela, com voz jovial e desesperada de bêbedo, chamando-a de sua puta. De vez em quando levava-a a bailes pelos arredores, no automóvel de Max, tratando sempre de evitar que McEachern viesse a saber. “Não sei o que mais o enfureceria”, dizia ele a Bobbie, “se você ou os bailes.” Uma vez, de tão embriagado, tiveram de deitá-lo na cama, numa casa onde tempo houve em que nunca sonhara entrar. No dia seguinte a empregada levou-o de automóvel para casa, antes de amanhecer, para que pudesse entrar antes de ser descoberto. E durante o dia McEachern o observava com uma aprovação resmungona e amarga.

Ainda tem muito tempo para me fazer arrepender de lhe ter dado

aquela novilha — disse-lhe.

McEachern estava na cama, mas não dormia, embora o quarto estivesse às escuras. Deitado ao lado de sua mulher, que julgava adormecida, pensava: "O terno foi vestido. Mas quando? Não podia ter sido durante o dia, porque ele então está sob as minhas vistas, exceto nas tardes de sábado. Mas em qualquer tarde de sábado pode ter ido ao estábulo, pode ter tirado e ocultado a roupa com que anda sempre e vestido o traje que não desejaria nem precisaria usar senão como um acessório do pecado." Foi como se ele soubesse, como se lhe tivessem dito. Concluiu que a roupa fora usada em segredo e, segundo todas as probabilidades, à noite. E se assim era, o homem recusava-se a acreditar que o rapaz tivesse outro propósito que não a luxúria. McEachern nunca cometera o pecado da luxúria e mais de uma vez se recusara a escutar alguém que lhe falasse sobre isso. Todavia, ao fim de trinta minutos de pensamento intenso, sabia sobre as ações de Joe quase tanto como se o próprio rapaz lhe tivesse contado tudo, exceto nomes e lugares. É bem provável que não tivesse acreditado, nem ainda sabendo-o da própria boca de Joe, porque os homens da sua espécie têm geralmente convicções tão firmes acerca da mecânica e do cenário do mal quanto às que nutrem acerca do bem. Desse modo o fanatismo e a clarividência eram quase que uma e a mesma coisa; apenas o fanatismo era um pouco lento, pois que, quando Joe, descendo pela corda, escorregou veloz diante da janela aberta banhada de luar, McEachern não o reconheceu imediatamente ou talvez não acreditasse no que via, apesar de ver diante de si a corda. E quando se aproximou da janela, Joe já havia retirado a corda e, depois de a ter atado, dirigia-se ao estábulo.

Ao vê-lo da janela, McEachern experimentou um pouco a ofensa pura e impessoal que sentiria um juiz vendo que o homem, submetido a um processo no qual lhe vai a vida, se inclina e cospe na manga do esbirro.

Oculto nas sombras do atalho, a meio caminho entre a casa; é a estrada, podia ver Joe na saída do atalho. Também ouviu o ronco do automóvel, viu-o aproximar-se e parar e viu Joe entrar nele. Provavelmente não se importava com mais alguém que se encontrasse no carro. Talvez já soubesse quem era e o seu único propósito fosse saber em que direção o carro seguia. Talvez pensasse saber também isso, pois que o carro poderia ter ido para qualquer parte, numa região cheia de destinos possíveis com estradas conduzindo até eles. O fato é que voltou em direção à casa, caminhando depressa, com aquele mesmo ar de ofensa pura e impessoal, como se acreditasse que seria guiado por uma ofensa ainda maior e mais pura, a ponto de não precisar nem mesmo duvidar das suas faculdades pessoais. Em chinelos de feltro, sem chapéu, com a

camisa de dormir metida nas calças e os suspensórios pendentes, foi direto como uma flecha até o estábulo, selou o seu velho e robusto cavalo branco e dirigiu-se ao atalho e daí à estrada, a galope, sem prestar atenção à mulher que o chamava da janela da cozinha, vendo-o afastar-se da cerca. Entrou pela estrada na mesma marcha vagarosa e ponderada, curvados um pouco para a frente os dois — homem e animal — numa fanática simulação de velocidade tremenda, conquanto a verdadeira velocidade estivesse ausente.

Cavalgando no mesmo passo, foi diretamente ao lugar que procurava e que encontrou, depois de ter andado toda uma noite é quase meio condado, apesar de não ficar muito longe. Mal andara quatro milhas quando ouviu música a distância é viu ao lado da estrada luzes brilhando num edifício escolar, que constava de uma única sala. Sabia onde ficava o edifício, mas não tinha nenhuma razão nem meio de saber que ali se realizaria um baile. Contudo, cavalgou diretamente para lá e, passando entre as sombras errantes dos automóveis estacionados, entre os carros e os cavalos selados que enchiam o terreno adjacente, apeou-se quase antes de o cavalo, ter parado. Nem sequer o amarrou. Desceu e, de chinelos de feltro e com os suspensórios caídos, a cabeça redonda, a barba curta e maltratada, encaminhou-se para a porta e as janelas abertas e iluminadas de onde vinha a música, e onde sombras formadas pela luz de querosene passavam num certo tumulto ordenado.

Talvez se estivesse, pensando em alguma coisa ao entrar na sala, julgasse ter sido guiado e estar agora sendo impelido pelo próprio arcanjo São Miguel. Segundo parecia, sua vista não se ofuscara nem mesmo momentaneamente com a luz súbita nem com o movimento quando se lançou por entre os corpos cujas cabeças se voltavam, seguido de uma onda de espanto, e de pânico incipiente, e ao arremessar-se para o rapaz a quem havia adotado por sua livre vontade e que procurara criar da maneira que lhe parecia justa. Joe e a empregada estavam dançando. O rapaz ainda não o tinha visto. A mulher só o vira uma vez, mas talvez se recordasse, ou talvez bastasse o seu aspecto, porque deixou de dançar e no seu rosto apareceu uma expressão semelhante a horror. Joe notou e voltou-se: Ao voltar-se, já McEachern estava junto deles. McEachern vira a mulher apenas uma vez, e provavelmente nunca havia olhado para ela, pela mesma razão por que se recusava a escutar quando algum homem lhe falava em fornicação. Contudo dirigiu-se a ela, esquecendo Joe por um momento: “Fora, Jezabel!”, gritou com voz trovejante que reboou no silêncio atônito dos rostos espantados que o rodeavam sob as lâmpadas de querosene, na música que cessou, na noite tranquila banhada pelo luar dos começos de verão. “Fora, rameira!”

Talvez não lhe parecesse ter avançado com rapidez, ter falado em voz alta. Provavelmente tinha a impressão de se ter conservado de pé e imóvel como um rochedo, sem pressa nem cólera, ao passo que de todos, os lados fervia a sordidez da frágil natureza humana, num longo suspiro

de terror em volta do autêntico representante do Trono furioso e vingativo. Talvez nem fossem suas as mãos que esbofeteavam a cara do adolescente que ele nutrira, abrigara e vestira desde criança, e aquela cara que se esquivou ao golpe e de novo se mostrou, talvez não fosse a do menino. Isso, porém, não devia surpreendê-lo, uma vez que não era a cara do jovem que interessava, senão a de Satanás, que conhecia igualmente bem. E, quando se adiantou a passo firme para aquele rosto, olhando-o fito e com a mão levantada, avançou (provavelmente com a furiosa exaltação fantástica de um mártir já absolvido) para a cadeira que Joe ia vibrar-lhe na cabeça, e para o nada. Talvez o nada o assombrasse um pouco, mas não por muito tempo.

A Joe pareceu que tudo fugia, rugia, morria, deixando-o no centro da sala ainda com a cadeira quebrada na mão e contemplando seu pai adotivo. McEachern jazia de costas. Tinha agora um ar pacato. Aturdido com a pancada, indômito até no repouso, parecia dormir; até o sangue na sua testa parecia pacífico e tranquilo.

Joe estava ofegante. Ouvia sua própria respiração e ouvia alguma coisa mais, um som fino, agudo e longínquo que lhe pareceu ouvir durante muito tempo antes de reconhecê-lo como uma voz, como a voz de uma mulher. E, quando olhou, viu que dois homens seguravam a empregada do restaurante, que se contorcia e debatia, com o cabelo caído sobre a cara, uma cara feia e deformada pelas placas de pintura excessiva. A boca era como uma pequena cavidade irregular, cheia de gritos. “Chamar-me de rameira!”, berrava, estrebuchando contra os homens que a sujeitavam. “Filho da puta! Deixem-me, deixem-me.” Em seguida, enquanto se contorcia e revolia, procurando morder as mãos dos homens que lutavam com ela, sua boca cessou de articular palavras e limitou-se a gritar.

Joe adiantou-se para ela sem largar a cadeira quebrada. Aglomerados, enfileirados junto às paredes, os outros o olhavam — raparigas com vestidos desbotados, meias e sapatos de salto alto encomendados pelo correio; homens jovens que também tinham recebido pelo correio suas roupas mal cortadas e tesas como tábuas, de mãos calosas e estragadas e olhos amortecidos na labuta paciente ao longo dos sulcos intermináveis, atrás das lentas ancas das mulas. Joe começou a correr, brandindo a cadeira. “Soltem-na”, gritou. Ela cessou de debater-se e voltou contra ele sua própria fúria e seus gritos, como se acabasse de vê-lo, de compreender que também ele estava ali,

— E você também! Trazer-me aqui, maldito, bastardo! Filho da puta! Você e ele. Trazê-lo diante de mim que nunca o vira!

Joe não parecia correr na direção de ninguém, e seu rosto estava inteiramente calmo debaixo da cadeira erguida. Os outros se desprenderam da mulher, deixando-a livre; ela, porém, continuava a torcer os braços, como se não compreendesse que a tinham soltado.

— Fora daqui — bradou Joe. Rodou nos calcanhares, brandindo a

cadeira; todavia seu rosto conservava-se tranquilo.

— Para trás! — disse ele, apesar de não haver ninguém com mostras de querer investir. Estavam todos tão quietos e calados como o homem deitado no chão. Esgrimia a cadeira no ar, recuando para a porta. Para trás! Eu bem lhe disse que um dia o mataria! Eu bem lhe disse! — Brandia calmamente a cadeira e continuava retrocedendo para a porta. — Que ninguém se mova! — gritou com o olhar intenso, fixo naquelas caras que pareciam máscaras. Em seguida atirou a cadeira no chão, voltou-se bruscamente e, de um salto, saiu pela porta afora à branda luz da lua. Alcançou a empregada no momento em que ela entrava no automóvel no qual tinham vindo. Joe arquejava, mas sua voz era calma; com sua cara de sono mal conseguia emitir alguns sons. — Vá para a cidade — disse ele. — Eu estarei lá logo que... — Parecia não ter consciência do que dizia nem do que estava acontecendo; quando a mulher se voltou bruscamente na porta do carro e começou a bater-lhe na cara, ele não fez nenhum movimento e sua voz não se alterou. — Sim. Está direito. Lá estarei logo que...

— E enquanto ela continuava a bater-lhe, voltou-se e começou a correr.

Não podia saber onde McEachern deixara o cavalo, nem tinha certeza de se ele o trouxera. Contudo correu em direção ao animal, com um pouco daquela fé absoluta que seu pai adotivo depositava na infalibilidade dos acontecimentos. Montou e dirigiu o cavalo para a estrada, na qual o automóvel já havia entrado. E viu que diminuía e desapareciam os faróis traseiros.

O robusto animal, criado no campo, voltou, para casa na sua marcha lenta e constante. O jovem que o montava pesava-lhe pouco no lombo. Balançava-se de leve, bem inclinado para a frente, numa exaltação como a de Fausto em circunstância parecida, talvez por ter deixado para trás o “não farás”, por sentir-se finalmente livre da honra e da lei. Com o movimento o cavalo exalava um cheiro doce, penetrante e sulfuroso de suor. O vento soprava invisível. “Aí está, aí está! Eu bem lhes disse que o faria!”, falou bem alto.

Entrou no atalho e, sem diminuir a velocidade, cavalgou à luz do luar até a casa. Pensou que esta estivesse às escuras, mas não estava. Não parou. A corda escondida era agora uma parte tão moita da sua vida morta como a honra e a esperança, podendo-se dizer o mesmo da mulher velha e cansada que fora um dos seus inimigos durante treze anos, e que estava agora desperta, à sua espera. A luz batia no quarto dela e de McEachern; ela estava de pé à porta, com um xale sobre a camisa de dormir. “Joe”, chamou a velha. Joe veio andando depressa, pelo corredor. Seu rosto tinha a expressão que McEachern vira quando a cadeira o atingiu. Talvez a mulher não pudesse vê-lo bem. “Que aconteceu?”, perguntou ela. “Papai saiu a cavalo. Ouvi...” Naquele momento viu o rosto de Joe, mas sequer teve tempo de dar um passo para trás. Joe não

lhe bateu. Tocou-lhe suavemente com a mão no braço, para afastá-la do caminho, da porta, porque tinha pressa. Afastou-a para um lado, como teria corrido uma cortina que tapasse a porta.

— Está num baile — respondeu. — Afaste-se, velha.

A mulher voltou-se, segurando o xale com uma das mãos e apoiando a outra na porta que se fechava. Ficou a observar Joe, que atravessou o quarto e começou a correr pela escada que conduzia ao sótão. Sem se deter, Joe voltou a cabeça. Então ela pôde ver-lhe os dentes brilhando à luz da lâmpada. “Está num baile. Não ouviu o que eu disse? Mas não dança.”

E soltou uma risada perto da lâmpada; voltou de novo a cabeça e com ela o seu riso, subindo as escadas a correr, desaparecendo enquanto corria, desaparecendo da cabeça para baixo, como se, na corrida, só se lhe visse primeiro a cabeça, e como se o seu riso se engolfasse em alguma coisa que fizesse sumir o rapaz, como um desenho a giz que fosse sendo apagado de um quadro-negro.

A velha seguiu-o com dificuldade escada acima. Começara a segui-lo quase no momento em que ele passou diante dela, como se a urgência implacável que levava o marido tivesse regressado como uma capa que o rapaz trouxesse sobre os ombros e que, por sua vez, houvesse passado dos seus ombros para os dela. Penosamente se arrastava pela escada desconjuntada, agarrando-se ao corrimão com uma das mãos e segurando o xale com a outra. Não falou nem o chamou. Parecia um fantasma que obedecesse a uma ordem enviada por seu senhor ausente. Joe não acendera a lâmpada, mas o quarto estava cheio do esplendor lunar e, mesmo sem essa claridade, a mulher poderia dizer o que ele estava fazendo. Conservou-se ereta perto da parede, apalpando-a com a mão até que chegou à cama e aí se sentou. Isso lhe tomara algum tempo, porque, quando olhou para a tábua solta, Joe já se aproximava da cama, na qual o luar batia diretamente, e viu-o esvaziar a lata sobre a cama, passar o montinho de moedas e notas para sua mão e metê-lo no bolso. Foi então que Joe olhou para ela e viu-a sentada um pouco atrás, apoiando-se numa mão e segurando o xale com a Outra. “Não lhe pedi”, disse Joe, “Lembre-se disso. Não lhe pedi porque receava que o desse a mim. Tirei-o. Não se esqueça.” E já se voltava antes que sua voz cessasse. Viu-o ainda a velha quando, ao descer a escada, nele incidia a luz da lâmpada. Depois perdeu-o de vista, mas continuou a ouvi-lo. Ouviu-o caminhar outra vez depressa pelo vestibulo e, ao cabo de algum tempo, ouviu o tropel do cavalo. Pouco depois cessava qualquer som.

Algures um relógio batia uma hora, enquanto Joe esporeava o velho cavalo, agora esfalfado, através da rua principal da cidade. Fazia já um bom pedaço que o cavalo ofegava, mas Joe o conservava na mesma marcha, por meio de um grosso pau que deixava cair ritmicamente sobre a anca do animal. Não era uma vara; era um pedaço de cabo de vassoura que Mrs. McEachern fincara num canteiro de flores em frente à casa e

sobre o qual deveria crescer uma planta qualquer. E, conquanto o cavalo continuasse, não avançava com velocidade muito maior do que a de um homem andando. O pau erguia-se e caía com a mesma lentidão gasta e terrível, como se o jovem cavaleiro, quase deitado de bruços sobre o animal, não soubesse que este se achava esgotado, ou como se quisesse levantar e fazer progredir a mísera cavalgada, cujos cascos corriam com um ruído metódico e oco pela rua deserta e manchada de luar. Cavalo e cavaleiro produziam um curioso efeito fantástico, como o de um filme projetado em câmara lenta, enquanto prosseguiram trotando firmes pela rua até a clássica esquina na qual Joe costumava esperar com menos pressa, talvez, mas com não menor ansiedade.

Respirando fundo e com dificuldade, com um ruído cavo que mais parecia um gemido, o cavalo sequer trotava, tendo agora as patas rígidas. O pau continuava a descer-lhe no lombo; à medida que diminuía a velocidade do animal, a do pau aumentava. Mas o cavalo avançava cada vez mais devagar, e desviava-se para o meio-fio. Joe puxou as rédeas e bateu-lhe com o pau na cabeça, porém o cavalo se aproximava sempre mais do meio-fio e aí parou, a cabeça baixa, mosqueado de sombras, a tremer, com a respiração que era quase uma voz humana. Apesar disso, o cavaleiro continuava inclinado para diante, agarrado à sela, na atitude de uma velocidade incrível a golpear a garupa do animal. Se não fosse o erguer e o cair do pau e a respiração gemente da alimária, cavalo e cavaleiro lembrariam uma estátua equestre fora do seu pedestal, que tivesse vindo repousar numa atitude de exaustão definitiva, numa rua sossegada e deserta, salpicada de manchas de luar.

Joe desceu. Pôs-se diante do cavalo e começou a puxá-lo, como se fosse possível arrastá-lo e fazê-lo mover pela força e em seguida montá-lo. O animal não se mexeu. Joe resistiu. Pareceu inclinar-se um pouco para o cavalo. O animal exausto e o jovem permaneceram de novo imóveis em frente um do outro, com as cabeças juntas e como que esculpidas na atitude de quem escuta, reza ou consulta um ao outro. Joe levantou em seguida o pau e começou a bater na cabeça imóvel do animal. Bateu-lhe com tenacidade até que o pau se quebrou. Continuou a bater com um fragmento que não era muito maior do que a sua mão. Talvez tenha compreendido que já não infligia nenhum castigo ao cavalo, ou talvez fosse o seu braço que se cansara afinal, porque atirou fora o pau, voltou-se bruscamente e começou a andar a grandes passadas. Não olhou para trás. Sempre diminuindo, sua camisa branca foi desaparecendo nas sombras lunares, até que Joe se esvaeceu completamente da vida do cavalo, como se este nunca tivesse existido.

Passou pela esquina na qual costumava esperar. Se o notou, se pensou em alguma coisa, deve ter dito a si mesmo: *Meu Deus! Há quanto tempo, há quanto foi isso!* A rua dobrava para a estrada de macadame. Como tivesse ainda quase uma milha que andar, não se apressou. Foi seguindo cautelosamente, a passo firme, com a cabeça um pouco baixa,

como se contemplasse o caminho que maltratava com os pés. Pouco adiante havia uma curva na estrada, banhada do clarão lunar, ladeada a trechos largos por casinhas novas e esparsas nas quais reside, às abas das cidades, essa gente que veio ontem não se sabe de onde e irá amanhã ninguém sabe para onde. Estavam todas às escuras, exceto aquela para a qual Joe se dirigia.

Quando chegou à casa, desviou-se da estrada e correu com passo medido e sonoro, no silêncio da hora tardia. Talvez lhe parecesse ver já a empregada do restaurante à sua espera, com o seu vestido escuro de viagem e a maleta preparada. (É provável que não tivesse pensado na maneira de ir a qualquer lugar e na forma de empreender tal viagem.) Talvez fosse ver também Max e Mame, Max sem casaco, quiçá apenas de camisa de meia, e Mame embrulhada no quimono azul claro, os dois no ruidoso e alegre palavrório do bota-fora. Como, porém, não dissera a Bobbie que estivesse pronta para seguir, na realidade não pensava em nada disso. Pode ser também que julgasse ter-lhe dito, e que ela soubesse de tudo, visto que os atos recentes do rapaz e seus planos futuros deviam parecer ao próprio Joe bastante claros para que qualquer pessoa os compreendesse. É possível mesmo que acreditasse que no momento em que a criada entrara no automóvel, ele lhe houvesse dito que ia em casa buscar dinheiro.

Correu para o pórtico. Até aqui, mesmo nos seus dias de glória na casa, seu primeiro impulso fora sempre passar rapidamente e, tanto quanto possível, sem dar na vista, da estrada para a sombra do pórtico e daí para o interior da casa onde o aguardavam. Bateu. Tal como esperava, no quarto da empregada a luz estava acesa e no fundo do vestibulo ardia outra luz. Por trás das janelas de cortinas corridas, ouviu vozes que lhe pareciam antes sérias do que alegres. Esperara também isso enquanto pensava: *Talvez julguem que não venho. Maldito cavalo! Maldito cavalo!* Tornou a bater com mais força, pondo a mão na maçaneta e sacudindo-a, premindo a cara contra o vidro velado de cortinas da porta principal. As vozes cessaram. Depois não se ouviu mais nenhum ruído dentro da casa. Às duas luzes, a mais clara, que indicava o quarto da empregada, é outra, por trás da opaca cortina da porta, continuavam a arder incessantemente, como se toda a gente da casa tivesse morrido de repente quando Joe tocara na maçaneta. Bateu mais uma vez após breve intervalo e estava ainda batendo quando a porta (nenhuma sombra caíra sobre a cortina e não se ouvira rumor algum de passo que se aproximasse) se abriu de repente e de mansinho às suas pancadas. Já transpunha a soleira da porta quando Max surgiu por trás, tomando a passagem. Estava completamente vestido, trazendo até mesmo o chapéu. “Muito bem, muito bem”, disse em voz um tanto baixa. E quase como se tivesse puxado rapidamente Joe para o vestibulo e fechado a porta a chave, o rapaz viu-se dentro da casa antes de dar por isso. A voz de Max continuava com aquela qualidade ambígua, aquela cordialidade

totalmente vazia e totalmente desprovida de prazer e de alegria e que era como uma casca, como uma coisa que ele trouxesse diante do rosto e através da qual observasse Joe — coisa que no passado fizera Joe olhar para Max com um misto de perplexidade e cólera. “Finalmente chegou Romeu, o folgazão da rua Beale”, disse. Em seguida acrescentou em voz mais alta, pronunciando Romeu claramente: “Entre para cumprimentar a gente.”

Joe já se encaminhava para a porta que conhecia, quase correndo de novo, se é que realmente se detivera algum momento. Não estava ouvindo Max; Nunca ouvira falar da rua Beale, dos três ou quatro quarteirões de Memphis, comparado com os quais Harlem é um cenário de cinema, Joe não olhara para nada. Porque de repente viu a mulher loura no fundo do vestibulo. Não tinha visto quando¹ ela surgira ali; até então o vestibulo estivera deserto. E ali se encontrava ela subitamente, vestida de escuro e com um chapéu na mão. Já um pouco além da escura porta aberta, perto de Joe, havia um montão de bagagem, constando de várias maletas. Talvez não as tivesse visto. *Não pensei* — disse consigo — *que tivesse tantas*. É possível que pensasse então pela primeira vez que não sabia como viajar. *Como posso levar tudo isso?*, refletiu. Não se deteve, dirigindo-se logo para a porta que conhecia. Só quando pôs a mão sobre a porta notou o silêncio que reinava no interior, um silêncio tal que ele, com os seus dezoito anos, sabia que era preciso mais de uma pessoa para o guardar. Foi continuando; provavelmente nem notara que o vestibulo estava deserto outra vez, e que a mulher loura desaparecera sem que ele a tivesse visto ou ouvido mover-se.

Abriu a porta. A empregada estava sentada na cama, como a vira tantas vezes. Trazia o vestido escuro e o chapéu, tal como ele imaginara. Sentada e de cabeça baixa, sequer olhou para a porta que se abria, enquanto um cigarro ardia na sua mão imóvel que, nessa imobilidade, parecia quase monstruosa, descansando sobre o vestido escuro. No mesmo instante Joe viu o outro homem. Nunca o vira antes, porém não compreendeu isso naquele momento. Só mais tarde se lembrou daquilo e se lembrou da bagagem amontoada no corredor escuro.

O desconhecido também estava sentado na cama e fumava. Tinha o chapéu caído sobre o rosto, de tal maneira que a sombra da aba lhe escurecia a boca. Não era velho, mas também não era jovem. Max e ele poderiam ter sido irmãos, no sentido em que dois. brancos quaisquer, extraviados repentinamente numa aldeia africana, podem parecer irmãos aos habitantes do lugar. Conservava imóveis o rosto e o queixo, nos quais batia a luz. Joe não sabia se o desconhecido olhava ou não para ele. Também não sabia que Max estava de pé atrás dele. E ouviu suas vozes e não compreendeu o que diziam, sem sequer ouvir: *Pergunte-lhe*.

Como vai saber? Talvez ele ouvisse as palavras, mas é provável que não. Provavelmente não tinham para ele mais significação do que o zumbido dos insetos atrás da janela hermeticamente fechada, ou do que

a pilha de malas para as quais olhara e que contudo não vira. *Bobbie disse que ele fugiu imediatamente.*

É possível que saiba. Pelo menos, se é possível, vamos averiguar de que escapamos.

Joe não se movera desde que entrara e, apesar disso, continuava correndo. Quando Max lhe tocou no ombro, voltou-se como se o tivessem detido a meio andar. Não havia sequer notado que Max estava no quarto. E olhou Max por cima do ombro com uma espécie de aborrecimento furioso. “Vamos esclarecer isso, pequeno, disse Max. “Que me diz a isso?”

— A isso quê? — perguntou Joe.

— O velho. Acha que o liquidou? Falemos claro. Não vai querer que Bobbie se meta em complicações.

— Bobbie — disse Joe, pensando: *Bobbie, Bobbie*. Voltou-se, correndo de novo. Dessa vez Max agarrou-o pelo ombro, ainda que não com força.

— Vamos — disse Max. — Não somos todos amigos aqui? Liquidou-o?

— Liquidar? — exclamou Joe em tom irritado, mas contendo-se, como se uma criança o tivesse feito parar para lhe dirigir uma pergunta.

— Morreu o indivíduo cuja cabeça você quebrou com a cadeira? — perguntou o desconhecido.

— Se morreu? — disse Joe olhando para ele. E, ao olhar, viu novamente a empregada e tomou a correr. Dessa vez moveu-se realmente. Ele havia afastado completamente do seu espírito os dois homens. Encaminhou-se para a cama, metendo a mão no bolso com uma expressão de triunfo e exaltação. A mulher não olhou para ele. Não lhe havia dirigido um olhar desde que ele entrara, conquanto provavelmente Joe tivesse esquecido esse fato. Ela não se mexera. O cigarro continuava a arder na sua mão imóvel, que parecia tão grande, tão morta e tão pálida como um pedaço de carne que se vai cozinhar. Alguém agarrou Joe de novo pelo ombro. Agora era o desconhecido. Ombro com ombro, o desconhecido e Max olharam para ele.

— É inútil esconder. Se liquidou aquele sujeito, diga logo. Isso não será segredo por muito tempo. No próximo mês a notícia correrá por toda parte — disse o desconhecido.

— Não sei, é o que lhes digo — respondeu Joe, olhando primeiro para um e depois para o outro, irritado, mas ainda sem se enfurecer. — Dei-lhe uma pancada e ele caiu. Eu já lhe havia dito que um dia faria isso. — E olhou de um para outro, para aqueles dois rostos imóveis e quase idênticos, sacudindo o ombro que a mão do desconhecido apertava.

— Então para que foi que você veio aqui? — perguntou Max.

— Para quê... para quê... — exclamou Joe num tom de vago espanto, fixando os olhos num e noutro rosto, numa espécie de

exasperação ofendida, mas ainda paciente. — Para que vim? Vim para levar Bobbie. Pensam que... quando fui até em casa buscar o dinheiro para casar...

Esqueceu-os de novo, e completamente. Afastou-os da mente. E, dando uma sacudidela para libertar-se, voltou-se mais uma vez para a mulher com aquele seu ar de exaltação, orgulho e olvido. É provável que naquele momento os dois homens tivessem desaparecido da sua vida, com um sopro, como dois pedaços de papel tocados pelo vento, É possível que sequer notasse que Max ia até a porta e chamava e que um momento depois entrava a mulher loura. Inclinar-se sobre a cama, na qual, imóvel e com a cabeça baixa, a empregada continuava sentada e, curvado sobre ela, tirara do bolso o montinho de notas e moedas, deixando-o cair sobre o seu colo e a um lado da cama.

— Olhe! Está vendo o que arranjei? Olhe aqui! Vê?

E o vento soprou de novo sobre ele, como havia soprado três horas antes no edifício da escola, entre os rostos boquiabertos que esquecera no momento. Enquanto se mantinha naquele estado de quietude, de quase devaneio, viu a empregada pôr-se de pé, ajuntar o dinheiro espalhado pela cama e jogá-lo longe; viu-lhe o rosto tenso, a boca que gritava, os olhos que também gritavam. E, entre todos, o único que lhe pareceu tranquilo, sossegado, foi ele próprio; a única voz calma, capaz de fazer mossa no ouvido, era a sua.

— Então não quer? — perguntou ele. — É isso que quer dizer?

A cena foi semelhante a que se passara no prédio da escola: alguém segurou a empregada, que começou a debater-se e a gritar, desgrenhando-se-lhe os cabelos com as violentas sacudidelas que imprimia à cabeça. Comparado com o cabelo, o semblante, inclusive a boca, tinha a sossego de uma boca morta numa cara morta.

— Patife! Filho da puta! Meter-me em complicações depois que o tratei como se fosse branco!

Mas havia probabilidades de que aquilo não fosse para Joe mais do que um rumor, um longo sopro. E olhando para aquele rosto disse tranquilamente (não poderia dizer se em voz alta ou não) com lento assombro; *Por ela cheguei a assassinar. Por ela cheguei até a roubar*

E também ela desapareceu da sua vida ao sopro de um vento rijo, como uma terceira bolinha de papel. Joe começou a balançar o braço, como se ainda agarrasse a cadeira quebrada. A mulher loura estava no quarto havia já algum tempo. Joe viu-a com surpresa pela primeira vez, como se, conforme parecia, ela se tivesse materializado, imóvel no ar sutil, com aquela tranquilidade de superfície diamantina, sem um fio de cabelo fora do lugar, como se fosse investida de uma respeitabilidade tão implacável e repousada como a da luva branca de um polícia de mão erguida. A mulher loura, que vestia agora um quimono azul-pálido sobre o vestido escuro de viagem, disse com brandura:

— Levem-no. Vamos embora. Daqui a pouco chegará a polícia. Já sabem onde procurá-lo.

É possível que -Joe não tivesse ouvido, que não ouvisse os gritos da empregada: “Ele mesmo me disse que é negro. E eu recebendo de graça um negro sujo que iria meter-me em complicações com essa polícia de roceiros, num baile de roceiros!

Talvez Joe não tivesse ouvido mais do que a rija lufada de vento quando, agitando a mão como se ainda agarrasse a cadeira, saltou sobre os dois homens. Provavelmente nem ao menos sabia que eles se moviam em sua direção. Porque, com alguma coisa da exaltação de seu pai adotivo, foi colocar-se por sua própria decisão diante dos punhos do desconhecido. E talvez não sentisse nenhuma pancada, embora o desconhecido lhe batesse duas vezes na cara antes de derrubá-lo no chão, onde, como o velho a quem abatera antes, ficou imóvel, de costas. Mas não perdera os sentidos, porque seus olhos abertos continuavam a olhar em silêncio para os dois homens.

Nos seus olhos não havia nada, segundo parecia: nem dor nem surpresa. Parecia, contudo, que não lhe era possível mexer-se; ficou estendido ali, com uma expressão profundamente contemplativa, olhando em silêncio para os homens e para a mulher loura, que se conservava silenciosa e imóvel e tão bem-acabada e lisa como uma estátua fundida. Talvez ele próprio não tivesse ouvido as vozes, mas também podia ser que as tivesse ouvido e, nesse caso, ainda uma vez as palavras não tiveram para ele maior sentido que o zumbido seco dos pertinazes insetos que estavam do outro lado da janela.

Entregando-se à orgia de maneira tão agradável como eu próprio desejaria fazê-lo.

Ele devia evitar as prostitutas.

Mas não consegue. Nasceu muito perto de uma.

Será mesmo negro? Não parece.

Foi o que ele disse a Bobbie tinta noite. Mas desconfio de que ela não sabe a esse respeito mais do que ele próprio. Esses roceiros bastardos podem ser tudo.

Vamos averiguar. Veremos se o sangue dele é negro.

Estendido ali, tranquilamente imóvel, Joe viu o desconhecido inclinar-se sobre ele, erguer-lhe do chão a cabeça e bater-lhe outra vez na cara, agora com um golpe seco e cortante. Um momento depois Joe lambeu um pouco o beijo, como uma criança lambe uma colher. Viu a mão do desconhecido afastar-se. Mas não desceu sobre ele de novo.

— Basta. Vamos para Memphis.

— Mais um. — Imóvel, Joe ficou olhando a mão. — Precisamos de um pouco mais de sangue para ter certeza.

Max também se agachara ao lado do desconhecido.

— Sim. Ele não precisa mais preocupar-se. Isso também é por conta

da casa.

Mas a mão não desceu. A mulher loura se aproximara e detivera no alto pelo pulso a mão do desconhecido.

— Já disse que basta.

O conhecimento — não a dor — recorda uma centena de ruas selvagens e ermas. Eles, perderam-se dentro da noite, enquanto Joe continuava ali estendido no chão. Ouviu às derradeiras passadas e a pancada final na porta (nem mesmo apagaram a luz) e ele lá ficou sobre o solo, imóvel, de olhos abertos, e por cima de sua cabeça os globos ardiam, num bruxuleio doloroso e constante, como se toda a gente da casa tivesse morrido. Não soube quanto tempo permaneceu; ali. Não pensava. Não sofria. Talvez tivesse consciência se que em algum ponto dentro dele os dois fios elétricos da volição e da consciência estavam com as extremidades cortadas, sem tocar um no outro, esperando tornar a se unir para que ele pudesse mover-se. Enquanto os outros terminavam os preparativos da partida, passavam de vez em quando por cima dele, como acontece quando se está a ponto de deixar pára sempre uma casa vazia: passa-se por cima de qualquer objeto que se tem intenção de abandonar. *Bobbie, pequena, aqui está o pente que você esqueceu; aqui está o Romeu. Jesus! Deve ter arrombado a gaveta da escola dominical antes de vir; é de Bobbie; não viu que lhe deu? não viu? muito generoso; é justo guardá-lo, pequena; pode servir para pagar uma prestação ou como lembrança ou coisa assim; ela precisa; é uma desgraça, mas não vamos deixá-lo aqui estendido para fazer no solo um buraco maior do que já fez, um buraco grande demais para o seu tamanho ou para qualquer tamanho. Ouça, Bobbie, ouça, pequena, guardam a metade para Bobbie; deixe-o aí, sem vergonha! Para que o queres? É dele. Jesus! que vai fazer com o dinheiro? não gasta dinheiro; não precisa; pergunte a Bobbie quando precisa de dinheiro, dão-lhe e nós temos de pagá-lo; já disse que o deixe aí; diabo, não é meu e não posso deixá-lo; é de Bobbie, não é seu, a não ser que me diga que lhe deve dinheiro porque andou também com você por trás das minhas costas, a crédito; já lhe disse que o deixe e depressa porque não tocam senão cinco ou seis pratas a cada um. Então a mulher loura curvou-se sobre Joe enquanto ele a olhava em silêncio, levantou a saia, puxou do alto da meia um apertado maço de notas, do qual retirou uma e a pôs no bolsinho de relógio da calça de Joe. E saiu. *Vamos, vamos daqui; não está pronta ainda? Devia ter metido cá o quimono, fechado a maleta e empoado outra vez o rosto; traga a minha maleta e o chapéu e depois leve Bobbie e as outras malas para o carro e espere por Max e por mim; pensa que vou deixar algum de vocês aqui sozinho para que lhe roubem esse também? Vamos embora.**

Foram afinal. Um último tropel, um derradeiro bater de porta. Depois viu que o automóvel abafava a bulha dos insetos, sobrepondo-se a ela, fazendo-se igual a ela e por fim inferior a ela, até que não tornou a ouvir senão os insetos. Continuava estendido no chão debaixo da luz. Assim como via sem olhar realmente, ouvia sem dar por isso, não podia mover-se; as duas extremidades do fio ainda não se haviam ligado; de vez em quando ele lambia os beiços como uma criança.

Depois as pontas dos fios se uniram e estabeleceram contato. Não

saberia dizer o momento exato em que isso se deu; não soube senão que de repente sentiu a cabeça zumbir. Sentou-se vagarosamente* fazendo de novo a descoberta de si mesmo, e levantou-se. Estava atordoado. O quarto girava em torno dele lentamente, suavemente, como o pensamento, de modo que o pensamento disse: *Ainda não*. Mas não sentia dor ainda, nem quando, apoiado na escrivaninha, examinou ao espelho o rosto inchado e com manchas de sangue e tocou no rosto: “Santo Deus”, disse, “que surra me deram!” Ainda não pensava, não chegara ainda a tanto. *O melhor é ir embora daqui. O melhor é ir embora*. Dirigiu-se à porta, estendendo as mãos diante de si, como um cego ou um sonâmbulo. Encontrou-se no corredor sem mesmo se lembrar de ter passado pela porta. Viu-se num outro quarto, enquanto ainda esperava, sem acreditar que se dirigia para a porta da rua. O outro quarto também era pequeno e contudo parecia impregnado da presença da loura; suas duras paredes estavam cheias da mesma respeitabilidade militante e superficialmente diamantina daquela mulher. Na secretária vazia viu uma garrafa de litro, quase cheia de uísque. Bebeu devagar, sem sentir o ardor, apoiando-se à secretária para manter-se ereto. O uísque desceu-lhe pela garganta, frio como melado, e insípido. Tornou a pôr sobre o móvel a garrafa vazia. Tinha a cabeça baixa; não pensava, esperando talvez sem saber, talvez nem sequer esperando. Então o uísque começou a queimá-lo por dentro e Joe meneava a cabeça de um lado e de outro, vagarosamente, enquanto o pensamento se tornava uno com o lento, o ardente torcer e retorcer das entranhas. “Tenho de sair daqui.” Voltou ao corredor. Agora era a cabeça que estava clara, mas o corpo não queria portar-se direito. Teve de ir afagando-o ao longo do corredor, segurando nas paredes até a porta da rua. “Vamos, vamos, domine-se. Tenho de sair daqui.” E pensava: *Se consiga sair para fora daqui, para o ar frio, para a fria escuridão*. Viu que suas mãos apalpavam a porta, tratou de ajudá-las, de afagá-las, de dirigi-las. “Pelo menos não me fecharam em casa”, pensou. “Jesus, nesse caso não poderia sair senão de manhã. Não teria podido abrir uma janela e saltar por ela.” Finalmente abriu a porta, saiu e fechou-a, discutindo novamente com seu corpo que não queria ter o trabalho de fechar a porta; obrigou-o a fechá-la sobre a casa vazia — onde as duas luzes ardiam com o seu clarão mortiço e constante — sem saber que a casa estava vazia, sem se preocupar com o silêncio e a desolação, do mesmo modo que eles não se haviam preocupado com as noites baratas e brutais de bebidas em copos muito usados e pouco limpos e de camas muito frequentadas e malcheirosas. Agora o corpo aquiescia melhor, tomando-se dócil. Do pórtico escuro saiu para o luar, e com a cabeça ensanguentada e o estômago vazio, ardente, selvagem e corajoso com o uísque, entrou na rua que teria de correr durante quinze anos.

O uísque evaporou-se com o tempo, foi renovado e evaporou-se outra vez, mas a rua continuou a correr. Desde aquela noite as mil ruas correram como uma única, com imperceptíveis esquinas e mudanças de

cenário, interrompidas por intervalos de corridas solicitadas ou furtivas em trens e caminhões e em carros de camponeses, nos quais ele, com vinte, vinte e cinco e trinta anos se sentava de rosto impassível e duro e roupa de homem da cidade (ainda que suja e gasta) e o condutor sem saber quem era ou o que era o passageiro, e sem se atrever a perguntar. A rua corria para Oklahoma e para Missouri e, no Sul, até o México e depois, no Norte, até Chicago e Detroit, depois novamente para o Sul e finalmente para o Mississippi. Tinha quinze anos de existência: corria entre as frias e selvagens choças de madeira de cidades petrolíferas onde, com o seu inevitável temo de sarja e os seus sapatos claros, enegrecidos por uma lama insondável, comia em pratos de folha comida crua que lhe custava dez e quinze dólares, pagos com um rolo de notas do tamanho de uma rã grande, também manchado de barro pegajoso que parecia tão insondável como o ouro que segregava. Corria entre dourados campos de trigo ondulando, debaixo dos tremendos dias amarelos de trabalho e de sono duro, em pilhas de feno à fria lua louca de setembro e às frágeis estrelas. Joe foi alternadamente lavrador, mineiro, garimpeiro, jogador; alistou-se no exército, serviu durante quatro meses, desertou e nunca foi apanhado. E sempre, mais cedo ou mais tarde, a rua corria através de cidades, entre bairros idênticos e permutáveis, sem nomes de que alguém se recorde, onde, sob as escuras, equívocas e simbólicas arcadas da meia-noite, dormia com mulheres às quais pagava quando tinha dinheiro e quando não o tinha dormia também e lhes dizia que era negro. Por algum tempo isso deu resultado; foi enquanto ele esteve no Sul. Era muito simples, muito fácil. Geralmente não corria maior risco do que receber uma descompostura da mulher ou da dona da casa, ainda que de vez em quando outros fregueses lhe dessem sovas que o deixavam sem sentidos, sempre acordando mais tarde ou na rua ou na prisão.

Isso foi enquanto ele ainda se encontrava (relativamente falando) no Sul. Porque uma noite não se saiu bem. Levantou-se da cama e disse à mulher que era negro. "Sim? Pensei que fosse carcamano ou coisa parecida", disse ela. Olhou para ele sem maior interesse. Então, evidentemente, viu alguma coisa no seu rosto, porque disse: "E então? Não tem mau aspecto. Você precisava ter visto o negro que mandei embora justamente antes de chegar a sua vez." E ficou olhando para ele absolutamente tranquila. "Que pensa que é essa pocilga? Pensava que era o hotel Ritz?" Calou-se e, olhando atentamente para ele, começou a retroceder lentamente, sem deixar de encará-lo com uma expressão intensa e a boca pronta para gritar. E depois ela pôs-se a gritar. Foram necessários dois policiais para o sujeitarem. A princípio pensou-se que a mulher estava morta.

Depois disso adoeceu. Só então soube que há mulheres brancas que aceitam um negro. A doença durou dois anos. Algumas vezes recordava-se de como provocava brancos na rua, zombando deles até que o chamassem de negro, a fim de brigar com eles e espancá-los ou ser

surrado; agora brigava com o negro que o chamasse de branco. Encontrava-se no Norte, em Chicago e depois em Detroit. Vivia com negros, evitando gente branca. Comia com os negros, dormia com eles, sempre belicoso, imprevisível e pouco comunicativo. Amancebou-se com uma negra que parecia uma escultura de ébano. À noite, estendido ao seu lado na cama, sem poder dormir, começava a respirar profundamente e com dificuldade. Fazia-o deliberadamente, sentindo e até contemplando a sua própria caixa torácica branca, cada vez mais profunda dentro das costelas, procurando penetrar-se até a medula do cheiro dos negros, do escuro e inescrutável modo de pensar e de ser dos negros e procurando expelir a cada expiração o sangue branco e o modo de pensar dos brancos. E enquanto o fazia, suas narinas branqueavam e se distendiam com o esforço que gastava para incorporar a si o cheiro negro, e todo o seu ser se retorcia e se esgotava com a tensão física e a denegação espiritual.

Pensava que tratava de fugir da solidão e não de si mesmo. Mas a rua continuava a correr: como um gato, todos os lugares eram iguais para ele. No entanto, em nenhum deles Joe podia ficar quieto. Porém a rua, sempre deserta, continuava a correr com as suas mudanças de caráter e as suas fases. Joe podia ver a si mesmo em numerosos avatares, em silêncio, condenado a mover-se, impelido pela coragem do' desespero enfraquecido e esporeado; pelo desespero da coragem cujas oportunidades tinham de ser enfraquecidas e esporeadas. Tinha trinta e três anos.

Uma tarde a rua se tornou uma estrada do Mississippi. Perto de uma cidadezinha tinham-no feito saltar de um trem de carga que ia para o Sul. Não sabia o nome da cidade. Não lhe importava a palavra que empregavam para designá-la. Seja como for, sequer a viu. Contornou-a, seguindo a mata, e chegando à estrada olhou em ambas as direções. Embora de bastante trânsito, a estrada não era de macadame. Ao longo dela viu várias cabanas de negros espalhadas aqui e ali. E a meia milha de distância uma casa maior. Era uma casa grande situada no meio de árvores e via-se que em outros tempos devia ter tido suas pretensões. Agora, porém, as árvores precisavam ser podadas e havia anos que a casa não recebia pintura. Mas Joe era capaz de adivinhar que estava desabitada, e havia vinte e quatro horas que ele não comia. "Essa pode servir", pensou.

Embora o dia começasse a declinar, não se aproximou da casa imediatamente. Em vez disso, deu-lhe as costas e tomou a direção oposta. Apesar da camisa branca suja, da calça de sarja usada e dos sapatos rachados e cobertos de pó, apesar da boina derrubada de lado, com ar arrogante, e apesar da barba de três dias, Joe não tinha o ar de um vagabundo. Pelo menos não o teve em tal conta o negrinho com o qual se encontrou pouco depois e que caminhava na direção contrária, balançando um balde na mão. Deteve o negrinho:

— Quem mora naquela casa grande?
— Miss Burden.
— Mr. e Mrs. Burden?
— Não, senhor. Não há nenhum Mr. Burden. Ela mora só.
— É então uma velha?
— Não senhor. Miss Burden não é velha. E também não é jovem.
— E mora ali sozinha? Não tem medo?
— Quem é que lhe faria mal na cidade? Os negros aqui das redondezas olham por ela.

— Então os negros olham por ela?

Foi como se o menino tivesse fechado uma porta entre ele e o homem que o interrogava.

— Ninguém por aqui iria fazer-lhe mal. Ela nunca fez mal a ninguém.

— É o que eu pensava — disse Christmas, voltando-se para seguir o seu caminho. O menino acompanhou-o com a vista e depois seguiu também o seu rumo, balançando o balde de encontro à ilharga. Depois de ter dado dois passos, voltou-se outra vez. O homem que o interrogara continuava a caminhar a passo firme, mas não rápido. O menino prosseguiu caminhando com o seu macacão desbotado e cerzido. Estava descalço. Pouco depois começou a arrastar os pés e a poeira vermelha lhe subia pelos artelhos cor de chocolate e pelas pernas do macacão excessivamente curto. Pôs-se a cantar tuna canção sem melodia, de modo rítmico e musical, más um tanto monótona.

Deitado no meio do mato a cem metros da casa, Christmas ouviu um relógio distante bater nove e depois dez horas. Diante dele, para lá das árvores, erguia-se a casa, enorme e quadrada. Numa das janelas do andar superior via-se luz. Como as cortinas não estavam descidas, viu que a luz provinha de uma lâmpada de querosene e que uma sombra passava de vez em quando pela parede do fundo. Mas não viu a pessoa. No fim de algum tempo a luz se apagou.

Depois que a casa ficou às escuras Joe deixou de olhar naquela direção. Permaneceu deitado, o ventre encostado à terra escura. No mato a escuridão era impenetrável. Através da camisa e da calça penetrava a fria e vaga umidade daquela terra na qual o sol parecia nunca penetrar. Com os braços cruzados e a fronte inclinada sobre eles, aspirando o cheiro penetrante da terra escura e fecunda, sentia na virilha, nos quadris, no ventre e no peito, nos antebraços, através da roupa, o palpitar lento e absorvente daquela terra onde jamais batia o sol.

Não tornou a olhar para a casa. Continuou perfeitamente imóvel no meio do mato durante mais de uma hora. Afinal levantou-se. Não rastejou. No seu avanço em direção à casa não havia nada de furtivo, nenhuma precaução especial. Caminhou tranquilamente e de modo

natural, e rodeando a massa da casa que carecia já de dimensões, dirigiu-se até a parte traseira onde devia estar a cozinha; não fez mais ruído do que um gato, quando parou e permaneceu quieto um momento debaixo da janela na qual tinha brilhado a luz. Os grilos, que se haviam calado enquanto Christmas se movia, deixando no mato, em redor de seus pés, algo como uma ilhota de silêncio — sombra amarela e tênue das suas vozinhas —, recomeçaram, parando de novo quando ele avançou com o seu modo brusco, alerta e ligeiro. Nos fundos da casa projetava-se a ala de um andar. “Deve ser a cozinha”, pensou. “Sim. Deve ser.” Caminhou sem fazer barulho, movendo-se na sua ilhota de insetos que se calavam de repente. Pôde divisar uma porta na parede da cozinha. Se tivesse tentado abri-la, facilmente conseguiria. Mas, sem tentar, passou adiante e deteve-se debaixo de uma das janelas. Antes de tomar qualquer deliberação, lembrou-se de que não vira nenhum anteparo no quarto iluminado do andar de cima.

A janela debaixo da qual parara estava aberta, presa por um pau. “Que lhe parece?”, pensou ele de pé, com as mãos no parapeito, respirando sossegadamente, sem escutar, sem se apressar, como se não tivesse necessidade de se apressar em parte alguma debaixo do sol. “Está bem. Que acha? Está bem.” Saltando pela janela, penetrou na cozinha escura. Talvez se lembrasse daquela outra janela que costumava saltar e da corda sem a qual nada podia fazer, ou talvez não se lembrasse de nada.

É possível que se recordasse tanto quanto um gato se lembraria de outra janela. E avançando sem vacilar para a comida que procurava, como se soubesse que haveria de encontrá-la ali, parecia enxergar na escuridão como um gato. Com dedos invisíveis comeu qualquer coisa num prato invisível, uma comida invisível. Não lhe importava o que fosse. Não percebeu que havia pensado nisso nem que havia sentido o gosto, até que o queixo se deteve em meio à mastigação e o pensamento voltou vinte e cinco anos atrás, rua abaixo, até as esquinas imperceptíveis de derrotas amargas e de vitórias ainda mais amargas, cinco milhas além da esquina onde, na época terrível do primeiro amor, costumava esperar alguém cujo nome esquecera; voltou cinco milhas além daquilo: *dentro de um minuto saberei. Já comi antes em alguma parte. Dentro de um minuto a memória começava a estalar, a saber. Vejo mais do que ouço; vejo minha cabeça inclinada, ouço a voz monótona e dogmática que, parece-me, não cessará nunca, e, ao escutar, vejo a indômita cabeça inclinada e penso: como é possível que tenha essa falta de apetite e gosto, e minha boca e minha língua choram o sal ardente da espera e meus olhos sentem o sabor do bafo ardente do prato!* “Jesus! Ervilhas com melado!”, disse em voz alta.

É possível que tivesse ausente alguma coisa mais do que o pensamento; devia ter ouvido o barulho antes de o ter ouvido, pois quem quer que o estivesse fazendo não se preocupava mais com o silêncio ou com a precaução do que ele próprio se preocupava. É possível que o

tivesse ouvido. Mas quando o ruído de uns passos de sandálias se aproximou da cozinha, pelo lado da casa, Christmas não se moveu: e, com os olhos subitamente brilhantes, viu, por baixo da porta que dava acesso à casa, o vago resplendor da luz que se aproximava. Estava junto da janela e podia ter saído por ela quase de um pulo. Mas não se mexeu. Sequer deixou o prato, sequer deixou de mastigar. Quando a porta se abriu e a mulher entrou, ele se encontrava no centro da cozinha, com um prato na mão, mastigando. Ela vestia um roupão desbotado e trazia levantada uma vela, cuja luz lhe batia no rosto, um rosto tranquilo, grave, que não denotava nenhum susto. À luz suave da vela não parecia ter mais de trinta anos. Parou no limiar e os dois se olharam durante mais de um minuto, quase na mesma atitude: ele com o prato, a mulher com a vela. Christmas cessara de mastigar.

Se o que procura é comida, sempre a encontrará — disse ela com voz calma, fria e um pouco profunda.

À luz da vela, à luz suave que caía sobre a presença daquela mulher em roupão, preparada para dormir, ela não parecia ter mais de trinta anos. Quando a viu à luz do dia, compreendeu que devia ter mais de trinta e cinco. Ela lhe disse depois que tinha quarenta. “Pela sua maneira de dizer”, pensou Christmas, “tanto pode ser quarenta e um como quarenta e nove.” Mas isso não foi na primeira noite. Decorreram muitas noites para que ela lhe dissesse até mesmo isso.

Seja como for, disse-lhe pouca coisa. Conversavam pouco e como por acaso, mesmo depois que ele já lhe frequentava o leito de solteirona. Às vezes chegava a parecer a Christmas que eles não se falavam, que ele verdadeiramente não a conhecia. Era como se naquela mulher houvesse duas pessoas: uma que via de vez em quando, de dia, e para a qual olhava enquanto trocavam palavras que não diziam nada, pois não tencionavam dizer coisa nenhuma, e a outra com a qual se deitava à noite, sem a ver sequer, sem lhe falar.

Mesmo no fim de um ano (Christmas trabalhava agora na serraria), se a via de dia, era no sábado ou na tarde de domingo, ou quando entrava em casa para comer o que ela lhe preparava e deixava sobre a mesa da cozinha. De vez em quando ela aparecia na cozinha, mas nunca ficava ali enquanto Christmas comia, e às vezes a encontrava no pórtico dos fundos, onde, durante os primeiros quatro ou cinco meses da sua residência na cabana próxima, permaneciam um momento de pé, falando um com o outro como se não se conhecessem. Ficavam sempre de pé: ela com um dos limpos vestidos caseiros de percal, dos quais possuía uma série aparentemente infindável, e de coifa, como uma camponesa, e ele de camisa branca, agora limpa, e com as calças de sarja, passadas agora todas as semanas. Mas nunca se sentavam para conversar. Ele nunca a vira sentada senão uma vez que olhou por uma janela e a viu escrevendo, à mesa do seu quarto. E havia já um ano que observava sem curiosidade que Miss Burden recebia e enviava todos os dias uma correspondência volumosa e que diariamente, antes do meio-dia, ficava algum tempo num dos quartos raramente utilizados e escassamente mobiliados do andar térreo, sentada diante de uma gasta e retalhada escrivaninha de tampa corrediça, escrevendo sem parar, quando notou que o que ela recebia eram documentos de negócios e documentos particulares com cinquenta selos postais diferentes, e o que enviava eram respostas — conselhos sobre negócios, finanças e religião — aos presidentes, faculdades e fideicomissários, e conselhos de ordem prática e pessoal a moças, estudantes, e até mesmo a ex-alunas de uma dúzia de colégios de negros do Sul. De vez em quando ausentava-se de casa por uns três ou quatro dias, e conquanto Joe pudesse vê-la todas as noites que desejasse, passou-se um ano antes de vir a saber que durante aquelas ausências Miss Burden visitava pessoalmente os colégios e

conversava com os professores e os estudantes. Os assuntos econômicos de Miss Burden eram dirigidos por um advogado negro de Memphis, fideicomissário de um dos colégios, e em cuja caixa-forte, ao lado do seu testamento (escrito por seu próprio punho e letra), se encontravam instruções escritas acerca do modo de dispor do seu corpo depois de sua morte. Quando Christmas soube disso, compreendeu a atitude do povo para com Miss Burden, ainda que estivesse certo de que a cidade não sabia tanto quanto ele. E disse de si para si: “Então aqui ninguém me incomodará.”

Um dia notou que ela nunca o convidara para entrar na casa propriamente dita. Christmas nunca passara da cozinha, na qual havia entrado por sua própria vontade, pensando com desdém: “Não pode expulsar-me daqui. Desconfio que sabe disso.” E nunca entrava na cozinha de dia, exceto quando ia comer o que ela preparava e deixava sobre a mesa. E quando entrou na casa à noite, foi da mesma maneira pela qual tinha entrado da primeira vez: sentia-se como um ladrão, um assaltante, mesmo ao subir para o quarto de dormir onde ela o esperava. Mesmo ao cabo de um ano, cada vez que entrava parecia-lhe que o fazia a furto, para despojá-la de sua virgindade. Era como se, a cada volta da escuridão, se visse de novo diante da necessidade de arrebatar-lhe o que já lhe havia arrebicado — ou o que nunca havia arrebicado, nem jamais poderia arrebatar.

Às vezes era dessa maneira que pensava, ao lembrar a maneira dura, sem lágrimas, sem pena de si mesma, a maneira quase varonil daquela rendição. Uma intimidade espiritual durante tanto tempo intacta que o seu próprio instinto de conservação a havia isolado; o seu físico tinha a mesma fortaleza do de um homem. Uma dupla personalidade: uma, a mulher a cuja primeira aparição à luz da vela (ou talvez quando ele sentiu aproximar-se o rumor de seus pés calçados de sandálias) se havia aberto diante dele, instantaneamente, como uma paisagem num Relâmpago, um horizonte de segurança física e de adultério, senão de prazer; outra, a mulher de músculos lavrados como os de um homem, com a maneira varonil de pensar herdada do ambiente e nele cultivada, com a qual Christmas teve de lutar até o instante derradeiro. Não houve a vacilação feminina nem a timidez do desejo patente e a intenção de sucumbir afinal. Para Christmas foi como se lutasse fisicamente com outro homem por um objeto que não tinha valor para nenhum dos dois e pelo qual lutavam simplesmente por uma questão de princípio.

Na próxima vez que a viu pensou: “Meu Deus! Como sei pouco a respeito de mulheres, eu que julgava saber tanto!” Foi no dia seguinte: olhando-a, quando ela lhe falava, parecia-lhe que aquilo de que a memória tinha certeza e havia acontecido menos de doze horas antes não teria podido acontecer, e pensava: *Debaixo da roupa sequer é feita de modo que isso pudesse acontecer.* Ainda não começara a trabalhar na

serraria. A maior parte daquele dia Christmas passou-a fumando, com as mãos atrás da cabeça, deitado de costas no catre que ela lhe emprestara, na cabana que ela lhe dera para morar. “Meu Deus”, pensava, “é como se eu fosse a mulher e ela o homem.” Porém isso também não era verdade, porque ela resistira até o fim, ..Mas não fora uma resistência feminina, aquela resistência que, se se opõe de verdade, não pode ser vencida por homem algum porque a mulher não respeita as regras do combate físico. Ela, porém, resistira convenientemente, obedecendo à regra segundo a qual um de dois tem de ser derrotado numa determinada crise, quer se tenha chegado ao final da resistência, quer não. Naquela noite esperou até que a luz tivesse desaparecido da cozinha e aparecesse no quarto de dormir, e dirigiu-se para a casa. Não ia com avidez mas com uma raiva tranquila. “Vou ensiná-la”, disse em voz alta. Não procurou entrar de mansinho. Penetrou na casa com ousadia e subiu a escada. Ela ouviu-o imediatamente: “Quem é?”, perguntou. Sua voz não traía susto. Christmas não respondeu. Subiu a escada e entrou no quarto. Miss Burden estava ainda vestida e voltou-se para a porta, quando o homem entrou. Ela não lhe dirigiu a palavra. Viu-o aproximar-se da mesa e apagar a lâmpada com um sopro, pensando: “Agora ela deitará a correr.” E deu um salto para a frente a fim de estorvar-lhe o caminho. Mas Miss Burden não fugiu. Christmas encontrou-a nó escuro, no mesmo lugar em que a luz a havia perdido, na mesma atitude e pôs-se a rasgar-lhe o vestido falando-lhe em voz alta e dura. “Vou ensiná-la, vou ensiná-la, cadela.” Miss Burden não resistiu e, com pequenas mudanças de posição dos membros, parecia até ajudá-lo, quando se apresentava a necessidade final do seu auxílio. Mas sob as mãos de Christmas seu corpo podia ter sido o corpo de uma mulher morta que não tivesse ainda chegado à rigidez. Ele, porém, não desistiu; e se suas mãos estavam duras e insistentes era unicamente de raiva. “Pelo menos fiz dela uma mulher, afinal”, pensou. “Agora me odeia. Pelo menos lhe ensinei isso.”

No dia seguinte permaneceu também deitado no catre, na cabana, sem comer; sequer foi à cozinha ver se ela lhe deixara comida. Esperava o crepúsculo, a escuridão. “Quando escurecer, vou embora”, pensou. Não esperava tornar a vê-la. “É melhor ir embora, não lhe dar a oportunidade de me expulsar. Nunca uma mulher branca me mandou embora. A única que me mandou uma vez foi uma negra.” E deitado na cama, fumando, esperava o crepúsculo. Através da porta aberta via que o sol ia caindo e se alongava, tomando-se cor de cobre. Depois o cobre passou a lilás, o lilás mortiço do crepúsculo completo. Já ouvia o coaxar das rãs. Pela abertura da porta via o giro dos pirilampos cuja luzinha aumentava à medida que a treva crescia. Christmas levantou-se. Não possuía senão uma navalha de barbear e, quando a punha no bolso, estava pronto para viajar uma milha ou mil milhas, onde quer que a rua das esquinas imperceptíveis decidisse correr outra vez. Todavia, quando deu alguns passos, fê-lo em direção à casa, como se, enquanto ia descobrindo que seus pés tinha

intenção de ir para lá, se deixasse ir como que flutuando, rendido, atravessando o escuro em demanda da casa, até o pórtico dos fundos, até a porta por onde ia entrar e que nunca se encontrava fechada a chave. Mas ao pôr a mão no trinco, este não cedeu. Durante um momento talvez nem a mão nem a consciência quisesse acreditar. Ficou imóvel, ainda sem pensar em nada, olhando para sua mão que sacudia o trinco e ouvindo o ruído do ferrolho do lado de dentro. Afastou-se pacatamente dali. Ainda não sentia cólera. Dirigiu-se à porta da cozinha. Esperava encontrá-la fechada também. Mas só depois de a encontrar aberta foi que percebeu que seu desejo era encontrá-la fechada. E encontrá-la aberta foi para ele como que um insulto; como se um inimigo sobre o qual tivesse exercido a maior violência e contumélia estivesse diante dele, são e íleso, contemplando-o com um menoscabo insuportável. Entrando na cozinha, não se aproximou da porta que dava para a casa propriamente dita, a porta na qual ela aparecera com a vela na primeira noite em que a Viu. Foi diretamente à mesa onde ela costumava deixar a comida. Não tinha necessidade de ver. Suas mãos viram; os pratos estavam ainda um pouco quentes. E pensou: *Deixada aqui para o negro. Para o negro.*

Pareceu-lhe que via sua própria mão a distância. Viu-a apanhar um prato, balançá-lo de um lado para outro e segurá-lo ao mesmo tempo em que respirava profunda e lentamente. Ouviu sua própria voz dizer alto, como se estivesse brincando de algum jogo de prendas: “Presunto.” E viu que sua mão descrevia uma curva e arremessava o prato que se quebrava contra a parede, contra a parede invisível, e esperava que o ruído diminuísse e que o silêncio se restabelecesse, antes de pegar em outro prato. O prato seguinte ele o aproximou do nariz e cheirou-o. Isso tomou-lhe algum tempo: “Feijão ou hortaliças?”, disse, “Feijão ou espinafre? Muito bem: digamos que é feijão.” Arremessou o prato com força, esperando até que o ruído cessasse de todo. Depois ouviu qualquer coisa mais definida — eram passos que se aproximavam da porta. “Dessa vez ela traz a lâmpada”, pensou. *Se eu olhasse agora, veria a luz debaixo da porta.* Sua mão balançava para trás e para diante. “Batatas”, disse finalmente, como se pronunciasse uma sentença. Não olhou em volta, nem ainda quando ouviu a bulha do ferrolho na porta e quando a porta rangeu, escancarando-se, e a luz veio bater sobre o lugar onde ele se encontrava com o prato erguido. “Sim, são batatas”, disse com tom despreocupado de uma criança brincando sozinha. E viu e ouviu o estrépito. Daí a pouco a luz se afastou e a porta rangeu de novo nos gonzos. Ainda não olhara em redor. Apanhou o prato seguinte: “Beterrabas”, disse. “Seja como for, não gosto de beterrabas.”

No dia seguinte, uma sexta-feira, foi trabalhar na serraria. Não comia desde quarta-feira à noite. Não recebeu salário senão sábado à noite, tendo trabalhado também na parte da tarde. Nessa noite comeu, pela primeira vez em três dias, num restaurante da cidade. Não voltou à casa. Durante algum tempo não olhava sequer naquela direção quando

saía da cabana ou quando voltava. Ao cabo de seis meses tinha aberto com seus passos um atalho particular entre a cabana e a serraria. Reto como uma corda, o caminho evitava as casas, penetrando logo na mata e indo diretamente, com uma precisão e clareza que aumentavam todos os dias, rumo às pilhas de serragem onde ele trabalhava. E sempre, quando o apito soava às cinco e meia, voltava para casa pelo mesmo caminho e vestia a camisa branca e as calças passadas, antes de fazer novamente as duas milhas até a cidade para jantar, como se, se envergonhasse do macacão. Ou; talvez não fosse vergonha, ainda que provavelmente lhe fosse difícil dizer se era vergonha ou o que era.

Já não evitava deliberadamente olhar para a casa; nem também olhava deliberadamente na sua direção. Durante algum tempo pensou que Miss Burden o mandaria chamar. “Ela dará o primeiro passo, pensou. Mas Miss Burden não o deu. No fim de algum tempo não esperava mais que ela o chamasse. Porém, na primeira ocasião em que olhou deliberadamente para a casa, sentiu com surpresa que o sangue lhe subia e compreendeu que durante todo aquele tempo estivera com medo de que ela aparecesse, de que ela tivesse estado a observá-lo com aquele desdém sereno e visível; sentiu uma sensação de suor, de quem acaba de vencer uma prova. “Passou afinal”, pensou. “Já estou livre disso.” E quando a viu um dia, finalmente, não sentiu nenhum abalo. Talvez já estivesse preparado. O fato é que, quando a viu no pátio traseiro, de vestido cinzento e coifa, seu sangue já não ferveu. Não teria podido dizer se naquele momento ela o observava. “Não me aborreça e não a aborrecerei”, pensou. *Sonhei. Não aconteceu realmente. Ela nada tem debaixo da roupa para que pudesse ter acontecido isso.*

Começara a trabalhar na primavera. Num anoitecer de setembro, quando voltou para casa, ao entrar na cabana, parou de chofre, completamente atônito. Miss Burden estava sentada na cama, olhando para ele. Unha a, cabeça descoberta. Nunca a vira de cabeça descoberta, embora já tivesse sentido na escuridão o aveludado abandono do seu cabelo esparzido sobre o travesseiro. Mas a verdade é que antes nunca tinha visto o seu cabelo e ficou de pé, só olhando para aquelas madeixas, enquanto Miss Burden o observava. De repente, disse Christmas de si para si, no momento em que resolveu mexer-se de novo: *Esperava que tivesse alguns cabelos brancos. Está-se esforçando por ser uma mulher e não sabe como. Veio para falar comigo.* Duas horas depois Miss Burden ainda estava falando, um sentado ao lado do outro no catre, quando já a cabana se achava às escuras. Disse a Christmas que tinha quarenta e um anos, que havia nascido naquela casa e que ali vivera sempre. Nunca se ausentara de Jefferson por um período de mais de seis meses e, ainda assim, com longos intervalos, e que sempre sentira saudades das tábuas nuas da casa, dos pregos e da terra, das árvores e do mato que constituíam aquele lugar que para ela e para os seus fora Uma terra estranha; quando falava, mesmo depois de quarenta anos de

permanência ali, entre as consoantes engroladas e as vogais abertas da terra que havia modelado a sua vida, notava-se-lhe o acento da Nova Inglaterra, com a mesma clareza com que falava a sua gente, que nunca havia saído de New Hampshire e a quem talvez não tivesse visto mais de três vezes durante os seus quarenta anos. Sentado ao seu lado na cama, enquanto a luz se esvaía e a voz firme de Miss Burden ia perdendo o seu caráter próprio e adquirindo um tom parecido com a voz de um homem, Christmas pensava: “É como todas as outras. Tenham dezessete ou quarenta e sete anos, quando chega o momento de se entregarem de todo, o fazem com palavras.”

Calvin Burden era filho de um pastor protestante chamado Nataniel Burrington. Sendo o mais novo de dez filhos, antes de saber escrever o seu nome (ou de querer escrevê-lo, na opinião do pai), fugiu de casa aos doze anos e embarcou num navio. Deu a volta ao cabo Horn, chegou à Califórnia e converteu-se ao catolicismo. Passou um ano num convento. Dez anos mais tarde chegava ao Missouri pelo Oeste. Três semanas depois, casava-se com uma jovem pertencente a uma família de origem huguenote, que emigrara da Carolina, passando pelo Kentucky. No dia seguinte ao casamento disse: “O melhor é estabelecer-me.” E no mesmo dia começou a estabelecer-se. A cerimônia do casamento continuava, e o primeiro passo que ele deu foi renegar oficialmente o catolicismo. Fê-lo numa taverna, dizendo que cada um dos presentes poderia apresentar objeções; insistiu um pouco para que fizessem objeções, mas ninguém fez nenhuma, pelo menos até o momento em que alguns amigos o levaram dali. No outro dia disse que ratificava o que dissera na véspera e que não queria pertencer a uma igreja de comedores de rã e proprietários de escravos.

Isso foi em St. Louis. Comprou ali uma casa e um ano mais tarde era pai. Disse então que renegara o catolicismo no ano anterior em consideração à alma de seu filho e, quando o filho nasceu, começou a imbuí-lo dos princípios religiosos dos seus antepassados da Nova Inglaterra. Os unitários não dispunham de um local de reunião e Burden não sabia ler a Bíblia em inglês. Mas aprendera a lê-la em espanhol com os sacerdotes da Califórnia e, assim que o menino começou a andar, Burden (já pronunciava bem o seu nome, conquanto não soubesse ainda escrevê-lo: os padres tinham-no ensinado a escrevê-lo laboriosamente, mas sua mão era mais apta para manejar uma corda, a coronha de uma espingarda ou um punhal do que uma pena) começou a ler para o menino em espanhol no livro que trouxera consigo da Califórnia, interpolando, na fluência sonora e bela do misticismo numa língua estrangeira, dissertações ásperas e extemporâneas, formadas em parte da dessorada lógica que aprendera com o pai nos intermináveis domingos da Nova Inglaterra, e em parte do imediato fogo infernal e enxofre tangível de que se jactaria qualquer metodista em excursões pelo país. Estavam sempre sós na sala os dois; o homem nórdico, alto e magro, e o menino

pequeno, trigueiro e vivaz, que de sua mãe herdara o porte e a cor, como pessoas de duas raças diferentes. Quando o menino tinha quase cinco anos, Burden matou um homem numa contenda acerca de escravidão e teve de sair de St. Louis, levando a família. Foi para o Oeste, “para escapar aos democratas”, disse ele.

A colônia para onde se transferiu compunha-se de um armazém, uma oficina de ferreiro, uma igreja e duas tavernas. Nestas passava Burden grande parte do seu tempo, conversando sobre política e, com a sua voz áspera e sonora, falando contra a escravidão e os proprietários de escravos. A sua reputação o acompanhara; e sabia-se que ele andava sempre armado e suas opiniões eram pelo menos recebidas sem comentários. Às vezes, especialmente nas noites de sábado, vinha para casa ainda cheio de uísque puro e do som dos seus próprios discursos bombásticos. Acordava o filho (a mãe já havia morrido e ele tinha três filhas, todas de olhos azuis) com a sua mão rude e lhe dizia: “Vou ensiná-lo a odiar duas coisas ou lhe arranco a pele. Essas duas coisas são o inferno e os proprietários de escravos. Ouve-me?”

— Sim — respondia o menino.

— Ouviria ainda que não quisesse. Vá para a cama e deixe-me dormir.”

Burden não exercia proselitismo nem era missionário. Salvo um ou outro episódio insignificante em que pistolas entraram em cena mas das quais não resultou nenhuma morte, contentava-se em doutrinar sua família. “Que os outros vão lá para o seu trevoso inferno”, dizia aos filhos. “Mas eu hei de incutir o amor de Deus em vocês quatro enquanto puder levantar o braço. Todos os domingos, depois de lavados É limpos, os filhos Vestidos de chita ou de brim e o pai na sua vasta sobrecasaca debaixo da qual formava saliência a pistola, de camisa de pregas sem colarinho (que a filha mais velha lavava todos os sábados como havia feito a mãe falecida), reuniam-se na sala limpa e despida, e Burden lia para eles em voz alta o livro, outrora dourado e cheio de brasões, escrito num idioma que nenhum deles compreendia. E continuou assim até que o filho fugiu de casa.

O filho chamava-se Nataniel. Fugiu aos catorze anos e não voltou senão dezesseis anos mais tarde, conquanto durante esse tempo tivessem tido duas vezes notícias dele por intermédio de mensageiros. A primeira notícia partira de Colorado, a segunda viera do México. Mas não dizia o que estava fazendo em nenhum dos dois lugares. “Quando o deixei, estava bem”, disse um dos mensageiros, o segundo. Foi em 1863. Trajando vestidos largos, ásperos e limpos, as três meninas, duas das quais eram já mocinhas, serviam-no de pé, com os pratos levantados e as bocas entreabertas, ou dando voltas em torno da mesa, enquanto o pai, sentado em frente ao mensageiro, apoiava a cabeça na única mão que possuía. Perdera um braço dois anos antes, numa escaramuça de cavalaria em que tomara parte, durante as lutas do Kansas; a cabeça e a barba começavam

a branquear, mas ele estava ainda Vigoroso, e a pesada pistola avultava sempre debaixo da sobrecasaca. “Viu-se metido num apuro, mas a última vez que ouvi falar nele estava bem”, disse o mensageiro.

— Apuro? — perguntou o pai.

Matou um mexicano que reclamava dele um cavalo que lhe teria sido furtado. O senhor sabe como são os espanhóis com os brancos, mesmo quando não matam mexicanos. — O mensageiro sorveu um gole de café. — O que acontece é que precisam ser cautelosos agora que o país se está enchendo de pisa-ovos. Muito obrigado, muito obrigado — acrescentou, quando a menina mais velha lhe pôs no prato uma nova ração de bolo de milho. — Gosto muito de bolo. Mas diziam que o cavalo do mexicano nada tinha que ver com o caso. O mexicano não tinha cavalo, dizem. Mas agora que os do Leste estão dando tão má reputação ao Oeste, até os espanhóis precisam ser cautelosos.

O pai grunhiu:

— Já imaginava, já imaginava que, se houvesse alguma trapalhada, ele havia de meter-se nela. Diga-lhe — acrescentou violentamente — que, se se deixa enganar por esses párocos barrigudos, matá-lo-ei como a um rebelde.

— Diga-lhe que volte para casa — disse a filha mais velha. — Isso é que é preciso dizer-lhe.

— Está bem. Direi — replicou o mensageiro. — Vou a Indiana passar uma temporada, mas vê-lo-ei quando regressar e lhe direi. Ah! Quase ia esquecendo. Encarregou-me de lhes dizer que a mulher e o menino vão bem.

— Que mulher e que menino? — perguntou o pai.

— A mulher e o filho dele — respondeu o mensageiro. — Muito obrigado outra vez e adeus a todos.

Pela terceira vez chegaram notícias do filho, antes de o tomarem a ver. Uma noite ouviram-no gritar em frente da casa, mas a alguma distância. A família mudara-se de novo, cem milhas mais para o Oeste. O filho que percorria Kansas e Missouri em todos os sentidos numa charrete, com dois sacos de couro cheios de ouro em pó, moedas cunhadas e jóias em bruto, atirados debaixo do assento do veículo com um par de sapatos velhos, levava dois meses para dar com a família e encontrar a cabana. Uma vez diante dela, parou o carro, gritando. Sentado numa cadeira, em frente à porta da cabana, estava um homem. “Vê?”, disse Nataniel para a mulher sentada a seu lado na boléia. “Aquele é o pai.” Apesar de não ter ainda sessenta anos, o pai começava a ficar com a vista fraca. Não distinguiu as feições do filho senão quando o carro parou e as irmãs, alvoroçadas, apareceram na porta, gritando. Calvin levantou-se e soltou um berro longo e trovejante. “Bem, cá estamos”, disse Nataniel.

Calvin não fazia mais que praguejar e gritar. “Vou arrancar a sua

pele", rugia. "Meninas! Vangie! Beck! Sara!" À porta, com as saias cheias como balões sobre uma torrente, as meninas pareciam em estado de efervescência. Davam gritos agudos que só a terrível voz tonitruante do pai conseguia abafar. Burden já abrira sua clássica sobrecasaca domingueira e estava puxando qualquer coisa da cintura com o mesmo gesto e a mesma atitude com que sacaria da pistola. Mas não fez mais do que tirar da cintura, com a sua mão única, uma correia de couro e, esgrimindo-a, exibiu-a por cima dos gritos e chilreios das moças. "Já vou ensiná-lo", bramiu. "Vou ensiná-lo a fugir." A correia baixou duas vezes sobre os ombros de Nataniel. Baixou duas vezes e depois os dois homens se atracaram.

De certa maneira era uma espécie de jogo: uma espécie de jogo mortal e de seriedade sorridente; o jogo de dois leões que podem deixar marcas, ou não. Engalfinharam-se, a correia parou. Estavam cara a cara, peito a peito: o velho de rosto magro, grisalho, com os olhos claros da Nova Inglaterra, e o jovem, de nariz pontudo, que mostrava os dentes brancos ao sorrir e não se parecia nada com o outro. "Basta", exclamou Nataniel. "Não vê quem está olhando lá do carro?"

Nenhum dos dois olhara até então para o carro, no qual estavam sentadas duas pessoas: uma mulher e um menino que teria uns doze anos. O pai olhou uma vez para a mulher. Não precisou olhar para o menino. Bastou ver a mulher e pendeu-lhe o queixo, como se tivesse visto um fantasma. "Evangelina!", disse. Aquela mulher parecia-se com a sua como se fossem irmãs. O filho, que mal podia lembrar-se da mãe, tomara para esposa uma mulher exatamente igual a ela.

— É Juana — disse. — O menino que está ao seu lado é Calvin. Voltamos para casa a fim de nos casarmos.

Naquela noite, depois da ceia, logo que a mulher e o menino foram deitar-se, Nataniel contou-lhes tudo. Sentados em redor da lâmpada, encontravam-se o pai, as irmãs e o filho que voltara. No lugar de onde viera não havia ministros protestantes, explicou Nataniel. Havia apenas padres católicos. "Assim, quando descobrimos que o menino estava a caminho, Juana começou a falar em padres. Mas eu não ia permitir que um Burden nascesse pagão. Para lhe agradecer, comecei a fingir que procurava um padre. Mas sempre uma coisa e outra, e eu não podia partir em busca de um ministro; nisso, a criança nasceu e já não havia pressa. Juana, porém, continuava a falar em padre etc. No fim de dois anos ouvi dizer que em determinada data viria a Santa Fé um ministro branco. Arrumamos as coisas e partimos para Santa Fé, mas só chegamos a ver pelas costas a diligência que levava de volta o ministro. Ficamos por ali e ao cabo de dois anos ouvi falar de semelhante oportunidade no Texas. Só que dessa vez meti-me a ajudar uma patrulha a cavalo que tratava de resolver uma encrenca na qual uns indivíduos haviam encurralado um policial num baile. E depois que o caso ficou resolvido, decidimos voltar para casa e casar-nos. E aqui estamos."

Magro, encanecido e austero, o pai escutara sentado sob a lâmpada, mas a sua expressão se foi tomando sombria, com uma espécie de contemplação sonolenta. “Outro maldito Burden moreno. Toda a gente vai pensar que procriei pára algum maldito traficante de escravos. Agora ele também procria para outro.” O filho ouvia calado. Nem ao menos tentava dizer ao pai que a mulher era espanhola e não rebelde. “Gente maldita! Gente de baixa estatura! De baixa estatura, sim, porque esmagada pelo peso da cólera de Deus. Negra por causa do pecado da servidão humana que lhe mancha o sangue e a carne.” Seu olhar era vago, fanático e convicto. “Agora, porém, libertamos a todos, brancos e negros. Dentro de cem anos todos serão brancos de novo. Pode ser que então os deixemos regressar à América.” Ficou aborto e imóvel. “Por Deus”, disse de repente, “ele tem o corpo de um homem, apesar do seu tipo de negro. Será alto como o avô; não será um anão como o pai. Será alto, apesar da mãe escura e do aspecto de negro.”

Foi isso o que Miss Burden contou a Christmas enquanto permaneciam sentados no catre, dentro da cabana sobre a qual a escuridão ia caindo. Durante uma hora inteira não se tinham movido. Joe não lhe via mais o rosto. Apenas escutando, parecia-lhe que balançava suavemente num bote arrastado pela água, ao som daquela voz, como numa paz incomensurável e lânguida que não evocava nada, nem momento algum. “O menino chamava-se Calvin, como o avô, e era igualmente alto, conquanto fosse moreno como a família de sua avó e sua própria mãe. Calvin e eu não éramos filhos da mesma mãe. Éramos irmãos apenas por parte de pai. Meu avô fora o último de dez filhos, meu pai o último de dois e Calvin o último de todos.” Acabava de completar vinte anos quando foi morto, a duas milhas de distância da cidade, por um ex-proprietário de escravos, um soldado da Confederação de nome Sartoris, numa discussão a propósito do sufrágio de gente de cor.

Falou também a Christmas sobre os túmulos do irmão e do avô, do pai e de suas duas esposas, que ficavam numa colina a meia milha de distância da casa. Ouvindo-a em silêncio, Christmas pensava: “Ah! Há de querer que eu vá vê-los. Terei de ir.” Mas Miss Burden não o levou lá. Nem tornou a falar nos túmulos depois daquela noite em que lhe disse onde ficavam e que poderia ir vê-los se quisesse. “Seja como for, não os encontrará”, disse ela, “porque, quando trouxeram para casa meu avô e Calvin naquela noite, meu pai esperou que anoitecesse, enterrou-os e ocultou os túmulos, nivelando o terreno e pondo mato e ramos por cima.”

— Ocultou-os? — perguntou Christmas.

Na voz de Miss Burden nada havia de doce, feminino, doloroso ou retrospectivo.

— Para que ninguém os encontrasse, para que ninguém pudesse desenterrar os cadáveres e talvez mutilá-los. Eles nos odiavam aqui. Éramos *yankees*, estrangeiros, pior que estrangeiros, inimigos. Vínhamos pouco depois da guerra civil, ainda muito recente para que mesmo os

vencidos pudessem ter senso comum. Diziam que vínhamos incitar os negros ao assassinato e ao estupro e éramos uma ameaça à supremacia dos brancos. E suponho que a cidade teve na conta de herói o coronel Sartoris, que matou com dois tiros de pistola um velho maneta é um rapaz que nem ao menos votara ainda. Pode ser que tivessem razão. Não sei.

— Oh! — exclamou Christmas. — É possível que fizessem isso? Desenterrá-los, depois de os haverem matado? Então quando é que os homens de sangue diferente deixam de odiar-se?

— Quando? — Calou-se e depois acrescentou: — Não sei. Não sei se os teriam desenterrado ou não. Eu ainda não tinha nascido. Só nasci catorze anos depois da morte de Calvin. Não sei de que eram então capazes os homens. Mas meu pai achou que eram capazes de o fazer, e por isso ocultou os túmulos. Depois morreu a mãe de Calvin e meu pai enterrou-a junto dele e de meu avô. Pouco a pouco, sem que nisso reparássemos, aquele lugar se transformou em nosso cemitério. Pode ser que meu pai não tivesse intenção de sepultá-la ali. Lembro-me que minha mãe (logo depois que morreu a mãe de Calvin, meu pai mandou buscar minha mãe em New Hampshire, onde ainda hoje vivem parentes nossos. Estava sozinho aqui, compreende? Suponho que, se o avô e Calvin não estivessem enterrados ali, ele teria ido embora) me disse que meu pai ia mudar-se quando morreu a mãe de Calvin. Mas ela morreu durante o verão e fazia muito calor para se poder transportá-la para o México onde vivia sua família. Por isso enterrou-a aqui. Talvez isso o tivesse decidido a ficar. Ou talvez também estivesse envelhecendo, e todos os que haviam combatido na guerra civil iam envelhecendo e os negros não tinham violado nem assassinado ninguém que valesse a pena mencionar. Fosse o que fosse, o fato é que a enterrou ali. E teve de ocultar também essa sepultura porque pensou que alguém podia vê-la e recordar-se de Calvin e de meu avô. Apesar de tudo aquilo já pertencer ao passado e estar esquecido, não quis arriscar-se. No ano seguinte escreveu a um primo nosso quem mora em New Hampshire. Disse-lhe: “Tenho cinquenta anos. Mande-me uma boa mulher para eu casar com ela. Tenho tudo que ela precisa. Não importa quem seja, contanto que seja uma boa dona-de-casa e tenha pelo menos trinta e cinco anos.” Na carta incluiu o dinheiro para a passagem de trem. Dois meses depois chegava minha mãe e casaram no mesmo dia. Dessa vez meu pai casou depressa. Da outra — aquela vez em que, viajando com Calvin e a mãe deste, se encontrara por fim com meu avô em Kansas — esperara mais de doze anos. Os viajantes haviam chegado no meio da semana, porém esperou-se até domingo para celebrar o casamento. Celebraram-no ao ar livre, junto ao regato, com um gamo assado e um barril de uísque, e vieram todos os que foi possível prevenir e os que tiveram notícia. Os convidados começaram a chegar no sábado de manhã e à noite chegou o pastor. As irmãs de meu pai trabalharam durante todo o dia, preparando

o vestido e o véu para a mãe de Calvin. O vestido foi feito de sacos de farinha e o véu de um mosquiteiro emprestado que um taverneiro pusera sobre um quadro que tinha atrás do balcão. Até para Calvin fizeram uma espécie de traje. Ele tinha então doze anos. Queriam que ele levasse as alianças, mas recusou-se a isso. Na véspera à noite, descobriu o que queriam dele, e no dia seguinte (tinham pensado em celebrar o casamento às seis ou sete horas da manhã), depois que todos se levantaram e almoçaram, foi preciso esperar até encontrar Calvin. Encontraram-no afinal, fizeram-no vestir a roupa nova e celebrou-se o casamento — a mãe de Calvin com o vestido feito em casa e o véu de mosquiteiro, e meu pai com o cabelo lustroso de gordura de urso e umas botas espanholas repuxadas que trouxera do México. Quem entregou a noiva foi meu avô. Apenas enquanto os outros procuravam Calvin, passara ele o tempo a visitar com certa frequência o barril de uísque, e quando chegou o momento de entregar a noiva, em vez de fazê-lo, pronunciou um discurso. Começou a falar sobre Lincoln e a escravidão e desafiou quem quisesse a negar que Lincoln, os negros, Moisés e os filhos de Israel eram todos iguais e que o Mar Vermelho não era mais que o sangue que tivera de ser derramado para a raça negra poder penetrar na terra da promessa. Decorreu algum tempo antes de se conseguir fazê-lo parar a fim de que a cerimônia pudesse prosseguir. Depois do casamento permaneceram ali um mês e em seguida meu pai e meu avô se dirigiram para o Leste, para Washington, e obtiveram do governo uma nomeação a fim de virem para cá ajudar os negros libertados. Vieram todos para Jefferson, menos as irmãs de meu pai. Duas tinham-se casado e a mais nova fora morar com uma delas; meu avô, meu pai, Calvin e sua mãe vieram para cá e compraram a casa. Depois aconteceu o que provavelmente eles sempre souberam que ia acontecer, e meu pai ficou sozinho até que minha mãe veio de New Hampshire. Nunca se tinham visto, nem mesmo de retrato. Casaram no mesmo dia em que ela chegou, e quando nasci, dois anos mais tarde, meu pai me batizou com o nome de Joana, que era o da mãe de Calvin. Não acredito que desejasse ter outro filho. Não me lembro muito bem dele. A única vez que me recorde de meu pai claramente, como de uma pessoa, foi quando me levou para ver os túmulos de Calvin e de meu avô. Era um dia radioso de primavera. Lembro-me que, sem saber ainda para onde íamos, eu não queria ir. Não queria ir à colina dos cedros. Não sei por que, mas não queria. Não podia saber o que havia ali; tinha apenas quatro anos. E, ainda que o soubesse, não era aquilo coisa para assustar uma criança. Penso que era alguma coisa em meu pai que me fazia medo, alguma coisa que, passando por ele, vinha da colina dos cedros até mim, alguma coisa que, na minha impressão, ele pusera entre os cedros e que, quando eu fosse lá, o bosque imprimiria em mim, de maneira que eu nunca mais haveria de esquecê-la. Não sei, mas a verdade é que meu pai me obrigou a ir. Ficamos diante dos cedros e ele me disse: “Lembre-se disso. Seu avô e seu irmão jazem aqui, assassinados não por um branco mas pela maldição que Deus lançou

sobre toda uma raça antes que alguém sequer pensasse em seu avô, em mim ou em você. Sobre uma raça maldita e condenada para sempre a ser parte da condenação da raça branca e da maldição por seus pecados. Lembre-se. Sua condenação e sua maldição. Para sempre, eternamente. A minha, a de sua mãe, a sua, ainda que seja uma criança. A maldição de toda criança branca, nascida e por nascer. Ninguém escapará a ela." Perguntei-lhe: "Nem mesmo eu?" E ele me respondeu: "Nem mesmo você. Você menos que ninguém." Eu via negros e conhecia-os desde que tivera uso da razão. Olhava para eles com a mesma indiferença com que olhava a chuva, os móveis da casa, a comida ou o sono. Mas desde então passei a vê-los pela primeira vez não como pessoas mas como uma coisa, uma sombra na qual eu vivia, na qual vivíamos nós, os brancos, e todos os outros. Pensei que as crianças brancas chegavam constantemente ao mundo sob a sombra negra que caía sobre elas antes que pudessem respirar pela primeira vez. E parecia-me ver a sombra negra na forma de uma cruz. E parecia-me que via as criancinhas brancas forcejando, antes ainda de respirar pela primeira vez, por escapar à sombra que não somente estava sobre elas mas também debaixo delas, estendendo-se, como elas estendiam os braços, tal como sé os tivessem cravados na cruz. Vi as crianças brancas que nasceriam na terra, as que ainda não tinham nascido — uma longa fileira delas com os braços estendidos em cruces negras. Não poderia dizer sé via ou sonhava. Porém aquilo me parecia terrível. À noite eu chorava. Finalmente contei a meu pai, tentei contar-lhe. O que eu queria dizer-lhe é que tinha de escapar, de fugir de sob a sombra, do contrário morreria. "Não pode*", disse ele. "Você tem de lutar, de se erguer. Mas para isso tem de erguer a sombra com você. Nunca poderá levantá-la ao seu nível. Vejo agora o que ainda não tinha visto antes de vir para cá. Mas escapar você não pode. A maldição da raça negra é a maldição de Deus. Mas a maldição da raça branca é que o negro será sempre o escolhido de Deus, porque uma vez o amaldiçoou." Ela calou-se. Através do impreciso retângulo da porta aberta os pirilampos giravam. Finalmente Christmas disse:

— Queria perguntar-lhe uma coisa. Mas acho que já sei a resposta.

— Que é? — perguntou Miss Burden com voz tranquila, sem se mover.

— Por que foi que seu pai não matou aquele indivíduo... Como se chamava? Ah! Sartoris.

— Oh! — fez Miss Burden. Houve outro silêncio. Através da porta aberta os pirilampos giravam sempre. — Você o mataria, não é?

— Sim — replicou Christmas imediatamente. E notou que Miss Burden olhava em direção à voz dele quase como se pudesse vê-lo.

— Não tem nenhuma idéia de quem foram seus pais? — perguntou ela, com uma voz tão mansa, tão tranquila que era agora quase suave.

Não. Apenas que um deles era meio negro, como já lhe disse.

Miss Burden continuava a olhar para ele: falava-lhe com voz tranqüila, impessoal, interessada, sem chegar a ser curiosa:

— Como sabe disso?

Ele demorou um pouco a responder. “Não sei”, disse afinal. Christmas calou-se de novo. Pela maneira como soara sua voz, Miss Burden sabia que ele tinha desviado o olhar, olhando agora para a porta. O rosto de Christmas estava sombrio e impassível. Quando por fim falou de novo, movendo-se, sua voz tinha outro tom de perplexidade, sem alegria, ao mesmo tempo sarcástico e sem humor.

— Se não o sou, que o diabo me leve se não tenho perdido o meu tempo!

Por sua vez ela parecia meditar agora, contendo a respiração, mas sem nenhuma compaixão de si mesma, sem nada de retrospectivo:

— Eu já havia pensado nisso. Se meu pai não matou o coronel Sartoris, creio que foi por causa do seu sangue francês.

— Sangue francês? — replicou Christmas. — Então um homem não enlouquece, ainda sendo um francês, quando lhe matam¹ o pai e o filho no mesmo dia? Julgo que o que conteve seu pai foi a religião. Talvez se tivesse feito pregador.

Por alguns instantes ela não respondeu. Os pirilampos volteavam; à distância um cão ladrava tristemente.

— Já havia pensado nisso — disse ela. — Nessa época as matanças em uniforme e com bandeiras, bem como as matanças sem uniformes e com bandeiras já haviam terminado. Nenhuma delas servira para nada. Nenhuma delas. Éramos estrangeiros, estranhos; pensávamos de modo diferente da gente da terra para a qual tínhamos vindo sem que nos pedissem, sem que precisassem de nós. Meu pai era francês, meio francês. Bastante francês para respeitar o amor que qualquer pessoa pudesse sentir pela terra na qual nascera, na qual tivessem nascido os seus, para compreender que um homem deve agir da maneira que lhe ensinou a terra onde nasceu. Penso que foi esse o motivo.

E assim começou a segunda fase. Era como se ele tivesse caído num desaguadouro. Tal como se olha para uma outra vida, Christmas contemplava agora aquela primeira rendição dura e varonil — rendição dura e terrível como o estilhaçar de um esqueleto espiritual cujo tatarar de ossos quase podia ser percebido pelo ouvido físico, de sorte que o ato da capitulação veio a parar em desencantamento, como quando um general derrotado, no dia seguinte à última batalha, impecavelmente escanhado e com as botas limpas da lama do combate, entrega a espada a uma junta.

O desaguadouro corria só de noite. Os dias continuavam a ser iguais aos de sempre. Christmas ia para o trabalho às seis e meia da manhã. Saía da cabana sem olhar para a casa. Às seis da tarde voltava sem lhe dirigir nem ao menos um olhar. Banhava-se, vestia a camisa branca e as calças escuras e bem passadas e ia para a cozinha, onde encontrava o jantar na mesa à sua espera. Sentava-se e comia sem ver Miss Burden. Sabia, porém, que ela se achava em casa e que a escuridão, ao penetrar nas velhas paredes, ia derrubando algo que deixava se corrompesse na espera. Sabia de que maneira ela passara o dia; que os seus dias também não eram diferentes do que tinham sido sempre, como se no seu caso outra pessoa os tivesse vivido. Durante todo o dia ele a imaginava indo e vindo nos trabalhos de casa, sentada durante um período invariável diante da escrivaninha toda marcada, falando ou ouvindo as negras que acorriam à casa dos dois lados da estrada, seguindo atalhos que tinham anos de uso e que se irradiavam da casa como eixos de uma roda. Os assuntos que as negras (ratavam com ela eram desconhecidos de Christmas, embora ele as visse aproximar-se da casa de um modo que, se não era exatamente secreto, trazia um certo desígnio. Chegavam geralmente uma a uma, às vezes aos pares e até em número de três, de avental e pano na cabeça e de quando em quando com um casaco de homem atirado aos ombros. Pelos- mesmos caminhos, que da casa se dividiam como varetas de um leque, surgiam elas e, pelos mesmos voltavam, se não correndo, também sem se deter muito. Christmas dirigia-lhe um pensamento fugaz, dizendo: *Agora está fazendo isso. Agora está fazendo aquilo.* Estava certo de que durante o dia também Miss Burden não pensava nele mais do que ele pensava nela. E mesmo quando à noite,; no quarto, ela insistia em contar-lhe com detalhes fastidiosos os assuntos banais do dia e teimava em que ele, por sua vez, falasse nos seus, fazia-o à maneira dos amantes, com a imperiosa e insaciável exigência de que os detalhes corriqueiros do dia de ambos fossem expressados com palavras sem que, porém, houvesse a mínima necessidade de se lhes dar atenção. Depois que acabava de jantar, dirigia-se para o lugar onde ela o esperava. Muitas vezes não se dava pressa. À medida que o tempo passava e a novidade da segunda fase ia

perdendo o interesse e transformando-se em hábito, ele ficava em pé à porta da cozinha, olhando para o escuro e vendo, talvez como num pressentimento e numa advertência, a rua selvagem e solitária que escolhera por sua própria vontade e que o estava esperando. E pensava: *Esta não é a minha vida. Eu não sou daqui.*

A princípio uma coisa o surpreendeu: a fúria abjeta da geleira da Nova Inglaterra exposta subitamente ao fogo do inferno bíblico da Nova Inglaterra. Talvez ele tenha percebido a abnegação que havia naquilo: a necessidade imperiosa e violenta que ocultava um desespero real provocado pela consideração dos anos frustrados e, irrevogáveis que ela parecia querer compensar cada noite, como se acreditasse que cada noite seria a última do mundo, condenando-se para sempre ao inferno dos seus maiores com a vida não só pecaminosa mas imunda que levava. Tinha verdadeira avidez por ideogramas vedados, um insaciável apetite de ouvi-los proferidos pela língua dele e pela sua. Revelava a curiosidade terrível e impessoal de uma criança a respeito de assuntos e objetos proibidos, o incansável e exaltado interesse de um cirurgião pelo corpo e suas possibilidades. E durante o dia Christmas via a mulher tranquila, de expressão fria, quase máscula e de meia- idade, que vivera vinte anos sozinha, sem sentir nenhum medo feminino, numa casa isolada, que, se tinha alguma vizinhança, era a de negros, a mulher que passava todos os dias uma boa parte do tempo sentada tranquilamente a uma escrivaninha escrevendo para jovens e velhos os conselhos práticos de uma pessoa na qual se combinavam o sacerdote, o banqueiro e a enfermeira experimentada.

Durante aquele, período (a que não se poderia dar o nome de lua-de-mel) viu-a passar por todos os avatares de uma mulher apaixonada. Bem depressa chegou a produzir-lhe alguma coisa mais do que estranheza: espantava-o, deixava-o perplexo. Surpreendia-o imprevisivelmente com acessos furiosos de ciúmes. Ela não podia ter nenhuma experiência nesse ponto, não havendo razões para tais cenas e nenhuma protagonista possível. Christmas estava certo de que ela sabia disso. Era como se ela tivesse inventado tudo deliberadamente, com o propósito de representar, como se representa uma comédia. Contudo fazia-o com tal fúria, com tal força convincente e com tal convicção que da primeira vez ele a julgou vítima de um erro e da terceira pensou que ela houvesse enlouquecido. Revelava um inesperado e infalível instinto para a intriga. Insistia para que usassem determinado lugar — uma viga oca sob o estábulo que apodrecia — para ocultar bilhetinhos e cartas. Christmas jamais a vira esconder ali algum papel, e contudo insistia para que ele fosse lá todos os dias, e quando ele ia, encontrava lá uma carta. Quando não ia e lhe contava uma mentira, via que ela lhe havia armado uma cilada para apanhá-lo em falso e depois chorava, chorava.

Às vezes os bilhetinhos diziam-lhe que até certa hora não fosse àquela casa onde durante muitos anos nenhum branco havia entrado a

não ser ele, e onde por espaço de vinte anos ela passara as noites só. Durante uma semana obrigou-o a pular por certa janela para vê-la. Christmas obedecia e às vezes tinha de procurá-la pela casa escura, até que a encontrava escondida em compartimentos, em quartos vazios, esperando ofegante, os olhos luzindo no escuro como olhos de gato. De vez em quando marcava entrevistas em algum bosque dos arredores, onde ele a ia encontrar despida ou com a roupa em tiras, presa de uma furiosa angústia ninfomaniaca, com o corpo reluzindo quando mudava lentamente de posição, em atitudes e com gestos eróticos que poderiam ter sido desenhados por um Beardsley do tempo de Petrólio. Parecia uma louca, naquela meia escuridão onde não havia paredes, o cabelo desgrenhado, as madeixas semelhantes tentáculos de polvo, bracejando como uma energúmena e dizendo ofegante: “Negro! Negro! Negro!”

No fim de seis meses estava inteiramente corrompida. Não se poderia dizer que Christmas a tivesse corrompido. A vida deste, apesar da sua anônima promiscuidade, fora bastante convencional, como é geralmente uma vida de pecado são e normal. A corrupção procedia de uma fonte que a Christmas parecia ainda mais inexplicável do que a ela. De fato, era como se a corrupção que ela parecia recolher do próprio ar começasse a pervertê-lo também. Christmas começou a ter medo. Não poderia dizer de quê. Mas começou a ver a si mesmo como que de certa distância, como um homem arrastado para o fundo de um pântano insondável. Não era isso que pensava exatamente então. O que via agora era a rua solitária, selvagem e fria. Era isso: fria. Pensava dizendo às vezes a si mesmo em voz alta: “É melhor que me mude. É melhor ir embora daqui.”

Mas alguma coisa o retinha como o fatalista pode sempre ser retido: pela curiosidade, por pessimismo, por simples inércia. Entretanto, a história prosseguia, e Christmas submergia cada vez mais na fúria imperiosa e avassaladora daquelas noites. Talvez percebesse que não podia escapar. Seja como for, deixou-se ficar contemplando as duas criaturas que lutavam num só corpo, como duas formas reluzentes, sobre a superfície de um poço espesso e negro. Primeiro era a figura contida, silenciosa e fria da primeira fase que, apesar de perdida e condenada, permanecia ainda assim impermeável e inacessível: depois a outra, a segunda, que, numa furiosa negação daquela inacessibilidade, se esforçava por afogar no negro abismo particular de sua própria criação aquela pureza física, preservada durante tanto tempo que já não era possível sequer perdê-la. De vez em quando, abraçadas como duas irmãs, as duas figuras subiam à superfície negra e as águas negras se retiravam. Depois o mundo voltava de roldão: o quarto, as paredes, a bulha pacata e multiforme dos insetos do outro lado da janela, onde haviam zumbido durante quarenta anos. Ela fitava-o então com a cara desesperada e louca de urna desconhecida; olhando para ela, Christmas parafraseava para si mesmo: “Ela quer rezar, mas não sabe como, nem isso sabe fazer.”

Miss Burden começara a engordar.

O final dessa fase não foi agudo, não foi uma subida como o da primeira. Passou para a terceira fase tão gradualmente que Christmas não poderia dizer onde terminava uma e onde começava a outra. Passaram-se dois anos. Christmas continuava trabalhando na serraria e nos momentos de lazer pusera-se a vender um pouco de uísque, cuidadosamente, limitando-se a alguns fregueses discretos que não se conheciam uns aos outros. É conquanto ocultasse a mercadoria ali mesmo e recebesse os fregueses na mata atrás da casa, Miss Burden não se inteirara do fato. É muito provável que, sabendo, não se teria oposto. Mas tampouco a mulher de McEachern alguma coisa diria contra a corda escondida; talvez ele nada tivesse dito a Miss Burden pela mesma razão que nada dissera a Mrs. McEachern. Pensando na mulher de McEachern e na corda, bem como na empregada do restaurante, à qual nunca dissera de onde provinha o dinheiro que lhe dava, e pensando na sua amante atual e no . uísque, chegava quase a crer que, se vendia uísque, não era para ganhar dinheiro, mas porque estava condenado a ocultar sempre alguma coisa às mulheres que o rodeavam. Entretanto, via de vez em quando Miss Burden de dia, à distância, na parte traseira da casa, movendo-se por ali sem dirigir sequer um olhar a de ou à cabana. E quando pensava naquela outra personalidade que parecia existirem qualquer parte dentro da escuridão física, parecia-lhe que a mulher que via de dia era o fantasma de alguém assassinado pela irmã noturna, e que se movia sem propósito algum pelo cenário, da antiga paz, privado até mesmo de poder lamentar-se.

Naturalmente a fúria inicial da segunda fase não podia durar. A princípio fora uma torrente; agora era como uma maré que subia e baixava. Na preamar Miss Burden podia zombar de si mesma e de Christmas. A coisa passou-se como se, de saber que se tratava de uma maré que havia de reagir bem depressa, nascesse uma fúria mais selvagem, uma negação feroz que podia forçar a si mesma e forçar Christmas a uma experiência física, que transcendia o imaginável, transportando-os, ainda que apenas por um momento, arrastando-os sem vontade e sem plano. Era como se ela soubesse de certo modo que o tempo era breve e que o outono a ameaçava, sem saber contudo a significação exata de outono. Parecia ser unicamente instinto: instinto físico e negação instintiva dos anos perdidos. Depois a maré baixava. E ficavam abandonados, como detrás de um mistral que se fosse extinguindo sobre uma praia esgotada e saciada, olhando um para o outro como estranhos, com os olhos desesperançados e cheios de censura da parte dele, denotando fadiga; da parte dela, desespero.

Mas a sombra do outono caía sobre da. Começou a falar de uma criança, como se o instinto a advertisse de que chegara o momento de justificar-se ou de expiar. Falava da criança nos períodos de maré baixa. A princípio, o começo da noite era sempre uma cheia, como se as horas da

luz e da separação tivessem destruído a corrente, a tivessem inutilizado o bastante para estimular a torrente, um momento pelo menos. Mas no fim de algum tempo a corrente começou a tomar-se muito pouco caudalosa para tanto. Christmas relutava agora em ir procurar Miss Burden, como um desconhecido, já olhando para trás. E era um desconhecido que a deixava agora, depois de ter estado ao seu lado no quarto, falando numterceiro desconhecido. Observou que, como se fosse por predestinação, já não se viam senão no quarto, como se estivessem casados. Não precisava mais procurá-la pela casa; as noites em que a encontrava escondida, a arquejar e nua, pela casa escura ou entre as moitas do parque em ruínas, estavam agora tão mortas como a viga oca debaixo do estábulo.

Tudo isso morrera, até as cenas impecavelmente representadas de prazeres e ciúmes secretos e monstruosos. E, no entanto, agora Miss Burden teria motivos para sentir ciúmes. Christmas fazia quase todas as semanas pequenas viagens que, segundo lhe dizia, eram de negócios. Miss Burden não sabia que os negócios o levavam a Memphis, onde ele a enganava com outras mulheres, mulheres pagas. Não sabia disso. Na fase em que se encontrava agora é provável que não se tivesse convencido, que não tivesse prestado atenção às provas, que não se importasse. Passava a maior parte das noites sem dormir e compensava-as dormindo de dia. Não estava doente; não era o seu corpo. Nunca estivera melhor; seu apetite era enorme e ela estava pesando quinze quilos mais do que já havia pesado algum dia. Não era isso que a conservava acordada. Era qualquer coisa que saía da escuridão, da terra, do próprio verão agonizante, qualquer coisa de ameaçador e terrível para ela, porque o instinto lhe assegurava que não lhe faria mal algum, que a envolveria e trairia completamente, mas não lhe faria mal, que, pelo contrário, seria salva, que a vida continuaria a mesma de sempre e até melhor, menos terrível. O terrível é que ela não queria ser salva. “Ainda não estou preparada para rezar”, dizia em voz alta, numa voz sem som, tranquila, de olhos abertos, enquanto a lua entrava pela janela, enchendo o quarto de qualquer coisa fria, irrevogável e louca de pesar. “Meu Deus! não me deixes rezar ainda. Deixa-me continuar condenada ainda por algum tempo.” Parecia-lhe que via a sua vida passada e os anos de fome como um túnel cinzento, em cuja extremidade longínqua seu seio nu, virgem e crucificado, de três anos atrás, doía como se estivesse no transe da morte; “Ainda não, meu Deus! Ainda não!”

E quando Christmas ia vê-la, depois dos passivos e frios transportes resultantes do hábito, Miss Burden começava a falar num filho. A princípio falava de modo impessoal, conversando sobre crianças. Talvez fosse apenas argúcia e rodeios puramente femininos e instintivos, e talvez não. Como quer que seja, passou-se algum tempo antes de Christmas descobrir com alguma surpresa que Miss Burden falava naquilo como numa possibilidade, numa coisa praticável. E discordou imediatamente.

— Por que não? — perguntou ela, encarando. O pensamento de Christmas foi veloz: *Ela quer casar. É isso, É isso. Ela quer tanto um filho quanto eu.* “É só astúcia. Eu devia ter compreendido. Devia ter esperado por isso. Devia ter sumido daqui há um ano.” Mas tinha medo de dizer-lhe, de pronunciar em voz alta a palavra casamento, e pensou: “Pode ser que não lhe tenha ocorrido essa idéia e não serei eu quem lhe vá meter isso na cabeça.” Miss Burden continuava a observá-lo: “Por que não?”, perguntou. E Christmas teve então um lampejo: *Por que não? Isso significa uma vida fácil, segurança para o resto da existência. Não precisaria continuar a vagar. E afinal tanto faz casar como não casar.* “Não. Ceder agora seria renegar os trinta anos que levei procurando fazer de mim o que desejei ser.” E respondeu:

— Se devíamos ter um filho, era melhor que o tivéssemos tido há dois anos.

— Naquele tempo não queríamos tê-lo.

— Nem também o queremos agora.

Isso foi em setembro e logo depois do Natal ela lhe disse que estava grávida. Mal ela se calara, Christmas já estava convencido de que mentia. E descobriu que havia três meses que estava à espera de que lhe dissesse aquilo. Mas, quando olhou para o seu rosto, viu que ela não estava. E pensou: “É agora, agora vai dizer: vamos casar-nos. Mas ao menos terei tempo de sair dessa casa antes disso.”

Miss Burden, porém, não o disse. Continuava sentada na cama, muito quieta, com as mãos no regaço e conservando inclinada aquela sua pacata cara de filha da Nova Inglaterra. (Era a mesma cara de solteirona, de ossos proeminentes, comprida, um pouco chupada, quase masculina. Em contraste com o semblante, o corpo roliço era mais plenamente animal que nunca.) De repente disse, com expressão absorta, distante e impessoal: “Bom final. Até um negrinho bastardo! Gostaria de ver a cara de meu pai e de Calvin. Você tem agora uma boa ocasião para fugir, se é isso que deseja.” Mas dizia ir só como se não escutasse sua própria voz, como se não tencionasse dar às suas palavras nenhuma significação, assim como o clarão final e obstinado do verão agonizante surpreende o outono, o alvorecer da meia morte. “Tudo acabado”, pensou ela. Restava apenas esperar que passasse um mês. As negras lhe tinham dito que, enquanto não se passam dois meses, não se pode ter certeza. Teria de observar o calendário. Para ter certeza fez nele uma pequena marca. E pela janela do quarto foi esperando que decorresse o mês. Caíra geada e algumas folhas mudavam de cor. O dia assinalado no calendário chegou e passou. A fim de ter dobrada certeza, concedeu a si mesma outra semana. Não sentiu emoção alguma, visto como não estava surpreendida. “Estou grávida”, disse a si mesma, sossegadamente, em voz alta.

“Irei embora amanhã”, disse Christmas consigo naquele dia. “Irei no domingo. Assim que receber o salário, irei embora.” E começou a

pensar no domingo, fazendo planos sobre o lugar para onde iria. Durante toda aquela semana não viu Miss Burden. Esperava que ela o chamasse. Ao entrar na cabana e ao sair, dava consigo evitando olhar para a casa,, como fizera durante a primeira semana de sua estada ali. Não a via. De vez em quando via as negras indo e vindo pelos atalhos, com suas roupas indescritíveis, em meio do frio do outono, entrando na casa ou saindo dela. Mas era só. Quando chegou o sábado, Christmas não foi embora: “É melhor juntar todo o dinheiro que puder”, pensou. “Se ela não tem pressa em me mandar embora, não vejo razão para ir. Irei no próximo sábado.”

E ficou. O tempo continuava frio: brilhante e frio. Quando Christmas ia para a cama, envolvendo-se na colcha de algodão, na cabana onde entravam as correntes de ar, lembrava-se do quarto da casa grande, com o fogo e os cobertores amplos e acolchoados. E nunca esteve tão perto de compadecer-se de si mesmo como naquele momento. “Pelo menos podia ter-me enviado outro cobertor”, pensava. Ele também poderia ter comprado um. Mas nem ele comprou, nem ela lhe mandou nenhum. E ficou esperando. Esperou durante um período que lhe pareceu longo. Uma noite de fevereiro, ao entrar em casa, encontrou sobre a cama um bilhete de Miss Burden. Era lacônico, ordenando-lhe quase, dispondo que fosse à casa naquela noite. Christmas não sentiu nenhuma surpresa. Nunca havia conhecido uma mulher que, não dispondo de outro homem, no fim de algum tempo não acabasse cedendo. E estava certo também de que no outro dia iria lá. “Decerto era isso o que eu esperava”, pensou. “Estava esperando ser vingado.” E, sem dar por isso, preparou-se como um noivo. Mudou de roupa, fez a barba. Encontrou a mesa posta na cozinha, como de costume. Durante todo o tempo em que não a viu, aquilo não falhara. Christmas comeu e depois subiu a escada. Não se apressou. “Temos toda a noite”, pensou. “Amanhã de noite e depois de amanhã terá em que pensar, quando vir a cabana vazia.” Miss Burden estava sentada diante do fogo e sequer voltou a cabeça quando Christmas entrou.

— Aproxime essa cadeira — disse ela.

Foi assim que começou a terceira fase. A princípio Christmas ficou mais intrigado do que havia ficado com as duas fases anteriores. Esperara ansiedade, uma espécie de desculpa tácita, ou, na falta disso, uma aquiescência que não precisava mais do que ser cortejada. Christmas estava preparado para chegar até isso. Mas o que encontrou foi uma desconhecida que, com firmeza tranquila de um homem, afastou a mão dele quando por fim, numa espécie de desespero perplexo, ele se aproximou dela e lhe tocou. “Se quer dizer-me alguma coisa, vamos”, disse-lhe Christmas. “Sempre falamos melhor depois. Não tenha medo. Não se fará mal à criança.”

Ela o deteve com uma única palavra. Christmas olhou-lhe o rosto pela primeira vez e viu um rosto frio, remoto, fanático. “Já reparou que

está desperdiçando Sua vida?”, perguntou ela. Sentado diante dela, numa imobilidade de rochedo, Christmas não podia crer nos seus próprios ouvidos.

Demorou algum tempo em compreender o que ela queria dizer. Sentada diante do fogo, sem olhar para Christmas, com uma expressão fria, soturna e pensativa, falava-lhe como a um estranho, enquanto ele a ouvia atônito e ofendido. Queria que Christmas se encarregasse dos seus negócios, da correspondência e das visitas periódicas aos colégios de negros. Tinha elaborado o plano e recitou-o com todos os detalhes, enquanto ele escutava com uma cólera e um espanto crescentes. Christmas devia encarregar-se de tudo e ela seria sua secretária, sua auxiliar. Viajariam juntos até as escolas de negros, visitariam juntos os lares dos negros. Ouvindo-a, apesar de encolerizado, Christmas compreendia que aquele plano era uma loucura. E enquanto durou a conversa, o perfil sereno de Miss Burden tinha, destacando-se de encontro ao pacato fogo da lareira, a gravidade e a tranquilidade de um retrato na sua moldura. Quando Christmas se retirou, lembrou-se de que ela nem mencionara a criança que esperava.

Não acreditava que ela estivesse louca. Pensou que tudo aquilo era devido à gravidez, e acreditou também que era por esse motivo que Miss Burden não deixara que ele a tocasse. Tentou discutir com ela, porém era o mesmo que procurar discutir com uma árvore: sequer se exaltou para contestar; limitava-se a escutar tranquilamente e depois respondia com um tom igual, frio, como se ele não tivesse falado. Quando finalmente Christmas se ergueu e saiu, Miss Burden nem notou que ele fora embora.

Nos dois meses seguintes não a viu senão uma vez. Christmas prosseguia no ramerrão costumeiro. Apenas não mais se aproximava da casa e comia na cidade, como fizera antes de começar a trabalhar na serraria. A diferença estava em que, quando começara a trabalhar, não precisava pensar nela durante o dia, e agora não podia deixar de pensar. Ela vivia no seu espírito de modo tão constante que era como se a estivesse vendo, paciente, esperando, inevitável e louca, dentro da casa. Durante a primeira fase era como se se encontrasse fora de casa, num terreno coberto de neve, procurando entrar; na segunda, parecia-lhe que se encontrava no fundo de um abismo, numa escuridão furiosa e ardente, e agora estava no meio de uma planície onde não havia casa, nem neve, nem mesmo Vento.

O sentimento que até então não fora mais do que perplexidade, ou talvez presságio e fatalismo, começava a transformar-se em medo. Tinha agora um sócio no seu negócio de uísque. Era um desconhecido de nome Brown, que um dia, no começo da primavera, aparecera na serraria procurando trabalho. Christmas sabia que o homem era um imbecil, mas a princípio pensou: “Pelo menos terá o senso comum suficiente para fazer o que eu lhe disser. Não terá de pensar nada por si.” Não foi senão mais tarde que disse consigo: “Agora sei que o que caracteriza um idiota é a sua

incapacidade para seguir os seus próprios conselhos.” Tomara Brown como sócio porque Brown era desconhecido, tinha gênio alegre, era falto de escrúpulos e não tinha muita coragem, e sabia que, nas mãos de um homem sensato, um covarde, dentro das suas próprias limitações, pode chegar a ser útil a qualquer pessoa, menos a si mesmo.

O seu receio era que Brown pudesse vir a saber da existência da mulher dentro da casa e o comprometesse em virtude da sua imbecilidade. Receava que, uma vez que ele a evitava, a mulher metesse na cabeça a idéia de ir procurá-lo na cabana qualquer noite. Não a via desde fevereiro, desde a noite em que fora procurá-la para lhe dizer que Brown ia morar com ele na cabana. Era um domingo. Miss Burden foi até o pórtico dos fundos, onde ele esperava de pé, e ouviu-o atentamente. “Você não tinha necessidade de fazer isso”, disse-lhe. Christmas não compreendeu o que ela queria dizer. Compreendeu só mais tarde, quando o pensamento lhe luziu como um relâmpago, como uma frase impressa: *Ela pensa que eu o trouxe para cá a fim de afastá-la. Julga que penso que, estando ele aqui, ela não virá à cabana. Terá de deixar-me em paz-*

E por sua vez meteu na sua própria cabeça o temor do que ela pudesse vir a fazer, julgando agora que lhe havia incutido tal idéia. Julgava que, se Miss Burden havia pensado nisso, não somente a presença de Brown não a deteria, mas até lhe seria um incentivo. O fato de que durante um mês ela não tivesse feito nada, não tivesse dado nem um passo, levava-o a acreditar que podia fazer qualquer coisa. Passava as noites sem dormir. Mas pensava: “Tenho de fazer alguma coisa. Alguma coisa eu vou fazer.”

E despietava Brown, enganava-o, para ser o primeiro a chegar à cabana. Sempre que chegava, esperava encontrá-la ali. E, ao chegar, encontrando a cabana deserta, pensava, com uma espécie de fúria impotente, naquilo que o preocupava, nas mentiras, na pressa, enquanto ela permanecia ociosa em casa o dia inteiro, sozinha, sem nada que fazer, exceto tomar a deliberação ou de traí-lo logo ou de torturá-lo um pouco mais. Em circunstâncias ordinárias ter-lhe-ia sido indiferente que Brown viesse ou não a saber das suas relações com Miss Burden. Na sua natureza nada havia de discreto ou cavalheiresco em relação às mulheres: Pouco lhe importava que toda Jefferson soubesse que ele era amante de Miss Burden. O que não queria era que alguém se metesse a especular sobre a sua vida privada ali, por causa do uísque oculto que lhe rendia de trinta a quarenta dólares por semana. Essa era uma das razões, uma razão de ordem prática. A outra era a vaidade. Teria preferido morrer ou matar antes que algum outro homem viesse a saber a que gênero de relações eles haviam chegado. Que não somente ela mudara completamente de vida, mas tratava de mudar também a vida dele, querendo transformá-lo num misto de ermitão e missionário de negros. Estava convencido de que, se Brown viesse a saber de um fato, descobriria fatalmente o outro. E quando, depois de mentir e de apressar-

se, chegava à cabana e punha a mão no trinco, lembrando-se da pressa e pensando que dentro de um minuto verificaria não haver nenhuma necessidade de se apressar e mentir, e sem ornar contudo, descuidar-se de tomar tal precaução, odiava-a com uma reação feroz de terror e de cólera impotente. E uma noite, ao entrar na cabana, encontrou o bilhete Solve a cama.

Logo que entrou, viu o bilhete, quadrado, branco, profundamente impenetrável, sobre o cobertor escuro. Nem mesmo se deteve para pensar que julgava saber o que a mensagem continha, o que prometia. Não sentiu ansiedade. Sentiu alívio. “Tudo passou”, foi o seu pensamento, antes mesmo de pegar no papel dobrado. “Será como antes. Não se falará mais em negros nem em crianças. Cedeu. Compreendeu que de outra maneira nada conseguiria. Compreende agora que o que quer, o que necessita é de um homem. Precisa de um homem para a noite. Pouco lhe importa o que ele faça durante o dia.” Christmas devia ter compreendido então por que motivo não fora embora. Devia ter visto que aquele papelzinho quadrado e ainda por decifrar o prendia com a força de uma corrente e de um cadeado. Não pensou naquilo. Apenas viu a si mesmo outra vez à beira da promessa e do prazer. Agora haveria mais tranquilidade. Ambos queriam isso. Ademais, quem agora ia serrar de cima era ele. “Tanta estupidez!”, pensou, sem desdobrar o papel que segurava na mão, “Toda essa tolice inominável! Ela continua a ser a mesma, e eu sou sempre o mesmo. E agora, passada essa asneira...” E pensou como haviam de rir à noite, mais tarde, quando chegasse o momento de conversar tranquilamente e de rir sossegadamente de tudo aquilo, rir um do outro, de si mesmos.

Não desdobrou o papel. Deixou-o de lado, lavou-se, barbeou-se e mudou de roupa, assobiando. Não terminara ainda quando Brown entrou. “Muito bem, muito bem”, disse Brown. Christmas não disse nada. Dava o laço na gravata, em frente ao caco de espelho pregado na parede. Brown era Um rapaz alto, delgado, usando um macacão sujo, de rosto moreno, bonito e indeciso, e de olhos curiosos. Estava parado no meio do quarto. No canto da boca via-se uma cicatriz branca, fina como um fio de salivai Ao cabo de algum tempo observou:

— Você está com jeito de quem vai a alguma parte.

— Sim? — replicou Christmas sem voltar os olhos é continuando o assobio monótono, com um que de plangente e negroíde, em tom menor.

— Como estou vendo que já está quase pronto, não vou mais ter o trabalho de preparar-me — disse Brown.

— Pronto para quê?

— Não vai à cidade?

— Eu disse por acaso que ia à cidade? tornou Christmas, voltando ao espelho.

— Oh! — replicou Brown olhando para as costas de Christmas. —

Pelo que vejo, vai tratar de algum assunto particular. — Continuava a observá-lo: — A noite hoje está muito fria para a gente poder deitar-se no chão úmido, tendo por baixo apenas uma pequena franzia.

— É mesmo? — exclamou Christmas assobiando, preocupado e sem se apressar. Voltou-se, pegou no casaco e vestiu-o, enquanto Brown o observava. Aproximou-se da porta.

— Até amanhã — disse. Não fechou a porta. Sabia que Brown continuava a olhar para ele, mas não tentou ocultar seus intuitos e encaminhou-se diretamente para a casa. “Pode vigiar-me. Pode vigiar-me, se quiser.”

A mesa estava posta na cozinha. Antes de sentar-se, Christmas tirou do bolso o papelzinho ainda dobrado e colocou-o ao lado do prato. Não estava fechado nem selado e abriu-se por si mesmo, como que incitando-o, insistindo. Christmas, porém, não olhou. Começou a comer. Comeu devagar. Quando estava quase acabando, ergueu a cabeça subitamente para escutar. Em seguida levantou-se, aproximou-se da porta pela qual entrara e abriu-a bruscamente. Brown estava do lado de fora, com a cabeça apoiada na porta ou no lugar onde estivera a porta. A luz bateu-lhe em cheio na cara. Unha uma expressão de interesse infantil e intenso, que se transformou logo em surpresa, enquanto Christmas olhava para ele. Depois dominou-se e retrocedeu um passo. “Bem, bem”, disse com voz alegre, porém tranquila, cautelosa e conspiratória, como se, sem que lhe houvessem pedido e sem esperar saber o que se estava passando, por simples e pura lealdade para com o seu sócio, ou talvez para com o homem em abstrato, em oposição à mulher, tivesse feito um acordo tácito com Christmas, pondo-se do seu lado. “Está bem, está bem”, disse. “Então é aqui que você vem todas as noites, como um gato? Bem na porta de casa, por assim dizer...”

Sem dizer palavra, Christmas deu-lhe um soco. O golpe não acertou em Brown com muita força, porque este já ia numa meia marcha à ré, alegre e inconsciente, segundo parecia. O soco cortou-lhe a voz. Andando, saltando para trás, desapareceu da claridade da luz para a escuridão, de onde vinha a sua voz, ainda um tanto abafada, como se mesmo agora não quisesse comprometer o sócio, mas traindo já susto e espanto: “Não me bata!” Dos dois era ele o mais alto. Era uma forma desengonçada que, ao fugir, parecia espalhar-se de maneira cômica, como se estivesse a ponto de bater ruidosamente no solo, numa completa desagregação, recuando aos tropeções ante o avanço tenaz e silencioso do outro. E ouviu-se novamente sua voz aguda, cheia de susto e de duvidosa ameaça: “Não me bata.” Desta vez o golpe alcançou um ombro, no momento em que ele se voltava. Brown deitara a correr, e correu uns cem metros antes de diminuir a velocidade e de olhar para trás. Depois parou e voltou-se. “Patife! Gringo duma figa!”, disse, como que para experimentar, e sacudiu imediatamente a cabeça como se sua voz tivesse soado mais alto do que era sua intenção. Da casa não vinha

nenhum som. A cozinha estava de novo às escuras e a porta fechada. Levantou a voz um pouco: “Patife! Gringo duma figa! Vou ensinar-lhe com quem está brincando!” Já não se ouvia ruído em parte alguma. Fazia frio. Brown virou-se e voltou para a cabana, murmurando entre os dentes.

Quando Christmas entrou de novo na cozinha, nem ao menos voltou os olhos para a mesa em cima da qual estava o papelzinho que ainda não lera. Passou a porta que dava acesso à casa, avançou para a escada e começou a subi-la sem pressa. Subiu com passo firme e viu a porta do quarto e a réstia de luz do fogo que se infiltrava por baixo. Depois abriu a porta e estacou. Miss Burden estava sentada diante da mesa, sob a lâmpada. Christmas viu uma figura conhecida, vestindo uma roupa austera que ele conhecia — uma roupa que parecia ter sido feita para ser usada por um homem descuidado. E, encimando-a, viu uma cabeça cujo cabelo começava a embranquecer e que era repuxado para formar na nuca um nó tão absurdo e tão feio como uma verruga num ramo enfermiço. E quando ela levantou a cabeça, Christmas viu-a com uns óculos de aros de aço que ele jamais a vira usar. Christmas continuava imóvel no umbral, com a mão na maçaneta da porta. Parecia-lhe que ouvia realmente as palavras que ressoavam dentro dele: *Devia ter lido a carta. Devia ter lido a carta*, e pensava: “Vou fazer alguma coisa, vou fazer alguma coisa.”

Continuava ouvindo aquelas palavras quando se aproximou da mesa cheia de papéis. Miss Burden não se levantou. E enquanto ele olhava para aqueles papéis enigmáticos, enquanto, ao mesmo tempo em que seu pensamento flutuava ocioso, imaginava o que poderia ser este ou aquele documento, Christmas prestava atenção ao que a voz fria e suave de Miss Burden lhe ia revelando, e sua boca repetia inconscientemente as palavras que ela pronunciava.

— Para um colégio? — disse a boca de Christmas.

— Sim — tornou Miss Burden. — Em consideração por mim, você será aceito em qualquer um. Pode escolher o que preferir. Não teremos de pagar nada.

— Para um colégio? Um colégio de negros? Eu?

— Sim. Depois pode ir para Memphis estudar direito no escritório de Peebles. Peebles lhe ensinará as leis. Depois você poderá encarregar-se de todos esses casos jurídicos, fazer tudo o que Peebles faz.

— Depois aprender leis no escritório de um advogado negro? — disse a boca de Christmas.

— Sim. Depois passarei para você todos os negócios, todo o dinheiro, todo. Assim, quando precisar de dinheiro para as suas despesas, poderia... saberia como obtê-lo... os advogados sabem fazer com que.... Como os ajudaria então a sair da obscuridade, ninguém poderia acusar nem censurar você, ainda que descobrissem... ainda que você não o

repusesse mas poderia repô-lo e então ninguém saberia...

— Mas um colégio de negros... um advogado negro — disse tranquilamente a voz de Christmas, sem discutir, sugerindo apenas. Não olhavam um para o outro. Ela não erguera os olhos desde que ele entrara.

— Você lhes dirá.

— Dizer aos negros que também sou negro?

Miss Burden olhou-o serena. Seu rosto era já o de uma mulher velha.

— Sim. Terá de dizê-lo para que, em consideração por mim, não lhe cobrem nada.

Nisso, foi como se ele tivesse dito subitamente à sua própria boca: “Cale-se. Estanque essa baba. Deixe-me falar.” Christmas inclinou-se. Miss Burden não se mexeu. Suas caras estavam quase juntas: uma, fria, lívida, fanática, louca; a outra, cor de pergaminho, o beijo encrespado como para uma rosnadura silenciosa. Christmas disse em voz baixa: “Está velha! E eu não o havia notado até agora. Está velha, tem o cabelo encanecido.” Imediatamente ela lhe bateu: deu-lhe uma bofetada, mas conservou-se imóvel. A bofetada fez um ruído surdo, ao qual se seguiu de perto a bofetada de Christmas, que lhe bateu com os punhos e depois, impelido pelo vento da fúria, ergueu-a da cadeira e susteve-a diante de si, imóvel. Miss Burden nem pestanejou. Entretanto tornava a soprar sobre Christmas outro vento, o vento longo da compreensão. “Não está grávida”, disse ele. “Nunca estive. O que acontece é que você envelheceu. Apenas isso. Está velha e já não presta para nada. É só isso.” E desprendendo-a bateu-lhe de novo. Ela caiu como uma trouxa sobre a cama e olhou para ele. Christmas deu-lhe outro bofetão no rosto e, curvado sobre ela, disse-lhe palavras que às vezes ela gostava de ouvi-lo pronunciar, palavras cujo gosto, segundo costumava dizer, sentia na boca, palavras ciciadas, obscenas, acariciadoras. “É apenas isso. Está gasta. Não serve mais para nada.”

Estendida na cama, deitada de lado e com a boca sangrando, ela voltou a cabeça, ergueu os olhos para ele e disse: “Seria talvez melhor que ambos tivéssemos morrido.”

Via o bilhete sobre o cobertor, logo que abria a porta. Aproximava-se imediatamente, tomava-o e abria-o. Lembrava-se da viga oca do celeiro como de alguma coisa que tivesse ouvido contar, alguma coisa que tivesse acontecido em outra vida diferente das vidas que vivera. O papel, a tinta, a forma e a letra continuavam os mesmos. Nunca haviam sido grandes; nem o eram agora. Mas agora não havia neles nada que evocasse promessas de que não se havia falado, delícias fartas e impossíveis de mencionar. Eram agora mais breves do que epitáfios e mais concisos do que uma ordem.

O seu primeiro impulso era para não ir. Acreditava que ousaria não ir. Depois sabia que não podia atrever-se a faltar. E já não mudava de

roupa. Com o macacão manchado de suor atravessava o final do crepúsculo de maio e entrava na cozinha. Agora nunca encontrava a comida posta na mesa. Às vezes, quando passava e olhava para a mesa, pensava: “Meu Deus! Quando foi que me sentei aqui para comer em paz?” E não podia lembrar-se.

Entrava na casa e subia a escada. E ouvia logo a voz de Miss Burden, cuja intensidade aumentava à medida que ele subia a escada e chegava à porta do quarto, porta que encontrava fechada a chave e por trás da qual soava a voz pertinaz e monótona. Não podia distinguir as palavras. A única coisa que distinguia era a monotonia incessante. Não ousava tentar distinguir as palavras. Não ousava procurar saber o que ela queria. Deixava-se estar, espetando, e no fim de algum tempo a VOZ cessava, ela abria a porta e ele entrava. Ao passar pela cama, olhava para o chão e parecia-lhe distinguir marcas de joelhos, e afastava os olhos, como se tivesse olhado para a morte.

Era provável que a lâmpada não estivesse ainda acesa. Não se sentavam. Falavam de pé como costumavam fazer dois anos antes, de pé e às escuras, enquanto a voz de Miss Burden repetia: “... nesse caso, para o colégio não, se não quer ir... Pode-se deixar isso. Sua alma... Expiação de... E ele, frio e impassível, esperando que ela terminasse: “...inferno... para sempre... para sempre...”

— Não — dizia Christmas. E ela escutava com a mesma tranquilidade e ele sabia que ela não estava convencida e que sabia, por sua vez, que ele também não o estava. Contudo nenhum dos dois cedia. Pior ainda, não deixavam em paz um ao outro. Christmas não queria ir embora. E permaneciam mais algum tempo na obscuridade tranquila, povoada de inúmeros fantasmas de delícias e pecados mortos, que pareciam brotar dos membros de ambos, olhavam um para o outro, os rostos cansados, gastos e indomáveis.

Depois Christmas saía. Antes de fechar a porta e correr o ferrolho, ouvia ainda a voz monótona, tranquila e desesperada que dizia qualquer coisa que ele não se atrevia a averiguar nem a suspeitar o que era nem a quem ela o dizia. E três meses mais tarde, numa noite de agosto em que se encontrava sentado nas sombras do jardim em ruínas, ouvindo o relógio da delegacia bater dez horas e depois onze, acreditou, com uma calma paradoxal, ser ele o servo involuntário da fatalidade na qual pensara não acreditar. E disse consigo: *Vi-me obrigado a fazê-lo, já no pretérito perfeito. Vi-me obrigado a fazê-lo. Ela mesma o disse.*

Dissera-lhe duas noites antes. Christmas encontrara o bilheteinho e fora vê-la. Ao subir a escada, notou que a voz monótona soava mais alto e mais claro que de costume. Quando chegou ao topo da escada, viu a razão. A porta estava aberta e ela não se levantou. Continuou ajoelhada junto à cama quando Christmas entrou. Ela se moveu. Sua voz não parou. Sua cabeça não estava inclinada. Antes, trazia-a erguida, quase com orgulho, numa atitude em que a humildade exterior parecia ser

parte do orgulho. No crepúsculo a voz serena tinha um tom de abnegação. Não pareceu dar pela entrada de Christmas, enquanto não terminou um parágrafo. Depois voltou a cabeça:

— Ajoelhe-se junto de mim — disse-lhe.

— Não — respondeu Christmas.

— Ajoelhe-se — insistiu ela. — Nem sequer necessita falar com Ele. Basta que dê o primeiro passo.

— Não — replicou Christmas. — Vou embora.

Miss Burden ergueu a cabeça e tornou a olhar para ele sem se mexer.

— Joe, você não vai ficar? Não quer fazer nem isso?

— Sim — replicou Joe. — Ficarei, mas avie-se.

Miss Burden começou outra vez a rezar. Falava suavemente com a abjeção do orgulho. Quando tinha necessidade de empregar as palavras simbólicas que ele lhe havia ensinado, empregava-as, proferia-as sem hesitação, falando a Deus como se se tratasse de um homem que estivesse no quarto com outros dois homens. Com voz tranquila, monótona e assexuada, falou de si mesma e de Christmas como de outras duas pessoas. Em seguida calou-se e ergueu-se em silêncio. Estavam em frente Um do outro à luz do crepúsculo. Dessa vez nem sequer lhe perguntou; Christmas nem mesmo precisou responder. No fim de algum tempo Miss Burden disse suavemente:

— Só resta fazer uma coisa.

— Só resta fazer uma coisa — repetiu Christmas.

“Tudo já estava feito e terminado”, pensou ele sentado na sombra densa do mato, enquanto ouvia perder-se na distância a última pancada do relógio longínquo. Estava num lugar no qual, numa das noites de loucura de dois anos antes, viera alcançar Miss Burden. Mas aquilo acontecera em outros tempos, em outra vida. Agora tudo estava tranquilo, silencioso. A terra profunda respirava frescor.

Levantou-se. Saiu da sombra, rodeou a casa e entrou na cozinha. A casa estava às escuras. Não estivera na cabana desde as primeiras horas da manhã e não sabia se Miss Burden teria deixado ou não algum bilhete para ele, se o esperava ou não. Todavia não cogitou de silêncio. Era como se não estivesse pensando em sono, em encontrá-la dormindo ou desperta. Subiu a escada pisando firme e entrou no quarto. Da cama, Miss Burden falou-lhe quase imediatamente:

— Acenda a lâmpada.

— Não preciso de luz — respondeu Christmas.

— Acenda a lâmpada.

— Não.

Curvou-se sobre a cama. Tinha na mão a navalha, mas ainda não a abria. Miss Burden não tornou a falar. Pareceu a Christmas que o seu

próprio corpo se afastava dele e se aproximava da mesa, que suas mãos depunham sobre ela a navalha, procuravam a lâmpada e riscavam um fósforo. Miss Burden sentara-se e assim permanecera, com a cabeça recostada na guarda da cama. Por cima da camisa de dormir pusera um xale cruzado no peito. Juntara os braços sobre o xale. Não se lhe viam as mãos. Christmas estava de pé junto à mesa. Olharam um para o outro.

— Quer ajoelhar-se ao meu lado? Não sou eu quem lhe pede.

— Não — replicou Christmas.

Não sou eu quem pede. Não sou eu quem pede. Ajoelhe.

— Não.

Olharam um para o outro.

Joe — disse ela — pela última vez. Não sou eu, quem pede. Lembre-se disso. Ajoelhe-se junto de mim.

— Não — respondeu Christmas. Viu que Miss Burden abria os braços e que a mão direita aparecia por baixo do xale, segurando um revólver antigo, de tambor, quase tão comprido e pesado como um rifle pequeno. Mas a sombra do revólver, do braço e da mão de Miss Burden não bulia na parede. Tudo monstruoso, monstruoso o gatilho levantado, curvado para trás na posição temerosa de uma cabeça de serpente, arqueada, imóvel. Também não se moviam os olhos de Miss Burden. Estavam tão parados e eram tão redondos como o aro negro do cano do revólver. Mas neles não havia nenhum calor, nenhuma fúria. Tinham a calma e a tranquilidade da compaixão, do desespero, da convicção. Christmas, porém, não olhava para os olhos de Miss Burden. Olhava para a sombra do revólver na parede e, enquanto olhava, sumiu-se de repente a sombra do gatilho.

De pé no meio da estrada, com a mão direita levantada e batendo de chapa nas luzes do automóvel que se aproximava, ele realmente não esperava que o veículo parasse. Mas parou e com um chiado e um rangido tão súbito que era quase cômico. Era um carro pequeno, velho e estragado. Quando Christmas se aproximou, dois rostos pareceram flutuar no clarão dos faróis, como dois balões espantados e de cores brandas. O mais próximo era o de uma moça, encolhida de medo, invadida de horror. Mas Christmas não o notou naquele momento. “Poderiam me levar no carro até onde vão?”, disse ele. Os dois olharam para Christmas sem dizer nada, com o mesmo horror curioso que Christmas não havia notado. Por isso ele próprio abriu a portinhola, entrou e sentou-se no banco detrás.

Logo que ele entrou, a moça começou a fazer ouvir uns gemidos sufocados, os quais logo se tornariam mais intensos, à medida que o medo ganhava coragem, se assim se pode dizer. Já o carro estava em movimento; parecia dar saltos para a frente e o jovem, sem tirar as mãos da direção nem voltar-se para a moça, sussurrou: “Cale-se! Psiu! Não temos outro recurso. Cale-se.” Christmas nem ouviu essas palavras.

Recostado no banco, não tinha nenhuma consciência de que se encontrava justamente atrás de um terror desesperado. Pensava apenas, com certo interesse momentâneo, que o pequeno automóvel corria com demasiada velocidade para uma estrada tão estreita como aquela.

— Até onde vai essa estrada? — perguntou.

O rapaz respondeu, dando o nome da mesma cidade que o negrinho tinha mencionado havia três anos, quando ele chegara a Jefferson. A voz do rapaz era clara e leve.

— Deseja ir para lá? — perguntou.

— Sim — disse Christmas. — Convém-me. Vão para lá?

— Sem dúvida — respondeu o rapaz no seu tom monótono. — Para onde o senhor quiser.

A moça que se encontrava ao lado dele começou novamente o seu murmúrio abafado, parecido com os leves gemidos de um animalzinho. E novamente, enquanto o pequeno automóvel corria dando saltos para a frente, o rapaz, com o rosto rígido, impôs-lhe silêncio: “Cale-se! Psiu! Psiu!” Mas Christmas continuava a não se dar por achado. Via apenas as duas cabeças jovens inclinadas rigidamente contra o clarão dos faróis, dentro do qual a faixa branca da estrada oscilava e fugia. Mas olhava sem curiosidade para os dois jovens e para a estrada e percebeu que não estivera prestando atenção ao que o rapaz lhe vinha falando desde algum tempo; não sabia onde estava nem quanto tinha avançado. O rapaz falou lentamente, recapitulando, escolhendo cuidadosamente palavras simples, que pronunciava com clareza para que o desconhecido entendesse: “Escute. Vou dobrar ali para encurtar caminho. Sairemos numa estrada melhor. Vou abreviar o caminho. Estrada melhor. Chegaremos mais depressa, compreende?”

— Muito bem — fez Christmas.

O automóvel deu uns saltos e continuou a avançar, escorregando nas curvas, subindo, colinas e voando por elas abaixo, como se lhe faltasse terra sob as rodas. Junto à estrada os postes com as pequenas caixas postais pareciam arremessar-se contra a luz dos faróis e passavam vertiginosamente.

De vez em quando deixavam atrás alguma casa às escuras. O rapaz falou de novo:

— Já estamos perto do corte de que falei. É ali. Vou virar o carro para aquela direção. Não pense que deixo a estrada. Vou apenas desviar-me um pouco e seguir por uma estrada melhor. Compreende?

— Muito bem — disse Christmas. E sem nenhuma intenção acrescentou: — Moram por aqui?

Dessa vez foi a moça que falou. Voltou-se rapidamente, com o rostinho lívido de ansiedade e terror. “Sim”, gritou. “Moramos aqui mesmo, um pouco além. E quando meu pai e meus irmãos...” Calou-se subitamente. Christmas viu que o jovem lhe tapava a boca com a mão e

que, mesmo amordaçada, ela dizia qualquer coisa. Christmas inclinou-se para a frente.

— Aqui — disse ele. — Saltarei aqui. Deixem-me aqui.

— Pronto! Era isso que você queria — exclamou o rapaz com voz débil e com uma cólera desesperada* — Se tivesse ficado quieta...

— Pare o carro — disse Christmas. — Não vou fazer mal a nenhum dos dois. Quero apenas descer.

E o carro parou de novo com uma sacudidela brusca. Mas o motor continuava em movimento e, antes de Christmas pular do estribo, dera um salto para a frente, e ele teve de correr um pouco para recuperar o equilíbrio. Enquanto corria, uma coisa dura e pesada bateu-lhe na ilharga. O carro desapareceu a toda velocidade. Ouviam-se ainda as agudas lamentações da moça. Desapareceu e sob as estrelas de verão ficaram apenas as trevas, a poeira agora impalpável e o silêncio. O objeto que batera em Christmas dera-lhe uma forte pancada e ele viu que o tinha na mão direita. Erguendo-a, viu que segurava a velha e pesada pistola. Não sabia que a tinha, não se lembrava de a ter apanhado, nem por que o fizera. Mas ela estava ali. “E fiz parar o carro com a mão direita”, pensou. “Não admira que ela... que eles...” Fez um gesto como para tirar fora a pistola, balançando-a. Deteve-se, porém, acendeu um fósforo e examinou a arma à luz da débil chama agonizante. O fósforo queimou de todo e se apagou. E Christmas julgava ver ainda a arma antiga com as duas câmaras carregadas: uma na qual o gatilho batera e não explodira, e a outra sobre a qual o gatilho não batera, apesar de se ter planejado isso. “Para ela e para mim”, disse ele. O braço descreveu uma curva e lançou a arma. Christmas ouviu o som que a pistola fez caindo no meio do mato. Depois não ouviu mais nada. “Para ela e para mim.”

Cinco minutos depois de ter sido descoberto pelos roceiros, o incêndio começou a atrair gente. Os que iam de carro passar o sábado na cidade se detinham. Outros chegavam a pé, da vizinhança imediata. Conquanto fosse um lugar de cabanas de negros e de terras exaustas onde um destacamento de polícia não poderia encontrar dez pessoas, entre homens; mulheres e crianças, meia hora depois e como se tivessem surgido do ar, apareciam espectadores e grupos que iam desde um indivíduo até famílias inteiras. Ainda outros chegaram da cidade em automóveis velozes e estrepitosos. Entre estes contava-se o xerife, homem gordo e de aspecto agradável, de expressão astuta e ar benévolo, o qual afastou os que se amontoavam para ver o cadáver sobre o lençol, com o assombro extático com que os adultos contemplam o seu próprio e inevitável retrato. Entre eles havia um ou outro *yankee*, brancos pobres e até meridionais que tinham vivido algum tempo no Norte. Estes acreditavam tratar-se de crime de algum negro anônimo, e acreditavam, esperavam e estavam certos de que a vítima fora também violada; pelo menos uma vez antes de lhe cortarem o pescoço e pelo menos outra depois. O xerife chegou, deu uma vista de olhos e ordenou que levassem o cadáver, a fim de retirar dali aquele triste espetáculo.

Só restava ver o lugar onde estivera o corpo e o incêndio. Dentro em pouco ninguém se lembrava exatamente do lugar onde ficava a cabana e o espaço de terra que ocupara, e não restava ver mais do que o incêndio. E ficaram olhando o fogo com o mesmo assombro que tinham trazido das cabanas antigas e fétidas onde nasceu o conhecimento, como se nunca tivessem visto fogo. Pouco depois chegava o vistoso carro de bombeiros, entre ruídos, silvos e campainhadas. Era um carro novo, pintado de vermelho, com enfeites dourados e sirena acionada a mão, e mais uma campainha cor de ouro, de tom sereno e arrogante. Do carro, com o assombroso menosprezo pelas leis físicas que caracteriza as moscas, pendiam homens maduros e rapazes com as cabeças descobertas. Havia também escadas mecânicas que, como se fossem chapéus de copa alta, se dobravam ou elevavam a alturas prodigiosas, bastando para isso tocá-las com a mão. Apenas agora eram aqui inteiramente inúteis. Havia ainda rolos de mangueiras, limpos e virgens, que faziam lembrar os anúncios de companhias de telefone nas revistas populares; mas já não havia nada em que prendê-los nem nada que pudesse correr por eles. Assim os homens sem chapéu que haviam desertado de balcões e escrivaninhas, inclusive o encarregado da sirena, desceram, gingando. Mostraram-lhes os diferentes lugares por onde tinha andado o lençol. Alguns que já vinham munidos de revólveres procuravam alguém a quem crucificar.

Mas não encontraram ninguém. Miss Burden levava uma vida tão retirada, ocupara-se tanto dos seus negócios que legava à cidade — na qual, apesar de ter ali nascido, vivido e morrido, fora apenas uma

estrangeira — uma espécie de herança de assombro e de ofensa, e por essa razão, embora por fim lhes tivessem proporcionado um festival emotivo, quase uma festa romana, não a perdoariam nunca nem a deixariam descansar em paz. Isso não. A paz não é tão frequente assim. Por isso se agitaram, crendo que as chamas, o sangue, o corpo que morrera três anos antes e que justamente agora começava a viver de novo, clamavam vingança, não acreditando que a fúria violenta das chamas e a imobilidade do corpo eram provas de que o limite atingido era inacessível a ofensas e danos que os homens podem infligir. Isso não. Pois a outra alternativa, prestava-se a uma crença mais agradável. Melhor do que as estantes e os balcões cheios de objetos familiares, comprados, não porque o proprietário os desejasse ou admirasse ou pudesse encontrar prazer na sua posse, mas para vendê-los com lucro a outros homens, depois de seduzi-los e enganá-los; e que devem de vez em quando contemplar tanto os objetos que ainda não venderam como os homens que podiam comprá-los mas ainda não o fizeram, contemplá-los, digo, com raiva e quiçá com desespero. Melhor do que os escritórios bolorentos onde os advogados estavam como que de emboscada entre fantasmas de velhas cobiças e mentiras, ou do que os consultórios onde os médicos esperavam com as facas afiadas e drogas penetrantes, dizendo ao doente, esperando que este acreditasse — sem precisar para isso de recorrer aos conselhos impressos — que trabalhavam para a obtenção de um fim, alcançado o qual, eles, médicos, ficariam sem ter que fazer. E vieram também as mulheres, as ociosas, envoltas em trajes brilhantes e às vezes vestidas às pressas, com olhares furtivos, coruscantes, apaixonados, e com seios secretos e frustrados (que sempre preferiram a morte à paz), vieram, digo, Cunhar com numerosos tacóezinhos duros, ao lado do constante murmúrio de *Quem é o criminoso? Quem É o criminoso?*, frases mais ou menos como estas: *Não o prenderam ainda? Ah! Não o prenderam ainda?*

O xerife também olhou para as chamas assombrado e exasperado, pois não havia local para investigar. Ainda não se julgava vítima da astúcia de um agente humano. Julgava-se vítima dó fogo. E pensava que este brotara por si mesmo com esse intuito e propósito. E assim continuou a andar com uma expressão perplexa e irritada em tomo daquele monumento da cor tanto da esperança como da catástrofe, até que o subxerife se aproximou e lhe disse que numa cabana próxima haviam sido descobertos alguns indícios de ocupação recente. E imediatamente o campônio que descobrira o incêndio (ele ainda não chegara à cidade; seu carro não avançara um centímetro desde que ele descera do mesmo duas horas antes, e agora o homem andava ali no meio do povo, com o cabelo em desalinho, a gesticular, com um ar de espanto e de toleima e com uma voz tão rouca que mais parecia um sussurro) lembrou-se de que, ao forçar a porta, tinha visto um homem.

— Branco? — perguntou-lhe o xerife.

— Sim, senhor. Cambaleava pelo vestibulo como se acabasse de cair da escada abaixo. Quis evitar que eu subisse. Disse-me que estivera justamente em cima e que lá não havia ninguém. Quando desci, ele já tinha ido embora.

O xerife correu os olhos pelos que o rodeavam.

— Quem vivia naquela cabana?

— Eu não sabia que alguém vivia ali — respondeu o subxerife. — Negros, provavelmente. Ouvi dizer que era possível que alguns negros morassem com ela na casa. O que me surpreende é que tivessem demorado tanto tempo a dar cabo dela.

— Tragam-me aqui um negro — disse o xerife.

O subxerife e outros dois ou três homens levaram um negro à sua presença.

— Quem morava nessa cabana? — perguntou o xerife ao negro.

— Não sei, Mr. Watt — respondeu o negro. — Nunca prestei atenção. Não sabia que morava alguém aqui.

— Tragam-no — disse o xerife.

E de olhos ávidos, nos quais a prolongação das chamas começava a empalidecer, com caras idênticas umas às outras, os espectadores começaram a reunir-se em torno do xerife, do subxerife e do negro, como se os cinco sentidos individuais de todos eles se tivessem transformado num único órgão para olhar, como uma apoteose, as palavras que circulavam ali, geradas pelo vento e pelo ar. *É este? É este o criminoso? O xerife já o agarrou. O xerife já o agarrou.* O xerife dirigiu-lhes um olhar: “Vão embora. Vão todos ver o incêndio. Se eu precisar de alguém, chamarei.” E, voltando-se, encaminhou o grupo para a cabana. Os repelidos ficaram atrás, formando um aglomerado, e viram que os três brancos e o negro entravam na cabana e fechavam a porta. E, por sua vez, por trás dos espectadores, rugia o incêndio agonizante, enchendo o ar, mas não com um ruído maior que o das vozes — um ruído cuja origem era muito mais indefinida. *Jesus! Se é este o criminoso, que fazemos nós aqui parados? Um negro filho da... assassinar uma mulher branca!* Nenhum deles estivera nunca dentro da casa. Durante a vida de Miss Burden não teriam permitido que suas mulheres a visitassem. E quando jovens ou crianças (os pais de alguns haviam feito o mesmo) tinham-lhe gritado na rua: “Querida dos negros, querida dos negros.”

Uma vez dentro da cabana, o xerife deixou-se cair pesadamente numa das camas e soltou um suspiro. Era como uma pipa. Tinha a mesma inércia dura e absoluta de uma pipa.

— Preciso saber quem vive nessa cabana.

— Já disse que não sei — respondeu o negro com voz alerta, astutamente alerta e um pouco sombria, olhando para o xerife. Por trás e de modo que ele não os podia ver, estavam os outros dois. O negro não olhou nem uma vez para trás. Olhava para o rosto do xerife, como quem

olha para um espelho. Talvez visse a coisa que se aproximava, como num espelho, antes de ela chegar. Talvez não, porque, se houve no rosto do xerife uma mudança, um pestanejar, não foi mais do que um pestanejar. Mas o negro não olhou para trás; viu-se-lhe no rosto apenas uma contração brusca e rápida, quando a correia lhe caiu sobre os ombros e ele franziu os cantos da boca, expondo momentaneamente os dentes, como num sorriso. Logo seu rosto se compôs de novo, impenetrável.

— Você não se esforçou muito para recordar — disse o xerife.

— Não posso recordar porque não posso saber — replicou o negro. — Nem sequer vivo nessas redondezas. Os senhores brancos deveriam saber onde moro.

— Mr. Buford diz que você mora mais adiante, do outro lado da estrada — disse o xerife.

— Mora muita gente junto à estrada. Mr. Buford devia saber onde moro.

— Está mentindo — disse o subxerife de nome Buford, que brandia a correia, segurando-a pelo lado oposto à fivela. Olhava para o xerife com a correia preparada. Parecia um cãozinho à espera da ordem para se atirar à água.

— Pode ser que sim, pode ser que não — tomou o xerife. Enorme, inerte, afundando as molas do catre, olhava pensativamente para o negro. — Acho que ele acaba de compreender que não estou brincando. Muito menos os de lá de fora, que não dispõem de cárcere onde metê-lo, se viesse à tona alguma coisa desagradável para ele. Os de lá de fora não fariam cerimônia para metê-lo na prisão, se tivessem uma.

Talvez tivesse havido nos seus olhos um sinal, um indício, ou talvez não. Talvez o negro o visse, talvez não. A correia desceu de novo e a fivela arranhou-lhe o ombro.

— Não se lembra ainda? — perguntou o xerife.

— São dois brancos — respondeu o negro em tom frio, mas não soturno, um tom que não indicava nada. — Não sei quem são, nem o que fazem. Não tenho nada com isso. Nunca os vi. Ouvi dizer que viviam aqui dois brancos. A mim pouco importa quem fossem. Isso é o que sei. Pode tirar-me o sangue todo, mas é só isso que sei.

O xerife suspirou de novo.

— Basta. Creio que diz a verdade.

— Era esse Christmas que trabalhava na serraria e outro indivíduo de nome Brown — disse o terceiro homem. — Qualquer pessoa de Jefferson que tivesse um pouco de faro diria o mesmo.

— Isso também é verdade — replicou o xerife.

E voltou à cidade. Quando a multidão percebeu que o xerife se retirava, começou uma debandada geral, como se não restasse mais nada para ver.

— O corpo desaparecera e agora ia-se o xerife. Não ficava, pois, mais nada para ver senão o fogo; tinham-no contemplado durante três horas. Já estavam acostumados a ele; o fogo se tornara uma parte permanente de suas vidas e experiências, estando eles de pé debaixo de uma coluna de fumaça, mais alta que um monumento ao qual se pudesse voltar em qualquer época.

E quando a caravana chegou à cidade, com o automóvel do xerife na frente e os outros atrás, fazendo soar as buzinas e envoltos na poeira que deixava o primeiro carro, misturada à que os outros levantavam, tinha qualquer coisa da pompa arrogante de uma procissão atrás de um ataúde. Num cruzamento de ruas, perto da praça, viu-se obrigada a fazer alto um momento, interrompida pelo carro de um camponês que havia parado para que um passageiro descesse. Olhando, o xerife viu uma mulher em adiantado estado de gravidez descer do carro, fazendo-o com a cautela e o desazo que seu estado requeria. O carro afastou-se e a caravana continuou, atravessando a praça onde o caixa do banco já havia retirado do cofre-forte o envelope que a mulher depositara em suas mãos e que trazia os seguintes dizeres: *Para ser aberto depois da minha morte. Joana Burden.* E quando o xerife entrou no seu escritório, já o caixa o esperava com o envelope e seu conteúdo, uma folha de papel, na qual, escrito pela mesma mão que escrevera o envelope, lia-se: *Comunique-se a E. E. Peebles, advogado, rua Beale, Memphis, Tenn, e a Nataniel Burrington, St. Exeter. N. H.* Era só.

— Esse Peebles é um advogado negro — disse o caixa.

— É mesmo? — perguntou o xerife.

— É. Que deseja o senhor que se faça?

— Faça o que diz o papel — respondeu o xerife. — Mas será melhor que eu próprio me encarregue disso.

E enviou dois telegramas. A resposta de Memphis chegou dentro de trinta minutos. A outra chegou duas horas depois e dentro de dez minutos correrá pela cidade a notícia de que o sobrinho de Miss Burden, residente em New Hampshire, oferecia um prêmio de mil dólares pela captura do criminoso, Às nove horas da noite apareceu o homem que o roceiro encontrara na casa incendiada, ao forçar a porta da frente. Então não se sabia que era aquele o homem. Ele não dissera nada. Tudo o que se sabia era que um homem que residira durante algum tempo na cidade, conhecido como contrabandista de álcool e que se chamava Brown, aparecera na praça em estado de grande agitação, procurando o xerife. Este sabia que Brown mantinha uma espécie de sociedade com outro homem, outro desconhecido de nome Christmas, acerca do qual, apesar de residir em Jefferson havia três anos, se sabia ainda menos que a respeito de Brown. Somente agora o xerife viera a saber que Christmas tinha vivido durante três anos numa cabana atrás da casa de Miss Burden. Brown queria falar com o xerife. Insistia em voz alta para lhe falar. O que se depreendia imediatamente era que ele vinha reclamar o

prêmio de mil dólares.

— Quer ser testemunha de acusação? — perguntou o xerife.

— Não quero ser nada — disse Brown com voz rouca e áspera e com o rosto um pouco alterado. — Sei quem é o criminoso e, assim que receber a recompensa, direi.

— Agarre primeiro o assassino e depois receberá a recompensa — respondeu o xerife.

Levaram Brown para a prisão como medida de segurança.

— Acho que não é preciso — dissera o xerife. — Enquanto ele farejar os mil dólares, não sairá daqui.

Depois que levaram Brown, ainda rouco, sempre gesticulando e com ar de agravo, o xerife telefonou para uma cidade vizinha, onde havia dois sabujos. Os cães deviam chegar pelo primeiro trem da manhã.

No pálido alvorecer daquela manhã de domingo, na plataforma escura, trinta ou quarenta homens aguardavam a chegada do trem. Finalmente as janelas iluminadas passaram e pararam bruscamente com grande estrépito. Era um trem expresso que só parou em Jefferson para entregar os cães. Mil toneladas de metais intrincados, estranhos e reluzentes, detiveram-se de súbito para ficar num silêncio quase surpreendente, povoado de vozes apagadas de homens, e vomitar dois fantasmas magros e servis, cujos meigos focinhos de orelhas caídas olhavam com uma humildade triste para os pálidos e cansados rostos daqueles homens que não tinham dormido muito desde a antevéspera. Era como se o agravo inicial do assassinato levasse no bojo e fizesse de todos os atos subsequentes algo de fundamentalmente monstruoso, paradoxal e injusto contra a razão e a natureza.

E juntamente saía o sol quando a justiça chegou à cabana situada atrás do apagado e já frio borralho da casa. Os cães, ou porque a luz e o calor lhes dessem coragem, ou porque os contagiasse a tensão, a grande agitação dos homens, começaram a dar voltas e a ladrar em torno da cabana. Farejando ruidosamente e como se fossem só um, tomaram uma direção e, arrastando o homem que segurava as trelas, correram um junto do outro obra de cem metros, pararam e puseram-se a cavar a terra furiosamente, descobrindo uma cavidade na qual alguém enterrara recentemente latas de conserva vazias. Foi preciso tirá-los dali à força; levaram-nos a alguma distância da cabana e fizeram outra prova. Os cães andaram aos tropeções por um momento, uivando, e empreenderam a marcha babando com as línguas pendentes, arrastando para a cabana, a toda a velocidade, os homens que corriam e praguejavam. Ao chegarem à cabana, pararam e, deitando a cabeça para trás, com os olhos revirados, uivaram junto à porta deserta com o apaixonado abandono de dois barítonos que cantassem uma ópera italiana. Os homens levaram os cães de automóvel para a cidade e deram-lhes de comer. Quando atravessaram a praça, tangiam os sinos na igreja. As pessoas devotas

passavam tranquilamente pelas ruas, com sombrinhas abertas, levando nas mãos Bíblias e livros de oração.

Naquela noite apresentaram-se para falar ao xerife um jovem camponês e seu pai. O rapaz contou que, quando ia para casa de automóvel, a uma hora tardia da noite de sexta-feira, fora detido por um homem de revólver em punho, a uma milha ou duas de distância do local do crime. E julgando que o homem quisesse roubá-lo ou talvez matá-lo, procurou entretê-lo, a fim de que ele deixasse levar o carro até a porta de sua casa, onde tinha intenção de parar, saltar e pedir socorro. Mas o homem desconfiou de alguma coisa; obrigou-o a parar o carro e a deixá-lo saltar. O pai queria saber a parte que lhes corresponderia dos mil dólares.

— Apanhem-no e veremos — respondeu o xerife. Acordaram os cães, puseram-nos em outro automóvel, e o rapaz lhes indicou o lugar onde o homem descera. Os cães farejaram a pista e saíram a toda velocidade em direção à mata, onde quase imediatamente, com sua habilidade infalível, segundo parecia, para farejar metal em todas as suas formas, encontraram o velho revólver com as duas câmaras carregadas.

— É uma pistola velha das de tambor, do tempo da guerra civil — disse o subxerife. — Uma das cápsulas estalou, mas não saiu. Que faria ele com isso?

— Soltem Os cães — replicou o xerife. — Talvez as correias os incomodem.

As correias os incomodavam realmente; deixaram-nos soltos e meia hora depois se tinham perdido. Não foram os homens que perderam os cães, mas os cães que perderam os homens. Os cães se encontravam do outro lado de um pequeno regato e de Um barranco e ladravam com orgulho, segurança, e talvez com prazer. O som que produziam agora era como o de um longo uivo. Os homens gritavam, mas, segundo parecia, os animais não os ouviam. Distinguiam as duas vozes, porém o uivo humilde, semelhante ao som de um sino, parecia sair de uma só garganta, como se os dois animais estivessem agachados, flanco contra flanco. No fim de algum tempo os homens os encontraram assim, acorados num fosso. Já então as suas vozes soavam como vozes de crianças. Os homens sentaram-se e esperaram que houvesse claridade bastante para poder encontrar o caminho até os automóveis. Já era a manhã de segunda-feira.

Na segunda-feira a temperatura começou a subir. Na noite de terça-feira a escuridão, depois do dia ardente, é sufocante e opressiva. Ao entrar em casa, Byron sente as narinas distenderem-se com o forte cheiro de ranço da casa governada por um homem. E quando Hightower se aproxima, o cheiro de carne gorda e não lavada e de roupa usada quase o domina inteiramente. Ao entrar, Byron pensa como costumava pensar de outras vezes: “É um direito seu. Pode ser que não seja essa a minha maneira, mas é a dele e ele tem seu direito.” E lembra-se de que uma vez julgou encontrar a resposta como por inspiração ou adivinhação: “É o cheiro da bondade. E evidentemente nós, os maus, os

pecadores, achamos que cheira mal.”

Sentam-se de novo um em frente do outro no gabinete, tendo de permeio a escrivaninha e a lâmpada acesa. Byron senta-se na cadeira dura e baixa a cabeça. E com voz serena e firme, com a voz de um homem que diz alguma coisa que não somente será desagradável de ouvir mas também inacreditável, fala: “Vou procurar outro lugar para ela. Um lugar mais reservado, onde ela possa...”

Hightower observa a cabeça baixa de Byron: “Por que motivo deve ela mudar-se, quando está ali comodamente e se há uma mulher nas proximidades para um caso de necessidade?” Imóvel, olhando para o solo com uma expressão tenaz, Byron não responde. Olhando para ele, Hightower pensa: “A razão é que acontecem muitas coisas. Acontecem coisas demais. É isso. O homem realiza e fabrica muito mais do que pode ou deveria suportar. Assim acaba descobrindo que pode suportar tudo. E isso. E é isso que é terrível: que pode suportar tudo, tudo.” E pergunta a Byron:

— E é só por causa de Mrs. Beard que ela se muda?

Sem levantar os olhos, Byron diz com a mesma voz firme:

“Ela precisa de um lugar que seja uma espécie de lar. Já não lhe falta muito tempo, e numa pensão onde a maioria é de homens... Um quarto onde haja silêncio, quando chegar o momento, e não uma pensão onde qualquer maldito negociante de cavalos ou qualquer jurado que atravessasse o corredor...”

— Compreendo — responde Hightower, encarando Byron. — É você quer que eu a receba aqui?

Byron faz um gesto como para responder, mas o outro continua em tom frio e monótono:

— Não, Byron, não. Se houvesse na casa outra mulher... É uma pena, com tanto espaço como o de que disponho e com o silêncio que reina aqui. Mas você deve compreender que não penso em mim; é nela que penso. Não *me* importaria o que pudessem dizer.

— Não lhe peço isso — replica Byron ainda com os Olhos baixos, mas percebendo que o outro o observa. É pensa: *Ele sabe que não é isso que eu queria dizer. Sabe. Disse isso só por dizer. Sei o que está pensando. Eu esperava que ele dissesse isso. Afinal de contas não há razão para que ele pense de modo diferente dos outros, nem mesmo a meu respeito.* “Acho que o senhor devia saber disso.” Talvez o saiba. Byron, de olhos baixos, continua com a sua voz monótona, enquanto Hightower, sentado Um pouco mais do que ereto do outro lado da mesa, contempla o rosto magro, curtido pelo tempo e vincado pelo trabalho, do homem que tem à sua frente. “Não vou metê-lo nesse negócio com o qual nada tem a ver. O senhor nem a viu e acho que nem a verá. Pensei que talvez...” Cala-se. Do outro lado da mesa o inflexível ministro olha para ele, esperando, sem oferecer-lhe auxílio. “Quando se trata de deixar de fazer alguma coisa, um homem

necessita apenas do seu próprio conselho. Mas quando se trata de fazer qualquer coisa, devem-se ouvir todos os conselhos que nos dão. Mas não vou metê-lo nesse negócio. Não quero que se preocupe com isso."

— Sim, compreendo — diz Hightower, observando o rosto do outro, que olha para o chão. "Já não vivo", pensa. "Por isso é inútil tentar fazer-me intervir no caso. Byron não me ouviria mais do que me ouviriam o outro ou a outra (e a criança também) se eu tentasse voltar à vida." — Mas você me disse que ela sabe que ele está aqui.

— Sim — diz Byron, pensativo. — Soube-o ali, naquele lugar onde eu pensava que jamais encontraria a oportunidade de fazer mal a alguém, homem, mulher ou criança. B tão logo ela chega, ponho-me a tagarelar e conto-lhe tudo.

— Não é isso que quero dizer. Nessa ocasião você mesmo não sabia. Refiro-me ao resto da história. A ele e àquele que... Já se passaram três dias. Ela já devia ter sabido, quer você lhe dissesse, quer não. Agora já deve ter ouvido contar.

— Christmas — diz Byron. — Mas eu não disse mais nada depois que ela se referiu à pequena cicatriz no canto da boca. De caminho para a cidade, naquela noite, durante todo o percurso, eu temia que ela perguntasse. Inventei os assuntos mais diversos para que ela não tivesse oportunidade de fazer perguntas. E durante todo o tempo eu procurava evitar que ela viesse a descobrir que não só Brown fugira, abandonando-a naquela situação, mas que mudara também de nome a fim de impedir que ela viesse a encontrá-lo e que agora, que afinal o encontrava, o que descobria era um contrabandista de álcool; tudo isso ela sabia. Sabia que Brown era um sujeito que não prestava para nada. — É prossegue como que admirado e ao mesmo tempo pensativo: — Nem foi preciso ocultar-lhe, mentir. Parecia saber de antemão o que eu ia dizer, que eu ia mentir-lhe. Era como se já tivesse pensado naquilo, como se não acreditasse, ainda antes que eu lhe dissesse, e isso também era natural. Mas a parte da sua pessoa que sabia da verdade, essa parte que eu não poderia enganar, ainda que quisesse... — E Byron tropeça nas palavras. O homem que olha para ele, ereto, do outro lado da mesa, não lhe oferece nenhum auxílio: — Era como se ela fosse formada de duas partes, uma das quais já soubesse que Brown era um patife. Mas a outra parte acredita que, quando um casal vai ter um filho, Deus sempre faz que os dois se reúnam, quando chega o momento. Como se o Senhor cuidasse das mulheres para protegê-las contra os homens. E se Deus não acha oportuno que aquelas duas partes se encontrem e façam uma espécie de confronto, eu tampouco irei promover isso.

— Uma tolice — diz Hightower. E, por cima da mesa, olha para o rosto imóvel, obstinado e ascético do outro, o rosto de um ermitão que viveu durante muito tempo num lugar ermo e arenoso. — A única coisa que ela pode e deve fazer é voltar para Alabama, para junto dos seus.

— Não — replica Byron prontamente, com uma decisão imediata,

como se durante todo o tempo estivesse esperando ouvir aquilo. — Ela não precisará fazer isso. Acho que não.

Apesar de conservar os olhos baixos, percebe que o outro está olhando para ele.

— Brown sabe que ela está em Jefferson?

Durante um momento Byron quase sorri. Seu lábio se ergue sem alegria, com um tênue movimento que é quase uma sombra. “Tem estado ocupado demais, atrás dos mil dólares. Vê-lo dá vontade de rir. Parece um homem que não sabe tocar uma melodia, que sopra com toda a força numa trompa, esperando que a qualquer momento esta comece a produzir música. Dá vontade de rir vê-lo, algemado, atravessar a praça de doze em doze ou de quinze em quinze horas, quando não se conseguiria que fugisse, nem ainda açulando os sabujos contra ele. Passou a noite de sábado na prisão, falando continuamente que procuravam privá-lo dos mil dólares, sob a alegação de que ele ajudara Christmas a cometer o crime, até que Buck Connor foi ao cárcere e lhe disse que o amordaçaria, se não se calasse e não deixasse os outros presos dormir. Brown calou-se. No domingo à noite os homens saíram com os cães e ele armou um tal escândalo que tiveram de tirá-lo da prisão e levá-lo também. Os cães não se resolviam a partir. Brown gritava, amaldiçoava-os e queria açoitá-los porque não farejavam a pista; e dizia a todo o mundo que o primeiro a denunciar Christmas fora ele, e que a única coisa que pedia era que fizessem justiça, até que o xerife o chamou de parte e falou-lhe. Não se sabe o que lhe disse. Talvez ameaçasse prendê-lo no cárcere, não deixá-lo sair da próxima vez. Seja como for, Brown se acalmou e os outros continuaram o trabalho. Não voltaram à cidade senão à tardinha de segunda-feira. Brown continuava silencioso. Talvez estivesse esgotado. Havia algum tempo que não dormia nada. Disseram que tencionara correr mais do que os cães e o xerife o ameaçara, dizendo que ia amarrá-lo a um dos homens para que o conservasse atrás, a fim de que os cães pudessem farejar alguma coisa mais do que o próprio Brown. Quando o prenderam sábado à noite, ele tinha grande necessidade de fazer a barba, e acho que ainda tem. Devia ter mais aspecto de criminoso do que o próprio Christmas. Praguejou contra Christmas, como se este se tivesse escondido para lhe pregar uma peça e zombar dele, impedindo-o de receber os mil dólares. Conduziram-no à prisão e o trancafiaram. Hoje de manhã tornaram a tirá-lo e o levaram com os cães em busca de nova pista. Dizem que se ouvia sua voz e seus gritos, até que se afastaram da cidade.”

— E você diz que ela não sabe. Diz que lhe ocultou isso. Prefere ocultar-lhe a preveni-la de que Brown é um patife, um imbecil?

Byron permanece quieto, sem sorrir, com uma expressão serena. “Não sei. No domingo passado, à noite, depois que estive aqui conversando com o senhor, voltei para casa e julgava que ela estivesse na cama, dormindo. Mas encontrei-a sentada na sala. Perguntou-me: ‘Que

há? Que foi que aconteceu aqui?’ Não olhei para Lena, mas senti que ela olhava para mim. Disse-lhe que um negro matara uma mulher branca. Não menti. Senti-me contente por não ter de mentir. Porque, antes de ter pensado, acrescentei que ‘tocara fogo na casa’. E já era tarde demais. Eu lhe mostrara a fumaça e falara nos dois indivíduos de nome Brown e Christmas que moravam ali. E notei que ela olhava para mim, como percebo que o senhor olha agora para mim. Perguntou-me: ‘Como se chama o negro?’ Dir-se-ia que por meio de uma mentira Deus dispõe que se descubra o que se precisa saber, sem ser preciso perguntar. Por isso não sei com certeza o que ela sabe nem o que ignora. Ocultei-lhe, é certo, que o homem que ela procura foi quem denunciou o assassino e está agora na prisão, exceto quando se encontra fora com os cães para acossar o homem que o acolheu e o tratou como amigo. Isso lhe ocultei.”

— E você que pretende fazer agora? Para onde ela deseja mudar-se?

— Quer ir para lá e ficar à espera dele. Eu disse-lhe que Brown está fora numa missão de que o encarregou o xerife. E isso não era de todo uma mentira. Ela já me havia perguntado onde morava Brown e eu lhe disse. Respondeu-me que era ali que devia estar até que Brown regressasse, visto que era a casa dele. Disse que era isso que ele desejaria que ela fizesse. Eu não podia contradizê-la, não podia dizer-lhe que a cabana era o lugar aonde Brown menos desejaria que fosse. Ela queria ir para lá assim que eu voltasse esta noite do trabalho na serraria. Já tinha a trouxe pronta, estava de coifa e só esperava por mim- “Querida ir sozinha, mas não sei o caminho”, disse-me. Respondi que já era muito tarde e que iríamos amanhã. E ela: “Estará claro ainda durante uma hora. Não são só duas milhas?” Respondi que precisávamos esperar um pouco, porque tinha de consultar antes uma pessoa.. “Consultar quem? A casa não é de Lucas? Parece-me que o senhor me disse que Lucas morava ali. Quem é esse pregador com quem o senhor sempre fala a meu respeito?”, perguntou-me, sem tirar os olhos de mim.

— E vai deixá-la morar lá?

— Talvez seja o melhor. Ali ela estaria independente e longe de todos esses falatórios, até que se conclua o caso.

— Quer dizer então que ela já resolveu e que você não vai detê-la. Não quer detê-la.

— De certa maneira é a casa dele. É o que ele poderá possuir de mais parecido com um lar. E Brown é seu...

— Sozinha ali, esperando uma criança! As vivendas mais próximas são cabanas de negros, a meia milha de distância — pondera Hightower e observa a fisionomia de Byron-

— Já pensei nisso. Há expedientes, há coisas que se podem fazer...

— Que coisas? Que poderá você fazer para protegê-la ali?

Byron não responde logo. Conserva-se calmo ao falar.

— Há coisas reservadas que um homem pode fazer sem ser mau, sem levar em conta o que possa parecer aos outros.

— Não creio, Byron, que você seja capaz de fazer alguma coisa muito má, prescindindo do que possa pensar a gente. Mas poderá você dizer até que ponto existe o mal sob a aparência do mal, onde se detém o mal entre praticá-lo e a sua aparência?

— Não — diz Byron, mexendo-se ligeiramente e falando como se estivesse despertando. — Espero que não. Trato de fazer o que me parece deve ser feito segundo as minhas próprias luzes.

(“É essa a primeira mentira que ele já me disse”, pensa Hightower. “A primeira mentira que já disse algum dia a alguém, homem ou mulher, inclusive talvez a si mesmo.”)

E, por cima da mesa, olha para o rosto resoluto, firme e sereno que ainda não se dignou olhar para ele: “É possível que não seja mentira, pois que ele próprio não sabe que é.” E diz com uma espécie de aspereza falsa, desmentida pelas faces balofas e as escuras cavernas dos olhos:

— Nesse caso já está tudo arranjado. Leve-a para lá, para a casa dele, e deixe-a à vontade e que não a incomodem até que tenha terminado tudo. Depois vá dizer a Bunch ou Brown que ela está aqui.

— E Brown deitará a correr — diz Byron. Parece que por todo o corpo lhe perpassa uma onda de entusiasmo, de triunfo, que ele não pode ocultar, que já é demasiado tarde para que tente ocultar. No momento não procura dominá-la. Recosta-se na cadeira dura com uma expressão de confiança, de audácia, de exuberância, e pela primeira vez olha para o ministro. Hightower aparta-lhe o olhar com firmeza.

— É isso que você quer que Brown faça? — pergunta Hightower. Estão sentados à luz da lâmpada. Pela janela penetra o silêncio infinito e ardente da noite tranquila. — Pense no que faz. Está procurando interpor-se entre marido e mulher.

Byron consegue dominar-se. Não tem já uma expressão triunfante, mas olha fixamente para o homem mais velho do que ele. Talvez tenha tentado dominar também a voz, mas não conseguiu ainda.

— Ainda não são marido e mulher — replica.

— É essa a opinião dela? Você acha que ela dirá isso? — Olham um para o outro. — Ah! Byron, Byron! Que significam diante da tenacidade da natureza feminina algumas palavras resmungadas diante de Deus? Que significarão essas palavras diante da criança?

Bem. É possível que, se receber a recompensa de mil dólares, se embebede o bastante para fazer qualquer coisa, inclusive casar.

— Ah! Byron! Byron!

— Então que acha o senhor que eu devo, que nós devemos fazer? Que me aconselha?

— Ir embora. Saia de Jefferson. — Entreolham-se. — Não, você não

precisa do meu auxílio. Existe alguém mais forte que já o está ajudando — diz Hightower.

Byron fica um momento calado. Encaram-se ainda fixamente.

— Quem é que me está ajudando?

— O demônio — responde Hightower.

“O diabo está-se ocupando com ele também”, pensa Hightower. Vai seguindo para casa, carregando no braço a cestinha das compras. Está no meio do caminho. “Também com ele, também com ele”, pensa, enquanto caminha. Faz calor. Alto, com as pernas finas metidas nas calças pretas, os braços e os ombros magros, em mangas de camisa. O ventre fofo e volumoso tem qualquer coisa de uma gravidez monstruosa. A camisa é branca, mas está suja. O colarinho também está sujo, a gravata está posta com desleixo, e há três dias que ele não faz a barba. Por baixo do sujo chapéu panamá, aparecem as pontas de um lenço enxovalhado, posto entre o chapéu e o crânio, por causa do calor. Como de costume, no meio da semana foi à cidade fazer suas provisões, e com a barba grisalha, crescida, magro, disforme, com as mãos tarjadas de preto e o cheiro de bafio, cheiro de homem e de carne sedentária que não se banha, entrou no único armazém de que é freguês, e no qual se nota o mau cheiro e a desordem, e fez suas compras.

— Finalmente, encontraram a pista do tal negro — disse o dono do armazém.

— Negro? — estranhou Hightower, imobilizando-se totalmente quando ia meter no bolso o troco das compras.

— Desse.... do assassino. Eu sempre disse que não era um homem normal, que não era branco, tinha qualquer coisa de estranho. Mas não se pode dizer nada até...

— Encontraram-no? — perguntou Hightower.

— Naturalmente. Ao chapado imbecil nem ao menos ocorreu fugir do condado. O xerife telefonou para toda parte, em busca do negro filho da... e ele aqui, nas suas próprias barbas.

E o agarraram...

Hightower inclinou-se para a frente e apoiou-se no balcão, por cima da cesta cheia. Sentia a borda do balcão roçando no seu ventre. Sentia-o sólido, estável, e parecia-lhe que a terra se balançava levemente, pronta para mover-se. Depois pareceu-lhe que ela se movia num balanço crescente, como qualquer coisa que se solta lentamente e sem pressa, e que se mexia com habilidade, pois que aos olhos, numa sensação enganosa, fazia crer que as sujas prateleiras, nas quais se alinhavam latas manchadas de excrementos de moscas e o negociante que estava atrás do balcão, se haviam mexido também. Entretanto, pensava: “Não, não, não. Comprei a imunidade. Paguei, paguei.”

— Não o pegaram ainda — acrescentou o dono do armazém — mas vão pegá-lo. O xerife levou os cães à igreja antes do amanhecer. Não têm

mais de seis horas de atraso. E pensar que o rematado imbecil não teve mais senso comum... Quando mais não fosse, bastaria isso para provar que é negro.

Em seguida disse:

— Só isso por hoje?

— O quê? — perguntou Hightower.

— Se é só disso que o senhor precisa hoje.

— Sim, sim. Era isso...

Depois de remexer no bolso, sob o olhar do dono, pôs desajeitadamente a mão sobre o balcão. O dono segurou duas ou três moedas que estavam a ponto de rodar para o soalho.

— Para que isso?

— Para... — E a mão de Hightower mexia na cesta cheia.

O dono do armazém observava-o com curiosidade.

— O senhor já pagou. Este é o troco que lhe dei. O troco da nota de dólar.

— Ah! Sim, sim — disse Hightower. O proprietário do armazém apanhou as moedas e devolveu-as. Ao tocar na mão do freguês, pareceu-lhe que era de gelo.

— É o calor — disse o homem. — Esgota todo o mundo. Não quer sentar-se um pouco, antes de voltar para casa?

Mas, segundo parecia, Hightower não o ouviu, encaminhou-se para a porta seguido do olhar do dono do armazém e saiu para a rua, com a cesta no braço, o passo tímido e cauteloso de uma pessoa que caminha sobre o gelo. Estava muito quente. O asfalto exalava um calor que punha uma espécie de nimbo nos edifícios familiares da praça, num claro-escuro vivo e palpitante. Alguém lhe falou ao passar, mas Hightower nem notou e prosseguiu o seu caminho, enquanto pensava: *Dele também, dele também*. Caminhou tão depressa que, quando dobrou a esquina e entrou finalmente na ruazinha morta e deserta onde o esperava a pequena casa deserta e morta, ia quase ofegante. “É o calar”, dizia-lhe o pensamento superficial, reiterando-lhe a explicação. E contudo, até na rua silenciosa onde ninguém se detinha já para olhar o letreiro e a casa — o seu santuário, que já estava à vista — brotou-lhe de novo no espírito o pensamento consolador, como se fossem palavras que lhe estivessem dizendo em voz alta: “Não, não. Comprei a imunidade. Paguei. Ninguém pode dizer que eu tenha regateado o preço. Queria apenas paz e paguei, sem regatear, quanto me pediram” A rua treme e parece flutuar. Hightower suou e até o ar do meio-dia lhe parece fresco. E tudo — suor, calor, miragem — se funde numa irreparabilidade que suprime toda lógica e toda justificação e as apaga como se apagaria o fogo: *Não quero. Não quero.*

Sentado junto à janela do escritório, quando começava a escurecer,

viu Byron passar à luz do lampião da rua; e inclinou-se para a frente na cadeira. Não era que sentisse surpresa por ver Byron àquela hora. No momento em que reconheceu a sua figura, pensou: *Ah! Já me parecia que havia de vir esta noite. Não está em sua natureza suportar sequer a aparência do mal.* Enquanto pensava nisso, inclinou-se para diante, um tanto assustado; tendo reconhecido a figura que se aproximava na luz viva, julgou por um momento ter-se equivocado, sabendo, entretanto, que não podia equivocar-se, que não podia ser outro senão Byron, porquanto este já estava abrindo a porta.

Byron está completamente mudado esta noite. Vê-se isso na sua maneira de andar, no seu jeito. E inclinando-se para a frente, Hightower diz consigo: *Como se tivesse aprendido a ser orgulhoso, a desafiar.* Byron caminha depressa e de cabeça erguida. De repente Hightower diz, quase em voz alta: “Fez alguma coisa. Deu algum passo.” Inclinado na janela escura, contempla a figura que perde rapidamente de vista em direção ao pórtico, à entrada onde um momento depois ouvirá o ruído dos passos de Byron e sua voz chamando. Hightower faz estalar a língua. “E não me quis dizer”, pensa. “Eu devia tê-lo ouvido, deixado que pensasse em voz alta para mim.”

Atravessa a sala; para junto à mesa a fim de acender a lâmpada e vai até a porta da frente.

— Sou eu, reverendo — diz Byron.

— Já o havia reconhecido — responde Hightower. — E hoje você não tropeçou no degrau. Você tem entrado nessa casa no domingo à noite, mas até hoje nunca havia entrado sem tropeçar no primeiro degrau, Byron.

Era nesse tom que começavam geralmente as visitas de Byron, com uma nota ligeiramente dominante de superficialidade e de efeito, como que para pôr o outro à vontade; e da parte do visitante, com essa reserva lenta e aldeã que é cortesia.

Dessa vez, porém, Byron já entrou antes de Hightower terminar o parágrafo. Entra imediatamente, com o seu novo ar, misto de segurança e desafio.

— Acho que vai descobrir que seria melhor eu tropeçar — diz Byron.

— Isso é uma esperança ou uma ameaça?

— Não o disse como se fosse uma ameaça — responde Byron,

— Ah! Quer dizer então que não pode dar esperanças? — diz Hightower. — Muito bem. Pelo menos já estou prevenido. Já estava prevenido desde o momento em que o avistei à luz do lampião. Mas embora julgasse que não devia dizer-me antes, pelo menos vai dizer-me agora o que já fez.

Encaminham-se para o escritório. Byron para; olha para trás e para cima, para o rosto em plano superior ao seu.

— Então já sabe — diz. — Já lhe contaram. — E apesar de não ter mexido com a cabeça, já não está olhando para o outro. — Bem — diz ele —, todo mundo tem direito de falar, mas eu desejaria saber quem foi que lhe contou. Não é que me envergonho disso, nem também que tivesse intenção de ocultar do senhor a verdade. Eu mesmo viria dizer-lhe logo que pudesse.

Estão de pé, justamente do lado de fora da porta que dá para a sala iluminada. Hightower vê agora que os braços de Byron estão carregados de embrulhos e pacotes que parecem conter comestíveis.

— Que é? Que é que me vem contar? Mas entre. Talvez eu já saiba do que se trata. Porém quero ver o seu rosto, quando contar. Eu também o previno, Byron.

Entram no aposento iluminado. Os embrulhos são de mantimentos. Hightower já comprou e carregou muitos deles, de modo que os conhece perfeitamente.

— Sente-se — diz.

— Não — responde Byron. — Não vou ficar muito tempo.

E permanece de pé, sereno, com uma expressão compassiva, mas de decisão sem jactância, de confiança sem autoritarismo; com o ar de um homem que se dispõe a fazer qualquer coisa que sabe não vai agradar a um amigo e que, no entanto, lhe parece justa. Diz:

— O senhor não vai gostar, mas não pode ser de outra maneira. Desejaria que compreendesse, que fosse da mesma opinião, mas provavelmente não será. E acho que é só.

Sentado outra vez, do outro lado da secretária, Hightower observa Byron com ar grave.

— Que fez você, Byron?

Byron fala com o seu novo tom de voz conciso, tendo cada palavra um sentido definido.

— Levei-a para lá naquela mesma noite. Eu já havia arrumado e limpado bem a cabana. E agora ela está instalada. Ela queria. É o que de mais parecido com um lar poderá ter algum dia. E areio que tem o direito de utilizá-la, principalmente porque o dono não faz uso dela, pois está detido em outra parte, por assim dizer. Sei que o senhor não vai gostar. Poderá apresentar muitas razões, e boas. Poderá, dizer que, como a cabana não lhe pertence, ele não pode cedê-la. Está bem. É possível que não lhe pertença. Mas não há homem nem mulher nesses arredores que diga que ela não pode ocupá-la. Dirá o senhor que no estado em que ela se encontra devia ter uma mulher ao seu lado. Bem. Há uma negra velha, e que por isso deve ter juízo, que vive a duzentos metros da casa e a quem ela pode chamar, sem precisar erguer-se da cama ou da cadeira. Dirá o senhor que não é uma mulher branca. É eu lhe pergunto: que é que Lena pode esperar das brandas de Jefferson, quando a criança nascer, se, estando em Jefferson apenas há uma semana, não pode falar dez minutos com uma mulher sem que esta saiba

logo que ela não é casada e que não vai casar enquanto o patife não estiver num lugar onde ela possa vê-lo de vez em quando? Que auxílio lhe prestarão as senhoras brancas quando chegar a sua hora? É claro que tratarão de dar-lhe uma cama entre quatro paredes que a ocultem da rua, mas não é isso que quero dizer. E creio até mesmo que aquele que disser que ela não tem direito a mais do que isso estará justificado, porquanto não ficou entre quatro paredes no estado em que está. Mas à criança ninguém deu o direito de escolher e, ainda que lhe tivessem dado, penso que a pobrezinha, tendo de enfrentar o, que terá de enfrentar na vida, merece mais do que... mais do que... Já sabe o senhor o que quero dizer. Creio que até o senhor mesmo poderia dizer.

Hightower olha para ele do outro lado da mesa, enquanto Byron fala num tom monótono e contido, sem que lhe falte uma palavra, enquanto não tropeça em certa coisa demasiado nova e nebulosa para que ele possa fazer mais do que sentir: “E por uma terceira razão: uma mulher branca sozinha ali. O senhor não gostará disso. É do que menos vai gostar.”

— Ah, Byron, Byron.

É Byron contém a voz. Mas continua, a cabeça erguida:

— Não estou na mesma cabana que ela. Tenho uma tenda, que também não é próxima da casa, mas fica a distância suficiente para que eu possa ouvi-la se precisar de mim. Pus um ferrolho na porta. Quem quiser pode chegar a qualquer momento e ver-me na tenda..

— Ah, Byron, Byron.

— Já sei que não está pensando o que pensa a maioria. Já sei que o senhor compreenderia melhor, ainda que ela não fosse... ainda que não fosse pela razão de... Sei que o senhor disse aquilo porque sabe o que os outros vão pensar.

Hightower senta-se novamente numa atitude de ídolo oriental, entre os braços paralelos que repousam sobre os braços da cadeira.

— Vá embora, Byron. Agora. Imediatamente. Abandone para sempre esse lugar terrível, esse lugar terrível, terrível. Leio em você como num livro. Você vai dizer-me que acaba justamente de saber o que é o amor, e eu lhe direi que acaba de saber o que é a esperança. O objeto não importa, nem a esperança, nem mesmo a você. Há apenas um fim para tudo isso, para o caminho que você vai tomando: o pecado ou o casamento. E o pecado você recusaria. Isto é, Deus me perdoe, no seu caso será o casamento ou nada. E você insistirá em que seja o casamento. Você a convencerá. Talvez já a tenha convencido; do contrário, por que ela ficaria ali, sem fazer esforço algum para encontrar o homem a quem veio procurar? Não posso dizer-lhe que escolha o pecado, porque você não só viria a odiar-me mas até transmitiria esse ódio diretamente a ela. Por isso digo: Vá embora agora mesmo. Imediatamente, Volte as costas agora e não olhe para trás. Mas não isso, Byron.

Olham um para o outro.

— Eu sabia que o senhor não iria gostar — diz Byron. — Acho que fiz bem em não aceitar o seu convite para me sentar. Mas por essa não esperava eu: que se voltasse também contra uma mulher ofendida e traída...

— À mulher que teve um filho ninguém fez traição: o marido de uma mulher que tem um filho — seja ou não o pai deste — é sempre um marido enganado. Conceda você a si mesmo pelo menos uma oportunidade entre dez, Byron. Se tem de casar, há por aí moças, donzelas. Não é justo que se sacrifique por uma mulher que já escolheu uma vez e que agora quer renegar o que escolheu. Não é direito. Não é justo. Não era essa a intenção de Deus quando criou o casamento. Mas seria Deus quem o criou? Não: o casamento, criaram-no as mulheres.

— Sacrifício? Sacrifício meu? Parece-me que o sacrifício...

— Não se sacrifique por ela. Para as Lena Grove haverá sempre dois homens no mundo e o seu número constitui legião: os Lucas Burch e os Byron Bunch. Mas nenhuma Lena, mulher alguma merece mais do que um deles. Nenhuma. Tem havido mulheres boas que se casam com brutos e bêbedos. Mas qual é a mulher boa ou má que já sofreu mais algum dia nas mãos de algum bruto do que têm sofrido os homens nas mãos das mulheres boas? Diga-me, Byron.

Falam tranquilamente, sem exaltação, fazendo pausas para pesar as palavras um do outro, como dois homens já inexpugnáveis em suas convicções.

— Acho que tem razão — diz Byron. — Em todo caso não é a mim que cabe dizer que o senhor não tem razão. E acho que o senhor também não me pode dizer que não tenho razão, ainda que eu não a tenha.

— Não — diz Hightower.

— Ainda que eu não tenha razão — repete Byron. — Por isso vou dizendo boa-noite. É uma boa caminhada daqui até lá — diz ele tranquilamente.

— Sim — diz Hightower. — Eu costumava fazê-la de vez em quando. Devem ser mais ou menos três milhas.

— Duas — diz Byron, voltando-se. Hightower não se move. Byron muda a posição dos embrulhos que nem ao menos depusera sobre a mesa. Encaminha-se para a porta: "Até breve. Até qualquer dia."

— Sim — diz Hightower. — E que poderei fazer? Precisa de alguma coisa? Roupa de cama ou coisa semelhante?

— Obrigado. Penso que Lena tem bastante. Já havia alguma na cabana. Obrigado.

— Avisará se acontecer alguma coisa? Se a criança.., Já tratou de arranjar médico?

— Vou tratar disso.

— Já falou com algum?

— Vou tratar disso. Darei conta de tudo ao senhor.

Saiu. Da janela Hightower o vê passar rua acima, em direção aos arredores da cidade e rumo às duas milhas, carregado dos seus embrulhos de mantimentos. Desaparece da vista, caminhando ereto e a passo firme, um passo que um homem de idade já de carne balofa e fôlego curto, um velho que tenha levado vida muito sedentária não pode acompanhar. E Hightower inclina-se sobre a janela, ao calor de agosto, esquecido dos odores em que vive — o cheiro das pessoas que já não vivem na vida —, esse cheiro de dessecação da obesidade e de roupa velha que é como o precursor do túmulo —, ouvindo o rumor de passos que julga ouvir ainda muito tempo depois que já não pode mais ouvir e pensa: “Deus o abençoe! Deus o abençoe!” *Ser jovem, ser jovem. Não há nada que se compare com isso, nada que se compare com isso.* Reflete com serenidade: “Eu não devia ter perdido o hábito de rezar.” Finalmente já não ouve os passos. Não ouve senão as miríades de insetos. Apoiado na janela, respirando o cheiro ardente e exuberante da terra, pensando que na sua juventude gostava do escuro, gostava de sentar-se sozinho entre as árvores, à noite. O solo, a casca das árvores, adquiriam então uma realidade selvagem, cheia e evocativa de meias delícias e meios terrores estranhos e perniciosos. E tinha medo. Tinha medo e gostava de ter medo. Um dia, durante a sua permanência no seminário, compreendeu que já havia passado o medo. Era como se alguém tivesse fechado uma porta em qualquer parte. Já não tinha medo da escuridão. Apenas a detestava e fugia dela, para onde houvesse paredes e luz artificial. “Sim, eu nunca devia ter perdido o hábito de rezar”, pensa, afastando-se da janela. Uma das paredes do gabinete está coberta de fileiras de livros. Hightower para diante deles e procura até encontrar o que deseja. É de Tennyson. Um volume com as páginas dobradas. Ele o possui desde os tempos do seminário. Senta-se sob a lâmpada e abre-o. Mas aquilo não dura muito: a bela linguagem galopante, o lânguido desmaio de árvores sem seiva e de desejos desidratados começam a flutuar de leve, vertiginosos e tranquilos. É melhor do que rezar, pois dispensa o trabalho de pensar em voz alta. É como escutar numa catedral o canto de um eunuco numa língua que nem mesmo ele precisa entender.

— Nessa cabana mora alguém — disse o subxerife ao xerife. — Não é uma pessoa que se esconde. É alguém que mora ali.

— Vá ver — replicou o xerife.

O subxerife foi até lá e voltou.

— É uma mulher. Uma mulher jovem. Tem o ar de quem se instalou ali para morar durante muito tempo. E Byron Bunch armou uma tenda que fica a uma distância dessa cabana como daqui ao correio.

— Byron Bunch? — pergunta o xerife. — Quem é a mulher?

— Não sei. É desconhecida. Jovem. Contou-me tudo. Começou contando tudo antes mesmo de eu entrar na cabana, como se fizesse um discurso, como se estivesse acostumada, como se tivesse o hábito de contar. E é provável que o tenha, pois vem não sei de que lugar do Alabama em busca do marido. Segundo parece, o marido veio antes para procurar trabalho e no fim de algum tempo veio ela também; no caminho disseram-lhe que ele estava aqui. Naquele momento chegou Byron e disse que me contaria tudo. Tinha intenção de vir contar-lhe tudo.

— Byron Bunch? — perguntou o xerife.

— Sim — diz o subxerife. — A mulher espera um filho. E não tardará muito.

— Um filho? — exclama o xerife olhando para o outro.

— De Alabama. Deus sabe de onde! Não me venha dizer que o filho é de Byron Bunch.

— Não quero dizer isso — replica o subxerife. — Não digo que seja de Byron. Nem também Byron diz que é dele. Estou-lhe contando o que ele me disse.

— Ah! Muito bem — diz o xerife. — E como é que ela se encontra ali? Deve ser um dos dois. Será Christmas?

— Não. O que Byron me disse foi o seguinte. E para me contar levou-me para fora, de modo que ela não ouvisse. Disse que tinha intenção de vir contar-lhe tudo. É Brown. Apenas o seu nome não é Brown, mas Lucas Burch. Byron contou-me que Brown ou Burch deixou-a em Alabama, dizendo que vinha procurar trabalho e montar casa, para mandá-la vir depois. Como, porém, se aproximasse o tempo e ela não ouvisse falar mais nele, não sabendo onde estava nem nada, resolveu não esperar mais e veio a pé, perguntando pelo caminho a toda a gente se conhecia Burch. Ao cabo de algum tempo disseram-lhe que na serraria de Jefferson trabalhava um indivíduo chamado Burch ou Burch. Então ela veio para cá. Chegou sábado num carro, enquanto estávamos todos no local do crime, foi à serraria e descobriu que havia ali um Bunch, em vez de Burch. E antes de perceber, Byron lhe diz que seu marido está em Jefferson. E ela o apertou tanto que Byron teve de lhe dizer onde Brown residia. Mas Byron não lhe contou que Brown ou Burch está implicado com Christmas no caso do assassinato.

Disse-lhe apenas que ele se encontra ausente, a negócio. E acho que é mesmo uma espécie de negócio, ou trabalho, pelo menos. Nunca vi um homem desejar tanto mil dólares e sofrer tanto para consegui-los. A mulher disse então que a casa de Brown devia ser a que Lucas prometera instalar para ela. Mudou-se pois para lá, e espera que Brown volte desse negócio em que está empenhado. Byron diz que não podia impedir isso, pois não desejava contar-lhe a verdade acerca de Brown depois de já lhe ter, a bem dizer, mentido. Disse que tencionava vir contar-lhe tudo; apenas o senhor averiguou tudo muito depressa, antes que ele a tivesse instalado convenientemente.

— Lucas Burch? — pergunta o xerife.

— Também fiquei um pouco surpreso — diz o subxerife. — Que pretende o senhor fazer?

— Nada — replica o xerife. — Não irão fazer mal a ninguém por aqui. E a casa não é minha para que eu possa expulsá-la de lá. E como Byron disse a ela, Burch ou Brown, ou como quer que se chame, vai ficar ocupado ainda durante algum tempo.

— E o senhor pretende falar com Brown a respeito dela?

— Não — diz o xerife. — Não tenho nada a ver com isso. Não me interessam as esposas que ele possa ter deixado em Alabama ou em qualquer outra parte. O que me interessa é o marido que, segundo parece, ele arranjou desde que veio para Jefferson.

O subxerife solta uma risada.

— É verdade. — Depois fica sério e pensativo. — Parece-me que, se não ganhar os mil dólares, o homem morre.

— Acho que não os ganhará — diz o xerife.

Às três da manhã de quarta-feira um negro entrava na cidade, montado numa mula sem sela e, dirigindo-se à casa do xerife, o acordava. Vinha diretamente de uma igreja de negros, situada a vinte milhas, na qual se realizava uma reunião de renovação espiritual.^[4] Naquela noite, quando se cantava um hino, viram um homem de pé na porta. A porta não estava fechada, nem sequer encostada, e o homem, ao que parecia, agarrara-a pela maçaneta, atirando-a de encontro à parede e produzindo um estrondo tal que ecoou entre as vozes harmoniosas como um tiro de revólver. O hino cessou bruscamente. O homem foi andando pela nave e se aproximou do púlpito, onde o pregador se inclinava, com as mãos no alto e a boca ainda aberta. Os fiéis viram então que era um branco. Na sombra densa, semelhante à de uma caverna, que duas lâmpadas de azeite ainda mais acentuavam, não puderam dizer que homem era aquele, enquanto não o viram chegar ao meio da nave. Viram então que o semblante não era preto. Uma mulher começou a gritar e os que se encontravam atrás pularam e puseram-se a correr para a porta. Outra mulher, que se encontrava no banco das carpideiras, já em estado de semi-histeria, pôs-se de pé num pulo, rodopiou e encarou-o por um

momento, revirando os olhos e berrou; “É o capeta! É Satanás em pessoa!” Depois deitou a correr sem’ ver mais nada. Lançou-se sobre um homem. Este atirou-a no chão e, sem parar, passou por cima dela, dirigiu-se para o púlpito e deitou a mão ao ministro, enquanto aquelas caras, ainda boquiabertas depois do canto, se abatiam espavoridas diante dele.

“Ninguém o deteve”, disse o mensageiro. “Aconteceu tudo muito depressa e ninguém sabia quem era o homem ou o que desejava. Não se sabia de nada. As mulheres gritavam, soltavam alaridos. O homem encaminhou-se diretamente para o púlpito e agarrou o irmão Bedenberry pelo pescoço, procurando tirá-lo do púlpito. Vimos então que o irmão Bedenberry falava com ele, procurando acalmá-lo, e ele a puxar o irmão e a bater-lhe no rosto. As mulheres soltavam tais berros que não se ouvia o que o irmão Bedenberry dizia, mas via-se que não retribuía os socos. Finalmente alguns dos velhos auxiliares do ministro se aproximaram do agressor, tentando falar-lhe. Então o homem soltou o irmão Bedenberry, voltou-se e atirou-se contra o pai Thompson, que tem setenta anos, e o fez cair sobre o banco das carpideiras. Em seguida agarrou uma cadeira, fê-la girar e atirou-a sobre os outros que retrocederam. Toda a gente continuava gritando e tratando de safar-se. O homem subiu ao púlpito, do qual descera pelo outro lado o irmão Bedenberry, e pôstou-se ali, de mãos erguidas, como um pregador. Tinha a camisa e as calças enlameadas e o rosto enegrecido pela barba. Começou a amaldiçoar toda a gente, aos brados, e a blasfemar com uma voz que se ouvia acima dos gritos das mulheres. Alguns fiéis procuraram conter Roz Thompson, com um metro e oitenta de altura, filho da filha do velho Thompson. Empunhava uma navalha e vociferava: ‘Deixem-me. Mato-o. Bateu no meu avô. Mato-o. Deixem-me, por favor, deixem-me.’ E todos corriam fugindo, atropelando-se na nave e na porta, e o homem sempre a blasfemar no púlpito. Levaram Roz à força, mas ele continuava a pedir que o soltassem. Finalmente tiraram Roz dali e nós nos escondemos no mato, enquanto o homem continuava a proferir maldições e berros no púlpito. Afinal desceu, passado algum tempo, e o vimos aparecer na porta. Tiveram de conter Roz novamente. O homem ouviu decerto o escândalo provocado pelos que procuravam conter Roz, porque começou a rir. Permaneceu na porta, de costas para a luz, rindo alto. Em seguida começou novamente a blasfemar e o vimos agarrar um banco e lançá-lo no fundo. Ouvimos o barulho de uma lâmpada quebrando. Daí a pouco estourou a outra. A igreja ficou às escuras e não pudemos mais ver o homem. Do lugar onde seguravam Roz ergueu-se um tumulto terrível. Gritavam: ‘Segurem-no, peguem-no, peguem-no. Depois alguém gritou: ‘Ele fugiu’, e percebemos Roz correndo para a entrada da igreja. O sacristão Vines disse-me: ‘Roz vai matá-lo. Monte numa mula e vá procurar o xerife. Conte-lhe o que viu. E ninguém o molestou, capitão’, disse o negro. ‘Nem ao menos sabemos como se chama. Nunca o vimos. Fizemos o possível para deter Roz, porém ele é um homem muito forte e o

desconhecido derrubara seu avô que tem setenta anos, e Roz tinha na mão uma navalha e pouco lhe importava ferir alguém para abrir caminho até a igreja onde o branco estava. Deus sabe que fizemos o possível para segurar Roz.' "

Foi isso que ele contou, pois era o que sabia, e partiu imediatamente. Não sabia o negro que, no momento em que contava aquilo, Roz jazia sem sentidos numa cabana, com uma fratura no crânio, produzida pelo golpe que Christmas lhe dera no escuro, atrás da porta, com o pé do banco, quando ele irrompera pela igreja adentro. Christmas não deu senão um golpe violento, feroz, vibrando-o na direção do ruído de passos e à sombra volumosa que se precipitara pela porta, e ouviu Roz cair com estrépito sobre os bancos virados. Sem se deter, Christmas saltou para o chão e permaneceu de pé um momento, segurando ainda o banco. Nem sequer, ofegava. Estava perfeitamente calmo. Não suava; invadia-o a frescura da escuridão. O adro da igreja era um pálido crescente de terra pisada e revolta, encerrado entre matos e árvores. Ele sabia que o mato estava cheio de negros. Podia sentir-lhes os olhares. "Estão olhando, estão olhando", pensava Christmas. "Nem ao menos sabem que não me podem ver." Respirou profundamente e notou que segurava o pé do banco de uma maneira curiosa, como que procurando mantê-lo em equilíbrio, como se antes não tivesse tocado nele. "Farei nele um corte amanhã", pensou. E encostando-o cuidadosamente à parede, tirou de dentro da camisa um cigarro e um fósforo. Ao acender o fósforo, fez uma pausa e, enquanto a chaminha amarela se adivava, voltou ligeiramente a cabeça. O que ouviu foi um tropel de cascos de cavalo. Percebeu que os cascos se aproximavam mais e se tornavam vertiginosos, logo diminuindo. "Uma mula", disse em voz alta, mas não muito. "Vai à cidade levar a boa notícia." Acendeu o cigarro, atirou longe o fósforo e permaneceu quieto, fumando. E sentiu que os olhares dos negros estavam cravados no minúsculo carvãozinho vivo. Conquanto permanecesse ali até terminar o cigarro, conservava-se alerta. Encostou-se à parede e de novo segurava o pé do banco com a mão direita. Fumou o cigarro até o fim e depois atirou-o, a tremeluzir, a boa distância, no mato onde sentia que os negros se encontravam agachados. "Aí vai uma pontinha de cigarro, rapazes", disse bruscamente, com voz que ressoou no silêncio. Do mato onde estavam acorados, os negros contemplaram o cigarro vir piscando até tocar a terra e luzir ali ainda algum tempo. Mas não puderam ver quando Christmas partiu, nem que direção tomou.

O xerife chegou às oito horas da manhã do dia seguinte com a sua comitiva e os cães. Fizeram imediatamente uma captura, conquanto os cães nada tivessem a ver com ela. A igreja estava deserta. Não se via ali um negro. O grupo entrou e examinou calmamente os destroços. Depois saiu. Os cães haviam dado logo com qualquer coisa, mas, antes de saírem, um agente de polícia encontrou um pedaço de papel metido na fenda de uma tábua, numa das paredes da igreja. Não havia dúvida de que mãos

humanas o haviam posto ali. Depois de aberto, viram que era o forro de um maço de cigarros, roto. É alisado, em cujo reverso branco via-se um bilhete escrito a lápis. A caligrafia era muito tosca, como de mão pouco prática ou talvez por ter a mensagem sido escrita no escuro. Constava de uma única frase, impossível de publicar-se, e era dirigida pessoalmente ao xerife. Não trazia assinatura. “Eu não lhe disse?”, exclamou um dos do grupo, sujeito de barba crescida, tão enlameado como devia estar o homem que caçavam e que ainda não tinham visto. Sua fisionomia traduzia desalento e desilusão e sua voz estava tão rouca como se recentemente ele tivesse falado e gritado muito e em vão. “Eu bem lhe disse. Disse-lhe muitas vezes.”

— Disse o quê? — perguntou o xerife com voz fria e tranquila, dirigindo ao outro um olhar frio e tranqüilo e tendo na mão o bilhete escrito a lápis. — Que foi que você me disse e quando?

O outro, ofendido, desesperado, com a paciência quase a esgotar-se, olhou para o xerife. E o subxerife, olhando para ele, pensava: “Se este não obtiver a tal recompensa, morrerá.” O outro olhava para o xerife com a boca aberta, sem contudo emitir nenhum som, e com uma expressão de assombro, de perplexidade e descrença.

— Eu também já lhe disse — acrescentou o xerife com voz tranquila — que, se não lhe agrada a maneira pela qual eu conduzo o negócio, pode esperar na cidade. Tem lá um lugar fresco para ficar, onde não teria necessidade de sofrer o calor, andando ao sol. Não lhe disse também tudo isso? Vamos, fale.

O outro calou-se e desviou o olhar, como que fazendo um esforço tremendo. E como que fazendo outro esforço tremendo, disse com voz sufocada: “Sim.”

O xerife voltou-se pesadamente, amarrotando o papel.

— Então procure não esquecer outra vez, se é que tem cabeça, ainda que para esquecer — disse o xerife. Ali, ao sol da manhã, formavam todos um círculo, e lia-se-lhes nos semblantes o interesse. — E se você ou algum outro quiser saber, sabe Deus que tenho minhas dúvidas acerca disso. — Então alguém riu alto. — Parem com esse barulho — ordenou o xerife. — E vamos. Lancem os cães.

Lançaram imediatamente os cães, ainda na trela, e deram sem demora com a pista, fácil de seguir por causa do orvalho. O fugitivo não fizera nenhum esforço para ocultá-la. Viram até as marcas de seus joelhos e de suas mãos no lugar onde se ajoelhara para beber num regato.

— Nunca vi um assassino que ligasse tão pouca importância às diligências que, como não ignorava, iam ser feitas pela polícia — disse o subxerife —, mas o imbecil sequer suspeitou de que iríamos empregar cães.

— Desde domingo que lhe estamos lançando os cães e até agora não o apanhamos — observou o xerife.

— Eram pistas antigas. Até hoje não encontráramos uma boa e recente. Mas ele cometeu afinal um erro. Ainda hoje o apanharemos. Provavelmente antes de meio-dia.

— Veremos — replicou o xerife.

— O senhor vai ver mesmo — tornou o subxerife. — Esse caminho é reto como um trilho de estrada de ferro. Eu próprio poderia quase segui-lo. Olhe aqui: veem-se as marcas de seus pés. É muito idiota. Não tem nem o senso comum de caminhar pela estrada, pelo pó, por onde andaram outras pessoas e onde os cães não podem farejá-lo. Os cães encontrarão o fim dessas marcas antes das dez horas.

E encontraram. A pista descreveu bruscamente um ângulo. Seguiram-na e foram sair finalmente numa estrada, por onde avançaram atrás dos cães, que seguiam de cabeça baixa e cheios de ansiedade. Um pouco mais longe desviava-se para um dos lados da estrada, em direção a um atalho que passava por um depósito de algodão, junto a um campo. Os cães davam tremendos puxões à trela e puseram-se a girar e a soltar latidos sonoros que retumbavam longe, e uivavam e moviam-se em grande agitação. “É muito imbecil”, disse o subxerife. “Sentou-se aqui para descansar: aqui estão as marcas dos seus pés, os mesmos saltos de borracha. Não se encontra a mais de uma milha de distância. Vamos, rapazes.” E seguiram, avançando a trote, enquanto os cães ladravam, puxando sempre as correias.

— Agora você tem oportunidade para avançar, agarrá-lo e cobrar os mil dólares. Por que não o faz?

O homem não respondeu. Nenhum deles tinha muito alento para falar, principalmente quando, mais ou menos uma milha adiante, os cães, sempre ávidos por avançar e ladrando sempre, deixaram a estrada e meteram-se num atalho que trepava por uma colina e ia dar num campo de milho. Chegando ali, detiveram-se, mas sua ansiedade parecia crescer. Os homens já iam correndo. Para lá do milharal, cujas plantas eram da altura de um homem, viram uma cabana de negros, “Está ali”, disse o xerife, puxando o revólver. “Cuidado, rapazes. Com certeza está armado.”

A coisa foi feita com habilidade: os homens rodearam a casa, de pistola em punho e ocultando-se; o xerife, seguido pelo subxerife, deslizou agilmente apesar da sua corpulência, colando-se à parede e fora do alcance de qualquer das janelas. Ainda apoiando-se na parede, abriu a porta com um pontapé e entrou na cabana, precedendo-o a pistola. O que encontrou foi um negrinho, o qual, nu em pêlo, e sentado nas cinzas frias do fogo, comia qualquer coisa. Segundo parecia, estava só, mas um momento depois apareceu à porta de dentro uma mulher que, boquiaberta, quase ia deixando cair uma panela. Calçava um par de sapatos de homem, que um dos do grupo identificou como pertencendo ao fugitivo. A negra falou-lhes de um branco com o qual se encontrara na estrada ao amanhecer e que trocara os seus sapatos pelos borzequins que

ela então calçava e que eram de seu marido. O xerife ouvia atentamente: “Isso aconteceu perto de um depósito de algodão, não é verdade?” A negra respondeu afirmativamente. O xerife tornou a reunir-se aos seus homens e aos cães, e olhou para estes, enquanto os homens lhe faziam perguntas e logo se calavam olhando para ele. Os homens viram o xerife guardar o revólver e dar um forte pontapé em cada um dos cães. “Levem esses dois patifes para a cidade.”

Mas o xerife era um bom funcionário. Sabia, tanto quanto os seus homens, que voltaria ao depósito de algodão, onde julgava que Christmas estaria escondido durante todo aquele tempo, embora soubesse que já não o encontraria quando por lá passasse de volta. Tiveram grande trabalho para afastar os cães da cabana, e já os envolvia a ardente luminosidade do dia quando rodearam com cautela e habilidade o depósito de algodão e o invadiram de pistola em punho, lá não encontrando mais que uma ratazana assombrada e morta de medo. Contudo o xerife mandou que trouxessem os cães. Os dois bichos tinham recusado aproximar-se do depósito e abandonar a estrada, dando puxões às coleiras, numa resistência medonha, e, com as cabeças voltadas simultaneamente, indicando a estrada que conduzia à cabana de onde os haviam retirado à força. Foram precisos dois homens para levá-los ao xerife, e, uma vez afrouxadas as correias, deram um salto e se precipitaram para rodear o armazém, passaram por cima das marcas que as pernas do fugitivo haviam deixado na erva ainda empapada de orvalho que crescia na sombra do armazém, e dando saltos e puxões, lançaram-se de volta à estrada, arrastando os homens numa extensão de uns cinquenta metros, até que estes conseguiram enlaçar as correias numa árvore e detê-los. Dessa vez o xerife nem se dignou dar-lhes um pontapé.

Por fim o ruído e os alarmas, o estrépito e a fúria da caçada foram morrendo, morrendo, até ficarem fora da sua percepção. Christmas não se encontrava no depósito de algodão, quando o homem e os cães passaram, conforme acreditava o xerife.

Ele não se detivera ali mais que o tempo necessário para atar os sapatões, uns sapatões pretos que cheiravam a negro e pareciam pedaços de minério de ferro arrancados com um machado pouco afiado. Olhando para os sapatos grosseiros, de aspecto informe, disse entre os dentes: “Sim.” E julgava ver-se acossado finalmente pelos brancos até o abismo negro que o esperara, que durante trinta anos procurara tragá-lo e no qual enfim realmente entrava.

Amanhece. É a aurora, é aquela fase de suspensão cinzenta e solitária em que só se percebe o despertar dos pássaros, que se opera com sossego e ainda a medo. O ar inalado nos pulmões é como água de fonte. Christmas aspira lenta e profundamente e a cada respiração sente que se dissolve no cinzento neutro e se funde com a solidão e a tranquilidade que jamais conheceram a fúria do desespero. “Era isso que eu queria”, pensa com espanto tranquilo e sossegado. “Foi isso que desejei durante

trinta anos. Não é exigir demasiado durante trinta anos.”

Desde quarta-feira não dormira muito, e chegou a outra quarta-feira e passou sem que ele desse por isso. Quando pensa no tempo, parece-lhe que durante trinta anos viveu dentro de uma estacada de dias — as estacas de uma cerca, providas de nomes e número — e que uma noite fora dormir e, ao despertar, viu-se fora dela. Desde que fugira naquela sexta-feira e seguindo o antigo costume, tentou durante algum tempo não perder a conta dos dias. Uma vez, depois de ter dormido toda uma noite sobre um monte de feno, acordou a tempo de contemplar o despertar da fazenda. Antes do amanhecer viu que se acendia na cozinha uma luz amarelenta e logo depois, no cinzento que continuava a ser escuridão, ouviu o ruído seco de um machado e a bulha produzida por homens que se moviam por entre os animais que começavam a despertar num estábulo próximo. Depois sentiu o cheiro de fumaça e de comida, comida sadia e quente, e começou a repetir consigo: *Não como desde... não como desde...* procurando recordar quantos dias tinham decorrido desde aquela sexta-feira na qual jantara em Jefferson. Assim ficou, sem tugar nem mugir, à espera de que os homens acabassem de comer e fossem para o campo, e com isso foi-se-lhe a lembrança do alimento, parecendo de mais importância a do dia da semana. Porque, quando os homens se foram afinal e ele desceu, saiu — já esplendendo no alto um sol cor de junquilha — e se dirigiu à porta da cozinha, não pediu comida. Tinha intenção de pedi-la. Podia perceber as rudes palavras enfileiradas no seu espírito, já quase na ponta da língua. Mas, quando a mulher descarnada e coriácea chegou à porta e olhou para ele, Christmas leu-lhe nos olhos o susto e o medo- e veio-lhe uma vaga suspeita de que ela o reconhecia. E enquanto pensava: *Sabe quem eu sou? Ouviu falar a meu respeito*, escutou sua boca proferir tranquilamente: “Pode dizer-me em que dia da semana estamos? Desejo saber que dia é hoje.”

O rosto e o corpo da mulher eram tão magros e tão incansáveis como o rosto e o corpo de Christmas. Ela disse:

— Vá embora daqui. É terça-feira. Vá embora daqui. Vou chamar meu marido.

Christmas disse “obrigado” em voz baixa, ao mesmo tempo em que a porta se fechava com estrondo. E logo depois estava correndo. Não se lembrava de que começara a correr. Durante um momento pensou que corria por causa de um destino e para um destino que a corrida subitamente lhe lembrara e por isso seu espírito não precisava preocupar-se com o motivo da corrida, já que correr não era difícil. E na realidade era muito fácil. Sentia-se leve, sem peso. Ainda que com largas passadas, seus pés pareciam roçar devagar e de leve, de um modo casual e, no entanto, deliberado, numa terra sem solidez, até que caiu. Não tropeçara em nada. Caiu ao comprido e por um momento julgou que continuava de pé e correndo. Mas estava caído de bruços num fosso pouco profundo situado na orla de um campo lavrado. De repente disse: “O melhor que

posso fazer é levantar-me.” E, quando se sentou, viu que o sol, já a meio caminho no firmamento, brilhava agora sobre ele da direção oposta. A princípio pensou que ele próprio se houvesse virado, mas depois viu que a tarde era. Viu que era manhã quando ele tropeçara ao correr e que, embora lhe parecesse que se levantara imediatamente, já era noite. “Estive dormindo”, pensou. “Dormi mais de seis horas. Devo ter adormecido sem dar por isso. Foi o que sucedeu.”

Não sentiu surpresa nenhuma. O tempo, as fases de claridade e trevas andavam para ele, há muito, baralhados. O movimento de agora seria, aparentemente num instante, um de dois movimentos das pálpebras — operação que se dava sem nenhum aviso prévio. Nunca podia saber da transição de um movimento para o outro, quando percebia que estivera a dormir sem se lembrar de que se deitara, ou quando dava consigo caminhando sem se lembrar de que havia acordado. Às vezes lhe parecia que, em seguida a uma noite passada no feno, num fosso, sob um telheiro abandonado, viria imediatamente outra noite sem intervalo diurno, sem que entre as duas noites houvesse luz para iluminar sua fuga; que a um dia se seguiria um outro cheio de correrias e pressas, sem que entre eles houvesse noite nem intervalo para o descanso, como se o sol, em vez de se pôr, tivesse dado volta no céu antes de chegar ao horizonte e tomado a empreender o mesmo caminho. Quando adormecia caminhando e até quando se ajoelhava para beber num regato, ignorava se os seus olhos, ao abrirem-se, encontrariam o sol ou as estrelas.

Durante certo tempo sentiu fome constantemente. Colhia e comia frutas podres e bichadas; de vez em quando esgueirava-se até uma plantação e, arrastando-se, arrancava e roía espigas de milho duras como um ralador de batatas. Durante todo o tempo pensava em comer, imaginava pratos, iguarias. Lembrava-se da comida que encontrara posta sobre a mesa na cozinha, três anos antes, e com uma espécie de agonia pungente, com remorso e cólera, representava na imaginação o decidido gesto do seu braço, arremessando pratos à parede. E eis que um dia, sem mais nem menos, deixou de sentir fome. Sentia-se frio e tranquilo. Sabia, contudo, que tinha de comer e obrigava a si próprio a comer frutas podres e milho duro, mastigando lentamente, sem sentir gosto de nada. Comia quantidades enormes dessas coisas e sobrevinham-lhe crises de diarréia sanguínea. Apesar disso, logo depois se sentia de novo obcecado pela necessidade e a ânsia de comer. O que o obcecava não era a comida, mas a necessidade de comer. Procurava recordar-se da última vez que comera comida quente. Lembrava-se vagamente de uma casa ou cabana, situada algures. Não se recordava bem se era casa ou cabana, se de brancos ou de negros. Depois, quando se punha muito quieto, sentado, com um ar de perplexidade na cara chupada de doente, na qual a barba ia crescendo, cheirava a negro. Na sua imobilidade (sentado junto de uma árvore, à beira de um regato, a cabeça para trás, as mãos sobre o

joelho, o rosto cansado e tranquilo) via e cheirava pratos de negros, comida de negros. Era numa sala. Não se recordava como havia chegado ali. Pairava no aposento uma atmosfera de fuga, de repentina consternação, como se alguém o tivesse deixado há pouco, transido de pânico. Encontrava-se sentado diante de uma mesa, na solidão, num silêncio povoado de fuga. E eis que havia comida diante dele, aparecida subitamente entre compridas mãos negras e ágeis que também fugiam no ato de pôr os pratos. Entre os ruídos da mastigação e do engolir, parecia-lhe ouvir, sem os ouvir, gemidos de terror e de angústia, mais apagados do que suspiros. “Dessa vez era uma cabana”, pensou. “E tinham medo. Medo de seu irmão.”

Naquela noite sobreveio a seu espírito uma coisa estranha. Deitou-se para dormir e não dormia, não parecia ter necessidade de dormir, como quando fazia com que o estômago consentisse em aceitar uma comida que parecia não desejar nem necessitar. Era uma coisa estranha no sentido de que para ele não podia encontrar nenhuma origem, motivo ou explicação. Percebeu que procurava calcular o dia da semana, como se sentisse afinal a necessidade urgente de aspar os dias passados com um propósito certo, algum dia ou ato determinado, sem se atrasar nem ultrapassar o tempo.

Amanhece. O sol vem saindo. Christmas levanta-se, desce até a fonte, tira do bolso a navalha, o pincel e o sabão. Como está ainda muito escuro para poder enxergar com nitidez o rosto na água, senta-se junto à nascente e espera até poder ver melhor. Depois ensaboa pacientemente a cara, sentindo a frialdade da água. Tem a mão trêmula. Apesar da pressa, sente uma frouxidão que o obriga a um esforço não pequeno. A navalha não corta. Christmas procura amolá-la num dos sapatões, mas o couro está duro como pedra e molhado de orvalho. Barbeia-se como pode. Treme-lhe a mão; a coisa não é muito fácil. Corta-se três ou quatro vezes e procura estancar o sangue com água fria. Abandona ali os petrechos de barbear e empreende a marcha. Segue uma linha reta, desprezando caminhos pelos quais andaria com mais facilidade. Pouco depois chega a uma estrada a cuja beira se senta. É um caminho pacato que aparece e desaparece quase sem que se dê por isso e no qual a poeira esbranquiçada mostra apenas marcas estreitas e pouco frequentes de rodas, de cascos de cavalos e mulas e de vez em quando de pés humanos. Sentado ali, sem paletó, cobertas de lama e cheias de nódoas as calças outrora tão bem vincadas e a camisa que já fora tão alva, a cara magra salpicada de tufos de barba e de sangue seco, vêm-lhe uns estremecções de fadiga e frio enquanto o sol se ergue e o aquece.

No fim de algum tempo aparecem na curva da estrada dois negrinhos que caminham em sua direção. Não o veem senão quando ele fala. Estacam repentinamente e reviram os olhos. “Que dia da semana é hoje?”, repete Christmas. Os pequenos olham e não respondem. Christmas meneia levemente a cabeça. “Vão embora”, diz-lhes. E eles

vão embora.

Christmas não os segue com a vista. Segundo parece, fica absorto contemplando o lugar onde tinham estado os negrinhos, como se os dois tivessem saído de duas cascas de ovo e se pusessem a andar. Não vê que deitaram à correr.

E, sentado ao sol que o aquece lentamente, pega no sono, sem dar por isso, pois a próxima coisa de que toma conhecimento é um ruído terrível de madeira e metais trepidantes e de cascos de cavalos a trote. Abre os olhos a tempo de ver o carro que desaparece na curva. Os ocupantes do carro se voltam e olham para ele por cima do ombro. E o carreiro levanta a mão que segura o chicote e a deixa cair. “Também estes me reconheceram”, reflete Christmas. “Estes e aquela mulher branca. E os negros daquele lugar onde comi ontem. Qualquer deles poderia capturar-me, se é o que querem, uma vez que o que todos querem é prender-me. Mas a primeira coisa que fazem é correr. Todos querem que eu seja capturado, mas, quando me apresento, disposto a dizer: Aqui estou! (*Sim, eu diria: Aqui estou. Estou cansado, cansado de correr, cansado de ter que carregar a vida como se fosse uma cesta de ovos*), deitam a correr, é como se houvesse um processo de capturar-me e só o devessem fazer de acordo com esse processo.”

Por isso mete-se de novo no mato. Dessa vez está alerta e ouve o barulho do carro antes que ele apareça à vista. E não se mostra enquanto não tem o carro à sua frente. Nesse momento avança um passo e grita: “Eh, eh!” O carro pára com um forte solavanco. A cabeça do carreiro negro também leva um abalo. No seu rosto surge a surpresa e depois o reconhecimento e o terror.

— Que dia é hoje? — pergunta-lhe Christmas.

O negro olha para ele de boca aberta.

— Que... está dizendo?

— Que dia da semana é hoje? Quinta-feira? Sexta-feira? Que dia é? Não lhe vou fazer mal.

— Sexta-feira — responde o negro. — Oh, meu Deus, é sexta-feira.

— Sexta-feira? — repete Christmas e de novo sacode a cabeça. — Siga o seu caminho.

Cai o chicote, as mulas arrancam e o carro se perde de vista a toda velocidade, enquanto o chicote se levanta e torna a descer. Christmas, porém, voltou-se e novamente penetrou na mata.

Desprezando colinas, vales e pântanos, segue sempre uma linha reta, como se fosse traçada por um agrimensor. Mas não se apressa. É como um homem que sabe onde está, onde quer ir e de quanto tempo dispõe, sem discrepância de um minuto, pata lá chegar. Dir-se-ia que deseja ver sua terra natal pela primeira ou pela última vez em todas as suas fases. Christmas fizera-se homem no campo, onde — como acontece com o marinheiro que não sabe nadar — sua conformação física e seu

pensamento foram modelados pelas compulsões da região, sem que ele tivesse aprendido qualquer coisa da sua verdadeira conformação ou dos seus sentimentos. Faz já uma semana que se embrenha e se arrasta por entre os lugares secretos da região, lugares seus, e, contudo, continua estranho às leis imutáveis a que a terra tem de obedecer. Durante algum tempo, enquanto prossegue com firmeza o seu caminho; pensa que isso — o olhar, o ver — é o que lhe dá paz, sossego e nenhuma pressa, até que de súbito lhe vem a resposta verdadeira. Sente-se seco e leve. “De agora em diante não preciso preocupar-me com o que terei de comer”, pensa. “É isso.”

Ao meio-dia caminhou já oito milhas. Chega a uma ampla estrada de macadame. Dessa vez o carro se detém suavemente quando Christmas levanta a mão. Na cara do carreiro; negro não há surpresa nem sinal de que o reconhece.

— Para onde vai essa estrada? — pergunta Christmas.

— Para Mottstown. Para onde me dirijo.

— Mottstown? Vai também a Jefferson?

O rapaz coça a cabeça:

— Não sei onde fica esse lugar. Vou a Mottstown.

— Ah! Compreendo — diz Christmas. — Não mora por aqui.

— Não senhor. Moro dois condados além. Caminho já há três dias. Vou a Mottstown buscar um bezerro que meu pai comprou. O senhor quer ir para Mottstown?

— Sim — responde Christmas e sobe para o carro e senta-se junto do rapaz. O carro prossegue. “Mottstown”, pensa Christmas. “Jefferson fica a apenas vinte milhas. Agora posso espairar um instante. Faz sete dias que não espairo. Agora creio que posso distrair-me um pouco.” Pensa que talvez adormeça com o movimento embalador do carro. Mas não adormece. Não sente sono nem fome nem cansaço. Está suspenso entre essas sensações, oscilando com o movimento do carro, sem pensar, sem sentir. Perdeu a conta do tempo e da distância; talvez tenha passado uma hora, talvez três.

— Mottstown. Já chegamos — diz o rapaz.

Olhando, Christmas pode ver a fumaça baixa no céu, para além de um ângulo imperceptível. Está entrando novamente na rua, aquela rua que correu durante trinta anos. Algumas vezes fora uma rua pavimentada, onde o trânsito devia ser rápido. A rua tinha descrito um círculo e Christmas continua dentro dele. Ainda que nos últimos sete dias não tenha encontrado rua calçada, viajou mais que nos trinta anos anteriores. E apesar disso continua dentro do círculo. “É contudo durante esses sete dias percorri uma distância maior do que durante os trinta anos”, pensa. “Mas nunca saí daquele círculo.” E pondo sobre a tábua da frente os pés com os sapatos que cheiram a negro, com a marca definida e inapagável que lhe sobe pelos tornozelos, pernas acima, tal

como avança a morte, pensa tranquilamente: “Nunca saí do círculo, nunca rompi o anel do que já fiz e que não posso mais desfazer.”

Na sexta-feira em que Christmas foi detido em Mottstown vivia na cidade um casal de velhos de nome Hines. Moravam num bangalô pequeno, num bairro de negros. Como e de que viviam é o que ninguém sabia na cidade em geral, porquanto viviam numa pobreza asquerosa e sem fazer nada. Que soubesse o povo da cidade, Hines nunca trabalhara — o que se chama propriamente de trabalhar — em vinte e cinco anos.

Havia trinta anos que tinham chegado a Mottstown. A cidade viu um dia que a mulher se instalara na casinha em que viviam desde então, embora nos cinco anos que se seguiram Hines não estivesse em casa senão uma vez por mês, em algum fim de semana. Bem depressa se soube que ele tinha um emprego qualquer em Memphis. Não se sabia que espécie de emprego ele exercia, pois já naquela época Hines era um homem reservado, que tanto podia ter trinta e cinco como cinquenta anos. No seu olhar havia algo de frio e violentamente fanático. Tinha uma curiosidade absurda e impertinente. Solitários, cinzentos, um pouco mais baixos que a maioria dos homens e mulheres, como se pertencessem a uma raça e espécie diferente, a cidade considerava ambos meio desequilibrados, mas nem por isso deixavam de encarregar Hines — durante os primeiros anos subsequentes ao seu aparecimento em Memphis, quando se instalou definitivamente na casinha em que vivia sua mulher — de alguns pequenos trabalhos adequados às suas forças. Mas no fim de algum tempo ele abandonou também essas pequenas tarefas. A cidade fez a princípio suas conjeturas: Como viveriam eles? Mas no fim de algum tempo a gente se esqueceu de especular a respeito, justamente no tempo em que se veio a saber que Hines percorria à região a pé, organizando serviços de renovação religiosa nas igrejas de negros e que algumas negras, carregando o que se depreendia serem pratos de comida, entravam na casa onde residia o casal. Entravam pela porta dos fundos e saíam de mãos vazias, e o povo da cidade tornou a fazer conjeturas ainda dessa vez, e depois esqueceu novamente. Com o tempo a cidade ou esqueceu ou perdoou (por ser Hines um velho inofensivo) aquilo que num homem jovem nunca deixaria passar. “São loucos”, diziam. “Enlouqueceram por causa dessa questão dos negros. Talvez sejam *yankees*.” E a coisa ficava por aí. Ou talvez o que a cidade perdoasse não era o dedicar-se aquele homem à salvação das almas dos pretos, mas a desconsideração em que se tinha aquela caridade que eles recebiam das mãos dos negros, já que é um dom feliz do espírito descartar-se daquilo que a consciência se recusa a assimilar.

Durante vinte e cinco anos o velho casal não tivera, que se soubesse, nenhum meio de vida, e a cidade fechara os olhos coletivamente às negras e aos pratos e panelas cobertos, particularmente porque alguns dos pratos e panelas provinham, com toda a probabilidade, de cozinhas onde cozinham brancas. Talvez aquilo fizesse parte

daquela displicência do espírito a que nos referimos. O fato é que o povo fez vista larga e já havia vinte e cinco anos que o casal vivia no remanso das águas estagnadas do isolamento e da solidão, como se fossem dois animais raros extraviados do pólo norte ou anteriores ao período glacial.

A mulher mal era vista, mas o homem, conhecido por tio Doc, era sempre visto na praça. Era um velhinho pouco limpo, com uma cara que um dia fora valente ou violenta — um visionário ou um chapado egoísta —, sem colarinho, trajando uma enxovalhada roupa de fustão azul entrançado, com um pesado bastão de nogueira descascado, já gasto no cabo. Uso como cristal. A princípio, enquanto tinha o emprego em Memphis, nas suas visitas mensais falara um pouco a respeito de si mesmo, não só com a confiança que tem em si próprio o homem independente, mas com alguma coisa mais, como se numa época de sua vida, e não muito tempo antes, tivesse sido mais que independente. Falava com a segurança de um homem que tivesse tido domínio sobre outros homens inferiores a ele e que houvesse mudado de vida voluntariamente e por uma razão que, na sua opinião, nenhum outro homem poderia discutir ou compreender. Mas o que ele dizia de si e de sua atual ocupação não fazia sentido, apesar de sua aparente coerência. Por isso já então o consideravam um tanto amalucado. Não que ele procurasse ocultar uma coisa dizendo outra. O que acontecia era que as suas palavras, o seu modo de dizê-las, não se ajustavam com o que, segundo os seus ouvintes, seria (e devia ser) a esfera de ação só de uma pessoa. Havia ocasiões em que chegavam a pensar que de fora outrora pastor protestante. E de repente o homem começava a referir-se à cidade de Memphis de um modo vago e magnífico, como se toda a vida tivesse exercido ali algum cargo municipal importante, ainda que não mencionado. “Com certeza exerceu funções na estrada de ferro, por exemplo, a de ficar nos cruzamentos das ruas com uma bandeira vermelha na mão cada vez que passava um trem”, diziam os homens de Mottstown por trás dele, ou: “É um magnata do jornalismo. Apanha os jornais que estão debaixo dos bancos do parque.” Contudo nem os mais ousados nem os que gozavam de uma precária reputação de espirituosos se atreviam a dizer-lhe isso na cara.

Depois perdeu o emprego em Memphis ou abandonou-o. Um sábado voltou para casa e, quando chegou a segunda-feira, não se ausentou. Depois disso começou a ser visto todos os dias na praça, calado, sujo, com aquela expressão de fúria nos olhos que a gente tomava por loucura, com aquele matiz de violência desvanecida como um perfume, um cheiro; com aquele fanatismo de borralho que se extingue e está quase apagado; uma espécie de evangelismo vigoroso, do qual a quarta parte fora convicção. violenta e as outras três dureza física. E o povo não se mostrou surpreso não só ao saber que Hines percorria o condado, geralmente a pé, pregando em igrejas de negros, mas também quando um ano mais tarde soube do tema das suas pregações. Aquele branco que,

para poder manter-se, quase dependia da generosidade e da caridade dos pretos, ia, só e desacompanhado, a remotas igrejas de negros, interrompia os serviços para subir ao púlpito e, com a sua voz rouca e amortecida, e às vezes de um modo violentamente obsceno, pregava-lhes a humildade diante de quantos tivessem peles mais brancas que as deles, e a superioridade da raça branca, da qual, num paradoxo fanático e inconsciente, se proclamava um exemplar de primeira classe. Os negros o tomavam por louco, julgavam que Deus o houvesse tocado ou que ele tivesse algum dia tido contato direto com Deus. Provavelmente não o escutavam nem podiam compreender muito do que ele dizia. Talvez chegassem a considerá-lo o próprio Deus, pois que para eles Deus era também um homem branco e os atos de Deus eram também um pouco inexplicáveis.

Hines estava no centro da cidade quando, pela primeira vez, o nome de Christmas voou por todos os cantos da rua, e os garotos e os homens, negociantes, empregados, ociosos e curiosos, entre os quais predominavam os camponeses vestidos de macacão, começaram a correr. Hines também correu, mas não podia correr muito depressa nem era bastante alto para poder enxergar por cima da muralha de ombros à sua frente. Todavia, com a brutalidade e o interesse dos demais, num ressurgimento da antiga violência que lhe marcará o rosto, tentou abrir caminho por entre o grupo que vociferava, cravando os dedos nos ombros e batendo-lhes com a bengala, até que os homens se voltaram, o reconheceram e seguraram, enquanto ele resistia e dava neles com o pesado bastão. “Christmas!”, gritava ele. “Disseram Christmas?”

— Christmas — repetiu um dos homens que o agarravam, também de rosto rígido e reluzente. — O negro-branco autor daquele assassinio em Jefferson, na semana passada.

Hines olhou para o homem que havia falado. Na boca desdentada a saliva formava um fio de espuma. E o homenzinho débil, de ossos leves e frágeis como os de uma criança, começou novamente a debater-se, procurando livrar-se e, com auxílio da bengala, abrindo caminho até o centro do grupo onde estava o preso com o rosto ensanguentado. “Vamos, tio Doc”, diziam, procurando contê-lo, “calma. Já o agarraram. Ele não pode escapar. Calma.”

Porém Hines continuava a lutar, imprecando, numa voz rachada, com a boca desdentada espumando, e os que o continham lutavam como homens que tratassem de segurar uma debulhadora submetida a uma pressão demasiado grande para o seu tamanho. Do grupo o único que se mostrava tranquilo era o preso. Sujeitaram Hines que continuava a praguejar e cujos frágeis ossos de velho e músculos semelhantes a cordas tinham naquele momento a fúria fluida e ágil de uma doninha. O homem desprende-se, deu um salto, conseguiu varar caminho insinuando-se, até que se encontrou cara a cara com o preso, detendo-se um momento para examinar-lhe o rosto. Houve uma pausa considerável, mas, antes

que o pudessem agarrar de novo, levantou a bengala e descarregou uma bordoadada no preso, e procurava bater-lhe outra vez quando afinal o contiveram, reduzindo-o à impotência, rugindo e com laivos de espuma fina nos beiços. Mas não lhe haviam tapado a boca. “Matem esse canalha”, gritou. “Matem-no, matem-no.”

Meia hora mais tarde dois homens o levaram para casa de automóvel. Um deles guiava e o outro segurava Hines no banco de trás. Tinha o rosto pálido sob a barba crescida e a imundície, e os olhos fechados. Levantaram-no para tirá-lo do automóvel e, transposta a cancela, levaram-no pelo caminho feito de tijolos escalavrados e de cacos de concreto até a escada. Agora trazia os olhos abertos, mas eram inexpressivos e reviravam na órbita até ficar visível apenas a alva suja e azulada. Mas continuava ainda muito frouxo e necessitando de ajuda. Antes de chegarem ao pórtico, a porta da frente se abriu e apareceu a mulher de Hines, que, depois de passar, fechou a porta e ficou de pé, imóvel, olhando para eles. Viram que era a mulher de Hines porque saíra da casa onde sabiam que ele morava. Um dos homens residia na cidade, mas nunca a tinha visto.

— Que aconteceu? — perguntou a mulher.

— Não foi nada — disse um dos dois homens. — Houve na cidade um pouco de agitação e isso, com o calor que está fazendo, foi demais para ele. — A mulher, baixinha e rechonchuda, de cara redonda, parecendo uma massa de farinha suja que não tivesse ido ao forno e com um pequeno coque apertado de cabelos ralos, estava na porta como para impedir que os homens entrassem na casa.

— Acabam de prender o negro Christmas, que na semana passada matou uma senhora em Jefferson — disse o homem. O tio Doc ficou muito agitado com o caso.

A mulher já se voltava como que para abrir a porta. E, conforme disse mais tarde um dos dois homens ao outro, no ato de virar-se parou bruscamente, como se alguém lhe tivesse atirado de leve uma pedrinha.

— Prenderam quem? — perguntou.

— Christmas, o assassino negro. Christmas.

A mulher ficou imóvel na beira do pórtico e olhou para eles com seu rosto parado e cinzento. “Como se soubesse o que eu ia dizer-lhe”, disse depois o homem ao seu companheiro, quando voltaram para o carro. “Como se quisesse que eu lhe dissesse ao mesmo tempo que era ele e que não era ele.”

— Como é o tipo dele? — perguntou ela.

— Não reparei muito — respondeu o homem. — Tiveram de machucá-lo um pouco ao agarrá-lo. É moço. Tem tanto jeito de negro como eu.

A mulher olhou-os de cima abaixo. Hines estava agora em pé entre os dois homens e dizia entre os dentes qualquer coisa, como se estivesse

acordando naquele momento.

— Que quer que façamos com o tio Doc? — perguntou o homem.

Ela não respondeu. Era como se nem tivesse reconhecido o marido, comentou depois o homem com o companheiro.

— Que vão fazer com ele? — perguntou ela.

— Com ele? — disse o homem. — Ah, sim, com o negro. Isso será decidido em Jefferson. Ele é daquela jurisdição.

A mulher olhou para eles com a mesma cara cinzenta, parada, impassível.

— Vão esperar o que Jefferson dirá?

— Se vão esperar? Se Jefferson não demorar muito, sim. Agarrou Hines pelo braço, mudando um pouco de posição.

— Para onde a senhora quer que o levemos?

A mulher mexeu-se afinal, desceu a escada e se aproximou.

— Levamos até lá dentro para a senhora — disse o homem.

— Eu mesma levo — replicou a mulher. Hines e ela eram quase da mesma altura, porém ela era mais pesada. Agarrou-o por baixo dos braços.

— Eupheus — disse ela em voz baixa. — Eupheus. — Em seguida, dirigindo-se aos homens: — Podem largá-lo. Já o segurei.

Os homens o largaram. Hines já podia andar um pouco. Os dois homens viram a mulher ajudá-lo a subir a escada e transpor a porta. Ela não olhou para trás.

— Nem nos agradeceu — disse o outro homem. — Acho que devíamos tê-lo levado de volta para ser preso com o negro, já que parece conhecê-lo tão bem.

— Eupheus — disse o primeiro dos dois homens. — Eupheus. Passei quinze anos imaginando como seria o nome dele. Eupheus.

— Vamos, vamos. Não devemos perder nada do espetáculo.

O primeiro dos dois homens olhou para a casa, para a porta fechada pela qual o casal havia desaparecido.

— Ela também o conhece.

— Conhece quem?

— O negro. Christmas.

— Vamos. — Voltaram ao automóvel. — Que acha desse imbecil que vem para cá, a vinte milhas de distância do lugar onde cometeu o crime, e se põe a passear rua acima, rua abaixo, até que alguém o reconhece? Ah! Se eu o tivesse reconhecido! Os mil dólares teriam serviço por muita coisa. Mas nunca tenho sorte.

O automóvel arrancou. O primeiro dos dois homens continuava a olhar para a porta por onde o casal havia desaparecido.

O casal estava em pé no vestibulo da pequena casa escura, na qual se sentia o bafio das furnas. O velho parecia achar-se num estado vizinho

do de coma e, quando sua mulher o levou até uma cadeira e o ajudou a sentar-se, a situação parecia um tanto séria. Não havia, porém, necessidade de voltar e fechar a chave a porta da frente, como ela fez. Depois disso a mulher veio e pôs-se de pé diante dele. A princípio parecia olhá-lo com preocupação e interesse. Mas depois um espectador teria visto que tremia violentamente e que o acomodara na cadeira, ou antes de o depor no chão ou com o fim de tê-lo como prisioneiro até ela poder falar. Aquela mulher obesa, baixota, de cor acinzentada, com um rosto que parecia de afogado, curvou-se sobre ele. E quando falou, agarrando-se aos braços da cadeira na qual o marido estava meio caído, fê-lo com grande esforço e com voz trêmula.

— Eupheus, ouça-me. Tem de ouvir-me. Nunca lhe fiz mal. Em trinta anos nunca lhe fiz mal. Mas agora vou atormentá-lo. Quero saber e você tem de me dizer. Que fez do filhinho de Milly?

Durante toda a tarde os empregados, os ociosos e os camponeses vestidos de macacão estiveram reunidos na praça e diante do cárcere em conversa animada. Os boatos corriam a cidade, morriam e tornavam a nascer, como um vento ou um incêndio, até que, quando as sombras começaram a estender-se, a gente do campo empreendeu a marcha em carros e automóveis empoeirados e a gente da cidade foi tratar da ceia. Em seguida a conversa se animou de novo, momentaneamente avivada pelas mulheres e famílias reunidas em torno da mesa, em casas iluminadas à luz elétrica e nas remotas cabanas da colina, iluminadas por lampiões de querosene. No dia seguinte, agradável domingo de província, os homens de camisa limpa e suspensórios enfeitados sentavam-se para fumar uma cachimbada pacífica perto da igreja rural ou nos sombrios pórticos das casas, junto das quais, ao longo das cercas, estacionavam os carros e permaneciam atadas as parelhas dos visitantes, enquanto as mulheres se atarefavam na cozinha, falando sempre na mesma coisa: “Tem tanto tipo de negro como eu, Mas deve ter sido o sangue negro que lhe corre nas veias. Dir-se-ia que se dispôs a entregar-se, como um homem se dispõe a casar. Andou sumido durante uma semana. Se não tivesse posto fogo na casa, é possível que durante um mês inteiro não descobrissem o crime. E não teriam suspeitado dele, se não fosse um indivíduo de nome Brown que o negro, o pretenso branco, empregava para vender uísque e a quem pretendeu imputar a venda do uísque e o assassinato, mas Brown contou a verdade.

“E eis que ontem veio a Mottstown à luz do dia, num sábado, quando a cidade está cheia de gente, e foi à barbearia como os brancos, e como tem ar de branco ninguém desconfiou dele. Não desconfiaram nem mesmo quando o engraxate viu que calçava uns sapatos de segunda mão, grandes demais para ele. Mandou fazer a barba e cortar o cabelo, pagou e foi diretamente a uma loja, comprou uma camisa, uma gravata e um chapéu de palha, com uma parte do dinheiro roubado à mulher que havia assassinado. Depois foi passear pelas ruas em pleno dia, para cima e

para baixo, como se fosse dono delas, sem que a gente que passava por ele tantas vezes desconfiasse de nada. Finalmente Halliday o viu, dirigiu-se a ele, agarrou-o e lhe perguntou: ‘O seu nome não é Christmas?’ E o negro respondeu que sim. Não negou. Não fez nada. Não procedeu como negro nem como branco. E foi isso que fez tanta raiva a toda a gente: ele, um assassino, andar pela cidade passeando, muito elegante, como que desafiando a todos para que roçassem por ele, quando devia estar escondido no mato, sujo e coberto de lama de tanto correr. Foi como se nem mesmo ele soubesse que era um assassino e muito menos um negro.”

“E Halliday, muito agitado (pensava já nos mil dólares e já dera dois socos na cara do negro, e o negro comportando-se pela primeira vez como um negro, aguentando-os sem dizer nada, sangrando em silêncio, com uma expressão sombria), pôs-se a gritar, agarrando-o, e nisso se aproximou o velho a quem chamam tio Doc e começou a bater no negro com a bengala até que afinal dois homens tiveram de agarrá-lo e levá-lo para casa de automóvel. Ninguém sabia se o tio Doc conhecia o negro ou não. Ele se aproximara a passo trôpego, gritando: ‘Chama-se Christmas? Disseram Christmas?’ Olhou bem para o negro e pôs-se a bater nele com a bengala. Procedia como se estivesse hipnotizado ou coisa parecida. Tiveram de segurá-lo. Revirava os olhos, babava e batia com a bengala em tudo que chegasse ao seu alcance, até que de repente caiu no chão. Dois sujeitos levaram-no de automóvel para casa. A mulher recebeu-o na porta, levou-o para dentro de casa e os dois homens voltaram à cidade. Não sabiam o que acontecera para que o velho se exaltasse daquela maneira, quando o negro já estava preso. Julgavam, entretanto, que já estivesse bem. Mas ainda não passara nem meia hora e já ele aparecia de novo. Estava completamente desatinado. Postou-se numa esquina e pôs-se a gritar para as pessoas que passavam, chamando a todos de covardes, porque, sem se importarem com Jefferson, não tiravam imediatamente o negro da prisão e não o enforcavam. Parecia um louco que tivesse fugido do manicômio e soubesse que dentro em pouco tornariam a agarrá-lo. Dizem também que já foi pregador.”

“Dizia que tinha direito de matar o negro. Mas não declarava por que e estava exaltado e louco demais para poder dizer coisa com coisa, quando lhe faziam alguma pergunta. Em torno dele formou-se um grande grupo. Tio Doc gritava que tinha todo o direito de ser o primeiro a dizer se o negro devia ou não viver. E a gente começava a pensar que o lugar mais apropriado para ele seria a prisão com o negro. Nisso, Chegou sua mulher.”

“Há gente que vive em Mottstown há trinta anos e, contudo, nunca a viu. Não souberam quem era, enquanto ela não falou com o marido, porque mesmo aqueles que a tinham visto alguma vez (nunca saía das imediações da casinha do bairro negro onde moravam) a viam sempre com um roupão e um chapéu velho do marido. Mas agora, se apresentava muito bem vestida, com um vestido de seda cor de púrpura

e um chapéu com pluma. A mulher se aproximou do grupo onde o marido vociferava e disse: 'Eupheus.' O tio Doc cessou de gritar, olhou-a, ainda a brandir a bengala no ar, e ficou de boca aberta, babando. A mulher travou-lhe do braço. Muita gente não se atrevera a aproximar-se dele por causa da bengala; parecia que o homem seria capaz de bater em qualquer um, a qualquer momento, sem dar por isso e sem intenção. Porém a mulher se adiantou até ficar debaixo da bengala, travou-lhe do braço, levou-o para uma cadeira, em frente a um armazém, sentou-o ali e disse-lhe: 'Fique aqui até eu voltar. Não se mova. E acabe com os gritos.'

"

"Tio Doc calou-se e ficou sentado no lugar onde ela o deixara e sequer voltou os olhos. Todos viram isso. É possível que fosse porque toda a gente nunca a tinha visto senão perto de sua casa, ou dentro de casa, e porque ele era um homem de mau gênio que ninguém se atreveria a irritar irrefletidamente. O certo é que aquilo causou surpresa. Não acreditavam que o tio Doc recebesse ordens de quem quer que fosse. Dir-se-ia que a mulher sabia algo a seu respeito e que ele tinha de obedecer-lhe. Quando ela lhe disse que se sentasse na cadeira e deixasse de gritar e vociferar, ele se sentou de cabeça baixa. Tremiam-lhe as mãos sobre o grande bastão e a baba lhe caía na camisa."

"A mulher dirigiu-se à cadeia. Como tivesse chegado de Jefferson um aviso de que já havia gente a caminho para conduzir o negro, formara-se um grande grupo em frente à prisão. A mulher abriu caminho por entre o grupo, entrou na cadeia e disse a Metcalf: 'Desejo ver o homem que foi preso.'"

— Por que motivo deseja vê-lo? — perguntou Metcalf.

— Não vou fazer-lhe mal. Quero apenas vê-lo.

"Metcalf respondeu que havia muita gente que desejava a mesma coisa e que, apesar de saber que ela não tinha intenção de ajudar o preso a fugir, ele, Metcalf, era apenas carcereiro e não podia deixar passar ninguém sem licença do xerife. \ A mulher, com seu vestido cor de púrpura, com a pluma imóvel no chapéu, parecia uma estátua."

— Onde está o xerife? — perguntou ela.

— Talvez esteja no seu gabinete — respondeu Metcalf. — Vá procurá-lo, arranje uma licença e poderá ver o negro.

"Metcalf pensou que estivesse tudo terminado. De modo que ficou observando a mulher sair, atravessar os grupos estacionados em frente e seguir pela rua até a praça. Agora a pluma balançava. Metcalf podia vê-la balançar ao longo da cerca. Depois viu a mulher atravessar a praça e entrar na delegacia. Ninguém sabia o que ela andava fazendo, porque Metcalf não tivera tempo de contar ao pessoal o que acontecera na prisão. Viram a mulher, entrar na delegacia. Russel contou depois que, encontrando-se no escritório, levantou casualmente a cabeça e viu o chapéu com a pluma erguer-se por trás do balcão, junto à janela. Não

sabia quanto tempo a mulher estivera ali, esperando que ele levantasse a cabeça. Disse que a mulher tinha apenas a estatura suficiente para olhar por cima do balcão, dando assim a impressão de que não tinha corpo. Era como se alguém, entrando ali furtivamente, tivesse posto um balão de brinquedo com uma cara pintada e um chapéu por cima, como fizeram os garotos da historieta cômica.”

— Quero ver o xerife — disse a mulher.

— Ele não está — respondeu Russel. — Sou o seu auxiliar. Que deseja?

“Russell disse que a mulher não respondeu imediatamente e que depois perguntou:

— Onde poderei encontrá-lo?

— Talvez esteja em casa. Tem estado muito ocupado essa semana, às vezes até mesmo de noite, ajudando a polícia de Jefferson. Talvez esteja passando um pouco pelo sono. Mas talvez eu possa...”

“Ela, porém, já se fora. Russell diz que olhou pela janela e viu-a atravessar a praça e dobrar a esquina em direção à casa do xerife. Diz ele que ficou procurando descobrir quem poderia ser aquela mulher.”

“A mulher não encontrou o xerife. Seja como for, era muito tarde, porque o xerife já se encontrava na prisão, apenas Metcalf não dissera isso à mulher, e além disso, mal ela se afastara, chegaram os oficiais de Jefferson em dois automóveis. Entraram imediatamente na cadeia. Correram, porém, o boato de que se encontravam ali, e devia haver uns duzentos homens, meninos e mulheres em frente à prisão quando os dois xerifes saíram para o pátio e o nosso xerife pronunciou um discurso, pedindo à gente que respeitasse a lei e acrescentando que ele e o xerife de Jefferson prometiam que o negro seria submetido a um processo rápido e justo. Alguém do grupo gritou: ‘Justo? Vão para o diabo! Teria ele tratado com justiça aquela mulher?’ E o povo se amontoou, gritando como se gritassem todos para a mulher morta, e não para os xerifes. Mas o xerife continuou falando calmamente e disse-lhes que o que ele procurava fazer era cumprir a palavra que lhes dera no dia em que o haviam eleito. ‘Tenho tanta simpatia’, dizia ele, ‘pelos assassinos negros como qualquer dos brancos presentes. Mas juro diante dos céus que Cumprirei minha palavra. Não quero desordens, mas também não as temo. Tenham paciência por enquanto. Em companhia dos dois xerifes estava também Halliday, que era o que, mais se distinguia pedindo que fossem sensatos e não fizessem escândalo. ‘Sim. Compreendemos que você não queira que linchem o negro’, gritou um. ‘Mas para nós ele não vale mil dólares. Não vale nem mil fósforos riscados.’ E o xerife respondeu imediatamente: ‘E que tem que Halliday não queira que se mate o negro? Não é também o nosso desejo? Quem vai receber a recompensa é um cidadão de Mottstown: o dinheiro vai ficar aqui mesmo. E se fosse alguém de Jefferson? Não é justo isso? Não é sensato?’

Sua voz era débil como a de uma boneca, soava como deve soar a voz de um homem corpulento quando está falando não contra alguém que escuta, mas contra espíritos que quase já tomaram determinada resolução.”

“Seja como for, isso pareceu convencê-los, embora todos soubessem que nem Mottstown nem outra cidade qualquer iria ver os mil dólares, nem mesmo o suficiente para engordar um bezerro, se fosse Halliday o felizardo a quem eles tocassem. Mas o fato é que o xerife acertou. Os homens são estranhos. Não podem apegar-se a um modo de pensar, ou de fazer qualquer coisa, a não ser que encontrem novos motivos para fazê-lo com muita frequência. E quando encontram um novo motivo, é possível que ainda mudem de opinião. Assim, não é que tivessem propriamente voltado atrás. O que sucedeu foi que, se antes a multidão se ajuntara como que de dentro para fora, agora começava a ajuntar-se de fora para dentro. Os xerifes sabiam disso, como sabiam também que aquilo não duraria muito, e assim entraram rapidamente na cadeia antes de a multidão ter tempo de dar meia-volta, e tornaram a sair com o negro entre eles, seguidos de cinco ou seis guardas. Provavelmente tinham tudo preparado dentro da prisão, porque saíram quase imediatamente, ladeando o negro, o qual tinha o rosto inchado e estava preso pelo pulso ao xerife de Jefferson. E da multidão ergueu-se um ‘Ahhh!’ tremendo e prolongado.”

“O povo fez alas até o ponto onde o primeiro automóvel de Jefferson estava à espera, com o motor em movimento e um homem ao volante. Os xerifes não queriam perder tempo. Nisso,, apareceu a mulher de Hines, que vinha abrindo caminho por entre a multidão. Era tão pequena que a única coisa que se via dela era a pluma que avançava lentamente e dava como que umas pancadas no ar, como se fosse alguma coisa que não podia mover-se depressa, apesar de não. encontrar nenhum obstáculo, ou como um trator que nada podia deter. E assim foi-se ela adiantando e introduzindo no meio da ala feita pelo povo até chegar diante dos xerifes com o negro entre os dois, de sorte que estes tiveram de parar para não pisar sobre ela. Sua cara parecia uma massa e, como tivesse o chapéu tombado, a pluma balouçava na frente dos seus olhos, atrapalhando-lhe a visão, e era preciso a cada passo colocá-la para trás. A mulher, porém, não fez nada demais. Apenas os fez estacar de repente e durante um minuto, enquanto lançava um olhar ao negro. Não disse palavra como se fosse só aquilo que ela queria e só por causa daquilo tivesse incomodado meio mundo, sendo essa a única razão pela qual se vestira a capricho e viera à cidade: só para olhar a cara do negro um vez. Porque dali virou-se e de novo se meteu por entre o povo, entrando aqui e saindo mais adiante, e, quando os carros partiram levando o criminoso e a justiça de Jefferson, e o povo olhou em torna ela já se tinha ido. Então voltaram à praça, e já tio Doc também havia desaparecido da cadeia onde ela o pusera, dizendo-lhe que a esperasse. Nem todos; porém,

tenham voltado para a praça. Vários permaneceram onde haviam estado, contemplando a cadeia como se de lá tivesse saído a sombra do negro.”

“Pensaram que a mulher tivesse levado o tio Doc para casa. Aquilo foi em frente ao armazém de Dollar e Dollar contou que a tinha visto de volta, mas bem antes de chegarem os outros. Disse que o tio Doc continuava lá imóvel, sentado na cadeira onde a mulher o deixara como que hipnotizado, e que, quando a mulher se aproximou e o tocou no ombro, ele se ergueu e Os dois saíram juntos, acompanhando-os Dollar com a vista. Acrescentou que, a julgar pela cara do tio Doc, o que ele precisava era ir para casa.”

“Mas a mulher não o levou para casa. No fim de algum tempo o povo viu que ela não se propunha levá-lo a parte alguma. Parecia que os dois queriam fazer a mesma coisa. A mesma coisa, mas por motivos diferentes, como se cada qual soubesse que o motivo do outro era diferente e que, fosse qual fosse o que vencesse, aquilo teria sérias consequências para o que perdesse. Era como se os dois o soubessem sem o dizer, como se cada um deles estivesse vigiando o outro e ambos soubessem que a ela caberia a iniciativa de tudo.”

“O casal dirigiu-se à garagem onde Salmon guarda o seu carro de aluguel. Quem falou foi a mulher. Disse que queriam ir a Jefferson. Pode ser que nunca tivessem imaginado que Salmon fosse pedir mais de vinte e cinco centavos, porque, quando ele falou em três dólares, ela perguntou de novo, como se não pudesse acreditar no que Ouvia. Três dólares. Não posso fazer por menos”, disse Salmon. O casal continuava ali imóvel. Tio Doc não tomava parte na conversa, como se estivesse esperando, como se aquilo não lhe dissesse respeito, como se soubesse que não tinha necessidade de preocupar-se e que sua mulher providenciaria sobre; a ida de ambos a Jefferson.

— Não posso pagar isso tudo — disse a mulher.

— Só conseguirá mais barato se for de trem. Pagaria cada um cinquenta e dois centavos.

“Mas a mulher já se ia afastando, com o tio Doc a segui-la como um cão.”

“Isso acontecia às quatro horas. Até seis horas toda a gente os viu sentados num banco, no pátio da delegacia, sem falar um com o outro, como se nenhum soubesse nem mesmo que o outro estava presente — sentados ao lado um do outro, ela com o vestido dos domingos e talvez contente por estar bem vestida e no centro da cidade durante toda a tarde de sábado, É provável que para ela aquilo tivesse a mesma importância que para outros teria o fato de passarem o dia inteiro em Memphis.”

“Quando o relógio, bateu seis horas, eles se levantaram. Contam que a mulher não disse nem uma palavra ao marido e que, se puseram de pé os dois ao mesmo tempo, como dois pássaros que levantam voo sem

que se possa dizer qual dos dois deu o sinal. E puseram-se a caminho. O tio Doc caminhava um pouco atrás. Atravessaram a praça e dobraram a rua que leva à estação. A gente sabia que, antes de decorridas três horas, não passaria nenhum trem, e conjeturava sobre se iriam realmente de trem a algum lugar, mas bem depressa viram que eles iam fazer alguma coisa que os surpreendeu ainda mais. Tio Doc e a mulher que, desde a sua chegada a Mottstown, nunca tinham sido vistos juntos na rua e muito menos num café, entraram para jantar num pequeno café situado perto da estação. Foi ela quem o levou ali. Talvez tivessem receio de perder o trem, se jantassem na cidade, porquanto antes das seis e meia já os dois estavam sentados em tamboretas diante do balcão, comendo o que ela pedira sem consultar o marido, se queria isso ou aquilo. A mulher perguntou ao dono do café a que hora passava o trem para Jefferson e o homem respondeu que às duas da madrugada. 'Essa noite vai haver hordas de mosquitos em Jefferson. Se alugassem um automóvel, estariam lá dentro de quarenta e cinco minutos. Não precisariam esperar o trem das duas', disse-lhes o homem, tomando-os por forasteiros e indicando-lhes de que lado ficava a cidade."

"A mulher não disse nada; quando acabaram de comer, tirou de um trapo que puxara de dentro do guarda-chuva uma moeda de cinco centavos e uma de dez, enquanto tio Doc estava à espera, sempre com aquele olhar vago de sonâmbulo. Depois saíram. O dono do café julgou que o casal de velhos ia seguir o seu conselho e alugar um carro; viu, porém, que eles atravessavam os carris de ferro e se dirigiam à estação. Houve um momento em que pensou em chamá-los, mas não o fez. 'Parece-me que compreendi mal. Talvez quisessem tomar o trem das nove em outra direção', disse."

"Tio Doc e a mulher continuavam sentados num banco da sala de espera quando as pessoas — viajantes ociosos e coisa parecida começaram a chegar e a comprar passagens para o trem com destino ao Sul. O agente da estação diz que, quando voltou às sete e meia, depois do jantar, vira pessoas na sala de espera, mas não observara nada de particular senão quando a mulher de Hines se aproximou da bilheteria e perguntou a que hora saía o trem para Jefferson. Diz o agente que no momento estava ocupado e que, levantando ligeiramente os olhos, respondeu: 'Amanhã', sem interromper o que estava fazendo. E que, ao cabo de algum tempo, qualquer coisa o fez erguer os olhos e lá estava, imóvel, à bilheteria, aquela cara redonda olhando para ele, e mais a pluma. E a mulher disse:"

— Quero duas passagens para esse trem.

— Só chega às duas da madrugada — respondeu o agente, que não a reconhecera. — Se querem chegar depressa a Jefferson, mais vale ir à cidade e tomar um automóvel. Sabem para que lado fica a cidade?

"Disse o empregado que a mulher continuara de pé, contando moedas de cinco e dez centavos que tirava de um trapo cheio de nós, e que ele lhe dera duas passagens e que, olhando um pouco, mais além da

janela e vendo tio Doc, descobriu quem era a mulher. Os dois continuaram sentados ali e chegaram pessoas que iam embarcar no trem do Sul; este chegou, partiu, e o dois continuaram no mesmo lugar. Disse que o tio Doc parecia estar dormindo ou narcotizado ou coisa assim. Depois da partida do trem algumas pessoas não voltaram para a cidade. Ficaram ali a olhar pela janela e de vez em quando entravam e olhavam para o tio Doc e a mulher sentados no banco. Até que afinal o agente apagou a luz da sala de espera.”

“Mesmo depois disso ainda ficaram algumas pessoas. Pela janela, viam os dois, sentados no escuro. Talvez vissem a pluma e a cabeça branca do tio Doc. À certa altura este começou a despertar. Não parecia surpreso por ver onde se encontrava ou por estar onde. não desejava estar. Despertou como se tivesse ido ao sabor da corrente durante muito tempo e agora tivesse chegado o momento de pôr força nos remos. Ouviu-se a mulher fazer ‘psius’ prolongados como a uma criança e o velho se interrompia. Quando o agente se aproximou e lhes disse que o trem das duas ia chegar, os dois continuavam sentados e ela emitia ainda prolongados ‘psius’ como a uma criança e o tio Doc a berrar: ‘Prostituição e abominação! Prostituição e abominação!’ ”

Como o seu chamado não teve resposta, Byron afasta-se do pórtico, rodeia a casa e penetra no pátio fechado que fica atrás. E debaixo da amoreira vê imediatamente a cadeira de lona, remendada, desbotada e afundada desde há tanto tempo pela forma do corpo de Hightower e que, ainda quando desocupada, parece reter, num abraço espectral, a informe obesidade do seu dono. Ao aproximar-se, Byron reflete que aquela cadeira muda, a lembrar o desuso, o abandono e o afastamento do mundo, é de certo modo o símbolo da existência daquele homem. “Vou importuná-lo de novo”, pensa, com aquele impreciso encrespar de beíço, e continua: *De novo? Ele próprio verá que aquilo que o incomodou não é nada, comparado com o que há agora. Além disso outra vez num domingo. Como, porém, o domingo foi inventado pela gente, o domingo gostaria de vingar-se.*

Aproxima-se por trás da cadeira e olha. Hightower está dormindo. Sobre o alto do seu ventre, no qual a camisa branca (limpa agora e recentemente vestida) incha como um globo, saindo fora das calças pretas e usadas, jaz um livro aberto, com a frente para baixo, e sobre o livro, cruzadas, pacíficas, benévolas, quase pontificais, as mãos de Hightower. A camisa, cortada por um modelo antigo e passada com desleixo, tem peitilho de pregas. Está sem colarinho. Sua boca esta aberta, e a carne adjacente pende flácida do orifício redondo, no qual aparecem os manchados dentes inferiores, e do nariz ainda de traços delicados, que nem a idade, o devastador perpassar dos anos, mudou. Olhando para aquele rosto inconsciente, Byron tem a impressão de que o homem Inteiro foge do nariz que, qual bandeira esquecida nas ruínas de uma fortaleza, se apega invencível ao que resta de orgulho e de coragem, sobre a imundície da derrota. E a luz, o reflexo do céu para além das folhas da amoreira, resplandece e cintila nos vidros dos óculos, de modo que Byron não pode dizer com segurança quando Hightower abre os olhos. Só vê a boca fechar-se e um movimento das mãos cruzadas quando ele se senta.

— Hein! — diz Hightower. — Sim. Quem é? Ah! Byron!

Byron olha-o com expressão séria, não com olhar compassivo. Aquele olhar nada exprime: é apenas muito tranquilo e resolutivo. E diz sem nenhuma inflexão na voz:

— Prenderam-no ontem. Suponho que assim como o senhor não ouviu falar no crime, não deve também ter ouvido falar nisso.

— Prenderam-no?

— Sim. A Christmas. Em Mottstown. Foi àquela cidade e, pelo que ouvi dizer, pôs-se a passear pelas ruas até que alguém o reconheceu.

Hightower endireita-se agora na cadeira.

— Prenderam-no. E você vem me dizer que... que...

— Não. Ninguém lhe fez nada até agora. Ainda não morreu. Está na cadeira. Está bem.

— Você diz que ele está bem. Byron diz que ele está bem... Byron Bunch ajudou o amante da mulher a trair seu amigo por mil dólares e Byron diz que tudo está bem. Ocultou a mulher ao pai do menino, enquanto outro — direi amante, Byron? Empregarei essa palavra? Vou abster-me de dizer a verdade só porque Byron Bunch a oculta?

— Se a verdade é o que o povo fala, então isso é verdade. Especialmente quando se souber que consegui encerrá-los a ambos na cadeia.

— A ambos?

— A Brown também. Acho, porém, que para muita gente Brown era tão incapaz de cometer o crime ou de colaborar nele como foi incapaz de pegar aquele que o cometeu ou de ajudar na sua captura. Mas todos poderão dizer que Byron Bunch conseguiu que o pusessem na cadeia.

Ah! Sim — exclama Hightower com uma vozinha trêmula e alta. — Byron Bunch, o guarda da moralidade e do bem-estar público. O ganhador, o herdeiro de uma recompensa. Já que o prêmio recairá na esposa morganática de... Direi isso também? Poderei ler nisso também o nome de Byron?

E Hightower, enorme e frouxo na sua cadeira afundada, começa a chorar.

— Não é isso — prossegue. — Já sabe que não é isso que quero dizer. Mas não é justo que me perturbem, me atormentem quando ensinei a mim próprio a ficar, quando me ensinaram a ficar... Que isso tivesse de me acontecer agora que estou velho e quando me reconciliei com aquilo que acreditaram que...

Byron o vira uma vez suando de tal maneira que o suor lhe escorria pelo rosto como lágrimas; agora vê lágrimas verdadeiras que lhe correm como suor pelo rosto flácido.

— Compreendo. É lamentável ter de incomodá-lo. Eu não sabia. Quando me meti nesse negócio, eu não sabia. Senão, eu teria... Mas o senhor é um homem de Deus. Não pode esquivar-se.

— Eu não sou um homem de Deus. E não é por meu próprio desejo. Não se esqueça disso. Não é por minha própria escolha que não sou um homem de Deus, mas por vontade, por ordem de outros como você e ela, e o que está na prisão e os que o puseram ali a fim de impor-lhe sua vontade, como a impuseram a mim, por meio do insulto e da violência sobre os que foram criados pelo mesmo Deus que os criou, e que se viram forçados a cometer os mesmos atos pelos quais agora querem castigá-los. Não foi escolha minha. Não se esqueça disso.

— Sei disso. Porque não é dado ao homem fazer muita escolha. O senhor fez a. sua antes disso. — Hightower olha para ele. Fizeram-no escolher antes de eu ter nascido e o senhor escolheu antes que eu, ou ela, ou ele tivéssemos nascido. O senhor escolheu. E creio que por causa disso hão de sofrer tanto, os bons como os maus, hão de sofrer tanto como eu,

ou ela, ou ele, e tanto como os outros, como a outra mulher.

— Como? A outra mulher? Outra mulher? Então minha vida há de ser violada, minha paz há de ser destruída ao cabo de cinquenta anos por duas mulheres perdidas, Byron?

— A outra não está perdida. Esteve durante trinta anos. Mas agora foi encontrada. É a avó dele.

— Avó de quem?

— De Christmas — responde Byron.

Da janela do gabinete às escuras, Hightower espera, olhando a rua e o portão, e ouve a música distante no momento em que ela começa. Não compreende que a espera, que todas as quartas-feiras e sábados à noite, sentado às escuras junto à janela, espera que ela comece. Sem recorrer a relógio, quer de bolso quer de parede, que não usa, que faz já vinte e cinco anos não precisa usar, sabe quase o segundo preciso em que vai começar a ouvi-la. Vive dissociado do tempo mecânico. Contudo, e por essa razão, não o perdeu. É como" se, sem volição, extraísse do inconsciente algumas cristalizações de momentos definidos, mediante os quais, durante um certo tempo, governou e dirigiu sua vida morta num mundo real. Sem recorrer ao relógio podia saber imediatamente onde estaria sua vida passada e o que estaria fazendo entre dois momentos fixos que marcavam o começo e o fim dos serviços religiosos da manhã e da noite de domingo e o da noite de quarta-feira, em que momento exato estaria entrando na igreja e em que momento exato poria um fim calculado às rezas e ao sermão. E antes de se apagar totalmente a luz do crepúsculo, diz consigo: *Agora os grupos, os casais, os que vieram sós vão-se reunindo, adiantam-se lentamente pelas ruas, dobram as esquinas, cumprimentam uns aos outros. Em voz baixa conversam um pouco sobre banalidades já dentro da igreja, as mulheres, cochichando um pouco atrás dos leques, cumprimentam as amigas com um movimento de cabeça ao passar pela nave. Miss Carruthers (que fora sua organista e morrera havia quase vinte anos) chegou também. Em breve subirá para o coro.* Nos domingos à noite, reunião para rezas. Sempre lhe pareceu que era essa, mais do que qualquer outra dos sete dias da semana* a hora em que o homem se aproxima de Deus. De todos os serviços religiosos, pois, apenas a reunião das noites de domingo oferece algo dessa paz que a igreja promete e que constitui, o seu fim. Se isso é possível, é então que. o espírito e o coração se depuram; a semana, com todos os seus desastres, terminada, resumida e expiada pela violência formal e severa do serviço religioso da manhã; estando ainda por nascer a semana próxima e os seus possíveis desastres, o coração se tranquiliza por um momento ao sopro refrigerante e suave da esperança e da fé.

Sentado à janela, às escuras, Hightower julga vê-los: *Agora reúnem-se, entram. Agora estão quase todos juntos.* E inclinando-se um pouco para frente, começa a dizer: "Agora, agora." E então, como se tivesse esperado

que ele desse o sinal, a música principia. Os acordes do órgão ressoam harmoniosos e sonoros em meio à noite de verão, com um tom de humildade e sublimação como se as próprias vozes tomassem as formas e atitudes de crucifixão, extáticas, solenes, profundas, aumentando de volume. Mesmo então, contudo, a música tem ainda a mesma implacabilidade severa, deliberada e sem paixão, como se fosse uma imolação, pedindo, suplicando não amor nem vida, mas proibindo aos outros amor e vida; e como toda música protestante, pedindo a morte, como se a morte fosse uma dádiva. Era como se aqueles que a aceitavam e erguiam a voz para louvá-la sem cessar, depois que aquilo que a música louvava e simbolizava fizera deles o que eram, quisessem, mediante aquele mesmo louvor, vingar-se daquilo que os tornara assim. Escutando-a, Hightower parece ouvir nos sons a apoteose de sua própria história, de sua terra, do seu próprio sangue, dessa gente da qual descende e entre a qual vive, e que parece não suportar prazer ou catástrofe sem fazê-lo aos berros. E pensa: *Nesse caso, por que sua religião não os levaria à crucifixão de si mesmos e dos outros?* Parece-lhe ouvir na música a declaração e o propósito do que sabem que irão fazer amanhã. Parece-lhe que a semana passada correu rápida como uma torrente e a semana que começará no dia seguinte é o abismo, e que agora, à margem da Catarata, a torrente lançou um grito único, harmonioso, sonoro e austero, não como uma justificativa, mas como a saudação do moribundo antes do mergulho final, e não a algum deus, mas ao condenado à morte na cela de grades de onde pode ouvir os fiéis de sua igreja e os das duas outras e em cuja crucifixão eles também erguerão uma cruz. “E farão isso com alegria”, diz ele junto à janela escura. Sente que a boca e os músculos da maxila se distendem como a pronunciar qualquer coisa, ainda mais terrível do que o próprio riso. “Uma vez que ter dó dele seria reconhecer a própria dúvida, esperar é reclamar dó para si mesmos. Farão isso com alegria. Eis por que é tão terrível, terrível, terrível.” E inclinando-se para a frente vê, entre as sombras, três pessoas que se aproximam e voltam em direção à porta do jardim, recortando-se agora as silhuetas de encontro à luz do lampião da rua. Hightower já reconheceu Byron e olha agora para os outros dois que o acompanham. Sabe que é um homem e uma mulher, mas, se não fosse a saía de um dos vultos, um podia indiferentemente ser tomado pelo outro: de uma altura e de uma corpulência descomunais, como se fossem dois ursos. Começa a rir, antes de estar aparelhado para conter o riso: “Como se Byron trouxesse um lenço na cabeça e brincos”, pensa, rindo silenciosamente, tratando de preparar-se para conter o riso e dirigir-se à porta quando Byron bater.

Byron os conduz ao gabinete — uma mulher baixota e gorda, de vestido cor de púrpura, pluma no chapéu, guarda-chuva, e uma cara perfeitamente imóvel, e um homem incrivelmente sujo e, segundo as aparências, incrivelmente velho, com uma barbicha de bode, com nódoas de fumo, e olhos de louco. Entram não com desconfiança, mas com um

jeito de bonecos, como se fossem manejados por molas grosseiras. A mulher parece ser a mais segura dos dois, ou pelo menos a mais consciente. É como se, apesar de sua inércia gelada e mecanicamente movida, ela tivesse vindo com um propósito determinado ou pelo menos com alguma vaga esperança. Hightower vê imediatamente que o homem se encontra como que num estado de coma, deslembado e totalmente indiferente a tudo que o rodeia, mas que ao mesmo tempo há nele, latente, algo de explosivo, algo de paradoxalmente absorto e alerta.

— É Mrs. Hines — diz Byron tranquilamente.

Hines e a mulher estão imóveis: ela — como se tivesse chegado ao fim de uma longa jornada e agora, entre rostos e ambientes estranhos, espera, impassível como uma geleira, parecendo uma coisa feita de pedra e pintada; ele — o velhote imundo, calmo, enlevado, apesar de latentemente frenético: Hightower faz-lhes sinal para que se sentem. Byron conduz a mulher, que se senta na cadeira com infinitas precauções, aferrando o guarda-chuva. O homem senta-se imediatamente. Hightower leva a sua cadeira para junto da escrivaninha, atrás da qual se senta.

— Que tem ela, para dizer-me? — pergunta.

A mulher não se move. Parece que não ouviu. E como alguém que tivesse feito uma viagem acidentada, fiado numa promessa, e que agora parasse e ficasse à espera. “Esse senhor é o reverendo Hightower. Conte-lhe o que deseja que ele saiba”, diz Byron. E, enquanto ele fala, a mulher olha para ele com uma fisionomia impassível. Se na sua fala há esperança ou ansiedade, nem a esperança nem a ansiedade se manifestam. “Conte-lhe tudo. Diga-lhe por que se encontra em Jefferson”, diz Byron.

— É porque... — Sua voz É súbita e profunda, quase áspera, mas não sonora, como se não esperasse fazer tanto ruído ao falar. Ao ouvir o som de sua própria voz, cala-se com uma espécie de espanto e olha para os rostos dos dois.

— Conte — diz Hightower —, pode contar.

— É porque eu... — A voz cessa novamente antes de falar, como que assombrada de si mesma, como se as três palavras fossem um obstáculo automático que impedisse a voz de passar. Perdi-o de vista antes mesmo de ele ter aprendido a andar — diz ela. — Jamais o vi, durante trinta anos, nunca o vi caminhar nem dizer seu próprio nome...

— Prostituição e abominação — exclama subitamente o homem com voz sonora, aguda e forte. — Prostituição e abominação. — Depois cala-se. No seu presente estado de desvario, grita as duas palavras de uma maneira súbita e ultrajante de profeta. Nada mais. Hightower olha para ele e depois para Byron. Byron diz tranquilamente:

— Christmas é filho da filha deles. Ele... — e com. um ligeiro movimento de cabeça indica o velho, que agora está olhando para Hightower com seus olhos brilhantes e esgazeados de louco — agarrou-o

logo depois de nascido e levou-o. Sua mulher nunca soube o que ele fez com o menino. Ela nem sabia se o menino ainda era vivo até que.

O velho interrompe de novo com o mesmo modo desabrido e surpreendente! Mas dessa vez não grita; fala num tom tão tranquilo e tão lógico como o de Byron. Fala com clareza, apenas com ligeiras sacudidas:

— Sim. O velho Doc Hines o levou. Deus deu sua oportunidade ao velho Doc Hines e o velho Doc Hines também deu a Deus a dele. Deus transmitiu assim a sua vontade pela boca das crianças. As crianças gritavam para ele: “Negro, negro”, para que Deus e os homens as ouvissem, manifestando a vontade de Deus. E o velho Doc Hines disse a Deus: “Mas isso não basta. Os meninos chamam-se uns aos outros coisas piores do que negro”; e Deus disse: “Espera e observa, porque eu não posso perder tempo com a imundície e a prostituição deste mundo. Pus nele a marca e agora vou pôr o conhecimento. E escolhi a ti para que vigies e guardes a minha vontade. A ti toca estar atento a ela e vigiar.”

A voz cessa sem baixar de tom. Pára, exatamente como quando alguém que não está prestando atenção a um disco de gramofone, levanta a agulha. Hightower, de olhos arregalados, desvia seu olhar de Hines e o dirige a Byron.

— Que é isso? Que é isso? — indaga.

— Eu quis arranjar as coisas de modo que ela viesse falar com o senhor sem que ele estivesse presente — responde Byron. — Mas não havia onde deixá-lo. Diz ela que ciem de vigiá-lo. Ontem tentou incitar a gente de Mottstown a linchar Christmas, ainda antes de saber o que este havia feito.

— Linchá-lo? — exclama Hightower. — Linchar seu próprio neto?

— É o que ela conta — responde Byron inalterável. — Diz que ele veio aqui para isso, vindo ela também a fim de evitar que o faça.

A mulher fala outra vez. Talvez tivesse estado escutando, pois seu rosto, que era como de pau, não tinha mais expressão agora do que quando ela entrou. E fala com sua voz morta, quase com a mesma subitaneidade do homem.

— Meu marido está assim há cinquenta anos, há mais de cinquenta anos, porém eu o venho suportando assim há cinquenta anos. Antes de nos casarmos já vivia sempre brigando. Na noite em que Milly nasceu foi preso por causa de briga. Tive de suportar, de sofrer. Dizia que tinha de lutar porque era menor que os outros e que por isso os outros o pisariam. Dizia isso por vaidade e orgulho, mas eu lhe dizia que a razão era que ele tinha o diabo no corpo e que um dia, sem que ele o percebesse, a não ser demasiado tarde, o diabo iria dominá-lo e lhe diria: “Eupheus Hines, venho cobrar os meus direitos.” Foi o que lhe disse no dia seguinte ao do nascimento de Milly, estando eu ainda tão fraca que mal podia levantar a cabeça, e no momento em que ele acabava de sair da cadeia. Disse-lhe

que o fato de se encontrar na prisão na hora, no minuto mesmo em que sua filha nascia, era um sinal, uma advertência que Deus lhe fazia de que não o reputava habilitado a criar uma filha. O sinal do Deus das alturas indicando (ele era então guarda-freio da estrada de ferro) que a cidade não lhe fazia senão mal. E como era um sinal, ele o tomou a sério e nos mudamos da cidade e no fim de algum tempo ele chegou a prosperar, sendo capataz da serraria, porque não começara a tomar o nome de Deus em vão, para justificar e desculpar com orgulho o demônio que trazia dentro de si. E quando o carro de Lem Bush passou uma noite de volta do circo e não parou para que Milly descesse, Eupheus entrou em casa e tirou as coisas do armário, atirando-as ao chão, até que deu com a pistola. E eu disse-lhe: “Eupheus, o que o move agora não é a segurança de Milly, mas o diabo.” E ele me respondeu: “Seja ou não o diabo, seja ou não o diabo.” Deu-me uma bofetada e eu caí na cama, a olhar para ele.

A mulher se cala. Sua Voz cessa com uma inflexão decrescente, como se a máquina se tivesse esgotado no meio de um disco. O olhar de Hightower passa novamente dela para Byron, com a mesma expressão de espanto.

— Foi o que me contou também — diz Byron. — A princípio eu também não podia compreender. O casal vivia então numa serraria de Arkansas, da qual Hines era o mestre. A filha tinha então dezoito anos. Uma noite passou um circo diante da serraria, a caminho da cidade. Era em dezembro e chovera muito. Um dos carros desarranjou-se ao atravessar uma ponte próxima da serraria e os homens foram até a casa de Hines, acordaram-no e pediram emprestado um toro para desatolar o carro...

— Abominação divina sobre a carne da mulher— grita de repente o velho. E sua voz desce, baixa. Dir-se-ia que o seu intuito é apenas atrair a atenção. Fala outra vez rapidamente, num tom *vago*, fanático, referindo-se a si mesmo na terceira pessoa: — Ele sabia. O velho Doc Hines sabia. Já tinha visto nela, sob o seu vestido, o sinal da abominação de Deus sobre a carne da mulher. Assim, quando pôs sua capa impermeável, acendeu a lâmpada e voltou, da já estava à porta, também de capa e ele lhe disse: “Volte para a cama.” Ela respondeu: “Quero ir também.” E ele disse: “Volte para o quarto.” Ela voltou e ele foi a serraria, trouxe o grande toro e desatolou o carro. Trabalhou até quase amanhecer, acreditando que ela tivesse obedecido à ordem do pai que Deus lhe dera. Mas ele devia ter sabido, devia ter visto a abominação de Deus sobre a carne da mulher, devia ter reconhecido a forma ambulante da prostituição e da abominação que já cheiravam mal diante de Deus. Dizer ao velho Doc Hines, que estava melhor informado, que o homem era mexicano, quando o velho Doc Hines via na cara dele a maldição negra do Deus Todo-Poderoso! Dizer-lhe isso...

— O quê? — exclama Hightower em voz alta, como se compreendesse já que precisaria abafar a voz do outro à força de volume.

— Que diz ele?

— Era um dos homens do circo — replica Byron. — A moça disse que ele era mexicano. Foi o que disse ao pai, quando este a apanhou. Talvez o homem o tivesse dito a ela mesma. Ele, porém — e indicou de novo o velho —, sabia, não sei como, que o sujeito tinha sangue negro. Talvez a gente do circo lhe tivesse dito. Não sei. Ele não disse de que maneira o soube, como se isso não tivesse importância. E depois da noite seguinte não teve mesmo importância.

— A noite seguinte?

— Parece que a moça deu uma escapada enquanto o circo esteve parado. Pelo menos é o que Hines conta. Seja como for, Hines agiu como se tivesse acontecido isso e o que ele fez não poderia ter acontecido se ela não tivesse realmente dado uma escapada e ele não o tivesse sabido. No dia seguinte a moça foi ao circo com uns vizinhos. Ele deixou-a ir porque não sabia que ela havia saído na noite anterior. Não desconfiou de nada, nem mesmo quando ela apareceu com o vestido domingueiro para subir no carro dos vizinhos. Mas ficou esperando que o carro regressasse à noite, esperou até que ouviu o barulho e o carro veio pela estrada e passou diante da casa, como se não fosse parar para ela descer. Hines começou a correr, gritando, e, quando o vizinho fez parar o carro, a moça não estava dentro. O vizinho contou que ela os deixara no terreno do circo, dizendo-lhes que ia passar a noite em casa de outra moça a umas seis milhas de distância, e achava estranho que Hines não soubesse, porque, disse ele, quando a pequena subira para o carro, levava uma maleta. E ela — dessa vez Byron indica a mulher de cara de pedra, que pode ou não estar escutando o que ele diz — diz que foi o diabo que o guiou. Diz que ele podia saber tanto quanto ela onde se encontrava a filha, e, no entanto, entrou em casa, agarrou a pistola e derrubou-a sobre a cama quando ela tentou detê-lo, selou o cavalo e foi-se. E acrescenta que Hines tomou o único atalho que podia ter tomado para alcançá-los, escolhendo-o na escuridão entre uns seis. Todavia não era possível que soubesse qual o caminho que tomara. Mas sabia. Encontrou-os, como se durante todo o tempo tivesse sabido Onde eles estavam, como se tivesse marcado ali um encontro com o homem que, segundo lhe dissera a filha, era mexicano. Era como se o soubesse. A noite estava escura como breu, e mesmo quando Hines alcançou o *buggi*,^[5] não podia dizer se era o tal que procurava. Hines, porém, dirigiu-se ao pequeno carro, o primeiro que encontrara naquela noite, colocou-se à direita dele, inclinou-se na escuridão tenebrosa e, sem dizer uma palavra, sem deter o cavalo, aferrou o homem, que, a julgar pelo que sabia ou ouvira dizer, podia ter sido um desconhecido ou um vizinho, aferrou-o com uma das mãos e, com a pistola na outra, disparou-lhe um tiro, matando-o, e trouxe a moça para casa na garupa do cavalo, deixando o homem e o carro na estrada. A chuva começara a cair novamente.

Quando Byron se cala, a mulher começa imediatamente a falar,

como se estivesse esperando com imensa impaciência que ele parasse. Fala no mesmo tom morto e monocórdio. As duas vozes são como monótona estrofe e antístrofe, duas vozes sem corpo narrando como em sonho qualquer coisa que se passou numa região sem dimensão, entre gente sem sangue:

— Eu me encontrava caída na cama. Vi que ele saía e percebi o cavalo sair da estrebaria e passar já a galope pela frente da casa. Fiquei na cama, inteiramente vestida, a olhar para a lâmpada. Como o azeite fosse acabando, ao cabo de algum tempo levantei-me, fui à cozinha, enchi a lâmpada e limpei o pavio, depois mudei de roupa e deixei-me cair na cama, com a lâmpada a arder. Continuava a chover e fazia frio. No fim de algum tempo percebi que o cavalo voltava ao terreiro e parava no pórtico. Levantei-me, pus um xale e ouvi que os dois entravam em casa. Ouvi os passos de Eupheus e logo depois os de Milly, que se aproximavam pelo vestibulo. Quando a porta se abriu, Milly ficou ali imóvel, com o rosto e o cabelo molhados pela chuva, os olhos fechados e o vestido novo todo enlameado. Então Eupheus bateu-lhe e ela caiu no chão e ficou ali prostrada, apresentando no seu semblante o mesmo aspecto desolador que tinha quando ela estava de pé. E Eupheus, de pé à porta, também encharcado e barrento, disse-me: “Você dizia que eu andava na obra do demônio. Pois aqui lhe trago a colheita do demônio. Pergunte a ela o que traz dentro de si. Pergunte-lhe.” Eu estava muito cansada e fazia muito frio. “Que aconteceu?”, disse-lhe. E ele respondeu: “Vá até lá, baixe seus olhos ao barro e verás. Pode ser que ele a tenha enganado dizendo que era mexicano, mas a mim não enganou. Nem a enganou também. Não tinha necessidade disso. Uma vez você me disse que o diabo me dominaria e reclamaria os seus direitos. Já o fez. Minha mulher me deu por filha uma prostituta. Mas, quando chegou o tempo de cobrar, o demônio fez pelo menos o que pôde: ensinou-me o caminho e segurou com firmeza o revólver para mim.”

“Por isso, às vezes eu chegava a pensar que o demônio triunfara de Deus. Quando vimos que Milly estava grávida, Eupheus pôs-se a procurar um médico que resolvesse o caso. Julguei que encontraria algum e às vezes pensava que, se o homem e a mulher têm de viver no mundo, seria melhor assim. As vezes eu tinha esperança de que ele encontrasse algum; eu estava muito cansada depois que passou o momento da provação. O dono do circo tomou a passar por ali e disse que o homem em parte era negro em vez de mexicano, como sempre dissera a Eupheus, como o demônio o dissera a ele. Eupheus agarrou de novo a pistola e disse que ou encontrava um médico ou matava um. E saía e passava às vezes uma semana fora e todo o mundo já sabia do caso e eu procurava convencer Eupheus de que nos devíamos mudar, porque fora o dono do circo que dissera que o homem em parte era negro e talvez ele estivesse enganado, e além disso fora embora e provavelmente não tomaríamos a vê-lo. Mas Eupheus não queria mudar-se. Milly estava para parir a

qualquer hora e Eupheus passava o tempo todo de pistola na mão, procurando um médico que resolvesse o caso. De repente ouvi dizer que o tinham posto novamente na cadeia; ele dera para entrar em todas as igrejas nas horas de prece, nos diferentes lugares por onde andara à cata de médico. Uma noite pôs-se de pé, estando numa assembleia religiosa, subiu ao púlpito e começou a pregar, clamando contra os negros e incitando os brancos a matá-los todos. A gente que se encontrava na igreja o fez descer do púlpito e ele, de revólver em punho, ameaçava céus e terra, até que a polícia interveio. Prenderam-no durante algum tempo, considerando-o louco. Averiguou-se depois que em outra cidade agredira um médico e fugira antes que o agarrassem. Quando saiu da prisão e voltou para casa, Milly estava a ponto de dar à luz e, como eu o via tranqüilo dentro de casa, pensei que tivesse cedido, tendo reconhecido afinal a vontade de Deus. Um dia encontrou as roupinhas que Milly e eu tínhamos preparado às escondidas e limitou-se a perguntar para quando seria. Perguntava todos os dias. Pensávamos que ele renunciara ao seu projeto e que talvez o fato de ter frequentado as igrejas e de ter estado no cárcere o tivesse reconciliado com a idéia, como acontecera quando Milly nasceu. Chegou o tempo e uma noite Milly me acordou e disse que começara. Vesti-me e disse a Eupheus que fosse chamar um médico. Ele vestiu-se e saiu. Eu tinha preparado tudo. Passava o tempo, o médico e Eupheus já podiam estar de volta, e nem sequer Eupheus chegara. Esperei até o momento em que o médico já não poderia tardar e saí até o pórtico para espiar. Eupheus estava sentado no último degrau, com a espingarda atravessada sobre os joelhos e me disse: 'Volte. Entre imediatamente nessa casa de marafonas.' Eu disse-lhe: 'Eupheus!' E Eupheus levantou a espingarda e disse: 'Volte para dentro de casa. Que o diabo apanhe sua colheita. Foi ele quem a semeou.' Tentei sair pela porta traseira, mas Eupheus percebeu, rodeou a casa, deu-me uma pancada com o cano da espingarda, e eu voltei para onde estava Milly. Eupheus ficou de pé à porta do corredor, de onde podia ver Milly, e ali ficou até que ela morreu. Depois aproximou-se da cama, olhou para a criança, tomou-a, ergueu-a mais alto que a lâmpada, como que para ver quem ganharia, se o demônio, se o Senhor. Eu estava cansada demais. Sentei-me na cama e contemplei a sombra de Eupheus na parede, a sombra de seus braços e do vulto lá no alto. Pensei que o Senhor vencera. Mas agora não sei, porque Eupheus depôs outra vez a criança sobre a cama ao lado de Milly e saiu. Ouvi-o sair pela porta da frente. Em seguida levantei-me, acendi o fogo e aqueci um pouco de leite." Nesse ponto a mulher se cala; cessa o áspero zumbido de sua voz. Hightower observa-a do outro lado da mesa. Observa a mulher imóvel, de cara de pedra e vestido cor de púrpura, que não se mexeu desde que enteou na sala. Depois ela recomeça a falar, sem mover-se, quase sem bulir com os lábios, como se fosse uma boneca e a voz fosse emitida por um ventríloquo que se encontrasse no quarto vizinho.

Eupheus desapareceu. O dono da serraria não sabia para onde ele fora e contratou um novo mestre, mas, como o inverno se aproximava e eu tinha de cuidar da criança, permitiu que eu ficasse mais algum tempo na casa. Eu sabia tanto quanto Mr. Gillman para onde podia ter ido Eupheus, até que chegou a carta. Vinha de Memphis e continha um vale postal. Por isso continuei sem notícias. Em novembro chegou outro vale postal, dessa vez sem carta nem nada. Eu estava muito cansada. Dois dias antes do Natal estava eu no quintal cortando lenha, e quando entrei em casa, o menino havia desaparecido. Eu não estivera fora de casa uma hora e parecia-me impossível que não tivesse visto Eupheus entrar nem sair. Mas não o vi. Sobre a almofada que eu havia posto entre a beirada da cama e o menino para que ele não caísse, encontrei uma carta. Sentia-me muito cansada e esperei. Eupheus voltou para casa depois do Natal e não quis dizer-me nada. A única coisa que me disse foi que íamos mudarnos. Pensei que ele tivesse levado o menino na frente e que agora viesse buscar-me. Não quis dizer-me também para onde nos mudávamos e, conquanto não demorássemos muito a chegar, eu estava morta de medo pensando no que o menino poderia passar até que chegássemos, e a viagem me pareceu interminável. Quando chegamos e vi que a criança não estava ali, disse-lhe: “Diga-me o que fez com Joey. Tem de dizer-me.” Eupheus olhou-me do mesmo modo que olhara para Milly na noite em que ela deu à luz e morreu, e respondeu: “fi a abominação do Senhor e eu sou o instrumento de sua vontade.” E partiu no dia seguinte. Eu não soube para onde. Chegou depois outro vale postal, e no mês seguinte Eupheus apareceu e disse-me que estava trabalhando em Memphis. Eu imaginava que ele tivesse ocultado Joey em algum lugar e pensei que isso já era alguma coisa, porque ele poderia ver o menino, ainda que eu não o visse. E sabia que teria de esperar até que Eupheus tivesse vontade de me dizer, e estava sempre pensando que ele me levaria consigo a Memphis. Por isso esperei. Comecei a costurar roupinhas para Joey e, todas as vezes que Eupheus voltava para casa, procurava fazer com que me dissesse se a roupa teria as medidas de Joey, e se ele estava bem, mas Eupheus não me dizia uma palavra. Sentava-se e lia a Bíblia em voz alta. Não havia ninguém que pudesse ouvi-lo senão eu, porém lia aos gritos, como se pensasse que eu não acreditava no que ele dizia. Mas durante cinco anos não me disse nada, e eu nunca soube se ele levava para Joey as roupas que eu fazia. Tinha medo de perguntar-lhe, de aborrecê-lo, porque pensava que o fato de ele poder ver Joey já era alguma coisa, apesar de eu não vê-lo. No fim de cinco anos voltou um dia para casa e disse-me: “Vamos mudar-nos.” Pensei que finalmente ia ver Joey. Se era um pecado, já o havíamos pago suficientemente; e cheguei a perdoar Eupheus, julgando que daquela vez íamos afinal para Memphis. Viemos, porém, para Mottstown e, pela primeira vez na minha vida, supliquei-lhe que me deixasse ver Joey por um minuto, um segundo, que não tocaria nele, nem lhe falaria, nem nada. Eupheus não quis. Nem saímos da

estação. Descemos de um trem e esperamos durante sete horas sem sair da estação, até que chegou o outro trem e partimos para Mottstown. Eupheus não voltou a trabalhar em Memphis.. No fim de algum tempo eu disse-lhe: "Eupheus." Ele olhou para mim e eu disse-lhe: "Durante cinco anos não o importunei.. Não quer dizer-me afinal se ele vive ou se morreu?" E ele me disse: "Morreu." E eu disse: "Morreu para o mundo' ou morreu somente para mim? Ainda que tenha morrido apenas para mim, peço-lhe que me diga." E ele me respondeu: "Morreu para você e para mim, para Deus e para o mundo de Deus, para sempre, eternamente."

A mulher silencia de novo. Hightower a observa com aquele assombro tranquilo e desesperado. Byron também está imóvel, a cabeça um pouco inclinada. À exceção do velho, os outros três são como rochedos por cima da praia, por cima da maré baixa. O velho esteve escutando quase com atenção, com sua habilidade para passar instantaneamente de uma atenção perfeita que não parece ouvir ao estado de abstração semelhante ao de coma, no qual olha tão fixamente com aqueles seus olhos aparentemente invertidos e de uma maneira tão incômoda como se os tivesse nas mãos. E de repente aquele homem incrivelmente velho e incrivelmente sujo dá uma risada zombeteira, alta e sonora como a de um louco e fala:

— Foi o Senhor. O Senhor estava lá. O velho Doc Hines também deu a Deus sua oportunidade. O Senhor disse ao velho Doc Hines o que devia fazer e o velho Doc Hines o fez. Depois o Senhor disse ao velho Doc Hines: "Agora olha, vê como funciona a minha vontade." E o velho Doc Hines observou e viu que as crianças, os órfãos de Deus, sem darem por isso, pois não conheciam o pecado, até as meninas que estavam limpas de pecado e de meretrício, punham em suas bocas inocentes as palavras de Deus e o que Deus sabia quando o chamavam: "Negro! Negro!" "Que te disse eu?", perguntou Deus ao velho Doc Hines. "Agora que minha vontade está em andamento, vou-me embora. Não há aqui bastante pecado para me ocupar, porquanto que me importam as fornicações de alguma imunda, se são também parte do meu propósito?" E o velho Doc Hines perguntou: "Como é que podem ser parte do teu propósito?" E Deus respondeu: "Já vais ver. Julgas que foi por acaso que' enviei aqui aquele, jovem médico para encontrar minha abominação envolta num xale, à porta da casa e naquela noite de Natal? Julgas que foi por acaso que a diretora se encontrava ausente naquele dia, dando àqueles jovens imundos a oportunidade de chamá-lo Christmas num sacrilégio contra meu Filho? Agora me vou, porque minha vontade está em andamento e deixo-te aqui para que veles por ela." E o velho Doc Hines vigiou e esperou. Do próprio quarto da fornalha de Deus vigiou as crianças e a semente do demônio que, sem que as crianças notassem, circulava entre elas, sujando a terra com o efeito que aquela palavra produzia. Christmas não brincava com os outros. Conservava-se à parte,

muito quietinho. E o velho Doc Hines, o qual estava escutando a advertência oculta da palavra de Deus, lhe perguntou: “Por que você não brinca com os outros meninos, como costumava?” Christmas não disse nada. E o velho Doc Hines lhe disse: “Julga que é negro porque Deus marcou seu rosto?” E ele perguntou: “Deus também é negro?” E o velho Doc Hines respondeu: “Deus é o Senhor das hostes coléricas e sua vontade será feita. Não a minha, nem a sua, porque você e eu somos ambos uma parte do seu propósito e da sua vingança.” Afastou-se e o velho Doc Hines o observou enquanto ouvia e escutava o desejo de vingança do Senhor, até que descobriu que ele começava a vigiar o negro que trabalhava no pátio, seguindo-o enquanto trabalhava. Finalmente o negro lhe perguntou uma vez: “Por que olha para mim, pequeno?” E ele respondeu: “Por que você é negro?” E o negro lhe pergunta: “Quem lhe disse que sou negro, pequeno bastardo, escória de branco?” Ele respondeu: “Eu não sou negro.” E o negro lhe diz: “É pior do que negro. Não sabe o que é. E, ainda mais, nunca o saberá. Viverá, morrerá e não saberá nunca.” E Christmas lhe disse: “Deus não é negro.” E o negro respondeu: “Você devia saber o que é Deus, porque ninguém mais do que Deus sabe o que você é.” Mas Deus não estava ali para dizer-lhe, porque havia posto sua vontade em andamento e se fora, deixando o velho Doc Hines para vigiar. Desde a primeira noite, desde que Deus escolhera o aniversário de seu próprio Filho para pôr em andamento sua vontade, deixara o velho Doc Hines para velar. Naquela noite fazia frio. O velho Doc Hines postou-se na escuridão e do seu canto via a escada e via de que maneira ia cumprir-se a vontade do Senhor; e viu que o jovem médico vinha da luxúria e da fornicação, que se agachava para recolher a abominação de Deus e a punha dentro da casa. O velho Doc Hines seguiu-o, viu e ouviu. Viu que os jovens imundos que, na ausência da diretora, profanavam com gemada e uísque o sagrado aniversário de Cristo, abriam o cobertor. E foi ela, a Jezabel do médico, quem se fez de instrumento do Senhor e disse: “Vamos chamá-lo Christmas.” E o outro disse: “Christmas?” E Deus disse ao velho Doc Hines: “Dize-lhes.” E exalando um fétido de imundície eles olharam para o velho Doc Hines e gritaram: “É o tio Doc? Olhe tio Doc. Olhe o que Papai Noel trouxe e deixou aí na porta.” O velho Doc Hines disse: “O nome dele é José.” Deixaram de rir e de olhar para o velho Doc Hines, e a Jezabel disse: “Como é que sabe?” E o velho Doc Hines respondeu: “Deus disse.” E começaram de novo a rir, berrando: “Está no Livro: Christmas, filho de Joe. Joe, filho de Joe. Joe Christmas”, disseram. “À saúde de Joe Christmas”, é procuraram fazer com que o velho Doc Hines bebesse também, com abominação de Deus, mas o velho Doc Hines afastou a taça. E o velho Doc Hines tinha apenas de vigiar e esperar, e vigiou e esperou, porque no tempo designado por Deus o mal não podia produzir mais do que o mal. A Jezabel do médico veio um dia correndo da sua cama de luxúria, cheirando a pecado e a medo. “Christmas estava

escondido atrás da cama”, disse ela. E o velho Doc Hines lhe respondeu: “Você usou na abominação e na ofensa a Deus o sabão perfumado que tentou sua própria perdição.” E ela disse: “Fale com ele. Já o vi falando com ele. Pode persuadi-lo.” E o velho disse: “As suas fornicações não têm mais importância para mim do que para Deus.” E ela falou: “Ele vai contar tudo e serei despedida. Vai ser a minha desgraça.” A vontade do Senhor agia naquele instante sobre aquela que ultrajara a casa onde Deus hospedava os seus órfãos e que estava diante do velho Doc Hines, cheirando a luxúria e impudicícia. “Você não é nada. Você e as outras imundas não são mais que instrumentos do propósito vingativo de Deus, sem o qual nem mesmo um pardal cairá no chão. Você assim como Joe Christmas, como o velho Doc Hines, não é mais que um instrumento de Deus.” E a Jezabel se afastou. O velho Doc Hines vigiou. Pouco tempo depois ela voltou com um rosto como de fera voraz do deserto: “Já resolvi o caso”, disse ela, e o velho Doc Hines lhe perguntou: “Como?” Porque não se tratava de algo que o velho Doc Hines não soubesse, visto que o Senhor não ocultava os seus propósitos ao instrumento que escolhera. E o velho Doc Hines lhe disse: “Você serviu a vontade de Deus, previamente ordenada. Agora pode ir praticar a abominação em paz até o Dia.” E quando ela riu de Deus, com a cor imunda do rosto parecia a fera voraz do deserto. E vieram e levaram-no num carro. O velho Doc Hines ficou esperando por Deus e Deus veio e disse-lhe: “Agora podes ir. Já fizeste o que mandei. Agora não há aqui outro mal para vigiar, exceto o que fazem as mulheres e que não é digno de ser vigiado por meu instrumento escolhido.” E o velho Doc Hines se foi quando Deus lhe disse que se fosse. Mantinha-se, porém, em contato com Deus e de noite lhe dizia: “E o bastardo, Senhor?” E Deus lhe respondia: “Anda pelo mundo.” É o velho Doc Hines mantinha-se em contato com Deus e uma noite debateu-se furiosamente, lutou e gritou em voz alta: “E o bastardo, Senhor? Sinto os dentes e as garras do mal.” E Deus disse: “É o bastardo. Não terminaste ainda teu trabalho. O bastardo é a poluição e a abominação sobre a terra.”

Há muito tempo já cessou o som da música na igreja distante. Pela janela aberta não entram mais que os tranquilos e inumeráveis sons da noite de verão. Hightower está sentado atrás da escrivaninha, e tem mais do que nunca a expressão de animal estúpido, a quem enganaram e convenceram da necessidade de fugir e que é agora acuado por aqueles mesmos que o enganaram. Os outros três estão sentados diante dele, quase como jurados. Dois deles estão igualmente imóveis: a mulher, com a paciência pétrea de uma rocha que espera; o velho, com o jeito mortiço do pavio carbonizado de uma vela cuja chama foi violentamente apagada com um sopro. O único que parece vivo é Byron. Está com a cabeça inclinada e, de olhos fitos numa das mãos que traz sobre o joelho e cujos dedos polegar e indicador se esfregam um no outro num movimento de quem amassa qualquer coisa, parece entregue a um profundo cismar. Quando Hightower fala, Byron sabe que não se dirige a

ele, que não se dirige a nenhum dos presentes. “Que querem de mim?” diz Hightower. “Que pensam, esperam, creem que eu possa fazer?”

Não há resposta. Segundo parece, nem o homem nem a mulher o ouviram. Nem Byron espera que o homem ouça. Lembra-se da perplexidade de sonâmbulo, de demente com que o homem se movera de um lugar para outro, como num estado de coma, um pouco atrás da mulher, desde que os vira doze horas antes, e pensa: “Este não precisa de auxílio. Precisa de um freio. Acho que não somente para sua mulher, mas para muitas outras pessoas, é um bem esse seu estado de incapacidade.” Olha para a mulher e lhe diz tranquilamente, quase com doçura: “Prossiga. Diga-lhe o que deseja. O reverendo quer saber o que a senhora deseja que ele faça. Diga-lhe.”

— Pensei que talvez... — Sua fala é hesitante. Há na sua voz um quê de apalpador, de perro ou pigarroso, como se se visse forçada a dizer alguma coisa que não deve ser proferida em voz alta, que não deve ser sentida nem conhecida. — Mr. Bunch diz que talvez...

— O quê? — exclama Hightower secamente, com impaciência e com voz um tanto aguda, sem mover-se, recostado no espaldar da cadeira e com as mãos sobre os braços desta. — Diz o quê? O quê?

— Pensei... — e a voz morre de novo. Por trás da janela zumbem tenazmente os insetos. E com a cabeça um pouco inclinada para diante, como se estivesse escutando atentamente a si mesma, a mulher continua com voz apagada e monótona: “Ele é meu neto, filho de minha filha. E pensei que se”

Byron escuta em silêncio e pensa: É engraçado. Dir-se-ia que fizeram entre si uma barganha. Parece que é ele que tem um neto negro esperando pela força.

E a voz continua:

— Sei que não se tem direito de importunar uma pessoa estranha. Mas o senhor tem sorte. É sozinho. É um homem que vai envelhecendo solitário sem o desespero do amor. É muito provável que o senhor não perceba bem a coisa, ainda que eu pudesse explicar-me como desejo. Pensei que, se durante um dia pudesse ser como se nada tivesse acontecido, como se a gente não o conhecesse como um homem que matou...

A voz cessa de novo. A mulher não se mexeu. Parece ter notado que a voz cessou, assim como a ouvira começar, com o mesmo interesse, com a mesma falta de espanto.

— Continue — diz-lhe Hightower no mesmo tom agudo e impaciente de antes —, continue.

— Perdi-o de vista antes de ele aprender a falar e a andar. Durante trinta anos não tomei a vê-lo. Não nego que tenha feito o que dizem. Não digo que não deva sofrer por isso, como fez sofrer aqueles que o amaram e perderam. Se o quisessem deixar, mesmo por um dia, como se nada

tivesse acontecido ainda, como se o mundo não tivesse nada contra ele ainda... seria como se tivesse ido viajar, tivesse envelhecido e depois voltado. Seria só isso e apenas por um dia. Depois eu não interviria mais. Se fez o que fez, não seria eu que iria interpor-me entre ele e o que deve sofrer. Por um dia apenas, compreende? Como se tivesse ido viajar e voltasse, e me contasse coisas, como se nada houvesse contra ele.

— Ah! — exclama Hightower com voz aguda e penetrante. Embora ainda sem se mexer, embora estejam esticados e brancos os nós dos dedos que aferram os braços da cadeira, começa-se a perceber por baixo da sua roupa um tremor lento e represado. — Ah! Sim. Apenas isso? B simples, muito simples — diz em tom baixo. Depois a voz se eleva: — Que querem que eu faça? Que tenho de fazer? Byron, Byron, que é que me pedem?

Byron levanta-se e coloca-se junto à mesa, apoiando sobre ela as mãos, e ficando bem em frente de Hightower. Este permanece como estava, notando-se apenas no seu corpo flácido o tremor que aumenta sem cessar.

— Ah! Sim. Eu devia ter compreendido. Será preciso que Byron peça. Isso estava reservado para Byron e para mim. Vamos, vamos. Desembuche. Por que hesita agora?

Byron olha para a mesa, para as mãos que tem sobre a mesa.

— É uma coisa triste, triste.

— Ah! Comiseração depois de tanto tempo? Comiseração por mim, ou por Byron? Vamos. Desembuche. Que quer que eu faça? Porque é você que o quer, bem sei. Soube sempre. Ah! Byron. Byron. Que ator você daria!

— Talvez o senhor queira dizer: que bufarinheiro, que formidável agente de vendas! — retruca Byron. — É uma coisa triste. Já sei. Não precisa dizer-me.

Mas eu não sou clarividente como você. Você parece saber já o que vou dizer e no entanto não me diz o que quer que eu saiba. Que deseja que eu faça? Que me confesse culpado do crime? É isso?

No rosto de Byron estampa-se uma careta leve, fugaz, irônica, denotando fadiga, meio tristonha.

— É quase isso — diz.

Mas de repente faz-se sério, muito sério. “É bem triste o que vou pedir-lhe. Sabe Deus o que me custa.” Contempla sua mão que, como a disfarçar o embaraço, executa sobre a escrivaninha movimentos canhestros. “Lembra-me ter-lhe dito certa vez que por ser bom se tem de pagar um preço, como se tem de pagar por ser mau. E os homens bons não podem recusar a conta quando lhes é apresentada. Não podem recusá-la pela razão de que não há nenhum jeito de fazer com que a paguem, como um homem honesto que joga. Os maus podem recusar, por isso ninguém espera que paguem à vista, nem em outra ocasião. Mas os bons não podem. É possível que se demore mais a pagar por ser bom do

que por ser mau. E não é provável que o senhor não tenha feito isso antes, já não tenha pago alguma vez uma conta semelhante, que afinal não há de ser tão ruim agora como foi então.”

— Continue, continue. Que tenho de fazer?

— Christmas não confessou que a matou. A única prova que há contra ele é a palavra de Brown que é a mesma coisa que nada. O senhor podia dizer que naquela noite e nas noites em que Brown diz que o via entrar na casa grande ele estava aqui com o senhor. A gente acreditaria. Pelo menos acreditariam nessa explicação. Prefeririam acreditar isso do senhor a acreditar que Christmas vivia com a vítima como seu marido e que depois a matou. O senhor já está velho. Por isso não lhe fariam dano algum. E calculo que o senhor está habituado a tudo mais que pudessem fazer.

— Ah! — replica Hightower. — Ah! Sim, sim, acreditariam. Seria muito simples, muito bom para todos. Christmas seria devolvido aos que sofreram por causa dele. Brown, sem a recompensa, podia ser obrigado, à força de ameaças, a legitimar a criança e depois a desaparecer, dessa vez para sempre. E ficariam só Lena e Byron. Porque afinal, ao cabo de tudo, eu não sou mais que um homem que teve a sorte de envelhecer sem ter conhecido o desespero do amor.

Hightower treme sempre; agora olha para cima. À luz da lâmpada, seu rosto, estirado num esgar, rebrilha como se estivesse untado. A camisa amarelecida, já tantas vezes lavada, que ainda de manhã estava limpa e fresca, está agora empapada de suor. “Não é que não possa, que não me atreva a fazê-lo”, diz ele. “É que não quero, não quero, não quero, ouviu?” Ergue as mãos de sobre os braços da cadeira. “É que não quero fazer isso!” Byron não se move. Sua mão que estava sobre a mesa agora se imobiliza; ele contempla a outra mão e pensa: *Não é para mim que ele está gritando. Sabe que tem de convencer alguém que está mais perto dele do que de mim.* Porque agora Hightower está gritando: “Não quero fazer isso. Não quero”, com os punhos erguidos, o rosto suado, erguendo o lábio que mostra os dentes podres dentre os quais se escapa uma carne fofa e cinzenta. De repente sua voz se levanta ainda mais: “Vão embora daqui, vão embora”, berra. “Saíam de minha casa!” E cai para a frente, sobre a mesa, com o rosto entre os braços estendidos e os punhos cerrados. Quando, seguindo os dois velhos, Byron da porta volve os olhos, vê que Hightower permanece imóvel e a luz jorrando da lâmpada inunda aquela cabeça calva, aqueles braços estendidos, aqueles punhos cerrados. Lá fora não cessou nem esmoreceu o zumbido dos insetos.

Foi isso no domingo de noite e o filhinho de Lena nasceu na manhã seguinte. Amanhecia quando Byron deteve o galope da mula diante da casa da qual saíra não havia mais de seis horas. Apeando de um salto, correu pelo estreito atalho que conduzia ao pórtico escuro. Apesar de toda a sua pressa, parecia reservado, parecia vigiar a si mesmo, pensando com certa melancolia sem surpresa: "Byron Bunch tem um filho. Se me tivesse visto assim há duas semanas, não teria acreditado nos meus olhos. Diria que era mentira."

Estava agora escura a janela atrás da qual seis horas antes deixara o pastor. Enquanto corria, pensava na cabeça calva, nos punhos cerrados, no corpo balofo, esparramado sobre a mesa. "Não deve ter dormido muito", pensava. "Não deve ter dormido muito, ainda que não esteja fazendo as vezes de... de..." Não pôde pensar na palavra parteira que, como bem sabe, seria a usada por Hightower. "Não devo pensar nisso. Como uma pessoa fugindo de uma arma ou arremessando-se a ela não tem tempo de decidir se a palavra que define o seu ato é coragem ou covardia."

A porta não estava fechada a chave, Dir-se-ia que Byron já sabia que ela não estava. Vai seguindo pelo vestibulo, tateando. Não evita fazer ruído. Não conhece a casa toda. Nunca passou da sala onde vira pela última vez o dono esparramado sobre a mesa, com a luz da lâmpada batendo em cheio sobre ele. Apesar disso, acertou diretamente com a porta, como se soubesse, ou visse, ou fosse conduzido. "É a palavra que ele empregaria", pensa enquanto tateia e se apressa no escuro. "E ela também." Refere-se a Lena, deitada na cabana, sentindo já as primeiras dores. "A única diferença é que dariam um nome diferente àquele que dirigisse o assunto." Antes de entrar no quarto, ouve os roncoss de Hightower. "Como se, afinal de contas, não tivesse ficado muito perturbado", pensa. Mas logo se corrige. "Não. Não é direito, não é justo, porque não acredito nisso. Sei que ele está dormindo porque é velho e não resiste tanto quanto eu."

Aproximou-se da cama. Seu ocupante, ainda invisível, roncava profundamente num sono que tinha qualquer coisa de uma rendição profunda e completa. Não de cansaço, mas de rendição, como se tivesse cedido e renunciado completamente a agarrar-se a essa mescla de orgulho, de esperança, de vaidade e de medo, à força necessária para apegar-se à derrota ou à vitória que constituem o *Eu sou* e cuja renúncia significa geralmente a morte. De pé ao lado da cama, Byron pensou de novo: *É uma coisa triste, triste*. Parecia-lhe agora que acordar o homem daquele sono seria o maior mal que lhe fizera até então. "Mas não sou eu quem está esperando", pensou. "Deus bem o sabe. Estou certo de que também Ele, como os outros, me tem observado ultimamente, para saber qual será o próximo passo que vou dar."

E tocou no homem adormecido, com firmeza mas não de modo rude. Hightower interrompeu-se no meio de um ronco. Sob a mão de Byron mexeu-se bruscamente em todo o seu volume.

— Que é? Que é? Quem está aí? — perguntou.

— Sou eu. Byron outra vez. O senhor já está acordado?

— Sim. Que...

— Sim — diz Byron. — Ela diz que chegou o momento.

— Ela?

— Diga-me onde é a luz... Mrs. Hines está junto dela e eu vou chamar o médico, mas talvez me demore. Leve a minha mula. Acho que pode montá-la e ir até lá. A distância é pequena. Ainda tem o livro?

A cama estalou com o movimento de Hightower.

— Livro? Que livro?

— O livro que levou quando aquele negrinho nasceu. Queria lembrar-lhe, caso precise levá-lo e se eu não chegar a tempo com o médico. A mula está na porta. Ela sabe o caminho. Eu vou a pé à cidade chamar o médico. Voltarei logo que puder.

E, voltando-se, atravessou de novo o quarto. Percebeu que o outro se sentava na cama. Parou no meio do quarto o tempo suficiente para acender a luz. Uma vez acesa, já ele caminhava em direção à porta. Não voltou a cabeça. Ouviu a voz de Hightower atrás dele: Byron! Byron! — Mas Byron não se deteve nem respondeu.

A luz do dia aumentava. Byron caminhou rapidamente pela rua deserta, sob os lampiões espaçados, cuja luz se desvanecia e em torno dos quais ainda zumbiam e giravam os besouros. Mas o dia clareava cada vez mais; quando ele chegou à praça, a fachada do seu lado oriental se recortava vigorosamente contra o céu. Byron pensava com rapidez. Não combinará nada com o médico. Enquanto caminhava, maldizia a si mesmo como qualquer jovem pai, com uma mescla de terror e de cólera pelo que considerava um descuido crasso e criminoso. Não se tratava exatamente da solicitude de um jovem pai incipiente. Atrás do seu sentimento havia algo que ele próprio iria reconhecer apenas mais tarde. Era como se já se emboscasse em seu espírito, ainda obscurecido pela necessidade da pressa, alguma coisa que iria saltar sobre ele, cravando-lhe garras afiadas. Mas o que ele pensava era; “Tenho que decidir depressa. Dizem que ele assistiu muito bem o nascimento do negrinho. Mas agora é diferente. Eu devia ter feito isso na semana passada, devia ter procurado tratar com o médico, em vez de esperar, de ver-me obrigado no último momento a explicar, a procurar de casa em casa, até encontrar um que venha, que acredite nas mentiras que terei de pregar. Apostaria como tenho todo o aspecto de um homem que mentiu tanto quanto eu tenho sido obrigado a mentir ultimamente e que já está incapaz de dizer qualquer mentira na qual alguém, homem ou mulher, possa acreditar. Não acredito que eu possa mentir com arte. Acho que

não tenho dentro em mim o necessário para dizer uma mentira e dizê-la bem.” Caminhou rapidamente na rua deserta e seus passos soavam ociosos e solitários. Sem dar por isso, tomara uma decisão na qual não havia nem paradoxo nem comédia. Ocorrera-lhe com demasiada rapidez e já estava solidamente estabelecida no seu espírito quando deu por ela. Seus pés já lhe obedeciam, levando-o à casa do mesmo médico que chegara tarde demais por ocasião do nascimento do negrinho ao qual Hightower assistira e no qual interviera com a navalha e o livro.

Também dessa vez o médico chegou tarde. Byron tivera de esperar que ele se vestisse. Era já um homem um tanto velho e cheio de complicações, e que se aborreceu por ter sido despertado àquela hora. Depois pôs-se a procurar a chave de contato do automóvel, que guardava num cofrinho de metal cuja chave, por sua vez, não pôde encontrar imediatamente. Também não permitiu que Byron rebentasse a fechadura. Assim, quando chegaram à cabana, o oriente tinha já uma cor purpurina e no ar havia o anúncio de um sol de verão. E de novo os dois homens, agora envelhecidos, se encontraram à porta da cabana que constava de um único quarto. E o profissional perdeu outra vez a partida com o amador, porquanto, ao ultrapassar a soleira, o médico ouviu os vagidos da criança. Meio irritado, piscou ao ver o ministro. “Está bem, Byron podia ter-me dito logo que o havia chamado. Eu ainda estaria na cama”, disse, empurrando um pouco o ministro para poder entrar. “Creio que dessa vez teve mais sorte do que da última em que estivemos em conferência. Apenas o senhor está com o aspecto de quem precisa também de um médico. Ou talvez o de que o senhor precise mais é de uma xícara de café.” Hightower disse qualquer coisa, mas o médico não se deteve para ouvi-lo. Entrou no quarto, onde uma mulher moça que ele nunca tinha visto jazia extenuada sobre um estreito catre, e uma mulher velha, com um vestido cor de púrpura e que ele também nunca vira, tinha uma criança no colo. Em outra cama, na penumbra, dormia um velho. Quando o médico reparou nele disse de si para si que o homem parecia morto, tão profundo e tranquilo era o seu sono. Mas o médico não notou imediatamente a presença do velho. Aproximou-se da velha que tinha a criança no colo e disse: “Está bem, está bem. Byron devia estar muito agitado. Não me disse que a família estava toda reunida, que o vovô e a vovó estavam também aqui.” A mulher levantou os olhos para ele. E o médico pensou: “Apesar de estar ali sentada, não tem mais aspecto de viva do que o outro. Parece nem ter o conhecimento suficiente para saber que é mãe, e muito menos que é avó.”

— Sim — disse a mulher, olhando para ele e inclinando-se sobre a criança. O médico viu então que ela não tinha o rosto estúpido, vazio. Viu que aquele rosto tinha algo de pacífico. É de terrível, como se paz e terror tivessem morrido há muito e ressuscitassem agora simultaneamente. Mas o que mais lhe chamou a atenção foi sua atitude de rocha e ao mesmo tempo de fera encolhida. A mulher fez um gesto de

cabeça para o homem; pela primeira vez o médico olhou fito para o velho adormecido no outro catre. Ela disse num cochicho em que havia ao mesmo tempo astúcia, ansiedade e uma ponta de receio: “Enganei-o. Disse-lhe que dessa vez o senhor vinha por outro caminho. Mas, agora que está aqui, tome conta de Milly, que eu tratarei de Joey.” Depois isso se desvaneceu. Enquanto o médico olhava, a vida, a vivacidade se desvaneceu, fugiu subitamente daquele rosto que se tornou tão inexpressivo como se jamais as tivesse conhecido; agora os olhos o interrogavam com uma expressão de desânimo e desengano, enquanto a mulher se inclinava perplexa sobre a criança, como se o médico se propusesse arrebatá-la dos seus braços. Talvez o movimento que ela fez despertasse a criança, que chorou um pouco. Depois a perplexidade também se dissipou, com a suavidade de uma sombra. E aquela mulher grotesca, de cara de pau, olhou absorta para a criança. “É Joey, o filhinho da minha Milly”, disse ela.

Byron, que parara na porta quando o médico entrou, ouviu aquele choro, acontecendo-lhe então uma coisa terrível; Estava em sua tenda, quando Mrs. Hines o chamara. Como houvesse na voz dela alguma coisa de estranho, Byron desfechou a correr ainda enquanto vestia as calças. Na porta da cabana cruzou com Mrs. Hines, que nem mudara de roupa e entrou no quarto. Ao ver Lena, deteve-se como diante de uma parede. Mrs. Hines murmurou qualquer coisa ao seu lado. Talvez ele lhe tenha dado alguma resposta. Em todo caso, Byron havia arreado a mula e saía a galope para a cidade, enquanto lhe parecia que via ainda, com um angustiado, um desesperado terror, a forma do corpo dela sob as cobertas. Viu-se durante todo o tempo acordando Hightower, procurando fazer com que o médico iniciasse a marcha, enquanto dentro dele se emboscava qualquer coisa provida de garras, e seu pensamento corria tão veloz que não lhe dava tempo para pensar. Foi isso. Um pensamento tão veloz que não consentia reflexão, até que o médico e ele voltaram à cabana. E então, da porta junto à qual havia parado, ouviu o choro da criança e sucedeu-lhe uma coisa terrível.

Sabia agora que era aquilo que parecia armar-lhe horrenda emboscada quando ele atravessava a praça deserta em busca de um médico com o qual deixara de entender-se a tempo. Sabia agora o motivo do seu descuido com o médico. Era porque até o momento em que Mrs. Hines o fora chamar na tenda não julgara que ele ou ela ia ter necessidade de um médico. Fazia já uma semana que seus olhos tinham aceitado o Ventre de Lena sem que seu espírito acreditasse. “E, contudo, sabias acreditava”, pensou, “Devia ter sabido, para poder fazer o que fiz, para correr, mentir e incomodar os outros.” Agora, porém, sabia que não acreditara até o momento em que passou pela mulher de Hines e dirigiu um olhar ao interior da cabana. Quando a voz de Mrs. Hines o tirou do sono, ele sabia o que era, o que acontecera. Levantou-se e vestiu-se às pressas, sabendo que havia cinco noites esperava por aquilo. E, contudo,

não acreditava ainda. Sabia agora que, quando corraera para a cabana e olhara para dentro, esperava vê-la sentada, esperava que talvez, sem mudança alguma, sem que o tempo passasse, ela própria o esperasse placidamente na porta. Mas, mesmo quando tocou com a mão na porta, ouviu uma coisa que nunca ouvira antes. Era um gemido forte, no qual havia paixão e humildade ao mesmo tempo, que parecia estar falando com alguma coisa, claramente, numa língua que não era sua nem de homem algum. Passou então por Mrs. Hines na porta e viu Lena estendida na cama. Nunca a tinha visto na cama e estava certo de que, quando a visse, ela estaria vivaz, talvez com um leve sorriso e com inteiro conhecimento de sua presença. Mas, ao entrar, Lena sequer olhou para ele. Não pareceu perceber que a porta se abria. Não parecia que no quarto houvesse alguém ou outra coisa que não fosse ela própria e esse o que quer que seja a que ela se dirigira com aquele gemido doloroso numa língua que o homem desconhece. Estava coberta até o queixo, erguida a parte superior do corpo sobre os braços e a cabeça inclinada. Tinha o cabelo solto, os olhos pareciam dois buracos e os lábios estavam tão brancos como o travesseiro sobre o qual ela repousava. E enquanto naquela atitude de susto e surpresa parecia contemplar com uma espécie de melindrada descrença a forma do seu corpo debaixo das cobertas, emitiu de novo aquele gemido sonoro, angustioso e humilde. Mrs. Hines estava agora curvada sobre ela. Voltou a cabeça, aquela cara de pau por cima do* ombro coberto de púrpura e disse a Byron: “Vá chamar o médico. Chegou o momento.”

Byron não se recordava de ter ido ao estábulo. Viu-se agarrando a mula, pegando a sela e colocando-a sobre o animal. Agora sabia por quê. Sabia por que o pensamento fluía lenta e suavemente com deliberação, assim como se estende azeite sobre uma superfície quando se arma uma trovoadas. “Se eu soubesse então, se tivesse sabido”, pensou mansamente com desespero terrível e com arrependimento, “teria virado a mula e cavalgado em outra direção, afastando-me para sempre, eternamente, da recordação e da memória dos homens.” Mas não seguiu em outra direção. Passou galopando pela frente da cabana; e o pensamento fluía-lhe constante e suave, sem que ele soubesse ainda por quê. “Se pudesse passar e afastar-me antes de ouvi-la gemer novamente. Se pudesse passar rapidamente e não ouvir outro gemido”, pensou. E esse pensamento acompanhou-o na carreira até entrar na estrada. O animal pequeno e musculoso marchava agora com rapidez. O pensamento, o óleo, se estendia com suavidade e constância: “Irei primeiro à casa de Hightower. Deixo-lhe a mula. Preciso lembrar-lhe que leve o livro de medicina. Não devo esquecer isso”, dizia, acompanhando-o até que saltou da mula, que nem detivera ainda, e entrou em casa do pastor. Teve depois Outro pensamento: *Já está feito, ainda que não encontre um médico formado.* Esse pensamento o acompanhou até a praça e logo o atraçou. Byron sentiu-se hesitante e pensou: *Ainda que não encontre um*

médico formado. Porque nunca acreditei que tivesse necessidade de algum. Nunca acreditei. E enquanto ajudava o velho médico a procurar a chave do cofre para poder encontrar a chave do carro, galopava-lhe pela cabeça esse pensamento jungido paradoxalmente à necessidade de se apressar. Finalmente encontraram a chave e a necessidade de apressar-se seguiu de mãos dadas com o movimento e a velocidade, ao longo da estrada deserta, sob o ermo amanhecer.

Ei-los afinal à porta da cabana, para além da qual a lâmpada ardia ainda. Nisso Byron ouviu a criança chorar. E então compreendeu tudo. Amanhecia rapidamente. Byron, aquele homenzinho esquisito e sossegado que não seria capaz de chamar duas vezes a atenção de nenhum homem ou mulher, ficou ali calmo, tranquilo na doce paz do arrebol. Agora sabia da existência de qualquer coisa que, em todo aquele episódio, o% defendera contra uma crença precipitada. Com austero e grave assombro pensou: *Dir-se-ia que só quando Mrs. Hines me chamou e ouvi Lena e contemplei seu rosto e caí na conta de que naquele momento Byron Bunch nada significava para ela foi que descobri que ela não é uma virgem.* E se esse pensamento era terrível, ainda não era tudo. Havia mais alguma coisa. Tranquilo, no amanhecer crescente,, sem baixar a cabeça, fluía-lhe mansamente o pensamento. *E isso também me está reservado, corno diz o reverendo Hightower. Sim. Terei de dizer a Lucas Burch.* E isso não deixava de produzir surpresa. Era uma coisa parecida com o terrível e irremediável desespero do adolescente. *A verdade é que até agora eu não havia compreendido que a coisa era assim. Até agora foi como se eu, ela e toda a gente que se viu metida nisso não fôssemos mais do que uma série de palavras que não representavam nada; não éramos nem nós mesmos, ao passo que o que éramos continuava a ser sempre, sem que deixássemos de lado nem mesmo as palavras. Sim. Até agora eu não acreditava que ele era Lucas Burch, que tivesse existido algum dia um Lucas Burch.*

“Sorte, sorte”, diz Hightower, “não sei se a tive ou não.” Mas o médico entrou na cabana. Hightower volta a cabeça um momento e vê o grupo que se encontra ao redor da cama, ouvindo ainda a voz alegre do médico. A mulher está sentada tranquilamente e, contudo, ao olhar outra vez para ela, Hightower pensa que há um momento apenas lutava com ela pela criança, para que ela, no seu mudo e furioso terror, não a deixasse cair. Mas, nem por ser mudo, deixava de ser furioso o terror quando a velha, depois de quase arrancada a criança ao seio materno, a levantava bem no alto, enquanto o seu pesado corpo, semelhante ao de um urso, se encolhia, ao olhar com olhos faiscantes para o velho que dormia, que já estava dormindo no outro catre quando Hightower chegou. Parecia que o velho não respirava, e a mulher estava acocora- da junto à cama quando Hightower chegou. Mrs. Hines parecia exatamente uma rocha colocada de maneira a cair num precipício. E Hightower pensou um momento: *Ela já o matou. Dessa vez tomou a tempo suas precauções.* Mas daí a pouco estava muito ocupado. A velha estava ao seu

lado sem que ele notasse até que ela arrebatou a criança que ainda não respirava e a segurou no alto, olhando, com os olhos faiscantes e com a expressão de um tigre, o velho que dormia no catre. De repente a criança começou a respirar e a chorar, e a mulher pareceu responder-lhe, selvagem e triunfante, numa língua também desconhecida. Quando Hightower lutou com ela para tomar-lhe a criança antes que ela a deixasse cair, a cara de Mrs. Hines era de uma louca. “Olhe, olhe. Ele está tranquilo. Dessa vez não levará a criança”, disse Hightower. E a velha olhou para ele com olhos faiscantes, muda, ferina, como se não entendesse o seu próprio idioma. Mas a fúria e o triunfo tinham desaparecido do seu rosto. Ela soltou uma espécie de gemido rouco, procurando tomar-lhe a criança. “Tenha cuidado”, disse ele. “Vai ter cuidado agora?”, perguntou-lhe. A velha respondeu com um aceno afirmativo, choramingando, passando de leve a mão pelo rosto da criança, Mas suas mãos estavam firmes e Hightower deixou-a pegar no recém-nascido. E agora ela se senta Com a criança no colo, enquanto o médico, que chegou tarde demais, permanece de pé junto à cama, conversando no seu tom de voz alegre e às vezes irritado, ao mesmo tempo que traz ocupadas as mãos. Hightower vira-se e sai, descendo com a cautela de um velho o degrau quebrado, e como se na sua pança balofa houvesse alguma coisa fatal e prestes a estourar como dinamite. Já é dia. Já surgiu o sol. Hightower para e olha em torno, chamando: “Byron.” Não obtém resposta. Vê então que a mula, que ele prendera a um poste próximo, desapareceu também. Suspira. “Bem”, pensa ele. “Cheguei agora ao ponto em que a indignidade final que tenho de sofrer nas mãos de Byron consiste em uma caminhada de duas milhas de volta a minha casa. Isso não é digno de Byron, do ódio. Mas frequentemente nossas ações também não o são. Nem nós de nossas ações.”

E lentamente dirige-se de volta à cidade aquele homem, chupado, ventruado, de chapéu panamá, com a ponta da camisola de dormir, grosseira, de algodão, introduzida dentro das calças pretas. “Felizmente tive tempo de calçar os sapatos”, pensa. “Estou exausto”, pensa, mal-humorado. “Estou cansado e não vou poder dormir.” Está pensando nisso ao mesmo tempo em que transpõe a cancela da frente. O sol já vai alto. A cidade despertou. Aqui e ali ele sente o cheiro da refeição matinal que está sendo preparada. “O menos que Byron podia fazer, já que não me deixou a mula, era antecipar-se e acender o meu forno, se é que pensa que uma caminhada de duas milhas antes da comida vai abrir-me o apetite.”

Dirige-se à cozinha e acende o fogo no fogão, devagar e desastrosamente com a mesma inabilidade de há vinte e cinco anos, do primeiro dia que tentou acendê-lo, e põe o café para aquecer. “Depois”, pensa, “apesar de saber que não dormirei, vou-me deitar.” E observa que no seu pensamento soa um queixume, um queixume parecido com o choro de uma mulher que se lastima e que nem presta atenção a si

mesma. Em seguida vê que está preparando o seu substancial almoço de costume e pára, dando um muxoxo contrariado. “Eu devia sentir-me pior do que me sinto.” No entanto tem de reconhecer que não se sente assim. E de pé, sozinho, alto, disforme, na cozinha deserta e malcuidada, tendo na mão uma panela de ferro, à qual adere a gordura da véspera, invade-o um resplendor, uma onda, um ímpeto ardente, quase uma sensação de triunfo. “Mostrei-lhes!” pensa. “Sou velho, porém tenho vida, ao passo que os outros chegam tarde demais aonde eu cheguei. Os outros chegam tarde para as sobras, como diria Byron.” Mas isso é vaidade e orgulho vazio. Contudo o esplendor, impenetrável à repreensão, não dá por isso. E Hightower pensa ainda: “Que tem que me sinta orgulhoso e triunfante? Que tem isso?” Mas o esplendor não pensa em apoio nem tem necessidade dele; também não se satisfaz com a realidade de uma laranja, dois ovos e pão torrado. Olha os pratos sujos e vazios que estão em cima da mesa e diz consigo, agora em voz alta: “Benza-me Deus. Agora não vou lavá-los.” Nem também vai para o quarto para ver se dorme. Vai até a porta, olha para dentro e pensa: “Se eu fosse mulher! O que uma mulher faria agora era meter-se na cama e descansar.” Vai ao gabinete. E o homem que durante vinte e cinco anos não fez nada, desde a hora de levantar-se até o momento de deitar-se, move-se agora como um homem que se propõe fazer alguma coisa. O livro que escolhe dessa vez não é de Tennyson; procura alimento de homem. O livro é *Henrique IV* e Hightower dirige-se ao pátio dos fundos e enterra-se pesadamente na gasta cadeira à sombra de uma árvore. “Não conseguirei dormir”, pensa, “porque Byron chega daqui a pouco e me acordará. Mas, só para saber o que agora terá inventado para exigir de mim, quase que vale a pena despertar.”

Pouco depois adormece e ronca. Quem quer que parasse para olhar, teria visto, sob os reflexos iguais do céu nas lentes dos óculos, um rosto inocente, pacífico, seguro de si. Mas não vem ninguém, mesmo quando ele acorda seis horas mais tarde e lhe parece que alguém o chamou. Senta-se de golpe e a cadeira geme. “Que é?” pergunta. “Que é?” Mas não há ninguém, embora por um momento mais ele circunvague a vista, parecendo escutar e esperar com ar seguro e confiado. Mas o resplendor não desapareceu. “Eu esperava que isso passasse com o sono”, pensa. “Não. Não quero dizer *esperava*. A palavra que tenho no pensamento é *receava*. E assim eu também cedi.” Começa a esfregar as mãos, suavemente a princípio, e depois com um leve sentimento de culpa. E pensa: *Esse me-mino cujo nascimento assisti. Meu nome não é nome que se ponha em ninguém. Mas já tenho visto mães agradecidas que batizam os filhos com o nome do médico que as assistiu. Além disso, há Byron e Byron tem vantagem sobre mim, naturalmente. E ela terá ainda outros. Aqui lembra-se do corpo jovem e forte, do qual, ainda no trabalho do parto, se irradiava um quê de tranquilidade e impavidez. Outros, muitos outros. Essa será sua vida, seu destino. A boa raça, em obediência submissa, povoará a terra; desse*

ventre robusto sairão mães e filhas. Agora quem vai gerar é Byron. Pobre rapaz! Tenho pena, conquanto ele me tenha feito voltar para casa a pé.

Entra em casa, barbeia-se, tira a camisola de dormir e veste a que usou na véspera. Põe o colarinho, a gravata de algodão e o chapéu panamá. Apesar de seguir pela mata, onde é mais difícil andar, não custa tanto voltar à cabana quanto custou ir desta para casa. E sentindo o sol intermitente, o calor, o cheiro selvagem e fecundo da terra, as matas e o pesado silêncio, pensa: “Preciso fazer isso mais vezes. Não devia ter perdido esse hábito. Mas é possível que me voltem os dois hábitos, se isso não é o mesmo que rezar.”

Sai da mata no extremo oposto do pasto atrás da cabana. Para lá da cabana está o maciço de árvores que rodeava a casa incendiada. Mas, do lugar onde se encontra, não vê as mudas cinzas daquilo que um dia foram tábuas e vigas. “Pobre mulher”, pensa. “Pobre mulher estéril. Não ter vivido uma semana mais, até que a sorte e a vida voltassem a essas terras estéreis e arruinadas.” Parece-lhe ver e sentir em redor de si os espectros de campos ricos e da opulenta vida negra da fazenda, os gritos suaves, a presença das mulheres fecundas, as crianças nuas no pó diante das portas, e a casa grande, ruidosa, sonora com o grito das gerações. Chega à cabana e, sem chamar, abre a porta, enquanto exclama com voz alegre que quase retumba:

— O médico pode entrar?

A cabana está deserta. Só estão lá mãe e filho. A mãe, recostada em travesseiros, amamenta a criança. Quando Hightower entra, a mãe faz um gesto para cobrir com o lençol o seio nu, olhando para a porta, sem nenhum susto mas atenta e com uma expressão serena e cálida no rosto, como se fosse sorrir. Hightower vê que o sorriso desaparece. “Pensei... diz Lena.

— Pensou o quê? — pergunta Hightower, retumbante. Aproxima-se do leito e olha Lena e a carinha murcha, cor de terracota, da criança que, dormindo depois de mamar, parece pender ali sem corpo. Pudica e tranquila, Lena puxa um pouco mais o lençol, enquanto o homem chupado, barrigudo, calvo, olha para ela com uma expressão doce, radiante, triunfal. Lena contempla a criança.

— Essa criança não se farta. Acho que está dormindo, ponho-a na cama e logo começa a chorar de novo e tenho de dar-lhe o peito.

— A senhora não devia estar aqui sozinha — diz Hightower, correndo o quarto com a vista. — Onde...

— Foi à cidade. Não me disse. Mas foi para lá. Quando acordou, o marido já se havia esgueirado para fora e ela me perguntou onde ele estava. Disse-lhe que havia saído e ela foi atrás dele.

À cidade? Fugiu? — E em seguida exclama com uma expressão grave: — Ah!

— Vigiou-o durante o dia todo. Eu havia notado que também ele a

observava, enquanto fingia dormir. A mulher pensava que ele estivesse dormindo e depois do almoço o sono a venceu. Não dormira durante toda a noite e, logo que acabou de comer, sentou-se numa cadeira e adormeceu. O marido que a observava, levantou-se cautelosamente do outro catre, piscando e trejeitando para mim, dirigiu-se para a porta, sem deixar de piscar e de fazer caretas para mim por cima do ombro, e saiu nas pontas dos pés. Não tentei detê-lo nem também tentei despertá-la. — Olha para Hightower com uns olhos sérios, muito abertos. — Tive medo. O homem diz coisas estranhas. É de que maneira olhava para mim! Como se os trejeitos que me fazia não fossem para me prevenir que não acordasse a mulher, mas para dizer-me o que me aconteceria se eu a acordasse. Tive medo e fiquei bem quieta com a criança. No fim de algum tempo a mulher estremeceu e despertou. Compreendi então que ela não tivera intenção de dormir.

Quando acordou, correu logo para o catre, apalpando-o e remexendo-o como se o homem se tivesse perdido dentro da coberta. Em seguida olhou para mim. Ela não estava piscando nem trejeitando para mim, mas quase desejei que o fizesse. Indagou e lhe contei; Pôs o chapéu na cabeça e saiu. — Lena olha para Hightower. — Fiquei contente com a sua ida. Não devia dizer isso, depois do que ela fez por mim, mas...

Hightower está de pé junto à cama e não parece ver Lena. Tem uma expressão séria; dir-se-ia que envelheceu dez anos enquanto se demorou ali, ou como se seu semblante tivesse agora a aparência que devia ter, e como se, ao penetrar no quarto, ele houvesse sido um estranho para si próprio. “A cidade”, diz. Então seus olhos despertam. Veem de novo. “Bem. Não se pode evitar. Além disso, os homens da cidade, os sensatos... deve haver alguns sensatos... Mas por que você se alegra com a ida deles?”

Lena baixa os olhos. Suas mãos se movem em torno da cabeça da criança, sem contudo tocá-la, num gesto instintivo, desnecessário, aparentemente inconsciente.

— Ela foi muito bondosa. Foi mais do que isso. Pegava a criança para que eu pudesse descansar. Queria estar sempre com o menino nos braços, sentada na cadeira. Desculpe-me se não o convidei ainda, para sentar-se. — E observa-o quando ele puxa unia cadeira para perto da cama e se senta. Recostada ali de onde podia ver o velho que fingia dormir na outra cama, Lena olha para Hightower com uns olhos inquisitivos, atentos. — Está sempre chamando o menino de Joey, e ele não se chama Joey. E não cessa de...

Observa Hightower. Nos seus olhos há perplexidade, pergunta, dúvida.

— Não cessa de falar de... Seja como for, ela está confusa. E às vezes, como tenho de escutar, parece-me que eu também estou um tanto confusa.

Nota-se uma indecisão terrível nas suas palavras, no seu modo de olhar.

— Confusa?

— Ela fala como se o pai do menino fosse esse... o que está na prisão, esse Mr. Christmas. Repete isso muitas vezes, e então sinto-me confusa e às vezes me parece que não posso... que também estou confusa e penso que o pai da criança é esse Mr... Mr. Christmas.

Lena observa-o; era como se estivesse fazendo um tremendo esforço.

— Mas sei que não é assim, Sei que isso é uma loucura. Deve ser porque ela passa o tempo repetindo, repetindo aquilo, e talvez seja também porque ainda não estou bastante forte e fico também confusa. Mas tenho medo...

— De quê?

— Não gosto de me ver confusa. E receio que ela me ponha confusa. Não dizem que uma pessoa pode entortar tanto os olhos que depois não consegue mais endireitá-los?

Cala-se e olha para Hightower. Percebe que ele a observa.

— Diz você que o menino não se chama Joey. Como se chama?

Durante algum tempo ela desvia os olhos de Hightower. Depois levanta os olhos e diz com demasiada rapidez, com demasiada facilidade:

— Ainda não pus o nome.

E Hightower sabe por quê. É como se a visse pela primeira vez desde que entrou. Observa então que Lena penteou o cabelo, arranjou o rosto e vê, meio oculto pelo lençol, como se ela os tivesse escondido apressadamente, ao vê-lo entrar, um pente e um caco de espelho.

— Quando entrei, você estava esperando alguém. E não era a mim. Quem estava esperando, pois?

Lena não desvia o olhar. Sua expressão não é inocente nem dissimulada, não é plácida nem serena.

— Esperando?

— Estava esperando Byron Bunch?

Lena continua sem desviar os olhos. Hightower a contempla com uma expressão firme, grave, doce. Mas ela nota na sua fisionomia qualquer coisa dessa implacabilidade que tem visto no semblante de algumas pessoas bondosas que tem conhecido, homens principalmente. Hightower se inclina para a frente e põe a mão sobre a dela onde ela segura o corpo da criança.

— Byron é um homem bom. — diz.

— Sei tanto disso como qualquer pessoa. E melhor do que a maioria dos homens.

— E você é uma boa mulher. Será uma boa mulher. Não quero dizer

que...; — corrige-se bruscamente. Cala-se. — Não queria dizer que...

— Compreendo — diz Lena.

— Não. Não é isso. Isso não tem importância. Isso ainda não é nada. Depende do que você fizer depois, do que fizer consigo própria, com outros... — E olha para Lena, que não desvia o olhar. — Deixe-o ir embora. Afaste-o de si. — Olham um para o outro. — Afaste-o, minha filha; provavelmente você não tem mais da metade da idade dele, mas já viveu o dobro do que ele viveu. E, como Byron perdeu tempo demais, não a alcançará nunca, nunca ficará à sua altura. E também isso, o fato de que ele não é nada, é tão irremediável como a experiência completa que você tem. Byron é tão incapaz de voltar atrás e fazer, como você o é de voltar atrás e desfazer. Você tem um filho que não é dele, o filho de um homem que não é Byron. E assim você introduzirá à força dois homens e só a terça parte de uma mulher na vida de um homem que pelo menos merece que o nada em que viveu durante trinta e cinco anos seja violado, se é que o deve ser, sem a presença de duas testemunhas.

— Isso não depende de mim. Ele é livre. Peça-o a ele. Eu nunca procurei retê-lo.

— É verdade. Provavelmente, se você tivesse tentado, não teria conseguido. É isso. Se tivesse sabido tentar. Mas nesse caso, se você tivesse sabido, não estaria aqui nessa cama, com uma criança ao peito. E não quer deixá-lo ir? Não vai dizer-lhe o que é necessário dizer?

— Não posso dizer mais do que já lhe disse. E há cinco dias dei-lhe o não.

— O não?

— Pediu-me que casasse com ele. Que não esperasse. E eu disse que não,

— Diria não agora?

Lena olha-o com firmeza:

— Sim. Diria o mesmo agora.

Hightower, enorme, desproporcionado, de novo com o semblante desanimado, fatigado, dá um suspiro.

— Acredito em você. Você continuará afirmando isso até ver... — E olha-a de novo com um olhar penetrante e duro.

— Onde está Byron?

Lena olha para ele e no fim de algum tempo diz calmamente: “Não sei.” Súbito o rosto, dela fica vazio, como se aquilo que lhe dera real solidez e firmeza tivesse começado a escoar-se dali. Agora não há nele nenhuma dissimulação, vivacidade ou precaução:

— Esta manhã voltou mais ou menos às dez horas. Não entrou. Parou na porta e ficou a olhar-me. Eu não o tinha visto desde ontem de noite e ele não tinha visto a criança. Eu disse-lhe: “Entre, venha vê-lo.” Da porta respondeu-me: “Vim saber quando é que deseja vê-lo.”

“Quem?” perguntei. E ele: “Talvez ele tenha de vir acompanhado por um policial, mas posso convencer Kennedy a deixá-lo vir.” “Vir quem?” indaguei. E ele respondeu: “Lucas Burch.” Eu disse: “Sim.” E ele: “Essa noite, está bem?” “Sim”, respondi. E saiu. Não se movera dali e dali mesmo foi embora.

E enquanto Hightower olha para ela com o desespero com que todos os homens veem lágrimas de mulher, Lena começa a chorar. Com o busto erguido, a criança ao peito, chora em silêncio, de manso, mas com uma humildade sem esperança, sem esconder o rosto.

— E agora o senhor me aflige querendo saber o que eu disse ou não, quando eu já havia dito não, é o senhor continua a atormentar-me, quando ele já se foi para sempre e não voltará mais.

Finalmente Lena baixa a cabeça. Hightower levanta-se e põe a mão sobre sua cabeça inclinada, pensando: *Graças, Senhor. Deus me ajude. Graças, Senhor. Valha-me Deus.*

Encontrou na mata o antigo atalho de Christmas que ia dar na serraria. Não sabia da existência de tal caminho, mas, quando viu em que direção seguia, pareceu-lhe, no seu entusiasmo, um indício de bom augúrio. Ele acredita em Lena, mas deseja ver confirmada a informação, pelo simples prazer de ouvi-la novamente. Quando chega à serrana são quatro horas em ponto. Pergunta no escritório.

— Bunch? — diz o guarda-livros. — O senhor não o encontrará aqui. Deixou o emprego essa manhã.

— Já sei, já sei — diz Hightower.

— Trabalhava há sete anos na companhia, até nas tardes de sábado. Essa manhã apresentou-se e disse que ia deixar o emprego. Sem nenhum motivo. Mas é sempre assim que fazem esses labregos.

— Sim, sim — diz Hightower. — Mas são boa gente. Tanto os homens como as mulheres. — Sai do escritório. A estrada que leva à cidade passa pelo galpão onde Byron trabalhava. Hightower conhece Mooney, o mestre.

— Disseram-me que Byron Bunch não trabalha mais aqui?

— É verdade. Foi embora de manhã — diz Mooney.

Hightower, porém, não escuta. Os homens vestidos de macacão observam aquele tipo estranho e mal vestido, uma figura não muito familiar, a olhar com uma espécie de interesse, exultante para as paredes, as tábuas, a maquinaria enigmática cuja existência e fins não só não poderia compreender como também aprender a compreender.

— Se deseja vê-lo, está na cidade, na delegacia, creio.

— Na delegacia?

— Sim, senhor. O grande júri reúne-se hoje em sessão extraordinária a fim de julgar aquele assassino.

— Sim, sim — diz Hightower. — Então foi embora! Bom sujeito. Até

logo, senhores. Até logo.

E afasta-se seguido pelos olhares dos homens vestidos de macacão, que o observam por um momento. Hightower caminha com as mãos juntas atrás das costas, pensando sossegadamente, pacificamente, tristemente: “Pobre homem. Pobre homem. Não há nenhuma justificação para aquele que tira a vida a um ser humano, e muito menos para uma pessoa investida numa função, um servidor jurado de seus concidadãos. É quando a morte é sancionada por um funcionário, eleito que sabe que não sofreu pessoalmente nas mãos de sua vítima, chame-se a vítima como se quiser, como se pode esperar que um particular se contenha quando acredita que sofreu nas mãos da sua vítima?”

Continua caminhando e chega à sua rua. Daí a pouco vê a sua cerca, o seu letreiro e logo depois a casa, oculta entre a opulenta folhagem de agosto.

— Então foi embora sem me dizer adeus, depois de tudo o que me deu. Sim, depois do que me restituiu. Dir-se-ia que isso também me estava reservado. E isso já será tudo.

Mas não é tudo. Uma coisa mais lhe estava reservada.

Quando Byron chegou à cidade, soube que antes do meio-dia não poderia falar com o xerife, pois este estaria ocupado a manhã inteira com o grande júri especial que se reunira.

— O senhor terá de esperar — disseram-lhe.

— Sim — respondeu Byron. — Sei como.

— Sabe como?

Ele, porém, não deu resposta. Saiu do gabinete do xerife e foi esperar no pórtico que dava para o lado sul da praça. Do terraço baixo, lajeado, erguiam-se em arco as colunas de pedra, expostas ao tempo e manchadas por gerações e gerações de fumaça accidental. Sob aquelas arcadas, firmes e constantes e com absoluta falta de propósito (de pé, aqui e ali, falando uns com os outros do canto da boca, alguns rapazes da cidade que Byron conhecia como empregados, jovens advogados e até mesmo negociantes geralmente com um ar idêntico, um ar autoritário, como policiais disfarçados que não se preocupassem particularmente com que o disfarce ocultasse ou não o policial), camponeses vestidos de macacões moviam-se quase com o ar de frades num claustro, falando baixo uns com os outros sobre dinheiro e safras, olhando tranquilamente de vez em quando o teto para além do qual o grande júri, de portas fechadas, se preparava para tirar a vida de um homem que poucos deles conheciam ou tinham visto algum dia, por haver tirado a vida de uma mulher ainda menos conhecida e menos vista por qualquer deles. Os carros e automóveis empoeirados nos quais alguns tinham vindo à cidade estavam enfileirados na praça, e pelas ruas, entrando nas lojas e saindo delas, as esposas e filhas que tinham vindo com eles caminhavam em pequenos grupos, vagarosamente e também a esmo, como gado ou nuvens. Byron permaneceu muito tempo ali de pé, imóvel, sem se encostar a coisa alguma. Byron era um homenzinho que, apesar de ter morado sete anos na cidade, era conhecido de um número ainda menor de pessoas de que o assassino e a assassinada.

Ele não tinha consciência disso. Uma semana antes teria sido diferente, mas agora pouco se lhe dava. Uma semana antes não teria permanecido ali onde qualquer pessoa podia olhar para ele e reconhecê-lo. *Byron Bunch, o homem que colheu a safra de outro homem, sem receber a menor parte dela. O indivíduo que tomou conta da amásia de outro, enquanto esse outro estava ocupado em ganhar mil dólares. E nada. recebeu por isso. Byron, que protegeu a boa reputação da mulher, quando a mulher que desfrutava dessa boa reputação e o homem a quem ela a dera tinham-na atirado fora; o homem que fez com que o bastardo do outro indivíduo nascesse em paz e tranquilidade à custa de Byron Bunch, o qual, como retribuição, ouviu uma vez o choro de uma criança. O tal que não lucrou mais do que a permissão de devolver à mulher o outro indivíduo, logo que este acabou de cobrar o prêmio de mil dólares, não sendo necessária para mais nada a presença de Byron. Byron.*

Bunch. “Agora posso ir embora”, pensou. E começou a respirar fundo. Sentia a si mesmo respirando, como se de cada vez suas entranhas temessem que a próxima respiração não conseguisse alcançar bastante longe e acontecesse qualquer coisa terrível; via a si mesmo respirando, via seu peito e não via nenhum movimento, como quando a dinamite se recolhe em si mesma a princípio, para o agora, agora, sem que mude a forma exterior do cartucho. Esforçava-se para que a gente que passava e olhava para ele não observasse nenhuma mudança, não visse mais do que um homem baixinho para o qual ninguém olharia duas vezes e que ninguém acreditaria, capaz de praticar o que praticara, de sentir o que sentira, ele que naquela tarde de sábado, sozinho na serraria, julgava que jamais o encontraria a possibilidade de fazer o mal.

Estava andando no meio do povo. “Tenho de ir para alguma parte”, pensou. Caminhou ao compasso desse “tenho de ir para alguma parte”. Isso o ajudaria a avançar. Quando chegou à pensão continuava dizendo o mesmo. Seu quarto dava para a rua. Antes de reparar que estava olhando para a janela, já desviava os olhos, “É possível que veja alguém à janela, lendo ou fumando”, refletiu. Entrou no vestibulo. Depois daquela radiosa manhã, não podia enxergar bem no primeiro momento. Sentiu um cheiro de linóleo molhado e de sabão. “Ainda é segunda-feira”, pensou. “Engano meu. Talvez já seja a outra segunda-feira. Parece que é isso.” Não bateu nem chamou ninguém. No fim de algum tempo já começava a ver melhor. Percebeu que esfregavam a extremidade do vestibulo ou talvez a cozinha. E depois, contra o retângulo formado pela porta do fundo que também estava aberta, viu assomar a cabeça de Mrs. Beard e logo em seguida avançar pelo vestibulo a silhueta completa do seu corpo.

— Bem — exclamou Mrs. Beard —, é Mr. Byron Bunch. Mr. Byron Bunch.

— Sim senhora — disse ele, pensando: “Só uma mulher gorda, que nunca conheceu maiores contrariedades do que as que cabem num balde de lavar a casa, não devia tentar ser..”

E mais uma vez deixava de lhe ocorrer a palavra* que Hightower conheceria e empregaria sem necessidade de pensar nela. “Parece que não posso fazer nada sem envolvê-lo no assunto e até mesmo que não posso pensar sem que ele me ajude.” — Sim senhora — disse. E ficou calado, sem ânimo sequer de dizer que viera despedir-se. “Talvez eu não tenha vindo para isso”, pensou. “Quando se viveu sete anos num quarto, não se pode mudar num dia. Mas é claro que não vou impedi-la de alugar o quarto.”

— Creio que lhe devo uma parte do aluguel — disse Byron.

Olhando pára ele com uma expressão penetrante e agradável, a que não faltava amabilidade, Mrs. Beard respondeu: “Que aluguel? Pensei que o senhor tivesse resolvido passar o verão numa barraca.” E depois acrescentou delicadamente: “Já recebi o aluguel do seu quarto.”

— Oh! Compreendo — exclamou Byron e ergueu os olhos para contemplar a escada coberta por um linóleo que os seus pés também ajudaram a descascar. Quando puseram o linóleo novo, havia três anos, fora Byron o primeiro dos hóspedes a pisar nele. — Oh! é- disse ele. — O melhor será que eu...

Mrs. Beard respondeu também a isso imediatamente, mas não sem bondade.

— Já tratei disso. Pus tudo em sua maleta, que está lá no meu quarto. Se quiser subir e dar uma vista de olhos o senhor mesmo...

— Não. Se a senhora já pôs tudo... Creio que...

Mrs. Beard o observava.

— Ah! Vocês homens — disse ela. — Não é de admirar que as mulheres se irrite com vocês. Nem ao menos sabem impor limites às suas patifarias, limites que aliás não são mais do que o que se pode medir com um alfinete. Se não houvesse sempre uma mulher que se mete a ajudá-los, começariam todos a bradar aos céus, antes mesmo de completar dez anos.

— Suponho que a senhora não tem nada que dizer contra ela — replicou Byron.

— Está claro que não. Nem preciso. Não digo que sejam as mulheres que mais tenham falado no caso. Mas, se o senhor tivesse um pouco mais do que o senso comum dos homens, saberia que as mulheres, quando falam, não querem dizer nada. São os homens que falam a sério. Não há nenhuma mulher que pense mal do senhor ou dela. Porque não há nenhuma mulher que não saiba que ela não tem razão alguma para ser má com o senhor, mesmo pondo de parte a criança. Nem também tem razão para ser má com homem algum. Não tem nenhum motivo para ser má. O senhor, aquele pastor e todos os outros homens que sabem da sua história não fizeram por ela tudo o que ela podia desejar? Que motivo teria ela então para ser ruim? É o que lhe pergunto.

— Sim — diz Byron, sem olhar para ela. — Eu venho para...

Mrs. Beard respondeu a isso também, antes de Byron ter acabado de falar.

— Suponho que o senhor vai deixar-nos já, não é? — E pôs-se a observá-lo. — Que fizeram hoje na delegacia?

— Não sei. A reunião ainda não terminou.

— Era o que eu pensava. Gastaram todo esse tempo e o dinheiro do condado para discutir um assunto que nós, mulheres, teríamos resolvido em dez minutos sábado à noite. Como pode ele ser tão idiota? Não que Jefferson sinta falta dele, que não possa passar sem ele. Mas ser tão idiota a ponto de pensar que, matando uma mulher, um homem pudesse tirar mais vantagem do que tiraria uma mulher que mata um homem ... Acho que agora vão pôr o outro em liberdade, não acha?

— Suponho que sim.

— E houve um momento em que acreditaram que ele tivesse ajudado o outro. Darão os mil dólares para mostrar que não têm nada contra ele. Em breve poderão casar, não é?

Byron percebia que Mrs. Beard o observava, mas sem dureza.

— É sim senhora.

— E suponho que o senhor também vá nos deixar. Imagino que se sinta como que cansado de Jefferson, não é verdade?

— Mais ou menos. Creio que vou embora.

— Faz bem. Jefferson é uma boa cidade, mas não tanto que um homem como o senhor, livre e desimpedido, não possa encontrar outra que lhe proporcione patifarias e complicações suficientes para se conservar ocupado... Se quiser, pode deixar sua maleta aqui até que possa vir buscá-la.

Esperou até o meio-dia e até depois do meio-dia. Esperou até que lhe pareceu que o xerife devia ter acabado de almoçar. Em seguida dirigiu-se à casa dele. Não quis entrar. Esperou na porta até que apareceu o xerife, homem gordo, de olhos astutos e pequenos, que pareciam embutidos como pedacinhos de mica na carne gorda do rosto. Saíram juntos para a sombra de uma árvore no pátio. Não havia ali nenhum banco. Nem também os dois homens se acocoraram no chão, como teriam feito de ordinário (tinham sido ambos criados no campo). O xerife ouviu em silêncio o homenzinho que durante sete anos fora um pequeno mistério para a cidade e que havia sete dias era um insulto e um desafio ao público.

— Compreendo — disse o xerife. — Você acha que chegou o momento de casarem os dois.

— Não sei. Isso é lá com ele e com ela. Acho, porém, que o melhor será ele ir vê-la. Acho que é tempo. O senhor pode mandar um policial acompanhá-lo. Eu disse a ela que ele iria essa noite. Quanto ao que farão, é lá com eles. Não tenho nada com isso.

— Naturalmente — respondeu o xerife. — Você não tem nada com isso. — Ficou olhando para o perfil de Byron, — Que pensa fazer agora, Byron?

— Não sei. — Byron raspava lentamente um pé no chão e olhava para ele. — Estou pensando em ir para Memphis. Venho pensando nisso há dois anos. É possível que vá. Nessas cidadezinhas não há nada.

— Realmente. Memphis não é mau lugar para quem gosta de vida de cidade. E você não tem família que o prenda aqui ou que precise carregar para lá. Eu também, se fosse solteiro, creio que teria feito isso há dez anos. É possível que estivesse agora em melhor situação. Você pensa em ir já?

— Em breve. Essa manhã deixei a serraria — respondeu Byron,

erguendo os olhos.

— Sim — disse o xerife. — Já imaginava que você não teria feito toda essa caminhada desde o meio-dia com intenção de voltar à uma hora. Bem. Parece-me que...

Não prosseguiu. Sabia que, antes de anoitecer, o grande júri acusaria Christmas, e Brown — ou Burch — estaria livre, ficando, entretanto, com a obrigação de comparecer no julgamento, como testemunha, na sessão do mês seguinte. Sua presença, todavia, não seria essencial, visto que Christmas não negara nada e o xerife acreditava- que ele iria confessar-se culpado a fim de salvar o pescoço. “E na verdade não será mau infundir o temor de Deus nesse sujeito ao menos uma vez na vida”, pensou.

— Creio que a coisa se arranja. É claro que, como você diz, ele terá de ir acompanhado por um policial, conquanto seja provável que não vá fugir, enquanto tiver alguma esperança de receber o prêmio. É contanto que não saiba o que vai encontrar quando chegar lá. Não sabe ainda? Não, não sabe — respondeu Byron. — Nem sabe que ela está em Jefferson.

— Bem. Mandá-lo-ei então com um policial. Sem lhe dizer por quê. Limitar-me-ei a mandá-lo. A não ser que você mesmo queira levá-lo.

— Não — diz Byron. — Não, não. — E mantém-se imóvel.

— Vou fazer isso. Até lá você já terá ido embora, não é? Mandá-lo-ei com um policial. As quatro horas está bem?

— Perfeitamente. O senhor fará uma boa obra. É muita bondade da sua parte.

— Está bem. Muita gente além de mim tem sido bondosa para com ela desde que chegou a Jefferson. Não lhe direi adeus, Byron. Estou certo de que algum dia você voltará a Jefferson. Nunca conheci alguém que tivesse vivido algum tempo em Jefferson e que se tenha ido de uma vez. Exceto talvez esse indivíduo que está na prisão. Mas suponho que se confessará culpado. Para salvar a cabeça. Pelo menos para sair de Jefferson. É duro para essa velhinha que julga ser sua avó. Quando voltei para casa, o velho estava na cidade, gritando, armando escândalo, chamando a gente de covarde, porque não se tirava imediatamente o homem da cadeia para linchá-lo. — Começou a rir com vontade. * — É melhor que ele tenha cuidado, senão Percy Grimm e sua gente lhe deitarão a mão. — Pôs-se sério de novo. — É duro, para a mulher, para as mulheres em geral. — Olhou para o perfil de Byron. — Foi muito duro para alguns de nós. Está bem. Algum dia você aparecerá por aqui. Talvez da próxima vez Jefferson o trate melhor.

Às quatro da tarde Byron, escondido, vê o automóvel chegar e parar; vê que o policial e o homem que ele conhecia pelo nome de Brown saltam e se encaminham para a cabana. Brown já não traz algemas. Byron o vê chegar à cabana e vê o policial empurrá-lo porta adentro. Depois que

ele entra, a porta se fecha, o policial senta-se do lado de fora e tira do bolso um saquinho de fumo. Byron levanta-se. “Agora posso ir embora”, pensa. Seu esconderijo é um grupo de moitas no ponto onde estivera outrora a casa. A mula está amarrada do outro lado do matagal, oculta tanto da cabana como da estrada. Presa na sela gasta está uma maleta amarela que não é de couro. Byron monta na mula e dirige-se para a estrada. Não olha para trás.

A estrada vermelha sobe suavemente por uma colina na tarde tranquila e a declinar. “Posso subir uma colina”, pensa. “Posso subir uma colina. Qualquer homem pode.” O sossegado e aprazível caminho lhe é familiar há sete anos. “Parece que um homem pode resistir a tudo. Pode resistir até mesmo ao que não fez. Pode resistir até mesmo à idéia de que há coisas superiores à sua resistência. Pode resistir até mesmo ao pensamento de que, se pudesse ceder e chorar, não o faria. Pode até resistir ao desejo de voltar a cabeça, ainda que saiba que olhar ou deixar de olhar para trás não lhe vai servir de nada.”

A colina se eleva bruscamente. Como Byron nunca viu o mar, pensa: “Parece, o limite do nada. É como se, uma vez passada essa colina, se entrasse no nada, lá onde as árvores pareceriam qualquer coisa menos árvores, e seriam chamadas com qualquer nome, exceto com o de árvores, e onde os homens terão o aspecto de qualquer coisa menos o de homens, e seriam chamados de qualquer coisa, exceto de homens. E onde Byron Bunch não teria de ser ou não ser Byron Bunch. Onde Byron Bunch e sua mula não seriam nada e cairiam vertiginosamente até arder, como diz o reverendo Hightower que ardem certos foguetes que correm no espaço com tal velocidade a ponto de arderem e se consumirem sem que nem ao menos um punhado de cinzas chegue a tocar a terra.”

Mas do outro lado da crista da colina começa a surgir o que Byron sabe que há ali: as árvores que são árvores, a terrível e tediosa distância que Byron, sendo movido por sangue, tem de contornar continuamente entre dois inevitáveis horizontes da terra implacável. Elas se erguem firmes, não portentosas nem ameaçadoras. O que há é que elas estão esquecidas dele. “Não sabem nem se importam”, pensa. Parece que estão dizendo: *Muito bem. Dizes que sofres. Mas em primeiro lugar não sabemos disso senão pelo que dizes. E depois limitas-te a dizer que és Byron Bunch. E finalmente há apenas uma pessoa — a tua — que dá a si mesma o nome de Byron Bunch, hoje, agora, nesse minuto.* “Bem”, pensa. “Se é só isso, creio que posso dar-me ao desprazer de olhar para trás.” Detém a mula e volta-se na sela.

Não notara que estava tão longe e que a crista era tão alta. O vasto campo daquilo que setenta anos antes fora uma casa de plantação jaz a seus pés, como uma taça pouco profunda, entre ele e a lombada oposta, na qual fica Jefferson. Mas a plantação se encontra agora cortada de cabanas de negros situadas ao acaso, jardins e terras mortas de erosão, com plantio de roble, sassafrás, dióspiro e sarça. E mesmo no centro

subsiste ainda o grupo de carvalhos que se erguem como no tempo em que foi construída a casa, posto que já não exista casa entre eles. Do ponto onde se acha não pode distinguir os vestígios do incêndio. E assim, se não fossem os carvalhos, o estábulo em ruínas e a cabana, não poderia sequer dizer onde estava situada a casa. Na cabana pacífica que parece de brinquedo, bate o sol da tarde; o policial sentado à porta também parece de brinquedo. E enquanto Byron olha, por trás da casa aparece, como por encanto, um homem que sai correndo pelos fundos, de nada desconfiando o policial que continua sentado e imóvel no degrau da frente. Durante um momento Byron permanece também imóvel, meio voltado na sela, e contempla a minúscula figura que corre em direção à mata, através do árido declive situado por trás da cabana.

Um vento frio lhe atravessa a espinha. É um vento violento e ao mesmo tempo apazível que carrega, como se fosse palha, cisco ou folhas mortas, todos os desejos, desesperos e incertezas e até vãs imaginações trágicas. Com aquele sopro parece-lhe que corre para trás e fica despido de tudo aquilo que não tinha dentro de si há duas semanas, antes de a ter visto. O desejo desse momento é mais do que desejo, é uma convicção pacífica e confiada; e antes de notar que seu cérebro telegrafou para sua mão, vira a mula e galopa à borda da lombada, paralela ao rumo em que o homem correrá para entrar na mata. Nem sequer disse para si mesmo o nome do homem. Não especula absolutamente para saber aonde vai o homem, nem por que vai. Durante um momento não lhe passa pela cabeça que Brown foge de novo, como ele próprio predissera. Se pensou nisso, provavelmente acreditou que Brown estava empenhado, lá à sua maneira peculiar, em algum negócio perfeitamente legítimo que tivesse relação com a sua partida e a de Lena. Mas não pensou nisso. Não pensou tampouco em Lena; Lena se lhe varrerá do espírito como se ele nunca tivesse visto o seu rosto nem ouvido o seu nome. Ele pensa: “Cuidei da mulher dele, ajudei no nascimento da criança. Agora posso fazer mais uma coisa por de. Não posso casá-los porque não sou ministro. Não o alcanço, porque vai muito adiante de mim. E, se o alcançasse, não poderia açoiá-lo, porque é mais forte que eu. Mas posso tentar fazer isso. Posso tentá-lo.”

Quando o policial foi buscá-lo na prisão, Brown perguntou-lhe imediatamente aonde iam. O policial respondeu que iam fazer uma visita. Brown retrocedeu, olhando o policial com seu rosto bonito e falsamente atrevido. “Não quero visitar ninguém. Aqui ninguém me conhece.”

— Ninguém o conheceria em parte nenhuma — respondeu o policial. — Seria estranho até em sua própria casa. Vamos.

— Sou um cidadão americano — respondeu Brown. — E apesar de não trazer nos ombros estrelinhas de latão, tenho meus direitos.

— Sim? Pois é justamente isso que estou fazendo agora: ajudando-o a obter seus direitos — disse o policial.

O rosto de Brown se iluminou com um lampejo de esperança.

— Vão... Vão pagar...

— O prêmio? Exatamente. Vou levá-lo agora mesmo ao lugar próprio. Se tem direito a algum prêmio, há de recebê-lo.

Brown acalmou-se e pôs-se a andar, não sem lançar ao policial olhares de desconfiança.

— Bonita maneira de resolver o assunto — disse ele. — Encerrar-me na prisão enquanto esses patifes procuram surripiar meu dinheiro.

— Parece-me que ainda não nasceu o patife que poderá surripiar-lhe qualquer coisa — disse o policial. — Vamos. Estão esperando por nós.

Saíram da prisão. Brown piscava os olhos com a claridade. Olhou de um lado e de outro, arrojou a cabeça para o alto, olhando por cima do ombro, num movimento de corcel indomado. O carro esperava encostado ao meio-fio. Brown olhou para o carro e depois para o policial, inteiramente calmo e circunspecto.

— Aonde vamos de automóvel? — indagou. — Ainda essa manhã a delegacia não era tão longe que eu não pudesse ir a pé.

— Watt mandou o automóvel para nos ajudar a trazer o prêmio. Entra.

Brown resmungou.

— Por que é que de repente ele começou a preocupar-se tanto com meu conforto? Manda-me um automóvel para viajar, deixa-me ir sem algemas e ‘manda apenas um indivíduo para impedir a minha fuga.

— Não impeço a sua fuga — disse o policial. E interrompeu-se um pouco na tarefa de pôr o carro em movimento. — Quer fugir agora?

Brown lançou-lhe um olhar sombrio, ofendido, desconfiado.

— Compreendo — disse ele. — É uma das suas artimanhas. Enganar-me para que eu fuja e depois receber ele próprio os mil dólares. Quanto lhe prometeu?

— A mim? Vou receber o mesmo que você, até o último centavo.

Brown encarou ainda algum tempo o policial. Praguejou contra um alvo imaginário, mas de modo violento.

— Se temos de ir, vamos — disse.

Dirigiram-se ao local do incêndio e do crime. A intervalos constantes, quase marcados, Brown atirava a cabeça para o alto, num movimento muito seu, um pouco parecido com o de um animal espavorido, a correr de um veículo num caminho apertado.

— Que vamos fazer por aqui?

— Vamos receber o seu prêmio — disse o policial.

— Onde é que vou receber?

— Ali naquela cabana. O prêmio o espera lá.

Brown olhou em volta para os carvões negros que tinham sido um

dia uma casa e para a pacata cabana na qual morara quatro meses. Seu rosto assumiu uma expressão muito séria, muito atenta.

— Há alguma coisa estranha em tudo isso. Se Kennedy está pensando que me defrauda dos meus direitos só porque tem no ombro uma estrelinha de latão...

— Entre — disse o policial. — Se não gostar da recompensa, estarei aqui esperando para levá-lo de volta à prisão a qualquer momento que quiser. E quando quiser. — Empurrando Brown, abriu a porta da cabana e, depois de fazê-lo entrar, fechou a porta e sentou-se no degrau.

Brown ouviu a porta fechar-se depois de entrar. Ia ainda andando para a frente. E então, num daqueles seus relances de vista rápidos e que tudo abrangiam, como se seus olhos não pudessem esperar para abranger todo o aposento, estacou de repente. Da cama Lena viu que a pequena cicatriz do canto da boca do homem desaparecia completamente, como se a onda de sangue que lhe afluía por trás houvesse na passagem arrebatado o gilvaz como o vento arranca um trapo de um coradouro. Ela não disse palavra. Ficou quieta, recostada no travesseiro, olhando-o com uns olhos serenos nos quais não havia nada — nem alegria, nem surpresa, nem censura, nem amor—, ao passo que pelo rosto dele passavam o choque, o espanto, o sentimento de ofensa e logo um autêntico terror, tudo isso troçando, cada um por sua vez, da branca cicatrizinha delatora, enquanto seus olhos desviados de desespero se moviam de um lado para outro, incessantemente, pelo quarto vazio. Lena viu que ele os dominava pela força da vontade. Dominava-os como a dois animais aterrorizados, obrigando-os a ir de encontro aos dela. “Oh! Oh! É Lena”, disse ele. Lena via-o forcejar por manter seus olhos fitos nos dela como se eles fossem dois animais prestes a fugir, como se o homem soubesse que, se dessa vez fugissem, ele não mais os pegaria, ficando ele próprio perdido. E Lena tinha quase a impressão de que o acossado e atemorizado espírito daquele homem se lançava incessantemente numa direção e noutra, buscando palavras que sua voz, sua língua, pudesse pronunciar. “Sim. É Lena. Sim senhor! Então deram-lhe o meu recado. Quando cheguei e me acomodei aqui no mês passado, mandei-lhe um recado e pensei que se tivesse perdido. Dei-o a um indivíduo. Não sabia o nome dele, mas ele me disse que daria o recado... Não tinha o rosto muito seguro, mas tive de confiar nele e lhe dei os dez dólares para a sua viagem...” Não pôde prosseguir. E enquanto olhava para ele sem piedade, sem nenhum sentimento, com uma expressão de fixidez, grave e insuportável, Lena o viu em espírito tropeçar e fugir e voltar de novo, experimentando, tateando, até que lhe fugiu o resto do orgulho, de um orgulho triste que não era mais que um desejo de justificar-se, e de que afinal se via despojado. Então Lena falou pela primeira vez com voz tranquila, sossegada e fria:

— Aproxime-se — disse-lhe. — Chegue até aqui. Ele não morderá você. — O recém-chegado adiantou-se nas pontas dos pés. Lena notou-o,

conquanto já não olhasse para ele. Não descobriu de que maneira soube que, no momento em que se inclinava sobre ela e a criança adormecida, o homem era tomado de um espanto tímido e desajeitado. Sabia que não era por causa da criança. Sabia que sequer vira a criança. Mas percebia que a mente daquele homem se lançava em todos os sentidos. *Ele vai fingir que não teve medo*, pensou Lena. *Não terá vergonha de mentir dizendo que não teve medo, como não teve vergonha de ter medo porque mentiu.*

— Está bem — disse ele. — Então estamos aqui.

— Sim — respondeu Lena. — Quer sentar-se? — A cadeira que Hightower aproximara da cama continuava no mesmo lugar. Ele já a notara. *Já a tinha pronta para mim*, pensou. Praguejou de novo em voz baixa, ofendido, furioso: *Que patifes, que patifes!* Mas, quando se sentou, seu rosto tinha uma expressão tranqüila.

— Sim senhor! Estamos novamente juntos, tal como eu havia planejado. Eu queria arrumar tudo para você, porém tenho estado muito ocupado. Agora me lembro... — E fez de novo o brusco movimento animalesco, voltando a cabeça para trás. Sem olhar para ele, Lena disse:

— Há aqui um pregador que veio ver-me.

— Ótimo! — exclamou ele com voz sonora e cordial. Mas a sua cordialidade bem como o timbre da voz pareciam tão pouco permanentes como o som das palavras que desapareciam sem deixar vestígio, sem um pensamento nítido, no ouvido ou no espírito. — Muito bem. Logo que eu me vir livre de tantos afazeres... — E moveu o braço num gesto vago e acolhedor, olhando para ela. Tinha o rosto tranqüilo e inexpressivo e o olhar suave e atento, mas por trás de seus olhos emboscava-se ainda a desolação e o desespero. Lena não olhava para ele.

— Que espécie de trabalho tem agora? Trabalha na serralha?

O interpelado olha para ela atentamente. “Não. Deixei aquilo.” Seus olhos a observam, como se não fossem seus olhos, como se não tivessem relação com o rosto dele, com o que fazia ou dizia: “Trabalhar dez horas por dia como um escravo negro? Agora tenho em mãos um negócio que me dará dinheiro, e não os miseráveis quinze centavos por hora. E logo que eu o receber e resolver certos detalhes, você e eu...” Duros, atentos, seus olhos observam o perfil de Lena, que está de Cabeça baixa. E Lena ouve de novo o ruído obscuro que Brown fazia meneando a cabeça, levantando-a e voltando-a para trás. “Agora me lembro de que...”

Lena interrompe-o, perguntando: “Quando será, Lucas?” E então pode ouvir, sentir um sossego absoluto, silêncio sepulcral.

— Quando será? O quê?

— Você já sabe. O que me disse lá na cidade. Se se tratasse apenas de mim, não teria importância. Mas agora é diferente. Julgo que tenho direito de preocupar-me.

— Ah! Aquilo, aquilo! — disse ele. — Não se preocupe com aquilo. Deixe-me resolver esse negócio e receber o dinheiro. O dinheiro me cabe

por direito. Nenhum patife pode...

— Cala-se. Começara a elevar a voz como se tivesse esquecido onde estava e pensasse em voz alta. Baixando de tom, disse:

Deixe o caso por minha conta. Não se preocupe. Até agora não lhe dei nenhum motivo de preocupação, não é? Responda.

— Não. Nunca me preocupei. Sabia confiar em você.

— É verdade. Sabia. E esses patifes... — Ele se havia levantado. — Ah! Agora me lembro... — Lena não olhou nem falou, enquanto ele a contemplava com aqueles olhos atormentados, desesperados e inoportunos. Parecia que era ela quem o detinha ali, sabendo que o detinha, e que o pôs em liberdade deliberadamente, por sua própria vontade.

— Pelo que vejo, você anda muito ocupado.

— De fato. Com todas as preocupações que tenho! Esses patifes...

Lena o observava e viu-o olhar para a janela da parede do fundo. Depois virou-se e olhou para a porta fechada. Em seguida olhou para o rosto sério de Lena, rosto que não exprimia nada vou que exprimia tudo, que conhecia o que se passava, e baixou a voz. “Tenho inimigos aqui. Gente que não quer que eu receba o que ganhei, de modo que vou. E novamente, como se ela o detivesse, forçando-o àquela mentira final, experimentando-o contra aquela mentira final, contra a qual se revoltavam as tristes borras do seu orgulho de homem, era como se o prendesse não com varas ou cordas, mas com alguma coisa contra a qual o seu mentir soprava com a ineficiência de folhas ou de cisco. Ela, porém, não disse nada. Limitou-se a observá-lo quando ele, indo até a janela nas pontas de pés, abriu-a devagarinho e depois olhou para Lena. Talvez já se considerasse a salvo, talvez pensasse que poderia saltar pela janela antes que ela pudesse detê-lo. Ou talvez fosse um último resquício de pejo, como pouco antes fora de orgulho. O certo é que, despindo-se por um momento de todo palavreado e engano, olhou para ela e disse-lhe com voz que não era mais que um murmúrio: “Há ai fora um homem esperando por mim.” E jogou-se pela janela sem fazer bulha, num único movimento, semelhante ao de uma comprida serpente. E pela janela aberta chegou aos ouvidos de Lena o ruído leve que ele fez quando deitou a correr. Somente então foi que ela se mexeu e soltou um profundo suspiro.

— Agora tenho de levantar-me de novo — disse em voz alta.

Quando Brown sai da mata e chega à via férrea, está ofegante, mas não de cansaço, conquanto a distância que vencera nos últimos vinte minutos fosse de quase duas milhas e a corrida não tivesse sido fácil. O seu ofegar parece antes o rugido malévolo e ruidoso de um animal que foge sozinho, que não quer companheiro na fuga, que se apegava unicamente à solitária dependência dos seus músculos e que em cada pausa que faz para renovar a respiração, odeia, como se fossem inimigos

vivos, cada árvore e cada fio de erva que vê, odeia até mesmo a terra em que firma as patas e o ar que precisa renovar com a respiração.

Deu com a via férrea a cerca de cem metros do ponto a que se destinava. Acha-se no alto de uma rampa na qual os trens de carga que se dirigem para o Norte perdem a velocidade e se arrastam com estrépito, quase a passo de homem. A pequena distância os dois trilhos cintilantes dão a impressão de terem sido cortados com uma tesoura.

Resguardado, pela cortina do bosque, fica parado um momento no atalho paralelo à via férrea. Parece um homem que faz cálculos sombrios e desesperados, como se desse tratos à bola ante a última jogada de uma partida já perdida. E depois de permanecer um momento na atitude de quem escuta, volta-se e desfecha de novo a correr em sentido paralelo à via. Parece saber exatamente aonde vai. Pouco depois chega a um atalho e segue-o sem parar de correr, até que desemboca numa clareira, onde há uma cabana de negros, da qual se aproxima a passo. No pórtico está sentada uma negra, fumando um cachimbo, a cabeça envolta num trapo branco. Brown não corre, mas tem a respiração cansada, que recalca para poder falar.

— Ouça, tia. Há aí alguém?

A negra velha tira o cachimbo da boca:

— Eu. Que deseja?

— Preciso mandar um recado urgente à cidade. — E sofria de novo a respiração para falar. — Pagarei bem. Não há alguém aqui que possa fazer isso?

— Se tem tanta pressa, vá o senhor mesmo;

Brown fala com uma espécie de paciência furiosa, contendo a voz e a respiração:

— Estou dizendo que pagarei bem. Um dólar, se for depressa. Não há ninguém aqui que queira ganhar um dólar? Nenhum dos meninos?

A velha fuma e olha para Brown. Com o rosto enrugado e impenetrável, parece contemplá-lo com uma indiferença quase divina, mas sem nenhuma benevolência.

— Dinheiro garantido?

Brown faz um gesto indescritível de pressa, de cólera reprimida ou qualquer coisa parecida com desespero, e está a ponto de voltar-se, porém a negra toma a falar:

— Aqui não há ninguém senão eu e os dois gurus e acho que são muito pequenos para isso.

— De que tamanho são? Preciso de alguém que vá correndo levar, um bilhete ao xerife.

— Ao xerife? O senhor está enganado. Vá bater em outra porta. Não quero que nenhum dos meus tenha nada a ver com xerifes. Conheci um negro que julgava conhecer um xerife o bastante para lhe fazer uma

visita, e não voltou mais. Vá procurar outra gente.

Brown se afasta. Não começa a correr imediatamente. Não pensou em tornar a correr. No momento não pensa em nada. Sua fúria e impotência deixam-no quase fora de si. Parece que medidas agora na incrível e quase infinita indefectibilidade de seus malogros. Como se o mero fato de eles lhe ocorrerem com tamanha constância o elevasse acima das mesquinhas esperanças e desejos humanos que os malogros frustram e anulam. Por isso a negra precisa gritar-lhe duas vezes antes que ele a ouça e se vire. Sem se arredar do seu lugar, a negra gritava: “Há aqui uma pessoa que poderá levar o recado.”

De pé junto ao pórtico, como se tivesse caído da estratosfera, está um negro que tanto pode ser um adulto imbecil como um mocetão boçal. Sua cara preta é também pacata e imperscrutável. O negro e Brown olham um para o outro; ou melhor, Brown olha para o negro e não sabe se o negro está olhando para ele. E isso também parece de certo modo harmonizar-se com tudo mais, a saber, que sua derradeira esperança e último recurso vem a ser um bruto que não parece dotado de suficiente faculdade raciocinativa para encontrar a cidade e muito menos um determinado indivíduo que mora nela. Brown torna a fazer um gesto indescritível. Está quase a correr de novo, de volta ao pórtico, apalpando o bolsinho da camisa. “Quer levar um bilhete à cidade e trazer-me a resposta? É capaz de fazê-lo?” pergunta. E, sem esperar resposta, tira da camisa um pedacinho de papel sujo e um toco de lápis mordiscado e, inclinando-se sobre o gradil do pórtico, escreve à pressa e com dificuldade, enquanto a preta o observa: *Mr. Watt Kennedy. Meu caro senhor: faça o favor de entregar ao portador o meu dinheiro pela captura do assassino Christmas, embrulhe em papel encorpado e dê ao portador. Seu criado.*

Não assina. Ergue o papel e contempla-o sob o olhar da negra. Olha para aquele pedacinho de papel sujo e inocente e aquela caligrafia apressada na qual conseguiu enredar por um instante toda a sua alma e toda a sua vida. Depois abre-o de supetão e escreve: *Não assino, mas deve saber quem sou.* Dobra o papel e entrega-o ao negro. “Entregue-o ao xerife. A ninguém mais. Acha que poderá encontrá-lo?”

— Se o xerife não encontrá-lo antes — diz a negra velha. — Dê-lhe. Há de encontrá-lo, se não tiver morrido. Pegue seu dólar e vá, rapaz.

O negro havia compreendido a marcha, mas pára, sem dizer nada, sem olhar para nada. A negra continua sentada no pórtico, fumando e contemplando o rosto frouxo do branco, um rosto até simpático mas que a fadiga tanto física como moral convertera numa máscara inexpressiva.

— Pensei que o senhor tivesse pressa — diz a negra.

— Sim — diz Brown, tirando uma moeda do bolso. — Tome e, se me trouxer a resposta dentro de uma hora, darei mais cinco dessas.

— Ande, negro — exclama a mulher. — Não tem isso todo dia. O senhor quer que ele traga a resposta aqui mesmo?

Brown olha para ela durante um momento e logo a cautela e a vergonha o abandonam de novo.

— Aqui não. Leve-a lá em cima. Não precisa fazer mais do que seguir os trilhos do trem até que eu o chame. Prestarei atenção. Não esqueça, está ouvindo?

— O senhor não se preocupe — replica a negra. — Ele levará o papel e trará a resposta, se nada o detiver. Ande, negro.

O negro segue o seu caminho, mas, antes de ter avançado meia milha, alguma coisa o detém. Trata-se de outro branco que conduz uma mula.

— Onde? — pergunta Byron. — Onde o viu?

— Agora mesmo. Naquela casa.

O branco segue seu caminho, puxando a mula. O negro segue-o com o olhar. Não mostrou o papel ao branco porque o branco não disse que queria vê-lo. Talvez a razão pela qual o branco não lhe pedira que mostrasse o bilhete é que ele não sabia que ele tinha um bilhete; é possível que o negro esteja pensando nisso, porque durante um momento estampa-se no seu rosto um quê de terrífico e subterrâneo. Depois o semblante se lhe desanuvia. Ele grita. O branco pára e se volta.

— Agora ele não está lá — berra o negro. — Disse que me esperaria perto dos trilhos.

— Obrigado — responde o branco. O negro segue seu caminho.

Brown voltara aos trilhos. Já não corria. Dizia consigo: “Não é capaz. Não é capaz. Estou certo de que não o encontrará, não lhe darão o dinheiro, não o trará.” Não pronunciava nomes. Não pensava em nomes. Parecia-lhe que todos — negro, xerife, dinheiro — não passavam de figuras de xadrez movidas daqui para ali de modo imprevisível e sem nenhum motivo por um adversário que adivinhava as suas jogadas antes de ele as ter feito e que criava regras espontâneas que ele tinha de seguir, mas o adversário não. Naquele momento, quando se desviou dos trilhos para penetrar no mato próximo no alto do declive, sentia-se em completo desespero. Caminhava sem pressa, medindo a distância como se isso fosse a única coisa que havia no mundo ou pelo menos na sua vida. E, depois de escolher lugar, sentou-se, ocultando-se da via férrea, mas de modo que pudesse vê-la.

“Estou certo de que não o fará”, pensa. “Nem sequer espero que o faça. Se voltasse com o dinheiro na mão, eu não acreditaria. Sei que não seria para mim. Sei que haveria algum equívoco. Diria: “Siga seu caminho. Está procurando outro e não Lucas Burch. Não senhor. Lucas Burch não merece esse dinheiro, esse prêmio. Não fez nada para que o deem. Não senhor.” Ali de cócoras, imóvel e com a cabeça baixa, começa a rir: “Sim senhor. A única coisa que Lucas Burch pede é justiça. Justiça apenas. E não é que não tenha dito a esses patifes o nome do criminoso e o lugar onde podem encontrá-lo. Se não tentaram, é porque teriam que

dar o dinheiro a Lucas Burch. Justiça.” E depois diz com voz ríspida e lacrimosa: “Justiça. Era isso. Apenas o meu direito. E pensar que esses bastardos das estrelinhas de latão juraram proteger os cidadãos americanos!”, diz com voz rouca, quase chorando de raiva, de desespero e de cansaço. “Que me matem se isso não é o bastante para transformar qualquer sujeito em bolchevique.” E não ouve ruído algum até que Byron lhe fala por trás, bem de perto:

— Levante-se.

Aquilo não durou muito. Byron sabia que não ia durar, mas não hesitou. Subira a colina até ver o outro e parara, olhando para aquela figura agachada que não dera pela sua vinda. “É mais alto do que eu”, pensou, “mas não importa. Em tudo mais tem levado vantagem sobre mim, o que também não importa. Desdenhou duas vezes em nove meses aquilo que eu nunca tive em trinta e cinco anos. E agora vou levar uma surra dos diabos, mas isso também não tem importância.”

Aquilo não durou muito. Rodopiando, Byron aproveita-se do espanto de Brown, o qual não compreendia que alguém encontrasse um inimigo sentado e lhe desse a oportunidade de pôr-se em pé, ainda que o inimigo não fosse o mais forte dos dois. Ele não teria feito isso. E o fato de que o menor dos dois o tivesse feito, quando ele não o faria, era pior do que um insulto: era ridículo. Por isso lutou com uma fúria ainda mais selvagem do que se Byron o tivesse acometido por trás sem preveni-lo; lutou com a coragem cega e desesperada de um rato faminto e encurralado.

A luta não durou dois minutos. Depois Byron jazia imóvel entre arbustos quebrados e pisados, com o sangue a correr-lhe pela cara, ouvindo o estalar dos arbustos que logo cessa, estabelecendo-se silêncio completo. Vê-se só. Não sente nenhuma dor particular e, o que ainda é melhor, nenhuma pressa; não tem pressa de fazer nada nem de ir a nenhuma parte. Fica ali imóvel, a sangrar, tranquilo, sabendo que no fim de algum tempo estará pronto para regressar ao mundo e ao tempo.

Não lhe importava saber para onde fora Brown. Já não tinha de pensar em Brown. Seu espírito se enche novamente de figuras imóveis que parecem pedaços quebrados de brinquedos da infância, amontoados confusamente num armário; esquecidos, empoeirados — Brown, Lena Grove, Hightower, Byron Bunch — pequenos objetos que jamais tiveram vida, com os quais se brincou na meninice e que logo se quebraram e ficaram esquecidos. Continuava ali caído quando ouviu o apito do trem antes de uma passagem de nível, a meia milha de distância.

O apito desperta Byron, que então volta ao mundo e ao tempo. Ergue-se lentamente, tateando. “Em todo caso não quebrei nada”, pensa. “Quero dizer, ele não quebrou nada que me pertence.” Vai-se fazendo tarde. Chegou o momento e a distância se move no tempo. “Sim, terei de mexer-me. Terei de continuar procurando alguma coisa em que me ocupe.” O trem se aproxima. O trepidar da máquina se toma mais lento,

mais pesado, à medida que sente o declive. Pouco depois Byron vê a fumaça e procura um lenço no bolso. Como não tem lenço, puxa uma fralda da camisa e enxuga nervosamente o rosto, enquanto escuta o lento e sonoro arquejo da locomotiva que parece exausta depois que ganhou a encosta. Byron se aproxima da orla do matagal, de onde pode enxergar a estrada de ferro. Vê a locomotiva que avança debaixo das densas baforadas de fumaça preta, o que produz o efeito de uma terrível imobilidade. E contudo ela move-se, arrastando-se de modo terrível. A locomotiva passa; Byron segue-a com o olhar e contempla os vagões que se arrastam por sua vez, vencendo a rampa. E nesse momento, pela segunda vez na mesma tarde, vê um homem que parece ter caído do espaço e está correndo.

Nem sequer nesse instante compreende qual é o objetivo de Brown. Penetrou demasiado na paz e na solidão para poder inquietar-se. Do ponto onde se encontra vê que Brown, agachado, corre até o trem, agarra-se de um salto à escadinha da extremidade posterior de um carro, dá um pulo e desaparece da vista, como que absorvido por um aspirador. E quando o carro passa, Byron avista Brown metido entre dois vagões, espichando o pescoço e espiando para as moitas. Um vê o outro no mesmo instante: são dois rostos — um brando, estranho, ensanguentado, o outro chupado, ralado de desilusões, desesperado, agora contorcido como a querer gritar, superpondo-se ao estridor do trem — que passam um pelo outro como se girassem em órbitas opostas, semelhando fantasmas ou aparições. Byron continua sem pensar em nada. “Santo Deus!”, exclama com assombro infantil e quase extático. “Este sabe saltar num trem em movimento. Vê-se que já tem feito isso mais vezes.” Mas não pensa em nada. Era como se a parede móvel de carros fosse um dique atrás do qual o esperassem o mundo e o tempo para lhe dar um pouco mais de tranquilidade, uma esperança incrível, uma certeza indiscutível. Em todo caso, quando passa o último vagão, que já avança velozmente, o mundo se precipita sobre ele como uma torrente, um vagalhão.

Tudo é enorme demais para ser calculado em tempo e em distância; daí não encontrar Byron o caminho e puxar a mula um bom pedaço, antes de se lembrar de montar. Dir-se-ia que faz tempo que deixou para trás sua própria pessoa e que está esperando para reunir-se a si mesmo na porta da cabana e entrar. *Então irei até lá e...* Experimenta de novo: *Então irei até lá e...* Mas não consegue passar disso. Está outra vez na estrada e aproxima-se de um carro que vai rumo à cidade. São mais ou menos seis horas. E contudo não desiste. *Conquanto pareça não poder passar disso... quando abrir a porta e me aproximar e ficar ali. E então... Olhar para ela. Olhar para ela...* A voz fala outra vez:

— ...emoções, imagino.

— O quê? — diz Byron. O caro parou junto dele. Também a mula parou. O homem que se encontra no assento do carro fala de novo com

voz apagada e queixosa:

— Que maçada! Agora que eu ia para casa. E já estou atrasado.

— Emoções? — pergunta Byron. — Que emoções?

O homem olha para ele.

— Pela sua cara, vê-se logo que o senhor também passou por algumas.

— Levei um tombo — diz Byron. — Que aconteceu hoje na cidade?

— Já imaginava que o senhor não soubesse. Aconteceu há uma hora atrás. Mataram aquele preto, Christmas.

O que todo mundo, achava estranho, à mesa do jantar, naquela tarde de segunda-feira, não era o fato de que Christmas tivesse fugido, mas que, estando em liberdade, se tivesse refugiado no lugar onde se refugiou, onde deveria saber que seria liquidado, e também o fato de que, quando o encontraram, não se entregara nem resistira, como se tivesse traçado um plano de suicídio passivo.

Variavam os argumentos e opiniões sobre o motivo pelo qual teria fugido para a casa de Hightower. São fôrmas do mesmo pé, diziam os comodistas, os que lançam mão do imediato, recordando as velhas histórias acerca do ministro. Havia alguns que acreditavam fora aquilo pura casualidade. Outros diziam que o homem mostrara ter cabeça e que, se alguém não o tivesse visto atravessar o pátio traseiro da casa do ministro e correr para a cozinha, ninguém teria desconfiado de que ele se encontrava ali.

Gavin Steyens, porém, sustentava uma teoria diferente. Stevens é procurador do distrito, formado em Harward. É um homem desconjuntado, constantemente de cachimbo na boca, de cabelo grisalho e pouco limpo, usa sempre roupa cinzenta, larga e amarrotada. Sua família é uma das mais antigas de Jefferson. Seus antepassados tiveram escravos e seu avô conheceu (e também odiou e cumprimentou em público o coronel Sartoris quando eles morreram) o avô e o irmão de Miss Burden. Trata com bondade a gente do campo, os que votam e os jurados. De vez em quando é visto durante uma tarde inteira de verão, de côcoras, entre gente vestida de zuarte grosseiro, nos pórticos dos armazéns rurais, conversando fiado com os campônios, na descuidada linguagem destes. Naquela noite de segunda-feira, do trem das nove com destino ao Sul desceu um professor de escola superior da vizinha universidade do estado, colega de Stevens em Harward, que vinha passar uns dias de férias com seu amigo. Ao desembarcar, viu imediatamente o amigo. Pensou que Stevens tivesse vindo esperá-lo, mas logo depois viu-o ocupado com um curioso casal de velhos que ele ajudava a pôr no trem. O professor lançou-lhes um olhar e viu um velhinho sujo, com uma barbicha de bode e que parecia em estado de catalepsia, e uma mulher velha, sua esposa decerto, criatura gorda com um rosto parecendo massa de farinha sobre o qual balançava uma pluma que já fora branca. Era um vulto sem forma, envolto num vestido de seda passado da moda, de cor indefinível. O professor, permaneceu um momento imóvel, numa espécie de interesse atônito, e viu que Stevens punha na mão da mulher, como se fosse na mão de uma criança, duas passagens de trem; depois, aproximando-se sem que o amigo percebesse, ouviu as últimas recomendações de Stevens no momento em que um empregado da estação ajudava o casal a subir para o trem. “Sim, sim”, dizia Stevens. “Amanhã, no trem da manhã. Tratarei disso. Trate do

enterro e da sepultura. Leve o vovô para casa e ponha-o na cama. Procurarei fazer com que o rapaz chegue no trem da manhã.”

O trem se pôs em movimento e Stevens voltou-se e viu o professor. Começou então a narrar-lhe o caso enquanto o automóvel rodava para a cidade, e terminou a narrativa na varanda de sua casa, onde fez uma recapitulação dos fatos. “Julgo saber por que ele procurou afinal refugiar-se em casa de Hightower. Julgo que foi por causa da avó. Ela acabara de estar com ele na prisão, justamente antes de o reconduzirem à delegacia. Tinham estado com ele a avó e o avô — o velhinho louco que queria, linchá-lo e que veio de Mottstown para cá com esse fim. Penso que, ao chegar, a velha não tinha nenhuma esperança. de salvá-lo, nenhuma verdadeira esperança. Penso que tudo o que a avó desejava era que ele morresse de maneira ‘decente’, como ela dizia, que morresse decentemente, enforcado por uma Força, por um princípio, e não queimado, esquartejado, ou morto por uma Coisa. Creio que não veio aqui senão para vigiar o velho, para evitar que ele fosse a faísca que ateia o incêndio. Não se animava a perdê-lo de vista. Não que duvidasse de que Christmas era seu neto, compreende? Apenas não tinha esperança. Não sabia de que modo começar a ter esperança. Suponho que no fim de trinta anos o mecanismo da esperança exige mais de vinte e quatro horas para arrancar, para se por novamente em movimento.”

“Creio, porém, que depois se pôs em movimento fisicamente, arrastada pela onda de loucura e de convicção do velho. Sem ela notar, viu-se envolvida com o mesmo ímpeto. E vieram para cá. Chegaram num dos primeiros trens, mais ou menos às três horas da madrugada de domingo. A velha não fez nenhuma tentativa para ver Christmas. Talvez estivesse vigiando o velho. Mas não creio. Não creio que a máquina da esperança já tivesse arrancado. Penso que não se pôs em movimento senão naquela manhã em que a tal criança nasceu bem à sua vista. E logo um menino. Ela nunca tinha visto a mãe nem o pai. Tampouco vira o neto depois de homem, de modo que aqueles trinta anos não existiam para ela. Desapareceram quando a criança chorou. Já não existiam.”

“Tudo ia acontecendo depressa demais para ela. Era realidade demais para que suas mãos e seus olhos pudessem negar e ela se via obrigada a aceitar muitas coisas que suas mãos e seus olhos não podiam provar. Seus olhos e suas mãos viam-se na necessidade de aceitar subitamente muitas coisas inexplicáveis e acreditar nelas sem provas. No fim de trinta anos devia acontecer com ela o que acontece com uma pessoa que entra de repente, sozinha e às tontas numa sala cheia de gente desconhecida, todos falando ao mesmo tempo. Essa pessoa vai desesperadamente à cata de alguma coisa que para ela tenha sentido e escolhe algum modo lógico de proceder, que não exorbite de suas limitações e que ela possa seguir sem medo de errar, até o dia em que nasceu aquela criança e, enquanto ela não encontrou, por assim dizer, meios de ter-se em pé sozinha, havia sido como uma efígie provida de

voz mecânica, que esse Bunch carregava num carro de um lado para outro e que fazia falar, dando-lhe o sinal, como quando a levou a noite passada para contar sua história ao Dr, Hightower.”

“Andava ainda às apalpadelas, como você vê. Procurava encontrar alguma coisa na qual aquele espírito que, segundo todas as aparências, não havia funcionado muito durante trinta anos, pudesse acreditar, que pudesse admitir como verdadeira, como real. E julgou tê-la encontrado pela primeira vez em casa de Hightower. Ali encontrou alguém a quem podia falar dessa coisa, alguém que a escutaria. Provavelmente foi a primeira vez em que falou no caso. E provavelmente também foi a primeira vez em que ela própria a compreendeu, a viu em conjunto, na realidade, como a viu Hightower. Por isso não me admiro de que naquele momento fizesse uma confusão não somente com a criança mas também com os pais, pois que naquela cabana não existiam os trinta anos, nem o menino, nem o pai do menino que ela nunca vira, nem o seu próprio neto que não vira senão quando ele era criança como aquele menino e cujo pai, por sua vez, nunca havia existido para ela. Tudo isso se lhe apresentou de modo muito confuso. Também não admira que, quando a esperança começou novamente a funcionar dentro dela, ela se tenha voltado imediatamente para o ministro, com a sublime e ilimitada fé da gente da sua espécie naqueles que são os servidores e escravos voluntários da oração.”

“Era isso que ela estava contando hoje a Christmas na cadeia, quando o velho, sempre à espera da sua oportunidade, lhe escapuliu, A mulher foi atrás dele na cidade e encontrou-o numa esquina, doido varrido e completamente rouco, pregando o linchamento, dizendo a toda gente que o seu neto era um rebento do diabo, que ele criara, como avô que era, para aquele grande dia. Quando ela notou que os ouvintes do tresloucado mostravam mais interesse do que emoção, deixou o velho sozinho e dirigiu-se à casa do xerife. Este acabava de jantar e a princípio não compreendeu o que a velha queria. Com aquela sua história estranha, com aquele absurdo vestido domingueiro, pleiteando a libertação do prisioneiro, devia ter parecido maluca aos olhos e Ouvidos do xerife. Este, entretanto, permitiu-lhe que fosse à prisão, acompanhada de um policial. Uma vez a sós com o neto na cela, falou-lhe de Hightower e disse que ele podia salvá-lo, que ia salvá-lo.”

“Evidentemente não sei o que ela lhe disse. Não creio que exista alguém capaz de reconstituir a cena. Não creio que ela mesma soubesse ou tivesse planejado o que havia de dizer, porque para ela tudo fora já escrito e expresso em palavras na noite em que dera à luz a mãe de Christmas, e isso acontecera havia tanto tempo que, se ela aprendera tudo de modo a não poder esquecê-lo, posteriormente esqueceu as palavras. Foi talvez por isso que ele acreditou imediatamente, sem pôr nenhuma dúvida. Digo isso porque ela não se preocupou com o que ia dizer, riem com a plausibilidade do que diria, nem com a possibilidade de

Christmas não dar crédito às suas palavras — a saber — que, de algum modo, na forma ou presença ou lá o que fosse daquele velho ministro banido do convívio social, estava um santuário inviolável não só à polícia e às massas, mas ao próprio passado irrevogável, a quaisquer crimes que o tinham reduzido àquela figura, deixando-a afinal à margem de tudo numa cela de prisão, vendo em cada canto a sombra de um aprendiz de carrasco.”

“E Christmas acreditou nela. Penso que foi isso que lhe deu não tanta coragem como paciência passiva para suportar, reconhecer e utilizar a única oportunidade que se lhe apresentou de irromper, algemado, por entre o povo que enchia a praça e deitar a correr. Mas havia muita coisa a correr com ele, acompanhando-o em cada passada. Não eram perseguidores; era ele mesmo: eram os anos, as ações omitidas e cometidas, seguindo-o passo a passo, respiro a respiro, pancada a pancada do coração. Não eram apenas aqueles trinta anos que a velha não conhecia, mas outros períodos anteriores de trinta anos, que haviam manchado seu sangue branco — ou seu sangue negro, como quiserem. — e que o mataram. Durante certo tempo deve ter corrido com crença ou pelo menos com esperança. Mas seu sangue não o deixava em paz, não o deixava salvar-se. Seu sangue não se decidia a ser de uma cor ou de outra e a deixar que o corpo se salvasse a si mesmo. Porque o sangue negro o levou primeiro à cabana de um negro. E o sangue branco o tirou dali, como se fosse o sangue negro que tivesse sacado da pistola e o branco que não tivesse permitido que ele a disparasse. E foi o sangue branco que, erguendo-se nele pela última vez, contra toda razão e realidade, vítima de uma quimera, de uma fé cega em qualquer coisa lida na Bíblia, o impeliu a ir à casa do ministro. Depois creio que o sangue branco o abandonou durante um momento, um segundo, um abrir e fechar de olhos, permitindo que o sangue negro se levantasse no seu momento final e fizesse Christmas virar-se contra aquilo em que depositara sua esperança de salvação. Foi o sangue negro que por seu próprio desejo o transportou para além de qualquer ajuda humana, que o introduziu de roldão naquele êxtase, arrancando-o à selva preta onde a vida já cessou antes de o coração parar e a morte é desejo e realização. Depois o sangue negro falhou de novo, como deve ter falhado em outras crises em toda a sua vida. Ele não matou o ministro. Deu-lhe apenas uma pancada com a pistola e correu a agachar-se atrás da mesa e a desafiar o sangue negro pela última vez, assim como o desafiara durante trinta anos. Agachou-se por trás da mesa derrubada e, tendo na mão a pistola carregada e não utilizada, deixou-se matar a tiros.”

Naquela época vivia na cidade um jovem chamado Percy Grimm, que tinha cerca de vinte e cinco anos e era capitão da guarda nacional do estado. Nascera na cidade e nela passara toda a sua vida, exceto nos períodos de acampamento durante o verão. Era muito jovem para ter tomado parte na guerra européia, mas até 1921 ou 22 nunca notara que

jamais havia perdoado esse fato a seus pais. Seu pai, que negociava com ferragens, não compreendia isso. Julgava que o rapaz era um preguiçoso e que estava a caminho de tomar-se um ser inútil, quando na realidade o jovem sofria a terrível tragédia de ter nascido tarde demais por um lado, más, por outro, de não ter nascido bastante tarde para furtar-se à consciência do tempo perdido, no qual, em vez de criança, devia ter sido já homem feito. Agora, passada a histeria, e quando os mais histéricos e até os outros, os que haviam servido e padecido, começavam a olhar uns para os outros um pouco de esguelha, não tinha com quem falar, com quem abrir o coração. Na verdade, a sua primeira luta séria foi com um ex-soldado, o qual declarou que, se tivesse de lutar de novo, lutaria ao lado da Alemanha e contra a França.

Grimm enfrentou-o imediatamente.

— Contra os Estados Unidos também? — perguntou.

— Sim, se os Estados Unidos forem tão idiotas a ponto de ajudarem a França outra vez — respondeu o soldado. Grimm, que era mais baixo do que o soldado e não tinha ainda vinte anos, deu-lhe um soco. O resultado era inevitável e o próprio Grimm sabia muito bem. Mas levou o seu castigo até o próprio soldado pedir aos circunstantes que tirassem o menino dali. E ele trazia as cicatrizes daquela batalha com o mesmo orgulho com que mais tarde devia usar a farda pela qual lutara cegamente.

O que o salvou foi a nova lei civil-militar. Ele era como um homem que tivesse permanecido muito tempo num pântano, às escuras. Dir-se-ia que não só não via caminho à sua frente mas estava convencido de que não havia nenhum. De repente a vida se abriu diante dele de um modo claro e definido. Os anos perdidos nos quais não demonstrara nenhuma inteligência na escola e durante os quais fora conhecido como vadio, recalcitrante e rapaz sem ambições, ficaram para trás esquecidos. Via agora a vida abrir-se diante dele, simples e inevitável como um corredor árido, inteiramente livre de ainda ter que pensar ou decidir, e considerava o encargo agora assumido tão brilhante, leve e marcial como os seus galões. Unha uma fé sublime e implícita na coragem física e na obediência cega, e uma crença de que a raça branca é superior a todas as outras, e que o americano é superior a todos os outros brancos, que a farda americana é superior a todos os homens, e que a única coisa que dele se exigiria em paga dessa crença, desse privilégio, seria a sua própria vida. Em cada festa nacional que tivesse algum sabor marcial punha sua farda de capitão e ia para o centro da cidade. E aqueles que o viam lembravam-se da sua luta com o ex-soldado, enquanto ele, a coruscar, com seu distintivo de atirador (que o era excelente) e seus galões, grave, empertigado, passeava entre os civis com um ar entre belicoso e complacente de rapazinho cheio de si. Se não era membro da Legião Americana, a culpa era de seus pais- e não dele. Quando trouxeram Christmas de Mottstown, naquela tarde de sábado, Grimm foi ter com o

comandante do grupo local. Sua idéia, suas palavras foram simples e diretas. “Temos de manter a ordem”, disse de. “A lei tem que seguir o seu curso. A lei, a ação. Nenhum civil tem o direito de condenar um homem à morte. Isso cabe a nós, soldados de Jefferson.”

— Como sabe você que se planeja alguma coisa diferente? Sabe de alguma novidade? — perguntou-lhe o comandante da legião.

— Não. Não sei de nada, Não ouvi dizer nada.

Não mentia. Parecia não dar, ao que pudessem dizer os civis, a importância suficiente para precisar mentir. “Não se trata disso. Trata-se de que nós, como soldados que temos usado a farda, devemos ser os primeiros a declarar qual a nossa posição, a mostrar a toda gente, desde o primeiro instante, onde é que está o governo do país em questões desse gênero. Dessa maneira não terão sequer necessidade de fazer comentário.” Seu plano era muito simples. Consistia em formar com a legião local um pelotão comandado por ele por achar-se em serviço ativo. “Mas, se não quiserem que eu comande, não tem importância. Serei segundo sargento ou cabo.” E era sincero. Não procurava vanglória, Era muito sincero, e falava com tanta seriedade que o comandante da legião conteve a desaforada recusa que ia dar.

— Não creio que haja necessidade disso. Se houvesse, teríamos de proceder como civis. E não posso fazer uso da legião para esse fim. Afinal de contas, já não somos soldados. E não creio que o fizesse, ainda que me fosse possível.

Grimm olhou para ele sem cólera, mas com desprezo, como se olha para um inseto qualquer.

— No entanto, o senhor já vestiu farda — disse pacientemente. — Suponho que não empregará sua autoridade para impedir que eu fale com os outros, como a particulares.

— Não, pois não tenho autoridade para tanto. Mas, tome nota, só em caráter particular. Não envolverá o meu nome no assunto.

Não é meu costume fazê-lo — disse Grimm, numa indireta, e retirou-se. Isso foi no sábado, cerca de quatro horas. O resto da tarde Grimm dedicou-a a percorrer as casas de negócio e escritórios onde trabalhavam os membros da legião e ao anoitecer já entusiasmara um número suficiente deles para formar um pelotão razoável. Ele era incansável e, sabendo dominar-se, sabia também impor-se. Havia nele qualquer coisa de irresistível e de profético. Num ponto os recrutas estavam de acordo com o comandante: oficialmente, a legião nada teria com aquilo. Mas a verdade é que, sem nenhuma intenção deliberada, Grimm conseguiu o que se propusera: comandar a legião. Antes de jantar reuniu os recrutas, dividiu-os em companhias e nomeou oficiais e um estado-maior, sendo que os jovens que não tinham ido à França estavam já agora numa exaltação crescente. Dirigiu-lhes poucas palavras: "...a ordem. .. o curso da justiça... que o povo veja que já vestimos a farda de

soldado americano..." Daí a pouco descia à familiaridade de chefe de regimento que conhece seus homens pelos nomes de batismo. "Quero que vocês decidam. Farei o que disserem. Pensei que seria conveniente vestir minha farda até se resolver esse caso e assim todos verão que Tio Sam está presente mais que em espírito."

— Mas não está — disse imediatamente um que era do mesmo jaez do comandante, o qual, seja dito de passagem, não estava presente. — Isso ainda não é assunto do governo. Kennedy pode não gostar. É um caso que interessa a Jefferson, não a Washington.

— Façam-no gostar — replicou Grimm. — De que lado está a nossa legião, se não é para proteger os Estados Unidos e os americanos?

— Não — tornou o outro. — É melhor não transformar isso num desfile. Podemos fazer o que nos parece, sem necessidade disso. Será melhor. Não é verdade, rapazes?

— Bem — disse Grimm. — Como quiserem. Mas cada homem precisará de uma pistola. Dentro de uma hora teremos aqui inspeção de armas ligeiras. Todos terão de comparecer.

— Que dirá Kennedy acerca das pistolas? — perguntou um.

— Encarrego-me disso — respondeu Grimm. — Daqui a uma hora em ponto estejam todos aqui com as armas no cinto.

Depois de despedi-los, atravessou a praça pacata, rumo ao escritório do xerife. Disseram-lhe que o xerife se encontrava em casa. "Em casa?", indagou. "Agora? Que faz em casa a essa hora?"*

— Acho que foi comer. Um homem com a sua corpulência precisa comer várias vezes por dia.

— Em casa? — repetiu Grimm.

Seus olhos não brilharam. Tinham a mesma expressão fria e indiferente com que haviam olhado para o comandante da legião. "Comendo", repetiu ainda, saindo a passo rápido. Tomou a atravessar a praça silenciosa, vazia de gente que aquela hora se encontrava jantando tranquilamente naquela pacata cidade de um país pacato. Dirigiu-se à casa do xerife. O xerife deu-lhe um "não" redondo.

— Quinze ou vinte indivíduos passeando pela cidade de pistola ao lado? Não e não. Nada disso. Não posso permitir. É impossível. Deixe-me dirigir esse negócio.

Grimm demorou o seu olhar mais um pouco sobre o xerife. Depois, virando-se, afastou-se a passo rápido. "Muito bem", disse. "Se quer assim... Então eu não me meto com o senhor e o senhor não se mete comigo." Aquilo não chegava a ser uma ameaça, porque foi dito de um modo seco, sem nenhum ardor. O xerife observava-o. Depois chamou-o. Grimm voltou-se.

— Deixe também a sua em casa, ouviu? — disse-lhe. Grimm não respondeu e continuou a andar. Carregando o sobrolho, o xerife foi

seguindo-o com os olhos até ele desaparecer.

Naquela noite, depois do jantar, o xerife voltou à cidade, coisa que não fazia há muitos anos, exceto quando o exigiam negócios urgentes e inevitáveis. Encontrou diante da prisão um magote de homens de Grimm, logo depois outro em frente à delegada e finalmente uma terceira patrulha na praça e ruas adjacentes. E segundo lhe disseram, os outros, a reserva, se encontravam no escritório de algodão onde Grimm trabalhava e que empregavam como posto de comando. Na rua encontrou Grimm que voltava de uma inspeção. “Venha cá, rapaz.” Grimm parou, mas não se aproximou. O xerife é que se aproximou dele e lhe apalpou a cintura com sua mão gorda! “Já lhe disse que a deixasse em casa.” Grimm não respondeu. Os dois se encaravam. O xerife soltou um suspiro. “Bem, se não quer, terei de nomeá-lo policial especial. Mas não vá mostrar essa arma enquanto eu não lhe disser. Está ouvindo?”

— Naturalmente — replicou Grimm. — Estou certo de que o senhor não gostaria que eu a puxasse não havendo necessidade.

— Disse que não a saque enquanto eu não mandar.

— Muito bem — respondeu Grimm imediatamente, sem exaltar-se, paciente. — Isso é o que dissemos ambos. Não se preocupe. Estarei lá.

Mais tarde, à medida que a cidade se recolhia para o repouso noturno, que o cinema se esvaziava e os estabelecimentos comerciais cerravam as portas, o pelotão de Grimm começou também a dissolver-se. Ele observava os homens friamente, sem protestar. Seus homens tinham-se tornado um pouco tímidos e conservavam-se na defensiva. Novamente, sem dar por isso, ele pusera em prática um bom expediente. Como a sua gente se sentia um pouco tímida e compreendia que não estivera à altura do frio ardor do seu chefe, voltaria no dia seguinte, quando mais não fosse para lhe mostrar o que eram. Alguns ficaram. Como era sábado, alguém arranjou cadeiras e eles iniciaram uma partida de pôquer que durou toda a noite, mas de vez em quando Grimm (que não tomava parte no jogo nem permitia que o seu lugar-tenente, o único que tinha categoria equivalente à de oficial, também jogasse) enviava uma companhia a fim de patrulhar a praça. Àquela hora da noite um deles fazia de delegado e também não tomava parte no jogo.

O domingo foi tranquilo. A partida de pôquer, interrompida por patrulhas periódicas, durou o dia inteiro, enquanto os sinos tangiam pacificamente e os paroquianos, nos seus vistosos trajes de festa, se reuniam nas igrejas. Na praça já se sabia que no dia seguinte ia reunir-se o grande júri especial. De algum modo já essas duas palavras, que evocavam qualquer coisa de secreto e irrevogável, trazendo à mente a existência de um olho oculto, atento e onipotente a vigiar os atos humanos, contribuíram para fortalecer o espírito vacilante dos homens de Grimm. Tão depressa, sem prever nem saber, o homem se impressiona que, ainda sem perceber que o estava pensando, já a cidade aceitara de repente a Grimm com respeito e talvez com certa reverência, com

alguma fé e confiança real, como se o seu patriotismo, o seu orgulho, o seu descortino fossem mais ativos e verdadeiros que os de todos os demais. Seus homens, pelo menos, tiveram tudo isso como real; depois da noite passada em claro, da tensão de espírito, do dia santificado, do sacrifício completo da vontade, estavam num tal ponto de exaltação que, se se apresentasse o ensejo, seriam talvez capazes de morrer por ele. Eles agora se movimentavam numa luz grave, reflexa, ligeiramente inspiradora de terror, quase tão palpável como seria o cáqui que Grimm queria que usassem, que houvessem usado, como se, cada vez que voltavam à sala de ordens, eles se enroupassem com os farrapos suaves e esplendidamente austeros do seu sonho.

Isso durou toda a noite de domingo. O jogo de pôquer prosseguia. A cautela, o que havia de sub-reptício envolvendo o caso, tinha desaparecido. Havia naquilo uma confiança muito firme e serena para ser jactância. Nessa noite, quando ouviram os passos do chefe da patrulha, olharam uns para os outros com uns olhos duros, brilhantes e desafiadores. E um deles disse: “Botem para fora esse filho da puta”; e outro, franzindo os lábios, fez ouvir o som imemorial. E assim, na manhã seguinte,, segunda-feira, quando começaram a reunir-se os primeiros carros, o pelotão estava novamente intacto. E agora usavam uniforme: os uniformes eram seus rostos. Muitos deles eram da mesma idade, da mesma geração, tinham a mesma experiência. Porém era mais do que isso. Tinham agora uma gravidade profunda e tristonha, ali, diante da multidão que remoinhava, sérios, austeros, alheados, contemplando com olhos morredidos o lento desfile da turba que, sentindo sem saber, passava diante deles, quase parando, embasbacada. E durante toda a manhã as vozes iam e vinham em perguntas e respostas: “Lá vai ele. É aquele jovem que leva a pistola automática. É o capitão, o oficial enviado especialmente pelo governador. Manda em tudo isso. O xerife hoje não manda nada.”

Mais tarde, quando já era tarde demais, Grimm disse ao xerife: “Se o senhor me tivesse ouvido e me tivesse deixado tirar o homem da prisão cercado por uma companhia, em vez de mandá-lo pela praça, com um único policial e nem sequer algemado, no meio da multidão, com medo da qual esse maldito Buford não se atreveu a disparar apesar de não ter probabilidade de acertar nem numa porta de celeiro...”

— Mas como poderia eu supor que ele tinha intenção de fugir, que lhe ia ocorrer aquilo naquele momento, naquele lugar? — explicou o xerife. — Stevens me dissera que ele se confessaria culpado e seria condenado a prisão perpétua.

Mas já era tarde demais. Tudo já havia acontecido. Acontecera no meio da praça, entre o passeio da rua e a delegacia, no meio da multidão, densa como nos dias de feira. Grimm não soubera de nada até que ouviu os dois disparos que o policial dera para o ar. Embora se encontrasse então dentro da delegacia, compreendeu imediatamente de que se tratava. Sua

reação foi clara e imediata. Deitou a correr e gritou por cima do ombro ao homem que durante quase quarenta e oito horas lhe havia servido um pouco de ajudante-de-campo e um pouco de ordenança.

— Toque a rebate!

— A rebate? — perguntou o ajudante.

— Toque a rebate! — tornou a gritar Grimm. — Não tem importância o que o povo vai pensar. Saberão assim que alguma coisa... — E não terminou. Já se fora.

Correu entre a gente que corria, alcançando-a e passando adiante, por que tinha um objetivo e os outros não tinham, limitando-se a correr; e a enorme pistola automática, preta, contundente; abria caminho como um arado. Toda gente olhava para a sua fisionomia dura, rija e jovem. Aquelas caras pálidas de basbaques emitiam uns sons arrastados como um suspiro: “Ali... foi por ali...” Grimm vira Buford correndo com a mão levantada empunhando a pistola, e depois de olhar em tomo lançara-se para a frente, metendo-se por entre a multidão que seguia evidentemente o policial e o preso. Ao atravessar a praça, passou pelo infalível rapazola da Western Union, que levava a bicicleta pelos chifres como uma vaca dócil. Grimm meteu a pistola no coldre, afastou o rapazinho para um lado e montou na bicicleta, sem fazer uma pausa sequer nos seus movimentos.

A bicicleta não tinha buzina nem campainha. Contudo caminhou; também nisso parecia que era servido pela cega e serena fé na justiça e infalibilidade de suas ações. Quando apanhou Buford que corria, diminuiu a velocidade. O policial voltou para ele o rosto suado e a boca aberta, arquejando, e gritou: “Dobrou naquele beco..

— Sei — disse Grimm. — Está algemado?

— Está — respondeu Buford. A bicicleta seguiu corcoveando.

“Então não poderá ir muito longe”, pensou Grimm. “Em breve terá de esconder-se, ou pelo menos ocultar-se do campo aberto.” Dobrou o beco, em boa velocidade. A ruela passava por entre duas casas; de um dos lados havia uma cerca de madeira. Naquele momento soou pela primeira vez a sereia de rebate que se elevou e chegou até um lento e contínuo gemido que parecia percorrer todos os tons da gama. Grimm pedalava, pensando com rapidez e lógica, com uma espécie de alegria feroz e refreada. “A primeira coisa que ele procurará fazer é sumir”, pensou olhando em volta. O beco era aberto de um dos lados, do outro ficava a cerca de pouco mais de metro e meio de altura. Na extremidade era interrompida por um portão de madeira para além do qual havia um pasto e mais longe um profundo fosso que marcava o limite da cidade. Por cima da cerca viam-se copas de grandes árvores; ali um regimento poderia esconder-se* e desdobrar-se. “Ah”, disse ele em voz alta. Sem parar e sem diminuir a velocidade, virou a bicicleta e foi pedalando pelo beco abaixo até a rua de onde viera. O gemido da sereia ia-se agora

extinguindo, mas daí a pouco tomava-se outra vez perceptível. Ao surgir de novo na praça, viu logo o povo correndo e um automóvel que vinha na sua direção. Por mais que ele pedalasse, o automóvel o alcançou; seus ocupantes, debruçando-se do carro, gritavam para o imperturbável ciclista: “Suba para o carro!” Grimm não respondeu nem olhou para eles. Depois de deixá-lo atrás, o automóvel diminuiu a velocidade; e agora Grimm passava por ele na sua marcha célere, calada, constante; de novo o carro ganhou velocidade e adiantou-se-lhe, com os homens debruçados, a olhar para fora. Ele também, silencioso, batia para a frente, com a delicada rapidez de uma aparição, implacável como o ídolo do Ganges ou o Fado. Lá atrás a sereia recomeçava o seu gemido ascendente. Quando depois os que iam no veículo voltaram a cabeça para ver onde estava Grimm, este já havia desaparecido completamente.

Dobrava a toda a velocidade para outra viela. Seu rosto, sereno, de uma firmeza de penedo, resplandecia ainda com ar alegre e descuidado de quem leva a termo uma missão. O beco era mais acidentado que o outro e ia dar num outeirinho estéril. Chegando ali, Grimm saltou rapidamente e a bicicleta caiu no chão. Do local avistava em toda a sua extensão, coroado por duas ou três cabanas de negros, o barranco que servia de limite à cidade. Permaneceu ali imóvel, solitário, fatal, dando a impressão de ser também uma pedra miliária. Na cidade declinava mais uma vez o gemido da sereia.

De repente viu Christmas. Viu o homem, pequeno por causa da distância, surgindo do barranco, com as mãos juntas. Quando o sol bateu uma vez nas algemas do fugitivo, Grimm viu nas mãos dele uma reverberação fugaz, como o lampejo de um heliógrafo, e pareceu-lhe que, mesmo do ponto onde estava, podia ouvir a respiração ofegante e desesperada do homem que, já fora do cárcere, ainda não estava livre. Nisso, a minúscula figura deu outra corrida e sumiu por trás da cabana mais próxima.

Grimm também deitou a correr. Corria com velocidade, mas não se lhe notava açoitamento nem esforço. Não havia nele nada de vingativo, nada de fúria nem agravo. O próprio Christmas notou isso. Porque os dois homens se tinham olhado por um momento, quase face a face, no instante em que Grimm dobrava, correndo, a esquina da cabana. Naquele minuto Christmas saltava por uma janela dos fundos como que por artes de magia, e suas mãos algemadas reluziam como se estivessem ardendo. Durante um segundo olharam-se, um parado, no ato de agachar-se, ao cair, o outro em plena carreira, antes que sua velocidade o levasse a transpor a esquina. Naquele instante viu que Christmas trazia uma poderosa pistola niquelada. Num movimento veloz, Grimm dobrou a esquina e puxou da automática.

E pensou rapidamente, calmamente, numa alegria mansa: “Pode fazer duas coisas:- ou correr outra vez para o barranco ou ocultar-se nas imediações da cabana até que um de nós dois receba uma bala. E o

barranco está do lado da cabana onde ele se encontra.” Reagindo imediatamente, correu a toda velocidade para a esquina que acabava de dobrar. Fê-lo como sob uma proteção mágica e providencial, como se não soubesse que Christmas havia de estar ali a esperá-lo com o revólver, e dobrou a outra esquina sem deter-se.

Chegou junto ao barranco, parou no meio de um passo e ficou imóvel. Acima da fria e contundente obliquidade da pistola automática seu rosto tinha a luminosidade' extraterrena dos anjos nos vitrais das igrejas. Antes de parar, em rápida, ágil e cega obediência aos movimentos que um jogador qualquer fizesse no tabuleiro, já avançava de novo. Correu para o barranco, mas no momento de descer para as moitas que ocultavam o declive, voltou-se, cravando os dedos no sedo. Agora via que a cabana estava a uns setenta centímetros acima da terra. Na pressa não havia notado isso. Sabia agora que perdera um ponto, que Christmas de sob a casa estivera observando seus pés sem perder-lhes um só movimento. “Bom sujeito”, disse consigo.

O salto o levava a alguma distância, antes de poder deter-se para tomar a trepar. Parecia infatigável, como se não fosse de carne e osso, como se o jogador que o movia como a um pião lhe desse também alento. Sem uma pausa, com o mesmo ímpeto que o tirara do barranco, começou a correr novamente. Correu em redor da cabana a tempo de ver Christmas saltar por cima de uma cerca, a menos de 30 metros dali. Não lhe disparou um tiro, porque Christmas corria naquele momento por um jardimzinho, em direção a uma casa. E enquanto corria, Grimm o viu subir a escada traseira e entrar na casa.

— Ah! — exclamou ele. — É a casa do pregador. A casa de Hightower.

Sem sustar a carreira, desviou-se do seu caminho, deu volta à casa e saiu para a rua. O automóvel que passara por ele o perdera de vista e depois voltara, estava justamente onde devia estar, exatamente no lugar onde o jogador desejava que estivesse, e parou sem que se fizesse sinal algum; desceram dele três homens. Sem dizer palavra, Grimm voltou-se e correu pelo pátio rumo à casa onde morava sozinho o velho pastor caído em desgraça. Os três homens seguiram-no, entrando de roldão no vestibulo, e pararam, levando consigo, para dentro daquela penumbra bafienta e claustral, algo do selvagem sol de verão que haviam deixado lá fora.

Os homens irradiavam a selvagem luz do sol, que, numa suspensão incorpórea, flutuava como um halo sobre suas cabeças quando se inclinaram para erguer Hightower, que tinha o rosto ensanguentado, do solo onde Christmas o havia prostrado, depois de ter corrido pelo vestibulo com as mãos algemadas, erguidas, segurando o revólver e despedindo chispas e raios, o que o fazia parecer um deus vingativo e furioso que pronunciasse uma maldição. Puseram o velho de pé.

— Em que quarto está ele, meu velho? — berrou Grimm.

— Senhores — disse Hightower e acrescentou: — Homens! Homens!

Sustentavam Hightower de pé. No vestibulo sombrio, para quem vinha da claridade da rua, o ministro também, com a sua calva, a cara enorme pálida e estriada de sangue, tinha um aspecto terrível.

— Homens! — bradou ele. — Ouçam-me. Naquela noite Christmas estava aqui comigo. Na noite do crime ele estava aqui comigo. Juro por Deus...

— Jesus Cristo! — gritou Grimm com voz clara e com o tom ofendido de um sacerdote jovem. — Será possível que todos os pregadores e todas as solteironas de Jefferson tenham arriado as calças para esse gringo filho da puta? — E, afastando o velho para um lado, desfechou a correr.

Dir-se-ia que não fizera mais que esperar que o jogador o movesse de novo, porque, com a mesma certeza infalível que mostrara antes, foi diretamente à cozinha e da porta começou a disparar tiros quase antes de ver que a mesa estava derrubada a um canto e que as mãos reluzentes do homem agachado atrás se apoiavam na borda superior. Grimm esvaziou contra a mesa a carga da sua automática. Mais tarde alguém cobriu com um lenço dobrado os cinco furos.

Mas o jogador ainda não terminara. Quando os outros chegaram à cozinha, viram que a mesa fora afastada e que Grimm se inclinava sobre o corpo de Christmas. Quando se aproximaram para ver o que ele estava fazendo, verificaram que Christmas não morrera ainda. E quando viram o que Grimm fazia, um dos homens soltou um grito sufocado e, retrocedendo aos tropeções até a parede, começou a vomitar. Então Grimm ergueu-se, brandindo uma faca de carnicheiro toda ensanguentada. “Agora deixarás em paz as mulheres brancas, ainda que seja no inferno”, disse ele. O homem que jazia no chão não se mexera. Jazia ali com os olhos abertos e vazios de tudo, exceto de consciência, e com uma coisa qualquer, uma sombra, em volta da boca. Durante um longo momento fitou-os com olhos pacíficos, insondáveis, insuportáveis. E logo o rosto, depois o corpo todo, o homem todo, pareceu desaprumar-se, cair sobre si mesmo, e dos quadris e das coxas, através da roupa rasgada, como numa respiração livre, manou um sangue preto. Parecia brotar do seu corpo pálido como brotam chispas de um foguete que sobe aos ares; e sobre aquela lufada negra o homem pareceu elevar-se, pairando para todo o sempre dentro de suas memórias. Nunca, jamais lhes sairá do espírito a cena brutal, onde quer que presenciem velhos desastres e novas esperanças — em quaisquer vales amenos, ao lado de plácidas e tranquilizadoras correntes da idade provecta, nos semblantes reluzentes das crianças. Lá estará ela, aquela recordação, serena, meditativa, persistente, não esmaecida nem ameaçadora, mas toda sossego, toda triunfo.

E outra vez, lá da cidade, amortecido pelas paredes, o grito da

sereia de rebate ascendia rumo ao seu crescendo inacreditável, saindo já do domínio dos sentidos corpóreos da audição.

Agora desmaia a luz acobreada da tarde: atrás dos áceres acachapados e do letreiro, cuja moldura é a janela do gabinete, a rua está deserta e preparada como um cenário.

Hightower recorda que, quando era jovem, logo ao chegar a Jefferson, vindo do seminário, a luz desmaiada e cor de cobre parecia-lhe quase audível, como um toque agonizante de cornetas num intervalo de silêncio e de espera. E antes que cessasse o som decrescente das trompas, parecia-lhe ouvir um rumor no ar, um começo de trovão que não fazia mais bulha que um sussurro.

Mas nunca havia contado aquilo a ninguém, nem mesmo a ela. Nem mesmo a ela no tempo em que eram ainda os amantes da noite e em que não conheciam a vergonha e as dissensões, quando ela soube, sem poder esquecer, primeiro com dissentimento, depois com pesar e finalmente com desespero, por que motivo ele se sentava à janela e esperava pelo crepúsculo, pelo momento da noite. Não contara nem mesmo a ela, uma mulher, a mulher (não o seminário, como acreditara um dia): o passivo, o anônimo que Deus criara para ser não somente o recipiente e o receptáculo da semente do seu corpo, mas também da semente do seu espírito, que é a verdade ou o mais próximo da verdade que ele se atrevia a atingir.

Era filho único. Quando nasceu, seu pai tinha cinquenta anos e sua mãe vivia doente havia quase vinte anos. Mais tarde Hightower acreditou que aquilo era devido à alimentação com a qual ela tivera de subsistir durante o último ano da guerra civil. Talvez fosse, essa a razão. Seu pai, apesar de filho de um homem que em tempos possuía escravos, nunca tivera nenhum. Bem que os poderia ter tido. Mas, apesar de ter nascido, crescido e vivido numa época em que possuir escravos era menos dispendioso do que não possuí-los, nunca teria consentido em alimentar-se com os produtos do trabalho de um escravo, em comer a comida cozinhada por um escravo ou em dormir numa cama preparada por um escravo. Daí se segue que durante a guerra, enquanto ele se encontrava ausente, sua mulher não dispunha de maior plantação do que a que podia cultivar sozinha ou com o auxílio incerto dos vizinhos. É esse auxílio o marido jamais teria consentido que ela o aceitasse, porquanto não poderia retribuí-lo em espécie. “Deus proverá”, dizia ele.

— Proverá o quê? Dentes-de-leão e ervas daninhas?

— Ele nos dará então intestinos próprios para os digerir.

O pai de Hightower era pastor protestante. Durante um ano saía de casa todos os domingos bem cedo (isso foi antes do seu casamento) sem que o pai descobrisse aonde ia. Só depois disso foi que o pai — o qual, embora membro de destaque da Igreja Episcopal, nunca (que o filho se lembrasse) pisara num templo — veio a saber que o jovem, contando

então vinte e um anos, fazia dezesseis milhas a cavalo todos os domingos a fim de pregar numa pequena capela presbiteriana situada atrás das montanhas. O pai riu. O filho ouviu o riso como teria ouvido gritos ou pragas: com uma indiferença respeitosa e sem dizer nada. No domingo seguinte foi, como de costume, ter com suas ovelhas.

Quando começou a guerra o pai de Hightower não foi dos primeiros a partir mas também não foi dos últimos. Ficou quatro anos com as tropas, mas não deu um tiro e em vez de farda vestiu a sobrecasaca escura que comprara para o casamento e que usava quando ia pregar. Ao voltar para casa em 65, continuou a usá-la. Mas nunca mais tomou a vesti-la desde o dia em que dois homens o tiraram do carro que parara à porta da casa e o levaram para a cama. Sua mulher tirou-lhe a sobrecasaca e guardou-a num baú, no sótão. E a roupa ali ficou durante vinte e cinco anos, até que um dia Hightower abriu o baú, tirou-a de dentro e desfez as dobras que tinham sido cuidadosamente arranjadas por mãos que já estavam mortas.

Sentado na escuridão e no silêncio, junto à janela, esperando que termine o crepúsculo, que chegue a noite e o estrupido dos cavalos, Hightower recorda isso agora. A luz cor de cobre já se extinguiu completamente. O mundo pende numa verde suspensão de cor e textura, como a luz através de um vidro colorido. *Agora, em breve. Em breve, agora.* “Eu tinha então oito anos”, pensa. “Chovia.” Parece-lhe que ainda percebe o cheiro da chuva, a úmida mágoa da terra em outubro e o bolorento bocejo do baú quando ele levantou a tampa. Viu então as dobras bem-feitas. Não sabia o que era aquilo, porque a princípio estava quase dominado pela evocação das mãos de sua mãe já morta, que pareciam errar ainda entre as pregas. Depois as pregas se desdobraram, caindo lentamente. Ao menino aquilo se afigurava incrivelmente grande, como se tivesse sido feito para um gigante, como se o mero fato de ter sido usado por um gigante tivesse feito o pano assumir as propriedades daqueles fantasmas que surgiam no último plano de um quadro de trovão e fumaça e bandeiras rasgadas que agora povoava sua vida toda, quando estava desperto e quando dormia.

Os remendos tornavam quase irreconhecível a sobrecasaca. Remendos de couro, grosseiramente costurados a mão, remendos cinzentos, a cor dos Confederados, e que mostravam já um tom desbotado de folhas de outono, e um que fez seu coração parar: era azul, azul-escuro; o azul dos Estados Unidos. Vendo esse remendo, o tecido mudo e anônimo, o menino, que nascera no outono da vida dos pais, cujos órgãos requeriam já o rigoroso cuidado que se dispensa a um relógio suíço, sentia uma espécie de terror abafado e triunfante que lhe produzia certo mal-estar.

Naquela noite, ao jantar, não pôde comer nem um bocado. O pai, próximo agora dos sessenta anos, olhava para ele e viu que o filho o olhava fixamente e com terror, espanto e alguma coisa mais. Então o

homem perguntou: “Que foi?” O menino não pôde responder, não pôde falar; olhava para o pai e no seu rosto infantil refletia-se a expressão do próprio Averno. Naquela noite não pôde dormir. Rígido, às escuras, na cama, nem sequer tremia, enquanto o homem que era seu pai, o único parente que lhe restava e do qual o separava uma distância de tempo tão grande que não podia ser medida em décadas e com o qual não tinha nem ao menos semelhança física, dormia num quarto afastado. No dia seguinte o menino teve uma de suas crises intestinais, mas nada disse, nem mesmo à negra que dirigia a casa e era para ele uma mãe e uma ama. Melhorou pouco a pouco e voltaram-lhe as forças. E então um dia tomou a penetrar furtivamente no sótão, abriu o baú e tirou a sobrecasaca, e tocou no remendo azul com o triunfo horrorizado, a alegria enferma e a admiração que teria se seu pai tivesse matado o dono do casaco de remendo azul, admirado com mais horror ainda da força do seu desejo e do seu medo de saber. Contudo, quando, no dia seguinte, soube que o pai fora visitar um dos seus doentes no campo, dirigiu-se à cozinha e disse à negra: “Fale-me outra vez do meu avô. Quantos *yankees* matou?” E podia já ouvir os casos sem terror. Não era sequer triunfo — era orgulho.

Esse avô fora o único espinho na vida do pai de Hightower. O filho não diria isso nem isso lhe passaria pelo pensamento, bem como jamais qualquer dos dois se lembraria de desejar ter um filho diferente ou um pai diferente. As relações entre os dois eram bastante pacíficas: da parte do filho uma reserva fria, automaticamente respeitosa; da parte do pai um humorismo rude, áspero e vivido, menos carente de propósito que de agudeza. E conquanto o filho recusasse com firmeza, havia algum tempo, comer a comida preparada pela escrava que o criara desde pequenino, viviam bastante amistosamente na cidade, numa casa de dois andares. O filho fazia ele próprio a sua comida na cozinha, com grande indignação da negra, que se sentia ofendida. Levava-a ele próprio para a mesa e comia na frente do pai, que infalivelmente o saudava com um copo de uísque Bourbon, no qual o filho nunca tocava e que nunca havia provado.

No dia em que o filho casou o pai entregou-lhe a casa e, quando os noivos entraram, o velho, de capa e chapéu, estava esperando no pórtico com a chave na mão. Junto dele, num montão, estava a sua bagagem pessoal e atrás os seus dois escravos — a negra que cozinhou é seu empregado, marido desta, homem mais velho do que ele e inteiramente calvo. O avô de Hightower não tinha sido plantador. Era advogado e estudara direito, assim como o filho iria estudar medicina, “por força de vontade e principalmente por artes do demônio”, como ele se exprimia. Já comprara para si no campo uma casinha, a duas milhas da cidade, e o carro e os dois cavalos esperavam ao lado da estrada, enquanto o velho, com as pernas abertas, o chapéu derrubado para trás, sadio e rude, de nariz vermelho e com um bigode de capitão de bandidos, contemplava o filho e a nora, que nunca vira, que vinham vindo pelo atalho em direção

à porta da frente. E quando sé inclinou para cumprimentar a nora, cheirava a uísque e charuto. “Penso que vai servir”, disse. Havia nos seus olhos um quê de atrevido e grosseiro, mas havia também bondade. “Afinal de contas tudo o que esse santarrão deseja é alguém que possa cantar em voz alta num livro de hinos presbiterianos, no qual nem mesmo Deus poderia encaixar um pouco de música.” Partiu no carro enfeitado de borlas, com tudo o que lhe pertencia — roupa, escravos e o garrafão de uísque. A cozinheira não ficou nem mesmo para preparar a primeira refeição. Como não lhe pediram que ficasse, não precisou recusar. O pai nunca mais entrou na casa. Teria sido bem recebido. Pai e filho sabiam disso, mesmo sem o dizerem. A nora — uma das numerosas filhas de um casal distinto que nunca havia prosperado e que parecia procurar na igreja um sucedâneo do que faltava na mesa — tinha simpatia por ele, admirava-o em segredo, com uma espécie de medo, admirava a sua fanfarronice, sua rispidez, sua adesão simples a um código simples. Ouviam falar de suas proezas. Souberam, por exemplo, que, no verão que se seguiu à sua mudança para o campo, ele havia interrompido uma espécie de demorada missão protestante que se celebrava ao ar livre num bosquezinho próximo, transformando-a numa semana de corrida de cavalos para amadores, enquanto alguns pregadores acanaveados e com cara de fanáticos dirigiam-se ao seu minguaud auditório, trovejando anátemas do alto do rústico púlpito improvisado contra aquele velho de cabeça tonta. A razão pela qual não visitava o filho e a nora era aparentemente franca: “Eu iria aborrecer vocês e vocês me aborreceriam a mim. Além disso, quem sabe? Talvez esse santarrão me corrompesse, conquistando-me para o céu.” Mas não era essa a razão. O filho, que teria sido o primeiro a repelir o desafio, se procedesse de outro, sabia que não era aquela a razão, sabia que o velho tinha delicadeza de sentimentos e de procedimento.

O filho era já abolicionista, antes de esse sentimento se transformar numa palavra que invadiu a nação de norte a sul. E quando soube que os republicanos lhe davam outro nome, mudou o nome de sua convicção sem abjurar absolutamente nada dos seus princípios nem do seu comportamento. Naquela época, não tendo ainda trinta anos, era um homem de sobriedade espartana, nada de acordo com a sua idade, como frequentemente acontece com o rebento de um servo não muito exigente da oportunidade e da garrafa. Talvez fosse essa a razão de não ter tido ele nenhum filho a não ser depois da guerra civil, da qual voltara diferente, tendo perdido o “odor de santidade”, como teria dito seu falecido pai. Conquanto não tivesse disparado nem um tiro durante aqueles quatro anos, seus serviços não haviam consistido apenas em rezar e pregar aos soldados nos domingos de manhã. Quando voltou para casa ferido e se estabeleceu como médico, depois de se ter curado, não fez mais que praticar a cirurgia e a farmácia que aprendera nos corpos dos camaradas e dos inimigos, quando auxiliava os médicos na frente de batalha. E isso

seria o que o pai mais haveria apreciado no filho: o ter ele aprendido uma profissão à custa do inimigo que invadira e devastara sua terra.

“Santidade, porém, não é a palavra que se lhe pode aplicar”, pensa por sua vez o neto, sentado no escuro, à janela, enquanto lá fora o mundo paira numa verde suspensão para além das trombetas cujo som morre. “Meu avô seria o primeiro a enfrentar qualquer um que empregasse esse termo.” Uma tal palavra remontava a uma época austera, que não se apagara ainda, que não ia muito longe, em que um homem tinha pouco que perder e pouco tempo de que dispor, e esse pouco que possuía precisava ser protegido não só contra a natureza, mas também contra o homem, por meio de uma extrema força de ânimo que não oferecia, ao menos durante sua vida mortal, nenhum conforto físico como recompensa. E nisso se fundava ele para condenar tanto a escravidão como seu jovial e sacrílego pai. O próprio fato de não ver ele nada de paradoxal em ter tomado parte ativa na guerra de partidos e do lado a que se opunham seus princípios era uma prova cabal de que nele existiam duas personalidades completamente distintas, uma das quais obedecia a regras serenas de um mundo no qual a realidade não existe.

Mas a outra parte da sua personalidade, a que vivia no mundo real, procedia tão bem como qualquer pessoa e melhor do que muitas. Vivia na paz de acordo com os seus princípios e, quando a guerra veio, transportou-os para o campo de batalha, continuando a orientar-se por eles. Quando, em calmos domingos, pregara em bosques tranquilos, havia-o feito sem mais preparo do que o que lhe proporcionavam sua força de vontade e suas convicções e algum elemento que se lhe deparasse no caminho; quando, sob o fogo, tinha de salvar feridos e pensá-los sem os instrumentos adequados, desempenhava outra vez a sua missão, sem outro material exceto o que lhe proporcionavam sua força e sua coragem ou qualquer auxílio adicional que pudesse arranjar pelo caminho. E, perdida a guerra, quando os outros, regressaram para casa com os olhos obstinadamente voltados para aquilo que se recusavam a dar por morto e perdido, olhou para a frente, tirou da derrota o melhor partido que pôde, com a aplicação prática da experiência que havia adquirido. Fez-se médico e um dos seus primeiros clientes foi sua própria esposa. E possivelmente foi graças aos seus cuidados que ela continuou a viver. Pelo menos, tornou-a capaz de gerar a vida, embora ele fosse já quinquagenário e ela tivesse passado dos quarenta quando lhe nasceu o filho.

Esse filho nasceu e se fez homem entre fantasmas e ao lado de um espectro. Os fantasmas eram seu pai, sua mãe e uma negra velha. O pai fora pastor sem igreja e soldado sem inimigo. Depois da derrota, combinara as duas coisas e transformara-se em médico e cirurgião, como se a fria e intransigente convicção em que se apoiava para manter-se, por assim dizer, erguido entre o puritanismo e o cavalheirismo se tivesse tornado mais esclarecida, em vez de ter sofrido derrota ou desalento. Era

como se na fumaça dos canhões houvesse descoberto, como numa visão, o sentido literal da imposição das mãos. Como se tivesse chegado a crer subitamente que Cristo não quisera que aquele cujo espírito necessitava de salvação não a pudesse ter, não a tivesse! Era esse o primeiro fantasma. O segundo fantasma era sua mãe, da qual recorda apenas um rosto delgado, uns olhos enormes, uns cabelos escuros espalhados sobre o travesseiro e umas mãos azuladas, sem vida, quase esqueléticas. Se no dia em que ela morreu lhe tivessem dito que ele a vira algum dia em outro lugar que não fosse a cama, de certo não teria acreditado. Depois as suas recordações foram-se tornando diferentes: lembrava-se dela andando pela casa, ocupando-se dos afazeres domésticos. Mas aos oito, aos nove e aos dez anos, lembrava-se dela como se não tivesse pernas nem pés, por assim dizer; como se não fosse mais do que aquele rosto fino e os dois olhos que pareciam aumentar dia a dia, como para abarcar todo o mundo visível, a vida inteira num último olhar terrível, de malogro, de sofrimento e de previsão; e parecia-lhe que quando acontecesse afinal o que havia de acontecer, ele ouviria esse olhar, pois este seria como um som, como um pranto. E antes de ela morrer, ouvia-o já através de todas as paredes. Às paredes eram a casa, ele vivia entre paredes, entre a escura e paciente consequência da traição física que abarcava tudo. Ele e sua mãe viviam entre aquelas paredes como dois pobres animais indefesos numa caverna, na qual de vez em quando entrava o pai — o homem que era para ambos um estranho, um forasteiro, quase uma ameaça, tal a rapidez com que o espírito é modificado pelo bem-estar físico. O pai era mais do que um estranho, era um inimigo. Seu olfato era diferente do deles, sua voz era outra, usando palavras diferentes, como se ele vivesse de ordinário num outro ambiente, num mundo diferente. Agachada ao lado da cama, a criança sentia que aquele homem enchia o quarto com uma saúde magnífica e um desdém inconsciente, sendo ele próprio tão desvalido e fracassado como os outros dois.

O terceiro fantasma era a negra, a escrava que se fora de carro no dia em que o filho e a nora chegaram à casa.

Quando foi, era escrava e, quando voltou em 1866, continuava sendo escrava, e agora voltava a pé: era uma mulherona, de Semblante irascível e ao mesmo tempo tranquilo, a máscara de uma negra tragédia entre uma cena e outra. Depois da morte do amo e enquanto não se convenceu afinal de que nunca mais o tornaria a ver, como não tornaria a ver o marido, o empregado que acompanhara o amo quando este partira para a guerra e que também não voltara, negou-se a abandonar a casa de campo para onde seu amo se havia mudado e cuja guarda lhe confiara ao partir. Depois da morte do pai, o filho se apresentou lá para fechar a casa e levar os objetos particulares do velho e ofereceu-se para olhar por ela, porém a negra não quis, negando-se também a abandonar a casa. Cultivou ali uma pequena horta e passou a viver só, à espera de que o marido voltasse, recusando-se a acreditar na notícia da sua morte

que para ela não passava de boato. Contavam que depois da morte do seu senhor, ocorrida durante uma carga da cavalaria de Van Dom para destruir os depósitos do general Grant em Jefferson, o negro se mostrara inconsolável. Uma noite desapareceu do acampamento. Pouco depois começaram a circular boatos acerca de um negro maluco que fora detido por uma patrulha dos Confederados perto da linha inimiga e que contava uma história confusa acerca do amo perdido que os *yankees* conservavam como refém. Ninguém podia meter-lhe na cabeça, por um instante que fosse, que seu amo tivesse morrido. “Não, não”, dizia ele, “meu amo não morreu. O Sr. Gail não morreu. Eles não se atreveriam a matar um Hightower. Não se atreveriam. Com toda certeza o conservam em alguma parte para fazê-lo confessar onde foi que escondemos o bule e a bandeja de ouro da senhora. É isso que eles querem.” Um dia chegou das linhas federais a notícia de que um negro atacara um oficial *yankee*, obrigando este ultimo a matá-lo a tiro para defender a própria vida.

A mulher levou ainda muito tempo sem querer acreditar. “Não é. bastante idiota para fazer isso. Nem tem bastante senso para reconhecer um oficial *yankee* e atacá-lo com uma pá.” Repetiu isso durante mais de um ano e um dia apareceu na casa do filho — a casa que abandonara havia dez anos e onde não tornara a entrar desde então — levando dentro de um lenço tudo o que possuía e dizendo logo ao entrar: “Aqui estou. Têm bastante lenha para preparar o jantar?”

— Você agora é livre — disse-lhe o filho.

— Livre? — exclamou a negra. E acrescentou com tranquilo escárnio: — Livre? Que fez a liberdade senão matar o Sr. Gail e tornar Pomp ainda mais louco do que o próprio Deus poderia fazê-lo? Não me fale em liberdade.

Era esse o terceiro fantasma. Com esse fantasma o menino (“que então era também pouco melhor do que um fantasma”, pensa agora consigo aquele mesmo menino junto à janela escura) falava sobre o espectro. Não se cansavam nunca: o menino aborto, com os olhos abertos, num misto de terror e de prazer, e a velha, pensativa, com orgulho e tristeza selvagem. Mas para o menino isso era apenas um estremecimento de prazer. Não se atemorizava ao saber que o avô matara centenas de homens, como lhe diziam e ele acreditava, nem também com o fato de que o negro Pomp tivesse morrido por ter tentado matar um homem. Não havia nisso terror, porque o avô e o negro eram ambos apenas fantasmas, heróicos, simples cálidos fantasmas que ele nunca vira em carne e osso, ao passo que o pai, que ele conhecia e temia, era um fantasma que jamais morreria. “Não é pois de admirar que eu tenha saltado uma geração”, pensa ele. “Não é de admirar que não tivesse pai e que tivesse morrido uma noite, vinte e sete anos antes de nascer. Nem também é de estranhar que a minha salvação esteja em voltar e morrer no lugar onde minha vida terminou antes de ter começado.”

Nos primeiros tempos que passou no seminário, muitas vezes

pensou em falar nisso aos seus superiores, homens santificados e elevados, em cujas mãos estava o destino da Igreja à qual ele se submetera voluntariamente. Pensava em dizer-lhes: “Ouçam. Deus vai-me chamar a Jefferson, porque minha vida se extinguiu ali vinte anos antes de ter começado. Findou com um tiro disparado uma noite numa rua de Jefferson, de cima de um cavalo a galope.” Pensou a princípio que poderia dizer isso. Achou que eles o compreenderiam. Se fora para ali, é porque sentira aquela vocação, fora para ali com aquele propósito. Porém acreditava em alguma coisa mais do que naquilo. Acreditava também na Igreja e em tudo que ela abrangia e evocava. Acreditava com uma alegria serena que, se existia algum refúgio, era a Igreja, e se havia algum lugar onde a verdade nua podia passear sem medo e sem pejo, esse lugar era o seminário. E quando julgou ouvir o chamado, parecia-lhe que podia ver seu futuro, sua vida como um vaso clássico, sereno, dentro do qual o espírito poderia renascer, ao abrigo dos violentos temporais da vida, e morrer pacificamente assim, sem ouvir mais do que o som longínquo do vento que soprasse em tomo, e sem deixar pára apodrecer mais do que um punhado de pó. Era isso que significava a palavra seminário: paredes sólidas é tranquilas, na qual o espírito, preocupado e perturbado com a roupa, pudesse chegar a compreender serenamente, sem horror nem susto, a sua própria nudez.

“Mas no céu e na terra há outras coisas além da verdade”, pensa, parafraseando sem perplexidade e sem humorismo, e ao mesmo tempo não sem perplexidade e humorismo. Sentado na escuridão crescente, com a cabeça a avultar mais e mais espectral do que nunca, envolta na branca venda, continua a pensar: “Muitas outras coisas”, refletindo em que a inteligência foi, segundo parece, dada ao homem para, nos momentos de crise, ele poder proporcionar a si mesmo formas e sons com que defender-se da verdade. Há pelo menos uma coisa de que não se arrepende: não cometeu o equívoco de contar aos velhos o que projetara dizer-lhes. Nem foi preciso passar um ano no seminário para ele compreender que era melhor não dizer nada. E, mais ainda e pior: que, ao Compreender isso, em vez de perder alguma coisa, ganhara alguma coisa, escapara de alguma coisa, e que esse ganho dera um colorido à própria face e forma do amor.

Ela era filha de um dos ministros protestantes, um dos professores do colégio e era, como ele, filha única. Acreditou imediatamente que era bonita, porque ouvira falar nela antes de vê-la e, quando a viu, não foi a ela que Viu, mas a um outro semblante especial, criação sua, do seu espírito. Não acreditava que ela tivesse vivido ali toda a sua vida e não fosse bonita. O rosto dela propriamente dito não viu durante três anos. Mas já haviam utilizado, durante dois anos, o oco de uma árvore na qual deixavam cartinhas um para o outro. Quando pensava nisso, julgava que a idéia ocorrera espontaneamente aos dois, sem considerar qual deles teria pensado primeiro, falado primeiro naquilo. Na realidade, a nenhum

dos dois ocorrera a idéia; que lhes fora dada por um livro. Mas não viu o rosto dela. Não via aquela carinha oval, com uma expressão de descontentamento apaixonado, afilando-se um pouco demais no queixo (era uns dois ou três anos mais velha do que ele, e ele não o soube então, nem haveria de sabê-lo jamais). Não sabia que os olhos dela o haviam observado durante três anos com cálculo semelhante ao de um jogador desesperado.

Afinal uma noite ele viu-a e encarou nela. Sem preâmbulo, sem nenhuma advertência, ela lhe falou, subitamente e de modo violento, em casamento, assunto que nunca haviam mencionado. Hightower sequer havia pensado nessa palavra. Aceitava a coisa porque a maior parte dos lentes da faculdade eram casados. Para ele, porém, o casamento não consistia no fato de viverem os homens e as mulheres numa intimidade física santificada, e era antes um estado morto introduzido e ainda existente entre os vivos como duas sombras acorrentadas pela sombra de uma cadeia. Estava acostumado a isso. Criara-se junto de um fantasma. E então uma noite ela lhe falou de supetão, de modo violento. Quando adivinhou afinal o que ela queria exprimir, dizendo que desejava fugir da vida que levava, ele não mostrou nenhuma surpresa. Era inocente demais: “Fugir? Fugir de quê”, indagou.

— Disso! — respondeu ela.

E Hightower viu pela primeira vez o semblante dela como um semblante vivo, como uma máscara diante do desejo e do ódio — contorcido, impetuoso, cego com a paixão. Não era estupidez; apenas cegueira, desespero, temeridade. “De tudo isso, de tudo! De tudo!”

Não ficou surpreso. Compreendeu imediatamente que ela tinha razão e que ele devia ter visto melhor. Percebeu imediatamente que se equivocara totalmente a respeito do seminário. Não era uma opinião de todo errônea, mas falsa, incorreta. É possível que, sem dar por isso, ele próprio já tivesse começado a duvidar, e que talvez fosse esse o motivo que o impedira de dizer aos superiores por que razão tinha de ir para Jefferson. Havia um ano contara a ela que queria e precisava ir para lá e que tinha intenção de explicar-lhes os seus motivos. Ela o olhara com aqueles olhos que Hightower ainda não tinha visto. “Acredita que não me mandarão para lá, que não arranjarão as coisas de modo que eu vá? Que não seria isso um motivo suficiente?”, perguntou-lhe ele.

— Claro que não seria — respondeu ela.

— Mas por que não, se é essa a verdade? Poderá ser uma loucura, mas é a verdade. E para que serve a Igreja, senão para ajudar os que são loucos, mas procuram a verdade? Que motivo têm para não me deixar ir?

— Se eu estivesse no lugar deles e fosse essa a razão que você me desse, também não o deixaria ir.

— Ah! Compreendo — disse Hightower. Mas não compreendia exatamente, embora achasse que podia estar equivocado e que ela podia

ter razão. E por isso, quando Um ano mais tarde. ela lhe falou subitamente em casamento e fuga com as mesmas palavras, não sentiu surpresa nem mágoa. Não fez mais do que pensar tranquilamente: “Então o amor é isso? Compreendo. Também a esse respeito eu andava equivocado”, pensando como havia pensado antes, como tomaria a pensar e como têm pensado todos os homens: a que ponto é falso até mesmo o livro mais profundo, quando aplicado à vida.

Hightower mudou completamente. Planejaram o casamento. Sabia já que durante muito tempo lera o cálculo desesperado nos olhos dela. “Talvez tivessem razão em introduzir o amor nos livros”, pensava Hightower. “Talvez ele não pudesse viver em nenhuma outra parte.” Continuavam desesperados, mas tinham já planos definidos, tinham marcado o dia, sentiam-se mais tranquilos, pois quase tudo era cálculo. Falavam da ordenação de Hightower, da sua nomeação para Jefferson. “É melhor começarmos a trabalhar desde já”, disse ela. Hightower respondeu (talvez se sentisse sarcástico, caprichoso) que trabalhava para aquilo desde os quatro anos de idade. Porém ela, com uma seriedade que chegava a ser quase desatenção, desdenhou a explicação e falou-lhe, como que falando consigo própria, de homens, de pessoas que era preciso ver, adular ou ameaçar, delineando diante dele uma campanha de humilhações e de intrigas. Hightower ouvia-a, sem abandonar sequer o vago sorriso caprichoso, perplexo, talvez de desespero, e respondia: “Sim, sim. Já vejo. Compreendo”, enquanto ela continuava a falar. Era como se dissesse: *Sim. Vejo. Agora compreendo. Agora sei como é que os outros fazem.*

A princípio, quando a demagogia, o rebaixamento e as pequenas mentiras se refletiam em outras pequenas mentiras e em ameaças finais, em forma de pedidos e sugestões à hierarquia da Igreja, e ele foi destinado a Jefferson, esqueceu por um momento de que maneira obtivera a nomeação. Não se lembrou disso senão depois de se ter instalado em Jefferson; não se lembrou disso enquanto o comboio da última fase da sua jornada corria velozmente para a consumação da sua vida, atravessando, uma região semelhante àquela em que nascera. Mas havia uma diferença entre as duas, conquanto Hightower soubesse que a diferença não estava lá fora, mas do lado de dentro do vidro da janela ao qual encostava o rosto como uma criança, enquanto ao seu lado o rosto de sua mulher expressava, além da avidez e do desespero, um pouco de ansiedade. Não havia ainda seis meses que se tinham casado. Casaram imediatamente depois que ele se formou. E desde então ele não vira o desespero estampado na cara da mulher. É verdade que também não tomara a ler nele a paixão. E, tranquilo, pensou outra vez, sem muita surpresa e talvez sem mágoa: *Compreendo. O casamento É assim. Agora compreendo.*

O trem corria célere. Encostado à janela, contemplando o campo que passava vertiginosamente, ele falava com o tom alegre e vivaz de uma criança. “Eu já poderia ter vindo para Jefferson. Poderia ter vindo

quando quisesse. Mas não quis. Poderia ter vindo quando quisesse. Como você sabe, há uma diferença entre casualidade civil e casualidade militar. Casualidade militar? Ah! Foi a casualidade do desespero. Um punhado de homens (meu avô não era oficial; creio que era esse o único ponto em que meu pai e a velha Cinthy sempre estiveram de acordo: meu avô não levava espada, não brandia espada quando galopava à frente dos outros) com a resoluta leviandade de um punhado de estudantes realizam proezas tão audazes que as tropas que se lhes haviam apostado durante quatro anos não podiam acreditar que eles fossem capazes de sequer tentar fazê-lo. Cavalgaram umas cem milhas através de uma região na qual cada bosque, cada aldeia, tinha um acampamento *yankee* e penetraram numa cidade onde havia uma guarnição — conheço a rua pela qual entraram na cidade e dela saíram. Nunca a vi, mas sei exatamente qual é o seu aspecto. Sei exatamente como é a casa que lá habitaremos um dia e que será nossa. Não será imediatamente, demorará ainda algum tempo. A princípio teremos de morar no presbitério. Mas logo que pudermos, olharemos pela janela e veremos a rua, e É possível que vejamos as marcas dos cascos ou a sua forma no ar, porquanto, mesmo que a poeira e o barro tenham, desaparecido, o ar continuará a ser o mesmo. Famintos, esqueléticos, aos gritos, tocaram fogo nos depósitos e armazéns de toda uma campanha meticulosamente planejada e saíram a galope. Não saqueavam, não paravam nem mesmo para levar calçado enfurno. Como lhe digo, não eram homens que procurassem glórias nem despojos; eram apenas rapazes que galopavam sobre a tremenda impetuosidade de uma vida de desespero. Rapazes apenas. Por isso é que é tão belo. Ouça. Procure compreender. Nisso se plasma a juventude eterna e o desejo virginal que fazem os heróis. É isso que faz com que os atos dos heróis se encontrem tão perto do limite do incrível que não é de admirar que seus feitos reverberem de vez em quando como armas de fogo por entre a fumaça, e que a própria passagem deles pelo mundo físico se converta em fama com mil bocas antes que o alento se lhes esvaia e para que a verdade paradoxal não agrave a si própria. O que Cinthy me contou é o seguinte. Eu acredito. Sei que é verdade. É belo demais para ter sido inventado por algum branco. Um negro poderia tê-lo inventado. E ainda que Cinthy tivesse inventado, eu teria continuado a acreditar que é verdade, porque nem mesmo a realidade poderia resistir ao confronto. Não sei se o esquadrão de meu avô se havia extraviado ou não. Não acredito. Penso que o fizeram deliberadamente, como meninos que tivessem atado fogo ao celeiro de um inimigo, sem levar nem uma ripa, nem um anel de cadeado, mas que tivessem parado um momento na fuga para roubar algumas maçãs a um vizinho, a um amigo. É preciso levar em conta que estavam com fome. Estavam famintos havia três anos. Talvez estivessem acostumados à fome. Em todo caso, tinham posto fogo em toneladas de víveres, de roupas, de fumo e de bebidas, sem levar nada, conquanto não tivesse sido dada nenhuma ordem proibindo o

saque, e agora se viravam e viam que o que constituía o fundo do quadro era a consternação, a conflagração; o próprio céu decerto parecia arder. Imagine os gritos, os disparos, os alaridos de triunfo e de terror, o tropel dos cascos* as árvores erguidas de encontro a um intenso clarão rubro, como que petrificadas de horror, as pontudas empenas das casas semelhando a borda denteada da terra na última e definitiva explosão. Imagine um lugar fechado. Você pode sentir, ouvir na escuridão tropeada de cavalos que estacam bruscamente, empinando-se; retintim de armas; cochichos altos, respirações ofegantes, vozes ainda de triunfo; e atrás o resto da tropa a galope para o ponto onde chamam as cometas. Para compreender, você precisa ouvir, sentir: então verá. Verá, antes do embate, no repentino clarão rubro, os cavalos cobertos de suor, de olhos arregalados, de ventas dilatadas, sacudindo as cabeças; o cintilar do metal, as brancas caras descarnadas de espantalhos vivos que já não se recordam qual foi a última vez que comeram à farta. Talvez alguns já tivessem desmontado, talvez um ou dois tivessem entrado no galinheiro. Vê-se tudo isso antes de se ouvir o estampido do tiro: depois novamente a escuridão. Foi apenas um disparo. ‘É claro que ele teria de recebê-lo’, disse Cintho. Roubando galinhas! Um homem idoso, com um filho casado, vai para a guerra matar *yankees* e fica lá morto, num galinheiro alheio com um punhado de penas de galinha na mão!” Hightower falava com uma voz alta, exaltada, infantil. A mulher já o agarrava por um braço: *Psui! Pssssiu! Estão olhando para você!* Hightower, porém, parecia não ouvir. Seu rosto fino de doente, seus olhos, pareciam emitir uma espécie de resplendor. “Foi assim. Não se soube quem havia disparado o tiro. Nunca se soube. Talvez tivesse sido uma mulher, talvez a mulher de um confederado. Gosto de pensar assim. É tão belo. Qualquer soldado pode ser morto pelo inimigo no ardor da batalha, com uma arma aprovada pelos árbitros e os que ditam as leis de guerra. Ou por uma mulher num quarto de dormir. Mas não num galinheiro, com um tiro de espingarda de caça. Por isso será estranho que este mundo seja povoado principalmente de mortos? Decerto, quando Deus contempla os sucessores dos mortos, não pode ter nenhuma repugnância em partilhar com eles o que lhe pertence.”

— Psssiu! Cale-se! Estão olhando para nós.

O trem ia diminuindo a marcha ao entrar na cidade; pela janelinha deslizavam os sujos arrabaldes. Hightower — o homem magro, vagamente desleixado no traje, conservando ainda alguma coisa da distinção, que não se perderá de todo, de sua vocação, de sua carreira — continuava olhando pela janela e envolvendo, encerrando, protegendo seu coração ansioso e pensando mansamente que, com toda a certeza, o céu deve ter qualquer coisa da cor e da forma de alguma aldeia, ou colina, ou casa de campo, das quais o crente diz: Isso me pertence. O trem pára. Vão andando lentamente pelo corredor do comboio, sempre olhando pelas janelinhas; em seguida descem entre semblantes graves,

cheios de decoro, judiciosos, ouvem vozes, murmúrios, frases amavelmente entrecortadas, em que ainda se nota uma certa reserva, talvez certo preconceito. “Aceitei aquilo”, pensa Hightower. “Creio que aceitei. Talvez tenha sido isso a única coisa que fiz, Deus me perdoe.” A terra perdeu-se quase de vista. Já é quase noite. A cabeça de Hightower, deformada pelas ataduras, não tem profundidade nem solidez; imóvel, parece pender suspensa por cima de duas bolas brancas que são suas mãos apoiadas na borda da janela aberta. Inclina-se para a frente. Sente já os dois instantes a ponto de se tocarem: um, o resumo da sua vida que se renova em cada lusco-fusco; outro, o instante em suspenso do qual precederá imediatamente o *em breve*. Quando era mais jovem, quando sua rede era ainda demasiadamente sutil para esperar, nesse momento enganava a si mesmo algumas vezes e acreditava que os ouvia antes de saber que havia chegado a hora.

“Talvez seja isso a única coisa que fiz”, pensa, recordando os rostos: as caras dos velhos que duvidavam da sua juventude e tinham ciúmes da igreja que iam pôr em suas mãos quase como um pai entrega uma filha no dia do casamento; as caras dos velhos forradas desse puro amontoar de desilusão e dúvida que é tão frequentemente o outro lado do quadro da idade provecta, robusta e cercada de respeito — o lado, diga-se, para o qual o dono do quadro tem de olhar, não pode esquivar-se a olhar. “Desempenharam o seu papel; jogaram de acordo com as regras”, pensa Hightower. “Quem fracassou, quem infringiu as regras fui eu. Talvez seja esse o mais grave pecado social, sim, talvez um pecado moral. O pensamento corre manso, tranquilo, fundindo-se em formas tranquilas, que não afirmam nem censuram, nem lastimam nada, particularmente. Vê a si mesmo como uma sombra entre sombras, como um paradoxo, acreditando com uma espécie de falso egoísmo e otimismo %que, curando-se dos sonhos, ia encontrar naquela parte da Igreja que mais erra entre as paixões cegas, as mãos levantadas e as vozes humanas, aquilo que não conseguira encontrar na apoteose clausttral da Igreja na terra. Parece-lhe que viu isso desde o princípio: o que destrói a Igreja não é o esforço dos que andam tateando fora dela nem dos que, dentro dela, andam às apalpadelas, mas os profissionais que a dirigem e que retiraram os sinos dos campanários. Hightower julga vê-los, inumeráveis, sem ordem, vazios, simbólicos, sorumbáticos, a apontar para o céu não com êxtase ou paixão mas em adjuração, ameaças e condenação. Afigura-se-lhe ver as igrejas do mundo como um contraforte, como uma dessas barricadas da Idade Média, ericadas de estacas pontiagudas, que se erguem contra a verdade e contra essa paz que consiste em pecar e ser perdoado e que constitui a vida do homem.

“E aceitei isso”, pensa. “Consenti. E ainda mais: servi a isso. Empreguei-o para satisfazer o meu próprio desejo. Vim para aqui onde me esperavam rostos cheios de perplexidade, de ansiedade e avidez, rostos que me esperavam para poder crer, e não os vi. Aqui onde mãos se

erguiam na ânsia de obter aquilo que acreditavam eu Iria trazer-lhes, e não vi essas mãos. Trouxe comigo a promessa que mais importância tem para o homem e que aceitara por minha livre vontade diante de Deus. E dei tão pouca importância a essa promessa que me fora confiada que nem ao menos compreendi que a tinha aceitado. E Se isso foi tudo que fiz por ela, que poderia então esperar? Que poderia ter esperado, senão a desgraça e o desespero e que Deus desviasse de mim o rosto, envergonhado? E no momento em que revelei a ela não somente a profundidade da minha avidez mas também o fato de que jamais ela poderia contribuir para acalmá-la, nesse momento talvez eu me tenha transformado no seu sedutor e assassino, autor e instrumento de sua vergonha e de sua morte. No fim de contas, deve haver coisas pelas quais o homem não pode acusar a Deus nem responsabilizá-lo. Deve haver.” O pensamento corre agora mais vagaroso, com a morosidade de uma roda que começa a rodar sobre areia sem que o eixo, o veículo, o motor que o impulsiona o percebam.

Julga ver-se novamente entre rostos, sempre cercado de rostos, como se disse a si mesmo no púlpito, do fundo da igreja, ou como se fosse um peixe num aquário. E mais do que isso: os rostos parecem espelhos nos quais se contempla a si mesmo. Conhece-os a todos, adivinha os seus pensamentos. Parece-lhe ver refletida neles uma figura grotesca, um pouco desvairada de empresário que, com uma absoluta falta de consideração para com àqueles de cujo cenário se apoderara, pregava algo pior do que a heresia, oferecendo em lugar da crucificada figura da piedade e do amor, Um jactancioso e alegre valentão que fora morto com um tiro de espingarda num galinheiro tranquilo, num intervalo da sua própria ocupação de matar. A roda do pensamento gira lentamente, porém o eixo e o próprio veículo ainda não deram por isso.

Vê que os rostos que o rodeiam refletem o espanto, a perplexidade, e logo depois o ultraje e o medo, como se olhassem mais além das suas extravagâncias e vissem atrás dele e olhando para ele, que por sua vez não percebe, a Face Suprema e final propriamente dita, terrível no seu isolamento onisciente. Hightower sabe que eles veem mais do que isso; sabem e veem que aquilo que lhe foi confiado e de que ele se tomou indigno é utilizado agora para a sua própria expiação. E parece-lhe que fala à Face: “Talvez eu tivesse aceitado mais do que podia realizar. Mas será isso um crime? Hei de ser castigado por isso? Vão me considerar responsável pelo que estava acima das minhas forças?” E a Face: “Não foi para realizar isso que a aceitou. Foi um meio de satisfazer seu próprio egoísmo, como um instrumento, para que o enviassem a Jefferson. Não foi para os meus fins, mas para os seus.”

“Será verdade?” pensa. “Pode ser verdade?” E vê a si mesmo como quando se sentiu envergonhado. Recorda aquilo que percebera antes de ter acontecido e que havia ocultado ao seu próprio pensamento. Vê a si mesmo oferecendo, como uma dádiva, a inteireza, a indulgência e a

dignidade, dando a entender que renunciava ao púlpito por razões de mártir, quando naquele mesmo instante havia dentro dele um veemente e triunfante impulso de recusa detrás de um rosto que o havia traído, a ele que se julgava em segurança atrás do hinário erguido, no momento em que o fotógrafo apertava o botão.

Parece ver a si mesmo alerta, paciente, hábil, saindo-se bem, fazendo ver que estava sendo induzido, sem se queixar, a fazer aquilo que nem então queria reconhecer fora seu desejo desde antes de entrar no seminário. E continuou oferecendo suas dádivas como se atirasse frutas podres a uma manada de porcos: a magra renda que herdara de seu pai e que continuou a dividir com a instituição de Memphis; consentindo em ser perseguido, arrastado da sua cama à noite, levado à mata e surrado, trazendo aos olhos de toda a cidade e ouvindo, sem nenhuma vergonha, com o paciente e voluptuoso *ego* de mártir, com o ar, o procedimento do mártir, o *Até quando, Senhor*, até que, já outra vez dentro de casa e depois de fechar a porta, tirou a máscara com uma exaltação voluptuosa e triunfante, exclamando: *Ah! Já está feito. Passou. Comprei e paguei.*

“Mas então eu era jovem”, pensa. “Também eu tinha de fazer não o que podia, mas o que sabia.” O pensamento agora se arrasta pesadamente; Hightower deveria sabê-lo, notá-lo. O veículo ainda não percebe o que se aproxima. “E afinal de contas paguei. Comprei o meu fantasma, ainda que o tivesse pago com a própria vida. E quem poderia impedir-me de fazê-lo? O homem tem o privilégio de destruir a si mesmo, contanto que não prejudique ninguém mais, contanto que viva só e para si...” Interrompe-se bruscamente. Imóvel, contendo a respiração, sente-se invadido por uma consternação que, pode-se dizer, equivale a horror. Agora percebe a areia e, quando dá por isso, sente dentro de si uma reserva como que para algum esforço tremendo. O avanço continua sendo avanço, mas agora já não se distingue do passado recente como os já percorridos centímetros de areia que aderem à roda em movimento, girando para trás com um estalido seco que antes disso já devia tê-lo advertido: “Revelei à minha mulher a minha ansiedade, meu *ego*... instrumentos do meu desespero e da sua vergonha... E sem que ele nisso tivesse pensado, parece que se ergue através do seu crânio, atrás dos seus olhos, a frase completamente formada: *Não quero pensar nisso. Não devo, não ousou pensar nisso.* E sentado junto à janela, inclinado para a frente, com as mãos empedradas, começa a porejar nele um suor que emana como sangue. E naquele instante a roda do pensamento, cheia de areia, começa a girar com a inflexibilidade de um instrumento de tortura medieval, por baixo da retorcida e quebrada órbita de seu espírito, de sua vida. “Nesse caso, se é assim, se eu sou o instrumento de meu desespero e de sua morte, sou por minha vez o instrumento de alguém fora de mim mesmo. E sei que há cinquenta anos que não sou nem mesmo argila; não tenho sido mais que um instante de escuridão no qual um cavalo galopou

e em que se disparou uma espingarda. E se eu sou meu falecido avô no momento de sua morte, então minha mulher, a mulher do seu neto... o perversor, o assassino da mulher de seu neto, já que não pude deixar meu neto viver nem morrer.”

Uma vez solta a roda parece andar para a frente com um longo ruído que parece um suspiro. Hightower continua imóvel na sua cadeira, banhado num refrescante suor. A roda vai girando sempre. Agora gira veloz e suave, porque se desprende da carga, do veículo, do eixo, de tudo. Na radiante suspensão de agosto na qual a noite vai cair em cheio, ela parece produzir um frouxo resplendor com o qual se rodeia e que parece um halo. O halo está cheio de rostos. Rostos que não são moldados pelo sofrimento, não são moldados por coisa alguma: nem horror, nem sofrimento, sequer censura: são rostos pacíficos, como se tivessem conseguido chegar a uma apoteose. E entre eles está o seu. Na realidade todos se parecem um pouco, são como uma composição de todos os rostos que ele vira. Mas pode distinguir uns dos outros: o de sua mulher, Os da gente da cidade, membros da congregação que o havia repellido, que o esperaram na estação naquele dia com uma expressão ávida e ansiosa; o de Byron Bunch; o da mulher com a criança e o daquele homem que se chamava Christmas. O desse último é o único que ele não vê claramente. Enxerga-o de maneira mais confusa que os dos outros, como se o visse agora na angústia tranquila de uma composição mais recente, mais inextricável. Depois vê que são dois rostos que parecem esforçar-se (não porque eles próprios se esforcem ou desejem, sabe-o Hightower, mas por causa do movimento e do desejo da própria roda) por rumos para libertar-se um do outro e que em seguida se desvanecem e se fundem de novo. Mas agora viu o outro rosto, o que não é de Christmas: “É ele contudo. .pensa. “Vi-o recentemente... Sim, o daquele rapaz da pistola preta, dessas a que chamam automáticas. Aquele que... foi à cozinha, onde o matou, o que disparou a... E nesse momento parece-lhe que uma torrente represada dentro de seu peito rompe os diques e se precipita. Julga que a contempla, parece-lhe que vai perdendo o contato com a terra e que cada vez mais depressa se esvazia, flutua. “Estou morrendo”, pensa ele. “Devia rezar, devia tentar rezar.” Mas não reza, não experimenta rezar. “Com todo o ar, com todo o céu cheio do perdido e ignorado pranto de todos os que viveram e continuam gemendo como crianças perdidas entre as estrelas frias e terríveis... Eu queria tão pouco. Dir-se-ia que.. A roda vai girando. E gira lentamente, extinguindo-se, sem progredir, como impulsionada pela torrente final que se escapou do seu corpo, deixando-o mais Vazio e mais leve do que uma folha esquecida, e ainda mais trivial do que o pouquinho de pó imóvel na borda da janela, a que falta solidez debaixo das mãos às quais falta o peso; de modo que pode ser agora. Agora.

E como se só houvessem esperado até ele achar alguma coisa que o fizesse ofegar, que lhe reafirmasse o triunfo e o desejo, com esse

derradeiro resquício de honra, orgulho e vida. Ouve crescer por cima do seu coração os tropéis inumeráveis e ressoantes. Começam com um longo suspiro do vento entre as árvores e depois se lhe apresentam à vista envoltos numa nuvem de pó fantasmagórico. Passam a galope, inclinados para a frente nas selas, esgrimindo as armas, sob as fitas ondulantes de lanças ávidas e oblíquas; com tumulto e alaridos apenas perceptíveis passam vertiginosamente como um vagalhão cuja crista é toda pontuada de furibundas cabeças de cavalos e armas meneadas por mãos humanas como a cratera do mundo em explosão. Passam a galope; desapareceram. A poeira vai remoinhando até o céu, num movimento de sucção, dissipando-se dentro da noite que caiu em cheio. Contudo, inclinado para a frente, enorme e sem profundidade, a cabeça, vendada- sobre às duas pequenas bolas das mãos que se apóiam no parapeito da janela, parece continuar a ouvi-los: as cometas selvagens, o entrechoque dos sabres, o trovejar agonizante dos cascos dos cavalos.

Na parte leste do estado vive um negociante e consertador de móveis que fez recentemente uma viagem ao Tennessee a fim de receber alguns móveis antigos que havia comprado por correspondência. Fez a viagem no seu caminhão e, como tivesse intenção de percorrer mais de quinze milhas por hora e o caminhão fosse novo e dispusesse de porta traseira, levou o equipamento necessário para acampar, economizando assim o preço do Motel. Ao voltar para casa, contou a sua mulher um caso que lhe acontecera na estrada e que o interessara. Julgava a história bastante divertida, para contá-la. Pode ser que a razão pela qual a história lhe parecesse interessante tanto para contar como para ouvir era que nem ele nem a mulher eram velhos e, além disso, em virtude da moderada velocidade a que julgou dever restringir-se, passara mais de uma semana fora de casa. A narrativa refere-se a dois passageiros que recolhera no caminho; ele menciona o nome da cidade, que fica no Mississippi, antes de entrar no Tennessee.

Eu havia decidido tomar um pouco de gasolina e diminuía a marcha do carro dirigindo-me ao posto, quando vi uma jovem de fisionomia agradável, de pé numa esquina, como que à espera de alguém que passasse e se oferecesse para levá-la. Tinha nos braços alguma coisa que a princípio não vi, como não vi o indivíduo que a acompanhava, enquanto ele não se aproximou para falar comigo. Pensei que, se não o tinha visto, era porque ele não estava junto dela. Mas compreendi imediatamente que ele fazia parte dessa classe de indivíduos que a gente não vê à primeira vista, ainda que se encontrem inteiramente sós no fundo de uma piscina de natação.

Logo que o sujeito se aproximou de mim, falei primeiro: “Não me dirijo a Memphis, se é isso que pretende. Vou um pouco além de Jackson, no Tennessee”. E ele me respondeu:

— Ótimo. Está mesmo a calhar. Convém-nos perfeitamente. — E eu disse:

— Para onde pretendem ir?

O indivíduo olhou para mim com um jeito de pessoa que não tem o hábito de mentir e que trata de inventar rapidamente uma mentira apesar de saber de antemão que não se vai acreditar nele.

— Estão procurando um lugar, não é? — perguntei.

— Sim. Isto é, vamos viajar. Onde quer que possa levar-nos está muito bem.

Disse-lhe que subisse. — Não julgo que me vá matar ou roubar. — O homem se afastou e trouxe a mulher. Então vi que ela trazia uma criança nos braços, uma criança recém-nascida. O homem ajudou-a a subir no caminhão por detrás e perguntei-lhes: — Por que é que um dos dois não vem sentar-se aqui na frente? — Falaram um pouco um com o outro; a

mulher veio e sentou-se ao meu lado, o homem entrou no posto de gasolina e saiu com um desses grandes envelopes de papel, próprios para guardar roupa e que parecem de couro, pô-lo no meio do caminhão e subiu. Empreendemos a marcha, ela no assento do carro, com a criança nos braços e olhando de vez em quando para trás a ver se o homem havia caído ou se sucedera alguma coisa.

A princípio julguei que fossem marido e mulher; não pensei nisso senão para achar estranho que uma mulher jovem e forte como era ela tivesse casado com um sujeito como aquele. Não que parecesse mal. Tinha um ar de bom homem, desses que, se encontram um bom emprego, o conservam durante muito tempo sem incomodar ninguém para pedir aumento de salário, contanto que conservem o lugar. Parecia um desses homens em que ninguém repara senão quando estão trabalhando. Não se podia imaginar que nenhuma mulher dormisse com ele e muito menos que exibisse a prova de que dormira.

— *Não se envergonha?* — disse a mulher. — *Falar assim em presença de uma senhora?* — Conversavam no escuro.

— *Em todo caso, não notei que você tivesse corado* — replica ele. Mas — continua o narrador do caso — não tornei a pensar nisso senão na noite em que acampamos. Ela ia junto de mim; eu falava como teria falado a qualquer pessoa e no fim de algum tempo descobri que vinham de Alabama. Como ela sempre dissesse: “Vamos”, pensei que se referisse a ela e ao indivíduo que vinha atrás. Disse-me que se encontravam no caminho havia oito semanas. “Se distingo cores”, disse-lhe eu, “não faz ainda oito semanas que a senhora teve essa criança”. Ela me respondeu que a criança nascera em Jefferson havia três semanas. “Ah! Lá onde lincharam o negro?”, perguntei. E ela cerrou os lábios como se o homem lhe tivesse dito que não falasse naquilo. E vi que era isso mesmo. Continuávamos avançando e, quando a noite ia caindo, eu disse: “Em breve chegaremos a uma cidade. Não pretendo dormir lá, mas, se quiserem continuar a viagem, poderei ir buscá-los no hotel mais ou menos às seis da manhã. E ela permaneceu calada, como que esperando que ele falasse. No fim de algum tempo o homem disse:

— Com esse caminhão o senhor não precisa preocupar-se com hotéis.

Não respondi e, na entrada da cidade, ele me perguntou:

— A cidade é grande?

— Não sei. Suponho que haverá alguma pensão ou coisa assim.

— — Estava pensando se não haveria por aí um acampamento de turistas. — Como eu não dissesse nada, acrescentou:

— Onde aluguem tendas. Os hotéis são caros e ainda temos muito que viajar. — Não haviam dito para onde iam. Era como se eles próprios não soubessem e estivessem esperando para saber aonde poderiam ir. Mas então eu ainda ignorava isso. No entanto, eu sabia o que ele queria

que eu dissesse e ele não queria tomar a iniciativa de me perguntar. Parece que a coisa era a seguinte: se Deus dispusesse que eu é que havia de falar, eu falaria, e se o Senhor quisesse que o homem fosse para um hotel onde pagaria talvez uns três dólares por um quarto, ele também faria isso, Assim, eu disse:

— A noite está quente e, se não se importam com os mosquitos nem acham ruim dormir nas tábuas do caminhão...

Ele respondeu:

— Muito bem. O senhor fará uma boa obra se deixar que ela durma aqui.

Somente então comecei a notar que o homem dizia “ela” Notei que havia qualquer coisa de forçado e de estranho no procedimento dele. Era como um homem resolvido a fazer uma coisa que ao mesmo tempo quer fazer e tem pavor de fazer. Não digo que tivesse medo do que lhe podia acontecer, mas era alguma coisa que ele preferia morrer a pensar em fazer se antes não tivesse tentado tudo mais até se desesperar. Isso foi antes de eu saber do que tratava. Não compreendia que diabo poderia ser. É se não fosse aquela noite e o que aconteceu, julgo que teria continuado sem saber, quando eles me deixaram em Jackson.

— Que era? Que queria ele fazer? — pergunta a mulher do narrador.

— *Espere. Já chegarei lá. Talvez lhe diga o que foi.* Paramos — prosseguiu o homem dos móveis — em frente ao armazém. Antes de deter o caminhão, o homem já saltava, como se receasse que eu fosse obrigá-lo a isso, com a expressão obsequiosa de um menino que deseja prestar um serviço antes que se mude de propósito a respeito de alguma coisa que se lhe prometeu. O homem entrou correndo no armazém e voltou com uma quantidade tal de saquinhos e pacotes que não podia enxergar, por cima deles, e não pude deixar de dizer a mim mesmo: “Vejam esse sujeito. Parece que está procurando estabelecer um lar permanente no caminhão.” Seguimos viagem e em breve chegamos a um lugar conveniente, no qual se podia desviar o caminhão da estrada e metê-lo por entre as árvores. O homem saltou e se apressou em ajudar a mulher a descer com o menino, com um cuidado tal, como se ambos fossem de vidro ou de casca de ovo. E tinha ainda no semblante aquele ar de quem está quase resolvido a fazer o que quer que o desespero o compelia a fazer, se eu nada fizesse ou ela para impedi-lo, e se ela não lesse na sua fisionomia que ele se via desesperadamente obrigado a fazer tal coisa. Mas nem então eu sabia o que era.

— *Que era?* — indaga a esposa.

— Já dei a entender uma vez. Estará você ainda esperando que eu dê a entender a segunda vez?

— Não me importa que o faça ou não. Mas não vejo nada de curioso nisso. Por que motivo se demorava tanto e estava tão preocupado?

— *É que não eram casados* — responde o marido. — *O filho nem era dele. Naquele momento eu não sabia disso. Não soube senão quando os ouvi conversar junto ao fogo e eles não sabiam que eu os ouvia. Entretanto, o homem chegara a um completo desespero. Acho que queria dar-lhe mais uma oportunidade.* De modo que — prossegue — o homem andava atordoado de um lado para outro, preparando o acampamento, até que afinal fiquei nervoso, vendo que ele queria fazer tudo e não sabia por onde começar. Disse-lhe que fosse buscar lenha para acender o fogo e, tirando os cobertores, estendi-os no caminhão. Eu estava indignado comigo mesmo por me ter metido naquela maçada. Teria de dormir no chão, com os pés virados para o fogo, sem nada por baixo. Enquanto andava para lá e para cá arrumando as coisas, sentia-me bastante mal-humorado e resmungava. A mulher — tinha-se sentado e, encostada a uma árvore, dava de mamar à criança, por baixo do xale, repetindo que se sentia muito envergonhada por estar causando incômodo e que tinha intenção de ficar sentada junto ao fogo, porque, como já havia passado o dia inteiro sentada e sem nada fazer, não estava cansada. O homem voltou com lenha bastante para assar um •'novilho. A mulher lhe disse qualquer coisa e ele se dirigiu ao caminhão, tirou a maleta, abriu-a e tirou de dentro um cobertor. Está vamos então nisso. Parecíamos os dois 'indivíduos da anedota, os dois franceses que passavam a vida cumprimentando um ao outro com a cabeça e cedendo-se mutuamente o passo. Parecia que não tínhamos saído de casa senão para ter o privilégio de dormir* no chão, cada qual caindo mais depressa e estirando-se mais que o outro. Houve um momento em que tive vontade de lhes dizer: "Se querem dormir no chão, muito bem, mas palavra que eu não tenho nenhuma vontade disso." Creio, porém, que se poderia dizer que afinal de contas quem ganhou fui eu, ou então que ambos saímos ganhando, porque ele acabou estendendo o cobertor deles no caminhão, conforme sabíamos que ia acontecer, e eu e ele estendemos o meu diante do fogo. Creio que ele também sabia que seria essa a solução, se era verdade que vinham do sul de Alabama, conforme ela repetia. E devia ser essa a razão pela qual o homem trazia toda aquela quantidade de lenha, apenas para fazer café e esquentar umas latas de conserva. Depois comemos e descobri.

— Que foi que você descobriu? Que pretendia ele fazer?

— *Não foi naquele momento. Aquela mulher tinha mais paciência do que você. Depois, que acabei de comer* — continua a narrativa — caí sobre o cobertor. Estava muito cansado e era um prazer estirar as pernas. Não tinha intenção nem de escutar nem de fazer que estava dormindo, quando não estava. Mas não fora eu que insistira para levá-los no caminhão; foram eles que haviam pedido. Não era culpa minha se não podiam conversar de modo que ninguém pudesse ouvi-los. Assim foi que vim a saber que seguiam ou procuravam seguir alguém. Isto é, era ela que procurava. De repente disse de mim para mim: "Essa é uma dás que acreditavam que iriam aprender no sábado aquilo que a mãe estava

esperando o domingo para perguntar ao ministro.” Não pronunciavam o nome do homem a quem buscavam. E não sabiam para que banda ele havia fugido. E compreendi que, se descobrissem o lugar onde se encontrava o fugitivo, não seria por culpa deste. Bem depressa compreendi isso. O homem dizia que não podiam passar o resto da vida viajando de caminhão em caminhão e de estado em estado, sem encontrar rastro, e à mulher, sentada rio tronco e com a criança nos braços, escutava calada como uma pedra, e quase tão longe de emocionar-se ou de convencer-se como uma pedra. E eu disse comigo: “Muito bem, meu velho. Parece-me que esta já estava acostumada a viajar antes de vir sentar-se aqui no meu caminhão, enquanto você fica aí atrás com as pernas penduradas.” Mas não disse nada. E eles continuavam falando e falando em voz baixa. O homem não mencionara o casamento, mas era disso que se tratava, enquanto ela escutava plácida e serena, como se já tivesse ouvido isso antes e soubesse que sequer teria de preocupar-se de dizer sim ou não. Sorria ligeiramente, porém ele não podia notar.

De repente o homem desistiu. Levantou-se do tronco e afastou-se, mas, quando voltou, pelo rosto dele vi que não desistira ainda. Ele acabava de dar à mulher mais uma oportunidade e seu desespero chegara ao extremo, tomando-o capaz de tomar uma decisão. Poder-se-ia dizer que ele estava deliberando fazer o que devia ter feito desde o primeiro momento. Mas julgo que tinha suas razões. Seja como for, afastou-se na escuridão e deixou-a sentada onde estava, com a cabeça inclinada e sorridente ainda. Ela nem o acompanhara com a vista. É possível que soubesse que o homem se afastara para decidir-se a fazer o que ela vinha talvez aconselhando, mesmo sem o dizer com palavras claras, o que não ficaria bem a uma senhora.

Talvez não fosse nem sequer isso. Talvez não lhe conviesse a ela nem a hora, nem o lugar, e muito menos o auditório. No fim de algum tempo ela levantou-se, olhou para mim, sem eu fazer sequer um movimento, e subiu para o caminhão. Dali a pouco deixava de mexer-se e compreendi que se acomodara para dormir. Eu continuava imóvel (a esse tempo estava completamente desperto) e passou-se um bom pedaço. Eu sabia, porém, que o homem estava ali por perto, esperando talvez que o fogo se apagasse de todo e que eu adormecesse profundamente. Porque, no momento em que o fogo estava a ponto de se apagar de todo, percebi que se aproximava silencioso como um gato e se curvava sobre mim, como que escutando. Não fiz ruído algum, mas talvez tivesse soltado um ou dois roncões para convencê-lo. Seja como for, o homem se dirigiu ao caminhão andando como se pisasse em ovos, e eu, quieto onde estava, observei-o e disse com os meus botões: “Ande, meu velho. Se tivesse feito isso a noite passada, estaria, segundo supponho, a umas sessenta milhas mais para o sul do que se encontra agora. E se o tivesse feito há duas noites, calculo que eu nunca teria posto os olhos *em* nenhum de vocês

dois." Logo comecei a ficar um pouco preocupado. Não que receasse que de lhe fosse fazer algum mal que ela não desejava que ele lhe fizesse. A verdade é que eu estava a favor do tal tipo. Essa é que era a verdade. E não podia decidir qual a melhor coisa a fazer quando ela começasse a gritar. Estava certo de que ela iria gritar e se eu desse um pulo e corresse para o caminhão, isso o afugentaria, e se eu não viesse correndo, então o homem perceberia que eu estava acordado é a observá-lo, o que o afugentaria ainda mais. Mas, desde o momento em que os vi, a ele e a ela pela primeira vez, devia ter compreendido que não havia motivo para tais preocupações.

— *A razão pela qual você compreendeu que não tinha motivo para preocupação era, acho eu, que já havia adivinhado o que ela faria num caso como aquele — diz a esposa.*

— *Ora — replica o marido. — Não era minha intenção deixar que você desconfiasse. Sim senhor. Pensei que dessa vez eu tivesse ocultado bem a pista.*

— *Está bem. Continue. Que aconteceu?*

— *Que pensa que poderia acontecer entre uma rapariga forte como aquela, que não desconfiava que se tratava apenas dele, e um pobre-diabo que parecia estar a ponto de chorar que nem uma criança?* — E continua o narrador: — Não houve gritos nem nada. Eu vi que o homem trepava devagar e com facilidade no caminhão e que desaparecia. Poder-se-ia folgadoamente contar até quinze antes de acontecer alguma coisa. Depois ouvi que ela soltava uma espécie de exclamação de espanto como se ele a tivesse assustado, e que o repreendia sem nenhum temor, em voz baixa: "Ora, Mr. Bunch. O senhor não se envergonha? Podia ter acordado a criança." Em seguida o homem saiu pela porta posterior e desceu vagarosamente, quase sem fazer uso das pernas. Acredito que ela o tivesse pegado e depositado no chão, como teria feito com o menino se este tivesse uns seis anos. E disse-lhe: "Agora deite-se e durma, por que ainda temos muito que viajar amanhã."

Eu tinha vergonha de olhar para ele e fazê-lo compreender que um ser humano tinha visto e ouvido o que acontecera. Desejaria mesmo encontrar um buraco onde esconder-me. E escondi-me. O homem permaneceu no lugar onde ela o havia deixado. Como o fogo se tivesse apagado de todo, eu não podia vê-lo. Mas sabia como me teria sentido no seu lugar e em que atitude estaria - de cabeça baixa e à espera de que o juiz dissesse: "Levem-no daqui e enforcuem-no sem demora." Não fiz a menor bulha e no fim de algum tempo percebi que ele se afastava. Ouvi mesmo o estalido de galhos, como se ele realmente tivesse azulado, embrenhando-se no mato. E quando rompeu o dia, ele ainda não voltara.

Eu não disse nada. Que iria dizer? Continuei acreditando que o homem haveria de aparecer, haveria de surgir dentre as moitas, sabe Deus com que cara. Por isso acendi o fogo, comecei a preparar o almoço e no fim de algum tempo ouvi a mulher descer do caminhão. Não volvi os olhos. Podia, porém, perceber que ela estava esquadrinhando,

procurando talvez descobrir pelo aspecto do fogo ou do meu cobertor se o homem estaria ali ou não. Mas nem ela nem eu proferimos uma palavra. Eu me dispunha a recolher as minhas coisas e empreender a marcha. Sabia que não podia deixá-la ali no meio da estrada. Sabia também que, se chegasse aos ouvidos de minha mulher que eu percorria a região com uma moça bonita e uma criança de três semanas, por mais que ela dissesse que ia atrás do marido... ou de dois maridos agora... Começamos a comer e logo que acabamos eu lhe disse: “Tenho muito que viajar ainda e será melhor empreender a marcha.” A mulher não disse nada. E quando olhei para ela, vi que tinha o mesmo rosto tranquilo e sereno de sempre. Que o diabo me leve se mostrou a menor surpresa! Ali estava eu, sem saber o que fazer com ela, que já havia recolhido suas coisas e até varrer a o caminho com um ramo antes de colocar dentro do grande envelope de papel os seus trens e de fazer, com o cobertor dobrado, uma espécie de almofada numa das pontas do caminho.

— Não me admira que a senhora se arranje — disse-lhe eu. — Quando a deixam plantada na estrada, a senhora apanha o que ficou e prossegue...

— Vou seguir com o senhor aqui atrás — respondeu ela.

— Não será muito cômodo para o pequeno — observei.

— Posso levá-lo no colo.

— Como quiser — repliquei. E seguimos. Eu me debruçava do caminho para olhar para trás, na esperança de que o homem aparecesse antes de dobrarmos a curva. Mas ele não apareceu. Falam-me do homem que é surpreendido numa estação com uma criança alheia nos braços. E ali estava eu com uma mulher estranha e um bebê também, imaginando que cada carro que viesse de trás e nos passasse estivesse cheio de maridos e mulheres também, sem falar nos xerifes. Íamos chegando à fronteira do Tennessee e eu estava inteiramente resolvido a incendiar o meu caminho novo ou a chegar a uma cidade grande, dessas onde há uma sociedade de proteção às mulheres, à qual eu pudesse entregar a que levava. E de vez em quando olhava para trás, na esperança de que o homem nos tivesse seguido a pé, e via a mulher, serena como uma igreja, com a criança nos braços para a amamentar e para amortecer os choques do caminho. Não há quem possa com as mulheres. (E o homem, ri, deitado na cama.) Sim senhor. Não há quem possa com elas.

— Que aconteceu depois? Que fez ela então?

— Nada. Continuou sentada no caminho, olhando para fora como se nunca tivesse visto campo, caminhos e árvores, terras e postes de telégrafo. Não o viu senão quando ele apareceu por trás do carro. Não tivera necessidade de vê-lo. Precisava apenas esperar. E sabia disso.

— Era ele mesmo?

— Sim. Estava ao lado da estrada quando nos aproximamos da curva. Ali estava ele, de pé, com cara de cão que acaba de fazer alguma arte, mas resoluto e

tranquilo, como se tivesse resolvido desesperadamente alguma coisa pela última vez, como para aproveitar a última oportunidade e como se soubesse que não teria mais de desesperar. Nem sequer olhou para mim — prossegue o narrador do caso. — Limitei-me a parar o caminhão e já o homem corria para a porta traseira e, subindo, dirigiu-se para o lugar onde a mulher se encontrava e colocou-se ao lado dela, que sequer mostrou surpresa. “Creio que andei muito”, disse ele, “e acho que não irei mais embora.” A mulher olhou para ele como se durante todo o tempo tivesse sabido o que ele ia fazer, antes mesmo que ele próprio o soubesse, e que, fizesse ele o que fizesse, o faria sem nenhuma intenção.

— Ninguém lhe disse que fosse embora — disse ela.

(O homem, deitado na cama, ri de novo.) Sim senhor. Não há quem engane uma mulher. Pois sabe o que penso? Penso que ela queria apenas viajar. Não creio que tivesse o menor desejo de encontrar a pessoa a quem seguia, fosse lá quem fosse. Não acredito que tivesse intenção de fazê-lo, conquanto não o tivesse dito ainda ao homem que a acompanhava. Julgo que era a primeira vez na sua vida que saía de casa, indo tão longe que não pudesse voltar antes de anoitecer. B que até então se arranjava bem, porque sempre encontrara quem cuidasse dela. Julgo que, se deliberara fazer uma viagem um pouco mais longa na qual pudesse ver tudo o que fosse possível, era porque compreendia que, quando agora se estabelecesse, seria para o resto da vida. Essa é a minha opinião. Sentada na extremidade do caminhão agora que tinha o homem ao seu lado, e com a criança que não cessara de mamar, com a criança que já vinha mamando havia umas dez milhas, como se estivesse num carro-restaurante, olhava para fora e contemplava os postes telefônicos e as cercas que desfilavam como numa parada. Ao fim de algum tempo eu disse: “Agora vamos entrar em Saulsbury.”

— Que diz? — pergunta ela.

— Saulsbury, no Tennessee. — Olhei para trás e vi seu rosto. Dir-se-ia que estava à espera de uma surpresa que lhe seria agradável, porque disse:

— Puxa! Como uma pessoa viaja! Ainda não há dois meses que saímos de Alabama e já estamos no Tennessee.

ESTA OBRA FOI COMPOSTA PELA
IRMÃOS MILESI LTDA. E IMPRESSA NA
GRÁFICA PORTINHO CAVALCANTI LTDA.
PARA A EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.,
EM JUNHO DE MIL NOVECENTOS E OITENTA E TRÊS.
Não encontrando este livro nas livrarias, pedir pelo Reembolso Postal à
EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Maria Angélica, 168 — Lagoa — CEP 22.461 — Rio de Janeiro.

Notas

[1] Folclore irlandês e escocês: fantasma feminino que, segundo se diz, previne as famílias da aproximação da morte de um membro. Ouve-se o seu gemido à janela, na noite que precede a morte. (N. da T.)

[2] Nos Estados Unidos dá-se o nome de *yankee* propriamente ao habitante da Nova Inglaterra e, por extensão, ao dos Estados do Norte. (N. da T.)

[3] Há aqui um jogo de palavras intraduzível. A abreviatura D.D. significa *Divinitatis Doctor* (doutor em teologia) e a expressão “Done Damned” quer dizer mais ou menos “danou-se”. (N. da T.)

[4] Nos Estados Unidos, reuniões que se costumam realizar nas igrejas protestantes, com o fim de reavivar o sentimento religioso e que muitas vezes se caracterizam por uma extrema excitação emotiva. (N. da T.)

[5] Espécie de carruagem pequena para duas pessoas. (N. da T.)

